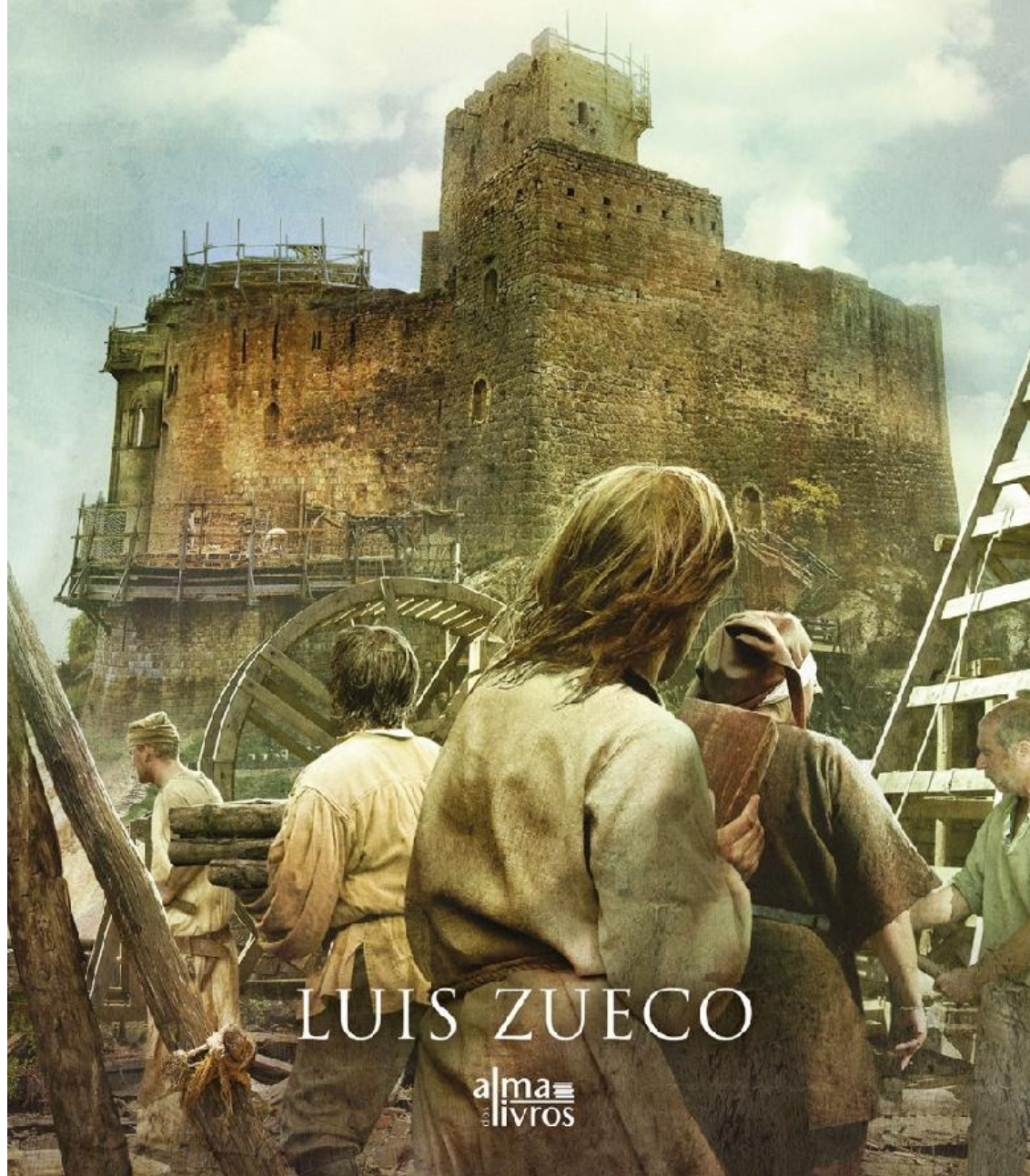


O CASTELO

O SONHO DE UM REI. A FORÇA DE UM POVO.
A MAIOR FORTALEZA DA HISTÓRIA.

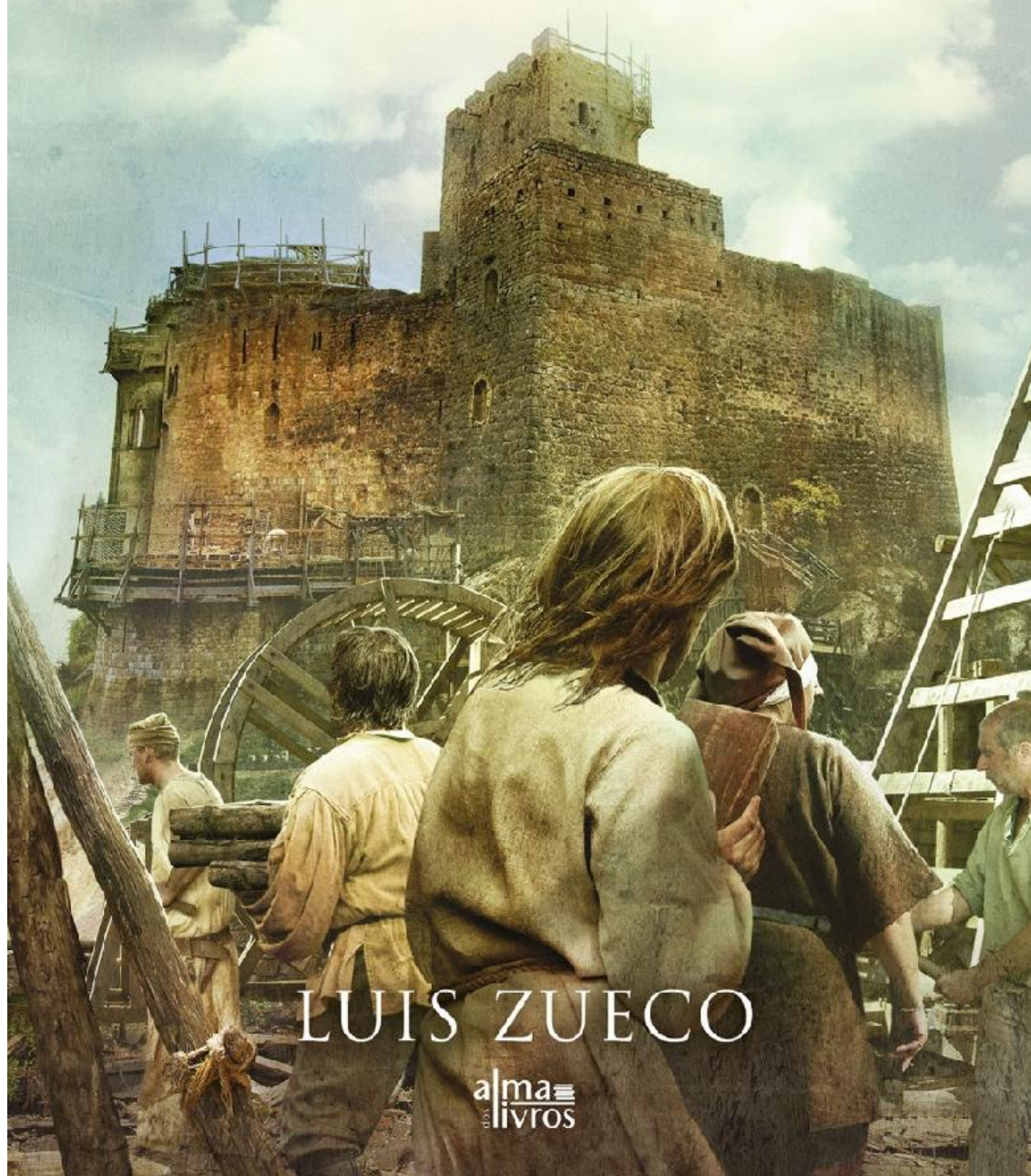


LUIS ZUECO

alma
dos
livros

O CASTELO

O SONHO DE UM REI. A FORÇA DE UM POVO.
A MAIOR FORTALEZA DA HISTÓRIA.



LUIS ZUECO

alma
dos
livros

LUIS ZUECO

O CASTELO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
livros

FICHA TÉCNICA

info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020

Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros

Copyright © 2015 Luis Zueco

Publicado por acordo com Bookbank Agencia Literaria (www.bookbank.es)

Título: O Castelo

Título original: El Castillo

Autor: Luis Zueco

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Miguel Antunes

Arranjo de capa: José Serrano / Alma dos Livros Ilustração de capa: ©
Alejandro Colucci

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8999-23-8

1.ª edição em papel: março de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada

ou reproduzida em qualquer forma sem permissão

por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na Lei.

•

Sobre agulhas cortadas a pique, alçado,

inacessível à vertigem e ao sonho.

De cima a baixo, previsão e cálculo.

O ornato e o conforto rejeitou-os o construtor para fazer de mim vigia permanente

e com que nunca me assalte a surpresa.

Carlos Garulo,

Voz de piedra

Prefácio

Este romance narra o sonho de alguns homens que, há mil anos, desafiaram o destino, num inóspito enclave que ficou suspenso no tempo.

Atrevo-me a dizer que não existe em todo o mundo outro castelo que nos permita transportarmo-nos para a Idade Média como Loarre o faz.

Esqueçam os filmes, a publicidade e tudo o que vos contaram; nada de luxuosos palácios nem de ingénuas princesas. Se querem mergulhar na verdadeira época medieval e sentir o mesmo que esses homens e mulheres do medievo, não hesitem, atravessem o umbral deste livro e viajem até Loarre.

Numa recôndita serra, pouco povoada e em plena fronteira com os inimigos, um aguerrido monarca decidiu erigir uma fortaleza militar, mas não uma qualquer.

Não mais uma dessas fortificações que, empoleiradas nas montanhas, dominando o mais profundo dos vales ou refugiadas em autênticos ninhos de águia, povoavam as paisagens de reinos e condados na Idade Média.

Não. Esta é a epopeia do mais grandioso e imponente castelo que os meus olhos alguma vez viram, uma das mais impressionantes construções do seu tempo, sobre a qual se gerou um dos mais importantes reinos medievais.

Uma época sombria e perigosa, em que uma vida nada valia, em que as religiões se enredavam em sangrentas guerras em nome dos respetivos deuses. A Idade Média pode ser o período mais evocativo da história da humanidade, mas não foram séculos de prosperidade, nem de avanços tecnológicos ou culturais. Não foi essa época de cavaleiros e princesas que os filmes e a literatura gravaram no nosso imaginário coletivo. O medievo é um período de desigualdades, luta e morte. No qual homens com escassos meios e ainda menos conhecimentos conseguiram desafiar os limites que a ignorância e o poder lhes impunham.

E o elemento, o emblema desse tempo, são os castelos. Por isso, quando os vemos elevar-se ainda no horizonte, orgulhosos do esplendor de outrora, ou visitamos o que deles resta, na maior parte das vezes apenas ruínas, deixamos sempre a imaginação voar. Percorremos as torres e muralhas, avistando inimigos no horizonte, fantasiámos com concorridos torneios e alvoroçados banquetes, ou

cavaleiros salvando belas donzelas em apuros.

Mas, como vos dizia, isso não foi a Idade Média.

Se querem descobrir como eram os homens e mulheres que forjaram esse período longínquo, como conseguiam erguer espetaculares monumentos como o Castelo de Loarre, virem esta página e adentrem-se a caminho dos Pirenéus, em plena fronteira entre a Cruz e o Crescente, e viverão a concretização de um sonho. Porque não há neste mundo arma mais

poderosa, tanto hoje como há mil anos, do que acreditarmos nos nossos sonhos.

Por mais obstáculos, desgraças e impedimentos que a vida vos ponha à frente, sonhem, como fizeram os homens que construíram o Castelo de Loarre.

Loarre é considerado o castelo românico mais bem conservado do mundo e espera-se que em breve passe a fazer parte da Lista do Património da Humanidade da UNESCO.

Dramatis personae

Personagens históricas da primeira metade do século XI Sancho Garcês III de Pamplona, apodado o Maior, foi rei de Pamplona.

Durante o seu mandato, o reino de Nájera-Pamplona alcançou a sua máxima extensão territorial, abarcando quase todo o terço norte de Espanha. Contraiu matrimónio com a rainha Munia de Castela, com quem teve cinco filhos.

Ramiro I de Aragão, filho extramatrimonial do rei Sancho, o Maior, com Dona Sancha de Aibar. Recebeu o condado de Aragão, devendo prestar vassalagem ao rei de Pamplona. Chegaria a ser o primeiro rei de Aragão, território ao qual acrescentou os condados de Sobrarbe e Ribagorça.

Garcia Sanches III, rei de Pamplona, apelidado o de Nájera, primeiro dos filhos legítimos do rei Sancho, o Maior.

Fernando Sanches, conde de Castela e rei de Leão, apelidado o Grande.

Segundo filho de Sancho, o Maior. Casado com Sancha de Leão, irmã do rei leonês Bermudo III.

Jimena Sanches, rainha de Leão por casamento com Bermudo III de Leão, única filha de Sancho, o Maior.

Gonçalo Sanches, conde de Sobrarbe e Ribagorça, filho mais novo do rei Sancho, o Maior.

Personagens históricas da segunda metade do século XI

Sancho Garcês IV, rei de Pamplona, apodado o de Peñalén. Filho e sucessor de Garcia Sanches III de Pamplona e de Estefânia de Foix, foi proclamado rei após a morte do pai na batalha de Atapuerca aos catorze anos.

Sancho Ramires, rei de Aragão e Pamplona, primeiro filho de Ramiro I de Aragão e de Ermesinda de Foix. Casou-se em primeiras núpcias com Isabel de Urgel, da qual nasceu um único filho, o futuro rei Pedro I.

A condessa Sancha de Aragão, primeira filha de Ramiro I, casada com o conde Ermengol III de Urgel. Após enviuvar, dirigiu o Mosteiro de Siresa e a diocese de Pamplona.

O infante-bispo Garcia Ramires, segundo filho do rei Ramiro I, bispo de Aragão e de Pamplona.

Personagens não históricas

Juan, carpinteiro nascido nos Pirenéus, cuja esposa morreu dois anos após dar à luz o seu único filho.

O lombardo, último dos construtores da sua região a trabalhar no reino de Sancho III, o Maior.

Fortún, filho de Juan, começou como aprendiz de carpinteiro e chegou a ser nomeado mestre de obras de Loarre.

Eneca, filha do senhor de Xabier, ao ficar órfã, teve de subsistir por sua conta desde jovem; prestava culto aos velhos deuses.

Javierre, filho de um pastor dos vales próximos de Loarre, da mesma idade de Fortún.

Ava, filha de um homem de armas de Sancho, foi uma hábil arqueira.

O sacerdote, religioso defensor do velho rito hispano, antigo monge do Mosteiro de San Juan de la Peña.

Isidoro, mestre canteiro que trabalhou nos diferentes reinos cristãos.

Galindo, homem de armas de origem pamplonesa, de grande envergadura e com especial destreza no uso das facas.

Constanza, escrava do harém do governador da cidade de Wasqa.

Reis de Pamplona e Aragão

Sancha de Aibar

Sancho III Garcês, o Maior — rei de Pamplona-Nájera — (1004-1035)
Munia — rainha de Pamplona e condessa de Castela Ramiro I — rei de Aragão — (1035-1063)

Garcia Sanches III, o de Nájera — rei de Pamplona — (1035-1054)
Fernando I, o Magno — conde de Castela (1035-1065) — rei de Leão (1037-1065)

Jimena Sanches — rainha consorte de Leão

Gonçalo — conde de Sobrarbe e de Ribagorça — (1035-1045) Sancho Garcês IV, o de Peñalén — rei de Pamplona Felícia de Roucy

Sancho Ramires — rei de Aragão (1063-1094) — rei de Pamplona (1076-1094)

Garcia — bispo de Jaca

Sancha — condessa de Urgel

Isabel

Fernando

Afonso I, o Batalhador — rei de Aragão e Pamplona — (1104-1134)
Ramiro II, o Monge — rei de Aragão — (1134-1137) Pedro I — rei de
Aragão e Pamplona — (1094-1104)

PRIMEIRA PARTE

O REI SANCHO III

Capítulo Um

CASTELO DE XABIER. NOVEMBRO DO ANO 1027

Começou a respirar com dificuldade, a pulsação acelerou e sentiu uma pressão dolorosa no peito. Abriu os lábios o máximo que pôde para que entrasse mais ar, mas tornava-se inútil. A penumbra era espessa e fria como a neve da montanha.

Ergueu o olhar e observou em volta, não conseguia ver claramente, porém sabia que algo estava ali.

Então percebeu.

A respiração voltou a serenar, a pressão desapareceu e foi acalmando o ritmo do seu jovem coração. Por mais estranho que parecesse, aquilo não lhe causava terror. E, no entanto, sabia que devia senti-lo.

«O medo é bom», costumava dizer-lhe o pai. «Mantém-te alerta, faz-te avaliar todas as opções. O medo é o aliado dos valentes e o pior inimigo dos cobardes.

A menina não entendia essas palavras, não compreendia tal sentimento. Via o mal naqueles olhos vermelhos que a perscrutavam, transbordantes de sangue, e, ainda assim, sustinha-lhe o olhar. Queria saber, queria entender de onde vinha.

Nem sequer se aterrorizou quando se precipitou sobre ela e...

— Eneca! Acorda!

A menina abriu os olhos, mostrando umas pupilas mais negras do que a própria noite que, àquelas horas, envolvia a torre do Castelo de Xabier.

— Encontras-te bem, minha filha? Estás a suar, estavas a ter um pesadelo.

— Mãe! — gritou, abraçando-a com todas as forças, enredando-se nos caracóis dourados de uma extensa cabeleira.

— Shhh. Já passou, estás a salvo — disse, tentando apaziguar o seu medo enquanto lhe acariciava suavemente o cabelo.

— Não, mãe, não estamos a salvo — sussurrou a menina —, ele vem atrás de nós.

— De que falas, Eneca?

— Eu vi-o, quer apanhar-me.

— Pequena, foi só um sonho mau. Ninguém te vem fazer mal. Não tenhas medo, entre estes muros estamos a salvo de qualquer perigo.

— Está perto.

— O que se passa? — Uma mulher mais velha entrou, alterada, no quarto, trazendo uma vela entre as mãos.

— A Eneca teve um pesadelo — respondeu a mãe da criança —, mas já está melhor, não é verdade? — A menina não respondeu.

— Eu fico com ela. Iguazel, vai dormir com o teu marido.

A bela mulher beijou a filha na testa. Eneca tranquilizou-se ao ver a doçura que transbordava dos olhos cinzentos da mãe, que se levantou da cama e lançou um olhar cúmplice à recém-chegada. Fitou novamente a filha e despediu-se dela com um gesto de mão. Fechou a porta ao mesmo tempo que a idosa se acorava na enxerga e apagava o pavio da vela. A penumbra voltou, pesada e infinita como antes. Eneca tornou a sentir a pressão e a dificuldade em respirar. Desta vez, a avó abraçou-a, mas não era suficiente. Sentiu que o mal regressava e tomava de novo posse daquela divisão.

— Nunca tens pesadelos, Eneca. O que se passa contigo? Podes contar-me...

— Avó, está aqui.

— Quem? Quem está aqui, Eneca?

— Vem buscar-me. Eu vi — aninhou-se contra o peito da idosa —, tinha olhos de sangue.

— Tens a certeza?

— Sim — respondeu, com uma firmeza imprópria para a idade.

— O que é? Um lobo ou um urso?

— Não, um monstro.

— Querida, não existem... — A avó calou-se ao ver como a neta tremia e tinha a pele fria como a neve. — Eneca, o que se passa contigo?

Então, a jovem sentiu uma pontada no meio do peito que a fez agitar-se com tal brusquidão que assustou a idosa, cujos olhos não podiam esconder o pânico e a angústia que a invadiam.

— Avó, já chegaram.

Soaram os sinos da igreja, repicavam como levados pelo diabo. Como se o próprio Lúcifer desse ao badalo com toda a ira. A idosa sentiu um calafrio, aquele som infernal só podia ter um significado.

— Aconteça o que acontecer, não contes a ninguém o que dizes ter visto — avisou-a enquanto se levantava. — Está bem? As pessoas odeiam os que não são como elas, e tu, tu és especial, querida.

A menina assentiu com a cabeça. A avó correu para a janela, abriu-a e descobriu diante dela uma aldeia em chamas. Os gritos começaram a rasgar a noite quando vários cavaleiros irromperam pelo flanco da ponte. O

primeiro cortou de um só golpe a garganta da filha do ferreiro. O segundo ergueu a lâmina da espada sobre a cabeça para a descer com toda a violência possível contra o peito de outro aldeão, rasgando-lhe a pele e tirando-lhe a vida. Outro era degolado no chão como um animal. Entretanto, mais dois eram trespassados por lanças, sem compaixão, mesmo quando jaziam inertes, esvaindo-se em sangue como animais.

A um dos poucos que saíram armados para lhes fazer frente puseram-lhe uma corda ao pescoço e foi arrastado por um cavaleiro até cair num dos fogos que os atacantes tinham acendido. Os seus gritos não se ouviam na torre, mas via-se como gatinhava, desesperado, pela terra, tentando abafar as chamas que lhe consumiam o corpo. Alguém se apiedou dele e decapitou-o, para que não continuasse a sofrer em vão.

Os restantes, desesperados, procuravam fugir. Uns em direção ao bosque e outros rumo à torre.

— O que se passa, avó?

— Veste-te! — exclamou esta, fechando a janela. — Rápido!

O teto sobre as suas cabeças retumbou com abundantes passadas. A avó ergueu o olhar, deviam ser os guardas que corriam para defender a fortificação. Entre aqueles muros estavam a salvo, mas toda a gente no exterior, a sua gente... Para eles, era tarde, só Deus podia valer-lhes.

Enquanto Eneca se agasalhava, a avó esfregava as mãos, atemorizada. Olhava para um lado e para o outro, procurando um consolo que não encontrava. Juntou as pontas dos dedos à altura do queixo e dirigiu uma prece ao Senhor.

Surpreendentemente, os gritos pararam e o silêncio apoderou-se de novo da noite. Longe de a tornar mais agradável, semeou nela uma insuportável incerteza. A mulher entreabriu a janela e assomou ao exterior os olhos temerosos. Entre o calor das chamas, os atacantes já não perseguiam os que fugiam, dedicando-se antes a cercar a torre onde elas se abrigavam. Foi então que algumas fileiras de luzes iluminaram a entrada da aldeia e avançaram em perfeita formação até se posicionarem frente à fortaleza.

O olhar atônito da idosa não se deu conta do que ia acontecer, não podia imaginar o futuro que as esperava. Os atacantes pareciam pirilampos numa estranha coordenação de movimentos. Até que, de súbito, esses pontos de luz se duplicaram e afastaram da terra para sulcar a noite estrelada, como crias no primeiro e, em última análise, derradeiro voo.

A mulher apressou-se a fechar a janela e ouviu os gritos de alarme nos pisos superiores. Passados alguns instantes, voltou a abri-la com precaução e redescobriu os pássaros de fogo a voar contra o cimo da torre. Assim foi uma e outra vez, num incessante ato cerimonial.

— Meu Deus! Estais bem? — A mãe de Eneca entrou no quarto entre sufocos, com um rosto embargado de temor.

— Sim, filha... — respondeu a idosa, fitando-a com pesar. — Não conseguirão detê-los, pois não?

— Receio que não, mãe.

— Quanto tempo resistirá o castelo? Virão socorrer-nos, não é verdade? O rei tem de o fazer, tem de nos ajudar...

Não respondeu e, ao mesmo tempo, esse silêncio foi a pior resposta possível. A mulher foi a correr espreitar pela janela e as pernas tremeram-lhe ao ver a cena com as dezenas de arqueiros a disparar sem descanso contra eles. Um brilho no céu demonstrava que já tinham atingido o telhado e que os cobertos da torre ardiam, presa das labaredas. Apesar de tudo, não foi isso o que mais assustou a dama. Foi ver uma balista de desmedido tamanho, postada junto às quadras da aldeia. Puxada por um par de mulas esporeadas por vários homens, que a guiavam em direção à porta de acesso à torre do castelo.

— Disse-vos que vinham, que já estavam aqui — declarou a menina, para assombro da mãe e da avó.

— Deus santo... — A mulher de cabelos dourados tremia de medo e mal conseguia articular as palavras que ansiavam por lhe escapar da garganta.

—

Mãe, temos de pôr a Eneca a salvo, as defesas não resistirão.

— O túnel! — A avó agarrou Eneca pelo braço.

— Não podemos...

Um estrondo terrível percorreu toda a torre, os muros tremeram como se fossem desabar e os gritos sobre as suas cabeças voltaram a retumbar.

— Corram, filha! Antes que entrem — insistiu a idosa. Foi a primeira a sair da divisão, enquanto Eneca ia nos braços da mãe, em direção às escadas que conduziam ao nível inferior da fortificação. Quando as três desceram, a porta da entrada estava em chamas e quatro soldados, armados com espadas e escudos, dispunham-se a repelir os atacantes.

— Que fazeis aqui? Voltai para cima! — gritou um deles. Foram as suas últimas palavras, pois uma flecha arrancou-lhe um olho da órbita, salpicando o rosto de Eneca.

A mãe agarrou-a com força e pegou numa das tochas que pendiam dos muros.

Decidida, continuou a descer a escadaria seguinte, que acedia à adega da torre, deixando os restantes três soldados a rezar em voz alta, cientes de que em breve veriam o Senhor.

Uma vez lá em baixo, Iguazel iluminou a divisão e prosseguiu até ao extremo mais afastado.

— Mãe, ajudai-me. — Entre ambas, deslocaram sacos de trigo, deixando ver um alçapão no solo. — Rápido!

Abriu-o e pôs a filha lá dentro, ao mesmo tempo que, com o pano da saia, limpava o sangue que lhe salpicara o rosto.

— Eu não vou. — A avó de Eneca afastou-se delas.

— Que dizeis, mãe? Vamos!

— Não. Ide! Depressa! Eu escondo novamente o alçapão, assim tereis mais tempo para fugir.

— Nada disso. — E agarrou-a pelo pulso.

— Sou demasiado velha para me arrastar por esse túnel e correr em campo aberto — disse ela com voz serena, enquanto se libertava da mão que a retinha.

— Salva Eneca e deixa esta velha ser útil pela última vez. Concede-me esse desejo.

Fitou-a com as lágrimas a inundar-lhe a face. Abraçaram-se como não faziam havia tanto tempo, que nenhuma delas se recordava, cientes de que não voltariam a ver-se. Como adeus, deixaram o último olhar. O alçapão fechou-se atrás delas e avançaram por um estreito túnel, húmido e frio, de ar putrefacto e com vermes e insetos a rastejar pelas paredes enegrecidas. Nalguns locais tinham de se ajoelhar e gatinhar. O espaço assemelhava-se às tocas de um dos animais que viviam no bosque. Era difícil saber onde acabava, o que parecia certo era que havia alguma inclinação e isso facilitava a marcha. O solo estava cada vez mais enlameado, os pés afundavam-se irremediavelmente, tornando cada passo mais difícil do que o anterior. Eneca não dizia palavra, limitava-se a seguir a mãe, que a conduzia, guiada pela mão. A mulher de cabelos dourados não queria nem imaginar o que lhes aconteceria se a tocha que levava se apagasse e, pior ainda, o que encontrariam à saída daquele túnel.

Para sua desgraça, ela, sim, adivinhava a sorte dos que haviam ficado na torre; entre eles, a mãe e o marido, o tenente da fortaleza. Tentava não pensar nisso: a filha, era agora o mais importante.

Finalmente encontraram ar puro e, pouco depois, escondido entre um emaranhado de ramos de arbustos, o acesso ao rio. Eneca não saía do assombro,

ainda não entendia como haviam conseguido chegar ali. A ela, que tanto gostava de brincar na água, não lhe custou reconhecer aquele troço e maravilhou-se com a ideia de poder entrar e sair diretamente da torre para o

rio sem ser vista. Sem ter de passar pela casa do ferreiro nem pela da velha sem dentes que estava sempre a falar com os porcos do curral. Que pena não o ter descoberto antes.

— Não digas nada, ainda não estamos a salvo — ordenou-lhe a mãe, levando o indicador aos lábios. — Espera aqui por mim.

Iguazel avançou alguns passos e espreitou, procurando a torre, que, por aquela altura, era já pasto das chamas. Pensou no marido, que estaria a defender as ameias. Na mãe, que escondera de novo o alçapão e que depois se teria ocultado entre os víveres. Recordou também os soldados, que teriam feito os possíveis para repelir o ataque. Igual sorte teriam sofrido os aldeãos, só uns quantos haviam conseguido fugir para as montanhas, onde seriam presa fácil caso os perseguissem.

Quando as lágrimas caíam da claridade dos seus olhos, ouviu um ruído próximo, o relincho de um cavalo.

Regressou para junto de Eneca e agarrou-a pelo braço. Voltou a ouvi-lo, estava mais perto. Olhou para a filha como só uma mãe pode fazer. A pequena não se parecia nada com ela, nem no físico nem na forma de ser. Mas era sua filha, sangue do seu sangue. Tirou a cruz que lhe pendia do pescoço e passou-a pela cabeça da menina.

— Eneca — sussurrou —, nunca deixes que alguém ta tire, promete-me.

— Mãe...

— Promete! — exigiu Iguazel, sacudindo-a.

— Sim, mãe.

— Muito bem, minha filha. Lembras-te de quando vamos até à ponte do rio para nos despedirmos do teu pai?

— Sim, claro.

— Pois agora quero que vás até lá sozinha. Fá-lo-ás? — Eneca assentiu com a

cabeça. — Isso mesmo, já és crescida, sei que és capaz. Nunca confies em ninguém.

— Mas...

Voltou a ouvir-se o relincho de um cavalo e gritos. Iguazel fitou-a com infinita tristeza, como seria capaz de se separar dela? Era tão pequena, tão frágil... e, ao mesmo tempo, conhecia a enorme força que transbordava dos seus jovens olhos.

Tinha de o fazer, estavam perto e sabia já o que aconteceria caso apanhassem a filha.

— Vai e não pares. Uma vez na ponte, espera que eu chegue. Promete.

— Prometo, mãe. — E deu-lhe um beijo na testa.

— Agora corre, vamos!

A mãe ficou de pé junto ao rio, enquanto a rapariga seguia o leito. Pegou numa pedra e agachou-se atrás do tronco de uma grossa árvore. Naquela penumbra espessa, apenas distinguia sombras; viu então como alguns ramos se moviam diante dela.

A menina parou ao ouvir o relinchar de um cavalo. Virou-se para onde acabara de se despedir da mãe e descobriu-a escondida atrás dos arbustos. O cavaleiro desmontou e desembainhou a espada, cuja lâmina curva cortou a noite com um silvo. O sarraceno deu um par de passos, deixando a mãe de Eneca atrás de si.

E então, o olhar do infiel atravessou a penumbra até descobrir Eneca ao longe, eram os olhos de sangue.

A mãe surgiu de entre as sombras e atingiu-o na cabeça, derrubando-o.

— Corre, Eneca! Corre!

O muçulmano ergueu-se com o rosto ensanguentado, esquivou-se ao golpe seguinte da mulher e agarrou-a pelo pescoço só com uma mão.

Ela olhou para o lugar onde vira Eneca e sorriu de alívio ao verificar que a filha já não se encontrava ali.

Capítulo Dois

PAMPLONA. 22 DE NOVEMBRO DO ANO 1027

Naquela manhã, o mercado fervilhava, repleto, tendo ali ocorrido comerciantes de todos os lugares do reino. Traziam vinho do Norte do condado de Castela, joias recém-chegadas das terras de Leão, cerâmicas de Astorga, tecidos de Haro e Nájera, doces de Palencia, calçado de Carrión, peixe de Laredo e Santillana, queijo do vale de Baztán, madeira talhada de Garay e as melhores peles curtidas em Boltaña e em Jaca.

As ruas da cidade estavam adornadas com pendões de todas as casas vassaladas do rei. Um ferredouro de gentes variegadas, cavaleiros adornados com os melhores trajes, damas ataviadas com as suas ricas joias, abundantes comitivas, vistosos cortejos, senhores de todos os castelos do reino, gentis embaixadas dos condados de Castela, Aragão, Sobrarbe e Ribagorça. Veneráveis clérigos, bispos embrulhados nas suas casulas púrpura e estolas douradas. Homens de armas, escudeiros, pajens e gente do povo que se esforçava por ver os seus senhores.

Todos sabiam da chegada a Pamplona do mais ilustre da nobreza do reino. Há vários anos que o rei Sancho, o terceiro de seu nome, chamado por muitos Sancho, o Maior, por estar a sua grandeza acima de qualquer outro ilustre monarca, costumava celebrar a festividade de Santa Cecília em Pamplona. A corte era itinerante, por isso, apesar de ser a capital do reino, as estadas da família na cidade eram escassas e, quando aconteciam, não havia vassalo que não acoresse aos festejos.

Lope de Ferrech participava pela primeira vez naquele compromisso anual; não pertencia à alta nobreza, por enquanto. O pai deixara-lhe um reduzido território na serra de Leyre, não muito extenso nem rico. Mas suficiente para poder assistir aos mesmos banquetes que os grandes do reino, ainda que nunca dar-se com eles. Ao pai, custara-lhe uma vida conseguir aquelas terras, agora cabia-lhe tirar proveito delas.

Desmontou ao entrar no faustoso pátio de armas do castelo e deixou a montada com o escudeiro, um robusto homem de queixo quadrado e costas largas como as de um urso. Fiel e obediente, tranquilo e calado, mas também feroz e sanguinário em combate. Sozinho, acabara com quatro homens de armas na

passagem de Biniés, perto do caminho que levava a Santiago, quando sofreram uma emboscada às mãos de foragidos. Às vezes, não era claro quem eram os piores inimigos, se os sarracenos ou os cristãos que ansiavam por obter um saque a qualquer preço. Quem infringia as leis de Deus só podia receber a morte como castigo. No entanto, havia sempre deserdados e mortos de fome que ousavam atacar um senhor, por mais que isso significasse o inferno eterno.

Dirigiu-se ao pavilhão ocidental, onde uma comitiva de músicos dava as boas-vindas aos nobres. Estavam presentes os escudos de armas de todas as casas: leões, castelos, caldeirões e outros emblemas que nunca vira impressionaram-no a ponto de o fazer duvidar se tinha lugar ali. Se ele, infância do Norte, era digno de partilhar aposentos com tão ilustre senhorio. Lembrou-se do pai, que lutara sem descanso para que um dia o filho estivesse ali. Sim, possivelmente era o senhor da casa com menos terras e bens da corte do rei Sancho, o Maior. Sim, a sua família não contava com gerações de cavaleiros. Mas fora convidado para a receção real por direito, ninguém lhes oferecera nada, pelo contrário. Por mais de uma vez, o pai tivera de enfrentar senhores e também quem de senhor pouco tivesse. E, sem outro remédio, de cruzar com eles o seu aço, pois nesta vida são muitos os que te pisam do alto quando te veem chegar ao cimo, mas poucos os que te empurram para cima a fim de realizares os teus sonhos.

Os feitos e esforços do progenitor davam-lhe a possibilidade de talvez, um dia, ostentar um título maior. Isso dependia da sua espada e, sobretudo, da astúcia.

Ele não fora educado para isso. Era o segundo filho, mais de uma vez o pai o quisera mandar para monge. Mas Lope de Ferrech não fora feito para vestir o hábito. Era teimoso como uma mula e desde jovem que se

empenhara em demonstrar à família que segurava melhor uma espada do que um crucifixo.

Herdara o título do antepassado porque o primogénito, o irmão Antón, encontrara a morte durante uma razia dos muçulmanos do reino de Saraqusta.

Com a queda do califado, o rei de Pamplona tentou fazer avançar a fronteira, mas nada foi conseguido, além de verter sangue cristão.

Aquela trágica morte fez com que o pai esquecesse os planos de o tornar religioso e, assim que pôde, pôs-lhe uma espada nas mãos, mas espantou-se ao verificar que ele já sabia brandi-la como um cavaleiro.

No salão real, engalanado com todos os luxos, procurou onde se sentar no meio daquela multidão de conspirações veladas e conversas entediadas. Nem todos os presentes eram tão pouco interessantes, pois havia damas da mais alta linhagem.

Lope de Ferrech centrou a atenção numa jovem que vestia um brial ajustado, com bordados florais e aberturas laterais encordoadas. Ela fitou-o disfarçadamente e presenteou-o com um sorriso discreto. Infelizmente, aproximou-se um cavaleiro envolto numa longa capa azulada e tomou-a pelo braço. Por isso, dirigiu o olhar a outra mulher. Esta vestia um brial de mangas largas, com bordados geométricos nas mangas e uma gargantilha com faixas a cingir-lhe o pescoço. Apesar das tentativas de lhe chamar a atenção, não dava a impressão de mostrar o menor interesse.

Decidiu não tentar a sorte e afastar-se daqueles olhos provocadores, encaminhando-se para o extremo menos concorrido. Aí, encontrou uma discreta corte que rodeava uma robusta personagem, da qual não era capaz de vislumbrar o rosto. Os acompanhantes fitaram-no com desconfiança, mas já estava cansado de deambular por aquele salão. Por isso, procurou um copo de vinho e tomou posição ao seu lado, de modo a que aqueles olhares lhe resvassem pelas costas.

Enquanto sorvia a sua bebida, o grupo deslocou-se para o centro da sala. Mas não todos, um postou-se à sua direita e pegou noutra copo. Ao voltar-

se para verificar de quem se tratava, não pôde esconder a surpresa ao ver Ramiro, o filho mais velho do rei, embora não o herdeiro, já que não fora dado à luz no seio do matrimônio, sendo fruto de um amorio do rei antes de se casar com a rainha Munia, filha do conde de Castela.

Nunca falara com ele, mas o pai encarregara-se de lhe mostrar, nos poucos atos em que haviam coincidido com a família real, quem era cada um dos filhos de Sancho, o Maior. Ramiro era todo ele um cavaleiro, corpulento, de boa estatura, moreno e com uns olhos que transbordavam de confiança em si mesmo. Para Lope, esse era o maior dom que um homem podia ter. Havia qualidades importantes, como a valentia, a destreza ou até a inteligência, mas esse brilho nos olhos era o mais poderoso dos dons que Deus podia outorgar a qualquer homem.

— Senhor, sou Lope de Ferrech — disse, tomando a iniciativa. Ele fitou-o de cima a baixo antes de responder.

— Melhor para vós.

— Queria apresentar-vos os meus cumprimentos.

— Porquê a mim? Os meus irmãos são mais... Como diria? Proveitosos para um

dom ninguém como vós.

Lope de Ferrech sentiu essa pontada que se produz quando nos humilham, que dói logo abaixo da honra, entre as costelas, mesmo ao lado do orgulho e da sede de vingança, e cuja única forma de sanar é cruzando espadas. Mas nem o lugar nem a personagem eram propícios a isso.

— Meu senhor, sou...

— Calma, eu sei quem sois. Estava apenas a gracejar.

— Conheceis-me?

— Sou filho do rei Sancho, conheço todos os nobres do reino. — Aquela resposta surpreendeu Lope. — Uma vez falei com o vosso pai, no dia em

que o rei lhe concedeu as terras que possuís em Leyre. Um homem valente e leal, foi uma pena a sua morte.

— Obrigado, meu senhor.

— Festa aborrecida, não é verdade? Quase entediante, atrever-me-ia a sugerir.

— Para vos ser sincero, não costumo ir a muitas.

— Que sorte tendes! — E o filho do rei sorriu. — Sabeis porque são as festas importantes?

— Talvez por haver boa comida.

— Nem sempre, acreditai — respondeu Ramiro, com um grande sorriso.

— Pela companhia?

— Deus! Claro que não, olhai à volta. Perderíeis um instante da vida a conversar com estes asnos? — questionou, para sua surpresa. — Sim, não me olheis assim, todos procuram apenas agradar a meu pai, não lhes importa nem o reino, nem os muçulmanos, nem Deus. Só eles; a sua lealdade é menos fiável do que a capacidade de não dizer disparates assim que abrem a bocarra.

— Está claro que não sois um homem de festas.

— Pelo contrário, apaixonam-me. A razão pela qual se convocam é que nelas há sempre acontecimentos interessantes. Meu caro Lope de Ferrech, se se celebra uma festa no reino de Pamplona, é para que algo aconteça. Às vezes, sabe-se de antemão, mas outras... Sabeis o que celebramos hoje?

— A festa de Santa Cecília.

— Acreditais nisso? — perguntou Ramiro, arqueando as sobrancelhas. — Terá Santa Cecília porventura feito algo pelo nosso reino?

— Eu... acho que não. — Lope ficou hesitante. — Quer dizer que hoje acontecerá algo...

Antes que terminasse a frase, alguns tambores anunciaram a chegada do rei. Os presentes perfilaram-se: castelhanos, leoneses, pamploneses e também os ribagorçanos, aragoneses e sobrarbenses. Todos procuraram mostrar a cabeça o mais alto possível, qual galo num galinheiro. Não era para menos, o rei Sancho era o monarca mais poderoso que os reinos cristãos do Sul dos Pirenéus haviam conhecido.

— Meus vassalos, agradeço a vossa presença em Pamplona — disse, com voz poderosa —, estou cada vez mais velho e restam-me menos anos para celebrar.

Um murmúrio percorreu a sala e os olhares procuraram o herdeiro, o seu filho Garcia. Também seu irmão Fernando e o pequeno Gonçalo, que se mantinha junto da mãe, a rainha Munia.

— Calma, ainda não tendes de me enterrar — continuou o rei, soltando uma ruidosa gargalhada —, mas fazeis bem em fixar o olhar nos meus filhos, pois eles guiarão o futuro dos meus territórios e, por conseguinte, o vosso.

— Fala no plural — sussurrou Ramiro.

Lope não entendeu a transcendência daquele detalhe e continuou a ouvir o monarca.

— Estou orgulhoso de cada um deles e convencido de que, chegado o momento, me sucederão com honra e sabedoria. — E o rei ergueu o copo. — Brindemos a eles!

Os presentes obedeceram com entusiasmo.

— Viva o rei! — Ramiro deu um passo em frente, de copo ao alto. — Longa vida ao rei!

— Longa vida ao rei! — repetiu o salão inteiro, incluindo os meios-irmãos.

Ramiro regressou à sua posição e bebeu do copo com um gesto firme e seguro.

Sem dúvida que a inesperada intervenção causara estranheza.

Que pretende o meio-irmão com estas palavras?, perguntar-se-ia mais de um dos nobres.

— Lope, se quereis um conselho sincero, não percais tempo com aliados incertos ou débeis — advertiu o filho do rei num sussurro enquanto o fitava com as pupilas negras. — Deveis estar certo de quem quereis ter do vosso lado e quem não quereis, entendeis-me?

— Sim, meu senhor.

— Que pensais dos meus meios-irmãos?

— Decerto que governarão com sabedoria.

— Disparates! Que pensais realmente? Dizei-me!

— É cedo para saber — suspirou Lope. Não gostava de ciladas. — Será preciso ver como reina o herdeiro...

— Como julgais que o meu querido pai repartirá os territórios?

— Isso ninguém sabe.

— Garcia será rei de Pamplona, sem dúvida. Mas o que acontecerá com o condado de Castela? Com os senhorios de Álava ou Cea? Com Aragão ou Ribagorça?

— Não lhe perguntastes? — Lope decidiu tomar uma posição mais ofensiva. —

É vosso pai, quem melhor do que vós para saber?

— Precisamente por isso, Lope. — Estas enigmáticas palavras esvoaçaram em

seu redor como moscas pegajosas.

Lope de Ferrech sentiu-se em perigo, atingiu-o um calor asfíxiante. Não estava habituado àquelas receções nem a conversas tão carregadas de insinuações. O

pai não o tinha preparado para aquilo, ele não crescera na corte. Não era capaz de ler entre as frases pontiagudas do filho do rei. E, ao mesmo tempo, julgava estar ante uma dessas oportunidades que não se podem deixar escapar na vida.

— Eu poderia ajudar-vos — atreveu-se a dizer —, precisais de alguém de confiança, fiel e...

— Não estamos nas montanhas. Pamplona é mais perigosa do que qualquer desfiladeiro ou emboscada. — Ramiro procurou um copo de vinho para apaziguar a sede. — Não posso confiar em ninguém da corte, todos têm dívidas para com todos, influências, pactos contínuos...

— Eu sou leal ao rei.

— Claro, disso ninguém duvida — disse Ramiro, olhando novamente para Lope.

— Talvez possais servir-me, sim. Não aqui, mas fora destes muros.

— Lamento, meu senhor, não vos entendo. Como poderia servir-vos longe da corte?

— Este reino é extenso. Em Pamplona, muitas vezes não nos damos conta do que acontece nas zonas mais distantes e perigosas. — Duas damas ataviadas com saias de cores vivas e mangas largas saudaram ambos os nobres. — Escutai com atenção, Lope de Ferrech, se me ajudardes, saberei recompensar-vos.

— Como bem dissestes, sois o último dos filhos do rei na sucessão, seria mais prático para mim servir os vossos irmãos.

— Aprendeis depressa — observou Ramiro, sorrindo. — Isso que dissestes agora não está correto. Para uma mente de vista curta, poderia parecer que tendes razão. No entanto, se aprofundardes a situação, dar-vos-eis conta de que os meus meios-irmãos têm mais adutores ao seu lado do que os que podem contar. Nunca poderão conceder a todos o que lhes prometeram. Eu, por outro lado — e abriu os braços, convidando-o a olhar em volta —, estou só.

— Terei de pensar nisso — sussurrou Lope de Ferrech, com expressão contrariada.

— Fazei-o depressa, não resta muito tempo.

— Para quê? O que vai acontecer?

— Lope — disse Ramiro, agarrando-o pelo ombro —, voltemos para a festa.

Capítulo Três

SERRA DE LEYRE. NOVEMBRO DO ANO 1027

Ao amanhecer, Eneca acordou num abrigo nas profundezas da montanha. Tremia de frio, tinha as mãos inchadas e a garganta seca. Parecia não compreender as imagens que se formavam nas suas retinas e, por mais que tentasse abrir e limpar os olhos, estas não se tornavam mais concisas. Arrastou-se pelo chão húmido até conseguir erguer-se desajeitadamente sobre as pernas cansadas. Saiu para uma clareira do bosque com as mãos estendidas, como um desses cegos que às vezes chegavam à aldeia a pedir esmola. Podia ver, mas não era capaz de interpretar o que a rodeava.

Tropeçou nuns ramos e caiu de bruços numa zona enlameada. Tentou levantar-se, escorregou e voltou a bater contra o lodo.

Ali ficou. Imóvel, exausta, sem voz nem consciência. Como se deambulasse por um sonho, entre a bruma da montanha e o imenso silêncio captado no seio da muralha de árvores que constituíam aquela densa paisagem.

No auge do desassossego, julgou ouvir algo. Soube que era uma percepção real, como um grito que a puxava e devolvia à vida. Sim, agora ouvia-o melhor, era um ruído cortante que vibrava nas árvores. Um uivo de animal, que ressaltava entre a folhagem de azinheiras e carrascas. Não, era um som mais conhecido, um ladrido. E então sentiu uma respiração sobre o seu rosto.

Artal lambia-lhe a cara, enredando o seu cabelo negro. O mastim sempre a acompanhara, desde que a mãe lho oferecera quando fizera onze anos. E agora, passado apenas um ano, convertera-se num animal bonito e forte, capaz de assustar as cavaliças e rápido quando saía para a caça com os escudeiros do pai. Não sabia como, mas Artal escapara da aldeia e seguira o seu rasto pelo bosque até a encontrar.

Ao reconhecê-lo, começou a entender também o que a rodeava, a interpretar os sons e as formas, e um feixe de luz devolveu-a ao mundo dos sentidos.

Artal era tão esperto como muitos homens, de pelagem espessa e branca, como um floco de neve acabado de se formar. Não conhecia o frio, embora nos verões

quentes sofresse com o vento cálido do poente. Gostava da chuva e de correr entre os charcos que se formavam em redor da torre. Eneca perdera a noção do tempo desde que se separara da mãe e chegara à ponte sobre o rio. Caminhara em direção ao nascer do Sol. Não se lembrava de quando desfalecera, mas ao menos já não estava sozinha.

Conforme recuperava, pensava no que teria sido feito do pai, que defendia o alto da torre; da avó, que ficara para esconder a sua fuga; e a mãe? Porque a deixara sozinha?

Não o estava. Artal esfregou o focinho contra as suas costas, empurrando-a para que se levantasse. Eneca fez-lhe caso e seguiu-o através da penumbra esverdeada da vegetação. Assim, chegaram a um riacho, e Artal meteu o focinho na corrente para beber com a sua língua alongada. Depois, fitou Eneca, e esta introduziu as mãos. Lavou a cara e sentiu-se melhor. Passou as mãos húmidas pelo pescoço, testa e ombros e voltou a mergulhá-las, formando uma taça de onde beber. Isso devolveu-a à vida.

— Vamos, Artal, temos de procurar qualquer coisa para comer.

Eneca caminhou ao longo do curso de água, analisando a margem, enquanto o cão farejava algumas plantas. Até que a rapariga se deteve frente a uma imponente árvore de cujos pés brotavam raízes que submergiam de novo na terra e cujos ramos eram tão altos que não podia alcançá-los. Foi à base do tronco e escavou, primeiro com as mãos e, ao perceber que era tarefa inútil, procurou um par de pedras. Com uma, deu forma à outra, para a utilizar na mesma tarefa.

Com a ajuda dos rudimentares utensílios, encontrou umas raízes esverdeadas, que partiu antes de as lavar no rio. Mastigou a primeira, depois sugou-a, extraindo a seiva, e continuou com a segunda enquanto dava outra a Artal.

Passaram essa noite noutra abrigo que descobriram antes do pôr do Sol, onde o riacho desembocava num leito maior. Lembrou-se de como lhe haviam ensinado a fazer fogo e procurou as rochas adequadas, reuniu folhas e ramos secos e, por último, tentou encontrar o lado menos ventoso para, após quase uma dúzia de tentativas, conseguir que uma faísca gerasse a pequena fogueira. À qual acrescentou ramos mais grossos e uma ou outra pinha que se incendiou efusivamente. Aninhou-se contra Artal e fechou os olhos. Era complicado fazê-lo quando, em sonhos, não deixava de ver os pais a sofrer. Despertou, por isso, antes do amanhecer e ficou de vigília a observar as estrelas da abóbada celeste,

estavam todas ali suspensas e moviam-se em uníssono à volta da terra que os homens pisavam.

Era bonito vê-las brilhar e, no profundo silêncio daquelas montanhas, parecia possível elevar-se e tocar-lhe com a ponta dos dedos. Não foi isso que aconteceu, pelo contrário, pois julgou ver um ser voar sobre a copa das árvores. Talvez fosse um dos espíritos que povoam o bosque, ou dessas mulheres capazes de se transformar em formas estranhas e viajar de um lugar para o outro.

E soltou um grito tremendo quando algo desceu diante dela. Artal acordou e deparou com aquele ser. Era uma coruja branca, que parecia fitá-la,

impassível, enquanto o cão ladrava incessantemente.

— Calma — disse, acariciando-lhe o pescoço —, não se passa nada, calma.

— O

animal foi-se apaziguando.

Diante deles, a coruja rodou os olhos rasgados. Eneca deu dois passos, estendeu o braço direito e colocou-o a escassos palmos da ave, que pestanejou antes de agitar as asas enormes. Eneca não se mexeu e a coruja pousou no seu pulso.

— Diz-me, onde estão os meus pais? — A coruja não se virou. — Tu sabes, espírito do bosque. Aonde devo ir?

A coruja abriu novamente as asas e voou, afastando-se alguns passos, enquanto o brilho dos primeiros reflexos dourados do novo dia assomava por entre as montanhas. A ave ergueu-se e voou em direção ao nascer do astro.

— Artal! Vamos embora.

A rapariga seguiu o voo da coruja, enquanto a claridade do dia começava a inundar o bosque, até a perder de vista. Olhou em volta. Estava numa clareira, na vertente que dava para um vale. Sentiu um cheiro que lhe chamou a atenção, parecia uma fogueira. Algo ardia ali perto. Artal também se apercebeu e seguiu o rasto. Eneca mal podia avançar por entre a vegetação e estava prestes a deter-se quando detetou um lugar escavado na rocha. Uma fumarada branca nascia de uma fogueira aos seus pés. Aproximou-se, precavida. Não se encontrava ali ninguém, mas havia uma panela de barro sobre a fogueira.

— Quem és tu? — assustou-a uma voz atrás de si.

A menina voltou-se e deparou-se-lhe o rosto de uma mulher com a pele mais escura do que os seus olhos alguma vez haviam visto. O olhar e o cabelo vestiam-se também de penumbra e até as roupas eram da cor da noite.

— Chamo-me Eneca.

— E o que faz uma pequena como tu sozinha no bosque?

— Não estou sozinha — respondeu a menina —, tenho o meu cão, e em breve a minha mãe virá buscar-me.

— Um magnífico mastim. E de onde vens?

— De Xabier, o meu pai é o tenente do castelo. Atacaram-nos e... conseguimos fugir.

— Interessante. E quem atacou Xabier?

— O demónio de olhos de sangue.

A mulher estremeceu ao ouvir aquelas palavras e perscrutou novamente a menina, desta vez com mais ênfase e desconfiança.

— Tens fome? Estás pele e osso. Senta-te aí e comeremos algo quente.

Eneca obedeceu e a mulher serviu-lhe uma sopa com pedaços de carne cuja procedência animal era difícil de adivinhar, alimentando também o cão.

— Uma menina como tu não deve deambular sozinha, os homens são uns animais e deixam-se levar pelos piores instintos. É melhor que fiques comigo.

— Tenho de encontrar os meus pais!

— Diz-me, viste-os nos teus sonhos?

— Não, a eles não.

— Bom — assentiu, levando à boca uma erva que começou a mastigar. — Fica aqui, pelo menos algum tempo. Há coisas que deves aprender antes de seguirem o teu caminho. Tudo acontece por uma razão, absolutamente tudo. O destino guia-nos através da vida, desta e das outras.

— Que outras?

— Ora, ora. Vejo que tens muito para aprender, vou sair para o bosque.

Acompanha-me, por favor.

Eneca assim fez, pensando que lhe mostraria algo em particular, mas limitaram-se a caminhar até uma saliência pedregosa e aí permaneceram até que o Sol se pôs. Depois, a mulher levou-a para o interior do refúgio e instalou-a numa cavidade com chão de palha. Artal dormiria ao seu lado. Assim passou Eneca a noite naquele sóbrio lugar.

Não foi a última. A menina foi acolhida com certa indiferença pela anfitriã, que a ignorava durante grande parte do dia, mas que, ao mesmo tempo, se encarregava de que comesse e não passasse frio. A mulher chamava-se Nunila e aquele abrigo era a sua morada. No interior, guardava todo o tipo de utensílios, ervas e beberagens. O espaço oco na montanha era profundo e estava repleto de locais de armazenamento. Além disso, a temperatura era constante lá dentro e havia pouca humidade. Nunila ordenou-lhe que a limpasse todos os dias, e Eneca, pouco habituada a esses labores, quis inicialmente opor-se. Mas, por algum estranho motivo, Nunila agradava-lhe e sentia a necessidade de lhe obedecer.

Uma manhã, saíram juntas para o bosque, acompanhadas por Artal.

— Aonde vamos? — perguntou Eneca.

— Hoje, vou ensinar-te a apanhar cogumelos, por isso presta atenção, pois são tão saborosos e úteis como perigosos. A maioria tem veneno. Cada cogumelo bom tem o gémeo nocivo. Às vezes, a diferença entre as duas variedades é tão subtil que muitos homens confundem-nas e morrem.

Passaram grande parte da manhã a caminhar.

— Eneca! Olha, vêes esse? É um tortulho.

— Tem uma espécie de chapéu.

— Assim é. É de cor parda, com a orla mais clara. Cresce entre faias, carvalhos e pinheiros. — Nunila agachou-se e mostrou à menina como devia cortá-lo.

Deambularam pelo bosque a maior parte do dia, apanhando cogumelos, e, ao

chegar a noite, guisaram os mais saborosos no interior da gruta.

— Lembrar-te-ás de como são os tortulhos? — perguntou Nunila, sorridente.

— Sim, com um chapéu castanho, muito carnudo e um pé forte.

— E mais nada?

— Acho que não.

— Maldita criança! O chapéu tem uma margem mais clara, a cor não é uniforme.

Se não és capaz de prestar atenção a esses pormenores, não me serves para nada.

Como podes ser tão estúpida? Estou só a perder tempo contigo!

Eneca afastou-se a chorar. Nunila tão depressa se mostrava amável e preocupada com ela como mudava subitamente de humor, se encolerizava, desprezava-a e ignorava-a.

Decorreram as semanas e chegou o inverno rigoroso, durante muitos dias, não puderam sair do refúgio. Nunila continuou sem falar muito com Eneca. Assim passavam os dias para a menina, até que veio a primavera e depois o bom tempo.

Numa das primeiras noites de calor, Eneca acordou às escuras e descobriu um brilho no exterior do abrigo. Sem hesitar, levantou-se e saiu da gruta. Lá fora, as chamas de uma fogueira colossal erguiam-se em direção ao céu estrelado e Nunila fitava-as em silêncio numa das pontas, ensimesmada.

— Não te vais aproximar? — perguntou sem se mexer.

Eneca dirigiu-se cautelosamente a ela e postou-se à sua esquerda. Nunila tinha uma faca na mão. Aproximou-a do rosto de Eneca, que viu o próprio medo refletido na lâmina. Não se mexeu, sustendo a respiração enquanto a arma percorria, a pouca distância, o seu pescoço. Nunila parou, fitou de novo a pequena e ergueu a faca até cortar uma madeixa do seu cabelo negro. Deu um par de passos e pousou-a no chão, dentro de um círculo de pedras, ao lado de uma vela que se consumia.

— Hoje é o primeiro dia do verão, a noite mais longa. Tempo de deixar para trás o velho e dar as boas-vindas ao novo. Vais renascer, Eneca. Tenho-te observado ao longo destes meses e por isso sei que, a partir de hoje, tudo será diferente.

Nunila pegou na madeixa e introduziu-a numa pequena bolsa de couro. Depois, guardou também as pedras e o que restava da vela. Fechou-a e guardou-a.

A mulher tinha razão. Depois do solstício, nada foi igual. Começou a acompanhar a mulher ao bosque, a recolher plantas e raízes. Acediam a lugares recônditos, no mais profundo do vale, entre frondosos carvalhais ou à sombra de violentos cursos de água. Assim começou Eneca a identificar os habitantes da montanha: ursos, lobos, lontras, gamos; também as árvores, os arbustos, plantas e ervas. Com tudo isso, como se fosse um curioso jogo, a cada dia aprendia algo novo. Até que, uma noite, se formou uma terrível tempestade e começou uma chuva sem fim. Durante três dias, não saíram da gruta. Longe de abrandar, uma tempestade de raios caiu sobre o bosque, desencadeando o pânico em todas as criaturas. A menina nunca vira nada assim. Era como se, desde o alto, o céu ameaçasse abrir-se e cair sobre as suas cabeças.

— Não tenhas medo, Eneca, em breve passará. É apenas uma forte tempestade.

— E se é Nosso Senhor que está zangado?

— Como? Não digas disparates. Desde os tempos mais remotos que os homens sentiram a necessidade de explicar tudo aquilo que lhes causava medo.

Precisavam de dar sentido ao frio, à chuva, à seca, à fome, às doenças, à morte...

— Porquê? — inquiriu Eneca.

— O medo é a maior ameaça que pende sobre nós. Pobre daquele que vive com temor no coração, nunca encontrará a paz. O medo faz-nos querer acreditar em qualquer coisa que nos livre dele. Por isso, quando os homens da cruz trouxeram o novo deus para as nossas terras, muitos acolheram-no. Mas as montanhas não lhe pertencem, têm a sua própria deusa, a mãe da Terra e da natureza. É ela quem governa o tempo. Se quiser, pode chover intensamente durante dias, ou fazer um calor sufocante que seque os cultivos. Pode, segundo a sua vontade, provocar ferozes ventos ou densas neblinas lá nos montes onde habita.

— Onde está a deusa?

— Na montanha, aí tem a sua morada. Embora se mostre de inúmeras formas, pois não transige com a mentira, o roubo, o orgulho e a falta à palavra dada. Não

suporta aqueles que afirmam o que não é e negam aquilo que é.

— Agrada-me que a deusa seja uma mulher.

— Menina, deves ter uma coisa bem clara. Muitos homens atacam a deusa por ser mulher. Veem-nos como seres malignos, afirmam que somos mais propensas a cair nas garras da luxúria e do pecado. Que algumas de nós, mediante pactos com o demónio, nos convertemos em suas servas e, em troca, obtemos diversos poderes, desde provocar tempestades até à morte dos inimigos.

— Falas de bruxas?

— Eneca! Não deves deixar-te enganar. Onde ouviste tais patranhas?

— Não me lembro, em Xabier, acho que o padre dizia que...

— Estávamos aqui muito antes de esses homens chegarem. O clero assimilou como crenças cristãs ritos ancestrais arraigados nas gentes desde há séculos, para assim os controlar. É mais fácil construir uma ermida sobre um local de oferendas à nossa deusa, santificando-o, do que condenar o seu uso. Quando a Igreja proíbe um rito pagão, e é continuamente ignorada pelo povo, toma a mesma opção: convertê-lo em parte do seu culto. São espertos esses religiosos, maldita seja se não são.

— Então as bruxas não existem?

— Na natureza há muitos seres diferentes. Alguns parecem-se connosco, mas outros não. Poucos são inofensivos, com os restantes, deves ser sempre prudente.

— Quando ia dormir, a minha avó falava-me das fadas. Dizia que aparecem perto dos rios e dos poços e que os homens não resistem ao seu chamado e se precipitam para os seus corpos transparentes, caindo e afundando-se nas águas.

— Que estúpida! — exclamou Nunila, sem o menor cuidado em não ferir a menina. — As fadas são mulheres que vivem no bosque e perto de correntes de água. Há histórias que asseguram que o seu poder é gerado pela água dos poços e nascentes, capazes de controlar a água à sua vontade, secando as fontes ou parando o curso das nascentes. São seres poderosos, mulheres que foram deusas num tempo anterior. Afasta-te delas, jamais deves falar com uma fada, entendido?

A menina assentiu.

— Que trazes pendurado ao pescoço? É uma cruz?

— Sim — respondeu Eneca, receosa.

Capítulo Quatro

PAMPLONA. FINS DE NOVEMBRO DO ANO 1027

Deu uma boa dentada na maçã e o paladar azedou-se-lhe com o sabor amargo.

Fitou-a e viu um verme a retorcer-se no interior. Podia ter pensado que era o fruto proibido, e aquele asqueroso ser, o demónio. Deu uma vista de olhos em volta e não viu Eva, e o que era pior, se aquilo era o paraíso, não queria nem imaginar como devia ser o putrefacto inferno.

O clima daquele reino caía mal à sua saúde delicada. Tinha o corpo coberto de manchas e de constantes comichões. Aliviava-as através do uso constante de uma escova extremamente dura que, em última instância, lhe causava calosidades que, em demasiadas ocasiões, degeneravam em sangrantes erupções.

Atirou a maçã para a lama e um par de rapazes apareceu, como animais no bosque, para a mordiscar. Cada vez lhe parecia mais repulsivo o recôndito reino ao qual chegara há já vários meses.

Porque aceitei vir?, repetia em pensamento.

Todos os companheiros tinham abandonado aquelas terras em busca de trabalhos noutros territórios mais a norte. Longe dos infieis e mais perto das cortes de Toulouse e Paris. Aqueles que o rodeavam não deixavam de ser selvagens. A maioria ainda vivia nas montanhas e vestia-se com andrajos. Eram grotescos no que faziam, na forma como se moviam, no modo de falar e, sobretudo, como comiam.

Conhecera um ou outro que se fazia tratar por nobre, o grande analfabeto! Tinha mais aspeto de bandido do que de senhor. A sul dos Pirenéus, já se sabia que tudo era diferente. Há vários séculos que os muçulmanos tinham conquistado aquelas terras e agora uma série de pequenos reinos e condados começavam a ganhar-lhes terreno, de forma lenta e descontínua. Até que um rei os unira sob a sua Coroa, Sancho, o Maior, chamavam-lhe. Rei de Pamplona, conde de Castela, Ribagorça, Sobrarbe e Cea, conquistador de Astorga e de Leão. E, apesar de todos esses títulos, a sua corte nada tinha que ver com Aachen, Amiens e muito menos com Roma.

Cruzou-se com uma dúzia de homens de armas, com os seus elmos de cervilheira em forma de semiesfera, reforçados por um aro do qual pendia uma proteção para o nariz. A tiracolo, levavam os escudos feitos de madeira leve, revestidos e colados com pasta de gesso. Eram em forma de lágrima, com quase três pés de altura e a maioria decorados com cruces metálicas. A ele, a guerra corpo a corpo não o apaixonava, achava-a demasiado vulgar, como tudo naquela terra aonde chegara.

Ao menos não fazia vento, aquilo que mais o repugnava neste mundo. O vento podia provocar a loucura nas gentes de bem. Vira-o: conhecera homens que esqueceram a razão e nunca mais voltaram a ser sãos. Por isso o temia tanto e procurava resguardar-se quando soprava com força, e especialmente quando o fazia durante dias seguidos.

Esquivando-se a imundícies, excrementos de cavaliças e todo o tipo de desperdícios, chegou à porta do palácio real.

Santo Deus! Que despropósito chamar assim a um edifício tão mal construído, tão sóbrio em detalhes como escasso em envergadura e grandeza, pensou, ratificando a sua convicção de que aquela viagem fora uma ideia nefasta, mais uma na sua vida. Quem usava como morada um edifício de tão malgrado fabrico não podia ser um monarca digno de ostentar nenhuma coroa.

Explicou aos guardas quem era e foi escoltado até uma segunda porta, que não estava vigiada. Um deles bateu duas vezes na madeira e a porta abriu-se. Atrás dela, apareceu um homem com pouco cabelo, pele enrugada pelos anos e vestuário mais próprio de um infiel, com roupas largas e coloridas.

Convidou-o a segui-lo por uma alongada e fria sala. Não havia mais ninguém lá dentro. Das paredes, pendiam sóbrias telas, tão escassas em pormenores como o palácio em grandeza. Supôs que a sua função seria proteger aquelas divisões do frio. Pareceu-lhe invulgar tal solidão, mais habituado à multidão das cortes de outros reinos cristãos.

Prosseguiram até nova porta. O acompanhante bateu também duas vezes e, no entanto, foi ele a abri-la, fazendo-lhe um gesto para que entrasse primeiro.

Assim fez, e deparou-se com dois guardas do outro lado do umbral, que bateram no chão com os cabos de ferro das lanças. Entrou num salão bastante diferente do que vira até ali. Das paredes pendiam ricas tapeçarias, escudos, pendões e

espadas. A seus pés, um alongado tapete, com deslumbrantes desenhos vegetais e cores escuras. E todavia, o que mais lhe chamou a atenção foram as esculturas.

De ambos os lados do corredor que delimitava o tapete, havia três figuras de tamanho natural, feitas de mármore e com restos de uma pigmentação antiga, ainda perceptível. Observou a qualidade dos pormenores, a expressividade dos rostos e o trabalho da anatomia dos corpos.

Esta gente não pode ter feito tais obras de arte, é impossível, pensou. Conhecia aquela forma de trabalhar, era antiga, do tempo em que Roma dominava o mundo. Portanto, deviam ter sido compradas ou fazer parte de um saque.

— Espetaculares, não é verdade? — pronunciou uma voz, cujo eco inundou a sala.

— Decerto.

— Estavam sob este solo — continuou quem presidia à sala a partir do outro extremo.

— Aqui?! — ficou hesitante, mas avançou pela divisão. — Claro... — Entendeu então a sua origem. — Esta cidade foi fundada pelo cônsul de Roma, Pompeu.

— Assim é, as raízes do meu reino cravam-se mais profundamente do que julgam do outro lado dos Pirenéus.

Do alto do trono, acompanhado de apenas dois homens postados de ambos os lados, o monarca falava, recostado no espaldar real.

*Onde se escondem os conselheiros, bobos, cavaleiros e os demais?
Mostravam-se sempre de forma numerosa noutras receções a que assistira.
Sentia-se estranho numa corte tão austera, e mais desconcertante a cada
instante que nela passava.*

O reino de Pamplona era, sem dúvida, diferente, talvez o tivesse subestimado.

— Estas esculturas são de um tempo bem distante — observou —, diria que algumas podem ter quase mil anos.

— Dizem muito sobre quem governou estas terras antes da minha linhagem, não é verdade? — comentou o monarca. — O que tem a pedra que torna os homens

imortais?

— Os homens morrem, as construções permanecem, às vezes por toda a eternidade.

— Exato — assentiu o rei, agradado —, a memória é efémera, lombardo. O poder, a alegria, a comida, o sexo, tudo é volátil. Mas as igrejas e os castelos que erigimos... Esses são eternos.

— Se forem bem construídos — atreveu-se ele a salientar.

— Como é evidente. — O monarca deu uma gargalhada. — Ainda que às vezes seja complicado saber se as coisas se fazem ou não da forma correta, não é verdade? Reinar é um fardo pesado, e é-o mais ainda quando não se sabe o que acontecerá quando morreremos.

O rei manteve-se em silêncio, com o olhar cravado no seu anel de ouro e apertando com força o punho da espada, presa à cintura.

— É isso que me tira o sono. Suponho que aconteça a todos os pais, mas sou rei.

Tenho quatro filhos varões e uma filha, e milhares de súbditos e vassalos. Como vou dormir bem?

— Não posso ajudar-vos nesses mesteres — afirmou o lombardo, comedido. —

O que quereis de mim ao certo, alteza? — perguntou, com frieza.

— Ser-te-ei franco, uma vez que tu o és — respondeu o rei, sem rodeios. —
O

meu reino é extenso, o maior que a minha linhagem alguma vez conheceu.
—

Suspirou. — Quando morrer, dividirei os territórios entre todos os meus filhos.

O lombardo engoliu em seco. Sabia que aquela informação era restrita e que o rei o comprometia ao partilhá-la com ele.

— Alteza, sou construtor, não um nobre do vosso conselho. Perdoai-me a insistência, mas não entendo porque exigistes a minha presença para falar de temas que respeitam apenas aos vossos súbditos.

— És estrangeiro, mas estás no inverno da vida, tal como eu. Por isso sei que me compreenderás. A carne apodrece, as histórias dos reis podem desaparecer, como as daqueles que construíram estas belas esculturas. Só a perda permanece — e

fez uma pausa —, a pedra e a fé. Lombardo, quero que construas uma poderosa fortaleza no limite mais a sul dos meus territórios, frente aos muçulmanos.

— Alteza, eu...

— Escuta, quero que esses infiéis vejam como se levanta, que a temam. Quero que seja uma ponta de lança, que obrigue os meus filhos a continuar com a luta e a expandir o reino para sul, até Saraqusta.

— A Cidade Branca, nada me agradaria mais do que ver a sua muralha e os seus palácios. Agradeço-vos a confiança, mas não sei se sou o homem indicado para esta missão.

— Lombardo, és o único que pode fazê-lo. — O rei proferiu estas palavras com tal contundência que pareciam gravadas na pedra. — Por favor, reflete comigo.

A tua existência também se apaga, porque não construir algo que a prolongue pela eternidade? — perguntou, sem lhe dar tempo para responder. — Quero um castelo como nunca foi construído, poderoso, inexpugnável. Nada de montes, nada de torres onde se esconder.

» Não! Quero um castelo capaz de resistir a um cerco prolongado, que permita acolher suficientes homens de armas para atacar cidades, reinos. Quero uma fortaleza pela qual seja recordado quando já não estiver cá. Que, daqui a um milénio, as gentes que habitarem estas terras olhem para o castelo tal como agora admiramos estas estátuas que nos rodeiam.

— Alteza, é um sonho ambicioso o que me propondes, mas um empreendimento assim precisa de recursos e de mão de obra abundante...

— Disporás de tudo o que necessitares.

— Lamento ter de ser eu a fazer-vos ver a realidade, mas pelo que observei do vosso reino, não estais preparados para uma obra dessa magnitude. Mal dispondes de edifícios relevantes.

— Por isso viestes vós, os lombardos. Do Mare Nostrum ao rio Aragón, edificastes dezenas de igrejas e castelos. No entanto, agora abandonastes-nos.

Porquê?

— Os mestres lombardos são meros construtores, não devem lealdade a nenhum

reino.

— Isso não responde à minha pergunta. Porque deixastes igrejas por terminar, torres por fechar, castelos sem defesas...?

— Não serei eu a responder a algo que sabeis melhor do que eu. O que direi é que me chamastes e aqui estou.

— Isso é verdade. Porque aceitaste vir? Todos os outros como tu partiram.

— Às vezes... — interrompeu-se —, é difícil explicar.

— Está bem, não tenho mais tempo a perder. Deixemos o resto de parte: construirás o meu castelo?

— Porquê eu?

— Porque não há mais ninguém capaz de o fazer.

— Não soa muito convincente, não vos parece, alteza?

— Ou talvez sim, quis o destino que sejas o último lombardo que resta deste lado dos Pirenéus. É possível que seja um sinal.

— Não acredito em sinais.

— Não és obrigado a fazê-lo, não és rei. Já quanto a mim, não é um luxo que me possa permitir. Devo tê-los em conta, dado que qualquer pormenor é transcendental na hora de reinar.

— Escolheste o local para esse castelo?

— Sim, e posso garantir-te que não te desapontará.

Capítulo Cinco

VALE DO RIO CINCA. DIA DE SÃO MARCOS, 25 DE ABRIL DE 1028

O rio corria como um animal desenfreado em busca da planície, rumo a terra de infiéis. Nem sequer um cavalo a galope poderia seguir o seu ritmo.

Fortún imaginava-se a flutuar sobre aquelas águas que desciam, selvagens, dos cumes dos Pirenéus. Tão altos que nenhum homem conseguira chegar ao topo. Diziam os mais velhos que, à medida que se subiam as vertentes, era cada vez mais difícil respirar e caminhava-se devagar, como se as pernas, os ossos e até as pestanas pesassem. Alguns tinham desfalecido na aventura e outros perdiam-se ou tornavam-se presa do frio e das tempestades.

Apesar disso, sonhava subir a algum desses picos que se erguiam, majestosos, sobre vales, rios e bosques.

Como será ver o mundo lá de cima?, perguntou-se.

Estar a tão grande altura devia ser o mais parecido com voar. Talvez fosse esse o motivo pelo qual Deus erguera as montanhas, para poderem sentir-se como pássaros.

— Fortún! Acorda! — gritou o pai. — Já estás outra vez nisso, que diabo se passa contigo? Porque teve de me calhar um filho como tu?

Mal haviam falado durante o trajeto, como se cada um deles caminhasse embrenhado numa profunda discussão consigo mesmo. Às vezes, Juan tinha a sensação de que Fortún era como um cão que o seguia para toda a parte à espera que lhe atirasse alguma côdea de pão. Sempre em silêncio, envolto nos pensamentos, como se vivesse num mundo distinto. Não era nada parecido com ele.

Dormiram mais duas noites ao relento, nas quais tiveram sorte e caçaram um par de perdizes com que se alimentaram bem. Nesse dia de primavera, estava bom tempo, avançavam por um itinerário pedregoso e abrupto, num território não frequentado na estremadura de dois reinos. Uma terra de ninguém, onde era difícil saber se se estava do lado do Crescente ou da Cruz.

Muitos ter-se-iam perdido nas zonas onde a vegetação devorara o caminho. Juan, não. Era decidido, seguro de si. Caso contrário, como teria um homem como ele conseguido, com tão poucos bens para oferecer, que a mãe de Fortún o aceitasse como marido?

Era a mais bela das mulheres que conhecera, a melhor, a mais doce... Vinha de uma família de ceramistas respeitada em todo o vale de Hecho. Cristã devota, esposa fiel e carinhosa. A sua mulher era... Melhor não continuar a pensar nela.

Isso não lhe traria nada de bom. A melancolia pode ser um poderoso veneno, que mata pouco a pouco a alma dos homens sem estes se aperceberem.

Chegaram a um desfiladeiro que dava para outro vale mais a sul, e Juan parou para inspecionar o terreno. Hesitou, mas, fiel à característica teimosia dos habitantes daquele pequeno condado, retomou o passo, firme e decidido. Ainda assim, voltou a parar, percorreu a boca com a língua e esfregou os olhos.

— Não é boa ideia.

— Vamos, pai, não está ali ninguém.

— Silêncio — ordenou ele, com um olhar cheio de raiva. — Cala-te e obedece.

Seja como for, é isso que te espera o resto da vida se a nossa sorte não mudar.

Juan observou a entrada, não havia pegadas no solo e a vegetação não era uniforme. Adivinhavam-se zonas demasiado espessas, que se misturavam com outras menos frondosas. Aquilo não o convencia.

Fortún permanecia em silêncio, cabisbaixo após a reprimenda.

— Não podemos seguir outro caminho, se o fizermos, não chegamos a tempo —

murmurou Juan. — Por isso agarra-te a mim e obedece-me em tudo o que te disser, entendido? Não cometas nenhuma estupidez!

Fortún assentiu com a cabeça. Era um rapaz imberbe, com as faces coradas pelo frio. Não sabia estar quieto, não parava de mexer as pernas, nervoso,

como se prestes a desatar a correr, desejoso de fugir.

— Não vais responder-me?

— Mandaste-me calar.

Juan suspirou, um de tantos suspiros desde o nascimento de Fortún, havia catorze longos anos.

Embrenharam-se no desfiladeiro, onde o sol caía de forma zenital sobre as suas cabeças e não chegava a iluminar as paredes de pedra ocre que os rodeavam, que pareciam umas fauces capazes de engolir quem se mostrasse suficientemente insensato para nelas penetrar. Juan acelerou o passo para sair dali o quanto antes, receoso de que as sombras que se formavam por entre as pedras ganhassem vida e se precipitassem sobre eles. Ou que aquele fosse um local de refúgio dos espíritos do bosque e que, com a sua presença, estivessem a perturbar o seu descanso.

A garganta era profunda, como uma cicatriz no meio das montanhas.

Caminhavam o mais rápido que conseguiam e, ainda assim, as paredes rochosas continuavam a fechar-se sobre eles como uma imensa boca de pedra.

Juan não pensou que custasse tanto atravessá-la. Definitivamente, não fora uma boa ideia. A humidade e a penumbra eram bem evidentes, o musgo cobria as paredes que tinham perdido a cor, o solo tornava-se movediço sob os pés e agarrava-se ao calçado. Qualquer ruído parecia delatar um perigo e, a cada passo, o sol parecia uma recordação distante.

Por tudo isso, o suspiro de alívio que Juan soltou ao ver-se do outro lado da garganta foi tão fundo como breve. Pois a alegria de escapar daquela prisão de pedra tornou-se temor quando dois homens saíram do matagal armados com um machado de cortar madeira e uma faca de lâmina longa.

— Bons-dias, viajantes — pronunciou o mais magro, numa falsa amabilidade.

— Bem-vindos a estas terras, alegra-nos que nos honreis com a vossa visita.

Como sabereis, todo aquele que chega através desta garganta deve pagar uma portagem.

— Não temos nada de valor.

— Vamos, vamos. Não sejas tão modesto.

— Garanto-vos, olhai para nós. — Juan abriu os braços. — Oxalá tivéssemos algo com que vos pagar.

— E a tua bolsa?

— Sou carpinteiro, estas são as ferramentas para trabalhar. Sem elas, morreremos de fome.

— Olha bem para nós. Achas que nos importa o que vos possa acontecer?

— O

mais forte, que tinha o machado nas mãos, aproximou-se e tirou-lhe a bolsa sem que Juan oferecesse resistência.

— Isto pouco vale — disse, ao vasculhá-la.

— Que mais escondes, carpinteiro? — insistiu o que parecia estar no comando.

— Nada, só isso, e sem elas...

— Cala-te! Pois nesse caso... se não tens mais nada com que pagar, levamos o rapaz. Algo conseguiremos por ele vendendo-o como escravo.

— É muito desajeitado, não vale nada — afirmou Juan, dando um passo em frente e deixando o filho atrás de si.

— Isso decidiremos nós, em terra de mouros, há sempre quem dê valor aos jovens cristãos. Há gostos de todo o tipo entre os infiéis.

Juan cerrou o punho com força. Olhou para o filho e, ao fazê-lo, não pôde deixar de ver os olhos da falecida esposa.

— Corre, Fortún! Corre!

O bandido no comando precipitou-se sobre o jovem e desferiu-lhe um murro, derrubando-o. Juan procurou com que se defender, encontrando apenas um longo ramo seco de pinheiro.

— Pretendes lutar com isso? — riu-se o adversário com malícia.

— Estás porventura com medo? — desafiou o carpinteiro.

Este comentário enfureceu o bandido, que lhe atirou o machado e que Juan evitou com inesperada habilidade, para logo o golpear com todas as forças no flanco. O ramo de pinheiro quebrou, acompanhado por um agudo lamento de dor.

O inimigo recompôs-se e voltou a atacar, desferindo duas violentas machadadas.

A primeira não foi perigosa, mas, na segunda, o fio do machado passou-lhe tão perto do rosto que por um momento Juan sentiu que a sua vida acabava. E talvez fosse verdade, pois o outro bandido deixou Fortún no chão e rodeou-o por trás.

— Acabou-se a festa, valente. Tu assim o quiseste.

O machado traçava um grande arco no céu para bater contra o rosto de Juan quando uma flecha sulcou o vento e se cravou na mão daquele que o segurava, fazendo cair a arma a um palmo dos seus olhos, cortando o fôlego do carpinteiro.

O grito foi aterrador. O outro ladrão avançou para terminar com ele, mas uma nova flecha atingiu-lhe o ombro direito. Não o deteve. Então uma figura saiu do nada, envolta numa longa garnacha negra com capuz que lhe cobria a cabeça.

Parecia um daqueles espetros que guardam a noite, correndo para eles ao mesmo tempo que retesava o arco e disparava outra flecha, que se cravou no braço do corpulento assaltante. O bandido, apesar de ter perdido a faca, continuou a avançar na direção de Juan, disposto a arrancar-lhe a vida fosse como fosse. O

arqueiro parou a vinte pés deles, esticou a corda e o disparo seguinte cravou-se entre os olhos do inimigo.

Entretanto, o outro adversário, ferido, tentava recuperar. Antes que pudesse fazê-lo, Juan pegou no machado e rodou sobre si mesmo para com ele rasgar a garganta do inimigo, que caiu, cuspidando golfadas de espuma branca avermelhada. Contorceu-se, tentando balbuciar, ainda que as únicas palavras que lhe saíam dos lábios estivessem tingidas de sangue.

Fortún levantara-se, com o rosto dorido, e observava, boquiaberto, o sangrento cenário.

— Obrigado — Juan levou a mão ao peito e tombou de joelhos, exausto devido à tensão —, agradeço-vos em meu nome e do meu filho, meu senhor.

— Bem vos valia serdes mais prudentes.

O arqueiro parou. Calçava botas altas colocadas diretamente em cima das calças, parecia ágil e magro. Entre as sombras em que o seu rosto se ocultava, brilhavam dois enormes olhos azuis. Com as mãos, baixou o capuz e diante deles surgiu uma jovem de avassaladora beleza.

— És uma mulher... — balbuciou Juan desajeitadamente. — Como é possível?

O desconcerto era tão grande que deu um passo atrás e quase tropeçou e caiu. A arqueira sorriu ante o efeito causado ao delatar a sua condição, como se isso lhe desse prazer, para voltar o olhar para Fortún. O rapaz não mostrava a mesma expressão de assombro. Perscrutou-a sem temor e, embora parecesse débil e inseguro, uma mera criança vestida com farrapos, o seu olhar era desafiador e o seu interior parecia conter um brilho invulgar.

— É teu filho?

— Assim é — respondeu Juan, ainda com a voz entrecortada.

— E a mãe dele?

— Morreu quando ele tinha apenas dois anos.

— Lamento. — A arqueira continuava admirada com os olhos do rapaz. —

Sofreu de alguma doença?

— Sim — respondeu Juan, com infinita tristeza nas palavras —, enlouqueceu.

A arqueira não perguntou mais nada, pois era evidente que falar daquilo causava àquele homem um profundo pesar. Dirigiu-se aos mortos para recuperar as flechas. Arrancou a primeira da garganta do morto e guardou-a na bolsa que tinha às costas. Deu um pontapé no outro corpo para o virar, agachou-se e revistou-o, para o caso de trazer consigo algo de valor.

Ergueu o olhar e deparou com os olhos do rapaz a perscrutá-la de forma anormal.

— Para onde estás a olhar?

— Para nada — respondeu Fortún.

— Vamos a Loarre — interrompeu o pai — procurar trabalho, somos carpinteiros.

— Pois desejo-vos sorte. — Saltou por cima do primeiro cadáver. — A partir de agora, escolhe melhor o teu caminho, às vezes a linha reta não é a melhor opção.

— Quem és? — inquiriu Juan. — Uma mulher não deve...

— Cuidado com o que proferes, ainda me restam flechas. Não me parece que seja algo que te diga respeito — avisou, num tom que evidenciava que

não era preciso dizer mais nada para saberem que se deviam manter em silêncio. —

Cuida do teu filho.

Pôs novamente o capuz e aligeirou o passo, perdendo-se entre a vegetação do bosque, tal como aparecera.

Capítulo Seis

VALE DO RIO CINCA. OUTUBRO DO ANO 1029

O carpinteiro e o filho prosseguiram pelo vale durante mais dois dias. A fome surgiu quando não encontraram mais caça nem frutos silvestres. Avançavam desconfiados em cada encruzilhada, de cada ruído. Receosos de outro encontro infeliz. Ainda assim, Juan parecia seguro da sorte, e só o cansaço lhe atazanava o ânimo. Doíam-lhe os joelhos por culpa dos acentuados desníveis e do caminho ondulante. Subidas e descidas que castigavam as suas pernas cansadas. Mais do que a fé, guiava-os o desespero. O próprio daqueles que nada têm a perder, pois já perderam tudo.

Quando os seus estômagos grunhiam e as esperanças começavam a desvanecer-se, um casal com um bebé apareceu na sua direção. O homem tinha uma altura notável, mãos grandes e queixo quadrado. A mulher era roliça, de ancas largas para dar bons filhos e seios abundantes com que os alimentar. O bebé era quase recém-nascido e ia bem agasalhado, enrolado numa pele de ovelha junto ao peito da mãe.

— Com Deus.

— E a Virgem. Chamo-me Juan e este é o meu filho. Somos carpinteiros e procuramos um lugar para ganhar a vida.

— Chamo-me Mateo e trabalho a terra. Estes anos, tivemos más colheitas e decidimos tentar a sorte na fronteira, vamos para o vale do Gallicius.

— Pretendes adentrar-te nesse território com um bebé nos braços? — exclamou Juan, surpreendido.

— Temos de o fazer. Dizem que a três dias dali, frente à Terra Chã, o rei Sancho mandou edificar um novo castelo.

— Ouvi dizer o mesmo, e que o rei prometeu as futuras terras que forem conquistadas a partir dali aos que ajudarem a levantá-lo.

— Sim, mas essa terra é perigosa, está demasiado perto dos infiéis, demasiado

perto de Wasqa e dos castelos que a defendem.

— E então, porque viajas para lá?

— Porque não temos para onde ir.

Juan observou-os atentamente, para depois olhar de relance para o local onde o Sol se escondia. Mordeu o lábio inferior e suspirou.

— Vinde connosco, é melhor ir acompanhado por estas terras, os inimigos abundam.

Assim se juntaram à família. O caminho era agreste, o rio que atravessava a serra de Guara serpenteava pelos penhascos e barrancos difíceis de transpor. Tiveram de descer para uma zona de grutas e atravessar o rio a vau, para logo voltar a subir, perdendo muito tempo e as escassas forças. As pernas cansavam-se ao subir e os joelhos torciam-se-lhes ao descer, assim uma e outra vez. Sem descanso, sem tréguas.

Ao quarto dia, acercaram-se de uma poderosa cidade muçulmana. Erguida sobre uma mole de granito e rodeada de barrancos esburacados pela ação do curso das águas. Um pano de muralhas descia do alto do alcácer em busca do rio, com as ameias a recortar o céu, onde ondulavam estandartes e se intuía a presença das sentinelas.

Juan ficou impressionado, era um ninho de águias. Lá em cima, protegida entre os muros de pedra, a vida devia ser agradável.

— Malditos, julgam-se a salvo no alto das suas cidades e castelos... mas um dia expulsá-los-emos das nossas terras.

— Que eu saiba, nenhum rei cristão reinou na Terra Chã — observou Mateo, pigarreando —, ninguém quer mais do que eu expulsar os muçulmanos, mas chamar nosso a algo que nunca o foi...

— Se o rei Sancho, o Maior, te ouvisse, cravava a tua cabeça no cimo de um espeto para os corvos se banquetearem com ela.

Tiveram de passar a noite perto da fortaleza muçulmana, pois a escuridão impedia-os de avançar e, se acendessem tochas, seriam facilmente descobertos.

Na penumbra, os fogos da cidade pareciam suspensos no nada, como estrelas caídas da abóbada celeste.

Fortún olhou de soslaio para o casal que os acompanhava, a mulher limpava o filho, era um bebé de pele clara e face rechonchuda. Tomou-o nos braços e encostou-o ao peito, para lhe cantar uma canção ao ouvido. Fortún gostou da melodia e os olhos fugiram-lhe para o braço do bebé, junto ao cotovelo tinha uma mancha alongada de cor avermelhada, que se estendia em direção ao pulso.

Na manhã seguinte, prosseguiram aos primeiros raios de sol. Sempre rumo a ocidente, por um território cada vez mais montanhoso. Em dois dias, chegaram a um elevado morro de onde os Pirenéus emergiam como gigantes brancos. Diante deles estendia-se a maior cidade que alguma vez haviam contemplado.

— Wasqa, a das noventa e nove torres — murmurou Mateo. — Se nos aproximarmos mais, podemos ser vistos por uma patrulha.

— E o que fazemos? — perguntou Juan, preocupado.

— Contorná-la por mais longe.

— Se seguirmos para as montanhas, tardaremos demasiado — respondeu Juan, com evidente preocupação.

— E se não formos, descobrir-nos-ão.

— Não, se tivermos cuidado. Podemos fazê-lo.

— Perdeu o juízo! Não arriscarei a vida da minha mulher nem a do meu filho.

Iremos pelas passagens mais seguras — afirmou Mateo, confiante.

— Crês realmente que são mais seguras? Além do mais, levas um recém-nascido, deves pensar nele.

— Pretendes dizer-me como devo cuidar da minha família?

— Não, só te sugiro que reconsideres.

— Se digo que devemos contornar Wasqa pelas montanhas, é porque temos de o fazer.

— Então não há mais nada a dizer. Aqui nos separamos. — Juan estendeu a mão.

— Boa sorte.

— Desejo-te o mesmo. — O camponês susteve-lhe o olhar, convicto da decisão.

O grupo separou-se, Juan e Fortún desceram com cuidado para uma zona mais plana, onde abundavam os campos de cultivo de trigo e de cevada. Nunca tinham visto assim de perto terras com tão grande riqueza como aquelas.

As surpresas não acabaram aí, chegaram a um riacho em cuja margem havia um moinho. Juan ficou maravilhado ao descobrir a nora que movia a corrente e, ao mesmo tempo, como esta cumpria a sua função através de um eixo que entrava na construção por uns orifícios laterais. Ouvira falar nesse

engenho, mas só ao tê-lo diante dos olhos é que pôde acreditar. O carpinteiro admirava o que o homem era capaz de construir com a ajuda da madeira.

— Um dia, também criarei uma máquina tão magnífica quanto essa. — Olhou para o filho. — E tu? O que sonhas fazer quando cresceres?

— Não sei. — Encolheu os ombros.

— Deus santo! Na tua idade, queria fazer tantas coisas que não teria parado de falar.

— Eu só quero... não sei, pai. — Por um momento, calou-se, hesitante. —

Gostaria de voar como os pássaros.

— O quê?! — exclamou Juan, desiludido. — Disseste voar?

— Sim.

— Que castigo me calhou contigo. Voar! De onde tiras tu essas ideias?

Fortún não respondeu, e isso ainda enervou mais o pai.

— Fortún, não podes continuar assim. Já és quase um homem. Não é possível que continues a dizer disparates — pediu-lhe, sacudindo-o pelos ombros. —

Promete-me!

— Que queres que te prometa?

— Maldição! Que vais espezitar, que não serás motivo de chacota, que me ajudarás quando encontrarmos trabalho. Promete.

— Se quiseres, faço-o, mas não entendo porquê...

— Não, filho, não voltes a fazer isso. Os homens têm o mesmo valor das promessas que mantêm — advertiu-o Juan. — Nunca prometas algo que

não possas cumprir. Dá-me ouvidos ao menos neste conselho, entendido?

— Sim, pai.

— Temos de chegar a esse lugar onde vão construir o último castelo.

Continuaram pelo bosque até a uma zona de altas azinheiras, com robustos troncos impossíveis de rodear por um único homem. Juan acreditava em Deus, claro que sim. Mas, como todas as gentes da montanha, venerava também a natureza que os rodeava, entre outras coisas, as árvores. Por isso, pousou a palma da mão na casca rugosa do tronco e proferiu algumas palavras na língua dos seus antepassados.

Chegaram a um rio onde beberam a água fresca que descia pelo seu leito.

Procuraram caça, sem sorte. Recorreram, por isso, a frutos do bosque, qualquer coisa servia para lhes saciar a fome. Apanhavam bagas junto a uma carrasca quando ouviram gritos. Correram a esconder-se entre uns arbustos da margem.

Tratava-se de um grupo a cavalo de meia dúzia de homens armados; o mais distinto montava um cavalo negro e vestia roupas mouras, longas e de cor azul.

Tinha a parte superior da cabeça tapada por um tecido também escuro, que contrastava com a palidez da pele e o brilho dos olhos. Montava com desenvoltura e mostrava-se capaz de conduzir os restantes homens através apenas de gestos simples e de olhares.

O cabecilha muçulmano avançou lentamente em direção ao rio; o seu corcel baixou a cabeça para comer um pouco de erva fresca, enquanto ele erguia o olhar para o local onde estavam escondidos. Aí fixou o olhar, como se conseguisse vê-los através da vegetação. O cavalo negro imitou o amo e dirigiu-se ao esconderijo.

O homem parou e desmontou.

Juan sabia que era melhor não olhar para ele, que podia sentir os seus olhos caso o fizesse. Mas não podia evitar, nunca estivera tão perto de um infiel. Imaginara como eram, como se vestiam, como falavam ou qual era o seu cheiro. Ouvia as histórias que os viajantes e contadores de histórias que percorriam as aldeias relatavam sobre eles. A realidade era que essas lendas nada tinham que ver com o homem que se aproximava deles. O seu olhar profundo era nobre, as roupas luxuosas, até o modo como se movia o fazia parecer mais distinto do que qualquer dos nobres ou cavaleiros cristãos que vira ao longo da vida.

O sarraceno levou a mão ao punho da espada e ouviu-se um ligeiro silvo ao desembainhá-la, enquanto Juan engolia em seco e rezava a Deus para que lhe permitisse sobreviver mais um dia. Aproximou-se, e a sua respiração estava bem perto de se cruzar com a de Juan e Fortún.

— Yusuf! — interrompeu um dos soldados às suas ordens. — Encontrámos dois cristãos e um bebé na passagem do norte.

— Insensatos — disse ele, embainhando novamente a espada. — O que foi feito deles?

— O homem foi abatido — respondeu o outro — e a mulher atirou-se do alto ao resistir a entregar a criança.

— O bebé está são?

— Assim parece, meu senhor.

— Bom, levai-o para Wasqa. — O muçulmano deu uma última olhadela.

Chamou a montada, que saiu a trote rumo ao local onde se encontrava o resto da companhia.

Capítulo Sete

SERRA DE LEYRE. SÃO FILIPE, 3 DE MAIO DO ANO 1029

Nunila levou Eneca a um local isolado no cimo de um vale. Era um planalto de grande longitude, em cujo extremo se destacava uma singular pedra

arenosa. Em redor, havia duas dúzias de camponeses, que olharam com respeito para as recém-chegadas.

— Vem, vais ajudar-me.

A mulher subiu por uma escada de mão até ao alto da rocha. Aí, esperava-a um velho junto a uma pedra por lavar, toscamente esculpida, como se fosse uma coluna, que se erguia de forma vertical à altura da cintura. No topo, havia uma cavidade que parecia ter sido feita pelo homem.

Os presentes começaram a entoar um cântico e o velho passou uma taça a Nunila, que a ergueu à vista de todos. Depois, deixou cair o líquido que continha sobre a pedra esculpida. Foi o começo de uma longa cerimónia de oferendas à deusa, à qual Eneca nunca deixou de prestar atenção, ensimesmada com o que via.

Nunila apercebeu-se.

— Deves lembrar o que viste hoje aqui. É importante que memorizes toda a cerimónia, serás capaz? — perguntou à jovem depois de terminar.

— Sim, não a esquecerei.

— Assim espero. Não me pareces convencida, o que se passa?

— A coluna, o que era?

— Aquilo que viste era um bétilo, uma pedra sagrada que representa a deusa.

— Ela não tem rosto, como Jesus?

— Os homens adoram-na desde muito antes que alguém viesse a este mundo em nome de algum deus, quando ainda não os imaginavam com forma de pessoas.

Crês que a deusa tem a mesma imagem que nós? Não, Eneca. Pode adotar diversas formas, mas não sabemos qual é a original.

— E com o bétilo podes comunicar com a deusa?

— Sim, mas há mais formas. Os pastores destas montanhas deitam seixos nas cavernas em jeito de oração. E há viajantes que, quando passam perto do bétilo, depositam uma pedra ao lado da rocha, depois de a terem esfregado no corpo.

Para lhe transmitir o seu cansaço e recobrar novas forças. — Nunila olhou de relance para o pescoço da rapariga. — Continuas a trazer a cruz pendurada ao pescoço.

Eneca ficou nervosa.

— Ainda que a escondas debaixo da saia, sei que a tens.

— Foi um presente da minha mãe.

— É estranho que os cristãos adorem um símbolo de sofrimento e castigo, onde crucificaram o filho do seu Deus. Há tantas coisas neles que não fazem sentido...

— Queres que a tire?

— Isso é uma decisão tua.

Regressaram à gruta e trabalharam na preparação de algumas beberagens medicinais. Artal estava muito brincalhão e Eneca foi passear com ele, como fazia outrora em Xabier.

No último dia desse mês, desceram ao rio com roupa; depois de lavada, estenderam-na nas árvores. O Sol aquecia, pelo que secaria antes do cair da noite. Nessa tarde, apareceram ali homens e mulheres para conversar com Nunila. Quase sempre que iam ao rio, surgia alguém a perguntar pelos mais diversos temas. De dúvidas sobre se choveria ou não em breve ou remédios para males do estômago ou das costas, a assuntos mais complexos, como mau-olhado, unguentos para ter filhos ou para os não ter. Aproximavam-se com cautela, receosos de que pudesse fazer-lhes mal. Eneca tentava disfarçadamente ouvi-los.

Quando, nesse dia, chegou um casal de pastores que tinha problemas com as

ovelhas, Eneca aproximou-se da margem, descalçou-se e meteu os pés na água.

Estava fria, mas ela não se importou. Distraída, pegou numa pedra achatada e atirou-a à corrente.

— Que fazes? Maldita sejas! — Nunila deu-lhe uma bofetada, acompanhada de um ruído seco.

— Mas... — Eneca fitou-a, choramingando.

— Não voltes a atirar pedras às águas mansas, nem dos lagos, nem dos ibones¹, nem das fontes. Podes irritar os seres que neles vivem — avisou Nunila. —

Agora ajuda-me, temos de ir apanhar plantas ao bosque.

— E se eu não quiser ir? — ameaçou Eneca, enraivecida.

— Tu lá sabes. Se não vens comigo, não voltes à gruta.

Eneca recuou e seguiu Nunila. Caminharam por entre a vegetação, parecendo não terem um rumo definido. Contornando obstáculos, árvores caídas, rochas e lodo. Sem o menor vislumbre de um caminho ou qualquer outro fruto da ação humana. Até que a mulher parou diante de uma faia de exuberantes raízes. A julgar pela grossura do tronco, devia crescer há décadas naquele local inacessível. Agachou-se diante dela, tirou das albarcas uma pequena foice e cortou o caule de um arbusto.

— Esta é uma planta difícil de encontrar. A arruda tem talos fortes e flores amarelas. São flores pequenas, vês? Com quatro pétalas onduladas e cachos nas pontas.

— É bonita.

— Provoca a urina e a menstruação, ou aumenta-a em caso de insuficiência. Em breve serás uma mulher, deves aprender a usá-la.

— Quanta é preciso tomar?

— Deve ser uma dose baixa, porque... — fitou-a com receio —, também se usa para provocar abortos, mas com precaução, já que tomada em excesso pode causar a morte.

— Não! — gritou Eneca, e afastou-se dela.

— Calma, assim é inofensiva. Além do mais, também é um remédio contra os venenos mortíferos, e antifrodisíaco, que atua diminuindo o desejo dos homens.

— O que é isso?

A mulher soltou uma gargalhada que percorreu as entranhas do frondoso bosque, um riso trocista que, mais do que alegria, inculcava medo.

— Isso, pequena, é a maior das desgraças que temos de suportar. Daí ser importante aprenderes a utilizar esta erva, pois diminui o esperma do varão. Por essa razão, cultivam-na nos mosteiros e é abundantemente tomada às refeições pelos monges e religiosos que querem guardar a castidade e conservar a pureza.

— É assim tão poderosa?

— Não fazes ideia. Em casa onde há arruda, não morre qualquer criatura, pois preserva de todos os influxos malignos, protege dos maus espíritos e do mau-olhado. Cria um campo protetor em torno de quem a possui. — Antes que acabasse de falar, um vento vindo do norte silenciou as suas palavras; a mulher virou o rosto, que azedou. — Apanha a roupa, temos de ir, rápido!

Deixaram apressadamente a margem e retomaram o caminho em direção ao abrigo. O vento começou a soprar com virulência, agitando a copa das

árvores e trazendo nuvens negras. Aquela repentina alteração de tempo agravou-se e os animais correram para os refúgios.

— Deixa a roupa, corre! Corre para a gruta!

Eneca obedeceu e chegaram exaustas à sua morada. O dia ensombrou-se e tudo mudou de cor. Como se a terra fosse abrir-se e brotar das suas entranhas todo o tipo de males.

— O que se passa, Nunila?

— Cala-te! Vai lá para dentro!

Nessa noite, Nunila espargiu o ar com grãos de sal; à entrada da gruta, queimou um ramo de ervas colhidas no último equinócio, e pôs um machado com a

lâmina virada para cima encostado à entrada. Depois, abrigou-se junto a Eneca na parte mais funda do abrigo.

— Vamos morrer?

— Não sejas tonta, isto não é nada comparado com... Deves saber que há seres horríveis nas montanhas, ocultos sob a aparência de criaturas indefesas. Deves afastar-te deles, mas há também os que protegem a nossa vida, como o Basarajau. Um gigante, de longos cabelos e poderosa força física. É protetor dos bosques e também dos rebanhos e da gente boa. Se alguma dia te encontrares sozinha na montanha, ele pode ajudar-te. Nunca o confundas com os omes granizos.²

— Com quem?

— Outros gigantes que vivem nos picos das altas montanhas. Todos os picos têm em si um gigante. Alguns chamam-lhes «Génios das Neves» e outros «Espíritos das montanhas». Muitos são seres transformados em montes; já que há montanhas que têm um espírito no interior, o qual, por vezes, toma forma humana e aparece como um ome granizo.

— E a deusa? Ela não nos protege?

— Não, não somos assim tão importantes para ela. Só se lhe obedecermos e a respeitarmos poderemos conseguir que nos ajude.

— Como?

— Amanhã, vamos à montanha ver a deusa, e então poderás perguntar-lhe.

—

Nunila olhou bem para a rapariga. — Achas que sou dura contigo, não é verdade?

— Não.

— Deves saber que o mundo não está feito para nós, mulheres, e muito menos para as jovens como tu. Deves aprender depressa e recordar tudo o que te ensino.

Ainda que não acredites, sou a tua protetora.

— De que me proteges?

— Dos homens, de todos, inclusive daquele a quem chamam Deus. Que, como não havia de ser, representam com a imagem de um varão. Ouve bem, nunca confies em nenhum deles, entendido?

— Nunca?

— Num só, podes fazê-lo num só.

— Em quem? — perguntou Eneca, intrigada.

— Saberás quando o vires, já que para ti será diferente dos outros.

— Não entendo. Como saberei?

— Uma mulher sabe, acredita.

O vento parou à meia-noite. Elas saíram ao amanhecer. Artal ficou na gruta e elas subiram por um caminho pedregoso que conduzia a um planalto no

mais profundo do vale. Era um ponto de encontro de pastores, que contava com um abrigo profundo sob a montanha. Não pararam aí. Nunila procurou um ramo seco, quase tão alto como ela, para se apoiar, e prosseguiu pela ladeira, através de um trilho apenas esboçado entre a vegetação. Não era fácil mover-se por ele, mas a mulher parecia conhecê-lo de antemão e avançava sem titubear. Assim prosseguiram durante um bom trecho, até que o Sol se ergueu no ponto mais alto da cúpula celeste e um frondoso bosque de faias e carvalhos lhes bloqueou a passagem. Nunila não se amedrontou diante dele e embrenhou-se na sua imensidão. Eneca seguiu-a, hesitante, e surpreendeu-se ao verificar que não era assim tão profundo, já que, em poucos passos, acederam a uma coluna despida, em cuja base havia uma esbelta rocha, do tamanho de dois homens, cravada na terra. Como se fosse o dente de uma criatura gigantesca.

— Nunca te esqueças de que a deusa é a senhora da tempestade e do granizo, juíza implacável — advertiu Nunila.

— Vou ver a deusa?

— Não, Eneca, é ela quem vai conhecer-te hoje. É importante que saiba quem és. Assim, quando no futuro a invocares, reconhecer-te-á. — Estendeu-lhe a mão. — Aproxima-te da pedra.

A rapariga obedeceu. Dirigiu-se à rocha e pousou as mãos na sua superfície fria.

E então sentiu.

Foi como se uma energia lhe atravessasse o corpo, cada parte dele. Forçou-se a inspirar e, com esforço, tirou as mãos da rocha, tropeçando numa pedra e quase perdendo o equilíbrio. Deu vários passos atrás, sem deixar de olhar para a forma pétrea. Até que umas mãos lhe pousaram nos ombros.

— Calma, estiveste bem.

Regressaram à gruta antes do cair da noite e cearam uma sopa de cebola quente, ainda que Eneca mal tivesse fome, sentia-se tão confusa como

ausente. Talvez por isso não ouviu os ruídos nem pressentiu nada do que estava prestes a acontecer. Foi Nunila quem se levantou de imediato.

— Vamos! Acorda, rapariga! — exclamou, agarrando-a pelo braço para que se levantasse. — Temos de ir para o rio, depressa!

Eneca obedeceu, confusa, entendeu que não era o momento para fazer perguntas e só se preocupou em garantir que Artal as acompanhava.

Deixaram tudo ali e precipitaram-se ladeira abaixo. Uma vez junto ao rio, atravessaram a corrente e, na outra margem, seguiram o curso descendente.

Eneca nunca tinha estado do outro lado e receava perder-se, pelo que avançava colada a Nunila, que não parava de olhar para trás, como se algo a perseguisse.

Chegaram a uma queda-d'água, demasiado alta para saltar dali. Tentaram contorná-la, mas havia muitas pedras soltas, cantos rodados que facilmente se soltavam, com o perigo de cair com eles. Foram mais lentamente, com cuidado.

Assim desceram até ao leito baixo do rio e, aí, em águas mais tranquilas, continuaram a caminhar.

Nunila parou, voltou-se para Eneca, que ia atrás, e fitou-a com o medo nos olhos. Ergueu o olhar e uma flecha cravou-se-lhe no peito, fazendo-a cambalear e retroceder alguns passos. Outra flecha atingiu-a a pouca distância da primeira, e uma mancha de sangue cobriu-lhe as roupas.

— Eneca, foge! — proferiu, com os lábios manchados de sangue. — São bandidos!

Caiu de joelhos e o seu corpo tombou para a frente, ficando com o rosto mergulhado no rio. Artal começou a ladrar, sentindo também o perigo. Uma nova flecha passou perto dela, cravando-se no leito do rio. Eneca desatou a correr enquanto novos projéteis silvavam em redor. Não viu para onde ia, até que pisou em falso e se precipitou por uma nova cascata, esta mais alta do que a primeira. O impacto da queda foi doloroso e pior ainda a corrente

que a arrastou descontroladamente. A água inundou-lhe a boca, afogava-se enquanto choramingava. Até que ficou submersa, como se algo a puxasse, e fez-se noite.

Tudo se tornou penumbra e deixou de se mover, perdeu os sentidos.

Acordou na margem, algo húmido roçava-lhe a cara. Abriu os olhos e encontrou o olhar de Artal a perscrutá-la. Expulsou toda a água que tinha nos pulmões, e uma terrível arcada fê-la vomitar o que tinha no estômago. Estava ensopada, gelada, dorida, mas viva. Foi isso o que primeiro a impressionou. Sim, o seu coração continuava a bater dentro de si.

Como é possível?, perguntou-se. Ergueu o olhar e viu a montanha.

Foi ela, a deusa salvou-me, pensou.

Ao tentar levantar-se, as forças falharam-lhe e caiu de bruços na lama. O cão ladrou, como que a chamar-lhe a atenção pela falta de jeito. Tentou novamente, com mais determinação, e conseguiu erguer-se sobre os pés descalços. Devia ter perdido as alpercatas no rio. Pensou então em Nunila, ela... Ela sim, estava morta, o seu sangue fora derramado e faria agora parte do rio. Ainda não entendia o que acontecera, quem disparara aquelas flechas. Não viu os que a perseguiam, não fazia a mínima ideia de quem tentara matá-la e porquê.

Caminhou, desorientada, mais por instinto do que por algum propósito concreto.

Tiritava, tinha as roupas rasgadas e húmidas, o cabelo emaranhado e os lábios cortados pelo frio.

Então, ouviu um novo som, um som conhecido. Era o toque dos sinos de uma igreja. Ao longe, vislumbrou fios escuros que subiam em direção às nuvens e telhados de palha que pintalgavam a ladeira de uma colina. Artal fitou-a, expectante, parecia intuir a complexidade da situação.

Desceram juntos um caminho sinuoso que parecia levar ao burgo, e assim chegaram a várias casas de madeira e palha rodeadas por uma pequena

vedação onde se abrigava meia dúzia de ovelhas. Mais à frente, havia um caminho

lamacento e, de ambos os lados, casas com paredes de pedra seca. Não deram nem mais um passo, pois dois indivíduos aproximaram-se deles.

— Aonde vais, doce menina? — perguntou o mais barrigudo, de olhos salientes e sobrancelhas espessas. — E os teus pais? Uma mulher como tu não pode andar por aí sozinha. Porque és já toda uma mulher, não é verdade?

— Não é? — repetiu o outro, mais enxuto, enquanto mordida o lábio inferior e esfregava as mãos, enegrecidas.

— Quantos anos tens? — insistiu o primeiro. — Porque não vens connosco?

Artal ladrou-lhes, ameaçador, e manteve-se em guarda, mostrando as presas.

— Shhh, calma, fera, não te ponhas nervoso — disse o homem, desembainhando uma faca afiada —, acho que temos de dar um belo corretivo a este rafeiro.

— O meu pai é Miguel de Xabier e matar-vos-á se lhe fizerdes mal.

— De Xabier, diz a pobre iludida, mentirosa! — jactou-se o corpulento. — A esse, degolaram-no vivo, depois queimaram-no junto com a sua torre e todos os que ali viviam.

— Naaaaão!

— Cala-te, filha do demónio!

— A minha mãe está viva e dar-vos-á uma sova se não me deixais em paz.

— És uma mentirosa! E às meninas más como tu é preciso castigá-las... Anda, vou dar-te das boas!

— O que se passa aqui? — interrompeu uma voz enérgica.

— Não vos intrometais, padre, as crianças órfãs são de quem as encontra.

Podemos vendê-la a bom preço na fronteira.

— Não o fareis. — A voz do homem soou serena e, ao mesmo tempo, ameaçadora. Fitou-os com firmeza, olhando-os de frente. — Tende cuidado, filhos, pois os vossos pecados são já demasiado pesados e o fogo do inferno é

eterno.

— Repito que não é assunto vosso.

— Atreves-te a opor-te a um servo de Deus? Tens consciência do pecado a que te expões? — repreendeu-os o padre, dirigindo-lhes um olhar sinistro.

— Ouve o que ele diz, este padre não me agrada.

— Tens medo de um padre? — zombou o outro.

— Maldição! Viste os olhos dele? Vou-me embora, não contes comigo.

— Eu, no teu lugar, fazia o mesmo que o teu amigo. Não empenhes a alma, ainda estás a tempo de a salvar.

O meliante ficou confuso. Olhou de novo para Eneca. Era tentador o que via nela, mas então ergueu os olhos para o religioso. Tal como antes censurara ao companheiro, agora também ele tinha medo.

— Muito bem, vamos — sussurrou —, mas aviso-vos de que, se não formos nós, serão outros a levá-la — disse, e afastaram-se dali a resmungar.

— Nisso têm razão — sussurrou o sacerdote, para depois contemplar a rapariga, que, apesar das roupas andrajosas, da lama nas faces e do cabelo emaranhado como as sarças, emanava uma luz especial.

Não era bela, não particularmente. As formas de mulher ainda mal se esboçavam e a sua pose era mais a de um rapaz travesso do que a de uma filha da Casa Xabier.

— Porque me olhais dessa maneira? — Eneca não conseguiu segurar mais a língua. — O que queriam aqueles?

— Nada de bom. Entendes o perigo que corres? — A jovem abanou a cabeça em negação. — És realmente filha do antigo senhor de Xabier?

— Sim.

— Está bem. Contar-me-ás mais tarde onde estiveste este tempo todo. Agora,

vamos dar-te roupas novas. Não sei de onde vens, mas tens um aspeto horrível.

— E a minha mãe? — perguntou Eneca, num fio de voz.

— Filha, a tua família já não está connosco. O tenente do Castelo de Xabier e todos os parentes faleceram no ataque. Ou assim se pensava até teres aparecido.

As terras que vos pertenciam foram atribuídas a outro senhor. Todos os que conhecias morreram e, agora, só tu poderias reclamar as terras da tua família. É

um milagre que tenhas salvado a vida e conseguido sobreviver no bosque.

— Fui salva por uma fada.

— Que tipo de blasfémia é essa, menina? Isso não passa de grosseiras superstições ignorantes. Só Jesus Cristo está nas alturas e pode guiar-nos na vida. Ele é todo luz.

— Vive nas estrelas?

— As estrelas são obra sua, tal como tudo o que nos rodeia.

— Tudo?

— Sim, absolutamente tudo. Mas... filha! Nunca foste à igreja? Não te ensinaram quem é Nosso Senhor?

— Sim, mas Deus também criou os homens que mataram os meus pais, não é assim?

— Isso... Isso é complicado, rapariga. Ainda não podes entendê-lo — respondeu ele, hesitante.

— Posso, sim — afirmou ela, com uma certeza imprópria da sua pouca idade.

— É verdade o que dizes sobre teres-te escondido no bosque?

— Sim, com Artal, o meu cão.

— Como te chamas? — O sacerdote aproximou-se mais dela.

— Eneca.

— A partir de agora, não usarás o teu nome e estás ao meu cuidado, obedecer-me-ás em tudo o que eu te disser.

— Descobrir-me-ão.

— Aqui, sim, pelo que partiremos de imediato.

O sacerdote era um homem demasiado magro, com rosto anguloso e de movimentos pausados. Tinha um aspeto fantasmal, parecia um dos mendigos que chegavam a Xabier a pedir caridade ao pai. Eneca fitava-o sem medo. Nem as abruptas feições, nem o seu olhar apagado, nem os longos dedos das mãos, semelhantes a autênticas garras, a atemorizavam.

Não depois de ter visto o demónio atacar o seu lar.

— Tenho uma missão a cumprir. — O sacerdote olhou em volta, verificando que ninguém o espiava, e acariciou um pendente que trazia ao

pescoço.

— Uma missão? — Eneca fitou-o com desconfiança. — Que tipo de missão?

— Uma que espera há anos pela minha chegada e que me ajudarás a levar a cabo.

1 Termo aragonês utilizado para descrever os pequenos lagos montanhosos de

origem glacial situados a grande altitude nos Pirenéus. (N. da T.)

2 Expressão aragonesa utilizada para designar os deuses e gigantes das montanhas que, segundo as crenças pagãs, antigamente habitavam nos Pirenéus.

(N. da T.)

Capítulo Oito

VALE DO RIO GARONA. NOVEMBRO DO ANO 1030

Desceu do cavalo. O escudeiro encarregou-se do animal enquanto ele avançava até uma rocha que dominava uma imensa franja de terreno fértil. A seus pés, uma pequena aldeia, apenas uma dúzia de humildes casas e uma caplela em ruínas. Era difícil conceber que aqueles escombros pudessem servir para rezar a algum deus. Um pequeno número de cabras pastava na ladeira do monte mais próximo, enquanto vários homens aravam uma insignificante parcela de terreno baldio.

Os pés doíam-lhe a cada passo, sobretudo o dedo grande do membro direito.

Também a parte de trás do pé, os joelhos e os tornozelos. Costumava ter ataques de dor de tempos a tempos, desta vez era particularmente dilacerante. Ardia-lhe o pé e tinha a pele vermelha, como se a tivessem chegado ao fogo. O simples toque das botas provoca-lhe um enorme mal-

estar que iria disfarçar até regressar a Pamplona e conseguir o unguento que uma bruxa da judiaria preparava e que aplicava com frequência para aliviar o mal.

Agora, estava longe da capital do reino, numa paragem em terra de ninguém.

Olhou de novo para a pobre aldeia e as tristes ruínas daquela ermida.

— É este o sítio escolhido? — perguntou o mestre de obras lombardo.

— Sim, o rei assim quer — respondeu Lope de Ferrech enquanto dava vários passos, contendo a dor, até chegar a uma saliência de onde se contemplava todo o horizonte até ao sul.

Que diferença do que tinha atrás de si, ante a pobreza da aldeia e das montanhas, os tesouros da Terra Chã, tão perto e ao mesmo tempo tão longe para eles. Eram os muçulmanos os seus senhores; as suas ricas cidades e hortos, os castelos e atalhias, cresciam de boa saúde naquela terra bafejada pela abundância.

— Preciso que cheguem em breve os materiais e os homens que exige — disse o lombardo.

— E assim será, mas dizei-me: como sei que cumprireis com a vossa palavra? —

Lope de Ferrech continuava de olhar perdido na rica terra que se desenhava diante dos seus olhos. — A vossa reputação... julgo não ser necessário que vo-la recorde.

— Construir é o meu destino, e o da minha família há séculos. Mais que os que tem o vosso reino.

— Preciso de mais do que isso para confiar em vós — afirmou Lope de Ferrech sem deixar de examinar o terreno. — Sou um homem pragmático, não acredito em superstições nem em pressentimentos, e muito menos na sorte.

— Sorte? Perdoai, meu senhor, esses luxos e privilégios não são para mim.

Nunca tive sorte na vida, isso posso assegurar-vos.

— E então, como pretendeis que confie o meu futuro a vós? A alguém sem fortuna?

— Porque quando um homem não é acompanhado pela sorte, só lhe resta uma alternativa para ter sucesso.

— Qual? — perguntou Lope de Ferrech, voltando-se pela primeira vez para ele.

— Se não se conta com a sorte do nosso lado, há que ser corajoso.

— Estou a ver. Por isso dizem que a sorte só sorri aos audazes, não?

— Não — respondeu firmemente o lombardo. — Por isso os audazes não necessitam dela para triunfar.

Lope de Ferrech ficou em silêncio, sentindo que devia dizer algo mais, ainda que sem encontrar as palavras adequadas.

— Meu senhor, sejamos sinceros, se o vosso rei me mandou chamar é porque não tendes mais ninguém a quem recorrer. — Diante dele, o nobre manteve uma expressão neutra, sem exhibir qualquer sentimento. — Faltam-vos conhecimentos nestas terras, não encontrareis nenhum edifício digno de destaque nas vossas pequenas povoações. Não tendes cidades, nem grandes mosteiros, nem sumptuosos palácios, nem longevas catedrais. Fomos nós, os lombardos, quem construiu o vosso reino, não vos esqueçais.

— Já tínhamos igrejas antes da vossa chegada.

— De uma nave, pequenas e de altura insignificante, com uma abóbada de meio canhão e portas estreitas, por onde a luz mal consegue entrar. E o que é Deus senão Luz? Como pretendeis que esses templos mal acabados sejam a casa do Senhor?

— Não vos falta razão em tudo isso que dizeis, mas agora, vós, os mestres lombardos, estais a partir das nossas terras — lembrou-lhe Lope de Ferrech —, abandonais as igrejas a meio da construção, os castelos por terminar. Porque fugis? Dizei-me!

— Estais farto de saber, não serei eu a contar-vos. Seja como for, estou aqui.

Não vou a lado nenhum, vou construir o último castelo deste reino.

— E isso deve consolar-me?

— Como vós mesmo dissestes, a minha reputação precede-me. Ninguém confia em mim, porque o faz então o vosso rei Sancho? A não ser, claro, que... não haja mais ninguém para o fazer, não é verdade? Tanto vós como eu sabemos que este não será apenas mais um castelo, não deve servir para defender a vossa frágil fronteira, mas para vos expandirdes sobre as terras dos infiéis.

— Peço-vos que não ponhais na minha boca palavras que eu não disse.

— Nem só os vossos lábios são capazes de falar. Os olhos são, por vezes, mais sinceros do que o som de uma garganta. E agora falemos de coisas importantes para o nosso objetivo comum: podeis garantir-me que me proporcionareis a pedra?

— Sim, mas que cheguem homens para trabalhar não é assunto meu — advertiu Lope, dando dois passos para a direita, deixando um certo espaço entre ele e o interlocutor. Continuava a doer-lhe o pé e aguentava-o com firmeza.

— O rei prometeu terras; virão, claro que sim — disse o lombardo, soltando uma sonora gargalhada. — Os mais desesperados de cada canto dos domínios do reino.

— E isso é bom?

— Seremos porventura melhores? Não necessitais vós tanto como eu que isto se realize? Ou como os que responderão ao chamado? Não vos enganeis, meu senhor, podemos ser de classes diferentes, de reinos distintos, mas temos as mesmas pretensões.

— Calma, a última coisa que desejo neste momento é que vos altereis, lombardo.

E os muçulmanos?

— Essa é outra questão, mas lembrai-vos de que, se não fosse por eles, nada disto faria sentido. — Deu um pequeno pontapé numa pedra solta. — Pelo que, acima de tudo, devemos agradecer-lhes.

— Nunca tal barbaridade me teria ocorrido. — Lope de Ferrech observou o lombardo com uma estranheza enorme. — Dizeis que somos iguais? Julgo que não pode haver pessoas mais distintas do que vós e eu.

— Achais? Diz-se por aí que construir um castelo nesta serra é impossível, uma loucura própria de desesperados.

— Quem o diz? — inquiriu o nobre, desafiador.

— Toda a corte, estamos rodeados de fortalezas muçulmanas, a quatro dias de Wasqa e em território maldito.

— Maldito? — repetiu Lope de Ferrech, insolente. — Não vos assustarão certas histórias de crianças?

— Não, ainda que tenham sempre algo de verdade. Mas não, o que me preocupa é que atemorizem os aldeãos e o resto dos homens que precisamos que venham trabalhar. Seja como for, este castelo é a vontade do rei Sancho, e portanto deve ser feito, ainda que... — Pensou no que ia dizer, para que, ao saírem da boca, as suas palavras fossem fáceis de digerir. — Sei que, em Pamplona, os filhos do rei pensam que se trata de um desvario do pai no inverno do seu reinado.

— Como sabeis?

— Tive tempo de indagar. Há muitos cavaleiros de língua fácil neste reino.

— Isso não é novidade. A ingratidão e a ambição não entendem de territórios.

— Certo. Há algo que não consigo entender. Se os filhos do rei não estão de acordo com a construção deste castelo, como estais vós aqui? É estranho que pretendais ganhar deste modo a inimizade daqueles que em breve reinarão sobre estas terras. — O lombardo soltou um breve grunhido semelhante a uma risada contida. — Há algo que me escondeis, não teríeis vindo aqui se todos os filhos do rei pensassem da mesma forma.

— Deixai-vos de disparates. — Aquelas palavras tinham afetado o espírito do nobre, por mais que tentasse disfarçar. — Centremo-nos no castelo.

— Com certeza, proporcionai-me os meios e encarregar-me-ei de erigir o último castelo do vosso monarca. Uma fortaleza digna de Sua Alteza.

— Não confio em alguém como vós, lombardo — advertiu-o Lope, apontando-lhe o indicador.

— Eu também não o faria, desconfiar de mim é o melhor que podeis fazer neste momento. Tal como eu farei convosco — respondeu ele, passando a mão pelo cabelo grisalho. — Não me agradam os homens que confiam a vida a outros, parecem incapazes de ser responsáveis pela sua, não é verdade?

— Há quem diga que somos todos iguais, grande mentira! Alguns têm honra e pode contar-se com a sua palavra, outros...

— Estais seguro disso? Melhor assim, ainda que, no meu humilde parecer, ache que a única maneira de não sermos traídos por alguém, de que não nos cravem um punhal nas costas, é... Bem, a verdade é que qualquer um pode pregar-nos uma rasteira. A vida é cruel, não faz sentido.

— Quem disse que devia fazer? Seja como for, isso para mim agora é igual —

retorquiu o nobre, taxativo. — Quero que me conteis o que tendes em mente para a fortaleza que deveis construir. Uma torre? De base circular?

— Não, meu senhor, não construiremos uma torre. Ergueremos cinco — afirmou o lombardo com convicção.

— Que dizeis?

— Lembrai-vos de que sou um Magistri Comancini, o sétimo da minha família, venho da terra dos melhores construtores, das margens do lago de Como. Nunca

brinco quando se trata do trabalho. — Apontou um penhasco de pedra calcária perto deles. — Ali em cima, edificaremos a torre mais alta dos Pirenéus, e a seus pés estará a entrada do recinto.

— Para a proteger.

— Não. — O lombardo deslocou a mão para outro ponto do penhasco. — Para defender o acesso, construiremos outra torre junto à porta e, do lado oposto, uma torre gémea. E no outro flanco, uma terceira de menor envergadura. Todas elas configurarão o recinto principal.

— E a nobre?

— A residência do tenente ficará na torre extramuros desse recinto.

— Extramuros! Que sentido faz tal coisa?

— Se os inimigos pretenderem aceder ao interior do castelo, ver-se-ão no meio de fogo cruzado. Assim, a torre mais importante estará fora do recinto principal

— explicou o lombardo enquanto erguia o indicador —, no caminho de acesso, livre, separada da muralha.

— Livre! Que loucura é essa?

— Unir-se-á à torre principal através de uma ponte levadiça à altura do segundo andar.

— O que contais parece... Não sou capaz de entender... — disse, contrariado, Lope de Ferrech. — Sempre se ergueram castelos com uma poderosa torre e agora falais-me de...

— Uma imensa torre que não pôde aguentar ataques contundentes. Devo ser sincero, os vossos castelos atuais não resistem aos cercos planeados pelos muçulmanos. É uma realidade e sabei-lo.

— Conseguimos repeli-los algumas vezes, embora seja verdade que, se atacarem com grandes exércitos, ultrapassam as nossas fortalezas, mas... que castelo pode travar um exército punitivo como os enviados por Córdova?

— Este poderá, garanto-vos.

— Cinco torres... Não sei. — Lope franziu o sobrolho.

— Concordareis comigo em que temos de melhorar o sistema defensivo.

Proponho-vos uma solução. O principal problema de qualquer castelo consiste na proteção ineficaz da entrada e em apostar tudo numa única defesa principal...

— O lombardo postou-se frente ao penhasco onde pretendiam começar a trabalhar. — Por isso, construiremos uma torre independente, que funcionará de forma isolada. Em caso de ataque, levanta-se a ponte e a torre fica desligada do resto da fortaleza. Se atacarem a base, serão facilmente repelidos a partir das outras torres.

— Não sei... não me parece claro.

— Mudará o sistema de defesa, e isso será determinante para repelir os muçulmanos.

— Só quando vir poderei acreditar. E a quinta torre?

— Bem, haverá um segundo recinto menos fortificado. Com uma torre a defender o acesso.

— Dois recintos, cinco torres, não é demasiado?

— Perguntai ao vosso rei, dizei-lhe que o castelo mais transcendental do seu reino é uma obra demasiado complexa. Se mantiverdes a cabeça em cima dos ombros depois disso, voltai cá para mo dizer.

— Prossegui. Como será a torre livre de que me faláveis antes?

— Sendo a nobre, contará com uma lareira para a aquecer no inverno, quando vierdes, e também com uma latrina suspensa, para que nunca tenhais de abandonar a proteção.

— Lombardo, lombardo... Não brinqueis comigo, já vejo por onde quereis levar-me. Cinco torres são demasiadas...

Lope de Ferrech ficou pensativo, observou a paisagem solitária sobre a qual o lombardo efabulava. As montanhas ao fundo, cercadas por uma bruma que parecia perene, como se fizesse parte delas. E sentiu o frio, aquele que penetra nos ossos e não os abandona. Que vem sempre acompanhado por esse sopro de

fumo a sair-lhe da boca todas as manhãs e pelo gelo debaixo dos pés quando percorre os caminhos até Jaca. Junto com o vento frio que nasce a ocidente, capaz de derrubar árvores, que atemoriza os cavalos e prolonga o inverno até passada a Quaresma.

Olhou para sul, para os cultivos que se adivinhavam na Terra Chã, para as praças muçulmanas que os protegiam ao longe, e perdeu a vista nos vales que se precipitavam mais além, onde sabia que se situava a antiga capital da Marca Superior, agora convertida num reino independente. Estava convicto de que não viveriam para sempre entre essas montanhas, que um dia... Era muito cedo para pensar nisso.

— O que vedes, lombardo? O que observais ao olhar para sul?

— Colinas, bosques, vejo rios e também o fumo dos hortos dos vossos inimigos.

— E que mais?

— Não sei, suponho que também cultivos e caminhos criados pelo homem.

— O que vedes é a Terra Chã, e se voltardes a vista para o infinito, continuareis a vê-la. Olheis para onde olhardes, encontrá-la-eis. Territórios férteis, ricos, com belas cidades ligadas por extensas calçadas, moinhos, canais que regam imensos campos, gado como não seríeis capaz de contar. Comerciantes que transportam produtos de todos os cantos do mundo. E se pudésseis subir como um pássaro e sobrevoar os seus palácios, encontraríeis as mais belas mulheres, de nomes impronunciáveis. E se olhásseis mais além, veríeis um rio tão grandioso que homem algum é capaz de o atravessar a nado.

— O Ebro.

— Sim, e a Cidade Branca, Saraqusta.

— Alguns embaixadores asseveram que é a corte mais luxuosa de todos os reinos de infiéis — afirmou o lombardo. — Protegida por uma inigualável muralha de pedra branca, rodeada por extensas e ricas hortas e, no seu interior, tecelagens, ourives e o mais importante mercado de escravos do al-Andalus.

— É a cidade onde as serpentes não podem entrar.

— Como dizeis?

— Nunca ali entram; se se levar para lá uma serpente, esta morre imediatamente

— afirmou Lope de Ferrech, num tom firme. — Dizem que no interior da Cidade Branca existe um talismã contra esses animais demoníacos. Embora outros garantam que a razão para esse facto é que na maior parte das

construções da cidade foi utilizado um mármore que tem a capacidade de afastar as serpentes.

— E vós, o que pensais?

— Quero ver com os próprios olhos, levar uma serpente até à sua muralha e observar o que faz.

— Falta muito para que isso possa acontecer.

— É possível, sou um homem paciente, como o meu pai.

O nobre interrompeu-se por um momento.

— No dia em que colocarmos uma cruz na mesquita maior da Cidade Branca, não pararemos aí. Seguiremos o leito do Ebro até à sua desembocadura.

— Até ao Mare Nostrum.

— Sim — suspirou Lope de Ferrech. — Eles vivem rodeados de riquezas e nós escondidos nas montanhas, como animais. — Cerrou os dentes de raiva. —

Julgais-vos capaz de construir essa fortaleza? Podereis edificar um castelo inexpugnável neste pedaço de terra esquecido por Deus?

— Caso contrário, não estaria aqui, meu senhor.

— Um dia, reinaremos na Terra Chã, e essa data depende da construção deste castelo. Tende isso em conta quando chegar o momento em que vos tremam as pernas e vos falte o fôlego, que chegará, acreditai.

Capítulo Nove

LOARRE. MARÇO DO ANO 1031

Juan afiava as ferramentas com uma pedra de enorme dureza, que adquirira em Pamplona certo dia a um comerciante de peixe. Este, por sua vez,

contara-lhe que a adquirira na judiaria de Narbona. Assegurara-lhe que a superfície não se desgastava e que não havia maneira de a romper. Que duraria tanto que poderia deixá-la aos filhos e aos filhos dos filhos. Por isso, Juan guardava-a como um autêntico tesouro, e no fundo era-o, pois fora com ela que afiara as cunhas, os cinzéis e o martelo com que esperava ganhar a vida naquela aldeia perdida. O

panorama não era aprazível, um assentamento rudimentar numa serra escarpada na estremadura do reino. A olho nu, desprovido de recursos com que se abastecer e em plena fronteira com os muçulmanos.

Que incerto futuro podemos encontrar neste lugar?, questionou-se.

Tinham chegado ali há várias semanas, após terem evitado as patrulhas que vigiavam as imediações de Wasqa, a capital da antiga Marca Extrema, a cidade mais importante a norte da taifa de Saraqusta.

A aldeia rústica onde se encontrava situava-se nos últimos contrafortes antes da planície, junto a uma barreira geográfica que separava a Terra Chã do pequeno vale do rio Garona, antecâmara dos Pirenéus. Uma importante via de comunicação para o reino, relativamente segura para as gentes cristãs que circulavam desde Pamplona, a ocidente, até aos condados de Sobrarbe e Ribagorça, a oriente.

O mais difícil não fora contornar Wasqa, mas sim manter-se a salvo dos vigias da temível Fortaleza de Bolea, que controlavam toda a fronteira ocidental.

Após muitas jornadas de calma, aquele dia na aldeia tinha amanhecido diferente.

A presença de um cavaleiro com uma hoste, pouco numerosa, chamava a atenção. A personagem a cavalo devia ser da nobreza, caso contrário, não era possível explicar o seu séquito, a qualidade da montada e sobretudo as armas. Os camponeses diziam que era um enviado do rei, outros que trabalhava para algum dos seus filhos. As opiniões eram diversas e contraditórias, como não podia deixar de ser. Cada homem parecia ter a sua, copiava a de outro e adornava-a

com características da sua lavra. Parecia que quem não tivesse uma versão não era ninguém em Loarre, dava a impressão de que competiam para ver qual era a mais exagerada.

O certo é que não viera só e que, quando partiu, pois uma personagem assim não pode nem deve estar demasiado tempo com uma chusma como aquela, deixou na aldeia um velho ao comando de quatro peões armados com lorigas e espadas.

Não era um exército, mas chegava e sobrava para manter a ordem frente a uns mortos de fome, suficientemente desesperados para responderem ao apelo para a construção de um suposto castelo num local tão afastado.

Juan não gostava dos homens de armas, achavam-se superiores aos restantes só por servirem um senhor no campo de batalha.

Não os sirvo porventura eu também? Será o suor deles melhor do que o meu?

Neste mundo, distinguiam-se apenas três tipos de homens: os cavaleiros, os que oravam e os que trabalhavam. Tanto se laborava usando a espada como golpeando a pedra.

Um estranho som alertou-o, bem como aos que o rodeavam. Junto às ruínas da igreja, um dos peões, grande como ninguém, batia num desgastado alguidar de metal para chamar a atenção e reunir os presentes. A igreja degradada não tinha nem sino nem paredes. Na verdade, nem padre. Os habitantes estavam inquietos com isso, há meses que não recebiam qualquer ofício religioso. Alguns clamavam, assustados, que iam arder no inferno por não receberem a palavra de Deus durante tantos meses. Até Ele se esquecera da existência daquele lugar.

Loarre tinha fama de maldito, de paragem frequentada por espíritos malignos, bruxas, fadas e seres das montanhas.

Talvez fosse o melhor, talvez até os sarracenos o tivessem também esquecido. E

não lhes faltava razão, se nem sequer o clero se atrevia a ir a um canto tão remoto e perigoso, quem o faria?

Os restos daquela igreja degradada eram os únicos com algum indício de importância, por mais longínqua que esta estivesse no tempo. O velho subiu a um dos muros laterais do templo. Estava no inverno da vida, mas tinha boa presença. Rosto marcado pelos sulcos do tempo, costas retas e, acima de tudo, braços fortes. Movia-se com segurança, embora fosse outro aspeto a chamar a atenção: os olhos. Desmedidos, brilhantes, pareciam os de uma criança da

primeira vez que montava a cavalo. A Juan, surpreendia-o que alguém daquela idade tivesse tanta vida no olhar. Fortún era apenas uma criança e no fundo dos seus olhos não brilhavam tantos sonhos como nos daquele velho.

O peão voltou a bater no alguidar e o homem recriminou-o pela insistência.

Eram exíguos os ali presentes, mas não existia mais ninguém naquele lugar.

Muitos tinham desertado antes de começar, cansados de esperar, desiludidos com o percal que havia. Juan virou-se e não encontrou Fortún, que desaparecera de novo. Amaldiçoou-o várias vezes em silêncio e tornou a amaldiçoá-lo ao ver outros rapazes da mesma idade junto aos pais, atentos às palavras que começavam a retumbar naquela solitária paragem. Estaria com os seus devaneios, a imaginar disparates impossíveis. Sonhar era a única coisa que fazia bem. Cada vez que o observava, temia saber em que pensava. Não podia ser bom ter tantos pássaros a encher-lhe a cabeça. Fortún gostava mais de sonhar a vida do que de a viver.

— Não somos nem melhores nem piores do que ninguém — arrancaram as primeiras palavras, com sotaque estrangeiro, daquele homem de olhos brilhantes.

— Não realizámos nenhuma façanha digna de menção, nem somos mais nem menos cristãos do que os outros. Somos homens, sim. Mas livres, e em liberdade viemos hoje até aqui. — O velho tinha um sotaque peculiar, que transmitia uma certa elegância ao entoar as palavras. — Sou-vos sincero, a

verdade é mais fácil e, em última análise, mais saudável do que mentir. — Muitos riram. — Por isso vos digo que o que vamos fazer aqui é difícil, complicado... temerário até, diriam alguns.

Juan esquecera-se de Fortún e estava atento às palavras, como o resto dos presentes. Não era comum ouvir sermões assim fora da igreja. As fanfarrônicas dos bêbedos, os gritos dos comerciantes, até os juízos dos senhores ante os acusados. Em todos eles estivera presente, mas aquelas palavras eram diferentes.

— O que conseguiremos neste lugar afastado, além de imprescindível para o reino, será heroico. Algo para nos sentirmos orgulhosos, mas o orgulho não se come. E também não se herda, e muito menos se pode fazer negócio com ele.

Por isso, digo-vos que o que vamos construir em Loarre dar-nos-á riqueza, terras férteis onde trabalhar, a vós e aos vossos filhos.

A maioria assentiu com a cabeça e formou-se um murmúrio que o orador tratou de apaziguar, erguendo as mãos.

— É difícil, sim. Já vos disse que sou um homem sincero, mas na vida temos de ser audazes. Garanto-vos que a maioria dos que hoje se riem de nós, escondidos nas montanhas, daqui a uns anos darão o resto da sua insignificante vida, que passarão encolhidos entre o medo e a pobreza, para terem a oportunidade de alterar a sua existência, como faremos nós aqui. Cada homem tem a opção de forjar o seu destino, com trabalho, com esforço e com fé em Deus.

A Juan não lhe faltava nenhuma dessas três premissas, talvez não tivesse sido assim tão má ideia viajar até ali.

— Não desfaleçais, pois, não hesiteis ante as inclemências nem lamenteis o cansaço. — Interrompeu por um momento o discurso para fitar todos os que o rodeavam, para percorrer inclusive o rosto dos peões que tinha atrás de si, e deu um passo em frente, abandonou as ruínas e embrenhou-se entre as gentes, que o rodearam. Amanhã começaremos. Amanhã, daremos início à construção do último castelo da cristandade. A norte daqui, os francos, os

normandos e os saxões ouvirão falar neste castelo. E, a sul, os infiéis temê-lo-ão. Sabei que este não é apenas mais um castelo, este é o castelo de Deus!

Os presentes deram vivas ao mestre de obras, que sem dúvida lhes levantara o moral. Conseguira inculcar o otimismo no meio deles. Ali se congregavam camponeses com enxadas, pastores, pelo menos três carpinteiros como Juan, um ferreiro, uma dúzia de canteiros, vários tecelões, um ceramista, um curtidor e uma boa quadrilha de homens robustos dispostos a carregar qualquer peso por aquela terra montanhosa.

Quando a reunião se dispersou, Juan guardou as ferramentas no alforje e deambulou pelos arredores da aldeia em busca do rapaz. Perguntou a um par de homens e à mulher de um dos ferreiros. Procurou nos estábulos e nas pocilgas e desceu ao riacho de onde se abasteciam de água. Não descobriu onde se escondia Fortún, e amaldiçoou-o de novo.

Quando regressava à aldeia, ergueu o olhar sobre os penhascos onde no dia seguinte começariam as obras, e ali estava ele. A sua silhueta recortava-se contra o horizonte. De pé, em vez de contemplar a ansiada Terra Chã, fitava as dobras rochosas do local.

— Fortún! Por Deus! Onde foi que te meteste?

— Olá, pai, estava com...

— O quê? Não quero ouvir-te mais, vamos! Desce, que amanhã espera-nos uma longa jornada. Todos a ouvir o mestre de obras, e tu aqui, como sempre, a pensar em disparates!

Ia a bater-lhe quando se deu conta de que Fortún era já mais alto do que ele e, sem saber bem porquê, parou. Pela primeira vez, reparou como crescera e, no entanto, continuava a fazer as diabruras de quando era pequeno. Tinha de o emendar, devia fazer dele um homem de proveito, ou acabaria como servo de algum senhor do Norte. Havia em Fortún algo que o atemorizava, e eram esses profundos silêncios que tão habitualmente professava. Não eram silêncios normais, de timidez, ou de momentos em que nada há a dizer. Eram silêncios em que se podia sentir que a cabeça do rapaz se

tornava um fervedouro, que lhe transbordavam pensamentos dos olhos. Só não sabia se a sua natureza era benévola. Juan ouvira histórias sobre homens que perdiam o juízo de um dia para o outro. De pessoas que, de tanto pensar, ficavam mal da cabeça. Por isso, temia o comportamento de Fortún, esses silêncios não podiam ser bons.

— Amanhã levantamo-nos ao amanhecer, quero que sejamos os primeiros a chegar às obras, entendido?

— Sim, pai.

Juan estava convencido de que fariam fortuna ali. Conhecia todos os segredos da madeira, e a sua maior esperança era que Fortún os aprendesse. Ensinara-lhe como se devia cortar as árvores, fazendo um corte a meio do tronco até à medula e deixando-a assim, a fim de ir secando e de a seiva cair gota a gota. Deste modo, o líquido nocivo, mais próximo do tutano, não se corrompia lá dentro nem estragava a qualidade da madeira. Repetira-lhe mil vezes que quando a árvore estivesse seca, e sem uma gota de humidade, era o momento certo para a derrubar, sendo então excelente para a construção.

Também lhe falara dos diversos tipos de madeira, já que as diferentes árvores ofereciam propriedades distintas. O carvalho, o olmo, o choupo, o cipreste, o abeto, proporcionavam uma madeira adequada para a construção. Mas nenhuma árvore possuía as mesmas qualidades que as outras.

Para Juan, a azinheira era a que tinha melhores propriedades para a construção, pois contava com uma combinação adequada dos quatro princípios. Ainda que, se fosse plantada num sítio húmido, ao receber água pelos poros, perdia o ar e o

fogo e ficava estragada, arruinada pelo excesso de humidade.

Com todos os seus conhecimentos, o carpinteiro estava certo de que em breve conseguiriam obter frutos do seu trabalho.

— Descansa, Fortún, a partir de agora a nossa sorte vai mudar, forjaremos o nosso destino.

Antes do nascer do sol, Juan endireitou-se na incómoda enxerga, lavou a cara e as mãos e pegou nas ferramentas. Orvalhara, a terra ainda estava húmida e o sol parecia preguiçoso, como se se tivesse embriagado durante a noite. Dirigiu-se, juntamente com Fortún, que ainda bocejava, ao alto do penhasco que se erguia sobre a povoação, e aí deparou-se com meia dúzia de homens preparados para o trabalho.

Amaldiçoou a sua sorte, não eram os primeiros.

O velho no comando mostrava-se radiante. Dividiu os voluntários em três grupos. No primeiro, colocou os mais fortes; no segundo, os que tinham algum ofício e experiência; e no terceiro, os mais velhos, os que não tinham habilidades e as mulheres e crianças. Juan e Fortún juntaram-se ao segundo grupo e o mestre de obras dirigiu-se a eles, interessando-se pelo que sabiam fazer, atribuindo-lhes de imediato um trabalho específico.

— Carpinteiro, o teu filho... — Ficou a olhar, intrigado, para o rapaz que se mantinha calado e como que ausente. — É alto, mas débil e parece pouco espevitado.

Fortún manteve os lábios selados, ante a expressão de desespero do pai.

— Perdoai-lhe, é lento a responder. Ensinei-lhe o ofício, pode ser um bom ajudante.

— Não preciso de ajudantes de carpinteiro. Que mais sabes fazer, rapaz?

Fortún continuava mudo, enquanto os nervos do pai o atormentavam.

— Pode fazer qualquer coisa, ainda é dócil e...

— Silêncio! Estou a falar com ele. — Dois peões aproximaram-se para dar mais

autoridade àquelas palavras. — Diz-me, em que podes ajudar? Na minha obra, não quero malucos nem molengões.

— Nem sequer sabe falar — murmurou um dos peões armados.

— Basta! — advertiu o mestre de obras. — Esse rapaz é um inútil, não quero voltar a vê-lo.

— Esperai, meu senhor, perdoai-lhe.

— Já tem idade para ser responsável pelos seus atos e pelas suas palavras, ou a ausência delas.

— Deixai-o ajudar-me.

— Como te atreves a contradizer-me?

— Peço-vos, deixai-nos trabalhar — disse Juan, ajoelhando-se diante do mestre de obras. — Farei o que me pedirdes.

— Levanta-te, não penso perder mais tempo. Devo desenhar a planta do castelo sobre o terreno.

— Eu faço isso.

— Que diabos dizes, carpinteiro?

— Desenharei o vosso castelo neste solo — afirmou Juan, para surpresa de todos.

Fez-se um silêncio incrédulo, e o tempo pareceu parar, pois ninguém reagia.

Aquelas palavras embatucaram-se na mente dos presentes e só as risadas dos peões quebraram o feitiço. Entretanto, Juan, com o rosto desfigurado, sentia-se como se alguém lhe tivesse cravado um punhal no meio do peito. E lembrou-se da mulher, e sentiu de novo a sua falta, dessa vez mais do que nunca.

— Tu não saberias nem desenhar um círculo — espetou alguém do primeiro grupo de trabalhadores.

— Já me tinham dito que a teimosia é típica destas terras, mas nunca pensei que

podia chegar a tal extremo...

— Fá-lo-ei, mas permiti que eu e o meu filho trabalhemos nas obras do castelo.

— Bem — suspirou o lombardo —, vejamos do que és capaz, carpinteiro.

Desenha-me um recinto retangular de duzentos pés de comprimento por cem de largura.

As últimas palavras surpreenderam os presentes e fez-se silêncio, um silêncio pesado, desses que estão cheios de palavras que não se pronunciam e que ficam presas na garganta a engasgar-nos. Um que deseja ser breve, mas que pode durar uma eternidade e que só se rasga com o gume de uma frase.

— Quando?

— Agora mesmo.

Capítulo Dez

LOARRE. MARÇO DO ANO 1031

Homens e mulheres murmuravam em redor de Juan. Fortún, ao seu lado, continuava atormentado, de pé na zona rochosa onde se decidira construir a fortaleza. O público começou a gritar-lhes e a zombaria tornou-se mais grotesca e ofensiva. Juan perscrutou o terreno debaixo dos pés, tratava-se de solo rochoso e irregular, com pedras salientes que dificultavam a caminhada.

— Vais começar hoje? — perguntou o lombardo. — Porque temos muito que fazer. Carpinteiro, nesta vida, se não és capaz de manter a palavra, não vales nada.

— Filho, preciso da tua ajuda.

Fortún não conseguia dobrar os braços, não podia mexer um único músculo.

Tinha a garganta tão seca que não se atrevia sequer a tentar pronunciar uma frase. Os olhares daqueles homens intimidavam-nos, rudes e sujos, com pupilas transbordantes de malícia, dentaduras incompletas, cicatrizes que lhes percorriam os rostos, andrajosos, com as unhas enegrecidas do trabalho. Gente que pouco mais parecia do que animais, mais perigosa do que qualquer besta do bosque, e decerto mais cruel. Assediado pelos olhares, não encontrava coragem e olhou para o céu em busca de auxílio. Fosse como fosse, se nunca o encontrara, porque haveria de o fazer agora?

Também as mulheres observavam, todavia, com mais desprezo do que os maridos. Murmuravam e riam-se, riam-se sem parar, um riso trocista, uma gargalhada sonora e sibilante, cheia de fétido rancor. Um sentimento acumulado durante anos de submissão e que descarregavam agora contra o primeiro infeliz que se lhes deparava, ainda que o pobre não tivesse culpa dos seus males.

Mas não todas.

Para surpresa de Fortún, havia uma que se mantinha calada. Teve de se fixar novamente naquela figura para se assegurar de que era ela e de que aquele azul tão intenso procedia, de facto, dos seus olhos. Tinha o cabelo comprido e selvagem, preso num rabo de cavalo, e a pele tão branca como a neve. A jovem

não o fitava como as demais, não murmurava como as velhas, nem se ria como as mulheres dos camponeses.

Não, não era como elas.

Fortún deixou de percorrer os rostos anónimos que o increpavam e concentrou-se apenas naqueles olhos. Os demais desapareceram e foi como se só ela estivesse ali com ele. Os seus músculos relaxaram, voltou a engolir em seco e sentiu a garganta menos apertada. Quem esqueceria uma criatura assim?

Era a arqueira que lhes salvara a vida, a mulher mais bela que os seus olhos haviam contemplado. Tanto que não teria sido capaz de imaginar alguém tão belo e, em contrapartida, agora jamais poderia esquecê-la.

A jovem cobriu-se com o capuz da capa, escondendo o rosto.

Não podia deixá-la ir.

— Uma corda — Fortún não ouvia. — Acorda, filho! Preciso de dois palmos de corda, já!

Finalmente reagiu e perguntou aos que o rodeavam. Olharam uns para os outros, mas ninguém parecia entendê-lo, como se falasse noutra língua, um idioma estrangeiro.

— Toma, rapaz — reagiu um dos mais jovens, com peles de ovelha por cima dos ombros, como costumam usar os pastores do vale.

Fortún pegou-lhe e procurou o pai, que, por essa altura, estava já numa das improvisadas oficinas de madeira acabadas de construir. Tomou várias ferramentas e madeiras e, sobre uma mesa de trabalho, formou uma cruz com os braços em esquadro.

— A corda, filho. — Fortún passou-lha. — E quatro prumos do mesmo peso, rápido!

Fortún virou-se para a multidão e começou a gritar aquilo de que precisava.

Passado pouco tempo, o mesmo jovem de antes fez-lhe sinal com a mão e indicou-lhe o canto da oficina onde estavam os prumos. Quando os levou ao pai, este pendurou-os dos extremos, para depois começar a preparar um pé que

utilizou para segurar a cruz num plano horizontal.

Juan agarrou na sua criação e levou-a até ao topo do penhasco onde deviam começar os trabalhos. Pediu que três homens, entre eles o jovem pastor, pegassem em bandeiras que fizeram com saias velhas e que colocaram a determinadas distâncias dele, enquanto exigia a Fortún que vigiasse os prumos.

Procurou uma zona de terra mais ou menos plana, entre as rochas. Pegou numa faca e esboçou algumas linhas com a ponta. Assim, Juan foi

desenhando ângulos que alinhava de forma perpendicular a partir de uma linha-base.

— Vejo que sabes utilizar a groma — interrompeu-o o mestre de obras. — Onde aprendeste?

Juan utilizara-a anos antes, na construção de uma igreja. O mestre de obras explicara-lhe como funcionava e deixara-o experimentá-la durante um dia.

Embora agora a usasse de forma inexperiente e desajeitada, julgou encontrar forma de ajustar os ângulos. Se a vista não o enganava, estava a conseguir desenhar a planta que o mestre lhe exigira.

Mediu ele mesmo os passos, para se certificar de que os lados eram idênticos.

Quando teve a certeza, pegou num carreto de fio e uniu todos os pontos. Sobre o terreno montanhoso, ficou desenhada a planta do castelo.

Satisfeito, dirigiu-se ao local onde o lombardo aguardava com um jarro de vinho nas mãos. Ficaram ambos em silêncio, a observar-se. O lombardo deu um longo trago, lambeu os lábios e estendeu o braço para oferecer o vinho ao carpinteiro, que bebeu com gosto do vasilhame.

— Muito bem, talvez me tenha enganado a teu respeito — admitiu o lombardo, sorridente, pousando a mão sobre o ombro de Juan. — É suficiente, passaste no teste — disse bem alto para que todos o ouvissem. — É de gente assim que preciso! E agora voltai ao trabalho, temos um castelo para construir.

— Não imaginais o quanto vos estou grato.

— Acaba o que começaste. — O lombardo acompanhou-o ao local de trabalho.

— Agora, debes traçar uma segunda linha e balizá-la, e depois fazer o mesmo com outra paralela à primeira que traçaste.

— Assim farei. — Juan exultava de alegria.

— A groma serve para uma aproximação, mas não é suficientemente precisa. E o vento afeta-a demasiado, afeta-nos a todos, infelizmente.

— E como se soluciona?

— Simples, para medir o terreno, tudo se limita ao mesmo problema, fazer triângulos.

— Triângulos?

— Isso, a extensão de qualquer terreno pode ser reduzida a triângulos — salientou o lombardo.

Juan tentou imaginar todos os triângulos de que foi capaz, mas mesmo assim não conseguiu visualizar o que fazer com eles.

O lombardo deixou o carpinteiro e perscrutou Fortún, que continuava em silêncio. O rapaz parecia despistado, como se procurasse alguém entre os que os rodeavam. Não parava de mover os olhos. Um olhar que, por outro lado, em nada fazia recordar o do pai.

Analisou-os, eram parecidos, mas bem pouco.

O mestre de obras seguiu o olhar do rapaz. As pessoas tinham regressado aos afazeres, mas Fortún continuava à procura no meio deles.

De quem?, perguntou-se o lombardo.

Até que distinguiu uns olhos azulados, tão intensos que tentavam esconder-se no anonimato.

Então entendeu.

Era fácil pensar que ali havia gente de todos os passados e condições, quem mais acorreria a um local tão perigoso? O lombardo abriu caminho até chegar ao encapuzado que Fortún fitava.

— Quem és tu? Quero ver-te bem o rosto.

Não respondeu, manteve-se cabisbaixo.

— Não me ouviste? Tira o capuz!

Os homens de armas surgiram de imediato para cercar o indivíduo e o resto da multidão voltou a gerar tumulto. Ainda que, desta vez, ninguém entendesse bem o que se passava.

— Repeti-lo-ei pela última vez, deixa-me ver o teu rosto.

O silêncio cobriu aquela longínqua paisagem da fronteira, no preciso momento em que um francelho sulcava o céu sobre as suas cabeças.

O encapuzado levou as mãos à cabeça e caiu-lhe o anonimato. Um suspiro de surpresa percorreu o rosto dos presentes, menos do lombardo, que sorriu com orgulho.

— Chamo-me Ava — disse, mostrando uma longa cabeleira e uns olhos tão azuis que metiam medo.

— Uma mulher vestida como homem.

— Sou arqueira e venho juntar-me à guarda do castelo — explicou, deixando ver o arco que trazia ao ombro e as flechas à cintura.

— Mulher e arqueira, que grande surpresa! Temo que esse posto seja apenas para varões.

— As flechas não entendem de quem as lança.

— Lamento duvidar, mas uma mulher não é tão destra como um...

— Ponde-me à prova como a esse carpinteiro.

— Por favor, não me faças rir... — pigarreou o velho lombardo.

— Porquê? Tal como o carpinteiro, deixai mostrar-vos aquilo de que sou capaz e então podereis decidir em conformidade.

— Não é comparável o que me pedes.

— Claro que é!

Um murmúrio de assombro percorreu os rostos de Loarre. O mestre de obras mudou de expressão, não pareceu agradar-lhe aquela argúcia. Não contava com aquilo, e muito menos de uma mulher. Nem sequer isso! Uma simples rapariga ousada, ainda que de uma beleza selvagem e perturbadora.

— Como queiras. Vamos então comprová-lo, arqueira — disse, virando-lhe as costas. — Filho do carpinteiro, já te arranjei alguma utilidade. Dá cem passos em direção àquela rocha saliente e para aí.

Fortún hesitou em obedecer, mas o olhar do pai tirou-lhe as dúvidas e ele percorreu a distância, parando onde lhe haviam indicado.

— Quero uma das tuas flechas ali: se ficar a mais de dois pés do rapaz, trabalharás na preparação da comida, e se o matares... será a força o teu destino.

Tens a certeza de que queres continuar?

A jovem pegou numa das flechas que trazia penduradas à cintura. Passou o arco pela cabeça, esticou a corda e pôs-lhe o entalhe por cima, deixando que a corda entrasse no encaixe. Esticou o braço até o pulso lhe ultrapassar o ombro. Numa exibição de perícia, manteve-a retesada por alguns instantes e soltou-a. Não houve ninguém naquele local que não sustivesse a respiração e que não seguisse com o olhar o trajeto do projétil até que caiu entre os dois pés de Fortún. Com o entalhe a abanar-lhe contra o joelho direito.

Não houve murmúrios nem exclamações, só assombro.

— Preciso de outra flecha, rapariga — disparou o velho mestre. — Tu! Afasta-te outros cem passos.

Os olhares regressaram à jovem arqueira enquanto Fortún parava a duzentos passos. A jovem, sem que a expressão do seu rosto se alterasse, esticou novamente o arco. Desta vez, não disparou tão depressa, tornou a espera mais lenta, e isso impacientou os presentes, que se resignaram a vê-la falhar.

Disparou.

Cravou a flecha novamente entre os pés de Fortún.

— Rapaz! Mais cem passos.

Fortún contou lentamente para não se enganar. Parou e, antes de erguer o olhar, uma flecha voou sobre aquele terreno selvagem e cravou-se a escassas polegadas da sua bota. Seguiu-se-lhe outra e outra, e ainda mais duas. Até ficar quase cercado.

— É suficiente? — perguntou ela, olhando, desafiadora, para o lombardo.

— Nunca é — respondeu ele, impassível. — Trabalharás na cozinha. Era só o que me faltava, uma mulher como tu perto dos meus homens.

A jovem emudeceu e a sua mão foi direita ao entalhe de uma das suas flechas, mas os peões fizeram menção de puxar das espadas. Olhou em volta, os rostos fitavam-na com uma mistura de medo e de fascínio. E as mulheres eram ainda piores, perscrutavam-na como se fosse um fruto defeituoso, algo que não devia existir.

— Eu não sirvo ninguém. Procurai outra que cozinhe para vós.

Largou a flecha, voltou a pôr o capuz da garnacha e deu meia volta.

— Somos poucos homens de armas, não podemos perder uma arqueira como ela

— murmurou um dos peões.

O lombardo fitou-a, pensativo, e sentenciou:

— Pouco me importa, é mulher.

Capítulo Onze

LOARRE. ABRIL DO ANO 1031

A primeira manhã em que Juan e Fortún trabalharam em Loarre foi produtiva. O

lombardo revelou-se um duro mestre de obras. Não permitia descansos nem distrações, dominava com mão firme os mais revoltosos, nada escapava ao seu controlo e era sumamente exigente, sobretudo com os canteiros. Estes duvidavam e protestavam, utilizando uma língua que nem Juan nem Fortún entendiam. O lombardo não se deixava intimidar e geravam-se discussões que acabavam com maus modos, mas que não evitavam que todos colaborassem.

Os canteiros eram uma dúzia. Aparentemente, vinham do Languedoque, do outro lado dos Pirenéus, e o seu trabalho era o mais importante. Formavam um grupo à parte dos restantes, que olhavam com um certo ar de superioridade.

Trabalhavam sem descanso, mas não deixavam de criar problemas e de discutir com o lombardo.

A pedra prometida pelo rei e confirmada por Lope de Ferrech, nomeado tenente do Castelo de Loarre apesar de ainda não terem sido edificados sequer os alicerces, não chegou em quantidade nem qualidade suficientes.

O lombardo deu ordens para que perfurassem a rocha-mãe do penhasco onde ia assentar o castelo. Aplanando a superfície e obtendo pedra como matéria-prima para fabricar silhares.

— Assim não vamos bem — advertiu um dos canteiros vindos de Carcassone

—, levar-nos-á demasiado tempo, não vale a pena um esforço desses.

— Isso decido eu. — O lombardo não pensava dar o braço a torcer.

— Pagais-me por cada silhar que fabrico, mas esta pedra é calcário. Tendes consciência do tempo que é necessário para a talhar?

— Claro que sim, com quem pensas que estás a falar?

— Então que quereis que façamos? Trazei-nos arenito ou outra pedra mais mole e tudo correrá bem. O calcário destas montanhas é demasiado duro para esculpir

pelas quatro faces, não é rentável.

— Talhai-o só pela face visível.

— Que dizeis?

— O resto pouco me importa, usamos mais argamassa para as juntas, e já está.

Fim do problema, vamos trabalhar! — ordenou o lombardo.

— Ainda assim, é preciso dar-lhe forma, repito: não vale a pena.

— Sou eu a decidir o que vale ou não a pena aqui, que isso fique bem claro para todos.

Juan e Fortún trabalhavam longe do perímetro do castelo, na zona mais próxima da aldeia. Juan seccionava o tronco em quartos antes de o cortar em tábuas, devendo verificar que o grão ficava em linhas retas paralelas. Assim, as tábuas não se deformariam com as mudanças de humidade. A casca devia ser reta para que as linhas perpendiculares aos anéis de crescimento, de aspeto brilhante, corressem diretamente de fora para o centro da árvore.

— Fortún, tira o alburno, essa madeira exterior de cor mais clara. É a parte da árvore onde flui a água e a seiva. Armazena humidade e comprimir-se-á quando secar.

— Sim, pai.

— O teu filho parece mais concentrado — observou um dos carpinteiros, um homem com barba desigual, que lhe deixava espaços nas faces, e com a testa enrugada como a de um velho.

— É conforme lhe dá, acho que as obras do castelo o atraem.

— Esperemos que valham a pena, o lombardo... — olhou em volta, precavido.

— Não me agradam os da sua terra. Gente estranha, muito reservada. Esse nunca te dirá nem como veste a saia de manhã. Desconfiam de todos, guardam os conhecimentos como se de ouro se tratasse.

— Assim o dizem, mas terá algum ajudante, alguém que o auxilie a coordenar tudo.

— Os teus olhos não o verão, esses têm medo de todos. O lombardo não tem aprendiz, absolutamente ninguém.

A acumulação de tábuas para as fases posteriores da construção ia a bom ritmo, a construção dos alicerces nem tanto, já que o terreno calcário era difícil de trabalhar. Como a obra de pedra nunca mais arrancava, os carpinteiros tiveram de diminuir a carga para não amontoarem material sem sentido. E, assim que o pai se descuidou, Fortún aproveitou para escapar à vigilância.

Tinha uma obsessão em mente: encontrar a arqueira, que não voltara a ver desde o dia das flechas. Percorreu a aldeia, mas não teve sorte. Desceu ao rio e deambulou pelo local do castelo sem a encontrar. Por isso, regressou às oficinas.

— Rapaz!

Fortún virou-se, fora chamado por uma mulher. Conhecia-a, era a esposa de um dos ferreiros.

— Ajuda-me. Que não posso com este alguidar sozinha.

Fortún ajudou-a a levá-lo para junto de uma fogueira onde as mulheres cozinhavam. Dentro do caldeirão, havia sopa, que, a julgar pelo cheiro, era de cebola com alguma carne.

— Grande azáfama trazeis no castelo. Quando isto estiver quente, vem cá, que dou-te uma tigela.

— Obrigado, senhora.

— De nada. És o filho do carpinteiro? Aquele contra quem a rapariga disparou tantas flechas? Olha que passei um mau bocado quando te vi ali sozinho, com flechas a cair-te à volta. — Levou a mão ao peito. — Menos mal que não te aconteceu nada!

— Sim, tive muita sorte. Escutai, senhora, não a tereis visto?

— A quem? A essa magricelas? Não — disse ela, rindo-se. — Não me digas que... Anda! Tem cuidado com ela, que não é nenhuma santa, e é muito milho para um frango como tu.

— Porque dizeis isso?

— Porque conheço os homens, mandril. A essa não lhe vão faltar pretendentes, mas... dos de olá e adeus! E tu — olhou-o de soslaio —, ou mudas um pouco, ou melhor, muito, ou parece-me que pouco tens que fazer.

— O meu pai é carpinteiro, diz que nos daremos bem em Loarre.

— É otimista, disso não duvido. Mas a rapariga que procuras é a melhor caçadora de toda a serra e dá com os homens em malucos com aqueles olhos.

Vive escondida no bosque, ninguém sabe onde. Muitos se embrenham por lá à procura dela e ninguém consegue encontrá-la — observou, em jeito de confidência. — Afasta-te dela, não te convém.

Embora não houvesse padre, os domingos eram dias feriados e os trabalhadores juntavam-se para rezar à volta das ruínas da igreja. Momento que aproveitavam para se lamentarem pela ausência de um pároco. O

lombardo pedia paciência, em breve enviariam um do Mosteiro de San Juan de la Peña. Não havendo ofício, sobrava muito tempo livre, e cada um empregava-o a seu gosto. Juan e Fortún aproveitaram para trabalhar na sua cabana. As casas eram simples, mas da de um carpinteiro esperava-se que contasse ao menos com boas vigas e móveis esculpidos. Assim, dedicaram o domingo a melhorá-la o mais possível, ou pelo menos tentaram.

— Pai, quando colocarão as primeiras fiadas de pedra?

— Não sei, suponho que não demorará.

— Saberias construir um castelo?

— Não, filho, sou só carpinteiro.

— Eu acho que sim.

— Como dizes? — Juan não acreditou no que ouvia. — Não digas disparates.

— A mãe dizia que...

— A tua mãe morreu quando tinhas dois anos, não podes lembrar-te do que te dizia, entendido? — murmurou ele, zangado.

— Mas lembro-me, sim.

— Já disse que não! E não se fala mais nisso. — Cerrou os dentes, e o seu rosto encheu-se de raiva. — Odeio quando te portas assim. Porquê? Porque tens de o fazer?

— Eu não fiz nada, só...

— Cala-te! — Levou as mãos à cabeça, aturdido. — Não quero que voltes a falar na tua mãe, nunca mais.

Juan levantou-se e saiu de casa a caminho da zona de construção. Subiu ao topo e daí olhou para os alicerces. Sentou-se numa rocha e ali ficou em silêncio durante muito tempo, sem erguer o olhar.

— Que fazes aqui? — perguntou alguém atrás dele.

— O que me apetece, não posso...? — Virou-se e deparou com o lombardo.

Perdoai-me, não sabia que éreis vós.

— Está bem, não te preocupes. Responde à pergunta.

— É um bom lugar para pensar.

— Pensar? Não é algo que se faça com frequência. Conheço homens que se gabam de atuar, mas nunca de pensar — comentou pausadamente. — E em que pensas, carpinteiro?

— No meu filho.

— Os filhos têm isso, dão muitas dores de cabeça. É como este castelo, ao fim e ao cabo, agora é só um bebé, nem isso. Não tem forma nem alicerces, trata-se de uma ideia na minha cabeça. De facto, se eu morresse agora, nunca seria construído, e no entanto...

— O quê? E no entanto o quê?

— Não paro de pensar nele, como tu no teu filho — respondeu o lombardo.

Tememos sempre que um filho não cresça como esperamos, que, quando chegar à idade adulta, não seja como desejamos. É frequente acontecer, não é verdade?

— Assim é.

— Com este castelo, passa-se o mesmo.

Semanas após o início das obras, foram colocados os primeiros blocos de pedra.

Foi todo um acontecimento ver erguer aquelas rochas colossais que deviam suportar o máximo esforço e que, por sua vez, eram as mais pesadas. Para as levantar, foi necessária uma enorme quantidade de homens. Eram de cor cinzento-escuro, como a montanha com a qual se mimetizavam.

Para as esculpir, os canteiros golpeavam-nas com esmero, e a rocha resistia, orgulhosa e firme. As primeiras lascas não saltavam senão após vários golpes, pelo que o ritmo era lento, o esforço tremendo e os resultados escassos.

Finalmente, o lombardo claudicou ante as exigências dos canteiros francos e optou por enviar um mensageiro a Lope de Ferrech, tenente do castelo. O nobre era difícil de localizar e a resposta tardou. Assim, cansado de esperar, tentou com o rei, a quem enviou um pergaminho a explicar a situação, os atrasos e as promessas por cumprir. Precisava de pedra mais fácil de talhar, não podia continuar a utilizar o calcário de Loarre.

Também o monarca não respondeu, os dias passaram e os silhares fabricados permitiam apenas erguer a base da torre exterior que defenderia o primeiro recinto do castelo. O lombardo desenhara-a decrescente, em forma de tronco cónico. Pelo que estava dotada de um ligeiro afastamento, pouco visível da parte frontal e mais evidente a partir do flanco oriental. Os silhares eram irregulares e esculpidos numa só face, como ordenara para tentar ganhar tempo. Erguidas dez fiadas da torre, prosseguiram com a muralha sem chegarem a fechá-la, deixando a torre inacabada.

O trabalho das semanas seguintes concentrou-se na muralha, tentando abarcar toda a frente oriental. Ainda que, por mais esforço que lhe dedicassem, os silhares continuassem a ser fabricados a conta-gotas. Tanto assim era, que um dia o lombardo se indignou e mandou parar as obras.

Fechou-se numa casa de madeira edificada expressamente para ele, modesta no exterior, mas que dispunha de um interior amplo onde foi colocada uma longa mesa de trabalho.

Desfez-se das roupagens até ficar só com uma saia cingida à cintura por uma correia de couro. O lombardo nunca acendia uma fogueira lá dentro, por medo de que uma brasa ou faísca provocassem um incêndio e afetassem

os seus pergaminhos e desenhos. Estes estavam divididos por todos os cantos do espaço, pendurados das paredes, na mesa, na cama, até no chão. Mas não eram eles o que mais chamava a atenção ali dentro, mas sim um livro encadernado em pele que repousava sobre um atril na zona mais luminosa.

Se aquele lugar fosse uma igreja, não se duvidaria que se tratava de uma Bíblia.

Mas ali, no meio de tal desordem, não havia meio de saber o que poderia ser.

Ainda que as lombadas estivessem desgastadas, a encadernação era de tão boa qualidade que resistia com orgulho às marcas do uso.

O lombardo estava abatido, as frustrações devido à obra pesavam-lhe mais do que os abundantes anos. Sim, era já velho, a juventude, o casamento, os filhos —

todos mortos antes dele — e amigos estavam já tão lá para trás que às vezes duvidava de que tivessem sido reais. Diz-se que não se morre de todo enquanto alguém nos recordar neste mundo.

Mas o que acontece quando, ainda vivo, já ninguém se recorda de nós?, perguntou-se.

Lembrar-se, não se lembrava nem do nome. Há tanto tempo que não o ouvia ser pronunciado que até quando ele o fazia lhe soava estranho. Como se não tivesse já nada que ver com a sua pessoa. Aquele nome esquecido era de outra existência; feliz e bela, mas também curta e distante.

Para enfrentar as penas e os anos, nada melhor do que o vinho. Só por o desprezarem, os infiéis mereciam ser castigados.

«Como é possível renegar um prazer assim?», perguntou aos fantasmas que rondavam a sua solidão.

O lombardo não era um homem melancólico, nada disso. Era um mestre de obras, e dos melhores. O fracasso é que o fazia evocar o passado, e a única forma de o evitar passava por solucionar os problemas de construção daquele

castelo.

Decidiu concentrar-se neles e procurar forma de avançar apesar dos contratemplos. Conhecia melhor do que ninguém a dificuldade de talhar uma pedra dura como o calcário. Que outra opção tenho, se não disponho de material mais maleável?

Os lombardos eram mestres no uso do tijolo, capazes de construir edifícios enormes com esse material tão pouco nobre. Não podia, porém, ser utilizado em Loarre, não havia nem terra adequada, nem fornos, nem pessoal qualificado para os utilizar.

Se não podia usar tijolos de barro cozido nem pedra calcária... O que me resta?

O arenito a que tinham acesso nas pedreiras mais próximas era de péssima qualidade, tornando-se impossível fazer bons silhares com ele. Continuava a dar voltas à cabeça, a beber vinho e a pensar no pai e no pai do pai. O que fariam eles? Obviamente que fabricar tijolo, mas... como?, questionava-se uma e outra vez.

Com as obras paralisadas, chegou o inverno, pelo que também nos meses seguintes não se trabalharia. Tal como os animais do bosque, as gentes de Loarre hibernaram nas suas casas, desanimadas e frustradas pela lentidão da construção do castelo e receosas de que o lombardo as abandonasse, tal como se dizia que os seus companheiros haviam feito noutros locais do reino.

Numa manhã de fevereiro, desesperado e abatido, e também sem vinho, o lombardo saiu da reclusão da cabana de madeira. Caminhou durante um bom bocado até um veio de arenito. Não era de grandes dimensões, o que não tinha importância, pois o material era o mesmo das pedreiras maiores que havia ali em volta. Parado, observou uma rocha que se soltara do

núcleo principal. Ao cair, partira-se em várias lascas, umas irregulares, outras mais planas e alongadas.

Pegou num destes últimos pedaços. Media uns dois palmos, e a forma e o exíguo peso em comparação com o volume surpreenderam-no.

Pô-lo no chão e agarrou noutro igual, colocando-o sobre o primeiro. Pegou em mais dois e repetiu a operação.

O seu rosto alterou-se.

Pouco depois, regressou à cabana, satisfeito, e com um jarro de vinho que obtivera de um dos pastores que encontrara no caminho de volta.

Com o final do inverno, o mestre de obras reuniu os canteiros e deu-lhes novas diretrizes de trabalho. Não cortariam mais calcário, nem fariam mais silhares.

Como iam então construir o castelo?

A incerteza apoderou-se de Loarre.

Havia uma agitação desmedida em conhecer o novo material que o lombardo e os canteiros trabalhavam no mais absoluto segredo. Para desilusão de Juan e de Fortún, não lhes foi autorizado vê-lo, deviam encarregar-se de preparar as madeiras para os andaimes que permitiriam subir o muro com o novo material.

Juan continuava com problemas de vertigens, e fazia tudo o que estava ao seu alcance para se habituar às alturas, mas não era fácil. Ainda assim, pegou na pedra de afiar e preparou as ferramentas. Procurou Fortún, que imaginou de novo distraído.

Assim era.

Do andaime, o rapaz espiava o que se passava na zona dos canteiros. Juan ia dar-lhe uma reprimenda, mas, em vez disso, aproximou-se também para descobrir o que ali sucedia.

O rapaz observava como um dos canteiros mais novos usava o ponteiro, assinalando o contorno da pedra. Depois, introduzia umas fortes cunhas de ferro, que golpeava até rachar a superfície. Não ficava por aí, e continuava até a despedaçar em blocos alongados que depois trabalhava com a marreta, com a qual fazia saltar as esquírolas até aplanar as faces.

Juan nunca vira Fortún prestar tanta atenção a nada. Parecia realmente interessado naquilo. Havia, desde logo, algo de especial em marcar a pedra. Ao fim e ao cabo, todos sabemos que a madeira apodrece, arde ou desfaz-se com o passar do tempo. Mas a pedra... A pedra é imperecível, estava ali antes de eles nascerem e ali continuaria quando morressem. Juan entendia-o bem, um edifício de pedra pode durar até ao fim dos tempos, e essa ideia agradava-lhe.

Ao longo dos dias que se seguiram, Juan exigiu frequentemente a ajuda do rapaz. Embora não lho dissesse, estava contente por poderem trabalhar os juntos.

Talvez um dia Fortún pudesse substituí-lo, nada na vida lhe agradaria mais do que se ele prosseguisse com o seu ofício. Mas não queria criar ilusões, ninguém melhor do que ele sabia como era invulgar o carácter do rapaz.

Era igual à mãe.

Capítulo Doze

SERRA DE SANTO DOMINGO. MAIO DO ANO 1031

Ao acordar, Eneca estava sozinha, o fogo apagara-se e o sol de um novo dia brilhava no horizonte. Endireitou-se, com remelas nos olhos, e Artal deu-lhe os bons-dias com uma boa lambidela. Olhou em volta, ele não estava ali. Artal ladrou um par de vezes e indicou-lhe a direção a seguir. Foi pelo meio de uns arbustos até que encontrou o sacerdote ajoelhado frente a uma cruz que formara com dois ramos sobre uma laje.

— Acompanha-me.

A rapariga agachou-se e partilhou a oração com o religioso. Há tanto tempo que não rezava ao Senhor que se sentiu estranha. Mas as orações estavam-lhe gravadas na mente, e não lhe custou recordá-las sem esforço.

— Já podemos levantar-nos — afirmou ele —, antes de irmos, temos de fazer alguma coisa quanto ao teu aspeto.

— A que vos referis?

— O cabelo e a roupa — respondeu, tirando uma faca do alforje. — Vem cá, não tenhas medo.

Eneca avançou e o sacerdote pegou num punhado do seu cabelo, encostou-lhe a lâmina e começou a cortar como se fosse uma corda.

— Que fazeis?

— Cala-te! Se voltamos a encontrar-nos com rufias e eles descobrem que és uma mulher, não sei se poderei impedir que te violem.

E a última palavra fê-la estremecer.

— Sim, violar-te-ão até se cansarem, e depois vendem-te ao melhor comprador.

— Mas... sou cristã...

— Isso não lhes importa. És órfã, não tens dono e dificilmente arranjarás marido sem dote. Para eles, és do primeiro que te encontrar, é assim simplesmente.

Eneca calou-se e olhou para as mãos, que começaram a tremer-lhe. Uma procurou refúgio na outra, e ela apertou-as. Ficou pensativa, com o rosto sereno e o olhar mais escuro do que o habitual. O sacerdote deu-se conta disso e observou-a com interesse. Depois, dirigiu-se à zona onde preparavam a fogueira e atçou as brasas ainda quentes, acrescentando um punhado de erva seca que não tardou a pegar fogo. A seguir, pôs lenha seca e pegou numa vasilha de barro.

Procurou nos alforjes uma bolsa, da qual extraiu algo que acrescentou à água.

Esperou que aquecesse e voltou para junto da pequena.

— Bebe.

— O que é?

— Disse para beberes — ordenou o religioso. — Estou farto de tantas perguntas, maldita criança!

— Não vos zangueis, a pessoa que cuidou de mim no bosque ensinou-me muito sobre as plantas do bosque e os seus usos, só tinha curiosidade.

— Tu e a tua curiosidade! — exclamou ele, com desprezo, mas depois claudicou ante a tristeza de Eneca. — É beladona — prosseguiu, para sua surpresa. — Não cheira bem, e se tomares demasiada pode provocar delírios e alucinações. Mas não te assustes. Na quantidade que te dei, serve para acalmar os nervos.

— Obrigada — assentiu Eneca, enquanto via o sacerdote tirar do alforje uma planta de folhas grandes de cor verde-pálido.

— E isto é meimendro, só o encontras em taludes e ribanceiras. Também não cheira bem. As flores são de cor ocre, com veios violeta na base.

— É utilizada para quê?

— Bem, tem muitas aplicações. Para tratar diarreias, espasmos, insónias e também a tosse. — Em seguida, guardou tudo novamente no alforje. —

Ficaremos vários dias aqui. Temos de esperar por um amigo, por isso é melhor procurarmos comida e refúgio nalguma gruta ou abrigo. Ouviste?

— Quantos dias?

— Não sei, os que forem precisos.

O som de um trovão rasgou o céu e bandos de pássaros saíram da copa das árvores, enquanto muitos outros animais corriam a abrigar-se, criando um murmúrio que percorreu toda a montanha.

— Maldição! Vem aí uma tempestade.

— É a deusa — afirmou Eneca sem lhe olhar para o rosto.

— Como dizes? Não ouses blasfemar na minha presença! — Agarrou-a bruscamente pelo braço. — Vamos, arruma tudo! Procuremos abrigo antes que descarregue.

A tempestade durou um dia inteiro, e outro passou até que o sol voltasse a ver-se.

Durante esse tempo, o sacerdote e a rapariga mantiveram-se abrigados numa cavidade pouco profunda.

— Desfruta desta solidão, pequena. Pois, quando partirmos, espera-nos a ignorância e a malícia dos homens.

Eneca não entendeu as suas palavras.

— E não olhes assim para mim!

— Como?

— Maldita criança! Não sabes manter a boca fechada. No sítio para onde vamos, não quero que digas nem uma palavra, e nem te passe pela cabeça olhar para alguém com esses olhos. Não podes, não deves chamar a atenção.

— Não vos agradam as pessoas?

— O que não me agrada são as suas vilezas. Os homens esqueceram-se de que Jesus deu a vida por eles, pela sua salvação. Estão mais ocupados com as guerras, os saques, as mulheres e os vícios. Deixam-se levar pelo instinto, tal como fez Adão, condenam-se.

— Talvez seja o seu destino.

— Que dizes! Essa patranha não existe.

— Mas... o nosso futuro está escrito, quando nascemos...

— Silêncio! Não tolerarei semelhante insulto a Nosso Senhor na minha presença e muito menos dos lábios de uma criança. Eneca — chamou-a pelo nome, e isso surpreendeu a rapariga —, esquece as lendas sobre antigos deuses. As gentes das montanhas acreditam que tudo está escrito, que as estrelas marcam o nosso futuro à nascença, aquilo a que chamam destino. Que nada podemos fazer para o alterar, que somos seus escravos. Mentira! — exclamou, erguendo a voz. —

Podemos escolher, é o livre-arbítrio que nos diferencia. Deus não criou o destino, os homens são livres de seguir o que a consciência lhes dita. Somos os artífices da nossa fortuna.

— Livres? Eu não me sinto livre.

— Eneca! Como ousas dizer tal coisa? Se não somos donos das nossas decisões, então porque haveríamos de ser julgados um dia? E se não formos julgados, então Jesus Cristo veio à Terra para nos salvar de quê?

— Eu não entendo dessas coisas, olho para o que me rodeia: as montanhas, as árvores, os animais, e então lembro-me dos que arrasaram o meu lar, dos que me queriam apanhar quando apareceste e não sou capaz de ver bondade nos homens. Nos seus olhos, só vi maldade, crueldade e morte.

O sacerdote recuou, o seu rosto frio e distante, manteve-se arisco e desafiador, mas um ponto de luz brilhou-lhe na pupila.

— Eneca, não caias no erro de culpar Deus pelas injustiças e barbaridades cometidas pelos homens. Que Ele permita que tudo aconteça não significa que Nosso Senhor seja culpado. É a nossa maldade que é responsável pela dor e pelo sofrimento. Os homens podem optar entre o bem e o mal, é uma escolha que Ele nos deu.

Antes que continuasse a falar, um ruído alertou-os.

— Esconde-te, rápido!

Eneca obedeceu e procurou refúgio atrás do tronco de um frondoso carvalho. Aí, permaneceu em silêncio, até que a incerteza foi mais forte e a fez espreitar de trás da árvore. Ao longe, viu a sombra de um homem que conversava com o sacerdote, usava hábito e o seu cabelo exibia a tonsura típica dos monges. Não se mexeu, voltou a esconder-se e decidiu esperar que ele partisse. Passaram várias horas até que o sacerdote a foi procurar.

— Quem era?

— Matías, um amigo — respondeu o religioso com indiferença. — Vamos, anda.

Devemos partir, já conheço o meu destino e o que devemos procurar.

— Aonde iremos?

— Pequena, vamos descobrir um tesouro.

Capítulo Treze

LOARRE. ABRIL DO ANO 1031

O lombardo transferiu a quadrilha de carpinteiros para a zona de cantaria. Fortún estava entusiasmado, e Juan decidiu vigiá-lo de perto, receoso de que cometesse alguma imprudência. Assim que chegou, enquanto Juan ouvia com atenção as indicações do mestre de obras, Fortún pôs-se a observar um velho canteiro que manejava uma espécie de duplo machado, com duas extremidades cortantes.

Chamava-se talhador, era uma ferramenta antiga e tinha um corte limpo e outro serrilhado. Mais além, outro canteiro mais velho trabalhava com precisão o novo material. Ia finalmente conhecê-lo. Tratava-se de pequenos blocos de pedra trabalhados de maneira tosca, fáceis de manejar e de mover.

O homem olhou de soslaio para o rapaz.

— Que fazeis? — atreveu-se o jovem a perguntar.

— Picoto a superfície. — Fortún fez cara de quem não entendia. — Bato a pedra de tal forma que lhe vou abrindo orifícios regulares. Porque queres saber?

— Eu quero saber tudo.

O canteiro deu uma gargalhada.

— Isso é impossível, são precisos anos para se aprender este ofício. Sou muito teimoso, sabes? Ser teimoso é uma bênção quando se é jovem.

— E depois?

— Isso depende. A pedra é um ser vivo. — Acariciou-a com carinho e começou a falar como que consigo mesmo. — Sim, tem vida.

» Isso as pessoas não sabem, nem os reis, nem os cavaleiros, nem os bispos, mas, assim que a arrancas da pedreira, começa a envelhecer e a endurecer. Dizem que as rochas crescem até um centímetro a cada cem anos. Por isso uma pedra recém-cortada é mais amorosa, deixa-se trabalhar... Se a largas e demoras um par de anos a esculpi-la, torna-se mais complicado. A ferramenta já não vai por onde queres quando a golpeias.

— Essa rocha está viva?

— Sim. — O homem contemplou o bloco que tinha à frente e prosseguiu:

— A pedra vive. E também adoecer; é quando lhe entra essa espécie de carcoma que a deixa como esponja, um lenho apodrecido.

— Nunca pensei que a pedra pudesse adoecer.

— A pedra sente como nós — afirmou o canteiro —, entendes?

O lombardo traçou uma rede de cordas sobre o terreno pedregoso e ordenou que picassem ao longo delas, marcando longas franjas. Depois, mandou colocar duas grandes mesas de madeira, onde estendeu uns pergaminhos arranhados pelo uso.

Pareciam ter sido reutilizados demasiadas vezes. O seu verdadeiro valor estava nos desenhos que guardavam. Mandou fazer uma vara com dez pés de longitude, com madeira tratada, para que não se pudesse deformar e para ter a segurança de que essa medida era constante.

— Cuidado! O sulco deve cair para fora, maldito estúpido! — gritou o lombardo a um dos que trabalhavam com as ferramentas mais pesadas. As de ponta de ferro, que penetravam melhor na terra. — Nunca, nunca, deixes cair a terra para o interior de um recinto amuralhado, entendes?

O peão assentiu com a cabeça.

— É isto que me acontece por trabalhar com ignorantes das montanhas.

— Lamento, não sabia.

— Não sabeis nada! O problema é esse.

Fortún reconheceu-o. Era o que lhe estendera a corda quando o pai estava em apuros e que depois lhe indicara onde se guardavam os prumos. Continuava a vestir roupas de pastor, e a corpulência destacava-o dos demais. Mas naquele momento, com a severa reprimenda do mestre de obras, parecia mais pequeno e débil. Ainda assim, o rapaz era o protótipo dos oriundos daquelas montanhas, alto e de feições duras e inexpressivas.

— Lamento, nunca trabalhei nisto — tentava justificar-se.

— Como te chamas? — perguntou o lombardo, aborrecido.

— Javierre.

— Pois nunca te esqueças, é mau augúrio. Na minha terra, ter-te-iam cortado as mãos por isso.

O mestre de obras saiu do recinto marcado no chão e dirigiu-se ao local onde o pai trabalhava. Juan tentava estar sempre perto dele, pondo a atenção nas explicações do mestre. O lombardo parecia ter o castelo desenhado na cabeça e logo passava aos planos e saía para o terreno a fim de explicar os volumes. Juan esforçava-se por o seguir.

Fortún, a certa distância, carregava diversas meadas de corda, alguns prumos e um esquadro que lhe chegava à cintura.

O lombardo parou na parte mais baixa do conjunto, num lugar onde vários homens misturavam argila de cor ocre com um pó esbranquiçado e acrescentavam terra muito fina.

— Essa mistura não está correta, é demasiado mole. Precisamos de argamassa mais forte. — Dirigia-se a um homem curvado de cabelo comprido que o escutava com atenção. — Usá-la-emos para unir o silharejo, por isso necessitamos de mais cal. Deveis queimar mais pedra branca, quanto mais dura e compacta for a pedra, mais útil será a cal.

— Mestre, temo que a cal esteja apagada — advertiu o homem curvado —, pouco mais podemos fazer.

— Pois juntai-lhe tijolo esmagado, daquele que mandei trazer.

— Não chega.

— Misturai também areia da pedreira, numa proporção de três partes de areia para uma de cal. Esperai — pensou melhor —, de onde vem a areia?

— Do rio — respondeu o homem curvado —, encontrámos um bom areal.

— Então é melhor misturardes duas partes de areia com uma de cal.

O elemento daquela quadrilha assentiu com a cabeça e dirigiu-se à zona de cozedura, de onde saía fumo branco pela chaminé do único forno que havia sido construído. Entretanto, Juan tomou nas mãos um dos silharejos já esculpidos e prontos a serem utilizados na construção.

— Tudo o que vemos, incluindo as pedras, é composto pelos quatro elementos

— disse o lombardo, ao mesmo tempo que pegava no silharejo que Juan segurava. Depois, depositou-o de novo no seu local de armazenamento. — As que possuem mais ar são moles; as que apresentam maior quantidade

água são mais dúcteis, devido à humidade; as que têm mais terra são mais duras e as com maior proporção de fogo são quebradiças.

— Como a madeira.

— Exato — assentiu o mestre, satisfeito com a resposta —, esta pedra tem excesso de água, mas não temos outro remédio senão usá-la.

O lombardo concentrou-se na tarefa de desenhar os planos dos alçados das cinco torres. Para tal, montou a mesa de trabalho na parte mais baixa do castelo.

Precisava de uma grande superfície, pelo que Juan teve de montar uns cavaletes onde apoiar um tabuleiro de sete pés de comprimento.

— Que fique resistente, e calça-o bem.

— Sim, mestre.

Juan aproveitou para dar uma olhadela aos desenhos. O lombardo também tinha aberto um volumoso livro com muitas gravuras e anotações.

— Para onde estás a olhar? — perguntou, mal-humorado.

— Para nada.

— Tomas-me por estúpido?

— Claro que não, meu senhor. — Juan engoliu em seco. — Pareceu-me interessante.

— Estou a ver. — Fez um instante de silêncio. — Tenho-te observado.

— A mim?

— Sim, a ti — respondeu o lombardo, sério. — Desde o dia em que esboçaste a planta do castelo que sigo os teus passos. Manejas bem a madeira, achas que poderias fazê-lo também com a pedra?

— Ser canteiro?

— Não! Valha-me Deus, já me chegam esses francos... Por agora, não necessito de mais canteiros.

— Então não vos entendo.

— Juan — o carpinteiro ficou admirado ao ser tratado pelo nome —, diz-me a verdade: porque olhavas para estes desenhos?

— Não quero importunar-vos, meu senhor. Mas não há nada neste mundo que eu mais queira do que poder um dia construir algo como o que aparece nesse livro.

— Um castelo?

Não teve arrojo suficiente para responder.

— Bem, e porque quer um carpinteiro como tu aprender a edificar castelos?

—

perguntou o lombardo.

— Eu...

— Não tenhas medo de um velho como eu, diz o que pensas.

— Mestre, queria aprender a edificar não só fortalezas, mas também igrejas e engenhos. Queria ser capaz de construir tudo o que me passasse pela cabeça.

— Ora, aprecio a tua ambição, mas nem tudo o que imaginamos se pode tornar realidade. Eu sonho com grandes edifícios, mas não tenho a sabedoria necessária para os tornar possíveis.

— Se não a tendes vós, quem poderá tê-la? Deus?

— Sem dúvida, ainda que não devamos deixar toda a responsabilidade a Ele.

Acreditamos que o universo funciona segundo regras racionais que, à base da

experiência, podem ser descobertas. De que outra forma teríamos podido construir igrejas, castelos, pontes e palácios? Deus, na sua infinita sabedoria, pôs a ciência ao nosso alcance, mas só de uns poucos.

— O que é a ciência?

— É conhecimento, sabedoria — continuou o lombardo, pousando as mãos sobre o livro em cima da mesa. — É nossa obrigação transmitir tudo o que aprendemos em vida, tal como no-lo transmitiram a nós. O saber nunca deve perder-se, entendes?

— Sim, mestre.

— Também fui jovem e sonhador. Todos devemos sonhar na juventude, já temos a velhice para nos lamentarmos. — O mestre de obras fitou-o com atenção. —

Conheço bem as pessoas, quando se chega à minha idade, não há outra opção, e sei que transbordas de ambição. Calma, não estou a recriminar-te. Queria que partilhasses a ambição comigo, dar-me-á forças para este imenso projeto que o vosso rei nos encomendou. Na minha idade, as ambições são uma memória distante, como a infância. — O lombardo olhou para o espaço vazio que um dia seria ocupado pelo castelo. — Em troca, ensinar-te-ei.

— Falais a sério? Serei vosso aprendiz?

— Nem tanto, mas podes ajudar-me e, se fores esperto, aprenderás. Ainda que isso dependa de ti. Portanto, a partir de agora, quero-te perto de mim.

Fortún apareceu com tábuas nos braços para terminar a mesa de trabalho.

— E ao teu filho também, que diabo!

A construção do castelo estava em pleno andamento. Com o tempo, fora chegando mão de obra em abundância. Agora, o movimento no campo de

trabalho era vertiginoso, as diferentes quadrilhas afadigavam-se cada uma no respetivo ofício, funcionando como uma estrutura perfeita. Nas zonas mais avançadas, os mais experientes colocavam os silharejos. Era curioso ver como faziam incisões corridas com a ponta da colher, acentuando as juntas nos panos.

Fortún andava distraído por uma das zonas onde os dois muros de silharejos tinham já vários pés de altura e estava a ser feita a ligação dos dois parapeitos com o núcleo do muro. O rapaz observava a sua composição, como a aderência das três camadas assentava na argamassa que o lombardo tanto enfatizava e nas protuberâncias deixadas na face interna dos silharejos.

— Que fazes aqui sozinho? — perguntou uma voz atrás de si.

— Nada. — Virou-se e viu um rapaz da sua idade, o filho do pastor que o lombardo repreendera.

— Nada? E já está?

— Sim.

— Não és, desde logo, muito falador. Chamo-me Javierre — disse o rapaz, sentando-se ao seu lado no muro inacabado. — O teu pai converteu-se no principal ajudante do lombardo, que sorte tendes!

— O meu pai não acredita muito na sorte. Crê que, trabalhando no duro, podem conseguir-se grandes coisas.

— Ai sim? Pois está enganado.

Fortún fitou-o, surpreendido, não estava habituado a que pusessem em dúvida as palavras do pai diante dele.

— A gente como nós, dizem que devemos trabalhar sem descanso, ir à igreja e obedecer ao Senhor. Mais nada, nem sonhos, nem ambições — pegou numa das pedras soltas do enchimento da muralha e ergueu-se de modo a atirá-la para bem longe —, sobreviver como animais.

— E o que pensas tu?

— Que podemos aspirar a mais — respondeu, abrindo os braços, e começou a andar pela beira da muralha, equilibrando-se. — O que gostarias de fazer, queres ser carpinteiro?

— Não.

— Isso está bem — Javierre parou, baixou os braços e sentou-se novamente. —

Diz-me, em que pensavas quando cheguei?

— Olha. — Fortún apontou para as fogueiras que, ao longe, acabavam de se acender, no Castelo de Bolea.

— Os muçulmanos.

— Julgas que nos atacam?

— Não sei porque não o fizeram ainda. Dali, devem vigiar-nos sem problemas.

— Porque não o farão? — insistiu Fortún.

— Quem sabe? São infiéis, não são como nós.

— São assim tão diferentes? Uma vez vi um.

— Um sarraceno? — Chamara a atenção de Javierre. — Onde?

— Na margem de um rio, quando vínhamos para cá. Esteve tão perto de nós que temi que nos descobrisse — explicou, de olhar perdido. — Era tão diferente, as roupas, a língua, a forma de se mexer e, no entanto...

— O quê? Diz, Fortún.

— Os olhos dele eram como os teus e os meus. Às vezes penso nele, pergunto-me porque nos atacam, que lhes fizemos?

— Isso digo-te eu, atacam-nos para manterem as riquezas e o poder. Tal como nós.

— Não, nós lutamos por Deus.

— Achas que sim? Não sejas ingénuo. Quando o rei Sancho conquistar uma nova praça, Deus não beneficiará dos tesouros que nela houver nem tirará proveito das novas terras — assentiu, com pesar. — Esses infiéis de Bolea deixam-nos estar aqui porque não nos temem. De certeza que gozam connosco enquanto comem e bebem. — Levantou-se e ficou a olhar de pé para a praça muçulmana. — Não há que ter medo, o medo faz com que nos conformemos

com o que nos é dado. Tens medo, Fortún?

— Não, eu não.

— Bem, então podemos ser amigos.

Capítulo Catorze

LOARRE. AGOSTO DO ANO 1032

Certo dia, apareceu na aldeia um gato branco, ninguém sabia quem o trouxera. O

animal era novo e cedo aprendeu a desenrascar-se. Caçava os ratos e outros roedores que rondavam os campos de cultivo perto de Loarre, impedindo assim que comessem as colheitas, pelo que os camponeses lhe ganharam apreço.

Evitavam dar-lhe comida para que continuasse a procurá-la entre os pequenos roedores. Era um felino que chamava a atenção, pois gostava de dormir sempre ao sol, virado para a Terra Chã, daí que lhe tenham posto o nome de Poente.

Nem todos na aldeia gostavam do gato. As mulheres tinham-no tomado de ponta, dado que gostava de perseguir as galinhas e de ir à caça de qualquer

côdea de pão ou caldo que ficasse desprotegido. Isso divertia as crianças, que, a brincar, corriam atrás dele, mas Poente era difícil de apanhar.

O gato também se infiltrava nas obras do castelo. Gostava de trepar pelos andaimes e, quando caía a noite, era fácil vê-lo empoleirado no mais alto dos muros, como se dali vigiasse tudo o que acontecia em Loarre.

Se havia alguém que gostava de Poente, era Javierre. Talvez porque partilhavam esse afã de subir a tudo quanto se elevava do solo. Fosse como fosse, era evidente que Javierre era o único capaz de se aproximar do felino sem que este fugisse.

O filho do pastor era um rapaz de costumes rudimentares, que compaginava a simplicidade da educação com a lucidez da mente. Ágil e, ao mesmo tempo, bem constituído, era vivo e esperto como uma raposa. Não lhe escapava nenhum pormenor do que o rodeava. Podia entendê-lo ou não, mas guardava-o na memória e procurava forma de o utilizar. Não tinha uma boa família, era filho de um pastor e fora para Loarre sozinho. Desenrascava-se com bravura e a sua perspicácia não passava despercebida.

Fortún e ele tornaram-se inseparáveis. Tanto assim foi que Javierre começou a colaborar com a quadrilha dirigida pelo pai de Fortún, que era o braço direito do lombardo, o que lhe dava uma importância transcendente na obra.

— Javierre, traz-nos a água — ordenou Juan.

O rapaz obedeceu e escalou com destreza todo o andaime com o balde. Quando chegou ao local onde o carpinteiro e o mestre escrutinavam a obra, esperou um obrigado. Nada obteve, porém. Entristecido, desceu novamente para o local onde Fortún martelava umas flanges sem grande sorte.

— Oxalá se engasguem!

— Que dizes? — perguntou Fortún, distraído nos afazeres.

— Nada, anda, deixa-me fazer isso, que só vais partir a ferramenta — pediu Javierre, dando duas marteladas no metal e conseguindo o que o amigo há

tanto tempo tentava.

Numa tarde em que o Sol estava quase a pôr-se, Fortún distraía-se a observar o voo de umas andorinhas, tentando entender como podiam deslocar-se com o simples bater das asas. Um milhano vigiava-as ao longe, ainda que fossem uma presa demasiado grande para ele. Então, por entre algumas árvores, viu como uma figura se afastava. Apurou a vista e distinguiu os cabelos soltos e o arco às costas, era Ava.

Voltava finalmente a vê-la.

Observou como o pai se afadigava a encaixar as aduelas de um arco, enquanto o lombardo lhe falava em latim. Há algum tempo que o mestre de obras estava decidido a ensinar a Juan a língua dos seus antepassados. Infelizmente, o carpinteiro tinha sérios problemas de aprendizagem. Tanto assim era que, às vezes, Fortún aprendia mais do que o pai só de os escutar.

Estavam tão embrenhados no latim e nos arcos da galeria que Fortún entendeu que aquele era um bom momento para desaparecer. Por isso, deslizou sem mais delongas pela estrutura do andaime, tentando fazer o menor barulho possível.

Chegou ao chão e desatou a correr em direção ao bosque.

Chegou ao lugar onde avistara Ava, procurando as suas pegadas na terra, sem sucesso. Até que deu com uns ramos partidos e seguiu o rasto por entre arbustos e azinheiras. O Sol escondia-se e a noite começava a cobrir tudo, tinha de ter

cuidado, ou podia perder-se no escuro.

Um rangido.

Vinha de trás de si, virou-se e recebeu uma dura pancada no queixo com um objeto contundente. Caiu ao chão. Antes que pudesse levantar-se, a ponta de uma flecha apontava à sua cabeça.

— Que queres? Porque me segues? — Ava fitava-o, enfurecida, parecia capaz de disparar se não respondesse de imediato.

— Eu... Tinha-me perdido.

— Mentas.

— Não, a sério.

A arqueira fitou-o de cima a baixo e decidiu desviar a arma. Estendeu-lhe a mão para que se levantasse. Ao sentir um sabor amargo na boca, Fortún deu-se conta de que sangrava do lábio inferior.

— Não me agrada que me sigam, entendes?

— Sim. — Fortún não baixou o olhar, aproveitando para observar atentamente a jovem arqueira.

— Para onde estás a olhar?

— Para as tuas flechas.

— Estou a ver. Se gostas assim tanto delas, vem. Vou mostrar-te uma coisa.

Fortún seguiu a arqueira até um abrigo ali perto. No chão, havia rastos de cinzas e ramos cortados. Não era profundo. Ao entrar, sentiu a mudança de temperatura.

Ava tirou a capa e também o jaquetão. Por baixo, vestia uma camisa ajustada e cingida por cordões que fechavam sobre uma abertura num dos costados.

Libertou-se do encordado do pescoço e respirou, relaxada. Sentou-se e pegou numa caixa com pontas de flecha.

— Toma, vai-mas passando quando te pedir.

Ava trouxe um punhado de hastes e começou a montar flechas novas.

— A ponta da zona de ancoragem com o cabo termina num aguilhão —

explicou-lhe. — Por isso, é necessário cravá-lo no cabo de madeira, esteja a ponta quente ou fria — disse, fazendo-o diante de Fortún. — Depois, há que reforçar a haste. Dá-me as cordas que estão nesse canto.

Fortún obedeceu e trouxe-lhe o material. E ficou a vê-la acabar de montar a primeira flecha. Ouvira dizer que Ava era considerada a melhor caçadora de Loarre. Rara era a manhã em que não trazia uma boa peça: javalis, coelhos, cabritos, até algum veado, eram as suas presas preferidas. Havia quem dissesse que abatera um urso, ainda que provavelmente fosse apenas um de tantos rumores que sobre a arqueira circulavam por aquelas terras. O facto de viver sozinha e fora do povoado era um filão para os falatórios de que os habitantes da aldeia eram adeptos. À jovem, não parecia importar-lhe o que diziam dela.

Sempre armada com o arco, Ava era tão livre como as águias que por vezes sobrevoavam as obras do castelo.

— Falas sempre assim tão pouco? — perguntou a arqueira.

— Não tenho jeito para fazer amigos.

— Quem disse que quero ser tua amiga?

— Trouxeste-me aqui.

— Precisava de ajuda para fazer mais flechas — respondeu ela enquanto montava a seguinte. — Crês que quero ter amigos?

— Suponho que todos precisamos deles.

— Ai sim? Pois tu não és lá muito bom exemplo. Além desse que anda sempre a subir a toda a parte, não te vi com mais ninguém.

— Então é verdade que me prestas atenção.

— Cuidado com o que dizes! — exclamou Ava. Pegou na flecha e aproximou-a do rosto de Fortún.

— Baixa isso, já percebi.

— Também não tenho grande jeito para conhecer pessoas.

— Mas não entendo porquê, tu...

— Eu o quê? Anda, volta para junto do teu pai, já é tarde, e conhecendo-o como conheço, estará bem irritado contigo. — Ava levantou-se.

Abandonaram aquele refúgio e a arqueira conduziu-o pelo bosque.

— Espera. — Para sua surpresa, ela parou. — Quero perguntar-te uma coisa antes de ir embora.

— O quê? — Virou-se para ele e o seu olhar encheu toda a penumbra da noite que caíra sobre eles.

— Fortún! — Alguém gritou o seu nome.

— Quem é? — inquiriu a arqueira, dando um passo em frente e olhando em redor, em busca da proveniência da voz.

— Não sei, garanto-te que vim sozinho.

Ava fitou-o, aborrecida, e deu meia volta, desaparecendo sem dizer mais nada.

Fortún ficou surpreendido, a ver como as suas botas altas se afastavam. Só reagiu quando alguém lhe tocou nas costas.

— Que fazes aqui sozinho? — Era Javierre. — O teu pai anda à tua procura, vai dar-te uma bela sova se não voltares depressa.

— Ele disse-te isso?

— Sim, vamos! — O amigo agarrou-o pelo braço. — Como te passa pela cabeça sair da obra sem avisar? Já verás o que te espera.

Fortún amaldiçoou em silêncio o facto de Javierre ter aparecido naquele preciso momento e ficou de olhar perdido, sem se mexer. O amigo teve de o empurrar, pois Fortún continuava a procurar Ava entre a espessura do bosque.

Chegaram aos andaimes e juntaram-se aos trabalhos sem dizer nada, mas o estratagema não funcionou.

— Fortún! — gritou-lhe o pai das alturas. — Onde diabo estavas? — Os que o rodeavam pararam de trabalhar. — Achas que podes fazer o que queres?

Juan desceu com o rosto enrubescido de fúria.

— Fui eu, senhor. Pedi-lhe que me acompanhasse e...

— Silêncio! Que quer um pedinte como tu?

— Nada, eu...

O carpinteiro deu-lhe uma bofetada que o fez cair ao chão.

— Não voltes a levar o meu filho — ameaçou. — Fortún, que fazes com este estúpido? Se te juntas a gente como ele, acabas igual. Anda, sobe ao andaime!

— ordenou, virando-lhes as costas.

— Javierre, não tinhas de... — Fortún tentou ajudá-lo a levantar-se.

— Larga! — disse, sacudindo-o. — Não preciso de nada vosso.

— Mas, Javierre...

— Fortún! Não te digo duas vezes, anda trabalhar! — gritou Juan.

O amigo deu um grande pontapé numa pedra, que rodopiou até chocar contra a base de um andaime, e afastou-se.

Capítulo Quinze

SERRA DE LOARRE. SETEMBRO DO ANO 1033

A égua resfolegou devido ao esforço ao chegar ao cimo de uma altiva colina.

Dali, via-se o movimento no penhasco de Loarre. Uma torre meio construída, vários panos de muralha, o arranque de outras duas e uma ampla zona aplanada.

O animal alterou-se ao sentir a presença de um escorpião, mas o cavaleiro que a montava conseguiu tranquilizá-la agarrando os estribos com força e apertando as pernas contra o dorso da montada. O escorpião sentiu-se ameaçado e afastou-se encosta abaixo em busca de uma pedra onde se esconder.

— Meu senhor — disse um curvado escudeiro atrás de si, montado num animal menos imponente que o do amo —, já vos tinha dito que havia muito movimento.

— E tinhas razão — respondeu o cavaleiro, que se manteve calado, a observar os trabalhos do castelo.

O silêncio estendeu-se mais do que o escudeiro podia suportar. Confuso pela sua presença ali, não pôde resistir mais tempo sem abrir a enorme boca.

— Senhor, devíamos voltar se não queremos que a noite nos apanhe nesta serra inóspita.

Não obteve resposta. O cavaleiro que servia era um homem de ombros firmes, costas retas e barriga volumosa. Trajava discretamente para a sua condição. Só a esplêndida montada e o punho da espada, ornamentado com a cabeça de uma águia, revelavam a linhagem. O rosto era como uma sólida pedra, marcado por estrias profundas que se lhe cravavam na pele. Um cabelo longo, negro e liso caía-lhe sobre os ombros. O olhar era frio, nada revelava, como se fosse um escudo.

— Vamos, já vi o suficiente.

Regressaram pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. Passariam a noite na margem do Gallicius, para depois irem até à povoação de Murillo, situada ao lado do leito do rio. O cavaleiro tinha posses naquela praça, onde se destacava

uma monumental igreja com um enorme cilindro absidal.

— Meu senhor, porque prometeu o rei tantas liberdades aos que construírem um castelo naquele lugar?

— E isso que te importa?

— Perdoai-me, às vezes não sei o que digo.

— Às vezes?! — resmungou o cavaleiro. — Seja como for, não é o rei que me preocupa. Esse velho barrigudo verá já poucas primaveras. O que me inquieta é que tenha sido esse pedinte do Lope de Ferrech a ser nomeado tenente de Loarre.

— É um pequeno senhor do Norte.

— É um dos homens de confiança de Ramiro, o primeiro filho do rei.

— O bastardo.

— Não, oxalá fosse bastardo. Esse maldito foi concebido antes do casamento com a nossa senhora, a rainha Munia.

— E em que lugar isso o deixa?

— Não sei, é o que me preocupa. Os inimigos que vêm de frente podem sempre ser vencidos, por mais poderosos que sejam. Já os que surgem pelos flancos ou pela retaguarda são perigosos, por mais exíguos e insignificantes que pareçam.

— Mas serão os infantes a herdar o reino, não Ramiro.

— Claro, Garcia será rei e os irmãos... Bem, teremos de ver o que herda cada um deles. Ramiro é apenas um estorvo, e ainda assim...

— Ainda assim... o quê, meu senhor?

— Esse homem move-se facilmente pela corte, viveu nela a vida inteira. Os cavaleiros devem estar no campo de batalha a combater. Não no palácio a conspirar. Não temo as espadas, por mais longas que sejam, mas as línguas... as línguas podem ser escorregadias como uma serpente e picar-nos, injetando um veneno que nos consome pouco a pouco, sem nos darmos conta. — Cuspiu para

o chão. — Não gosto de Ramiro e preocupa-me que um dos seus fiéis esteja na fronteira a construir um castelo por ordem do rei.

— Não vos devíeis inquietar tanto com Ramiro, é o filho mais velho do rei, mas a mãe era apenas uma senhora de Aibar. Não é o legítimo, não pode herdar o reino. Faz parte da família, sim. E tem direito à vida e a ser dotado de bens.

— Não, não. Cuidado com esse homem, sabes como assina? Como Ramiro, Sancionis regis filim.

— Ramiro, filho do rei Sancho.

— Nenhum outro dos seus filhos o faz — advertiu o cavaleiro.

— Não precisam, meu senhor. Não vejais mais do que aquilo que é, apenas um notável senhor do reino.

— Repara que é o único dos filhos em idade adulta. O único que pode conspirar, aproveita-se da juventude do resto, são meras crianças! O trono é um troféu demasiado extraordinário para qualquer deles. O reino de Sancho, o Maior, faz justiça ao cognome, pois jamais monarca algum possuiu tantas terras e condados como ele.

— Tendes razão, meu senhor.

— Além do mais, há esta história com a rainha. Maldita seja a graça que me faz!

Não estive lá, mas dizem que Garcia, o filho mais velho do rei Sancho, convenceu os irmãos Fernando e Gonçalo a acusar a mãe, a rainha Munia, de adultério ante o rei e toda a corte.

— Não posso conceber uma coisa assim...

— A vingança é um motivo poderoso. Estando o rei Sancho ausente, o filho Garcia encantou-se com o cavalo favorito do pai e pediu à rainha que lho emprestasse. Dona Munia recusou. E o rei confinou-a à fortaleza de Nájera enquanto decidia o seu destino, pois a sua inocência devia ser demonstrada num julgamento por combate. O resultado final da luta demonstraria a verdade ou falsidade da acusação. Nenhum cavaleiro do reino quis correr o risco de lutar pela honra da rainha. Até que Ramiro veio a campo, disposto a combater contra os irmãos.

— Um combate entre filhos do rei, que barbaridade!

— Quis Deus que o sangue não chegasse ao rio — suspirou o cavaleiro. —

Estava a batalha prestes a começar quando um frade quebrou o segredo de confissão e manifestou a inocência da rainha. Os três irmãos, envergonhados, tinham confessado àquele frade a sua má ação.

— Foi Ramiro, o único que não é filho da rainha, quem a salvou. Custa a entender — afirmou o vassalo.

— Nem tanto. Esse Ramiro é astuto. Tem bem presente que, quando chegar o momento, não haverá em todo o reino nobre ou cavaleiro que fique satisfeito com a divisão que o rei Sancho prepara. Os senhores terão de alinhar com um ou outro filho, sem vacilar.

— Garcia terá em breve a idade mínima para governar — disparou o escudeiro.

— Sim, tem o nome do avô, como não podia deixar de ser. É a norma estabelecida desde os tempos do primeiro rei de Pamplona, Sancho Garcês: deve haver alternância de nomes no trono. Sancho ou Garcia, assim deve chamar-se o rei de Pamplona — suspirou o cavaleiro.

— E o nosso monarca pôs ao primeiro filho o nome de Ramiro, pelo que já podeis ver o destino que esperava para essa descendência fora do casamento canónico.

— Sim, isso está bem visto.

— E o segundo filho verdadeiro tem nome castelhano, Fernando — disse o escudeiro, antes de tossir.

— Não vás tão depressa, para sermos precisos, tem nome da linhagem condal, pois Fernão Gonçalves foi o primeiro conde de Castela.

— Sendo assim, é fácil supor que será o condado de Castela que herdará quando o pai morrer.

— Não é descabelado, mas e Gonçalo, o mais novo?

— Meu senhor, vós melhor do que ninguém sabeis que o reino de Pamplona não

se pode dividir. Serão o condado de Castela e os outros territórios a servir de viveiro para que os restantes filhos do rei herdem. A Gonçalo, dar-lhe-ão migalhas, algum condado longínquo e pequeno.

— Sim, tens razão. Mas Ramiro, é ele que continua a preocupar-me. Porquê esse nome?

— Não sei, sou só um fiel e humilde escudeiro, mas esse nome é novo na linhagem pamplonesa. O novo nunca é bom.

— Mas o que pretendia o rei ao dá-lo ao primeiro filho, por mais que seja ilegítimo? Um nome fora da linhagem, não faz sentido.

Descansaram em Murillo e, no dia seguinte, fizeram o resto do trajeto até ao vale. Entre carrascas e azinheiras, desceram pelo lugar mais seguro, pois as escaramuças muçulmanas às vezes chegavam àquelas terras do interior. Foi enquanto desciam que algo lhes chamou a atenção. Encontraram as carcaças de uma parilha de bois mortos. Jaziam num esporão e estavam a ser devorados por um bando de abutres.

O cavaleiro parou, enquanto o escudeiro, mais distraído, continuou o trajeto, até que se deu conta e recuou. O seu senhor via atentamente como as aves se alimentavam da carniça, arrancando com os bicos afiados a carne ressequida dos bois, num espetáculo grotesco. Mais abutres chegavam em busca de alimento.

Ao abrirem as enormes asas, mostravam uma envergadura que impressionava.

— Nunca tinha visto tantos — comentou o cavaleiro.

— Há muitos ninhos de abutre naqueles terrenos. Essa zona sobre o rio é a melhor para controlar o vale, e também se vê daí a Terra Chã e a praça muçulmana de Ayerbe.

— Tens a certeza disso? — O cavaleiro fitava aquela paisagem com inusitado interesse.

— Claro, é o melhor ponto frente ao rio Gallicius.

— Leva-me até lá.

— Agora, meu senhor? Cairá a noite connosco na montanha.

— Maldito cobarde! Ousas contradizer-me?

O escudeiro engoliu em seco e ter-se-ia engolido a si mesmo caso tal fosse possível. Baixou a cabeça, ciente de que era melhor não dizer mais nada e obedecer sem demora. Assim, subiram de novo a serra em direção aos ninhos dos abutres. Um caminho sinuoso e desprovido de presença humana.

A noite apanhá-los-ia naqueles montes. Ainda assim, o escudeiro não pensava dizer mais nada, pois tinha amor à vida.

Antes de chegarem aos ninhos dos abutres sobre o rio, dirigiram-se a um cume aplanado, em cujo extremo se elevava uma zona rochosa. Subiram-na e, diante deles, surgiu um amplo panorama de horizontes dilatados. Ao longe, esmaecidas entre a neblina de algum rio, viam-se várias cidades sobre uma extensa planície de tons dourados de cereais e pardos pousios. Uma planície que se perdia na infinita distância da Terra Chã, que mostrava em toda a sua magnitude a riqueza e grandeza de que era detentora.

O cavaleiro ficou impressionado, a frieza dos seus olhos desapareceu por um instante, e pareceram tão humanos como os de qualquer homem.

Sorriu.

Em quinze anos ao seu serviço, nunca o escudeiro lhe vira aquela expressão de felicidade. Surpreendeu-o que o seu senhor se emocionasse com uma paisagem, por mais bela que esta fosse. Talvez estivesse a ficar velho ou andasse doente, porque aquilo não era habitual nele.

— Dá para ver Loarre daqui?

— Sim, meu senhor, ainda que com dificuldade.

— Este ponto é mais estratégico do que Loarre — afirmou o cavaleiro, transbordante de alegria —, não há dúvida.

— Efetivamente, controla mais espaço visual, pois alcança o vale do Gallicius e também da Terra Chã.

— E não está tão perto de uma fortaleza como a de Bolea. Vejo a cidade de Ayerbe com o seu castelo, mas suficientemente distante para não a temer.

O escudeiro começou a ficar preocupado. Olhou em volta. Corriam perigo, sozinhos naquele lugar solitário e com a noite a cair-lhes em cima. Tratava-se de um cume aplanado, ligado ao vale por uma ladeira imponente e estratégica. Era certo que poderiam ver uma patrulha inimiga caso esta se

aproximasse, mas ele era um sobrevivente e não gostava de se arriscar de forma tão inútil. Vira morrer demasiada gente nos campos de batalha para não ter amor à vida. Lutara contra muçulmanos, leoneses, castelhanos e gentes do Bearn. Por isso, não se deixaria matar naquele sítio baldio.

— Já sei o que vamos fazer — disse o cavaleiro, olhando de soslaio para o escudeiro. — Se esse Ramiro pretende ser dono destas terras... Não ficarei sem fazer nada, a minha linhagem não está manchada como a dele e tem mais direitos. Não permitirei que seja ele a aceder à Terra Chã.

— É por imperativo real que Loarre está a ser construído.

— Sim, mas quem sabe o que acontecerá quando estiver terminado. Não vou esperar que isso aconteça. Adiantar-nos-emos aos acontecimentos. Quando regressarmos a Pamplona, quero que chames os melhores mestres de obras do reino.

— Quereis construir outra fortaleza?

— Sim, nesta montanha. — Baixou-se e arrancou um punhado de terra com a mão direita.

— Meu senhor, o rei já concedeu estas terras ao senhor de Loarre.

— Enganas-te, concederá as futuras conquistas ao primeiro que edificar um castelo na fronteira, e Loarre está longe de ser um castelo.

— Mas, meu senhor, não tendes canteiros nem pedra, nem...

— Silêncio! Por isso partirei de imediato para os meus feudos, a fim de organizar tudo e trazer a mão de obra e os materiais. Quando acabarmos de organizar as coisas em Pamplona, irás a Loarre, quero saber tudo o que se passa nesse maldito local.

» Vamos construir uma fortaleza antes deles, a palavra do rei está empenhada e nós utilizá-la-emos.

— Como ordenardes.

— Não permitirei que um arrivista como Lope de Ferrech adquira direitos na fronteira. A Terra Chã... há demasiados anos que a minha família sonha com as suas riquezas para agora permitir que um miserável no-las roube.

— E o rei, meu senhor? O que pensará ele a esse respeito?

— Os reis mudam de nome; as casas, por outro lado, permanecem durante séculos, e a minha já conheceu várias dinastias de monarcas. Quem pensa esse Ferrech que é para roubar o que é nosso? Demónios!

A atividade era frenética no Castelo de Loarre. Em poucos dias, desmataram a zona que circundava o recinto pelo lado interior, onde começaram a construir a segunda torre, a que devia ser livre. Picar a rocha-mãe para que servisse de alicerces não foi tarefa fácil, e muitos trabalhadores deixaram aí grande parte das forças. Essa torre albarrã era a que mais homens exigia, mobilizavam-se enormes quantidades de silharejos e alvenaria para assentar a base.

— Não é material a mais? — perguntou Juan, de forma natural.

— É possível.

— Como? Não vos entendo. Se assim é, porque o pondeis?

— Queres que a torre caia? Não, pois eu tão-pouco — comentou o lombardo. —

Depressa aprenderás que, no nosso ofício, os alicerces nunca são demais. Ante a mínima dúvida, dá mais solidez ao edifício. Não somos perfeitos, enganamo-nos nos cálculos, por isso sobredimensionamo-los sempre.

— Não me parece coerente.

— Coerente? Que saberás tu de coerência? A chave de qualquer muralha, torre, castelo ou outro edifício é a solidez. Passa-se o mesmo com os homens, alguns podem ser mais rápidos, mais hábeis, mais fortes, mais inteligentes; mas, no fundo, é a solidez do seu espírito que determina o seu futuro na vida.

» A solidez das muralhas é a garantia da sua permanência no tempo e da sua capacidade de resistir a um ataque inimigo.

— Eu não entendo de guerra, mas...

— Não basta saber de arquitetura para construir um castelo, também é preciso ter conhecimentos de ataque e defesa. Nunca debes ver um castelo como um edifício, não é uma igreja nem um moinho. Não, um castelo é uma potente máquina de guerra.

Juan ficou pensativo com aquelas palavras.

Desde que haviam substituído os silhares irregulares por silharejos, a obra avançava mais rapidamente. O novo material eram pedras mais manobráveis do que os silhares. Planas em muitos dos casos, cortadas a martelo, de aspeto desigual e por desbastar, ou desbastadas apenas com a marreta, sem polir.

Tratava-se de um material que não necessitava de pedreiras distantes e onerosas.

Era tão vernáculo como os homens daquele território, e rápido, algo essencial numa zona de fronteira.

— Perdoai as minhas perguntas, mestre, só tento aprender para fazer tudo perfeito — afirmou Juan.

— Perfeito! E o que é perfeito? Só Deus, nós somos um cúmulo de imperfeições.

Não confio em nada feito pelo homem, debes continuar a desconfiar. Além do mais, chegará um momento na tua vida em que duvidarás.

— De quê?

— De tudo! Primeiro, do mais transcendental, e depois, do mais insignificante.

Essa noite chega ao coração de todos os homens; é inevitável. As luzes apagam-se e vê-se apenas escuridão. A única coisa que podemos fazer é crer em Deus.

Nesse momento de dúvida, só essa luz verás na penumbra da tua vida.

— Eu creio n'Ele.

— Não, não serve de nada que mo digas. Tem de ser Ele a ouvir-te, e Deus não ouvirá, por mais que grites, serão os teus atos a falar por ti. Acreditar, Juan. É

isso que nos faz continuar quando duvidamos.

— Mas e se eu não duvidar?

— Claro que duvidarás, nesta vida tão cruel, quando estiveres sozinho, duvidarás até do teu nome. — O lombardo suspirou.

Juan, que tão orgulhoso estava da sua habilidade com a madeira, tão seguro de que, com esforço e trabalho, podia atingir qualquer meta, que via como, pela primeira vez em muito tempo, a sorte começava a sorrir-lhe e havia sido acolhido por um homem tão respeitável como o lombardo, duvidou por um instante. E as pernas começaram a tremer-lhe, e a respiração deixou de ser pausada, e o coração retumbou-lhe no peito. Mas cerrou os punhos com força, engoliu em seco e mordeu as dúvidas.

Não duvidaria, jamais.

O lombardo levou a mão a uma bolsa de couro que trazia pendurada à cintura e tirou dela uma pedra de gesso com uma linha alongada na parte central e incisões a todo o comprimento. Virou-a para o Sol e verificou a sombra que se projetava sobre a sua superfície.

— São horas de comer.

Capítulo Dezasseis

SERRA DE LOARRE. JANEIRO DO ANO 1034

Com silharejos, a obra avançou a bom ritmo até que chegou o inverno e foi preciso parar. As hostes de reis e nobres costumavam guerrear entre os dias de São Martinho e São Miguel, e com as construções sucedia algo semelhante.

Prolongava-se o período de trabalho até à chegada do gelo. Era esse o verdadeiro inimigo dos construtores, não a neve nem o vento, mas sim o gelo, que fazia com que a argamassa não endurecesse, congelava a água, cobria a madeira e tornava impossível trabalhar. Daí que, nesse ano, as obras estivessem paradas desde o dia de São Saturnino. Passaram os três primeiros meses do novo ano e, finalmente, os trabalhos foram retomados.

— Juan, vais demasiado depressa. Não tens de pensar só no passo seguinte.

Deves ter presente o último: é essa a chave. Saber aonde queres ir, porque haverá sempre vários caminhos, e podem estar todos certos. Não quero que vás depressa, mas que saibas para onde vais.

— Sim, mestre.

— Qual é a chave de um castelo?

— A solidez.

— Exato, vejo que não esqueces as minhas lições. Um castelo deve ser sólido, os alicerces devem resistir até ao fim dos tempos, mil anos se for necessário.

— Nenhum castelo poderia resistir tanto tempo.

— Isso já veremos — murmurou o lombardo. — Crês que o mundo não durará outros mil anos, não é verdade?

— Não percebo dessas coisas.

— Não, mas acreditas. Não saber algo não impede os homens de falarem sobre isso, somos assim prepotentes. — O lombardo suspirou com a profundidade que só os anos conferem. — Eu sim, imagino os homens

daqui a mil anos, só espero que, por essa altura, tenhamos aprendido com os erros. Há um milénio, eram os

meus antepassados quem governava estas terras. Roma era um império que abarcava todos os reinos conhecidos. O imperador comandava-os a todos, imaginas?

— Dificilmente.

— Um único senhor, uma só coroa. Talvez um dia esse tempo regresse e saíamos da barbárie e das trevas que nos rodeiam. Será preciso esperar outros mil anos?

Quem sabe...

— Não consigo imaginar como será o mundo daqui a um milénio.

— Deixemos de divagar e regressemos à realidade — continuou o lombardo. —

Aprende bem isto, uma torre nunca deve ter pisos quadrados. Sempre redondos ou poligonais, senão os seus ângulos são frágeis ante os golpes das armas de cerco. As redondas permitem maior visibilidade. Nós construímos quatro retangulares, mais a primeira, que é a mais complexa. Todas a uma distância inferior a um tiro de arco, para que possam defender-se entre si.

O lombardo estava mais ativo do que o habitual, o que já era dizer muito. Nesse dia, trazia um chapéu de sol, de copa pouco pronunciada, feito de palha e com abas exageradas. Era, sem dúvida, para se proteger do vento, mas não se costumava ver tal peça por aquelas bandas.

Nos dias de atividade frenética, a sua extenuante capacidade de trabalho tornava-se mais inexplicável, apesar da sua idade avançada.

Os últimos suspiros do inverno foram suaves, como os de um animal ferido que sabe que vai morrer. E, embora a temperatura tivesse subido, houve

várias geadas que atrasaram a floração das árvores sazonais, como as amendoeiras, e que fizeram com que fosse difícil estar à intempérie.

Com o primeiro recinto e a sua torre avançados, dividiram o trabalho em dois grupos independentes. O primeiro trabalhava no recinto principal e o segundo na torre livre, situada no caminho que subia para o castelo, entre os dois cinturões defensivos.

Ao cair da noite, Juan regressava sempre com Fortún para cearem algo quente, uma sopa de nabos e abóbora. Fortún voltava a estar tão calado como dantes, e isso enervava Juan, que às vezes não podia disfarçar. Após os longos dias de

trabalho, gostaria de gracejar com ele, falar de mulheres, caça ou outro tema, como faziam os restantes pais e filhos. Com Fortún, era impossível, parecia ter sempre a cabeça longe dali.

— Queres dizer alguma coisa? Deus santo! Maldito silêncio! Como gostaria que falasses, ainda que fosse para dizer parvoíces.

— Pai, estás chateado comigo?

— Não, mas... anda, dorme, amanhã tenho trabalho. E quero-te ao meu lado, a ver se aprendes alguma coisa.

Juan não disse mais nada. Doíam-lhe os pés de ficar tantas horas de pé, não fazia tantos esforços físicos como quando era um simples carpinteiro, mas devia estar constantemente atento ao que o lombardo explicava. Qualquer comentário, murmúrio ou até gesto podia conter algum ensinamento. Além disso, cada vez falava mais em latim, obrigando-o a memorizar muitas palavras. Tantas, que não cabiam na sua cabeça.

Fechou os olhos e procurou entusiasticamente o sono, entrar no seu mundo e nele se perder durante algumas horas.

Fortún, pelo contrário, não conseguia conciliar o sono com a rapidez do progenitor. Estava tão esgotado como ele, porém, por alguma razão, ainda

que fechasse os olhos, não encontrava o descanso. Encontrou, porém, outra coisa.

Uma doce voz que pronunciava o seu nome, que parecia chamá-lo para que fosse a outro lugar. Fortún hesitou, mas nos sonhos não pode acontecer nada de mau.

— Queres levantar-te antes que acordemos o teu pai? — Diante dele, os olhos azulados da arqueira.

— Quê? Acordar quem? Se estou a sonhar...

— A sonhar? Valha-me Deus, que sorte tenho. Anda, vamos, sai, depressa! Não vou esperar por ti a noite inteira.

Fortún demorou a perceber que estava acordado, foi o ressonar do pai que o convenceu. Nem o pior dos pesadelos podia reproduzir aquele som retumbante.

Prendeu o saio com um cinturão de lã e vestiu o pelote do pai.

A noite mostrava que o inverno ainda tinha força e que talvez tivesse sido temerário retomar os trabalhos tão cedo. Nevara, e as suas pegadas ficavam marcadas no chão. A rapariga esperava-o a alguns passos, fez-lhe sinal para que a acompanhasse e ele seguiu-a sem colocar perguntas. Agachados, para não serem vistos por algum noctâmbulo como eles, chegaram às ruínas da igreja.

Atrás dos muros degradados, pareciam estar mais protegidos de olhares e ouvidos curiosos.

— Já acordaste? — perguntou Ava.

— Sim, pensei que estava a sonhar.

— Por acaso sonhas comigo?

— Não, mas...

— A sério? Não acredito, sonhavas comigo! — exclamou Ava, soltando uma gargalhada que travou levando a mão à boca. — És engraçado, sabias?

— Não.

— Pois és, é curioso ver-te o dia inteiro atrás do teu pai e do bêbedo do lombardo que dirige esta feira toda.

— Não fales assim do mestre de obras.

— O quê? Todos sabem que gosta demasiado de vinho e que por isso nunca conseguiu construir um edifício importante. Vá-se lá saber como enganou o rei para levantar este castelo, ou talvez tenha sido ao contrário, que importa! E

depois há o teu pai...

— Não te atrevas a falar mal dele.

— É um cãozinho de colo, ambos o sois.

— Ava, eu só ajudo o meu pai. Às vezes, gostaria de lhes dizer, a ele e ao lombardo, o que penso.

— E o que pensas tu?

— Sinto-me diferente deles, o meu pai é um carpinteiro magnífico e agora é o braço direito do lombardo, o ajudante. Mas só presta atenção ao que é visível a olho nu.

— Que queres dizer com isso? — perguntou Ava.

— Pensarás que sou estúpido — Fortún hesitou em continuar. — Observo tudo, do canto dos pássaros, ao ruído do vento, à cor das pedras que colocamos na muralha, há tantas coisas à nossa volta... que tento prestar atenção a todas.

— Isso não é possível.

— Talvez, mas não consigo evitar.

— Devias centrar-te numa só — aconselhou-o Ava —, concentrar o esforço em algo concreto. Assim, demonstrarias tudo do que és capaz.

— E em qual devo fixar-me?

— Agora mesmo, na que tens mais perto de ti, em mim.

E então beijou-o. Era a primeira vez.

Nenhuma outra seria igual, jamais.

Fortún teve consciência disso assim que saboreou Ava, era um sabor tão agradável, como um fruto delicioso. Os lábios da arqueira abriram-se ligeiramente, mas ele estava já preso ao néctar e lançou-se de novo para comer desses lábios. Sem pensar, as suas mãos percorreram-lhe as costas, até abarcarem a realçada cintura de Ava. Aí se deteve.

Ava não.

Afastou-se de Fortún e levou dois dedos à boca, pedindo-lhe simultaneamente tempo e silêncio. Começou a despojar-se das roupas, até ficar apenas com uma fina saia branca vestida.

Sorriu.

Abriu os cordões que prendiam a última peça ao seu corpo e esta deslizou-lhe

suavemente pela pele, como que acariciando-a. À luz da Lua, entre as ruínas daquele velho templo, Fortún contemplou a máxima expressão da beleza.

— Vem, aproxima-te. — Desta vez, os dedos de Ava moviam-se em unísono com as palavras.

Fortún quase tropeçou numa das lajes deslocadas da velha igreja, conseguiu manter o equilíbrio sem erguer o olhar da absoluta nudez da arqueira. Ao

chegar junto dela, Ava arqueou as sobrancelhas e ele entendeu de imediato. Despiu-se o mais rápido, e desajeitadamente, que pôde.

— Calma, só tens de me seguir — disse Ava, pegando na mão do rapaz e pousando-a sobre um dos seus seios. Fortún não encontrou ar suficiente para respirar e, a partir de então, acompanhou-a em cada movimento, cada beijo, cada carícia. Seguiu-a pelos cabelos, pela pele, no fundo do seu umbigo e entre as pernas. Tê-la-ia perseguido onde quer que Ava lhe tivesse pedido, mas o que lhe exigiu foi que se sentasse num dos silhares, e ela fez o mesmo em cima dele.

Depois, passou as mãos pela nuca de Fortún e entrelaçou os dedos no cabelo do jovem. Cravou o olhar azulado no mais fundo das pupilas do amante e começou a mover a cintura sobre ele.

A arqueira pousou-lhe as mãos nos ombros e ergueu o olhar para a Lua, única testemunha do casal. Fortún não sabia como conter aquela paixão da arqueira, mas sentiu como crescia dentro de si uma força incontrolável. Agarrou-se às ancas de Ava e arquejou até tombar. Juntos, chegaram a um clímax que Fortún nem nos sonhos teria sido capaz de esboçar.

Ava começou a mover-se lentamente, acariciou o rosto confuso do amante e sorriu. Levantou-se e lançou-lhe um olhar intrigante, para se dirigir depois até junto das suas roupas e vestir-se. Aproximou-se de novo e deu-lhe um doce e solitário beijo nos lábios.

— Volta para a cama e continua a sonhar.

A silhueta da arqueira desapareceu atrás das ruínas da igreja.

Capítulo Dezsete

LOARRE. ABRIL DO ANO 1034

Ao sair de casa, Fortún surpreendeu-se ao ver que o ferreiro não estava a preparar flanges nem rebites para a obra, mas sim a bater uma chapa de ferro, dando-lhe a forma de capacete. Ao lado, um dos homens de armas polia com esmero o elmo algo oxidado. Parecia ter alguma tinta à mão, para

o proteger melhor e seguramente lhe dar alguma identificação. A maioria dos homens desenhava uma cruz, mas também os havia mais imaginativos.

O mais importante naquela manhã fria era terminar o último lado da torre livre.

Ia por fim ficar toda fechada. O lombardo começara a construí-la sem alicerces, diretamente sobre a rocha-mãe, dura e consistente. Agora que estava terminada, mostrava-se um autêntico gigante de pedra, que impressionava sobremaneira aqueles que a contemplavam.

— Se os alicerces forem de pedra, não poderão minar os muros — comentou Juan, cada vez mais consolidado como ajudante do lombardo.

— Minar? — perguntou Fortún, para sua surpresa.

O rapaz parecia ter mudado de atitude desde a estranha visita da arqueira. Estava mais concentrado e mostrava-se mais interessado em tudo o que tivesse que ver com a arquitetura do castelo. Já não se limitava a ajudar o pai de forma vaga, esforçava-se e perguntava.

— Por mais grossa e alta que seja uma muralha, há sempre maneira de a fazer cair — explicou o lombardo, também surpreendido pelo inesperado interesse do jovem. — Na minha terra, ouvi histórias do passado, de como os antigos cercavam as poderosas cidades fortificadas dos inimigos e faziam com que as muralhas desabassem como se tivessem sido atacadas pelos deuses.

— Faziam-no escavando túneis por baixo — observou Juan.

— Sim, ainda que seja uma técnica complexa. Uma vez aberto o túnel, escoravam-no bem com madeiras.

— Isso não faz sentido — interrompeu novamente Juan.

— Cala-te um momento, não sejas impaciente. Faziam-no para trabalhar nele, enchê-lo de ramagem, troncos e palha, e depois pegavam-lhe fogo. Ao arder toda a estrutura que o suportava, as paredes do túnel desabavam com

mais força e velocidade, debilitando de tal modo os alicerces que estes podiam ceder, e a muralha caía com eles.

— E neste solo de pedra não poderão escavar nenhum túnel.

— Isso, mantém o segredo — advertiu o lombardo, piscando-lhe o olho. —

Agora, manda o teu filho ao cimo do andaime que montaram ontem, e que leve para lá esta ferramenta.

Fortún viu que a corda que lhe davam tinha atada numa das pontas uma pesada peça de metal com fivela. Subiu a estrutura de madeira de sessenta pés e postou-se à altura do pano exterior. A forma de construir aquela parede era à base de erguer dois muros paralelos de silharejos e encher o interior com pedras da montanha e terra. Assim, conseguiam a consistência e a espessura necessárias.

— Rapaz! — gritou o lombardo. — Agora põe a palma da mão no último bloco de pedra. — Fortún assim fez. — Agarra a corda com essa mão e deixa-a cair. —

Fez o que lhe era pedido, e o pedaço de chumbo procurou afincadamente o solo, embora não o alcançasse. Ficou a quatro palmos, a balançar. — Encosta a tua ponta da corda ao muro.

O lombardo agachou-se e estabilizou-a. Fez má cara e percorreu a vertical do muro da torre até à posição do rapaz.

— Vamos mal — disse, abanando três vezes a cabeça —, muito mal. Na parte baixa da torre, o cordel afasta-se um palmo do pano. Fortún — era a primeira vez que o tratava pelo nome —, já podes descer. E tu, Juan, fica aí, a partir de agora, supervisionarás a colocação dos silharejos. Temos de nos meter mais para dentro, a grossura de um dedo da mão a cada fiada que deitemos, a partir de agora e até daqui a oito.

— Isso atrasará o fecho da torre.

— Queres que venha abaixo?

— Claro que não.

— Então, obedece.

O carpinteiro não entendeu a que se devia aquela ordem. Acatou-a o melhor possível, pediu que quatro homens subissem ao topo e, antes de dar a volta, já um deles o atingira.

— Começo eu — disse, ante o assombro de todos.

Fortún reconheceu-o, era Javierre. Ainda que desta vez tivesse trocado as roupas de pastor por outras melhores, era fácil de reconhecer pela corpulência.

— Como consegues trepar sempre tão depressa? — perguntou Fortún quando ele desceu.

— Já sabes que gosto de subir às árvores. Sempre que posso, escalo uma.

— Porquê? — insistiu Fortún.

— Para ver as coisas de outra perspetiva. É preciso ver as coisas de vários pontos de vista. Não se pode confiar em ninguém, Fortún? Quem não mente nestes dias tão negros que nos coube viver?

— Bem, alguns de nós são sinceros — disse, baixinho. Ainda não lhe tinha falado da visita de Ava.

— De certeza?

— Duvidas de mim? — Fortún empalideceu.

— Não, mas devemos sempre conhecer as debilidades dos amigos, melhor até que as dos inimigos.

— Porque dizes isso?

— Não te preocupes, que vou ajudar-te. — Pôs o braço sobre o ombro de Fortún.

— Juntos, faremos grandes coisas, vais ver.

Nessa manhã, os dois rapazes trabalharam juntos sob a supervisão de Juan, que ficou encarregado de acabar o borneio exigido pelo lombardo e, portanto,

obrigado a conseguir que o resto dos trabalhadores acatasse essa diretriz. Em dez dias, tinham cumprido a missão. Na sua zona alta, o muro fazia uma estranha barriga de uma dúzia de fiadas, ainda que de baixo mal fosse perceptível.

À tarde, um vigia deu o alarme do alto do posto de vigilância que se estabelecera no pico mais próximo de Loarre. A meia dúzia de peões deixados por Lope de Ferrech foi a correr receber os visitantes que se aproximavam, não vindos do Sul nem do Oriente, mas sim do Ocidente. Dos andaimes, Juan viu pelas roupas que se tratava de cristãos. Uma pequena companhia de cinco ginetes, um cavaleiro e quatro escudeiros. Entraram na aldeia sem dizer uma palavra e seguiram em direção ao castelo. O homem que os encabeçava era distinto, uma capa azulada cobria uma cota de malha com a sobreveste de uma dupla aspa branca. Também a sua hoste a portava, bem armada e pronta a defender-se. As montadas eram bravas, principalmente o cavalo do nobre, de patas musculosas e uma envergadura tremenda. Era raro ver-se um animal assim por aquelas terras, mas o que mais chamava a atenção era que se tratava de uma égua. Só pararam à entrada do recinto, onde o lombardo fora a correr recebê-los. À cintura, o nobre trazia um cinturão coroadado por uma magnífica fivela com uma cruz central e figuras geométricas dos lados. Os seus sapatos eram de cordovão, com pele fina de alta qualidade e um vivo tom de vermelho. Atados ao tornozelo, seguindo o pé e afunilados na ponta.

— Sou Bernart de Marcuello — anunciou o cavaleiro —, tenente de Cacaviello, Murillo e Sibirana. Fiel súbdito do nosso rei Sancho, o Maior.

— Bem-vindo, é uma honra receber-vos — respondeu o lombardo.

— Quer dizer então que és tu o último. — Coçou a barba enquanto entregava o elmo ao escudeiro mais próximo, de aspeto desalinhado e figura curvada. —

Esperava... não sei... um pouco mais de grandeza.

— Não sei a que vos referis.

— Suponho que, quando os ratos fogem, os que ficam para trás são os piores.

— Não vos admito tal insolência — encolerizou-se o lombardo —, eu...

— Tu? Tu o quê? — E ergueu-se sobre a égua. — Ouvi-me bem, todos! O rei prometeu a Terra Chã àquele que conseguir levantar e defender um castelo nesta fronteira. Pois escutai-me, esse não será Loarre.

Um murmúrio de incompreensão percorreu o campo de trabalho. Uns e outros fitavam-se, confusos e alarmados.

— Silêncio! — exigiu o escudeiro curvado.

— Eu, Bernart de Marcuello, estou a construir um castelo no vale do rio Gallicius. A dois dias de Loarre — afirmou categoricamente, para que ninguém tivesse dúvidas. — Está mais avançado do que este aborto que um lombardo tão velho, bêbedo e louco que nem os da sua terra o querem e deixaram aqui sozinho, ousou levantar.

— Que mentiras dizeis!

— Deveis saber que este — indicou-o com o dedo — é o último lombardo que permanece no reino. Os restantes abandonaram-nos. Deixaram igrejas a meio, castelos por levantar... São traidores!

O mestre de obras, com os olhos injetados de sangue, mordeu a língua para não entrar num jogo que talvez não pudesse ganhar.

— Sou um homem justo e sei que não sois responsáveis por essas malfeitorias.

Aqueles de vós que se juntarem a mim serão bem recebidos. Dar-vos-ei posses na Terra Chã! — exclamou, ante a alegria dos presentes. — Desde que me jureis vassalagem.

E o silêncio cresceu no peito de cada trabalhador de Loarre.

— Mas não vos esperarei eternamente. A partir da próxima lua cheia, quem não se tiver juntado a mim em Marcuello, já não será bem recebido.

— Lembrai-vos, antes da lua cheia! — gritou o escudeiro.

Sem dizer mais nada, a companhia deu meia volta e abandonou Loarre pelo mesmo caminho, deixando-os todos confusos e atemorizados.

Capítulo Dezoito

LOARRE. ABRIL DO ANO 1034

Javierre e Fortún viam com preocupação como Juan e dois peões abandonavam Loarre a caminho do rio Gallicius. Após a irrupção do senhor de Marcuello, o mestre de obras ordenara ao aprendiz que partisse de imediato com dois homens de armas para averiguar tudo sobre o novo castelo. Não podia permitir que esse novo inimigo acabasse com eles, por mais que fosse um grande do reino.

A ideia era aproveitar o mau tempo para chegar sem levantar suspeitas e investigar os progressos, materiais e mão de obra com que os rivais em Marcuello contavam.

A incerteza correra por Loarre, já não tinham apenas de edificar uma fortaleza em plena fronteira, numa terra inóspita, frente aos terríveis sarracenos que a qualquer instante podiam aniquilá-los. Agora, havia também rivais atrás deles.

Se, depois de tanto esforço e vicissitudes, fossem superados, nenhum do seu empenho valeria a pena.

— Achas que este castelo será algum dia terminado? — perguntou Javierre enquanto os dois rapazes observavam ao longe a silhueta do castelo muçulmano de Bolea.

— Claro que sim, Deus ajudar-nos-á.

— E Marcuello? — continuou, após lançar uma pedra o mais longe que pôde. —

Eles também são cristãos como nós, e vassalos do rei Sancho.

— Confia no lombardo, construiremos este castelo.

— Sim, mas neste lugar acontecem coisas estranhas. — Javierre atirou outra pedra. — Ouvi os homens dizer na cantina que está amaldiçoado.

— Que dizes, Javierre?

— Não ouviste falar do exército fantasma?

— De quê?

— Claro, nunca sabes de nada. — Javierre lamentou a ignorância do amigo.
—

Verás, há muito que por estes vales corre uma velha lenda que fala de traidores.

— Traidores?

— Sim, os mais infelizes dos homens. A traição nunca se perdoa, persegue um homem mesmo depois de morto.

— Isso não é possível.

— Pois eu acho que sim. O rasto de uma traição jamais desaparece — afirmou Javierre, no tom sério utilizado pelo filho do pastor para dotar as suas histórias de mais credibilidade e interesse. — Dizem que o exército fantasma é composto por uma horda de cavaleiros mortos-vivos que percorrem o bosque a fazer justiça pelas próprias mãos. Assassinos, ladrões, todos os que não têm a consciência tranquila podem ser recrutados por eles.

— E o que procuram? — Fortún mostrou-se intrigado.

— Desgraçados como eles, para não se sentirem sós na penitência. Dizem que perseguem um homem em particular, o maior traidor da história destas terras.

— Judas?

— Não, procuram... — e guardou silêncio — um conde que enganou o rei e permitiu que os muçulmanos invadissem o seu reino, chegando inclusivamente a estas terras.

— Não devias dar ouvidos a esse pastor, só diz disparates — interrompeu-os Ava, aparecendo de surpresa atrás deles. — Nunca vi esse exército de mortos-vivos — contestou, atirando também uma pedra, com menos força, mas mais habilidade.

— O exército fantasma existe — insistiu Javierre com firmeza.

— Como podes ter assim tanta certeza? — inquiriu a arqueira.

— Porque conheço os homens, sei as malfetorias de que são capazes.

— Também não acredito nessas lendas — comentou Fortún, mais pausado.

— Pois devias. — Javierre levantou-se e afastou-se, visivelmente irritado.

— O que se passa com o teu amigo?

— Nada, ele é assim.

Fortún deu voltas ao que ia dizer, enquanto um longo silêncio caía entre eles.

— Ava, podemos ver-nos de novo esta noite? Onde posso procurar-te?

— Fortún, não podes.

— Mas...

— Eu procuro-te — afirmou ela, num tom firme.

O caminho até Marcuello não foi fácil, a orografia era uma grande inimiga naquelas serras antes dos Pirenéus. Juan seguia os dois peões, que mostravam ter melhores qualidades e mais experiência a avançar por aquele território. Apesar dos problemas, alcançaram a última subida perto da planície onde se situava Marcuello.

Foi uma surpresa o que ali encontraram.

— Não parece grande coisa — sussurrou um dos homens de armas.

— E não é. — Juan esforçava-se por entender o que ali se passava.

Um grupo de homens trabalhava, deslocando terra para uma zona que se elevava a pouca altura sobre a planície.

— Estão a construir um cerro? — perguntou de novo o peão.

— Não, preparam a base para construir uma torre, mas...

— O quê? Não fiques calado.

— Algo não bate certo, estão demasiado parados. Há pouca gente e não têm pedra... Preciso de me aproximar mais e de averiguar quem dirige os trabalhos.

— E como pensas fazê-lo?

— Devo ir sozinho, ficai aqui.

O carpinteiro abandonou a escolta e procurou o caminho de acesso, queria chegar ao local sem levantar suspeitas. Por isso, tentou ser visto desde o primeiro instante, manter a calma e ser o mais natural possível.

Não foi fácil.

— Tu! O que queres? — interrogou-o um dos guardas que vigiavam o perímetro.

Estava armado com uma clava. Não era um homem de armas, só um camponês rude e grandalhão.

— Disseram-me que procurais gente para construir um castelo.

— Assim é. De onde vens?

— De Jaca.

— Isso é muito longe. — Perscrutou-o com o olhar e coçou o queixo. — Que sabes fazer?

— Sou carpinteiro.

— Bem, isso é muito melhor. Até chegar a gente de Loarre, precisamos de toda a ajuda possível.

— De Loarre? Pensava que estavam a construir lá outra fortaleza.

— Em breve pararão e virão para aqui.

Juan questionou-se se fazer mais perguntas seria acertado ou se podia levantar suspeitas. Devia ter em conta o vigilante, a clava parecia não lhe pesar na mão.

— A quem devo dirigir-me para começar o quanto antes?

— Muito fácil, vês aquele homem curvado com a saia escura? O que dirige toda a obra é o pequenote que está ao lado.

— Não parece lombardo.

— Lombardo? Claro que não, porque dizes isso? — O movimento da clava contra a palma da sua mão era ameaçador.

— Por nada — respondeu Juan, com cautela —, trabalhei numa ou outra igreja e eram sempre lombardos os construtores.

— Não queremos mais estrangeiros no reino, o rei Sancho tomou a melhor decisão ao enviá-los de novo para suas casas.

— Queres dizer que o rei os expulsou?

— Não, mas acho que no futuro as coisas far-se-ão de outra maneira. Isto é apenas um adiantamento.

— Por mim, tudo bem. Vou procurar madeira para poder começar a trabalhar, quero causar boa impressão ao mestre de obras.

— Como queiras. Não te afastes desta zona, é a que temos controlada.

Ficou a olhar para a dupla que dirigia aquele campo de trabalho. O mestre de obras não era nada parecido com o lombardo. A outra personagem deu-lhe um mau pressentimento, com o seu aspeto carrancudo e desconfiado. Julgou lembrar-se dele da visita do senhor de Marcuello a Loarre. Intuíu-se que tinha uma alma mesquinha, e alguém assim é sempre perigoso.

Juan passou o dia a apanhar madeira e a montar um posto de trabalho como se fosse ficar. Quando caiu a noite, abandonou Marcuello em direção à zona onde deixara os dois homens de armas que o acompanhavam.

Não encontrou ninguém.

Era estranho que não tivessem aguardado por ele. Não podia esperar mais tempo, a sua partida de Marcuello podia ser descoberta em breve. Se fossem espertos e juntassem as pontas soltas, não seria difícil que o tomassem por espião e, nesse caso, a força podia ser o seu destino final.

Não teve, por isso, outro remédio senão afastar-se daquele lugar e dormir num abrigo até ao nascer do Sol. Com as primeiras luzes do dia, retomou o caminho para Loarre.

Capítulo Dezanove

LOARRE. 4 DE MAIO DO ANO 1034

Passou a Quaresma, e a inquietação em Loarre com a inesperada concorrência de Marcuello não parou de aumentar. Alguns dos últimos a chegar abandonaram os trabalhos. O motivo não era segredo, partiam para o vale a fim de se juntarem à obra do outro castelo. A situação era tão grave que Lope de Ferrech foi a Loarre para dissuadir qualquer trabalhador que tivesse a intenção de partir e tranquilizar os que se mantinham fiéis à sua causa.

— Lombardo, podereis prosseguir com as obras com tão poucos homens?

—

perguntou-lhe Lope de Ferrech quando estavam a sós frente à torre principal.

— Estamos nas últimas, se houver mais baixas, será impossível continuar.

— E se eu vos prometer que mais ninguém se vai embora?

— Como ides fazer tal coisa?

— Isso deixai-o comigo. Respondei à minha pergunta.

— Sim, mas tratai de cumprir a vossa palavra.

— Acreditai que o farei, a partir de agora, controlaremos qualquer rumor. Dei com a pessoa adequada para estar a par do que aqui acontece.

Lope de Ferrech partiu nessa noite. Loarre não era um local seguro, sabia-o melhor do que ninguém. Por isso, nunca lá ficava mais tempo do que o necessário.

— Depois de tanto temermos os muçulmanos, afinal, são cristãos, e ainda para mais do nosso reino, quem vai minar o nosso sonho — recriminou Juan, enquanto segurava o prumo utilizado pelo lombardo para verificar que o muro estava nivelado.

— O pior inimigo está sempre em casa — disse o lombardo. — Não o vês vir, aparece pelas costas.

— Malditos traidores! — enervava-se Juan. — Que vamos fazer?

— Resistir. Pelo que contaste, cheira-me que o mestre de obras que têm nunca construiu nada que se erga a seis metros do solo. — Começou a recolher o prumo. — Tê-lo-á visto fazer e julgar-se-á capaz, mas cedo se dará conta de que, na arquitetura, tudo são problemas e as únicas soluções dá-as a experiência. Nós, os lombardos, não gostamos de experimentar coisas novas, preferimos que sejam outros a fazê-lo e, se funcionar, talvez o utilizemos.

— E como sabereis se funciona? Quanto tempo levará?

— Hum, às vezes, séculos — respondeu o lombardo, entre risos. — Verás como vai tudo correr bem.

— Se assim o dizeis, mas... estou preocupado.

— Não estejas tanto, sabes que com os edifícios dá-se sempre um axioma? Por mais mal que se construam, por mais gretas que se abram, a realidade é que tendem a não cair.

Então, Juan sentiu o hálito do lombardo e apercebeu-se de que o mestre de obras tinha sido generoso com o vinho.

— Talvez esteja enganado, veremos. Por agora, o melhor que podemos fazer é continuar a trabalhar no nosso castelo.

— Que remédio. Além do mais, lembrai-vos que perdemos dois homens de armas. Com os que restam, pouco poderemos fazer se nos atacarem.

— Continuemos, Juan, é a única coisa que nos compete.

— Os ânimos estão em baixo, as pessoas... Muitos pensam em partir. O senhor de Marcuello é um dos nobres mais ricos do reino.

— O ânimo, tal como o tempo, é mutável. Da noite para o dia, pode passar do calor extremo ao frio mais intenso.

— Pois é bom que mude e suba em breve, ou... Levamos muitos meses de trabalho sem...

— É isso! Celebraremos uma festa.

— Como? De que falais? — Juan ficou boquiaberto.

— Tu mesmo disseste que temos de levantar os ânimos.

— Sim, mas o que vamos celebrar?

— Não sei, diz-me tu. Estamos no início de maio... podemos... Não sei...

— Mestre, julgo que não estais em condições de...

— Já sei, plantemos o maio! — exclamou, eufórico, ante a incredulidade de Juan. — Passa a palavra. Pega nos homens mais fortes e procurem a árvore mais alta que encontrarem, plantá-la-emos junto à velha ermida.

— Mestre, não podemos.

— Será preciso preparar comida. E bebida! Usaremos as reservas de vinho. Há que levantar os ânimos, e para isso o vinho é como água benta.

Nem o lugar, nem as forças, nem a despesa convidavam a luxos excessivos.

Mas, mesmo naquelas circunstâncias, as pessoas estavam há demasiado tempo sem nenhuma alegria e receberam bem a inesperada ideia. À noite, acenderam uma fogueira para celebrar essa festa, que, embora pagã, era comemorada em grande parte do reino. Assaram duas ovelhas velhas e alguma caça. Juana, a mulher do ferreiro, cortava os bifes ante o olhar atento dos mais famintos.

Depois, serviu um caldo de verduras, e não poupou no pão. Aquilo era o mais próximo de uma boa ceia de que a maioria desfrutara em meses.

Plantou-se um maio bem alto. Como não podia deixar de ser, foi Javierre o encarregado de subir à copa, e aí atou um pano vermelho. Era o mais ágil

em todo o Loarre, trepava como um esquilo, e a sua constituição fortalecia-se. Ao seu lado, Fortún parecia ainda uma criança, pelo que as raparigas da aldeia não tiravam os olhos do amigo e muitas já o disputavam.

Nessa noite, falou-se bastante e cantou-se ainda mais. Juan teve de se juntar à festa, embora no início não concordasse com a ideia. Encontrou companheiro de

conversa num dos peões que protegiam os trabalhos. O lombardo, por sua vez, há muito que dedicava o tempo a dar boa conta do vinho. Os canteiros cantavam e riam. Um dos padeiros embriagara-se demasiado cedo e saltava de mesa em mesa. Fortún era dos poucos que pareciam não desfrutar dos festejos, calado e como que ausente, procurando entre os presentes alguém especial, e que parecia ser a única pessoa a não ter aparecido.

Uma mão pousou-lhe no ombro, era Javierre, que se sentou ao seu lado com um jarro de vinho a transbordar.

— Uma boa festa.

— Sim, as pessoas estão contentes — concordou Fortún, sorrindo.

— Temos de saber divertir-nos, é bom — disse o amigo, passando-lhe o jarro.

— É bom para quê? — Fortún bebeu um gole.

— Pois, para tudo, olha, até a tua amiga veio — respondeu Javierre, apontando discretamente para a arqueira.

Ali estava ela. O rosto de Fortún tornou-se sorridente, não conseguiu disfarçar, e pegou no jarro para beber um bom trago. Estava junto a outra mulher que ficava em segundo plano ante a beleza de Ava.

Como é possível não a ter visto?, questionou-se.

— Falaste com ela? — perguntou Javierre, bebendo e procurando comida na mesa.

— Não — mentiu Fortún.

— De certeza?

— Já disse que não.

— Está bem, não te zangues. — Javierre levou um bocado de pata de cabrito à boca. — Melhor assim.

— Melhor? Porquê?

— Pois, porque posso tentar eu.

— Não te atrevas... — advertiu Fortún, cerrando os punhos.

— Calma, Fortún — disse-lhe o amigo, passando-lhe o braço pelo ombro.

— Na mulher de alguém não se toca, nem sequer se olha.

— Não é minha mulher.

— A partir de agora, para mim, é como se fosse — afirmou o filho do pastor, com toda a nobreza de que era capaz. — Mas a próxima que aparecer por Loarre é para mim, não te esqueças — acrescentou, piscando-lhe o olho.

Para Fortún, era a primeira vez que alguém lhe falava com tamanha lealdade.

Talvez devesse ter-lhe contado do seu encontro com Ava. Mas, depois de o ter ocultado durante todo aquele tempo, não viu sentido em revelar-lho.

Fosse como fosse, os pensamentos de Fortún tinham Ava como única dona.

Contemplou a sua presença selvagem, com a longa cabeleira. Como parecia forte sobre aquelas longas pernas, e como o rosto brilhava na noite.

— Ava — disse Javierre, com um meio sorriso. — Não consegui averiguar ao certo a sua proveniência, mas não há dúvidas de que vem de um dos condados orientais, de Ribagorça, com certeza.

— E onde aprendeu a usar o arco com aquela destreza?

— Afirmam que dispara melhor do que um homem, como pudeste ver quando ela chegou. Também ouvi dizer que o pai era o melhor arqueiro dos Pirenéus e que a ensinou antes de morrer a lutar contra uma razia enviada pelo califado. —

Javierre estava a gostar de revelar as suas informações ao amigo. — Aviso-te de que também comentam que é meio selvagem, revolve-se como um gato quando alguém ousa abordá-la.

— Como o Poente.

— Pior. Não permite que nenhum homem se aproxime. Portanto, tem cuidado e não te aproximes demasiado.

Fortún pensou que já era tarde para isso.

— Rapazes, a falar de mulheres. — Viraram-se e depararam com o lombardo com um jarro na mão e a tresandar a vinho. — Tende cuidado com aquela —

disse, apontando para Ava —, tem o olhar azulado.

— E qual é o problema, mestre? — inquiriu Javierre.

— Pois que é tão azul como o mar. — O lombardo voltou a beber. — Dizei-me: alguma vez vistes o mar?

A pergunta ressaltou nos rostos emudecidos dos dois rapazes.

— Já imaginava, sois meros montanheses. Pois eu naveguei pelas águas de Roma até Barcelona, e garanto-vos que aquela mulher tem o mar preso no olhar.

E as águas do mar são traiçoeiras e perigosas. Podem empurrar-nos com suavidade para a margem ou arrastar-nos irremediavelmente para o fundo. E o pior é que nunca sabemos que tempo vamos encontrar, nem que perigos se nos depararão entre o azul das águas.

Fortún ouvira tantas histórias sobre o mar que vê-lo era um dos seus maiores desejos. Chegar um dia a uma praia e mergulhar nas águas. O mar estava longe, demasiado. Era uma viagem longa e perigosa, ainda que talvez ele tivesse encontrado outra forma de penetrar no azul das suas ondas sem sair das montanhas. Como dissera o lombardo, Ava tinha o mar preso nos olhos.

— Bem, mestre de obras, já chega por hoje. — Um dos peões tentou agarrá-lo pelas axilas.

— Solta-me, maldito. — E tentou escapar-se.

— Temos ordens para zelarmos por vós, e não penso desobedecer ao meu senhor, já nos avisou dos vossos vícios.

— Avisou-vos! — exclamou o lombardo, indignado. — Caso não vos tenhais dado conta, neste lugar mando eu.

— Só quando se constrói; o resto do tempo, somos nós quem vos protege, a vós e ao resto.

— Duvido que possas fazer frente a uma horda de sarracenos. Decerto que fugirias para a montanha com o rabo entre as pernas, como fazeis há séculos —

disse, voltando a beber.

— Maldito lombardo!

— De certeza que tens sangue mouro, não me admiraria que a tua mãe tivesse sido presa por um desses infiéis — increpou-o, rindo-se tanto que derramou metade da jarra por cima de Fortún e Javierre.

— Prendei-o — ordenou o homem de armas —, fechá-lo-emos no armazém.

— Nada disso.

O mestre de obras desferiu um murro que não encontrou onde assentar e que o fez perder o equilíbrio e cair, batendo com o queixo no chão. Isso provocou-lhe uma aparatosa hemorragia, que a todos alarmou. Na sua idade, qualquer imprevisto podia ser nefasto. Sem ele, as obras do castelo não podiam prosseguir. Logo, vários homens socorreram-no e transportaram-no para a sua cabana.

— Amanhã não será capaz de se levantar — murmurou Fortún.

— Maldito borrachão. — Javierre estava particularmente incomodado. — Velho estúpido.

— Como podes dizer isso dele? Apercebeste do que fez por nós? Escolheu o meu pai como ajudante, dá-te trabalhos importantes na obra. Se até tenta ensinar-nos a língua dos padres!

— É estrangeiro, não te esqueças.

— E o que tem isso? — Fortún não conseguia livrar-se do assombro.

— Nunca terminará este castelo, esse bêbedo abandonar-nos-á, como os amigos, se não se matar antes nalguma borracheira.

— Não acredito no que dizes.

— Fortún — Javierre pousou-lhe as mãos nos ombros —, já não somos crianças, temos de começar a agir como homens.

— Não sei o que queres dizer com isso.

— Não te preocupes, eu cuido de ti — disse o amigo, sorrindo.

Após as últimas palavras, Javierre foi buscar mais vinho. Era demasiado tarde, tinha acabado, e isso enfureceu-o. O ambiente acalmara e a maioria das pessoas começou a abandonar a festa. Nesse momento, um estranho par apareceu de surpresa. Era um homem esquelético, rosto anguloso, no qual se adivinhavam os ossos de um maxilar proeminente. Tinha sobrancelhas densas e pouco cabelo.

Caminhava lentamente, como que abrandando. O semblante imprimia à figura um halo de autoridade. Os olhos eram discretos e afundavam-se nas órbitas, formando um espaço negro onde era difícil procurar algum sinal de humanidade.

— Quem é? — Fortún também ficara impressionado. — Tem um aspeto anormal, como de doente.

— É a morte — sussurrou Javierre, mais calmo.

— Que dizes?

— A morte que nos vem buscar — sussurrou, movendo os dedos, para dotar as palavras de maior dramatismo.

Entre a alteração do lombardo e a estranha aparição dos dois inesperados visitantes, a celebração parou por completo, e fez-se silêncio, interrompido apenas pelos sussurros das pessoas que ainda estavam ali e de outras que regressaram ao ver que algo se passava. Todos desejosos de saber quem eram os recém-chegados a Loarre.

— Boas-noites, lamento interromper — proferiu aquele homem —, sou o novo sacerdote de Loarre.

Nenhum dos presentes reagiu, continuavam surpreendidos. Só os murmúrios lhe deram as boas-vindas. Deviam estar contentes por poderem finalmente dispor de um padre para celebrar a missa. Fortún apercebeu-se, porém, de que não estavam. Mais do que felicidade, a chegada do religioso que devia guiá-los até à palavra de Cristo atemorizou-os.

Aquele homem de Deus parecia uma aparição mais próxima do seu contrário.

Porque, se era um enviado da Igreja, como seria um mensageiro do demónio?

— Acompanha-me um noviço, Elías, que me ajudará com os labores, e este mastim. Onde podemos dormir?

Um grupo de mulheres teve de dar uma mão, viam-se receosas e submissas ante o recém-chegado. Fortún olhou para o pai, que, do outro lado da festa, parecia tão preocupado como os restantes. Sentiu então um olhar fixo nele.

Sim, tinha a certeza de que alguém o observava. Procurou esses olhos espiões entre os que o rodeavam. Com entusiasmo, julgou que seriam os de Ava, mas cedo se apercebeu de que não era o olhar azulado que o perscrutava. Mas quem, então?

Procurou, mas todos prestavam atenção aos recém-chegados.

Quem cravara os olhos nele?

Quando desistiu, o novo sacerdote, acompanhado do noviço, era conduzido à velha igreja.

E deixou de sentir aqueles olhos sobre ele.

Deixou a festa para ir dormir, estava cansado e a cabeça estalava-lhe devido ao vinho. Passou junto às ruínas da antiga igreja da aldeia e teve sentimentos contraditórios. Aquele lugar evocava-lhe a memória do calor do corpo de Ava e, ao mesmo tempo, fazia-o sentir-se triste, pois passara demasiado tempo desde esse encontro. Ansiava pelo sabor daqueles lábios, e isso atormentava-o.

Tendo bebido do cálice do amor, ansiava por fazê-lo todos os dias, todas as noites.

Contemplou pela última vez a silhueta do templo em ruínas e dispunha-se a afastar-se dali quando viu algo brilhar no interior.

Hesitou.

Olhou em volta, estava sozinho, os excessos da festa ouviam-se dali, mas não havia ninguém além dele naquela zona de Loarre.

Venceu-o a curiosidade, como quase sempre.

Aproximou-se sigilosamente das ruínas. Contornou os muros mais altos e entrou pelo mesmo lugar que da outra vez. Não parecia haver nada de estranho.

— Pensava que nunca mais vinhas. — Os olhos de Ava inundaram a noite.

Não o deixou responder. A arqueira lançou-se-lhe aos lábios com um beijo prolongado, que desatou toda a paixão acumulada em Fortún ao longo daqueles dias.

Quando o sacerdote e o noviço voltaram a ficar sozinhos, uma vez instalados em Loarre, o religioso pousou a mão no ombro do ajudante.

— Escondemo-nos durante muito tempo, agora não poderei proteger-te tanto.

Tem cuidado, ninguém deve descobrir-te. Deves aprender a movimentar-te entre a gente.

— Não sei se serei capaz, e muito menos de vos ajudar com os deveres próprios de um noviço.

— Tem paciência, fá-lo-ás bem.

— Porque viemos para aqui? Estávamos melhor escondidos nas montanhas.

— Não podíamos esconder-nos eternamente, este é o meu destino, já o atrasei demasiado por ti.

Capítulo Vinte

LOARRE. DIA DE SANTO ADOLFO, 19 DE MAIO DO ANO 1034

No dia seguinte, muitos tiveram mais dificuldades do que o normal para se levantarem. Até Fortún viu como podem ser pegajosas as teias de aranha do sono após uma noite bem longa. Um acentuado pontapé do pai fê-lo voltar à realidade.

— Vamos! Se tendes idade para noitadas, também a tendes para madrugar.

Levantou-se. A cabeça pesava-lhe como uma rocha. Não era o vinho que o prendia à enxerga, mas o ressaibo do gosto de Ava ainda nos lábios, mais inebriante e com uma ressaca mais difícil de suportar. Comeu uma côdea de pão duro e um caldo do dia anterior. O pai não esperou por ele. Ao sair, o rapaz viu as pessoas na peregrinação diária ao penhasco onde era construído o castelo.

Entre elas, avistou Javierre, que, com o rosto desfigurado e um passo mais lento do que o habitual, se aproximou dele.

— Sinto que estou a morrer — afirmou o filho do pastor.

— Bom dia. Ressaca?

— O que achas? Seja como for, não sei para que nos levantamos hoje. O

lombardo estava tão bêbedo ontem que não seria capaz de construir nem um ninho de andorinhões — afirmou Javierre, batendo na cara com as mãos para acordar por completo. — E depois da pancada que deu... Esse velho estará um par de dias sem levantar o cu da enxerga.

— Não serei eu a dizer-te o contrário. — Fortún assentiu com a cabeça.

— Se virmos que não está, penso voltar a dormir.

Fortún sorriu e juntos retomaram o caminho, passaram frente aos muros da torre livre e entraram no que um dia seria o recinto do castelo, com os muros das torres avançados e...

— Não pode ser — murmurou Javierre, protegendo os olhos do sol.

Sim, era.

Com um sorriso de orelha a orelha, gritando a torto e a direito como todas as manhãs, ou até com mais efusividade. Ali de pé, em cima de um andaime, estava o mestre de obras.

— Como é possível? — Javierre tinha a boca tão aberta que Fortún sentia o seu hálito com laivos do vinho da noite anterior. — Se ontem estava virado

do avesso... e o rosto dele, onde está a ferida? Eu vi o sangue, tu também, não é verdade?

Fortún não respondeu, um risinho escapou-lhe por entre as comissuras dos lábios e teve de os morder para que não aumentasse. Não pôde evitar que lhe inchassem as faces e os olhos se marejassem. Deu uma palmada nas costas do pastor e dirigiu-se ao andaime com um sorriso que era uma mistura de resignação e incredulidade.

— Vamos, Javierre, acho que hoje vai ser um dia longo.

O lombardo estava mais ativo do que o habitual. Ao seu lado, Juan seguia-o como podia, ainda que mal entendesse metade do que o construtor dizia, usando o latim a cada duas por três e intercalando palavras de outra língua. Havia quem dissesse que durava a borracheira da noite anterior. Era possível, mas, dada a sua idade, que estivesse lúcido e a dirigir as obras era um milagre.

Contudo, a jornada foi produtiva apesar da ressaca arrastada por metade do pessoal. A festa fizera-os esquecer os problemas, o perigo dos muçulmanos e, sobretudo, a concorrência de Marcuello.

Continuou a aumentar a altura dos panos principais da torre livre e da muralha que a cercava. Na parte baixa, todos os dias acrescentavam uma fiada à torre, e meia na parte frontal do recinto. Mas, ao ganhar altura e com menos homens, o ritmo baixou para meia fiada. A torre teria umas oitenta fiadas e depois era preciso erigir a fiada-espelho, exatamente igual à primeira, mas no interior, e encher o metro de espessura entre ambas com pedras e terra.

Ninguém tinha dito que ia ser fácil.

Quando chegaram ao piso superior da torre gémea da principal que defendia a entrada, voltaram a construir uma galeria de três arcos com montante. As duas

torres iam ser idênticas, uma de cada lado do castelo. O lombardo ordenou que estreitassem a espessura do muro à medida que este era erguido, nos

dois lados paralelos. Um palmo para o interior e subir a peso com a nova medida, de maneira a ficar com uma espécie de assento, um borneio do muro. Como havia um de cada lado, puseram longas tábuas que os carpinteiros tinham preparado durante dias e criaram um entablamento na superfície interior da torre. Isso permitia-lhes movimentar-se com mais facilidade, colocar peso e ferramentas e imaginar como seria estruturado o interior uma vez terminada a fortificação.

Na manhã seguinte, já não havia ressaca e a maioria apareceu mais animada.

No início do outono, os trabalhos tinham-se atrasado, tal como o lombardo advertira. Juan e Fortún colaboravam no coroamento da torre. Tinham levado para lá bastante madeira e, junto deles, meia dúzia de carpinteiros esperava as ordens do mestre.

— Hoje, devemos conceber uma máquina, caso contrário, não poderemos continuar o muro — anunciou o mestre de obras. — Um aparelho com peças de madeira que nos permitirá levantar pesos tremendos e colocá-los num sítio elevado.

— Como conseguem fazer isso, pai? — murmurou Fortún.

— As máquinas são movidas pela mecânica a partir da própria natureza, sob a orientação da rotação cósmica — interrompeu o lombardo, que parecia ter olhos nas costas e um ouvido apurado, invulgar na sua idade.

Fortún deixou que o seu olhar se perdesse na cúpula celeste.

— O movimento incessante do Sul, da Lua e dos cinco planetas: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno; essa é a chave. Se não percorressem mecanicamente as respetivas órbitas, seria impossível termos luz na Terra nos períodos necessários, e não poderíamos colher frutos maduros.

Entusiasmado, Fortún ouvia o lombardo, deixando voar a sua incipiente imaginação.

— Os nossos antepassados perceberam que as coisas eram assim, observaram o

modelo da natureza e, imitando-a, desenvolveram e levaram a termo invenções que tornavam a vida mais cómoda. — O lombardo aproximou-se deles. — Juan, vejamos como te saís na construção de uma máquina.

— Eu?

— Há aqui outro Juan? Vamos! Não temos o dia todo.

— Está bem. — O carpinteiro suspirou e olhou para Fortún com uma mistura de alegria contida e temor responsável.

— Primeiro, agarra em dois troncos: aqueles dali parecem adequados ao peso que vamos movimentar. Ata-os pela ponta superior com abraçadeiras e deixa-os separados pela parte inferior. Procura cordas para os levantar pela parte de cima e mantém-nos na vertical. — A capacidade de comando do lombardo era assombrosa. — Fortún, ajuda o teu pai e enrola-os com maromas.

O trabalho foi incessante. No cimo da máquina, ajustaram-se duas polés que giravam sobre os próprios eixos. Pelo interior da polé mais elevada, passaram a corda principal, que ia de cima a baixo e também se enrolava em torno da polé do aparelho inferior. A outra ponta da corda descia até à base da máquina.

Nesse momento, Juan não sabia o que construíam. Era tão fascinante que tentava compreender todos os escaninhos daquele engenho. Nos lados posteriores dos madeiros, na parte em que estavam separados, o lombardo fixou duas peças de apoio com um orifício, nas quais colocou as cabeças de cilindros, a fim de que os eixos girassem sem dificuldade. Os cilindros tinham dois orifícios perto das pontas, para que no interior pudessem ser acopladas alavancas. Prenderam à polé inferior tenazes de ferro, cujos dentes se ajustavam aos orifícios que antes haviam sido perfurados por um dos canteiros em vários blocos de pedra.

O carpinteiro atou uma das pontas da corda ao cilindro e, ao mover as alavancas, a corda foi-se enrolando no eixo e, como se fosse magia, o bloco de pedra começou a elevar-se e não parou até à altura onde ia ser colocado.

— Parabéns, acabas de construir a tua primeira máquina — disse o lombardo com alegria, ao mesmo tempo que dava uma palmada nas costas de Juan.

A Fortún, as máquinas enormes fascinavam-no, tal como as ferramentas mais simples. De todas, era a alavanca a que mais o surpreendia, tão fácil e, ao mesmo

tempo, tão prática. Aprendeu a colocá-la debaixo do peso e, se fizesse força pela parte central, era difícil de mover. Mas, se se pressionasse o braço mais longo, na ponta, facilmente se podia levantar uma enorme massa de silharejos.

Não tinham apenas de mover pedra, a terra para o enchimento dos muros era também fundamental.

— Esses homens estão a transportá-la mal — avisou o lombardo quando levavam um carregamento para o pano da porta do recinto.

Quando se tratava de movimentar imponentes quantidades de terra através de quadrilhas de vários carregadores, era preciso verificar com antecedência e exatidão o ponto médio das varas de transporte, a fim de que a carga ficasse dividida numa proporção adequada e de que cada carregador levasse aos ombros uma parte igual de todo o peso. Metade destas varas, nas quais se seguravam as correias de couro dos carregadores, estava marcada com pregos de modo a impedirem que a carga deslizesse.

— O lombardo tem recursos para tudo — comentou Fortún, que não saía do seu assombro com cada nova invenção do mestre de obras.

— Por isso devo aprender com ele, eu sabia que o destino me ia sorrir. Sabia.

Observa, filho, acontecerá o mesmo quando os bois de carga arrastarem um peso, o seu esforço será proporcional se os jugos estiverem equilibrados pela parte central, mediante as correias que os prendem — afirmou o pai.

— O que acontece se as forças dos bois forem desiguais?

— Pois, se um puxar com mais potência do que o outro, isso fará com que vão mais desequilibrados.

— Mas se as correias deslizarem, parte do jugo ficará mais larga, a fim de ajudar o boi mais fraco — concluiu Fortún.

— Exato, filho, tudo tem a sua lógica, mas, ao mesmo tempo, é tão complicado... — Juan esforçava-se por seguir os raciocínios. — É difícil entender o funcionamento de cada elemento que nos rodeia.

— Deves perceber a mecânica — interrompeu o lombardo —, e esta baseia-se na natureza. Que pensas tu que torna um castelo inexpugnável: a sua posição num

local ou a geometria?

— O local.

— Vejo que dás pouca importância aos seus construtores.

— Não, mas...

— Não te preocupes, tens razão, em parte. A escolha do local é decisiva, ainda que não seja a única condição, já que precisa da arte.

— Arte?

— A habilidade do construtor sobre o traçado, a colocação dos elementos defensivos. Por exemplo, viste como se enche uma muralha, não é verdade?

— Sim, destes-lhe mais solidez ao levantar dois muros paralelos, deixando um intervalo entre eles.

— De quanto?

— Cinco pés, talvez. Agora, estamos a enchê-lo de pedras e com a terra que os carregadores trazem de outras zonas onde trabalhamos, calcando-a.

— Aqui, aproveita-se tudo. A terra que se tira de um lado é utilizada noutro.

Depois, ao rematar os muros, debes saber que os dois muros paralelos não deverão ter a mesma altura: o primeiro deve ser mais alto e o segundo, o interior, mais baixo; para proteger os soldados.

O lombardo dirigiu-se então com parcimónia à sua mesa repleta de pergaminhos.

Perto deles estava um objeto alongado de madeira, uma espécie de janela. Tirou tudo e pô-la em cima da mesa, abriu-a ao meio através de portinholas. Lá dentro, estava preenchida por uma superfície plana e amarela difícil de descrever. Da abertura na parte superior, tirou um estilete com a ponta metálica e brilhante.

— As obras dos muros estão a avançar bem, por isso devemos começar a pensar nas outras estruturas. — O lombardo fez uma incisão naquele estranho elemento que quase não opôs resistência ao ser arranhado pela ferramenta. Com a ajuda de uma régua e de um esquadro mais pequenos do que os que costumava usar na obra, foi desenhando sobre a superfície mole da tábua traçados precisos e

constantes.

— A porta de acesso ao castelo?

— Não, não. Ainda é cedo para isso. Agora, construiremos a cisterna.

— Para a água? — inquiriu Juan.

— Eu cá gostava que fosse para vinho, mas ainda não vi o milagre de que chovesse do céu. No entanto, se Nosso Senhor foi capaz de o fazer uma vez...

— Cuidado com o que vais dizer, construtor — interrompeu uma voz rasgada.

Viraram-se para o lugar de onde provinha e emudeceram. Fortún, a alguns passos, ficou também paralisado. O homem que contemplava era aterrador, com olhos esfumados e uns rasgos insanos, esquelético e, ao mesmo tempo, ameaçador. O lombardo conseguiu reagir e cumprimentou o novo sacerdote, que apareceu acompanhado do noviço.

— Perdoai-me, padre, estava só...

— Não pioreis as coisas — advertiu este, erguendo a mão com a palma voltada para cima. Deu dois passos. — Concordo que as obras avançam a um ritmo aceitável e que devíeis prosseguir.

— Obrigado, padre, alegra-me que...

— Mas não acho que a cisterna seja prioritária. Sejamos realistas, estes muros ainda não resistirão a um cerco.

— Não quero discordar, mas é o mestre de obras quem deve...

— E eu sou o portador da palavra de Cristo. — O sacerdote acompanhou aquela frase erguendo uma Bíblia que trazia nas mãos. — E agora escutai-me, podeis salvar a vida destes homens ao construir este castelo, mas a sua alma perder-se-á para sempre no inferno se não forem cristãos devotos.

— Com certeza.

— Então concordareis comigo em que é fundamental construir um templo.

— Perdão? — O lombardo quase se engasgava. — A igreja está em ruínas.

Teríamos de transferir homens e ferramentas, e dar-nos-ia muito trabalho. Além do mais, caso nos atacassem, destruí-la-iam com rapidez, não faria sentido tal esforço.

— Vejo que partilhamos da mesma ideia.

— Sim? — O lombardo ficou desorientado.

— Esses muros degradados a que vos referis não servem para nada, temos de construir uma nova igreja.

— Nova, dissestes?

— Dentro do recinto do castelo.

— Nada me agradaria mais, mas o espaço é limitado e...

Uns gritos interromperam a resposta. Inicialmente, parecia uma estúpida disputa entre os trabalhadores. As vozes cresceram e Juan olhou alarmado para o lombardo. Espreitaram para a aldeia e contemplaram o que sucedia.

— Fugi! Estamos a ser atacados! — gritava de cima dos andaimes um dos carpinteiros quando duas flechas se lhe cravaram no peito e ele tombou sobre um dos montes de silharejos.

— Rápido, Fortún, temos de fugir do castelo!

— Porquê? Podemos abrigar-nos atrás das defesas começadas.

— Estás louco! — gritou o pai. — Será a primeira coisa a ser atacada e os construtores os primeiros a ser degolados. Corre! Eu aviso os outros, vamos, foge, Fortún!

Um grupo a cavalo desceu pela ladeira por onde a maioria pretendia fugir.
O

homem que os encabeçava, um muçulmano de pele tão morena que se confundia com a cor das roupas, rasgou a garganta do primeiro cristão que encontrou: uma jovem que Fortún costumava ver todas as manhãs a descer ao rio para lavar a roupa. O que encontrou a seguir foi um dos camponeses, armado com uma foice, que desferiu um golpe que não encontrou carne. Ao contrário do muçulmano,

que lhe abriu as costas e depois, não satisfeito com isso, o despachou com uma violenta espadeirada que lhe seccionou a traqueia. Não parou por aí. Galopando até junto de dois irmãos pastores, e lançando a sua lâmina para a direita e para a esquerda, rasgou o maxilar ao primeiro e o peito ao segundo.

Por essa altura, Fortún, o lombardo, o sacerdote e o noviço corriam em direção ao bosque quando dois muçulmanos a pé lhes cortaram a passagem.

O primeiro desferiu um golpe de espada contra Fortún, que foi incapaz de reagir e pôde apenas ver como a lâmina lhe ia cortar a cara quando uma sólida clava a deteve.

Era o sacerdote, que, ato contínuo, tirou do hábito uma longa faca que cravou à altura dos pulmões do sarraceno. O outro infiel virou-se, furioso, contra o religioso. Este estava à espera disso, travou o ataque com a faca e, desta vez, foi com a clava que o atingiu no joelho. O adversário caiu e ele rodou o pulso para lhe rasgar as tripas, que, ao verem-se livres, saíram ansiosamente do seu corpo.

— Deus santo! — exclamou Fortún. — Sois mesmo um sacerdote?

— Já fui muitas coisas na vida, os caminhos do Senhor são insondáveis. Vamos!

Sigamos para o bosque, ainda corremos perigo.

Mal disse estas palavras, uma dúzia de cavaleiros saíram do meio das árvores, pararam e formaram uma linha reta. Atrás deles, surgiu uma montada maior.

Fortún reconheceu-o, era o mesmo que atacara a família perto de Wasqa. Tinha a certeza.

O chefe sarraceno proferiu algumas palavras ininteligíveis para os cristãos e apontou para o lombardo. Os seus homens saíram a galope, dispostos a cumprir as ordens. O mestre de obras estava sentenciado. Em campo aberto, era impensável fugir e ainda menos fazer frente a uma carga de cavalaria.

O lombardo ajoelhou-se e começou a rezar em latim.

— Um pouco tarde, não vos parece? — repreendeu-o o sacerdote.

O noviço mantinha-se em silêncio, escondido atrás do capuz. Fortún demorou-se um instante nele e viu uma estranha centelha nos seus olhos. Por alguma razão que não entendeu, prestou mais atenção a esse olhar do que aos sarracenos que ameaçavam acabar-lhe com a vida.

— Tendes alguma ideia melhor? — O lombardo continuava a rezar, com as palmas das mãos unidas à altura do peito.

O religioso plantou-se, desafiador, na linha da frente, com a clava numa mão e agarrando com a outra uma das espadas sarracenas de lâmina curva.

— Que Deus tenha piedade das vossas almas infiéis, pois eu não a terei das vossas vidas! Deus Todo-Poderoso, sou o teu soldado, guia-me na batalha.

A carga percorreu a distância final de espadas em riste. Dez homens a cavalo contra um a pé. Não havia nada a fazer. O sacerdote não baixou a guarda, parecia convencido das suas possibilidades e, quando o confronto já era inevitável...

Uma flecha derrubou o primeiro cavaleiro. Poucos instantes depois, outra tombou o segundo. E quando se aperceberam do perigo, outra tinha atingido um terceiro no ombro, obrigando-o a parar. Ainda assim, um deles chegou à altura do sacerdote, que se agachou, esquivando-se à espada, e ergueu depois a sua o suficiente para lhe rasgar a perna e fazer com que perdesse o equilíbrio e caísse com violência.

Entretanto, nova flecha derrubara o cavaleiro seguinte. Enquanto o sacerdote bloqueara outro ataque, ainda que à custa de perder a espada. O sarraceno voltou a investir contra ele, erguendo a lâmina sobre a sua cabeça. Não teve hipóteses de a baixar, uma espada cravou-se-lhe nas costas. Fora Fortún quem a lançara com perícia após tê-la tirado a um dos caídos no campo de batalha. Os restantes cavaleiros muçulmanos fugiram em direção à aldeia e nova flecha perseguiu-os, ainda que desta vez não tivesse encontrado carne.

Diante deles, perto do bosque, ficou apenas o chefe. Que não se movera um passo. Olhou fixamente para os quatro sobreviventes e procurou no alto de um dos muros inacabados do recinto do castelo o arqueiro que tão brutalmente castigara os seus homens.

Ali estava ela, a desafiar o vento, envolta numa garnacha escura e com o cabelo a esvoaçar.

Ava sorriu.

Capítulo Vinte e Um

LOARRE. OUTONO DO ANO 1034

Quando os atacantes se retiraram, Fortún correu a procurar o pai. Ao chegar às casas da aldeia, encontrou todo o sofrimento e dor que os sarracenos haviam causado. Cadáveres estendidos no chão, familiares ajoelhados diante dos corpos, chorando, desconsolados. Cabanas calcinadas, outras a arder, enquanto as pessoas se afadigavam a extinguir as chamas. Feridos a ser transportados para junto do rio, onde mulheres esforçadas tentavam ajudá-los, ainda que fosse apenas limpando as feridas e pegando-lhes na mão para os consolar.

E o meu pai? Onde estará neste cenário de horror?

Foi a casa, que felizmente não ardera. Não o encontrou. Procurou junto às ruínas da igreja, mas não teve sorte. E decidiu ir ao armazém da madeira, decerto atacado e pasto das chamas.

Não foi assim.

Ali estavam todas as árvores recolhidas, a salvo. Nada se perdera e os carpinteiros felicitavam-se pela heroica defesa do local. Na primeira fila, encontrou o pai, com um martelo nas mãos.

Juan ficou de pé a olhar para ele.

— Calma, ainda não te vou deixar sozinho.

Fundiram-se num abraço. Por fim, um silêncio entre ambos cheio de palavras.

Depois, procurou, no meio dos sobreviventes do confronto, o amigo.

Não vira Javierre durante todo o ataque, nem depois.

E se não teve tanta sorte como nós?, perguntou-se, preocupado.

Sentiu-se mal por não se ter lembrado dele antes, e procurou-o obsessivamente.

Não era fácil, pois Javierre não frequentava nenhum lugar em especial, a não ser que... Dirigiu-se à torre livre e a seus pés encontrou Javierre com Poente nos braços.

— Alegro-me em ver-te.

— Eu também — disse ele, enquanto acariciava o gato. — Como sabias que eu estava aqui?

— Deduzi que terias subido ao ponto mais alto de todo o Loarre.

— A torre.

— Sim, a torre albarrã — repetiu Fortún. — Quase nos venceram, morreu muita gente. Se a Ava não tivesse aparecido... podes ter a certeza de que eu estaria estendido sem vida frente às muralhas.

— Essa mulher trar-te-á problemas — advertiu-o Javierre enquanto Poente bufava a Fortún. — É demasiado para ti.

— O que queres dizer?

— Estás farto de saber — respondeu o amigo sem o fitar.

Poente pôs-se nervoso e libertou-se dos braços de Javierre, para sair a correr em direção à aldeia, onde eram mais que visíveis os destroços do ataque muçulmano.

Passadas poucas horas, não se falava de outra coisa em Loarre a não ser da arqueira que derrubara mais de uma dúzia de homens entre cavaleiros e outros sarracenos a pé. O seu nome correu pela aldeia como levado pelo vento: Ava. A quem cedo apelidaram de a Arqueira. Até os homens mais fortes admitiram a sua destreza. Nunca tinham visto ninguém manejar o arco com tanta habilidade. A mesma que se escondia debaixo da capa e trazia sempre as botas altas calçadas diretamente por cima das calças para se mover com rapidez pelo bosque.

Para agradecer o seu heroísmo, foi chamada pelo lombardo junto à base da torre principal do castelo, a que defenderia a entrada para o mesmo e possuía a galeria de arcos.

— Sabemos o teu nome e também quem era o teu pai — afirmou o lombardo. —

Conhecíamos a tua destreza com o arco, mas não a tua valentia em combate.

Ocorre-me uma dúvida. Diz-me, porque estás realmente aqui?

— Para o mesmo que todos: ajudar a construir este castelo.

— Já te disse uma vez que em Loarre as mulheres trabalham preparando a comida e lavando.

— Eu não.

— És porventura diferente?

— Não, sou tão mulher como elas. Mas não penso limpar o que sujais nem apanhar frutos no bosque enquanto os homens estão todos na obra. Pelos vistos, as mulheres não são bem-vistas aqui em cima. Lembrai-vos, porém, de que muitos de vós jazeríeis mortos se não fosse por mim, uma mulher.

— Não fales comigo nesse tom.

— Então não pergunteis o que já devíeis saber — respondeu Ava, ainda mais desafiadora.

— És tão selvagem como os homens da tua terra.

— Por alguma razão nasci aí, bebi a água que desce velozmente dos cumes gelados e comi animais que mataram guerreiros, peregrinos e estrangeiros como tu.

— Deus santo! És temível até sem arco, não me admira que os muçulmanos tenham fugido com o rabo entre as pernas. — O lombardo soltou uma

gargalhada que foi acompanhada pela maioria dos varões que os rodeavam.

—

Estariam cheios de medo de que lho cortasses.

— Cuidado com essa língua, também posso cortá-la com uma flecha.

— Basta! — interrompeu o sacerdote, que se intrometeu. A sua figura fantasmagórica foi a única coisa a perturbar o rosto de Ava. — Estás aqui devido ao teu arco, por isso cinge-te a ele.

— O padre tem razão.

— Dai-me então a oportunidade de o fazer.

— Bem, encarregar-te-ás de treinar os homens que hão de defender as muralhas, para o caso de haver um próximo ataque.

— Porquê?

— Porquê? — repetiu o lombardo.

— Sim, porque devo fazer tal coisa?

— Pois, porque te ordenamos e porque penso que será melhor do que limpar roupas malcheirosas, não?

— Quero algo em troca.

— O quê? — perguntou o lombardo, prolongando a última palavra.

— Que, da próxima vez que nos atacarem, não te ponhas de joelhos a rezar

—

recriminou-o, virando costas sem lhe dar hipótese de responder.

— Deixai-a ir, precisamos dela — interveio o sacerdote. — Salvámos a vida, agora temos outros problemas. O castelo sofreu danos, arderam

estruturas de madeira, muros por concluir também se viram afetados e as obras retrocederam semanas em consequência do ataque.

— Eu sei. — O lombardo franziu o cenho.

— E o que pensais fazer?

— O único possível, começar de novo e pedir mais proteção e recursos a Lope de Ferrech.

— E a igreja?

— Lamento, vós mesmo acabastes de dizer que retrocedemos muito, como vamos agora pôr-nos a construir um templo?

— Vejo que não entendeis.

— O quê? — O lombardo desafiou-o com o olhar.

— Quão importante é para vós a construção do templo. Escutai, o trabalho da igreja não é apenas espiritual. Guiamos as almas à salvação, e esta não se consegue apenas rezando. Os homens são capazes de tudo quando têm medo e, eu, eu posso guiá-los por entre o medo. Está nas minhas mãos conseguir que trabalhem mais e melhor no vosso castelo. Devo apenas fazer-lhes entender o terror que há fora dos seus muros. — O lombardo ouvia, atónito, as palavras sussurrantes e cálidas do sinistro religioso. — Mas, claro, preciso de um templo para fazer o meu trabalho. E melhor ainda se se situar dentro do recinto do castelo, pois será mais fácil fazer ver a estes homens como é fundamental a construção da fortaleza.

— Sois realmente perspicaz, sacerdote.

— Sou um humilde servo do Senhor numa aldeia perdida na fronteira, não queirais ver mais além.

— Entendo — o lombardo coçou o escasso cabelo. — Iniciaremos as obras de uma nova igreja no flanco meridional do recinto. Mas não pararemos o resto dos trabalhos, não posso dar-me ao luxo de parar as muralhas nem a torre livre. E

muito menos agora que perdemos tantas semanas de trabalho.

— Entendo e aceito. Sei que cumprireis a vossa palavra, sois um Magistri Comacini. É uma honra conhecer um dos famosos construtores, a fama precede-vos em toda a cristandade.

— Agradeço-vos. — O lombardo congratulou-se pelo elogio, há muito que ninguém o chamava assim.

Nesse outono, os faiais estavam mais bonitos do que nunca. Formavam um autêntico manto de cores ocre, alaranjadas e castanhas. Em Loarre, as obras foram retomadas com bom ânimo, dedicando também tempo à construção da igreja, ao treino dos arqueiros e à vitória frente ao inimigo. Tudo isso pesou mais do que as mortes dos companheiros e os estragos nas obras.

Juan aprendeu a desenhar na tábua de cera do lombardo e também sobre a importância da astrologia para um construtor, já que, a partir dela, podia conhecer os pontos cardeais: oriente, ocidente, sul e norte; e também a estrutura do céu, dos equinócios, dos solstícios e dos movimentos orbitais dos astros.

Não ficou por aí a sua aprendizagem, pois o lombardo insistiu em que era necessário aprofundar o latim. O seu braço direito devia aprender bem essa língua para poder consultar as suas anotações. Assim, começaram umas aulas improvisadas, o imprescindível para se desenrascar com o vocabulário da arquitetura. A Juan, custava-lhe horrores acompanhar as lições, por mais que se esforçasse e tentasse aprender. Para ele, o latim era um idioma complexo. Mais próprio de padres e monges do que da gente vulgar como ele.

O lombardo não se deu por vencido, apesar das poucas aptidões do carpinteiro.

Por isso, aumentou a dedicação e começou a falar-lhe apenas em latim. A dar-lhe instruções e ordens nessa língua. Isso foi desesperante para Juan, pois muitas vezes duvidava ou não entendia de imediato as premissas. Felizmente, contou com inesperados ajudantes.

Fortún e Javierre revelaram-se excelentes alunos. As suas mentes mais jovens depressa se adaptaram ao latim. À base de ouvir o lombardo a tentar ensinar Juan, aprenderam o essencial. Atreviam-se a falar a língua entre si e com o próprio lombardo, que deu graças por encontrar alguém, ainda que fossem dois jovens das montanhas, com quem conversar na sua língua.

Os dois rapazes também se divertiam frequentemente com Poente. Jogavam à apanhada com ele, o que não era tarefa fácil.

Javierre costumava pôr-lhe iscos para que se aproximasse e surpreendia-o por trás. Mas o gato via-os e facilmente se esquivava. Os dois jovens perseguiram-no, mas o gato parecia zombar de ambos. Era impossível dar-lhe caça e, quando menos esperavam, aparecia num sítio qualquer em Loarre. Ultimamente, viam-no muitas vezes a encolerizar o cão do noviço, um grande mastim branco.

Fortún quis ver o castelo de longe. Procurou Javierre para o convencer a acompanhá-lo, mas não o descobriu. Perguntou por ele a várias pessoas da aldeia e ninguém o tinha visto. Esperou-o junto às ruínas da antiga igreja e, finalmente, partiu sozinho para o monte. Há muito tempo que não caminhava por entre as árvores, e aquilo fê-lo lembrar-se das andanças com o pai, rumo a um lugar onde se estabelecer e prosperar. A serra de Loarre era pedregosa, nada fácil de percorrer. Caminhou o suficiente para ganhar altura e avistar as muralhas e torres da fortaleza, que se erguiam como gigantes de pedra, dominando a entrada para a Terra Chã. Queria vê-lo de ainda mais longe, mas o Sol estava a pôr-se e devia regressar a Loarre. Fez o percurso inverso e teria chegado antes do anoitecer, se

uma sombra que viu entre umas rochas não o tivesse detido.

Forçou a vista para identificar a silhueta, e isso fez com que não prestasse atenção ao passo seguinte. O pé resvalou e ele caiu ladeira abaixo, por entre rochas e arbustos, até bater com a cabeça num tronco de azinheira.

Quando acordou, tudo estava confuso.

A cabeça doía-lhe como se lhe estivessem a espetar espinhos na base e, ao tentar levar as mãos à cara, mal conseguiu fletir o cotovelo direito. Ainda

assim, ia para se levantar quando uma mão lhe pousou no peito e o impediu.

— Quietos, deste uma grande pancada. Vai mais devagar.

Fortún viu uns olhos profundamente negros, dos quais era difícil afastar os seus.

— Bebe isto — ordenaram-lhe, chegando-lhe uma beberagem quente que cheirava a alguma erva do bosque. — Tudo, não deixes nada.

O rapaz sentiu o líquido nos lábios e, ao entrar-lhe na garganta, começou a sentir-se melhor, mais relaxado.

— Tens de ter cuidado, quase te matavas.

— Quem és tu? — perguntou Fortún, endireitando-se, para se deparar com a figura do noviço. — Ao ouvir a tua voz... teria jurado que eras uma... — Parou de falar.

— Deliras, é normal. — O noviço afastou-se dele.

— Um momento. — Fortún agarrou-o pelo braço, era muito magro. — O que me deste a beber? Parece uma beberagem de bruxas.

— Não, são só umas plantas que aliviam as dores das pancadas e desanuviam a mente, existem no monte. Encontrei-te porque vim procurá-las.

Fortún voltou a contemplar o negrume dos seus olhos e sentiu algo que só outra pessoa lhe produzia, mas... Não, não era possível, a pancada afetara-lhe a cabeça, tinha de ser isso. Mas o noviço possuía uns rasgos muito diferentes dos dos outros rapazes, não era a franja, mas as maçãs do rosto, o nariz... Eram

delicados, nada que ver com os rostos abruptos dos jovens de Loarre.

— O que te dei é um remédio que todas as mães conhecem, de certeza que a tua to terá dado alguma vez.

— A minha mãe morreu quando eu era muito pequeno.

— Lamento, sei que não é um consolo, a minha... é difícil de explicar, mas perdi-a também há bastante tempo.

— A vida é assim, ao menos tu tens Deus.

— E tu tens o teu pai, eu perdi-os aos dois ao mesmo tempo. Não sabes a sorte que tens por o conservares, dava a vida para ter um deles a meu lado.

— Isso é verdade — assentiu Fortún, pensando no pai.

— Temos de regressar, é tarde.

Caminharam juntos até Loarre, o noviço deixou-o à entrada da aldeia e Fortún ficou a ver como se afastava, com vontade de encontrar outro momento para partilhar com ele. Sentia que tinham muitas coisas em comum.

Deixaram de chegar notícias de Marcuello. Isso não queria dizer que as obras de lá tivessem parado, mas sim que não avançavam a bom ritmo. Tudo indicava que também iam ser capazes de derrotar esse inimigo.

Para o futuro de Loarre, o feito mais importante foi que a notícia da vitória sobre os infiéis se espalhou pelos vales vizinhos e, graças a isso, novos homens juntaram-se à construção do castelo. Tantos que foi preciso iniciar as obras de abastecimento de água para assegurar em caso de novo ataque. O lombardo dirigiu a construção de um tambor para tirar mais água do poço perto do castelo.

Não a elevava a grande altura, mas proporcionava um abundante caudal por breves momentos.

Cedo recuperaram os progressos perdidos durante o ataque. Além disso, os muros da igreja foram rapidamente concluídos. O lombardo estudou várias opções para o fecho do telhado da única nave. Há muito tempo que os lombardos

terminavam a maioria dos templos com abóbadas de aresta, eram os melhores a construí-las. A técnica era complexa, pois tinham de usar uma esquina tripla, formada pela junção do arco principal que segurava a abóbada de berço da nave, o arranque da aresta e o arco de descarga que suportava a abóbada em questão. Esta peculiar esquina tripla era uma ideia original lombarda, um símbolo do seu engenho.

Fortún ficou fascinado por aquele elemento, pela simplicidade e funcionalidade.

Tentou desenhar a abóbada e a esquina tripla nuns pergaminhos velhos que o lombardo lhe dera para que praticasse.

Teve, porém, uma terrível desilusão quando o mestre de obras não julgou necessário semelhante esforço construtivo, pelo que procurou uma solução mais simples do que a abóbada de aresta.

A presença do sacerdote rarefazia o ar assim que ele aparecia. O seu mau humor era permanente, mas, por mais estranho que parecesse, a sua chegada a Loarre fora uma bênção para os trabalhos. Tal como ele dissera, tinha uma capacidade inigualável para manipular o medo dos homens. Incluindo o temor que ele provocava. Apesar de as obras da nova igreja avançarem com celeridade, passava grande parte do tempo entre o que restava da velha. Tanto assim era que decidiu viver lá e mandou cobrir provisoriamente o telhado antigo e fechar os muros. Não estava só, o noviço, qual cão de colo, seguia-o para todo o lado e, quando não o fazia, permanecia no interior do templo.

Ava estava consciente da sua nova designação e Fortún via-a das muralhas, quando praticavam fora da aldeia e partiam em direção à montanha.

Na noite mais quente desse outono, Fortún armou-se de coragem e foi procurá-la. Sabia que não era fácil, mas confiava em que a encontraria no bosque. Não era aconselhável embrenhar-se nele na penumbra, fizera um esboço mental da última vez que lá estivera e soube orientar-se até à zona por onde Ava costumava andar.

Sabia que não tinha de a chamar. Ava encontrá-lo-ia.

— Fortún, que fazes aqui a estas horas?

— Tenho um presente para ti — disse, e mostrou o volume que levava.

Ava não estava à espera e aproximou-se, confusa. O rapaz estendeu-lhe o embrulho e ela pegou-lhe com cuidado. Desenrolou o tecido que a ocultava e encontrou uma ponta de flecha com dois entalhes de cada lado.

— Onde a encontraste?

— É segredo — disse Fortún, com um sorriso.

— É magnífica — Ava não conseguia conter a emoção.

Guardou a ponta num compartimento do cinturão e, sem dizer palavra, beijou Fortún nos lábios.

— Sabes o que mais gosto em ti?

— Não, diz-me.

— Um dia destes, esta noite prefiro mostrar-te outra coisa. — Pegou-lhe na mão e conduziu-o pelo negrume do bosque.

Chegaram a uma gruta, estava iluminada por uma fogueira e o fumo escapava-se por um orifício no topo. A Fortún, pareceu-lhe uma solução brilhante. Ava levou-o para junto de umas peles ao pé da fogueira e Fortún ficou a olhar para elas.

— Sim, são de urso. De um belo e grande urso que cacei junto ao rio.

— É incrível. Como fizeste?

— Uma caçadora nunca revela os segredos. Fá-lo-á um construtor de castelos?

— Não, também não — assentiu Fortún, satisfeito com a comparação.

Deitaram-se sobre as peles do bravo animal. Ava pôs-se de joelhos, ergueu os braços e a sua sombra desenhou-se na caverna. Despiu-se à sua luz e Fortún ficou hipnotizado com a imagem de luz e sombra.

Tirou desajeitadamente as roupas e Ava pôs-se em cima dele.

— Fortún, com que sonhas tu à noite? Diz-me se pensas em mim, conta-me o que passa pela tua cabeça — pediu, enquanto começava a mover-se, para deleite

do rapaz.

— Vejo os teus olhos, mas não são azuis como o céu. Mas sim verdes como o mar.

— Pensava que o mar era azul — sussurrou-lhe Ava ao ouvido.

— Não, é verde, e os teus olhos são verdes nos meus sonhos. Quando vires o mar, entenderás.

Duas horas depois, Fortún regressou à aldeia, que por essa altura estava mergulhada num sombrio sono. Ao contornar várias cabanas, todavia, viu luz na antiga igreja. Não foi isso a parte estranha, dado que o sacerdote vivia ali. O

anormal foi ouvir pancadas desferidas com alguma ferramenta pesada. Eram pausadas, mas contundentes. Os velhos muros amorteciam o som e, ainda assim, Fortún ouviu-as.

Desta vez, não estava acompanhado de Javierre, que ultimamente desaparecia com frequência. Pensou no que o amigo faria naquela situação. Cerrou os dentes e aproximou-se discretamente do templo, que havia sido fechado de tal forma que não se via nada do que sucedia no interior.

A Lua estava minguante e isso ajudava-o a não ser mais que uma sombra na noite. Encostou a orelha a um dos vãos tapados com tábuas, para ver se conseguia ouvir algo no interior. Após várias tentativas, desistiu. Percorreu todo o contorno, procurando algum orifício ou cavidade que não tivesse

ficado selado e, finalmente, encontrou um por onde a luz escapava. Não era espaçoso, mas, se aproximasse o olho o mais possível, talvez visse alguma coisa.

Olhou primeiro em redor, para se certificar de que ninguém o observava, e encontrou apenas uma coruja empoleirada na árvore mais próxima. Exortou-se a continuar e voltou a encostar o olho direito ao orifício.

A primeira coisa que viu foi o sacerdote com uma das ferramentas utilizadas para cavar os alicerces da muralha. Transpirava e resfolegava, pelo que intuiu que estava há bastante tempo a golpear a terra. Quando voltou a fazê-lo, ouviu melhor o barulho do metal a bater. A ponta metálica chocava contra o solo rochoso.

Não fazia sentido. O que pretende o religioso? Se precisava de fazer aquele trabalho... porque não solicita trabalhadores? Muitos não hesitariam em ajudá-lo.

O que procura ao picar os alicerces da velha igreja?, questionava.

Um ruído assustou-o, o cão que tinham com eles descobriu a sua presença e começou a ladrar de forma irada. O sacerdote virou-se para a parte do muro de onde Fortún o espiava e percebeu que algo se passava.

O jovem saiu dali a correr sem olhar para trás, e não tardou a ouvir os latidos do animal atrás de si. Esgueirou-se por entre os estendais da roupa e deu um grande salto para ultrapassar uma das cercas do gado. A sua cabana ficava do outro lado, demasiado longe. Felizmente, tinha alternativa.

Virou à direita e bateu furiosamente com os punhos numa porta. Esta abriu-se e atrás dela apareceu o rosto de Javierre, que tinha uma maçã na boca e estava prestes a dar-lhe uma boa dentada.

— Preciso de entrar, depressa.

O pastor afastou-se e Fortún fechou a porta. Agachou-se junto ao fogo que ainda ardia no interior, ante o rosto atónito do anfitrião, que mastigava a

fruta.

— O que se passa? De quem foges? — perguntou este, sem se preocupar demasiado.

Fortún não teve outro remédio a não ser relatar o que acabava de lhe acontecer.

— O padre esconde algum segredo...

— Sim, é decerto suspeito. E depois há o outro...

— Não sei a quem te referes — murmurou Fortún, enquanto se aquecia nas brasas da fogueira.

— A que há de ser? Ao noviço.

— O que tem ele?

— Fortún! Não me vais dizer que não te parece estranho. — Javierre disse aquilo com tanta firmeza que Fortún não se atreveu a contradizê-lo. — Estão sempre juntos, anda escondido atrás do capuz, com esse cão selvagem que parece uma besta. Onde já se viu um noviço com um cão?

— Sim, talvez não seja habitual.

— E aquela franja? Se não se lhe vê a cara. Tu que lidas mais com eles, alguma vez o ouviste falar?

— Não. — Fortún ficou pensativo, algo o impeliu a não partilhar com o amigo o encontro com o noviço após a sua queda. — Tens razão, nunca ouvi o noviço abrir a boca.

— Aí tens. Estranho, muito estranho.

— E o que sugeres?

— Nada, só digo que escondem algo. Por que outra razão estariam a picar o chão da velha igreja a meio da noite quando ninguém os vê? — Javierre desenhou no rosto uma grande interrogação.

Capítulo Vinte e Dois

LOARRE. 19 DE OUTUBRO DO ANO 1034

O lombardo tivera uma má noite, há dias que não evacuava, e isso na sua idade não era bom. Estava pálido e transpirado, tinha vômitos e uma dor lancinante no estômago. Os males não o impediam de trabalhar nessa manhã. Chegou ao castelo com um molho de pergaminhos nos braços, tantos que não via o chão que pisava. Por isso, caminhava de lado, tentando ter consciência de onde punha os pés. Cruzou-se então com algo e todos os rolos que portava voaram, acabando ele por cair de bruços.

— Maldito sejas! Que diabo...? — exclamou, olhando para o animal, que o observava com uma curiosa expressão de quem queria dizer que não fizera nada.

— Poente! Gato do demónio! Tinhas de ser tu.

Ato contínuo, o felino saltou por cima dos pergaminhos e partiu, veloz.

— Assim não se pode trabalhar — sussurrava o lombardo enquanto se levantava.

— Deixai-me ajudar-vos, mestre. — Javierre apareceu para lhe dar uma mão.

Juntos, recolheram todo o material, e o jovem insistiu em ajudá-lo a levar tudo até à casa do construtor. Era a primeira vez que ali entrava, surpreendeu-o a desordem e entusiasmou-o a quantidade de conhecimentos e raridades com que deparou. Complexas ferramentas, planos complicados, antigos tratados, objetos que não saberia classificar e, sobre um atril, um livro encadernado em pele.

— É uma Bíblia? — perguntou humildemente.

— Sim — respondeu o lombardo, sorridente —, a Bíblia da arquitetura.

— O que quereis dizer com isso?

— Pois, que este livro é o mais antigo e perfeito tratado de arquitetura que existe.

— E tende-lo vós? — Javierre aproximou-se para o ver mais de perto.

— Sim, e antes teve-o o meu pai, e o pai do meu pai, e assim por diante, até chegar à pessoa que o escreveu.

— Era vosso antepassado?

— Não, bem... Em certa medida, pode dizer-se que sim. Ao fim e ao cabo, todos os mestres de obras lhe devem algo, é como o pai da arquitetura.

— Posso folheá-lo? — perguntou antes de lhe tocar.

— Nem pensar — respondeu o lombardo, interpondo-se no caminho —, não é um brinquedo. Só um autêntico mestre de obras tem o privilégio de o ler.

— Talvez um dia eu o seja.

— Pobre rapaz, temo que isso seja impossível. Olha para ti — disse o mestre, apontando para as suas roupas. — São poucos os que têm o privilégio de ser mestres de obras, e o filho de um pastor... Podes, sem dúvida, progredir na vida, não digo que não. Mas há muralhas demasiado altas para saltar, o único que conseguirás é chocar contra os seus muros.

— As muralhas podem ser minadas, vós o dissestes.

— Estas não, garanto-te, os seus alicerces são demasiado resistentes e profundos.

— Toda a fortaleza tem uma porta — murmurou Javierre. — É sempre possível encontrar alguém que a abra.

— Já chega! Rapaz, como hás de tu ser um mestre de obras?

— Não me digais o que posso ou não fazer. Não sois meu pai nem meu senhor.

— Virou-se e saiu da casa.

Uma semana antes do início de uma nova primavera, o lombardo deu indicações a Juan para que acendesse uma fogueira na recém-concluída lareira do segundo andar da torre albarrã. Era uma construção singular, já que a chaminé não era reta, mas sim cónica. Quando as brasas se acenderam, o fogo pegou com rapidez e o fumo foi aspirado pela ponta, para alegria do construtor. Entretanto, Fortún e Javierre bisbilhotavam outro elemento singular da divisão, a latrina.

Olhavam ambos pasmados para o buraco negro construído em pedra.

— Que fazeis? — perguntou Juan. — Isso é o vão de ventilação da latrina; e mais abaixo está o ralo.

— Para que serve uma latrina? — questionou Javierre.

Os dois homens que trabalhavam lado a lado com Juan explodiram num mar de gargalhadas, enquanto o carpinteiro não sabia o que dizer.

— Rapazes! — gritou um deles. — Espreitem e averiguem — e voltaram a rir-se.

— Para cagar sem sair da torre — zombou o outro.

Fortún ficou impressionado com aquela revelação, os senhores do castelo não defecavam no campo, mas sim das alturas, por aquele estranho lugar.

Reproduziu mentalmente a cena, com assombro.

— Não pode ser — Javierre abanava a cabeça, voltava a olhar para o orifício e repetia: — não pode ser.

— Digo-te que sim, primeiro sentas-te.

— Como te vais sentar para fazer isso?

— Mas queres deixar-me falar? Olha, sentas-te aí e cai por esse buraco para fora da torre.

Javierre ficou em silêncio, a imaginar a cena.

— Tenho de experimentar.

— Que dizes? Está quieto ou voltam a chamar-nos à atenção.

— Digo-te que tenho de o fazer. — Javierre sentou-se na latrina. — Tenho de cagar ali, seja como for.

Um dos homens que trabalhavam com o lombardo entrou, chamando a atenção.

— Que fazes aqui, Fortún? Vamos, o lombardo quer-te lá em baixo.

— Já vou — respondeu, enquanto ouvia um grunhido do amigo.

— Estás surdo? Agora, anda!

— Espera um pouco — pediu Fortún, enquanto continuava a ouvir os esforços de Javierre.

— Mas... Que disparates estás tu a fazer?

— Já podemos descer — disse Javierre, aparecendo, sorridente.

— Também estás aqui? De onde saíste?

— Estava a fazer umas verificações técnicas, algo rudimentar.

Fortún desatou a rir-se.

— Rudimentar! Malditos fedelhos! Vamos, para baixo, rápido!

Os dois rapazes desceram a toda a pressa até às rochas sobre as quais assentava a torre albarrã. Aí, vários pés abaixo do caminho de acesso, dois homens rodeavam um buraco no chão. Ao lado, o sacerdote mantinha-se em pé com uma expressão ainda mais sinistra do que o habitual.

O lombardo temeu o pior, tinham começado a perfurar aquela zona para colocar arcos de descarga que assegurassem o acesso superior, já que o constante movimento de homens e carroças com pesos consideráveis provocara desprendimentos. Imaginou, pois, que afinal acontecera alguma desgraça.

Efetivamente, foi um morto que ali encontrou, mas bem morto. Tanto que, a julgar pelo estado dos ossos, fora ali enterrado há um bom punhado de anos.

— É antigo — confirmou o sacerdote —, pode até ser o que de mais velho existe neste lugar.

— O que insinuais? — O lombardo desceu à sepultura. — Não me direis que é de há séculos.

— Creio que sim.

— Gracejais?

— Sou sacerdote, como vou encarar de ânimo leve um morto?

— Perdão. Há mais sepulturas?

— Não, só encontrámos esta. É de boa feitura, teve de pertencer a alguém importante em vida.

O lombardo agachou-se e mexeu na laje do túmulo.

— Quietos! — O sacerdote deteve-o. — Que fazeis? Teve um enterro cristão, não podemos profaná-lo assim sem mais nem menos.

— Calma, caso não vos tenhais dado conta, tem um epitáfio.

— Como dizeis? — O sacerdote pareceu surpreendido. — Em que língua? Em latim?

— Não parece, não consigo lê-lo.

— Esperai. — O sacerdote desceu também para um nível mais baixo da sepultura e examinou o texto.

Entretanto, Juan, Fortún, Javierre e os restantes mantinham-se em silêncio.

Aqueles velhos ossos traziam má sorte. Ninguém gosta de perturbar o sono dos mortos, e menos ainda quando não se sabe quem é o defunto.

— É latim, embora a escrita seja arcaica, por isso custa tanto a entender.

— Conseguis lê-la? — pigarreou o lombardo.

— Sim — examinou-a atentamente —, e não vos vai agradar o que aqui está escrito.

— Na minha idade, já poucas coisas me agradam. Vamos, quem está aí enterrado? Tem de ser algum nobre.

— É o Comes Iulianus.

— Um conde! — surpreendeu-se o lombardo.

— Sim, o conde Dom Julião. E há mais, diz aqui que foi o maior traidor da história da Hispânia.

— Hispânia? Isso foi há muito tempo, antes da chegada dos infiéis. Quando, em vez de tantos reinos, nestas terras do Sul dos Pirenéus tínheis apenas um monarca que as dominava a todas, sem exceção.

— Talvez tenha algo que ver com isso — comentou Juan, que se aproximara deles.

— Que queres dizer? — perguntou o sacerdote, surpreendido.

— Pois, que, se é assim tão antiga e diz que era traidor, é possível que tenha sido esse quem ajudou os sarracenos, não?

— Tem razão — afirmou o lombardo. — É possível que este lugar fosse usado na Antiguidade, talvez este castelo não seja o primeiro edifício a ser levantado aqui.

— O túmulo está isolado — realçou o sacerdote.

— Agora, mas há séculos... quem sabe. Recordo-vos que há um momento na vida em que conhecemos mais mortos do que vivos. E, se é um traidor, isso explicaria que ninguém tenha profanado o túmulo.

— Também eu não o farei — disse o sacerdote, afastando-se deles —, nada conseguiremos de bom, só infortúnios.

Embora o túmulo tivesse sido ocultado sob um manto de pesadas rochas e tivessem tentado manter em segredo a identidade do dono, os rumores espalharam-se por Loarre. Os aldeãos, e também os forasteiros vindos para trabalhar, cedo caíram presa das superstições e lendas negras, que já por si rodeavam aquele lugar e se foram tornando cada vez mais terrenas.

Veio uma noite de trovões e relâmpagos, em que a chuva parecia ser um castigo divino. Caía com tal violência que inundou estábulos e casas, criando rios de lama na aldeia e desprendimentos nas partes inacabadas da fortaleza. Tiveram de transportar o gado para a parte mais alta, visto que corria o risco de morrer afogado, e mesmo assim perderam-se algumas ovelhas e cabras. O grão também

foi posto a salvo. Embora tivessem reforçado as janelas e portas, a água entrava como se estivessem no meio do leito de um barranco. E todos os habitantes sem exceção refugiaram-se na sala de reuniões, mais alta e bem preparada para esse tipo de inclemências.

Aí, enquanto se aqueciam à volta da fogueira, ocorreu algo terrível.

Entraram dois dos vigias que controlavam as passagens a partir do alto do pico junto a Loarre. Imediatamente lhes recriminaram a presença ali e que

não estivessem a fazer o seu trabalho, já que, apesar do terrível temporal, tinham a obrigação de permanecer nos respectivos postos. Vinham com o rosto desfigurado, o olhar assustado e a tiritar de medo. Um não conseguia falar, o outro aproximou-se do sacerdote e sussurrou-lhe algo ao ouvido.

Todos queriam saber o que acontecera, mas o religioso nada disse. Foi o próprio sentinela a quebrar o silêncio.

— Eu vi-o.

Ninguém se atreveu a perguntar o quê, pois o medo pode silenciar qualquer multidão.

— Eu vi-o — repetiu, com os olhos corrompidos pelo temor —, vi o exército fantasma.

Fortún ficou confuso, observou as expressões de medo e não compreendeu o que se passava.

— Já te falei dele uma vez — sussurrou-lhe Javierre. — Segundo se diz nas montanhas, quando há tempestades, do alto dos picos que vigiam o leito do rio Gallicius, veem-se estandartes a brilhar. O que parece ser uma tropa aliada ou inimiga, não é nenhuma das duas. Trata-se dos gritos e relinchos de uma horda de cavaleiros mortos, alguns há séculos, mas que continuam a vaguear pelo mundo dos vivos. Um antigo exército que cresce sem parar, condenado a deambular pelas montanhas, em busca de almas que recrutar para as suas hostes.

São ladrões, bandidos, desertores, infiéis, violadores ou condenados. Ninguém lhes pode fazer frente, pois nunca morrem. Quanto aos que os viram, diz-se que ficam amaldiçoados para sempre e que, mais tarde ou mais cedo, o exército fantasma virá buscá-los.

Capítulo Vinte e Três

LOARRE. FINS DE NOVEMBRO DO ANO 1035

O inverno prematuro chegou com virulência, como se um gigante tivesse despertado após um longo sono e começado a soprar um ar gélido, que trouxe o primeiro nevão. Os caminhos desapareceram sob o manto branco, a paisagem mudou tanto que era irreconhecível. As montanhas surgiram totalmente cobertas, as correntes de água congeladas, as árvores mudaram de forma, os animais esconderam-se nas tocas e até os homens se tornaram mais carrancudos e sombrios. Nessas condições, tornou-se impossível trabalhar, pelo que as obras pararam e todos se refugiaram entre as poucas paredes das casas de madeira, por onde o inverno tentava infiltrar-se, através de fenda que encontrava.

A maioria dos habitantes da aldeia saía apenas para ir à missa na nova igreja, o que implicava subir o penhasco e passar junto à torre livre, atravessar depois sob a torre principal e entrar no recinto fortificado. As pressões do sacerdote surtiram efeito e a igreja estava quase terminada no ângulo sul, continuando o muro de fecho do perímetro defensivo, como se fosse a quinta torre do conjunto.

O lombardo fora astuto, construía o templo religioso e, ao mesmo tempo, terminara a última torre.

Nesse dia, o povo de Loarre amontoou-se no reduzido espaço do templo castrense, dotado de uma única nave com um telhado a duas águas a fechá-la e com a porta em arco de volta perfeita, com aduelas, aos pés do muro norte. Para a iluminar, o lombardo rasgara a parede com um par de vãos em círculo perfeito.

A luz da tarde entrava por eles, criando uma atmosfera que impressionava os fiéis que enchiam a igreja. Desde o meio da manhã que chuviscava, e isso reduzira um pouco a neve que se acumulava no chão. O mesmo não sucedia no telhado das casas e na copa das árvores.

Juan sorriu ao ver a perícia do lombardo para dotar o templo de um ar místico.

Fortún, pelo contrário, lamentava que não tivesse sido coberto pela abóbada de aresta.

— Meus filhos — disse o sacerdote, dando início à missa —, chegou o inverno, o inverno chega sempre. Podemos fugir, mas, ainda que conseguíssemos voar

como os pássaros, as frias garras do inverno apanhar-nos-iam.

Todos se surpreenderam com aquelas primeiras palavras, que deram azo ao início do rito.

— Acerco-me do Teu altar, Deus onnipotente e eterno, para oferecer este sacrifício à Tua majestade — disse em voz alta, de costas para os presentes —, suplicando a Tua misericórdia para minha salvação e de todo o povo. Digna-Te aceitá-lo benignamente, pois és bom e piedoso. Concede-me penetrar no abismo da Tua bondade e apresentar com tal fervor a minha oração pelo Teu povo santo, que se veja coroado pelos Teus dons. — Em silêncio, o sacerdote beijou o altar, dirigindo-se depois aos fiéis.

Continuou com o glória a Deus nas alturas, e algumas vozes cantaram o Triságio. Depois, de mãos estendidas, o sacerdote recitou uma oração.

— Oratio post gloriam.

— Ámen — disseram todos.

Após a missa, todos saíram para a esplanada do pátio de armas do castelo. A neve dava um aspeto diferente às defesas daquela construção. Até o lombardo parecia diferente com a chegada do frio. Abandonara os pergaminhos e a tábua de cera e passava demasiado tempo junto dos homens, a beber vinho, para aquecer a barriga.

A realidade era que pouco tinham para fazer naquela altura do ano, nem sequer podiam reunir madeira. A Fortún, o pai ensinara-lhe tudo o que precisava de saber sobre ela e, graças a ele, sabia que devia ser cortada entre o outono e a véspera do inverno. Também não convinha cortá-la na primavera, quando as árvores estão prestes a brotar e concentram a energia para desabrochar a folhagem e os frutos de cada ano. No inverno, húmidas e despidas, não servem, devido à porosidade. Pelo mesmo motivo, no outono, com o amadurecer dos frutos e o conseqüente murchar da folhagem, eram

as raízes que recebiam da terra toda a seiva, voltando a renovar a anterior robustez.

O inverno era necessário, a força do frio dava-lhes consistência e mantinha-as comprimidas.

Durante a missa do domingo seguinte, Fortún ouviu com atenção os versos em

latim, cada vez mais fáceis de seguir para Javierre e para ele, mas incompreensíveis para o resto dos presentes. A liturgia era assim, inalterada há séculos, desde antes da chegada dos infiéis, quando em todo o território, dos Pireneus às colunas de Hércules, reinava o mesmo monarca cristão. Passara demasiado tempo e parecia que o único vestígio dessa época era a fé e, sobretudo, a sua liturgia.

Muitas vezes, Fortún distraía-se durante a missa, passavam-lhe pela cabeça as mais estranhas ideias e quase todas tinham Ava como protagonista. A arqueira poucas vezes se deixava ver, a maior parte do tempo ninguém sabia por onde andava. Fortún aproveitava a obrigatória assistência à missa de domingo para a observar às escondidas. Nesse dia, tinha o olhar manchado por dúvidas, como se algo a preocupasse. Fixou-se na expressão de Ava, como se assim fosse capaz de averiguar o que lhe passaria pela cabeça. Tanto a fitou que, num descuido, ela virou o rosto e os seus olhares encontraram-se.

Ava sorriu.

Então, uma rajada de vento entrou sem bater por um dos orifícios inacabados da igreja e atingiu a Bíblia que, entreaberta no altar, era lida pelo sacerdote.

Todos emudeceram.

O vento percorreu a única nave como se fosse o eco de um gigante.

Aquilo não era bom sinal.

Trocaram-se olhares, as gentes da aldeia, embora cristãos devotos, praticavam também as superstições e adorações aos antigos deuses, e aquela rajada não parecia casual.

— Silêncio! — ordenou o sacerdote com uma autoridade que fez claudicar os mais nervosos. — Estais na santa missa.

O silêncio regressou e, com ele, as fabulações de Fortún, que procurou os cabelos soltos de Ava. Estava num dos cantos ao fundo da igreja, como se isso a mantivesse a salvo das sagradas palavras. Ava deu-se conta dos olhos que lhe deslizavam pelo cabelo e, longe de corar ou disfarçar, como a maioria das mulheres da aldeia faria, quando todos repetiram as palavras do sacerdote, cravou os olhos em Fortún. Foi ele quem se envergonhou e devolveu a atenção à

liturgia. O sinistro sacerdote continuava a recitar passagens do Antigo Testamento. O seu semblante era tão firme como as paredes da igreja, tanto que ambos pareciam em perfeita comunhão. A luz, os cânticos e os fiéis formavam um conjunto harmonioso.

As missas eram longas e as pessoas acabavam esgotadas. Ao sair, todos murmuravam e dispersavam rumo a diferentes destinos.

Mas, nesse dia, houve uma mulher em particular que se afastou mais dos outros.

Era Ava.

Esgueirou-se por entre os andaimes do castelo e subiu à muralha. Deu uma olhadela aos trabalhos de construção da base, trepando depois à parte mais alta da torre. Era a primeira vez que ali estava. Observou todo o espaço que se dominava, respirou fundo e expeliu o ar num sopro em forma de nuvem.

Viu como a luz incidia sobre os silharejos, iluminando a variedade de tons.

Aquelas pedras toscas, simples e humildes, como eles, homens e mulheres das montanhas de um recôndito condado na fronteira, iam levantar uma imensa fortaleza. Pousou as palmas das mãos no muro mais exterior e

sentiu a força da pedra, como se ela mesma fosse parte da fortaleza. Ava esteve muito tempo em silêncio, em paz e, sobretudo, em harmonia com o castelo.

Na parte baixa de Loarre, junto às ruínas da velha ermida, o lombardo amaldiçoava o vento que se levantara. Via como sacudia os ramos das árvores, a força com que movia as nuvens sobre o castelo e a forma como fazia balançar uma caldeirinha de caldo que uma mulher morena se esforçava por segurar sem que ninguém a ajudasse.

— Mau — murmurou —, três dias seguidos deste vento de oeste só fazem estragos.

Sabia o que dizia, ninguém melhor do que ele conhecia os diferentes tipos de vento, a sua força, constância e o mais importante: as consequências.

— O que se passa, mestre? — perguntou Javierre ao passar ao seu lado —, vejo-vos compungido, estais bem?

— É este maldito vento.

— Já parará, não pode faltar muito, há vários dias que sopra assim.

Era esse o problema. Há três dias, para ser mais exato, que o vento os fustigava sem descanso. Em pleno inverno, nunca sopravam ventos daquela direção durante tanto tempo.

— É um vento de transição — observou o lombardo —, algo novo se avizinha, uma mudança importante.

— Mestre, temos de continuar com o latim, o Fortún e eu estamos ansiosos por aprender mais — disse Javierre, mudando de assunto.

O lombardo assentiu, relutante, não estava para perder tempo com os rapazes.

Doía-lhe a cabeça e não evacuava desde que aquele incómodo vento começara.

Tinha de tomar uma mistela qualquer para esvaziar o ventre ou continuariam as dores de barriga que tanto o afligiam.

Maldito vento, repetiu para consigo.

— Que te fique uma coisa bem clara, não é por ti que perco o meu valioso e cada vez mais escasso tempo, por isso não me digas o que devo fazer. Se te aceitei nas minhas lições, é por respeito a Juan e ao filho, mais nada. Se dependesse de mim, dedicavas-te apenas a limpar estábulos.

Envolto nas lamentações, não reparou na chegada de um cavaleiro a Loarre.

Tratava-se de um jovem pajem exausto, sujo e sedento. Foi levado ao poço onde a máquina do lombardo extraía copiosas quantidades de água. Aí, lavou o rosto e bebeu com afã. Javierre foi dos primeiros a interessar-se, não era todos os dias que chegava uma montada a Loarre, e ele estava sempre ansioso por saber notícias de outros cantos do reino.

— Devo ver o mestre de obras.

— Claro, está aqui mesmo — respondeu Javierre —, mas aviso-te que está de mau humor, não lhe agrada nada o vento.

— O vento! Julgo que temos assuntos mais graves com que nos preocupar.

— A que te referes?

— Leva-me até ele, tenho mais aldeias que alertar.

Javierre ficou tão surpreendido com o comportamento e a urgência do mensageiro que o levou de imediato ao local onde o lombardo se encontrava.

Estava resguardado atrás de um muro formado por várias jarras de vinho, absorto nos pensamentos. O mensageiro hesitou ao vê-lo, não esperava que aquele velho deprimido e bêbedo fosse o responsável pela construção do castelo mais famoso do reino, do qual todos falavam, erguido diante do nariz dos infiéis.

— Mestre de obras — disse, para lhe chamar a atenção —, perdoai, trago uma mensagem importante. — Não o consegui demover. — É sobre o rei Sancho.

Aquilo pareceu despertar-lhe o interesse e ergueu o olhar como se fosse um ato de caridade para com o visitante.

— E então, o que quer o rei?

— Senhor, o rei Sancho morreu.

SEGUNDA PARTE

O CONDE RAMIRO

Capítulo Vinte e Quatro

LOARRE. 19 DE DEZEMBRO DE 1035

Um dos vigias deu a voz de alerta em Loarre ao avistar uma coluna de dez homens a cavalo que chegava pelo caminho do Norte. Tratava-se de Lope de Ferrech, senhor daquelas terras. O nobre atravessou o povoado, precedido por dois fabulosos mastins, no preciso momento em que um grupo de vários habitantes preparava várias fogueiras para aquecer pequenas caldeiras, enquanto, no centro da aldeia, alguns caçadores esquetejavam uma abundância de caça: veados, javalis e um par de cabritos.

Lope trajava de forma tão diferente das gentes de Loarre que atraiu os olhares dos presentes. Usava algo semelhante a uma saia com galões de ouro nas mangas e nos bordos inferiores, aberta à frente e atrás, mesmo acima dos joelhos. Por cima, um arnês de guerra e, a cobrir tudo, o que parecia ser uma aljuba azul de mangas largas.

O nobre dirigiu-se ao castelo, passou ao lado da torre albarrã, já finalizada, e desceu do cavalo frente à estreita porta com o arco típico das construções lombardas que dava acesso ao recinto. A torre que a defendia ainda não estava fechada, mas Lope pareceu satisfeito com o seu estado e com a fina

galeria da parte superior. Contemplou a igreja castrense e a torre norte. No meio, o extenso pátio de armas, em cuja esquina se dispunham as mesas de trabalho do lombardo e os seus inúmeros pergaminhos e ferramentas.

— Vejo que não descansais nem no inverno.

— Com as obras paradas, é uma boa altura para verificações. — O velho lombardo sorriu ao vê-lo chegar.

— O rei morreu...

— É a lei da vida, todos morremos. Os que estão mais perto desse momento aprendem a conviver com ele — voltou o olhar para as tarefas —, e não nos afeta tanto como aos mais jovens.

— Sou um homem de armas, garanto-vos que a morte não me assusta, temo mais

os vivos. Principalmente os que aparecem como moscas para dividir o reino.

Avizinham-se tempos sombrios, tudo o que o nosso rei conseguiu fazer está em perigo, e também este castelo.

— A morte de Sancho, o Maior, não tem de influir no nosso trabalho, o primogénito quererá uma fronteira segura e...

— Lombardo — o tom da voz do nobre tornou-se mais seco —, estas terras não pertencem ao rei Garcia.

— Que dizeis? Só ele pode ser coroado rei de Pamplona.

— Isso é verdade, mas o pai deixou-nos um testamento envenenado, dotou todos os filhos de territórios e alguns... Bem, alguns não fazem sentido e acarretarão problemas e, se assim não for, temos de dar tempo ao tempo.

— Então a quem pertence agora Loarre? A Fernando?

— Foi nomeado conde de Castela, por direito direto da mãe, a rainha Munia. Os outros condados, Aragão, Sobrarbe e Ribagorça, foram divididos entre os outros dois filhos do rei.

— Dois?

— Ramiro, apesar de ser filho de mãe diferente, também recebeu territórios.

Aragão, para ser mais exato.

— Esse condado era o dote que a rainha recebeu no seu casamento com o rei.

Porque permitiu ela que passasse para alguém que não é seu filho?

— Desconheço, mas assim foi. Em contrapartida, os condados orientais, Ribagorça e Sobrarbe, os últimos a serem conquistados, pertencem agora ao pequeno Gonçalo.

— É uma criança, o seu senhor devia ser o rei de Pamplona. — O lombardo baixou a cabeça, abanando-a, pouco convencido com as palavras que ouvia.

—

O que acontecerá connosco?

— Loarre é um território em disputa entre Gonçalo e Ramiro, não está claro quem é o seu senhor. Dado que, embora estejamos nos domínios de Aragão, é

uma conquista recente, como Sobrarbe e Ribagorça.

— Que quereis dizer? Que não temos senhor?

— Ou que tendes dois.

— Não estareis a falar a sério? — Mediu as palavras. — Fazeis ideia da situação em que isto nos deixa.

— Prosseguimos com o nosso objetivo, confiai em mim.

— Como podeis dizer tal coisa? Tudo mudou! — protestou o lombardo, batendo no pergaminho mais próximo, que saiu disparado.

— Tranquilizai-vos, lombardo, o importante é manter a calma. O trono de Pamplona é um jogo e, por enquanto, os dados só foram lançados uma vez.

Devemos esperar, com paciência, pela próxima jogada. Posso-vos adiantar que Ramiro é uma caixa de surpresas e que duvido que deixe escapar facilmente um território em disputa.

— Não me agradam os estratagemas da vossa corte. Sou mestre de obras, preocupam-me os muros deste castelo, não os donos. — Uma rajada de vento agitou-lhe o escasso cabelo. — E este maldito vento! Não vai parar nunca?

Acabará por dar com todos nós em loucos! Se é que não o estamos já — murmurou, num tom mais apagado.

— Lombardo, Ramiro continua interessado nesta obra. Ajudar-nos-á a prosseguir com ela e a terminá-la.

— Era então essa a vossa aposta — pigarreou o lombardo —, e correu-vos bem, não é verdade? Sabíeis que Ramiro herdaria Loarre.

— Na vida, é preciso arriscar para triunfar.

— Lembro-vos que Ramiro é apenas um conde. Deverá vassalagem ao meio-irmão, o rei Garcia.

— Certo, o condado de Aragão continua a ser vassalo do reino de Pamplona.

Mas Ramiro é filho de um rei, nunca vos esqueçais disso.

— Para vos ser sincero, prefiro não saber mais nada, o que me importa é saber se vós e o conde Ramiro continuareis a financiar as obras do Castelo de Loarre.

— Isso é mais difícil, temos de formar um exército para o caso de os meios-irmãos tentarem apoderar-se do condado.

— Um castelo como este pode ser a chave para que um pequeno condado... se converta um dia num próspero reino.

— Lombardo, lombardo... Vejo que sois tão esperto como aparentais.

— Qualquer filho de Sancho, o Maior, quererá ser rei; caso contrário, duvidaria que fosse sangue do seu sangue. — Sorriu com malícia. — Estou certo de que Ramiro quer que Loarre seja seu quando estiver terminado.

— E será assim?

— Se continuarmos a receber os materiais e os fundos necessários para retomar a construção passado o inverno, dou-vos a minha palavra de que assim será.

— Como sei que podereis mantê-la?

— E como sei eu que podeis fazê-lo com a vossa?

— Cuidado com a língua, até agora cumpri com tudo o que vos prometi —

respondeu Lope, irritado e violento. — Dar-vos-ei o que precisardes para completar o castelo, mas lembrai-vos, o senhor de Loarre será Ramiro, conde de Aragão.

— E Marcuello?

— Isso é outro assunto. — A expressão de Lope alterou-se. — Não podemos fazer nada para o travar.

— Nada?

— Sem contrariar a vontade do falecido rei, não — respondeu ele, taxativo.

—

Se nos defrontássemos agora com Bernart de Marcuello, o rei de Pamplona poderia castigar-nos e criaríamos um conflito entre os herdeiros.

— Maldição, espero que chegue em breve o dia em que os reis e senhores pensarão menos neles e mais nas gentes que governam.

— Passarão mil anos.

— Oxalá fosse tempo suficiente, mas duvido. Serão outros os senhores, mas haverá sempre vassallos de que abusar.

Capítulo Vinte e Cinco

LOARRE. FIM DA QUARESMA DO ANO 1036

Acabara o período invernal e, tal como o tenente prometera, voltaram a fluir a pedra e os recursos para continuar com as obras do castelo. A Loarre, chegaram novas pessoas, todas traziam notícias diferentes sobre a situação do antigo reino de Sancho, o Maior. A incerteza em relação ao pequeno condado de Aragão, herdado por Ramiro, era evidente. Ainda que, enquanto prestasse vassalagem ao rei de Pamplona, isso não devesse afetar as suas vidas.

Passou a época das chuvas e chegou a hora de fecundar a terra para que esta desse bons frutos com que alimentar os trabalhadores o resto do ano. Para isso, o essencial era cumprir com as tradições dos velhos deuses e unir o sentir das gerações já desaparecidas e o das que ali estavam, expostas a mil vicissitudes.

Nesse dia, colocariam o maio na praça do mercado de Loarre.

Desde que haviam retomado esse costume, todos os anos voltava a ser cumprido com inusitada expectativa.

Os homens solteiros escolheram o mais alto e carregaram-no em ombros. Fortún, Javierre e os restantes rapazes transportavam-no sentindo o ombro do vizinho, para respirarem e empurrarem todos juntos. Tinham de o cravar nas entranhas da terra. Erguendo-o aos empurrões, metendo os rins. Devido

à enorme envergadura do exemplar daquele ano, aceitaram excecionalmente a ajuda dos homens casados e viúvos. Assim, Juan deu uma ajuda a Fortún, e cumpriram a tradição.

Plantar o maio tinha também a função de unir, de agrupar, de tirar os vizinhos de casa e levá-los à praça.

As mulheres não podiam participar, eram meras espetadoras. Era o que Ava mais odiava, mas não deixava de ir ver, embora se mantivesse bem escondida atrás da capa e afastada das primeiras filas. A arqueira verificou que também o noviço estava ali, numa segunda fila. Enquanto o sacerdote abençoava a cerimónia, aproximou-se dele.

Cumpria-se um rito que somava milhares de anos, proveniente de quando as montanhas ainda não existiam e os homens não conheciam a lei de Deus. Era

uma forma de agradecimento à terra, por tudo o que ela lhes dava e dera, que fazia com que continuassem vivos.

Eneca sabia que não era só isso. Tratava-se de um ato de fecundação, uma cerimónia da religião animista, o falo que penetrava na mãe Gea, aberta e húmida pelas chuvas de abril. Ela, que continuava a aprender junto do sacerdote a religião do novo Deus, via cada vez mais semelhanças entre Ele e as divindades dos antepassados.

Talvez sejam os homens que confundem os deuses, talvez nos ponham à prova, pensava. A rapariga tinha a certeza de que, tal como a terra após o inverno, também ela sairia em breve do torpor. Tinha de se preparar, pois vira nos sonhos que a idade da escuridão nas montanhas chegava ao fim. Que uma nova era estava prestes a começar e que aquele castelo era a ponta de lança que se cravaria na Terra Chã.

Após plantarem o maio, houve mercado em Loarre. Juan e Fortún caminhavam por entre os postos dos comerciantes chegados do Norte. Havia verduras frescas, peles curtidas, ceramistas, sapateiros, um vinhateiro com muita mercadoria e um peixeiro com a barba mais longa que Fortún alguma vez vira. O cabelo estava igualmente desgrenhado e vestia de forma

diferente dos restantes. Botas mais altas, a roupa mais justa e tinha um desenho que lhe subia pelo pescoço e se parecia com ondas.

— O meu peixe é o melhor, vem de muito longe.

— Isso é o que todos afirmam — respondeu Juan, ao mesmo tempo que o peixeiro pegava numa magnífica truta —, mas nunca dizeis de onde.

— Porque seria um erro. Ou queres porventura que arruíne o meu negócio?
—

Riu-se. — Mulher, não duvides, peixe fresco! — gritou, ao ver que alguém se aproximava.

— Nada mais longe dos meus desejos. — A mulher passou ao largo. — Já que viajas muito, o que se passa em Pamplona?

— Hum, má pergunta.

— Mas espero uma resposta, talvez vos compre peixe.

— Na corte de Pamplona, começaram as disputas entre os filhos do falecido rei, nenhum está contente com a herança. Nem o pequeno Gonçalo, que parece pouco disposto a abandonar a corte para reinar nos condados mais orientais.

Além do mais, o monarca de Leão morreu inesperadamente e sem sucessor.

— Sempre que morre um rei, desperta a tempestade — sussurrou Juan, abanando a cabeça. — Quem será o sucessor do rei de Leão?

— De entre os candidatos, parece que vão escolher Fernando.

— O conde de Castela! O segundo filho do rei Sancho.

— Shhh! Não grites — repreendeu-o o peixeiro. — Agora, será mais poderoso do que o irmão mais velho, o rei de Pamplona.

— Isso não trará nada de bom.

— E o vosso conde? Dizem que Ramiro soube conquistar as gentes do pequeno condado.

— Continua a apoiar-nos na construção do castelo, tal como o pai desejava. Mas não é a mesma coisa servir a um rei do que a um conde.

— Não subestimes Ramiro, é esperto, e lembra-te de que conseguiu um condado que não lhe pertencia por direito, por algum motivo será — disse o peixeiro, cumprimentando dois homens com a mão. — Há bastante tempo que os muçulmanos não atacam, e isso apesar da morte do rei Sancho. Porque julgas que será?

— Também me pergunto.

— Ramiro aceitou a não os atacar desde que em que troca lhe paguem tributo: ouro, prata, vinho, cereais, calçado e linho. — O pescador envolveu duas trutas num pano.

— O nosso conde sabe que deve debilitar os muçulmanos e dotar o seu condado de uma infraestrutura militar adequada. O castelo que for construído nesta zona será a pedra angular, seja ele Loarre... ou Marcuello.

— Será Loarre — afirmou Juan, enérgico.

— Bem, não é isso que se diz em Pamplona e Jaca.

— Já sabes que não será apenas um castelo militar, também servirá para atrair população para esta zona de estremadura. Permitirá formar uma fronteira e deixar claro onde está Deus e onde estão os infiéis.

— Dizes isso como se não fosse evidente.

— E não é. Quando Loarre assinalar a fronteira, todos os cristãos ansiosos por terras e fortuna saberão onde devem atacar.

— Tens razão. Numa zona como esta, os homens são livres. Temos acesso a terras e privilégios que no Norte estão reservados apenas aos senhores.

— O único problema é que estás sob a soberania do irmão, o rei Garcia de Pamplona — recordou Juan, num tom baixo. — Contudo, dizem que Ramiro age com muita liberdade, tendo inclusive dado início à distribuição de posses entre os mais importantes senhores. Entrega-lhes a propriedade e depois manda edificar a fortaleza, assim o senhor deve vigiar a evolução da obra. Como sucede em Loarre.

— Para Ramiro, Loarre é imprescindível. O reino de Leão ou o de Pamplona, o condado de Castela ou o de Barcelona, todos têm um passado lendário. Vêm de grandes reis e condes que enfrentaram os invasores ou são descendentes de dinastias francas. O condado de Aragão não tem pilares sobre que assentar, só a figura de Ramiro, um filho fora do casamento do rei de Pamplona. Aragão não sobreviverá à sua figura.

— Insinuas que Loarre lhe permitirá subsistir?

— Que melhores pilares para forjar um reino do que os de pedra maciça? Não só a de Loarre, mas também a dos outros castelos, igrejas e mosteiros, e um dia, uma sé para o bispo. Aragão será forjado sobre pedra, tal como outros reinos o fizeram sobre lendas.

Durante o inverno, Ava desaparecera de Loarre. Era como os animais da montanha, hibernava em grutas escuras até a neve derreter. Ava não era nem urso nem lobo, mas pertencia à montanha e seguia os seus costumes. Com a primavera, Fortún tinha esperança de voltar a vê-la.

Quando chegou, Fortún procurou Ava em todos os cantos de Loarre, sonhava com ela, com os seus beijos, carícias, com o toque do seu corpo, com o sabor da pele. Era quase doentio, descurara o trabalho nas obras e voltara ao comportamento errático e distraído de outrora.

Viu-a finalmente uma tarde, nos arredores de Loarre. Perto de uns comerciantes, a trocar veado por queijo e pão. Fitaram-se por um instante, Fortún quis correr para ela, mas o olhar azulado da arqueira deteve-o.

Sabia que não devia fazê-lo, e Ava partiu de imediato. Nem sequer o cumprimentou à distância. Desde esse encontro fugaz, Fortún sentia uma

pressão que lhe oprimia o peito, precisava de a ver, mas sabia que isso não bastaria, que, quando entrasse de novo nos seus olhos, queria possuí-la.

Porque se mantinha afastada? Só se viam quando Ava queria, e ele não podia continuar dessa maneira.

Assim passaram os dias.

Não aguentava mais, e numa tarde subiu ao topo do castelo, de onde ficou a vigiar até que a identificou nos arredores de Loarre e correu ao seu encontro.

Não lhe foi fácil segui-la, Ava caminhava rapidamente em direção ao bosque.

Fortún teve muito cuidado para que ninguém o visse. Quando se afastou da aldeia, acelerou o passo para não a perder por entre as árvores. A arqueira embrenhou-se na montanha e ele começou a ter dificuldades em segui-la, e Ava desapareceu.

Deu várias voltas, procurou as suas pegadas, mas Ava era muito cuidadosa e o seu rasto sumiu-se.

Perdera-a.

De repente, sentiu uma ponta afiada encostada à garganta.

— Não te mexas.

— Sou o Fortún...

— E que diabo fazes a seguir-me? — Ava não afrouxou nem um pouco a pressão no pescoço do rapaz.

— Queria ver-te.

— Eu não sou uma mulher da aldeia a quem fechar em casa para que lave e cozinhe para ti, e com quem te aliviores quando te apetecer. Estou aqui

porque assim quero, para proteger estas gentes e o castelo, não tenho senhor e muito menos dono.

— Eu sei, mas tu e eu, bem... já sabes.

— Sim, claro que sei, e tu? O que sabes tu?

— Eu acho que...

— Não, Fortún, tu ainda és uma criança, não entendes nada — afirmou Ava com desprezo. — Vai-te embora.

— Espera! — Fortún agarrou-a pelo braço e ela lançou-lhe um olhar que o obrigou a soltá-la de imediato. — O que é que eu não entendo? Ajuda-me, por favor, diz-me o que se passa.

Ava perscrutou-o e soltou um suspiro.

— Fortún, a realidade não é clara. Olha à tua volta, a escuridão envolve-nos, não há nada seguro nestas montanhas. Às vezes, a única luz é ténue e difusa, e pode esconder-se onde menos esperas, até no fundo de um olhar.

— Deu dois passos em frente. — Aproximam-se tempos difíceis, não poderei defender este lugar sozinha. Quando chegar o momento, precisarei da tua ajuda.

— Da minha ajuda para quê?

— Confia em mim — disse ela, e afastou-se, desaparecendo na noite.

Confuso, Fortún regressou à sua cabana. Não entendia porque proferira Ava aquelas palavras. Era tão estranho. A arqueira era desconcertante.

Ao chegar a Loarre, viu uma sombra a descer do castelo. Escondeu-se atrás de uma cerca de madeira e viu passar Poente. Aquele gato aparecia sempre no local

mais inesperado. Ia a levantar-se quando ouviu um ruído. Agachou-se de novo e desta vez viu passar Javierre. Fez menção de o chamar, mas não ia só, e isso deteve-o.

Não podia ver quem o acompanhava e esperou que se afastassem.

Também não lhe apetecia explicar-lhe que estivera com Ava.

Agora, tinha de regressar antes que o pai descobrisse que saíra em plena noite e cumprisse a ameaça de lhe dar uma boa sova.

Fortún passou vários dias às voltas com o que acontecera com Ava. Na verdade, não pensava noutra coisa. Tinha uma amarga sensação, como que uma dor que se estendia pelos ossos, não conseguia explicar bem, um pesar que lhe roubava as forças e a vontade de viver.

— Pode saber-se o que se passa contigo? — perguntou-lhe Javierre.

— Nada.

— Fortún, acabas de serrar os madeiros ao contrário, era na vertical, não na horizontal.

— Maldição!

— É essa arqueira, não é verdade?

— Não, é só que... Bem, sim, é ela.

— Eu disse-te que não te traria nada de bom.

— Vós! — gritou o lombardo. — Quereis parar de falar tanto e trabalhar mais?

Tu! — disse, apontando para Javierre —, és sempre a mesma coisa, para de coscuvilhar e põe-te a fazer algo de útil.

— Sim, senhor — respondeu Javierre com firmeza. — Esse maldito velho, um dia vai pagar-mas — sussurrou —, de certeza.

— Calma, ele não é mau homem.

— Que sabes tu? Não te trata da mesma maneira, como és o filho do ajudante...

— Javierre, que diabo dizes?

— Estás aí pasmado, a lamentar-te sem motivos. O teu pai é o ajudante do lombardo, ensinam-te e têm-te em boa consideração, deitaste-te com a mulher mais excitante que conheço, mas pões-te a choramingar... Eu não tenho família, o lombardo trata-me como lixo... Queres que continue?

— Desculpa — disse Fortún, assentindo —, tens razão, perdoa-me. Não posso continuar a lamentar-me por causa dessa mulher. Somos amigos, Javierre. Não te vou falhar.

— Eu sei. — O jovem coçou a nuca. — Tenho uma coisa para te contar.

Descobri o que o sacerdote estava a desenterrar na velha igreja na noite em que o viste.

— Não acredito. O que era?

— Relíquias, ouvi-o dizer a um homem há dois dias. Devia ser um mensageiro, porque partiu de imediato.

— Como conseguiste ouvi-lo?

— Estava em cima do telhado da igreja e escutei o que diziam no interior do templo.

— E o que fazias...? Deixa, não quero saber, mas sim de quem eram as relíquias.

— Fica de boca calada, acho que mais ninguém sabe e meter-nos-emos em sarilhos se a palavra se espalhar, acho que o sacerdote guarda absoluto segredo.

— Confia em mim, Javierre.

— Assegurou que eram de São Demétrio.

— E porque não o anuncia? As relíquias atrairiam muita gente, seria uma grande ajuda para a construção do castelo.

— Não sei, mas nem te passe pela cabeça comentar isso com alguém.

Em Loarre, trabalharam sem descanso durante o resto do ano. As cinco torres estavam avançadas e o castelo ganhava forma. Era tempo de erguer mais alto os andaimes, trabalho coordenado por Juan com habilidade e destreza. Chegaram a adiantar os prazos e pensaram que seria possível terminar no ano seguinte.

Infelizmente, tempestades inesperadas debilitaram a obra, e grande parte dos avanços dos últimos meses estava em perigo. Era preciso atuar e reparar os danos se não queriam ver desabar as telas superiores.

O lombardo paralisou outros trabalhos e alocou todos os homens à consolidação das zonas mais afetadas. Era fundamental não perder tanto trabalho e esforço.

Fortún e outros voluntários encarregaram-se de uma das telas da torre principal.

Muitos silharejos estavam soltos devido à ação das chuvas e podiam cair. Havia, pois, que os unir de imediato com argamassa de cal.

O sacerdote, por sua vez, não hesitava em realçar a importância vital do futuro castelo para o cristianismo. Esses sopros de fé insuflavam a alma dos cansados habitantes de Loarre. A carne e o pão enchiam o estômago, mas eram os sermões daquele padre que alimentavam o espírito dos homens e mulheres que sacrificavam a vida para erguer as muralhas de pedra. Após a missa matinal, o religioso e o noviço retiraram-se para repousar. Enquanto o sacerdote se reclinava para ler o evangelho, Eneca caiu rendida. Dormiu pouco, mas o suficiente para se deixar levar pelos sonhos.

O padre viu como a jovem se agitava de vez em quando na enxerga, como se o seu sonho não fosse tão agradável como devia. No início, não lhe deu grande importância, pois era habitual nela; mas nesse dia, o pesadelo ultrapassou a compreensão. Começou a agitar-se e a transpirar

desenfreadamente. Alarmado, o padre levantou-se e sentou-se ao lado de Eneca, temendo que tivesse adoecido.

Pôs-lhe a palma da mão sobre a testa e sentiu como ardia.

— Acorda! Estás a ouvir? Abre os olhos! O que se passa contigo? Acorda!

Eneca deixou ver as enormes pupilas, negras como a noite.

— Vai acontecer.

— Como dizes? O que vai acontecer? — O sacerdote tinha o rosto desfigurado.

— O que viste? Diz-me!

— O castelo, temos de subir, depressa! Vai ser terrível!

Aquelas palavras pesaram tanto ou mais do que o olhar de terror de Eneca, que se levantou e correu em direção à porta.

Entretanto, no terreno em obras, um rangido retumbou. Todos souberam imediatamente do que se tratava.

— Fugi! Lá para fora! — gritou um carpinteiro.

Uma das vigas mestras do esbelto andaime que subia até ao cimo da torre soltou-se e toda a estrutura tremeu, como uma árvore antes de receber o último golpe do machado. Os que estavam na base fugiram em todas as direções, enquanto os que se encontravam no topo desceram saltando de nível em nível. Juan foi mais hábil e abandonou a estrutura de madeira para se refugiar num dos vãos da torre, o andaime cairia certamente em direção ao vazio e não afetaria o edifício de pedra. Mas nem todos tiveram sorte. Fortún estava preso num dos extremos, demasiado alto para saltar e sem tempo nem hipótese de descer pelas escadas que uniam os diferentes pisos do andaime.

Juan não hesitou.

Agarrou numa corda e regressou ao andaime, desceu dois níveis até uma zona ainda estável e atirou a corda a Fortún.

— Filho! Agarra-te!

— Não consigo, pai!

Estava demasiado longe, por isso desceu outro nível, arriscando a vida. O andaime não resistiria mais tempo, ou saíam dele ou morriam os dois.

Fortún animou-se ao ver como o progenitor ia em seu auxílio e, levado pela ânsia de não lhe falhar, nem sequer naquelas circunstâncias, tirou forças de onde não as tinha. Agarrou-se a um dos madeiros e ganhou impulso para saltar para outra plataforma do andaime. Nesse momento, a base falhou definitivamente e começou a desabar sem remédio possível.

O rapaz continuou a correr, subiu outro nível e encontrou a mão do pai, à qual se agarrou com força e que o puxou para o salvar de morte certa. Não houve tempo

para abraços nem palavras, Juan empurrou-o para a outra ponta e indicou-lhe por onde devia saltar para chegar ao vão da torre. Tomou impulso e, no último momento, sentiu o empurrão do pai para se pôr a salvo.

O andaime continuava a desmoronar-se, só faltava o pai saltar para junto dele.

Não foi assim.

Quando Juan ganhava balanço, as tábuas sob os seus pés soltaram-se dos apoios.

O pé direito afundou-se, não encontrando suporte, e por mais que tentasse apoiar-se no outro, não lhe serviu de nada.

Fortún não chegou nem a ver-lhe o olhar, só um corpo a cair no vazio.

Correu pela rede de escadas interiores da torre, tentando descobrir a saída. Ouviu o tremendo estrondo do andaime ao colidir e atravessou a massa de pó que se formou. Entre os gritos e soluços dos feridos, procurou como um animal pelo corpo do pai. Era difícil fazê-lo entre tantos escombros, mas não desistiu. Como louco, movia vigas e tábuas, encontrando os corpos inertes e feridos de companheiros. Até que, afastado dos restos principais, avistou um homem que agonizava numa poça de sangue.

Sentou-se frente ao corpo moribundo do pai, e este estendeu-lhe a mão, pedindo um ato de reciprocidade. Fortún entrelaçou os dedos nos dele e olharam-se. Os lábios de Juan faziam um último esforço por se mexer. O pai morria, partia deste mundo. Fortún desatou a chorar ao dar-se conta de que estavam a despedir-se, que Juan sabia que era a última vez que se viam.

Queria contar-lhe tantas coisas e, ao mesmo tempo, era incapaz de proferir uma frase. As despedidas estão cheias de silêncios, de frases não ditas, de pensamentos ocultos nalguma parte da nossa memória.

— Fortún... Estou orgulhoso... de ti... De como és... e sobretudo, do que podes vir a ser... — disse Juan, num sussurro entrecortado.

— Pai, não fales, vais ficar bem...

— Amo-te... O teu sangue... não é o meu sangue. Mas amo-te como a um filho.

— Eu também te amo, pai.

— Tenho de te pedir uma coisa... Ajuda a completar este castelo... é a única coisa que fiz de bom.

Os olhos humedeceram-se-lhe e a sua cor ocre tornou-se negra como a penumbra da montanha. Fortún emudeceu, os seus músculos retesaram-se e sentiu como se alguém, dentro dele, lhe percorresse o corpo. E o brilho das suas pupilas apagou-se.

O acidente do andaime causou mais sete mortes, além de dezenas de feridos, alguns com gravidade. A indignação correu pela aldeia como uma

praga, homens e mulheres procuravam, necessitavam de alguém a quem deitar as culpas. Sem se saber de onde brotara a ideia, propagou-se uma descabelada história que afirmava que o culpado da catástrofe era o mestre de obras.

No estábulo, tinham a certeza de que construía mal os andaimes; entre as mulheres, dizia-se que desprezava tanto os trabalhadores que não se importara com as mortes. Outras acusavam-no de ser bêbedo e de ter planeado aquele andaime sob os efeitos do vinho. Chegou-se a ouvir que a demora até lhe interessava, para poder sacar mais moedas ao rei.

Assim, com a multidão enfurecida, desejosa de descarregar a dor e raiva sobre algum culpado, o lombardo não teve outro remédio a não ser esconder-se. Tarefa bem difícil numa aldeia pequena, pelo que optou por se refugiar no recinto do castelo até que a sensatez regressasse aos habitantes, o que decerto aconteceria com o nascer do Sol. A Lua tinha tendência a roubar a sanidade às pessoas, sobretudo quando estava crescente como a daquela noite.

Como se não bastasse, corria um forte vento que o atingia com força e cerceava ainda mais o bom senso dos homens.

Escondido no terceiro andar da torre principal, o lombardo observava da galeria de arcos o incessante número de tochas que se reuniam em torno da velha ermida. A última coisa de que precisava era que o vento soprasse daquela maneira, maculando-lhe demasiado a alma. Sentia-se derrotado. Só. Duvidava de tudo. Já nada fazia sentido. O seu último amigo morrera e, além do mais, culpavam-no por isso. Odiava o vento, mas acima de tudo temia a ignorância dos homens.

Quem me terá incriminado desta forma? Não faz sentido, pensou, esfregando as mãos para afugentar o frio.

Ouviu um rangido que o alertou e o fez retroceder, tropeçando sem cair.

— Quem anda aí?

Só o vento lhe respondeu. Todos os pelos do corpo se lhe eriçaram, como se sentisse uma presença no interior da torre.

Talvez em breve soubesse quem era o culpado daquelas acusações.

Foi Poente que apareceu, abrindo a boca o máximo possível, como que a demonstrar que a presença do lombardo naquele local não o inquietava em absoluto. Aquele gato tinha-se convertido no verdadeiro senhor do Castelo de Loarre.

— Sabia que te esconderias aqui — disse uma voz vinda de um canto.

Desta vez, Poente assustou-se e bufou em direção à escuridão, pondo em riste a longa cauda.

— Quem és? — inquiriu o velho, assustado.

— A audácia nunca foi uma das tuas virtudes, velho.

— O que queres de mim?

— De ti só quero uma coisa, o livro, esse tratado de arquitetura antiga no qual se contam todos os teus segredos.

— É um livro de construtores, não é qualquer um que o pode ler.

— Talvez eu também queira ser um mestre de obras, todos temos direito nesta vida a mudar, a melhorar. Não penso ser pastor como o meu pai — disse, saindo das sombras com os olhos brilhantes.

— Tu? Porquê? Não passas de um...

— Quê? O que sou eu para ti, velho? Di-lo! Sempre a olhar-me por cima do ombro, com esses ares de grandeza, e afinal não és melhor do que eu.

— Não tens nenhum direito a...

— Direito, dizes? Ignoraste-me desde que cheguei, julgas-te superior e melhor do que todos. Não fazes ideia de como aguentei o teu desprezo e

indiferença, como me ignoravas.

— Mas se eu não te fiz nada, até te ensinei.

— Mentira! Só me permitiste estar a teu lado porque era amigo do Fortún, mais nada. Onde escondes o livro? Fui à tua cabana e não está lá nada, só pergaminhos. Onde o escondes, velho?!

— Está lá, juro.

Javierre agarrou-o pelo pescoço e pôs-lhe metade do corpo de fora das janelas.

— É a tua última oportunidade, lombardo. Onde está esse livro de arquitetura?

Penso obtê-lo seja de que forma for, em Marcuello saberão recompensar-me.

— Eu digo, eu digo...

— Como dizes? Não te oiço — gritou Javierre, empurrando-o mais para o vazio.

— Diz-me já.

— Espero por ti no inferno — disse o lombardo, erguendo a voz. E, aproveitando que estava apoiado no montante, lançou-se no abismo do alto da torre.

O seu corpo caiu contra a escarpa onde assentava o castelo.

Capítulo Vinte e Seis

LOARRE. JUNHO DO ANO 1036

O Sol era apenas uma memória distante em Loarre. Há vários dias que o céu chorava. Os caminhos estavam enlameados, a aldeia coberta de lodo e lama, os telhados das cabanas não suportavam tanta chuva e os habitantes

difícilmente conseguiam tapar as goteiras. Os animais não podiam sair para pastar e os homens estavam há dias sem caçar. Essa semana aziaga tinha de terminar com o funeral do lombardo. Todos concordavam que tirara a própria vida, assolado pela culpa. Com o falecimento, os rumores não pararam de crescer, poucos duvidavam de que era o responsável pelo desmoronamento e que, incapaz de o assumir, se lançara no vazio.

O que nem todos partilhavam era a alegria por uma morte assim. Era uma forma de justiça, mas sem sentido, pois o lombardo estava arrependido, e agora, sem ele, não sabiam o que seria das obras do castelo e, conseqüentemente, do futuro da aldeia e do seu.

Alguns homens tinham-se arriscado a descer para recuperar o corpo que caíra sobre a zona mais rochosa onde o castelo assentava. Como sempre, Javierre fora impetuoso e carregara o corpo pelas rochas. Poucos puderam ver o cadáver, que aparentemente ficara muito desfigurado, sendo logo coberto com mantas.

Na missa, o sacerdote elogiou a sua figura, para vergonha dos que o haviam criticado. Nem todos foram ao cemitério. Para Fortún, era a segunda vez em poucos dias que pisava aquela terra sagrada, e não pôde evitar recordar o pai e as suas últimas palavras. Às vezes, um coração não chega para suportar os golpes que a vida nos dá. Afastou-se do enterro para se esconder de olhares e murmúrios. Dirigiu-se ao bosque e pôs-se em alerta ao descobrir um rasto de pegadas de javali. Ainda assim, continuou a andar e encontrou amparo numas rochas que lhe serviram de assento.

Aí, contemplou a natureza que o rodeava, onde a morte e a vida se misturavam praticamente sem se incomodar. Onde ninguém chorava uma perda nem sentia a sua falta, nem sequer parava para recordar os mortos. Animais e plantas procuravam sobreviver, sem mais pretensões.

Ouviu um rangido atrás de si.

Soube imediatamente que não era um acaso, que algo ou alguém rondava atrás dele. Estava demasiado perto da aldeia, não podia ser um lobo, por isso...

Pegou numa pedra de bom tamanho que havia a seus pés e procurou o momento adequado.

Novo rangido. Agora.

Levantou-se de improviso e correu para o outro lado.

— Quem anda aí?! — gritou, com o braço que segurava a pedra estendido.
—

Sai, sejas tu quem fores!

Não obteve resposta. A sua pulsação acelerara e olhava para um lado e para o outro em busca de alternativa.

E se estiver armado, que posso fazer se tiver uma espada?, perguntou-se.

Desatar a correr, era isso que devia fazer assim que aparecesse.

— Calma — disse uma voz débil —, sou eu.

De entre as sombras do bosque, surgiu um indivíduo de hábito e capuz. Deu vários passos de mãos abertas e levou-as lentamente à cabeça, destapando o rosto.

Era o noviço do sacerdote.

— Tu? Que fazes aqui?

— Tenho de falar contigo.

Fortún lembrou-se da última vez que haviam estado a sós e alegrou-se por tê-lo de novo ao seu lado naqueles momentos. Desta vez, não tinha o capuz posto e pôde ver com clareza o seu olhar escuro e sincero.

— Pois então fala, o que queres dizer-me?

O noviço olhou em volta, como se receoso de que os vigiassem. Tudo aquilo era

estranho para Fortún, teve o pressentimento de que algo de mau ia acontecer.

Eneca deu mais alguns passos na direção dele, sem deixar de olhar para trás pelo canto do olho. Cabisbaixa, parou a um par de passos do rapaz.

— O lombardo não teve culpa do que aconteceu ao teu pai — sussurrou.

— De que estás a falar?

— O andaime estava bem construído.

— Acho que isso não é assunto que diga respeito a um noviço como tu, a que propósito vem isso? Foi o sacerdote quem te mandou?

— Não, ele não sabe que estou aqui — revelou, receoso, levando algum tempo a continuar. — O andaime foi sabotado.

— Como? Estás louco, quem faria uma coisa assim? Porquê?

Ouviu-se um estalido, o noviço ficou teso como um pau e desatou a correr para o outro lado do bosque, desaparecendo no meio do matagal.

— Espera! — Fortún hesitou em ir atrás dele, mas depois olhou na direção do som e viu uma silhueta a desenhar-se. Engoliu em seco, voltou a agarrar na pedra com força e esperou o pior.

— Eh! Calma, sou eu — advertiu Javierre, assustado com a possível pedrada —, o que se passa contigo, Fortún? Que fazes aqui?

— Desculpa, pensei que eras...

— Que era quem? Fortún, o funeral já acabou, andava à tua procura, estava preocupado. Estás bem?

— Sim, não te preocupes. Só precisava de estar sozinho.

— Compreendo, mas prefiro ter-te perto. Se precisares de alguma coisa, pede. E

não me dês estes sustos, por favor.

— Tens razão, desculpa.

Deixou cair a pedra e regressou à aldeia com o amigo.

Aquela foi uma das noites mais longas na curta vida de Fortún. Por muito que tentasse, não conseguiu conciliar o sono. À mente, vinham-lhe imagens do pai que lhe envenenavam a alma com nostalgia. Misturadas, apareciam outras da construção do castelo, do lombardo e, para sua surpresa, surgindo no meio delas, a silhueta do noviço. E se aquele rapaz tivesse razão? E se alguém sabotara o andaime?

«Não, isso não é possível. Quem em Loarre seria capaz de tal coisa?»

Todos viviam do castelo. Sem ele, a aldeia desapareceria, os sonhos de terras esfumar-se-iam. A incerteza torturava-o, precisava de dormir, de fugir do mundo real por algumas horas. Mas os pesadelos e a preocupação cercavam-no.

Levantou-se entre suores e com uma forte dor no abdómen. Ao ver a enxerga vazia do pai, o pesar aumentou. Agarrou-se à viga que sustentava o telhado, mas as pontadas na barriga agudizaram-se. Segurou-se com mais força e cerrou os dentes. Pouco a pouco, a dor desapareceu. Sentou-se na enxerga com o rosto entre as mãos. Talvez agora pudesse dormir, talvez a tristeza lhe desse uma trégua. Mas então ouviu duas batidas secas, alguém batia-lhe à porta a meio da noite.

Estava acordado, por isso não podia ser um sonho. Pegou numa faca que estava em cima da mesa e aproximou-se da porta, receoso.

— Quem és?

— Sou Elías, o noviço.

— Outra vez? O que queres agora?

— Preciso de falar contigo.

— A estas horas? Mas o que queres? Porquê...?

— Tenho o livro do lombardo.

Fortún teve de repetir mentalmente a frase para entender a situação. Abriu a tranca e deixou entrar o noviço, quase todo enfiado no capuz. Com efeito, trazia nas mãos algo envolto em tecido. Pô-lo em cima da mesa e desembrulhou-o para que Fortún visse que era verdade aquilo que dizia.

— Que fazes tu com isso? — perguntou Fortún, pousando a mão na capa.

— Salvá-lo.

— Como assim, salvá-lo? — Virou-se para ele, agressivo e zangado. — De quem, se é que pode saber-se?

— Saquearam a casa do lombardo, procuravam o livro.

— E como foi que o obtiveste?

— Sabia que corria perigo, vi-o nos meus sonhos.

— Como? Olha, não sei o que se passa, mas o meu pai morreu. Não consigo entender porque vens ver-me e muito menos o que me contas agora de que...

— Deves proteger este livro.

— Proteger de quem?

— De quem acusou o lombardo do desmoronamento, de quem pôs toda a aldeia contra ele, de quem causou a morte do teu pai.

Fortún, avassalado, parou de perguntar. Respirou fundo e aproximou-se da mesa.

Passou os dedos pela capa do livro, abriu-o e perscrutou várias páginas ao acaso.

— Adoro este livro, o lombardo usava-o para nos ensinar a ler em latim.

Alguém bateu à porta. Olharam um para o outro, nervosos.

— Fortún! Abre, sou eu, o Javierre.

— Que susto me pregou. Já vou!

— Não o faças — pediu o noviço, agarrando-o pelo braço —, por favor.

Fortún não soube o que aconteceu então. Ao sentir o toque daquelas mãos, foi como se algo no seu interior se libertasse. Nunca tivera aquela sensação. Não sabia sequer qual era a sua causa, mas demorou a reagir.

— É só o Javierre, não te preocupes. — Fortún dirigiu-se à porta, acompanhado

pelo olhar receoso do noviço.

— Como estás, amigo? — indagou aquele, ao mesmo tempo que entrava na casa. — Desculpa por aparecer a estas horas, mas, não sei porquê, pensei que estarias acordado.

Javierre aproximou-se da mesa e Fortún quis apresentar-lhe o visitante daquela noite. Mas tanto ele como o livro tinham desaparecido. Deu uma olhadela ao quarto e intuiu que o noviço se escondera atrás da enxerga.

— Tens razão, não consigo dormir.

— É normal, para que servem os amigos senão para passar uma noite acordados?

— Obrigado, Javierre, embora gostasse que fosse noutras circunstâncias.

— Eu sei, e entendo que não é o melhor momento, mas há algo que devo dizer-te o quanto antes — observou o filho do pastor, inquieto.

— O que se passa?

— A gente murmura, já sabes, estão nervosos.

— Por causa do castelo?

— Claro que por causa do castelo — pigarreou ele. — Verás, há muitos que falam em ir-se embora.

— Malditos cobardes!

— Fortún, é normal, que vamos fazer agora? Não temos mestre de obras, e o único que de algum modo podia ter continuado era o teu pai, e além disso...

Depois há aquilo do livro.

— Do livro? — Fortún teve de fazer um verdadeiro esforço para controlar as emoções.

— Sim, todos os dias o lombardo consultava um antigo tratado de arquitetura, aparentemente tem um valor enorme. Pois bem, desapareceu.

— Queres dizer que o roubaram?

— Não! Porque dizes isso? Vá-se lá saber o que o velho fez com ele, pode ter-se atirado com ele ao vazio e o livro ter-se perdido, ou pode tê-lo escondido. Na verdade, não sabemos. — Fortún eriçou-se todo ao dar-se conta de que o amigo falava no plural. — Seja como for, o que queria dizer-te é que também me vou embora e gostaria que viesses comigo. Já nada te prende aqui, e mais, o melhor que podes fazer é abandonar este maldito lugar.

— Javierre, e o castelo? O nosso castelo!

— O castelo é do conde Ramiro e do tenente por ele designado. Seja como for, sejamos sinceros, já nunca será construído. Em contrapartida, há outra fortaleza onde podemos trabalhar, e que nos dará terras no futuro.

— Que dizes? Não me digas que vais para Marcuello?

— Para onde mais? Diz-me! Onde podemos encontrar trabalho? Ou pretendes voltar para as montanhas e acabar como servo de algum senhor?

— Não, mas Marcuello... são nossos inimigos!

— Enganas-te: os sarracenos, esses sim são rivais. O senhor de Marcuello é vassalo do rei de Pamplona e tão cristão como nós.

— Não sei, Javierre, não estava à espera...

— Na vida nada se espera, toma-se o que vem e segue-se em frente.

Fortún gostou das palavras do amigo, tão parecidas com a sensação que tivera ao contemplar a natureza após o funeral.

— Javierre, eu...

— Sei que a morte do teu pai tem de ser uma dor terrível, da qual te custará a recuperar. Também para mim Juan era um grande homem. Mas tens de continuar, meu amigo. Ele tê-lo-ia feito, não é verdade?

— Sim, claro.

— Com certeza — disse Javierre, pondo a mão no ombro do amigo —, o melhor para honrares o teu pai é levatares-te e seguir em frente. Além do mais, o que te

prende aqui? Vem comigo, juntos, faremos fortuna em qualquer lugar.

— Suponho que tens razão. Está bem, acompanho-te.

— Não sabes como me alegro — disse Javierre, dando-lhe um forte abraço.

— Tem calma, que não consigo respirar. — O fortalhaço filho do pastor libertou-o com um grande sorriso.

— É uma pena que não tenhamos o livro.

— O livro do lombardo, para que o queremos?

— Pensa. Que melhor carta de apresentação para aparecer em Marcuello do que entregar-lhes esse tratado? De certeza que nos recompensavam, para não falar no trabalho que nos dariam. Nada de levantar pesos, seríamos dos de cima, dos que mandam — disse, entusiasmado. — Esse maldito velho, vá-se lá saber onde estará o livro!

Fortún conteve um suspiro, que se lhe entranhou de tal modo por dentro que se tornou ainda mais vasto e difícil de ocultar. Olhou de soslaio para a enxerga, mordeu o lábio inferior e as pernas começaram a tremer-lhe.

— De certeza que o lombardo se atirou com ele do topo do castelo. Tu viste o cadáver, não tinha nenhuma folha ou algo assim?

— Temo que não, estava desfigurado. Irreconhecível.

— Teremos de começar de baixo, meu amigo — comentou Fortún, resignado.

— Assim parece.

— Acho que vou tentar dormir, com as tuas boas notícias, de certeza que consigo conciliar o sono. — E Fortún deixou-lhe livre o caminho para a porta, convidando-o a partir.

— Muito bem, amanhã venho buscar-te. Tem tudo pronto, quanto mais cedo chegarmos a Marcuello, mais fácil será encontrar trabalho.

Dirigiram-se à porta e Fortún abriu-a.

— Muito obrigado, Javierre.

— Somos amigos, lembra-te sempre disso.

— Fá-lo-ei. — E voltaram a fundir-se num abraço.

O rapaz fechou a porta, deu um par de passos em direção ao centro da divisão e ficou ali parado.

— Não pensas sair daí?

O noviço ergueu-se atrás da enxerga com o livro nos braços. Ficou de pé diante dele, nem soltou aquelas páginas, nem disse mais nada.

— Vais dar-me esse livro, e amanhã entregá-lo-ei ao Javierre para o levar para Marcuello. Aqui já não serve para nada.

— De modo algum.

— Mas... tu... que diabo queres? Dá-mo, vamos!

— Foi o teu amigo quem afrouxou os freios do andaime e serrou as tábuas.

Disse-o tão rápida e diretamente que Fortún demorou a reagir. Só quando o eco dessas palavras retumbou na sua mente e as entendeu uma a uma é que se deu conta da gravidade da acusação.

— Estás louco, és uma criança estúpida! Dá-mo!

Eneca esquivou-se e pôs-se atrás da mesa de madeira que havia junto à lareira apagada. Fortún maldisse a sua sorte e avançou de novo para ela, mas a mesa interpunha-se entre eles, e chegou a tentar contorná-la três vezes, mudando sempre de direção no último momento.

— Não vais escapar. — Fortún empurrou a mesa contra a parede, com tanta força que uma das pernas se partiu. — Acabou! Dá-mo.

Agarrou no livro para lho tirar. O noviço, porém, recusava-se a dar o braço a torcer. Fortún puxou com todas as forças, mas nem assim ela soltou o objeto. O

impulso fê-lo perder o equilíbrio, caindo ambos ao chão. Eneca bateu

bruscamente com a cabeça, enquanto Fortún caía sobre ela com todo o peso, o que provocou um grito agudo.

Quando recuperou o controlo da situação, Fortún estava em cima do peito do rival. Levantou-se, confuso, e ergueu o olhar para o rosto do noviço.

Parou.

O que se passa?, perguntou-se, assustado.

Cruzaram olhares e Fortún ficou tão confuso que não afrouxou a pressão sobre o noviço. Este reagiu, desferindo-lhe um tremendo golpe no meio das pernas, que o fez estremecer como um animal ferido. Caiu, rodando para um lado, e quando tentou levantar-se, deparou-se com a ponta de uma faca encostada à sua garganta e os mesmos olhos negros que antes o aturdiam a avisá-lo para não se mexer, caso contrário, morreria.

Não foi assim, e quando ambos quiseram reagir, o noviço foi atingido, caindo ao chão.

— Fortún, estás bem?

— Sim, Javierre — respondeu este, agarrando na mão que o amigo lhe estendia para se levantar. — Porque regressaste?

— Ouvi gritos pouco depois de partir, pensei que estarias com problemas. Vejo que não me enganava.

Fortún agachou-se, o noviço estava aturdido. Agarrou-o pelo queixo e virou-lhe a cabeça de um lado para o outro. Observou-o bem e murmurou algo ininteligível.

— Não o deixes pegar no livro! — vociferou ela, desafiadora, quase cuspindo as palavras.

— Nem te passe pela cabeça dar-lhe ouvidos! Fortún, isto abrir-nos-á as portas de Marcuello — berrou Javierre, agachando-se para pegar no livro.

— Antes disseste que o lombardo se tinha atirado com o livro — observou Fortún.

— Sim, felizmente estava enganado — disse o amigo, tomando o livro nas mãos.

— Esse velho tirou simplesmente a própria vida.

— Não.

— Que queres dizer, amigo?

— Se o lombardo pretendesse deixar-nos, teria posto o livro em segurança. De onde o tiraste? — perguntou Fortún, apontando para Eneca.

— De casa dele — respondeu ela —, quando as pessoas se puseram contra ele, soube que corria perigo. Por isso, fui a correr buscar o livro, estava em cima da mesa, sabia que o seu assassino iria procurá-lo.

— Roubaste-o! — acusou Javierre, furibundo.

— Salvei-o das tuas garras sujas. Sei que foste tu que o mataste.

Javierre ergueu a mão contra a jovem indefesa, mas alguém atrás dele agarrou-lhe o braço e torceu-o.

— Maldito traidor! — Era o sacerdote. — Nunca imaginei que fosses tu, assassino!

Javierre abriu o manto e, para surpresa de todos, mostrou que, presa ao cinturão, trazia pendurada uma bainha de madeira, coberta de couro bem lavrado.

Desembainhou uma espada de copo reto e punho em forma de noz. O sacerdote pôs-se em guarda e levantou a clava que sempre o acompanhava.

O religioso desferiu dois golpes contra ele, travados com a espada. Para depois contra-atacar com dois movimentos, anulados igualmente pelo padre. Este voltou a desferir um feroz golpe que encontrou apenas o ar sobre a cabeça de Javierre. O filho do pastor tentou de novo a sorte com a lâmina e, desta vez, apanhou a coxa do sacerdote, na qual abriu um tremendo rasgo que cedo começou a jorrar sangue.

Com a espada, traçou um semicírculo no ar e dispunha-se a acabar com o padre quando a rapariga se lançou sobre ele, agarrando-o pelo pescoço e cravando-lhe as unhas no rosto e nos olhos.

Javierre atirou-a contra a parede com todas as forças. Dorido devido à pele rasgada, ainda teve tempo de atacar o padre antes que este pudesse fazer

alguma coisa. Mas desta vez foi Fortún quem o deteve, agarrando-o pelas costas e encostando-lhe a ponta de uma faca ao pescoço.

— Que fazes? Estás louco! — Todos os pelos do corpo de Javierre se eriçaram.

— Não, estive foi cego. Não irei para Marcuello, não trairei dessa forma a memória do meu pai e do lombardo.

— Eles estão mortos.

— Precisamente por isso.

— Fortún, ele não era teu pai. Ouvi-o dizer-te isso antes de morrer. Nada te prende a ele, és livre de escolher o teu destino.

Aquela última frase ecoou-lhe na cabeça, foi como o golpe de um martelo sobre uma corrente, quebrando um dos elos e libertando o que o aprisionava. Assim se sentiu ele, livre, tal como o amigo dissera.

— Larga a espada, Javierre.

— O quê?!

— Larga-a — insistiu, pressionando mais a faca contra a sua pele.

— Está bem. — Javierre obedeceu e deixou cair a arma.

Fortún empurrou-o contra a porta e foi a correr apanhá-la.

— Sai daqui.

— Vais arrepender-te, Fortún, juro que vais.

— Vai e não voltes, Javierre, pois todos saberão que mataste o meu pai e o lombardo, e enforcar-te-ão se te apanharem.

— Estás louco, Fortún. Este castelo nunca será terminado, jamais o permitirei.

Esta aldeia perder-se-á no esquecimento.

Saiu a correr, tão atordoado que quase tropeçou em Poente, que deambulava por ali.

— Porque não o mataste? — inquiriu o sacerdote.

— Já morreu gente demais.

— Estás bem? — perguntou a rapariga.

— Sim, obrigado pela tua ajuda.

— Tens de esconder o livro, o senhor de Marcuello enviará mais sequazes à sua procura.

— Não vai ser preciso, o Javierre tinha razão. Sou livre, devo procurar o meu destino e sei que grande parte dele está neste livro. — Tomou-o nas mãos. —

Devo aprender a lê-lo para assim poder terminar um dia o castelo que o lombardo e o meu pai começaram.

— Então parte para o outro lado dos Pirenéus. Procura os lombardos, se fores com o livro, aceitar-te-ão — disse-lhe o sacerdote.

— Isso é possível?

— Sim, explica-lhes o que aconteceu.

Saíram de casa, o sol ardia com força às primeiras horas da manhã. Abandonar a penumbra do interior da casa e voltar a receber aquela luz foi uma espécie de ressurreição. Lá no alto, a silhueta da fortaleza, apesar de longe de estar acabada, era imponente.

— O meu pai morreu a construir os muros deste castelo.

— Agora não é tempo de pensar nisso, filho, vai-te daqui. Creio que o senhor de Marcuello não permitirá que continues vivo, e muito menos com

esse livro.

— E ela? Porque é uma mulher, não é verdade? — perguntou, indicando o noviço.

— É mais esperta e mais forte do que tu, não te preocupes.

— Lamento ter-te batido.

— Eu sei. — A rapariga deu um passo em frente.

— Voltaremos a ver-nos? — inquiriu Fortún, de olhos fixos nos negros olhos dela.

— Sim. — A resposta firme e rápida da jovem apanhou-o de surpresa, e não soube como interpretá-la.

— Tens assim tanta certeza?

— Vi-o no teu olhar — respondeu ela.

— Como te chamas realmente?

— Eneca, é esse o meu nome.

— Juro que não te esquecerei, tal como não esquecerei os teus olhos.

A jovem corou de forma subtil.

— Vamos, Fortún, vai-te embora antes que seja demasiado tarde. Duvido que o Javierre fosse o único esbirro de Marcuello infiltrado em Loarre.

Entrou de novo em casa e envolveu o livro nos mesmos tecidos que o haviam trazido. Pegou numa bolsa com alguns pertences, a pouca comida que ali tinha e a espada. Dirigiu-se ao umbral da porta e lançou o último olhar ao sacerdote e à rapariga.

Como não percebi antes?, disse para consigo antes de partir em direção ao norte.

— E nós? O que vamos fazer?

— Eneca, acho que é impossível continuar a esconder-te. E não o digo apenas por causa desta noite. Já tens corpo de mulher, em breve... em breve, será impossível escondê-lo, por isso a partir de hoje deixarás de te vestir como noviço.

— Não será perigoso? As pessoas farão perguntas e...

— A aldeia ficará vazia, haverá poucas perguntas.

— Mas serão difíceis de responder.

— Sim, mas antes isso que fugir.

— Não entendo. Porque não partimos também?

— Porque não podemos, temos uma missão para cumprir, não te esqueças.

—

Pegou no pendente e depositou-o nas mãos dela. Apertou-as com força e deu-lhe um beijo na testa.

Fortún abandonou Loarre pelo caminho que atravessava a serra em direção ao vale do rio Garona. A decisão estava tomada, como o pai costumava dizer: havia que mantê-la. Precisava de sair daquele lugar.

Antes que se afastasse demasiado, alguém saiu ao seu encontro.

— Ias-te embora sem te despedires — disse Ava, aparecendo envolta na sua capa escura. — Lamento o que aconteceu ao teu pai.

— Obrigado, senti a tua falta no funeral.

— Não me agradam esses ritos, tal como as despedidas. Sepultar um corpo para que apodreça não me entusiasma, acho que terias feito melhor em queimá-lo numa pira.

— O meu pai não teria gostado disso.

— Aonde pensas que vais? Abandonas Loarre?

— Tenho de ir, prometi ao meu pai que ajudava a terminar este castelo.

— E partes? Não faz muito sentido.

— Não sabes tudo, Ava. Por agora, creio que a melhor maneira de cumprir essa promessa é afastando-me de Loarre.

— E eu? E nós?

— Agora já existe um nós?

— Não me dificultes as coisas. — Pela primeira vez, Ava mostrou uma certa debilidade no olhar. — Cometi um erro. Não é fácil para mim... depender de um...

— Homem?

— Tu o disseste.

— Pensava que era apenas uma criança.

A arqueira avançou de surpresa para Fortún, que não o esperava nem sabia o que podia fazer ante aquela situação. Ava aproximou os lábios e Fortún agarrou-a pela cintura, puxando-a para si, num ato reflexo.

A arqueira sorriu.

Finalmente, pensou.

O que sentiu a seguir foi a vontade de Fortún de a possuir. Abriu os lábios e deu um passo atrás, deixando o jovem com uma evidente excitação.

— Não é o momento, nem o lugar.

— Mas tu...

— Continuas a pensar em ir-te embora?

— Sim. — Fortún não hesitou, e isso enervou Ava.

— Não vou esperar-te para sempre.

— Eu sei, mas tenho de ir.

— Porquê? — A voz de Ava soou derrotada, como se lhe custasse pronunciar as palavras. — O que é assim tão importante?

— Este castelo — respondeu, apontando para a fortaleza alcantilada sobre o horizonte.

— É só um punhado de muros.

— Enganas-te, Ava. Este castelo está vivo.

— Vivo? — Ava ficou confusa. — O que dizes? Se nem sequer está terminado.

— É verdade. Terminá-lo-ei.

— Tu? Fortún, não podes fazer algo assim. Olha para ele — apontou —, é uma fortaleza enorme. Fazes ideia de quão complexo é erigir aquelas torres?

— Claro que sim, o meu pai morreu numa delas — afirmou Fortún com uma firmeza invulgar, para depois levantar bem a cabeça, com as costas bem direitas.

— Até breve, Ava.

— Não, Fortún. Adeus.

Fortún assentiu e continuou a caminho do vale. Não foi uma escolha fácil.

Nenhuma o seria na sua vida a partir dali. Sabia que o pai e o lombardo o observavam lá de cima, não podia falhar-lhes.

Ava ficou compungida e magoada.

— Sim — murmurou —, sim, vou esperar por ti.

Capítulo Vinte e Sete

LOARRE. JULHO DO ANO 1036

— Partiu.

— Já imaginava — afirmou o sacerdote, enquanto depositava os objetos para a eucaristia sobre o altar da igreja castrense —, quando alguém está cheio de dúvidas é melhor deixá-lo partir. Caso contrário, essas dúvidas persegui-lo-ão para o resto da vida.

— Mas pensei que se ia embora por receio do senhor de Marcuello — afirmou Eneca.

— No fundo, também ele o pensa. Às vezes, precisamos de uma razão evidente para fazer algo que tem um motivo mais profundo, mas para o qual não encontramos coragem.

— Vai sozinho.

— Às vezes, a solidão é a melhor companhia, falar connosco mesmos é a melhor forma de nos conhecermos. Quando era novo, fui um eremita, esses anos ajudaram-me a estar em paz comigo. Tinha cometido várias atrocidades, tinha as mãos manchadas de sangue e Nosso Senhor ajudou-me a limpá-las.

— Também estive sozinha, e não quero voltar a passar por isso.

— Eras demasiado pequena, é diferente.

— Não, estava muito sozinha, a solidão é sempre igual. E não é preciso estar só para a conhecer — advertiu, com força nas palavras. — Aqui, rodeada de gente, também se pode senti-la.

Eneca saiu do templo, tinha-se finalmente desfeito das roupas de noviço e vestia-se como o que era, uma mulher jovem. Mesmo na confusão que se vivia em Loarre por aqueles dias, com a maioria dos trabalhadores a partir,

as pessoas repararam nela. Fitavam-na como se fosse um ser estranho, uma criatura das montanhas. Não encontrou nem um laivo de compaixão no rosto dos que partiam. Sabia que lhe chamavam todo o tipo de coisas, mas podia resistir a isso,

pois no fundo estava feliz, tinha abandonado o disfarce.

Embora fosse verdade que não era o melhor momento. Não só Juan e o lombardo tinham morrido, como também à própria Loarre se acabava a vida.

Talvez aqueles muros se transformassem num cemitério em vez de numa fortaleza.

Eneca dirigiu-se a um promontório que dominava a Terra Chã. Artal ficara na aldeia, pois preferira que não a vissem a passear com ele durante algum tempo.

O Sol erguia-se no firmamento em busca do ponto mais alto do dia, os raios caíam de forma zenital, aquecendo-lhe a pele pálida. Se permanecesse ali muito tempo, não tardaria a ficar vermelha. Deixou o olhar perdido na distância, com a Fortaleza de Bolea à frente, mas Eneca olhava para mais longe, em direção a sul.

Ao fim da interminável planície, devia estar aquele lugar de que todos falavam, Saraqusta, a Cidade Branca.

— Num lugar como este, em que pode pensar uma mulher como tu?

Eneca julgou reconhecer aquela voz e virou-se com cautela.

— Que fazes aqui, Javierre?

— Vim despedir-me. E dizer-te que curiosa é a tua transformação. Dizem por aí que és muito pecado para um sacerdote.

— Não tenho nada para falar contigo.

— Sabes? Mas eu tenho coisas para falar contigo, porque há poucas mulheres em Loarre. E sobretudo jovens e bonitas como tu. Não sei o que contaste a Fortún, nem como o confundiste. Mas não penso partir assim, sem mais nem menos.

— Se ficas, matam-te.

— É provável. E se for? Que será de mim? Para onde irei?

— Garanto-te que os teus problemas não me preocupam nada — respondeu Eneca, ao mesmo tempo que tentava contorná-lo, mas Javierre deu um passo ao lado, bloqueando-lhe a passagem.

— Aonde pensas que vais?

— Deixa-me.

— Não, pequena, estás sozinha. Nem o Fortún, nem o sacerdote, nem esse teu maldito cão podem ajudar-te. Sabes que o Fortún já provou a arqueira? Sim, estive no meio das pernas dela. Desta vez, não vou ficar para trás, serei o primeiro.

— Não me toques!

Javierre precipitou-se sobre ela, agarrou-a pelos pulsos e derrubou-a, caindo-lhe em cima. Eneca começou a gritar com todas as forças, mas Javierre desferiu-lhe duas sonoras bofetadas, que a aturdiram. Longe de desfalecer, tentou arranhar-lhe a cara. Não conseguiu e ele desferiu-lhe um tremendo soco que a deixou desfalecida.

Passaram dois dias. Quando se sentiu com forças, Eneca levantou-se da enxerga.

O sacerdote cuidara dela, julgando que tinha náuseas e febre devido a algo que comera no bosque. Não lhe contou a verdade, esperou até ficar sozinha e saiu de Loarre sem avisar. Avançou por um caminho que contornava a serra em direção ao vale atrás de Loarre. Uma rota que ligava Pamplona ao resto dos territórios cristãos. Artal seguia-a bem de perto, como se se

alegrasse por ver que a sua ama abandonara o hábito de noviço. A capa negra que usava sobre a saia não a diferenciava assim tanto do aspeto anterior, fora o seu rosto que mudara, já não o mantinha escondido debaixo de um capuz; também a forma de andar, com as costas bem direitas; a franja puxada para trás, e os seus olhos, eram eles que faziam com que tudo fosse distinto. Aquele olhar há tanto tempo escondido revelara-se por fim. A sua profundidade dotava o resto do corpo de uma singular harmonia. Parecia mais alta, mais esperta, mais mulher. E era-o, ninguém que se cruzasse com ela poderia negar que tinha uma beleza intemporal, pausada, tranquila, mas não por isso menos atrativa.

Passou a noite num abrigo na antecâmara do vale. Aí, sentada junto à fogueira, com Artal deitado ao seu lado a reclamar uma carícia, não pôde deixar de recordar Nunila. A feiticeira, a bruxa, a fada, ainda que para ela fosse a mulher que a salvara quando se encontrava só. A pessoa que lhe começou a ensinar as propriedades das plantas, ainda que o sacerdote tivesse também colaborado

depois nesse aspeto.

Nunila era a amiga que morreu aos seus pés, que só pensou em salvá-la quando se esvaía em sangue nas águas daquele rio, ao qual se dirigia agora. Porque pedira ao sacerdote e este acedera a contragosto. Eneca precisava de fazer aquela visita antes de regressar a Loarre.

Dormiu sob as estrelas, como outrora, sobretudo nos solstícios, no dia do sol quieto, aquele em que, durante vários dias, a altura máxima do astro não varia ao meio-dia. O dia com menos horas de luz do ano. No inverno, Vénus e Marte são facilmente visíveis olhando para ocidente, após o pôr do Sol, e Saturno vê-se entre oriente e sul, antes do amanhecer. Júpiter contempla-se já noite avançada.

Mas faltava muito para o inverno, embora estivesse convencida de que desta vez seria longo, não duraria poucos meses, não. Prolongar-se-ia até data indeterminada, pois a luz abandonara aquelas terras montanhosas. Por isso, precisava de fazer aquela visita. Eneca levantou-se ao amanhecer. O céu era um manto de fortes tonalidades douradas e o Sol nascia entre os picos mais altos, tímida e preguiçosamente. Ela, pelo contrário, caminhava

de forma firme e decidida, atravessando o rio por um vau e mergulhando na penumbra de um bosque de azinheiras. Como se de um labirinto se tratasse, deambulou por entre a sua espessura, mudando várias vezes de direção, sem seguir nenhum caminho ou vereda, pois ali não os havia. Contra o que pareceria lógico, saiu naturalmente da sua frondosidade e diante dela abriu-se uma clareira. Era uma paragem conhecida e, numa das pontas, erguia-se um afloramento rochoso, dissonante da paisagem. Sobre ele, uma pedra lavrada em forma de fuste de coluna: era um bétilo.

Eneca trepou pela superfície rochosa, enquanto Artal ladrava, incomodado. Só ao vê-la chegar à zona mais alta é que se tranquilizou. Uma vez aí, Eneca dirigiu-se ao bétilo, abriu os alforges e tirou uma bolsa de couro. Ergueu-a e derramou o líquido na cavidade que coroava a pedra cerimonial. Era vermelho, espesso e brilhante. Então, o Sol terminou de despertar e os últimos raios do amanhecer desenharam um céu de sangue.

A jovem ajoelhou-se, fechou os olhos e tirou ervas do alforge. Tinham caules fortes e retos, com flores de cor amarela, de tamanho pequeno, com quatro pétalas onduladas e cachos nas pontas.

Verteu-as num pequeno cântaro que trazia também consigo e bebeu com tristeza.

Esperava estar a agir corretamente.

Nessa noite, o abrigo onde dormiu também se tingiu de sangue.

Capítulo Vinte e Oito

CONDADO DE SOBRARBE. FINS DO OUTONO DO ANO 1036

Fortún fizera uma longa viagem para chegar ao vale de Aran, seguindo o curso do rio até confluir com outro leito maior, o do Cinca, mesmo por baixo de uma praça fortificada: L'Aínsa. A aldeia mais importante do condado de Sobrarbe. No topo, avistava-se a esbelta torre de um castelo que lhe pareceu familiar, como um eco do passado. Junto ao rio, os camponeses semeavam os alhos, em quarto mingunte, para os colherem no São João.

Também a madeira era cortada no quarto minguante, quase tudo se plantava e semeava nessa fase da Lua.

Quando estava cheia, em contrapartida, não se realizava nenhum desses trabalhos. Eram dias perigosos, que alimentavam todo o tipo de lendas e histórias. A lua cheia alterava homens e mulheres por igual, como se fosse capaz de os enfeitiçar.

Segundo averiguara em Boltaña, havia ainda uma quadrilha de lombardos a trabalhar na Catedral de Roda, no vale do rio Isábena. Para aí se dirigia, talvez pudesse trabalhar com eles, era a sua intenção naquele momento. Quatro dias depois, avistou outro vale. Prosseguiu, deixando esse leito a oeste, e, sem descansar, chegou a uma aldeia em posição elevada. Dos contrafortes, adivinhou a bacia do Isábena a leste.

Uma inoportuna tempestade de chuvas torrenciais atrasou-o quase uma semana.

Os caminhos ficaram lamacentos e não valia a pena enterrar-se até aos tornozelos a cada passo que dava. Pernoitou por isso ali, procurou refúgio junto a uma bonita rocha alongada, da altura de quatro homens e retangular. Cedo se apercebeu de que fora esculpida de forma rudimentar, mas com uma clara intenção, embora não conseguisse entender o objetivo. Já que à sua volta não havia resquícios de qualquer construção. O tamanho, para não falar no peso, era desproporcionado e, ainda assim, tornava-se evidente que alguém a levava para ali, dado que não encontrou na envolvente qualquer material rochoso de características similares.

Ouvira, por vezes, histórias antigas sobre homens que adoravam as pedras, e pensou que talvez aquela fosse uma dessas divindades ancestrais. Sentou-se diante dela e procurou recolhimento. Abriu os alforges e tirou um objeto

embrulhado num duro tecido de cânhamo: era o tratado de arquitetura do lombardo. Começou a folhear as primeiras páginas, tentando ler as anotações.

Teve de se render às evidências, o seu conhecimento de latim só dava para compreender umas quantas palavras. Dissecou, por isso, as gravuras,

absorto em cada uma delas, e com a ajuda dos desenhos, da sua paciência, determinação e pouco latim, foi decifrando os segredos do livro.

Dois dias depois, Fortún entrava na pequena praça de Roda, no coração do condado de Ribagorça. Apesar das suas escassas dimensões, albergava um poderoso castelo, uma cintura muralhada de considerável robustez e, o mais surpreendente, uma catedral. Fortún esperava uma cidade de alguma envergadura, mas pouco maior era do que Loarre. Tinha de ser a povoação mais pequena da cristandade a ter catedral, um privilégio nada frequente.

Dirigiu-se ao templo, onde encontrou uns andaimes junto à abside. Em cima deles, meia dúzia de peões a trabalhar, e na base, o mestre de obras dirigia os trabalhos aos gritos.

— Bons-dias. Perdoai-me. Sois lombardo?

— Como dizes? — perguntou o outro, sem sotaque estrangeiro. — Lombardo!

Estás mal da cabeça?

— Perdão, mas ao ver-vos trabalhar na catedral...

— Nem me fales nesses rufias, e muito menos me confundas com um deles. Se os apanhasse... Se tivesse um agora aqui à minha frente, juro que o pendurava na torre do castelo.

— Porquê? Qual foi a sua ofensa?

— Pode-se saber de onde saíste tu? Parecer-te-á pouco que nos tenham deixado aqui com a catedral por terminar? Tivemos de vir de Pamplona por ordem do rei Sancho, que descansa em paz, e agora que morreu continuamos a tentar emendar o que esses miseráveis deixaram a meio.

— Eu trabalhei sob as ordens de um deles.

— Pela Virgem Maria! Então, saberás do que te falo...

— Era um miserável — respondeu Fortún, com o rosto enrubescido —, também nos abandonou. Agora tenho de arranjar maneira de acabar o que ele deixou incompleto, malditos lombardos!

— Bem dito! Chamo-me Pedro — apresentou-se o homem, dando-lhe um aperto de mão.

— Eu sou o Fortún.

— E de onde vens, Fortún?

— De Loarre, estamos a construir o castelo mais fronteiro do reino. Uma fortaleza enorme, mas as obras estão paradas. Precisamos de um novo mestre.

— Na fronteira? Arriscado, poucos quererão ir para aí, e muito menos os lombardos. Esses não se aproximam dos infiéis. Têm-lhes um medo desmedido.

— São cobardes! Preciso de os encontrar para que paguem por nos terem abandonado.

— Pois vai ser difícil, esses partiram, para nunca mais voltarem.

— Maldita sorte, como permitimos tal fraude? Em Loarre, deixaram-nos sem nada, vamos perder tudo... — Fortún forçou os olhos e torceu o rosto, numa sublime interpretação.

— Não sei, dizem que no condado de Urgel ainda trabalham alguns, se não for aí, não os encontrarás em nenhum outro lugar, garanto-te. O conde paga bem e tem pressa em concluir o novo cenóbio.

— E a que se deve que em Roda tenhais cátedra de bispo? Esta praça é muito pequena e está longe de Pamplona.

— E perto dos infiéis, a catedral mantém-se contra ventos e marés. Já os condes de Ribagorça o faziam, o rei Sancho continuou com ela, e o seu filho Gonçalo também o fará. Este bispado é essencial para manter a autonomia destas terras frente aos apetites nunca satisfeitos — sussurrou

com desconfiança — da diocese de La Seo de Urgell. Perigosamente próxima da casa condal de

Barcelona e do metropolitano de Narbona. Sem esta catedral, seremos presa fácil para uns e outros.

— Insinuais que não obedece a assuntos de fé?

— Se insinuo! Não sejas ingénuo, estou a afirmar. Sem catedral, estas terras seriam anexadas pelos urgelinos. Vê, pois, como é importante Roda, por mais pequena que seja. — Um ruído proveniente do andaime chamou a sua atenção.

— Eh! Cuidado! Sereis estúpidos...

Pedro soltou todo o tipo de pragas contra os trabalhadores, recriminou-os pela falta de jeito e esteve quase a agarrar um deles pelo pescoço. Fortún não tardou a entender que aqueles homens estavam bem longe de ser hábeis construtores.

Mas, tendo em conta que o templo fora obra dos lombardos, não hesitou em esquadrihar o interior. Estava organizado em três naves de quatro troços, articuladas através de dois pares de duras pilastras livres sobre as quais rodavam amplos arcos.

— Esses lombardos queriam construir uma cripta, por isso há vãos na abside, e eu não entendia a razão. Em Pamplona, sempre fizemos as igrejas com amplos espaços interiores, sem divisões em altura. É uma completa perda de tempo e de esforço.

Fortún saudou dois religiosos que oravam junto ao presbitério e avançou pelo templo até parar num acesso subterrâneo.

— E isto? Dizíeis que não havia cripta?

— Não te escapa uma, rapaz. — E agarrou-o pelos ombros. — Que não te vejam os padres, isso é a sala do tesouro. — Apontou com a mão. — Têm lá preparada a arqueta para o santo.

— Qual santo? — perguntou Fortún.

— São Valério. Os seus restos ainda não repousam aqui, mas garantem que se encontram perto de Roda. Não param de os procurar, digo eu que hão de encontrá-los mais cedo ou mais tarde. Por via das dúvidas, está tudo preparado.

Saberás que São Valério e São Vicente andam sempre juntos. São Valério foi bispo de Saraqusta quando esta era cristã.

— Da Cidade Branca?

— Essa mesma — respondeu Pedro com orgulho. — Pois verás, era gago e recorria à palavra do diácono Vicente para exprimir as suas ideias, por isso andam sempre juntos. Os santos! Nunca deixam de nos surpreender, não é verdade?

— Bem vejo. Uma pergunta: sabeis latim?

— Parece-te que tenho cara de padre? Porque havia eu de saber essa língua?

— Perdão, era um disparate — afirmou Fortún, pesaroso. — Podeis indicar-me o caminho para La Seu d’Urgell?

Esperou um par de dias em Roda de Isábena e depois seguiu em direção a leste.

Demorou várias semanas a chegar ao condado de Urgel, subindo depois pelo vale do rio Noguera. O verão esfumou-se como uma vaga memória e o outono chegou frio e ventoso. O esforço da viagem, somado à escassez de alimentos, fê-lo adoecer. Desde que partira de Loarre com um pouco de pão e fruta, suportara todo o tipo de calamidades e fomes. Felizmente, lembrava-se de como caçar, tal como fazia com o pai durante as viagens em busca de fortuna. Mas agora estava sozinho e não era tão hábil como o progenitor na hora de descobrir presas. Ainda assim, sobreviveu a uma grande febre, encontrou frutos no bosque e alguma caça miúda.

Chegou a La Seu d’Urgell antes do fim do ano.

A capital do condado era uma cidade próspera, a maior que os seus olhos haviam visto. Protegida por uma cerca de silharejos, tinha casas de pedra, várias igrejas e um concorrido mercado. Mas tinha, acima de tudo, uma catedral que estava, a julgar pelo aspeto das obras, perto da sua conclusão.

E agora o que faço?, perguntou-se.

Esquadrinhou as possibilidades. Se queria aprender as técnicas para construir edifícios colossais como aquela catedral, havia que falar com o mestre de obras.

Tinha de ser prudente. Primeiro, averiguaria se era lombardo.

La Seu d’Urgell não era como Roda de Isábena, um pequeno povoado quase sem gente. A capital do condado urgelino era um ferredouro de gente e havia que andar com precaução, pois homens de toda a índole e condição rondavam por ali. Fortún perambulou pela vizinhança das obras da catedral, sem se decidir a conversar com ninguém. Não se parecia com o pai, não tinha a sua convicção nem o seu dom da palavra. Era de natureza mais reservada, pelo que o inevitável aconteceu, não foi ele a iniciar nenhum diálogo.

— O que procuras, rapaz?

Fortún virou-se cautelosamente e deparou com um rosto sulcado pelo tempo, com laivos de fortaleza, mas emperrado e tolhido pelos anos.

— Sou viajante, estou de passagem.

— Nesta vida, todos somos viajantes, caminhamos por ela em busca de diferentes coisas, mas o destino é sempre o mesmo, por mais meandros e atalhos que tomemos.

— Garanto-vos que não procuro nada.

— Bem, tentar não encontrar nada é, por vezes, o mais difícil da viagem.

— Sois de Urgel?

— Não, e se tu fosses, terias sabido, pelo meu sotaque, que também sou um viajante. Deduzo, por isso, que é a primeira vez que visitas esta cidade.

Fortún perscrutou a personagem, mas era difícil descortinar as suas intenções, pois tinha o rosto demasiado gasto e intuiu que ocultava uma idade menos avançada do que à primeira vista poderia parecer. Bastava ver a compleição física: era um homem alto e forte, de mãos grandes e ombros bem largos.

Facilmente podia derrubá-lo de um golpe só, mas tanto o olhar como a voz eram mais próprios de um idoso.

— Para de olhar assim para mim, rapaz. Não sou uma rapariga — advertiu-o o homem, sorrindo. — Não confias em mim, não é verdade? Não te culpo, há anos que não confio em ninguém, nem na própria sombra. Às vezes está à direita, outras à esquerda, já cheguei a vê-la em duas direções. Como se pode confiar na sombra?

— Não quero meter-me em assuntos dos quais possa sair mal.

— Nem eu. Na mais absoluta desconfiança, posso perguntar-te o que fazes aqui?

Escondes porventura algum segredo?

— Oxalá, já vos referi que estou só de passagem. Todavia, se fosse esse o caso, não seria muito inteligente dizer-vos.

— Inteligente seria não ter vindo, pois garanto-te que um jovem que viaja sozinho como tu pouco durará num lugar como este.

— Isso é uma ameaça?

— Valha-me Deus! Julgas que te ameaçaria? De todo. Se quisesse roubar-te, não duvides que o faria, mas nunca te ameaçaria. Isso é de cobardes! Na verdade, tenho algo para te propor.

— De que se trata? — perguntou Fortún, receoso.

— Preciso de um ajudante para um pequeno trabalho e preferia que não fosse alguém daqui.

— De que falamos? Não quero problemas.

— Não os terás, dou-te a minha palavra. — Exibiu a sua expressão mais sorridente.

— E o que ganho em troca?

— Saberei ser generoso, confia em mim. Ter-me como amigo pode ser-te útil.

Conheço todos os caminhos daqui até Barcelona ou, se preferires, até Leão ou Astorga. Fiz há anos o Caminho de Santiago e também viajei para o outro lado dos Pirenéus, estive em Toulouse, Lyon e Paris.

— E o que me dizeis dos lombardos?

— Não me fizeram mal, ainda que a reputação que os precede não seja a melhor.

Mas... quem se importa com isso? — Sorriu, mostrando uma nada habitual dentadura esplêndida. — Não confio em falatórios, têm sempre segundas intenções. Os olhos, os olhos de um homem nunca mentem. Já as palavras são

traíçoeiras, não há que confiar nelas. Conheci cortes que se gabavam de ser governadas por reis e condes da melhor índole, e no fundo eram as piores: corruptas e estagnadas.

— Saberíeis dizer-me onde encontrar um mestre de obras lombardo?

— Um mestre de obras, é então isso que procuras... — afirmou, enquanto coçava a barbicha. — Foi mais fácil do que pensava.

— Fácil! O quê?

— Descobrir o teu propósito. Lamento, não tenho nenhum trabalho para ti, era só uma artimanha para averiguar as tuas intenções secretas... — disse o homem, soltando uma gargalhada trocista.

— Maldito bastardo!

Fortún atirou-se a ele, mas o homem já o esperava e antecipou-se. Deu um passo para o lado a fim de evitar o impulso do jovem, que, ao não encontrar sítio onde bater, quase caiu de bruços no chão. Como se de um animal enfurecido se tratasse, Fortún rodou sobre si mesmo e voltou a investir contra a personagem.

Antes que chegasse sequer a tocar-lhe, sentiu um fio cortante a delinear-lhe o a garganta.

— Shhh. Calma, rapaz, não queiras encontrar-te com Nosso Senhor tão cedo, que para isso há sempre tempo — sussurrou-lhe o homem com parcimónia. —

Não quero fazer-te mal, só saber de que pé coxeias. Porque procuras os lombardos?

— Quero aprender com eles — respondeu Fortún, tentando esquivar-se à lâmina.

— Quietos aí! — ameaçou-o o outro. — Esses não ensinam o seu ofício a qualquer um, e muito menos a um montanhês como tu.

— Isso é problema meu.

— Garanto-te que não é o mais urgente que tens neste momento. O que te faz pensar que uns estrangeiros tão ciosos dos seus conhecimentos como os lombardos te aceitarão? Ninguém é assim tão néscio, a não ser que tenha uma poderosa razão. Qual é a tua? Fala!

— Quero construir um castelo.

— Não me tomes por imbecil — protestou o homem, aproximando mais a lâmina da faca da pele de Fortún. — A única coisa que vais construir é o teu próprio túmulo.

— Juro-vos que...

— O último que me jurou em vão está no inferno, não sejas estúpido e diz-me a verdade, vê-se a léguas que escondes qualquer coisa. É um milagre que ninguém te tenha assaltado antes de mim. Fala, caramba! — exclamou, agarrando-o pela nuca com a outra mão para tornar mais ameaçadora a presença da lâmina encostada ao pescoço.

— Está bem! Venho de Loarre.

— Já me parece melhor, continua, cachorrinho! — ordenou, apertando-o mais.

— Estão a construir lá um castelo.

— Há muitos castelos no antigo reino do rei Sancho — murmurou o homem, com desprezo.

— Não como este.

— Porquê? O que tem de especial?

— Quando estiver terminado, o Castelo de Loarre será inconquistável — respondeu Fortún, com inesperada firmeza.

— Interessante, além de néscio, és presunçoso. Quem está a construir essa maravilha de que falas?

— Agora ninguém, houve um acidente e o mestre de obras morreu.

— Um lombardo, não é verdade? — inquiriu o outro, sorridente.

— Assim é.

— Pensava que já tinham abandonado estas terras, que haviam partido.

— Era o último — respondeu Fortún —, é esse o problema.

— Por isso vieste. — Afrouxou a pressão da faca no pescoço do rapaz. — Dizes a verdade, mas não entendo um pormenor. Porque pensas que te vão

permitir, precisamente a ti, concluir o castelo? Sobretudo se é tão importante como asseguras.

— Porque o meu pai era o aprendiz do lombardo, e também ele morreu.

— Ambos de causas naturais?

— Não, assassinados.

— Isto está a tornar-se interessante — comentou o homem, sorridente. — Sabes quem o fez? — perguntou, num tom mais amigável.

— Um maldito.

— Alguém próximo, não é verdade? Há que ter os amigos perto e os inimigos ainda mais perto. Mas é preciso ter cautela, as costas sempre bem cobertas e os olhos bem abertos. — E, surpreendentemente, afastou a arma. — Se te ajudar, o que ganho em troca?

— Se achais que vou pedir-vos ajuda, estais louco.

— Só te acariciei um pouco, não é caso para exagerar — afirmou o homem, sorridente. — Estás confuso, que queiras ou não a minha ajuda, importa-me o mesmo. Sou eu que decido, e posso levar-te aos lombardos; mas, claro, algo terei de obter em troca.

Fortún ficou em silêncio, com a mão ainda na garganta magoada, a pensar no que fazer.

— E então, diz-me, o que propões para me convencer? Porque garanto-te que precisas da minha ajuda, não só para chegar até aos lombardos, mas também para sair da La Seu d’Urgell com vida. — Fez-lhe sinal para olhar para a catedral, onde uma dupla pouco amistosa o observava com ar desafiador.

— Quem são?

— Assassinos, ladrões, bandidos, vendedores de escravos... quem sabe? O que te posso assegurar é que irão atrás de ti.

— Como sei que não estais combinado com eles?

— Não me faças rir. Crês que me juntaria a gente daquela índole? — Mostrou os dentes brancos e, de forma bem visível, mordeu o lábio inferior, para depois fazer uma estranha careta e mostrar toda a dentadura, como se de um cavalo se tratasse. — Vou ajudar-te, gosto de ti, rapaz. De momento, não te pedirei nada em troca dos meus serviços.

— Eu ainda não disse que queria a vossa ajuda.

— Ousas porventura recusar a minha generosidade? Pretendes insultar de forma assim tão grosseira a minha honra? Olha, rapaz, em tempos como os que correm, onde não há fortuna nem futuro, a honra é das poucas coisas que vale a pena preservar.

— Com isso não se come — respondeu Fortún, desanimado.

— Infeliz, com a honra podes construir qualquer sonho, até um castelo.

Capítulo Vinte e Nove

L'ÁINSA. INVERNO DO ANO 1036

Fortún acompanhou aquele homem a uma pousada situada perto da muralha oeste. Tratava-se de um tugúrio frequentado por bêbedos e rameiras, onde também paravam comerciantes e viajantes em busca de companhia feminina. Os dormitórios ficavam no segundo andar. Eram divisões para quatro ou cinco homens, mas o seu acompanhante conseguiu que os deixassem sozinhos, sem outra comitiva além de duas enxergas e uma tina, pois aqueles quartos eram tão parcós em mobiliário como generosos em pó e sujidade.

— Toma. — Estendeu-lhe uma côdea de pão e uma réstia de chouriço.

— Obrigado. — Há muito que Fortún não comia carne.

Sem dizer nada, o estranho indivíduo saiu, deixando-o confuso. Passado pouco tempo, regressou com um grande jarro.

— Por isto, sim, deves estar agradecido.

Fortún bebeu um gole, era vinho, mas do bom. Não a porcaria da beberagem aguada de Loarre.

— Ainda não sei o vosso nome.

— O meu nome! Chamo-me Carlos — respondeu este, trancando a porta.

— Nunca o tinha ouvido.

— Valha-me Deus! Não é frequente nestas terras, mas nunca ouviste falar em Carlos Magno?

— Não. Deveria?

— Que cruz me saiu! Carlos Magno, o maior rei que este mundo alguma vez conheceu, o imperador que venceu os teus amigos lombardos e recuperou estas terras das mãos dos infiéis: Barcelona, Tortosa, a antiga Tarraco... Formou uma nova Marca Hispânica que conseguiu conter os sarracenos desde essa altura.

— E Saraqusta?

— Maldito sejas! — E ameaçou atirar o jarro contra o rosto de Fortún.

— Parai! O que fazeis?

— Devia espetar-te com ele na cara por seres ignorante. — Recuou e pareceu acalmar-se. — Na campanha para tomar essa cidade, Carlos Magno foi traído e o seu melhor cavaleiro, o conde Rolando, foi assassinado. Os jograis ainda cantam a sua morte. Passarão mil anos e continuarão a lembrar a fatídica perda de Rolando.

— De onde venho, todos falam com admiração da Cidade Branca.

— Não te deixes enganar, Saraqusta é conquistável. Um dia, um grande rei, como Carlos Magno, unirá novamente os cristãos e encabeçará as suas hostes em direção a ela.

— Oxalá — disse Fortún, bebendo do jarro.

— És um jovem peculiar, crês que os lombardos aceitarão ensinar-te? Permite-me que duvide — increpou-o Carlos, tirando-lhe o vinho.

— Fá-lo-ão, sim.

— Não sei se é a ignorância, a juventude ou a prepotência o que te faz estar tão seguro. — Bebeu outro gole e devolveu-lhe o jarro.

— Nenhuma das três.

— Peculiar, muito peculiar. — Soltou uma risada trocista. — Anda! Bebe e sorri um pouco. Ou vais fazer com que me arrependa de não te ter cortado o pescoço.

— Deu-lhe uma palmada no ombro. — Não me leves a sério, bebe e passa-me o jarro que estou seco.

— Não me trateis como se fosse um néscio, sei que será difícil convencer os lombardos.

— Difícil, dizes! Isso é pouco, seu malandro. Olha, esses construtores são como uma religião, e os seus conhecimentos são a sua Bíblia. Tal como os padres leem

as passagens em latim para que o povo não as entenda, também eles fazem o mesmo. Ou és um deles, ou nunca compreenderás a maneira como constroem os edifícios.

— Talvez eu possa ler a sua Bíblia.

— Que diabos queres dizer?

— Não tem importância — respondeu Fortún, recuando —, coisas minhas.

— Toma, bebe, bebe! Que parece que tens medo ao vinho. Isto é o sangue de Cristo, uma bênção!

O canto do galo acordou-o na manhã seguinte, bebera tanto na noite anterior que lhe custou a levantar. Doía-lhe a cabeça como se uma quadrilha de canteiros a golpeassem sem cessar. Ao olhar para a outra enxerga, alarmou-se ao não encontrar Carlos. Num ato reflexo, procurou o seu alforge. Achou-o estendido no chão, aberto. Apressou-se a pegar nele. Ao não encontrar o livro do lombardo, sentiu uma pontada aguda no meio do peito. Começou a tremer e a respirar com dificuldade.

Ouviu passos no corredor.

Procurou de novo no alforge e agarrou numa faca oxidada, a sua única arma.

Voltou a encolher-se como se continuasse a dormir.

A porta abriu-se lentamente e percebeu que a trancavam de novo. Passos retumbaram sem brusquidão, acercando-se sigilosos da cama. Tentou que a sua respiração fosse pausada, mas os nervos denunciavam-no.

Sentiu que alguém se aproximava e não aguentou mais, virou-se e sacou da lâmina, procurando onde a cravar. Mas conseguiu apenas que lhe batessem com uma vara.

Acordou num habitáculo húmido e na penumbra, cheirava a esterco e urina. E

tinha frio, muito frio. A roupa estava em farrapos e não trazia calçado. A cabeça

parecia prestes a rebentar-lhe, à ressaca juntava-se uma feia ferida que ainda lhe ardia.

— A princesinha está a acordar — ouviu dizer.

— Ora, ora — comentou outra voz —, parece que nos vamos divertir.

Antes sequer de tentar falar, um pontapé atingiu-o no estômago e fê-lo estremecer de dor. Sem qualquer outra palavra, voltaram a pontapeá-lo nas costas, que o afligiu ainda mais. Perdeu os sentidos e só quando alguém o

agarrou pelo cabelo e o obrigou a levantar-se é que Fortún recuperou a consciência.

— Onde está? — perguntaram-lhe. — Não me ouviste? Onde está?

— Eu...

Voltaram a bater-lhe com uma vara nas costelas.

— Só repito isto uma vez, seu saco de esterco. — E cuspiram-lhe na cara.

—

Onde está, raios?

— Roubaram-mo, não o tenho.

— Que merda dizes? Onde está o franco?

— Quem?

— Este imbecil quer que o moamos de pancada, é isso? Queres deixar de andar?

— Procurais o Carlos? — Ao erguer o olhar, deu-se conta de que eram os mesmos homens que o vigiavam quando chegara a La Seu d’Urgell.

— Caramba! Se sabes o nome dele! Bem podes cantar, ou degolamos-te aqui mesmo.

— Eu não sei nada, ele disse que me ajudava.

— Ajudar-te? A quê? Tu não tens nada de valor.

— Porque me seguís?

— Estás a falar de quê? Onde está esse teu amigo franco?

— Então... eu pensava que o queríeis era...

— Rapaz, ou falas com clareza ou matamos-te, diz-nos onde ele está e deixamos-te em paz, é bem simples.

— Disse-me que queria ir à procura de uns lombardos.

— Os construtores... porquê? — inquiriu o raptor, intrigado.

— Não sei, mas disse que não seria fácil dar com eles.

— Por que motivo havia esse rufia de querer encontrar-se com os lombardos? —

Ao mesmo tempo que atirava a pergunta, o homem soltou Fortún e avançou para o centro.

— Talvez planeie roubá-los — sugeriu o outro sequaz.

Embora não visse bem naquela penumbra, Fortún vislumbrou que o homem que mandava era de estatura baixa, enquanto o outro parecia corpulento e tinha uma barba pronunciada.

— Os lombardos são difíceis de enganar, não criam relações com ninguém. Têm medo de todos e cobram adiantado. Não conheço ninguém que lhes tenha deitado a mão. Ainda que esse maldito seja capaz de tudo... Temos de encontrar os construtores e ver o que se passa. Julgo que estarão perto do vale, numa torre que o conde mandou ampliar. Essa que dizem ser tão alta como uma montanha.

— Vallferosa.

— Sim, vamos para lá. Temos de lhe dar caça.

— Que fazemos com ele? — perguntou o mais alto, apontando para o corpo estendido de Fortún.

— Não vale a pena perder tempo com um excremento como esse.

O rapaz ficou no chão, magoado. Mal os malfeitores partiram, levantou-se. Saiu

para o exterior e descobriu que estava numa cavaleriça meio arruinada atrás da pousada. Tentou regressar ao quarto, mas a dona proibiu-o. Esforçou-se por recuperar as suas coisas, conseguindo apenas as alpercatas. Ficou, por isso, sozinho e sem nada. Nem o livro nem nenhum outro bem. No meio das ruas de La Seu d'Urgell, podia apenas mendigar para sobreviver. Deambulou por elas e chegou ao mercado, onde remexeu o lixo até encontrar algo que levar à boca.

— Queres, rapaz? — Um velho mendigo estendeu-lhe uma maçã mordiscada. —

As pessoas deitam tudo fora, que mal-agraçadas.

— Tendes água?

— Sim, toma, mas não bebas tudo, que não me apetece ir outra vez à fonte —

avisou. — Tu não és daqui. Eu conheço toda a gente e nunca te tinha visto.

— Não, venho de longe. Roubaram-me, deixaram-me sem nada.

— E também te deram uma boa sova, pelo que vejo.

— Sim, mas hão de pagar-mas.

— Bem, a vingança é uma razão para viver tão boa como qualquer outra — comentou o velho —, mas, se não espevitares...

— Porque dizeis isso?

— Vê-se a léguas que estás pouco maduro, a gente nota logo. A má, quero dizer

— precisou. — Têm o dom de saber a quem enganar. Se descobrirem que és débil, estás perdido, pois irão atrás de ti como ratazanas. Esse tipo de pessoas é muito covarde, não gosta de problemas, vai pelo mais simples.

— Já não sei o que fazer...

— Rapaz, tudo se aprende, todos estivemos perdidos. O problema não é perderes-te, mas sim não saberes encontrar-te. Tens de ser como eles, ou pelo menos parecer.

— Sabeis onde fica a torre de Vallferosa?

— Sim, claro. Na fronteira com os mouros. Porque perguntas por esse lugar?

— Obrigado pela água — agradeceu, e afastou-se alguns passos.

— Aonde vais?

— Já não confio em ninguém, como bem dissestes, tenho de espezinhar.

O velho sorriu.

O inverno chegou com toda a intensidade, e Fortún não teve outro remédio a não ser manter-se abrigado entre as ruas da capital do condado. Vivendo entre resíduos, dormindo sempre com um olho aberto e um ferro enferrujado na mão.

Aprendeu a roubar no mercado e a abrigar-se de noite nos estábulos junto aos cavalos. Fortún sobreviveu a duras penas e, quando a primavera chegou, deixou La Seu d'Urgell. Partiu rumo ao Sul, sem se juntar a outros viajantes e procurando os caminhos menos transitados, mesmo sabendo que o trajeto seria mais longo. Passou vários dias num bosque de faias onde encontrou boa caça e, sobretudo, refúgio numa gruta com uma entrada estreita, através da qual tinha de se arrastar. Ali estava seguro. Além do mais, podia fazer fogueiras, pois, na parte superior da gruta, havia orifícios por onde saía o fumo. Aí, pela primeira vez em muito tempo, pôde dormir descansado. Aquele esconderijo foi uma bênção, recuperou dos ferimentos e aproveitou para traçar um plano. Porém, na companhia daquela solidão, a melancolia transformou-se um potente licor. E os enormes olhos azuis de Ava atingiam-no ao menor sintoma de debilidade. A lembrança da noite entre as ruínas da igreja tornara-se quase irreal, pois sonhara tanto com ela

que começava a duvidar se seria produto da imaginação. Mas não duvidava de que aquela mulher lhe dava forças para resistir, e, com a passagem dos dias, a sua frequente evocação tornava-a tão material como as frias paredes rochosas da gruta.

Quando chegou o bom tempo, partiu rumo a Vallferosa. Após vários, atravessou um riacho rodeado por um manto de neblina que o acompanhava havia tempo.

Tratava-se de uma névoa tão espessa que nem o sol tinha forças suficientes para a atravessar, e que avançava, serpenteante, por entre folhas, ramos e troncos, fazendo com que os intimidados animais escapassem ao seu alcance. O bosque ficou submergido nela, deixando-se acariciar pela suavidade que o envolvia e, por um momento, pareceu que atravessava um sonho.

Despertou-o a vulnerabilidade que sentiu entre aquela bruma. Tinha a sensação de que o vigiavam, de que qualquer inimigo podia sair da névoa, que, como contavam as velhas lendas, nela se ocultavam monstros e seres estranhos. Se o lombardo odiava o vento, ele abominava a névoa. Ouvira histórias terríveis, uma dizia que, quando a névoa durava mais de nove dias, tornava-se eterna, e as aldeias onde se instalava desapareciam para sempre. Mas mais terrível era que a névoa fosse negra, pois, nesse caso, a bruma cobrava uma vítima, que se volatilizava como fumo.

Refugiou-se numa cavidade, mas, na manhã seguinte, a névoa estava ainda mais baixa. Tinha de lhe escapar, o Sol continuava escondido, e de procurar o seu brilho para se orientar.

A paisagem que o rodeava era um autêntico mistério. Passaram outros dois dias, e Fortún começou a pensar que a névoa o engolira e jamais se libertaria.

Desesperado, faminto e com o corpo gelado, sem lugar onde se abrigar, vagueou por entre a esbranquiçada penumbra até cair rendido junto ao tronco de um volumoso carvalho.

Tiritava, com o frio a ensopá-lo até à alma, quando abriu os olhos e vislumbrou um disco dourado entre o mar de névoa. Levantou-se e seguiu em direção a ele, sem saber durante quanto tempo, apercebendo-se de que alcançara um caminho.

Tomou entre as mãos a terra pisada pela passagem das gentes e quis rir-se, mas mal tinha forças para isso.

O céu abriu-se por completo a meio da tarde. Com as esperanças recuperadas, Fortún viu que, avançando com dificuldades, se aproximava uma carroça com pedras, puxada por dois cavalos extenuados. Ninguém a acompanhava, só o homem que os guiava com o auxílio de uma vara. Esperou pelo momento adequado e saltou para a parte de trás, tendo cuidado para não ser descoberto.

Preparado para o caso de ter de fugir, viajou na carroça até subir um caminho íngreme e chegar a uma esplanada. Mal ouviu vozes, desceu e escondeu-se nuns arbustos. Daí, descobriu algo que o deixou sem fala.

Nunca pensara que fosse possível o que os seus olhos viam, uma torre de uma altura incrível. Não teve dúvidas, aquilo tinha de ser Vallferosa, pois uma maravilha daquelas só podia ser obra dos lombardos.

Antes de aparecer na aldeia, perscrutou atentamente todo o movimento. Havia poucos trabalhadores, a obra estava quase terminada. A torre luzia, esplêndida, com uma porta de acesso a uma altura enorme. Havia homens de armas a vigiá-la e também um grupo de pastores que tinham feito uma cerca para o seu gado do outro lado da fortaleza. A pedra da carroça foi descarregada na base da fortificação e, passado pouco tempo, começou a ser esculpida pelas mãos de dois canteiros. Não se viam outros ofícios, nem carpinteiros nem ferreiros. A igreja era de dimensões reduzidas e lembrou-lhe a de Loarre. Ao lado da abside, encontrou o que procurava, dois homens envergando boas roupagens, que trabalhavam sobre uma mesa alongada, repleta de pergaminhos e ferramentas.

Percebeu imediatamente. Eram os lombardos.

Tinha de se aproximar deles, observou de novo a vigilância da praça. Ao contrário da de Loarre, uma cerca de madeira rodeava o local e os alicerces de uma muralha de alvenaria estavam preparados. Em breve começariam a erguer os muros e a praça seria um baluarte seguro.

Decidiu esperar mais um dia antes de tentar entrar em Vallferosa.

Fê-lo ao meio-dia, quando os trabalhadores descansavam após a dura jornada da manhã. Assim que o viram, os sentinelas mandaram-no parar, mas isso não o amedrontou. Garantiu que trazia uma mensagem para os lombardos, dessa vez preparara bem a estratégia.

Com visíveis reticências, o homem de armas com um posto superior acompanhou-o até junto de um deles. Era o menos jovem e o mais sério, tinha a pele morena e o cabelo prateado surgia-lhe já nas têmporas. Tinha a barba bem aparada, o que combinava com o aspeto asseado. Não era nada parecido com os homens que o rodeavam.

— Que mensagem nos trazes tu? — perguntou um dos mestres de obras, de pé junto dele. — E de quem, se pode saber-se?

— De um velho, um lombardo como vós.

— Que surpresa, não fiques aí calado. — Fez-lhe sinal para que se aproximasse.

— Que nome tem aquele que te envia?

— Não me disse, mas pediu-me que a entregasse em privado.

— Permite-me que não acredite, dado o teu aspeto e falta de referências, nada convida a isso. Compreendes, não é verdade?

— Firmitas, utilitas et venustas — disse Fortún, para surpresa dos presentes.

— Ora, ora. As aparências iludem.

— Está bem, podeis deixar-nos com ele. — O homem de armas assentiu. — Não creio que este rapaz nos faça mal.

O guarda acedeu.

— Já estamos sozinhos, e então? Essa é a tríade de Vitrúvio, sabes quem é?

— O autor do livro — afirmou Fortún, para surpresa do lombardo.

— Onde está?

— Roubaram-no.

— Então o que queres? — perguntou o mais novo dos mestres, de cabelo louro e ombros largos, que até então se mantivera em silêncio. — Se achas que podes vir aqui e...

— Esperai. — O mais velho dos mestres de obras, que estava sentado num banco e desenhava no tabuleiro com um compasso, levantou-se e aproximou-se de Fortún. — Um velho, o lombardo de que falas, era um homem reto e gentil?

— Pois... Meu senhor, lamento dizê-lo, mas não. Bebia demais e era mal-humorado, mas era sem dúvida um construtor inigualável.

— Esse livro, descreve como era...

— Muito antigo, de outra época. Estava cheio de desenhos e escrito em latim.

— Deus santo! E dizes que o roubaram?

— Assim é — respondeu Fortún —, foi um ladrão franco.

— E o dono?

— Morreu, estava a construir um castelo no condado de Aragão.

— Isso não faz sentido, nós já não trabalhamos nessas terras. — O lombardo mais velho mostrava-se contrariado. — E o que queres? Porque vieste até aqui?

— Quero aprender convosco para completar a construção do Castelo de Loarre.

— São muitos os que pretendem roubar o nosso saber, e tu... tu és só um rapaz estúpido — advertiu o mestre de obras mais novo.

— Posso ajudar-vos a recuperar o livro.

— Se acabas de dizer que o roubaram — replicou o mais velho.

— Sim, mas sei como recuperá-lo. Antes, deveis jurar-me que me ensinareis a construir. — Fortún não mexeu um músculo. Manteve-se firme, de olhar fixo nos dois homens.

— Que descaramento... Não podemos aceder ao que nos pedes. Nunca ensinamos a nossa ciência a um intruso.

— Então vou-me embora, haverá decerto quem queira ter esse livro em seu poder.

— Um momento — o lombardo mais velho ergueu o braço, procurando Fortún

—, vamos com calma. Eu conhecia bem o dono do livro e, se confiou em ti, teria uma razão poderosa para isso.

— Admiti-me como aprendiz e recuperarei o livro. — Fortún manteve-se sereno.

— Como sabemos que não nos pretendes enganar? — insistiu o construtor mais novo.

— Nunca sabemos quem nos vai trair, isso tenho-o bem claro. Mas tenho igualmente consciência do enorme valor do livro e convém-nos a todos encontrá-lo. Aqui, ter-me-eis vigiado, podereis comprovar o meu valor.

— Se ficares connosco, como recuperarás o livro?

— Creio que a resposta está aqui mesmo. — Os lombardos fitaram-no, contrariados. — Convocai todos os trabalhadores e habitantes de Vallferosa.

Ao entardecer, os homens de armas tinham recrutado todas as gentes do local, que formavam em filas à volta da poderosa torre de pedra. Os lombardos acompanharam Fortún ao centro da esplanada onde se encontravam. Um a um, o rapaz perscrutou os presentes, até que parou frente a uma dupla peculiar: um homem esbelto e fortalhão; e outro baixo e de aspeto perigoso.

— Eles sabem quem roubou o livro.

— Prendei-os! — ordenou o lombardo mais velho.

— Maldito sevandija! Devíamos ter-te matado.

— Já é tarde para isso. — Fortún dirigiu-se ao lombardo que dava ordens aos soldados. — Fazei o que for necessário para que falem, o homem que procuramos chama-se Carlos e é franco, que confessem tudo o que sabem sobre ele.

— Não duvides de que o farão, rapaz. — Um dos homens de armas atingiu o primeiro no rosto.

Ao anoitecer, o capitão da guarda reuniu-se com os lombardos e Fortún no terraço superior da torre.

— O ladrão é um mercenário franco que atua de ambos os lados dos Pirenéus.

— Que sabem do livro? — inquiriu Fortún com firmeza.

— Dizem que chegaram aqui a pensar que esse Carlos viria para vender o livro aos mestres de obras.

— E porque não apareceu?

— Açam que pode ter encontrado outro comprador.

— Neste condado, quem poderia estar interessado? — interveio o lombardo mais

velho.

— Virá, eu sei — afirmou Fortún, com uma firmeza esmagadora.

— O que fazemos com eles? — perguntou o homem de armas.

— Matai-os, claro — respondeu, impassível, o lombardo mais velho.

— Não seria melhor esperar para ver se dizem a verdade? E se nos mentiram?

— Então, seria igualmente necessário matá-los. Mais vale fazê-lo já e que sirva de exemplo, não podemos perder tempo.

Capítulo Trinta

VALLFEROSA. PRIMAVERA DO ANO 1037

Alguns dias após a chegada de Fortún e a execução na forca dos dois malfeitores que o haviam atacado em La Seu d’Urgell, o rapaz começou a trabalhar sob as ordens dos lombardos. O início não foi fácil, os mestres tinham acedido a contragosto, e os primeiros dias distaram muito de um convívio agradável.

Permitiam a sua presença nas obras, ao lado deles. Nem colaborava nem era ensinado, simplesmente via e calava.

Talvez os lombardos pensassem que, ao ignorá-lo, os seus desejos diminuiriam; mas Fortún não viu aquilo como castigo, e sim como uma oportunidade. Com o que entendia de latim, podia seguir grande parte das conversas. Além do mais, tinha acesso aos desenhos dos pergaminhos e, sobretudo, a hipótese de observar como os levavam a cabo. Vendo-os desenhar, aprendia em silêncio.

A sua constância, ao ser o primeiro a levantar-se e o último a retirar-se, fez com que grande parte das convicções e preconceitos dos construtores diminuísse.

Passou mais de um mês, e Fortún soube conquistar a maioria das gentes de Vallferosa. Falava com elas e contava-lhes histórias sobre Loarre. Esses relatos eram o que mais entusiasmava os habitantes daquele vale, as andanças por terras de oeste, o ataque muçulmano, a famosa arqueira de cabelo ruivo, o misterioso sacerdote, o velho lombardo... Fortún não fazia senão incentivá-los a ir um dia a Loarre conhecer a fortaleza cristã situada frente à Terra Chã.

Em pleno verão, trabalhou-se sem descanso. Havia que aproveitar as horas de sol. Mas, quando as coisas pareciam correr melhor, Fortún foi chamado à presença dos lombardos.

— Bem, como terás comprovado, continuamos à espera desse ladrão que tem o nosso livro e... aqui não veio ninguém — advertiu o lombardo que estava no comando.

— É uma questão de tempo.

— É esse o problema, o tempo não é banal. De facto, é o nosso bem mais precioso. O único que se esgota.

— Não posso fazer mais nada, temos de esperar.

— Entendo, voltas a desprezar o nosso tempo. O teu, podes desperdiçá-lo como quiseres, não nos diz respeito. Ou conseguimos o livro em breve, ou cobraremos todo o tempo perdido, estamos a avisar.

— Acho que não estais a ser justos.

— Justos! Nós não temos nada que ver com a justiça.

— Em Loarre, o lombardo falava frequentemente da Roma Antiga. Das ideias, dos feitos. Explicou-nos que, no seu esplendor, conseguiu unificar a maior parte do mundo conhecido.

— Tudo isso se perdeu.

— Mas pode voltar a ser recuperado — afirmou Fortún. — Houve alguém que o tentou, há duzentos anos: Carlos Magno.

— Não pretenderás dar-me lições sobre o imperador, pois não? Reeditou o império e o cristianismo, agiu como elemento unificador. Uma Igreja, um imperador, uma arte. O papa Leão III pôs-lhe a coroa imperial no dia de Natal do ano oitocentos em São Pedro de Roma — relatou, orgulhoso, o velho lombardo.

— Não obstante, essa união desfez-se com a morte do imperador, dando lugar a um período de anarquia, decadência e caos que favoreceu a cobiça da nobreza e da própria Igreja.

— Custa a imaginar que fossem assim tão néscios.

— Não, garanto-te que não. Ainda que não o confessem, todos os homens querem ser reis. O poder corrompe-os, fá-lo desde que Deus nos criou. Por isso é tão escassa e importante a confiança, mas... em quem se pode confiar hoje em dia? Como sabes que não te trairão? A palavra de um homem deve ser sagrada, mas, por outro lado...

— Não me parece que isso seja possível — afirmou Fortún, com pesar nas palavras. — Falta honra aos homens nestes tempos.

— Todos fomos traídos alguma vez.

— Mais a meu favor. Só n'Ele podemos confiar, Deus é a única luz.

— Tens razão, Fortún, a fé é a nossa força e em breve surgirá um rei que unifique os reinos de Cristo.

— Somos mestres de obras, devemos pôr a nossa arte ao serviço de Deus, também devemos procurar a unidade — interveio pela primeira vez o lombardo mais novo, cujo nome Fortún ouvira da boca dos canteiros: Mario.

— Que quereis dizer? — inquiriu Fortún, confuso.

— Há que tornar a trabalhar como na época antiga, devemos voltar a erigir templos de grande envergadura.

— O que o Mario quer dizer-te é que, no Sul de França, surgiu uma corrente unificadora promovida pela Abadia de Cluny. A Igreja e os reis continuam divididos e a enfrentar-se, mas a arte avançou.

— Um anjo tomou o dragão, a serpente antiga que é o diabo, e acorrentou-o durante mil anos. Vencido o prazo, Satanás será libertado e sairá para extraviar as nações — anunciou Mario, como se de um sacerdote se tratasse. — Deixámos para trás o primeiro milénio desde a vinda de Cristo, é tempo de renascer.

— A cristandade está dividida, o infiel reorganiza-se. Foi derrotado uma vez, mas não vencido. O mal torna-se cada dia mais forte na Terra Chã, os cristãos devem reunificar-se e atacar antes que seja tarde — continuou o mais velho. —

A luta será nestas terras a sul dos Pirenéus, mas ainda não estamos preparados.

Por isso o nosso trabalho é tão importante, devemos promover a união.

— Quero ajudar — interrompeu Fortún.

— Vi na visão os cavalos e os que sobre eles cavalgavam, que tinham couraças cor de fogo, e de jacinto e de enxofre — interveio novamente Mario. — Dentro de pouco tempo, cavaleiros cristãos de reinos inimigos lutarão lado a lado contra o infiel e acabaremos com o mal que assola o nosso tempo.

— O Apocalipse, o Novo Testamento, é muito revelador. — O velho lombardo guardou silêncio por alguns instantes. — Que motivo temos para te ensinar?

Nem sequer conseguiste proteger o livro, porque haveríamos de te ajudar?

— Porque posso acabar o Castelo de Loarre.

— E porque havia de nos importar esse castelo? Está num condado insignificante, o que o torna tão transcendental?

— Uma vez concluída, essa fortaleza tornar-se-á inexpugnável. Não será só um escudo contra o infiel, transformar-se-á na lança que penetrará na Terra Chã e chegará à Cidade Branca.

— Saraqusta? — Os lombardos olharam um para o outro.

— Sim, ensinai-me a construir e, a partir de Loarre, será forjado um novo reino que expulsará os infiéis destas terras. Porque não vindes vós concluí-lo?

— Nada perdemos num lugar como esse, uma serra pobre e desabitada, frente a uma fortaleza como Bolea, num minúsculo condado, sem riqueza, pouco povoado e nas mãos de um bastardo. Obrigado, mas não. Partimos dali quando o rei Sancho, o Maior, ainda era vivo e não voltaremos.

— Porque partistes, então?

— Isso não te diz respeito. Além do mais, o futuro não está aí, mas sim no Caminho de Santiago. Os tempos e a arte estão a mudar, não iremos para o local mais remoto da cristandade.

— Muito bem, mais uma razão para me ensinardes. Assim, poderei terminá-lo.

Que tendes a perder? O mais provável é que os sarracenos me matem ao voltar.

— Há coisas piores do que a morte. Seja como for, dentro de dois dias, partiremos para longe daqui, há uma nova força a expandir-se do outro lado dos Pirenéus.

— Força?

— Sim, há mais de um século teve início uma poderosa mudança que, pouco a pouco, alcançou bispos, papas e reis. Foi em Cluny que se

incendiou essa centelha renovadora que se estendeu por todo o mundo conhecido com inusitada rapidez.

— Ajudada em grande parte pelo cansaço e rejeição do povo para com tudo o que teve de suportar após o grande Carlos Magno — acrescentou o lombardo mais novo. — Foi um longo e negro túnel, do qual Cluny nos está a tirar.

Encarregou-se do movimento de peregrinos rumo a Santiago de Compostela, pretende juncar o trajeto de mosteiros e albergues, em que a iconografia de tímpanos e capitéis sirva para instruir o peregrino no conhecimento da história sagrada, nas suas formas de comportamento e nos prémios e castigos que receberão consoante a sua forma de viver.

— Cluny está a preparar os melhores mestres de obras, por isso nos mudamos para o condado de Tolosa, e tu acompanhar-nos-ás.

— E o livro?

— Não podemos esperar mais, irás connosco, mas não te libertamos da promessa de o recuperares. — Fortún assentiu com um gesto. — Mais uma coisa. — A expressão no rosto do lombardo retesou-se, esfregou as mãos e olhou com firmeza para Fortún. — Recebemos informações sobre Loarre, o conde Ramiro não tem intenção nem meios para continuar a construir o castelo, está abandonado.

— Tanto trabalho... O que pode ser tão...

— Cala-te e ouve. Completa a tua formação connosco e depois vai falar com ele.

— Eu, reunir-me com o conde, para quê? Jamais me receberá, sou só o filho de um carpinteiro.

— E o tenente?

— Vi-o uma vez, Lope de Ferrech, ia algumas vezes a Loarre para saber do avanço das obras.

— Excelente, necessitarás do seu apoio para retomar os trabalhos. Ouve bem, aos nobres move-os apenas a cobiça. Usa-a em teu benefício.

— Fá-lo-ei.

— Fortún — Mario aproximou-se mais dele —, vamos confiar em ti. Se nos traíres, eu mesmo te arranco as entranhas.

Aquela estranha mudança de atitude era difícil de interpretar para Fortún. O

veneno da desconfiança infiltrara-se bem fundo na sua alma. Não hesitou, por isso, em desconfiar de que aquela singular dupla de lombardos tramava alguma coisa contra ele, mas o quê? Isso, de momento, era difícil de saber.

Iria com eles, como não o fazer? Mas estaria alerta. Os tempos do imberbe Fortún pertenciam ao passado, as coisas tinham mudado.

Deixaram Vallferosa mais tarde do que o combinado, pois um tremendo temporal alagou os caminhos e cobriu o vale de neve em pleno outono. Demorou várias semanas a derreter, o que fez com que as nascentes e os aquíferos transbordassem, bem como os leitos devido ao degelo. Só decorrido o inverno iniciaram a viagem que os levou primeiro até aos Pirenéus, que atravessaram por uma passagem estreita e íngreme, onde as pedras soltas avisavam que, a qualquer momento, podiam chover outras do topo das paredes rochosas. Mais de um perdera a vida ao atravessar aquele retorcido desfiladeiro. Depois, a sua sorte não melhorou, o caminho serpenteava sobre um abismo, em cujo fundo só se viam farrapos de névoa. A vista perdia-se no fundo, como se não o tivesse.

Fortún controlou o medo, tanto quanto era possível naquela arrepiante paisagem, o que era bem pouco. Agarrou-se à pedra da montanha, chegando a cravar as unhas nela, e, passo a passo, avançou quase sem ar com que encher o peito.

Muitas vezes, o caminho desaparecia no meio da neve que ainda se mantinha imune à mudança de estação.

Uma vez do outro lado das montanhas, continuaram através do vale de Aran, entre os picos mais altos, seguindo o leito do rio Garona.

Ao descer, cruzaram-se com um grupo de pastores atarefados, a tosquiarem as ovelhas, para que os animais não tivessem calor e para poderem vender a cobiçada lã. A humidade entranhava-se até aos ossos. Foi um trajeto difícil e exigente, que lhes permitiu adentrar-se nos territórios do condado de Tolosa.

Em finais da primavera, chegaram à exuberante cidade de Toulouse, onde se erguia a basílica consagrada a São Saturnino, primeiro bispo da cidade, martirizado no século

III

por não prestar culto aos deuses romanos. Atado pelos pés a um touro, foi arrastado pelas ruas da cidade até cair morto.

— Os clérigos da catedral têm muito património — observou Mario —, e querem substituir a antiga basílica por uma nova catedral, dado que não param de chegar peregrinos a caminho de Compostela. Por isso, as suas necessidades são abundantes e o templo atual não pode acolher a imensa quantidade de penitentes.

— As obras ainda não começaram — advertiu Fortún.

— Assim é, mas não tardarão. Devemos seguir os peregrinos ao contrário, em direção ao norte, onde se constrói com os novos cânones.

Viajaram durante várias semanas, até chegarem a uma abadia rodeada por um extenso burgo. Era já verão e construía-se ali a nave central de um moderno templo. A dupla de lombardos dirigiu-se às obras, onde foram efusivamente recebidos por um dos construtores que dirigia os trabalhos.

Não tardou a que começassem a trabalhar no edifício. O lombardo mais velho aceitou-o como ajudante. Enquanto o mais jovem, Mario, se afastou deles, sem Fortún saber porquê.

Para ele, Mario era um mistério. Duro, sério e rigoroso; muito reservado e pouco amigo de partilhar conhecimentos. Em contrapartida, sentia um tremendo respeito por aquele que ia ser seu mestre, cujo nome era Octavio. Rondava os quarenta anos, mas, na solenidade do olhar e no físico degradado, pareciam ser muitos mais. Tinha a anca e a perna direita débeis, pelo que era frequente coxear; e tinha dores de bexiga, que a duras penas lograva aliviar quando conseguia soltar pedras com a urina.

Octavio não era propenso aos sentimentos, não ria nem mostrava aborrecimento.

Não se alterava ante os imprevistos nem se alegrava com as boas notícias. Era como a pedra com que os canteiros trabalhavam, forte e fria.

Os muros da igreja daquela abadia estavam construídos com silhares bem enquadrados e ajustados. Com pouca argamassa para os assentar e muitas marcas de canteiro nos silhares, como meio de contabilizar o trabalho por eles realizado a fim de receberem pelo seu labor. Nesse sentido, Fortún não tardou a aprender que um aspeto importante nos trabalhos com silhares era o das faces não visíveis dos mesmos. Concluído o muro, via-se a face exterior, que costumava ser de

uma feitura perfeita. Mas o silhar tem mais cinco lados. Se o muro não precisasse de receber muita carga, podiam estar pouco desbastados e ser irregulares, pois a argamassa supria as imperfeições. Ainda assim, os mestres preferiam os silhares com todas as faces bem trabalhadas. Ao contrário do que acontecia em Loarre, onde se usava muita argamassa e cascalho para calçar a alvenaria.

Além do trabalho, Octavio não mostrava inquietação por outros temas que não fossem a fé. Tanto Mario como ele iam rigorosamente à igreja. Fortún acompanhava-os. De início, custou-lhe a habituar-se ao rito romano, tão diferente do que se professava na sua terra. Mas a palavra de Cristo era imutável, e era isso que importava.

— Rapaz — Octavio atuava como um verdadeiro instrutor —, observa aquele muro: há algo que te chame a atenção?

— O arco.

— Por que motivo?

— É um arco cego, não faz sentido, está dentro do muro.

— Faz todo o sentido do mundo, pois é um arco de descarga. Os modelos antigos, anteriores aos que aparecem no livro que te roubaram, utilizavam lintéis planos para cobrir os vãos. Isso limitava a sua longitude, além das frequentes fraturas que o mesmo sofria. Com o modo romano, as forças do muro sobre o vão não gravitam sobre o lintel, que passa a ornamental, sendo antes conduzidas pelas aduelas até às jambas.

— Sim, isso eu sei. Mas aqui não há nenhum vão.

— Certo, essa é a chave, a função desses arcos é transmitir forças.

— Não entendo... Dizeis que antigamente os lintéis eram planos. Se o objetivo é transmitir as forças, não é preciso completar o arco.

— Que diabos dizes? — exclamou o lombardo, desagradado.

— Então o arco de descarga pode ser alintelado ou plano — sussurrou Fortún, pensativo. — Não é preciso completar o círculo para que as aduelas atuem

desviando as forças para as jambas.

— Rapaz, estás no bom caminho. Mas tem em conta que será sempre melhor um arco completo, ouve o que te digo.

— Já percebi, depende da necessidade de cada estrutura, se o muro não for muito alto, um plano pode servir — insistiu Fortún, mais seguro.

— És teimoso, disso não há dúvidas. Mas não voltes a contradizer-me, lembra-te de que estás aqui por milagre, não tentes a sorte.

Octavio era duro, mas justo. Sabia fazer-se respeitar e, o mais importante, mandar. Não se impunha pelo poder que lhe outorgava ser um mestre de

obras, mas sim pelo conhecimento e pelo exemplo, pois era o primeiro a chegar e o último a partir, tal como Fortún. Por isso, os trabalhadores respeitavam-no e obedeciam-lhe sem hesitar, não precisava de ameaças nem reprimendas.

Mario, porém, estava longe de ser assim.

O lombardo mais novo convertia o facto de estar sob as suas ordens num inferno. Após a paragem invernal, ao regressarem ao trabalho na primavera, meia dúzia de homens tinham sido expulsos por o contradizerem num requerimento e outros tantos partiram, descontentes, incapazes de suportar o tratamento que lhes dava.

Mario não atendia a súplicas nem a sugestões e dirigia as obras com a maior das prepotências, como se fosse um senhor, e os homens que trabalhavam às suas ordens os vassallos. Não obstante, era de reconhecer que o seu trabalho era impecável, não havia nada a censurar-lhe do ponto de vista construtivo e cumpria os prazos determinados.

Fortún não tardou a compreender que era melhor não o contrariar e evitá-lo o máximo possível. Caso contrário, viria a ter problemas com ele. Por isso, não se afastava de Octavio, só na presença do lombardo mais velho é que Mario moderava o seu forte carácter.

Numa manhã de céu limpo e vento do norte, Octavio examinava o interior do templo.

— Surpreende-me a forma como se fecham as naves das igrejas, mestre —

observou Fortún. — As abóbadas parecem tão frágeis, como se fossem cair-nos em cima da cabeça.

— As abóbadas de meio canhão são a tradução a duas dimensões do arco de volta perfeita que já conheces. E a interseção de duas abóbadas de meio canhão dá lugar à abóbada de aresta, que tanto usamos.

— Tenho-as estudado e aprendi que transmitem as cargas pelos quatro pilares, permitindo esvaziar os muros.

— Exato, quando se entra numa igreja ou catedral, todos os elementos do edifício têm uma função, estão concebidos para garantir solidez aos altos muros e aos tetos. Tem sempre isto em conta, se algum dia construíres um templo, pensa primeiro em como fechá-lo, esse será muitas vezes o teu principal problema. A pergunta a que deverás dar resposta, e esta será uma abóbada de berço ou uma de aresta. Não há opções, a não ser que...

— Existe outra forma de fechar o teto?

— Antigamente, usavam-se cúpulas, nós chamamos-lhes domos. Mas não to recomendo, são complexas, e há séculos que não se utilizam. Ouvi dizer que no Oriente, em Bizâncio, construíram uma imponente cúpula na maior basílica da cristandade, na cidade de Constantinopla. Consagrada à Santa Sabedoria de Deus, tomada do Livro da Sabedoria do Antigo Testamento e que faz referência à Santíssima Trindade.

— Porque não se constroem mais cúpulas?

— Demasiado intrincadas, é preciso passar de planos quadrados ou retangulares para circulares. São frágeis, podem desabar a qualquer momento, durante a construção ou depois, recomendo-te que as esqueças.

— O círculo representa Deus.

— Precisamente por isso, talvez não devamos ser tão ousados e querer chegar tão alto, não te parece?

Saíram para o exterior, o tempo mudara de forma inesperada. Fortún fixou-se nos homens que acartavam os feixes de trigo para o celeiro. Fora colhido de madrugada, pela fresca. Se apanhasse humidade, seria difícil de debulhar e

ficaria mais compacto. Por isso, levavam-no para uma eira, onde o estendiam para que o sol o aquecesse e os grãos se soltassem. Húmido, não se podia debulhar, tornando-se importante eliminar toda a água possível.

Nesse dia, acabaram tarde os trabalhos na obra e, no dia seguinte, Fortún voltou a cruzar-se com os lavradores. No entanto, desta vez apareceu atrás

deles um grupo de mulheres. Não eram camponesas, as roupas denunciavam outra posição na vida. As saias elegantes e limpas, os casacos de tons coloridos e, acima de tudo, o cabelo solto. Foi isso o que mais chamou a atenção de Fortún, poucas mulheres vira de semelhante beleza. Ava, talvez, mas não podia propriamente aplicá-la como referência do feminino. Pareciam felizes, tinham o dom da alegria, uma dessas qualidades que se possuem ou não. Sabia reconhecê-la, tinha visto gente assim, ainda que a sua vida fosse difícil e laboriosa. A alegria é como outro adjetivo que se pode aplicar aos homens, ou se tem ou não, como a cor do cabelo.

Entre aquelas alegres mulheres, houve uma que ficou a fitá-lo por alguns instantes, o suficiente, desaparecendo depois com as restantes.

Continuou como se nada se tivesse passado, mas, à hora de se deitar, custou-lhe a conciliar o sono e acordou entre suores frios, com uma imagem a castigar-lhe a mente. Mas, pela primeira vez em muito tempo, não era a de Ava.

Na manhã seguinte, Fortún dirigiu-se à obra, chegava atrasado. Algo invulgar nele, pelo que Octavio o perscrutou. Não disse uma palavra, a jornada prosseguiu como qualquer outra. Mas, à última hora da tarde, o construtor aproximou-se de Fortún quando este tentava desenhar a cabeceira da igreja num pergaminho rasgado pelo uso.

— Não te vi muito concentrado o dia todo.

— Claro que sim — titubeou Fortún.

— Não me mintas, ou mando-te para o teu condado ao pontapé, com quem pensas tu que estás a falar? E não faças essa cara!

— Perdão.

— Assim está melhor, presta mais atenção e sê mais pontual! O teu objetivo é construir um castelo, mas toda a fortaleza deve ter uma igreja. Somos o exército

de Deus e, portanto, devemos edificar a casa do Senhor dentro dos nossos muros.

Por isso, aproveita a oportunidade que te demos!

— Às vezes, penso que estou a perder tempo — Fortún baixou o olhar —, que quando regressar já será demasiado tarde.

— Tarde para quê?

— Para concluir o castelo.

— Não digas disparates, aquelas ruínas não se vão mexer.

— Ruínas? Por que motivo lhe chamais isso?

— Rapaz, se desde que partiste ninguém terminou o trabalho, o que não duvido, garanto-te que a fortaleza que recordas será só uma bonita imagem na tua cabeça. Os edifícios precisam de reparações constantes, caso contrário...

— Se os muros tiverem caído, levantá-los-ei de novo.

— Bem vejo, por agora, concentra-te em desenhar bem este beirado — disse o mestre, indicando o pergaminho —, senão jamais poderás realizar os teus desejos, garanto-te.

— É-me fácil imaginar as formas dos edifícios, mas não passá-las ao papel.

— Não basta imaginar, as coisas não se imaginam, acontecem. Deves fazer com que aconteçam. Imagina menos e desenha mais.

Desde esse dia, Fortún aplicou-se com firmeza e vontade aos pergaminhos, ao mesmo tempo que Octavio lhe explicava as palavras latinas que mais se utilizavam na construção. Muitas, conhecia-as de Loarre. O mestre de obras foi mais além e obrigou-o a falar com ele em latim, caso contrário, não responderia às perguntas.

Assim decorreram vários meses, numa doce rotina, aquela a que não se dá o devido valor até que desaparece.

Capítulo Trinta e Um

TERRAS DO CONDADO DE TOLOSA. VERÃO DO ANO 1038

Quando chegou o bom tempo, Fortún falava a língua dos lombardos com desenvoltura e era um desenhador aplicado. Sabia usar todas as ferramentas de construção e, portanto, contava com tempo para indagar sobre questões mais tangenciais. Costumava conversar com os peregrinos que passavam por aquela aldeia em direção a Toulouse, pelo Caminho de Santiago. Entusiasmava-o conhecer gente de lugares dos quais nem sequer ouvira falar. Eles agradeciam-lhe a companhia e o pouco de diálogo, uma vez que o trajeto era duro e Santiago ficava muito longe dali. Acompanhava-os até à fonte perto do mercado e regressava à ermida pelo caminho das lavadeiras, para ir direto à igreja.

Por esses dias, chegou um novo canteiro à obra. O que mais surpreendia nele era a idade. Era muito jovem, quase criança. Além disso, não o disfarçava, tinha o rosto salpicado de mochas de juventude, o cabelo longo e castanho. Vestia com elegância e tinha modos cuidados, não se parecia nada com o resto dos canteiros.

Aparentemente, vinha de uma longa estirpe dedicada ao ofício e fora para ali porque queria trabalhar nas novas igrejas que começavam a ser construídas no Caminho de Santiago.

Chamava-se Nicolás, e cedo se tornou popular devido à sua exuberante destreza com a pedra. Era um virtuoso da talha, preciso e, ao mesmo tempo, rápido.

Capaz de dar qualquer forma aos blocos. Manejava o martelo como se fosse um prolongamento das suas mãos e tinha uma capacidade notável para entender o que os mestres lhe exigiam, como se fosse um deles.

— Maldito rapaz! — gritou-lhe um dos canteiros mais experientes. — Achas que podes vir aqui e rir-te da nossa cara?

— Eu não... porque dizeis isso?

— Ainda por cima, goza. — O homem desferiu-lhe um murro e Nicolás ficou aturdido. — Não quero que voltes a fazer-nos dar nas vistas, entendido?

Perguntei se entendeste!

— Sim — sussurrou o rapaz.

— Pois que não se repita — gritou o canteiro, ameaçando voltar a bater-lhe, mas sem o fazer.

O jovem ficou no chão, magoado. Levantou-se a medo, enquanto todos murmuravam e zombavam. A Fortún, aquela cena fez-lhe lembrar outra, distante no tempo, mas que jamais esquecerá.

— Estás bem? — perguntou, ao aproximar-se do rapaz.

— Não me batas.

— Não te preocupes, não sou como aqueles.

— És o ajudante dos mestres de obras.

— Sim, ou melhor dizendo, o aprendiz. — Sacudiu-lhe o pó da roupa. — Não te preocupes com aqueles brutos, é só inveja.

— Inveja?

— Temo que sim, e também medo. Sabes qual é o maior medo das pessoas?

— O demónio.

— Não, embora devesse.

— Os infiéis — tentou Nicolás de novo.

— Desses até eu tenho medo, garanto-te. Não, as pessoas têm medo do que não compreendem. E receio que não consigam entender como é que uma criança como tu pode ser tão boa a esculpir, por isso te atacaram. Quando sentem temor, os homens respondem com todo o tipo de violência.

— Eu não lhes vou fazer nada.

— Eu sei, mas já te disse, temem o dom que Deus te deu. Se queres um conselho, a partir de agora, disfarça um pouco, vai mais devagar. Deixa que te vão conhecendo. Terás tempo para demonstrares o teu valor, garanto-te.

Fortún regressou aos afazeres e voltou a vê-la. Era demasiado magra para ser exuberante, demasiado morena para chamar a atenção e, todavia, conquistara-o.

Desta vez, não pôde — ou não quis — evitar e foi direito a ela, com os nervos à flor da pele e a garganta seca.

— Sou o Fortún, trabalho na obra. — Ela não falou. — Precisas de ajuda?
—

Ante o silêncio da mulher, pôs-se nervoso e começaram a faltar-lhe as palavras.

— És o estrangeiro. — Tinha voz rouca, matizada por um doce sotaque.

— Sim. — Fortún alegrou-se por ela o reconhecer.

— Não, não preciso de nada — respondeu, afastando-se sem dizer mais nada.

A voz daquela mulher atormentou-o em sonhos durante várias noites. Aparecia na sua vigília e movia os lábios para repetir a mesma palavra: não.

E Ava? Onde se escondeu a sua memória?

Não partira, mas, com o passar do tempo, os seus olhos tinham perdido parte do azul e os cabelos eram menos ruivos, até as feições se haviam esbatido.

Ao quarto dia, não pôde deixar de procurar a nova mulher que lhe roubava o sonho. Infelizmente, encontrou-a.

Lavava as mãos e o rosto num tanque junto ao forno. Não soube se o viu, mas, após apanhar o cabelo num carrapito alto, dirigiu-se a uma das mesas. Com as mãos, começou a amassar o pão de forma perturbadora para qualquer homem.

Acariciava a farinha e espalhava-a sobre a mesa, salpicando o rosto, e continuava a acariciar a massa. Fortún engoliu em seco e imaginou aquela mulher, na mesma pose, com as mesmas mãos, mas de noite e despida.

Foi tal a impressão que o seu coração acelerou e ficou com a boca pastosa. Abriu e fechou os olhos com força para regressar à realidade, e ali estava ela, a fitá-lo, ao mesmo tempo que apertava a massa com as mãos e esta se lhe infiltrava entre os dedos. Pegou em mais farinha e verteu-a.

Fortún teve de se afastar, teria sido incapaz de dizer fosse o que fosse de sensato, algo de que não se arrependesse mais tarde.

Essa noite foi longa e húmida, quase não dormiu, por mais que tentasse. Ardia por dentro, estava doente, possuído pela maior das luxúrias. Aliviou-se sozinho e

encontrou uma ténue calma com a qual conciliar o sono por algumas horas. No dia seguinte, voltou a vê-la e regressaram o calor e as palpitações. O pior foi que, desta vez, não conseguiu disfarçar.

— Fortún, para de olhar para ela, ou ainda te caem os olhos — recriminou-o um dos trabalhadores.

— Silêncio! — Mario, sempre atento ao que acontecia, censurou-os pela atitude e olhou com desconfiança para Fortún. — Presta atenção à obra.

Ele assentiu.

— Quem não perderia a cabeça por uma mulher assim — sussurrou o mesmo trabalhador, de cabelo liso e escasso —, mas tem cuidado com o

lombardo, acho que tem qualquer coisa contra ti. A propósito, a mulher é judia, ficas avisado.

— Judia! Isso não pode ser.

— Sim, judia, com dois filhos e viúva, por isso não te aproximes muito dela ou meter-te-ás em problemas, ainda que, na tua idade, benditos sejam esses problemas! Lá chegarás à minha...

Fortún engasgou-se com os desejos, mas conseguiu engoli-los. Não estava ali para namoros, mas sim para aprender, e era ao que devia dedicar o tempo. Só para isso. Convenceu-se, voltou a dormir facilmente e a desfrutar do trabalho, embora receasse encontrar-se com ela na aldeia, ou vê-la de cima dos andaimes que por essa altura cobriam a abside da igreja. Felizmente, não aconteceu nos dias seguintes. Tanto assim foi que Fortún chegou a pensar que a mulher podia ter abandonado o local, partido para a judiaria de uma cidade importante, para Toulouse ou Narbona.

Uma noite, quando regressava ao telheiro onde dormia, deu-se conta do seu erro terrível.

— Olá. — A mulher surgiu de entre as sombras, escondida sob uma capa escura.

— O que se passa?

— Nada, o que se haveria de passar? — inquiriu ela, com a sua voz rouca.

— Não é seguro para uma mulher passear sozinha a meio da noite.

— Isso é verdade, todos procurais o mesmo.

— Eu não sou como todos.

— A sério? Vais casar-te comigo? Aceitarás os meus dois filhos? Sabes que sou judia, vais converter-te à minha fé, cristão?

— Não, não vou fazer nada disso.

— Então porque dizes que não és como os outros?

— Não vou cair em tentação.

— Nem Adão pôde evitá-la, porque haverias tu de o fazer?

— Não me conheces, não sabes porque estou aqui e asseguro-te que não é para isto — disse Fortún, afastando-a com o braço.

No dia seguinte, junto ao andaime principal, uma mula soltou um profundo berro quando um aparatoso cabresto que trazia na cabeça lhe provocou uma ferida sangrenta. Puxava uma carroça cheia de maçãs, uma das frutas preferidas de Fortún, principalmente no inverno. Aqueles frutos vermelhos duravam desde setembro até à estação fria. Apanhavam-se antes de estarem maduros para se aguentarem o máximo possível.

Um camponês pôs-lhe bem o cabresto e colocou também uma grande coleira, como as que se usavam quando os cavalos puxavam o arado nos campos. Era um cabresto maior, e não se prendia ao pescoço, mas sim ao dorso do animal para poder puxar a carroça.

Ao seu lado, passou outra carroça cheia de cereal, e isso porque o trigo era semeado em outubro; na terra de Fortún, faziam-no mais tarde porque era mais quente. Agora, em Loarre estariam a mondar, cortando as ervas daninhas. Até ao São João, não se segava, e era então que, com a foice, o cortavam e atavam os feixes.

Fortún desenhava à luz de uma solitária vela, que mal podia oferecer resistência à escuridão da noite. Traçava os planos de uma nova Loarre. Se, tal como Octavio o advertira, ao regressar encontrasse a fortaleza em ruínas, teria de refazer grande parte do projeto original do lombardo. Isso não o assustava, já não. Só precisava de passar as ideias ao pergaminho. Tinha de seguir os conselhos do mestre: não imaginar as coisas, mas fazer com que acontecessem.

Bateram à porta.

É tarde. Quem poderá ser?, pensou. Entreabriu a porta e deparou-se com ela.

Hesitou e a mulher aproveitou para o empurrar e atravessar o umbral, como se cruzasse uma fronteira imaginária entre o bem e o mal. O terreno e o celestial.

Fortún não a deteve, e ela fechou a porta. Vinha escondida sob uma capa escura, atada ao pescoço por uma tira de couro. Deu vários passos, sempre de costas para ele. Chegou ao fundo da divisão e soltou a capa, a peça de roupa deslizou-lhe pela pele até deixar a descoberto a sua perturbadora nudez.

Ele ficou admirado, extasiado só de a contemplar. Começou a respirar de forma forçada. Aquele corpo tão belo, tão delicado. Fitava-o e não conseguia sair do assombro. Por mais noites que o tivesse imaginado, nunca chegara a conceber que pudesse ser tão belo.

Mas era.

Nunca vira ante si uma beleza igual.

— Vem, a noite é curta.

Convidou-o a aproximar-se e ele fê-lo timidamente, pelo que o tomou pela mão e conduziu-o. Sorriu enquanto começava a despir-lhe as roupas com uma paciência invulgar. Quando o despojou da última defesa, deitou-o sobre a enxerga e voltou a sorrir-lhe com indescritível doçura. Inclinou-se para lhe beijar os lábios e Fortún descobriu que a sua pele cheirava a flores do campo.

Deslizou-lhe a língua pelo pescoço, pondo-se depois em cima dele.

— Não faças nada — sussurrou-lhe ao ouvido —, não digas nada.

O que ela não sabia era que Fortún estava simultaneamente paralisado e mudo.

Que não sentia o corpo e muito menos tinha consciência do que ia descobrir.

Na manhã seguinte, acordou exausto devido à noite de luxúria e paixão. Tanto assim era que questionou se não sonhara, se tudo o que tinha gravado na mente não seria produto da sua transbordante imaginação. Olhou para o outro lado da cama, estava sozinho.

Foi um sonho?, perguntou-se.

Impossível, nem ele conseguia imaginar algo assim.

Levantou-se e pôs-se a caminho da obra, estava atrasado. Mario recebeu-o com um olhar de censura que demoraria a apagar. Não só isso, como andou todo o dia errático e distraído, e várias vezes foi repreendido pelo jovem lombardo. Mas não podia fazer nada, aquela mulher tinha-se apropriado da sua mente, com os arquejos, os movimentos, o corpo interminável, cheio de esconderijos onde se perder.

Ao cair da tarde, regressou a casa e, só de olhar para o cenário do encontro, estremeceu de desejo. Não conseguia dormir bem, a sua mente imaginava que voltavam a bater à porta, mas sabia que isso era impossível, que...

Soaram duas batidas secas. Quase não acreditou.

Levantou-se, ansioso, penteou-se e esfregou os olhos antes de abrir a porta para se deparar com o rosto firme de Mario.

— Porque demoraste tanto?

— Perdão, não sabia que éreis vós.

— Já imagino. — E o lombardo entrou sem que Fortún pudesse fazer nada.

Deambulou pela austera divisão, percorreu com o olhar os escassos pertences e parou junto à minúscula mesa onde Fortún desenhava.

— Suponho que seja este o teu castelo — sugeriu Mario, com fastio.

— É Loarre, se é isso que quereis saber.

— Não parece grande coisa, pouco mais do que uma gaiola, não te parece?
—

disse, fitando-o com olhar desafiador. — Calma, não te chateies, mas compreenderás que estes desenhos tão inexperientes não convidam ao otimismo.

Olha — e pediu-lhe que se aproximasse —, como pretendes defender as casas de tão longe? Não pensaste em construir uma muralha perimetral que rodeie tanto a aldeia como a fortaleza?

— Seria demasiado caro.

— Não, de todo. Pode fechar contra esta penha rochosa sobre a qual assenta a fortaleza. A altura da muralha seria apenas a suficiente para travar um avanço a partir de campo aberto, podes juncá-la de torreões. Esses sim, de base circular, sem esquinas, assim poderão resistir melhor aos impactos.

— Não me parece mal. Porque me ajudais?

— Fortún, sou duro, mas justo. Além do mais, ainda não perdi a esperança de que essa história sobre o livro que vinhas trazer-nos seja verdade, e ele apareça.

Lembras-te dele?

— Sim, e não há nada que eu quisesse mais do que poder entregar-vos-lo.

— Eu sei, Fortún, eu sei. Bem, deixo-te com os teus desenhos.

Mario partiu sem mais explicações e o ar da casa ficou impregnado de um estranho peso. Fortún continuou a esperar acordado que voltassem a bater-lhe à porta, mas nada aconteceu.

Na manhã seguinte, procurou-a pela aldeia. Mas não podia ausentar-se por muito tempo dos trabalhos da igreja. Voltou a tentar ao fim do dia, e também não teve sorte. Ninguém vira a judia. Passou mais um par de dias

sem notícias dela. Até que, ao fim da semana, um dos homens de armas lhe contou que a judia partira em direção à costa.

Fortún não conseguia entender o que acontecera. Porque partira? Porque se metera aquela noite na sua cama para depois se ir embora? Não fazia sentido e, ainda assim, fora isso que sucedera.

Esteve várias semanas como que ausente, ganhou o hábito de todas as noites, antes de dormir, dar uma volta em torno das obras da igreja. Mas não era aos

seus progressos que mais prestava atenção, e sim ao céu. Nas noites em que estava limpo, ficava mais tempo. Porque, tanto ali como em Loarre, ao olhar para o firmamento, viam-se as mesmas estrelas. Para qualquer construtor, conhecer as cúpulas celestes era essencial. Aprendera-o quando o lombardo explicava isso mesmo ao seu pai.

Havia vários motivos para isso, sendo talvez o mais relevante que a orientação dos templos devia ser de modo a que o eixo maior dos mesmos seguisse uma linha de oriente a ocidente, apontando a cabeceira para o sol nascente. Não era de todo um feito casual, que fazia parte da simbologia do templo cristão. Oriente é o lugar onde nasceu o Filho de Deus e também o ponto por onde todos os dias o Sol se ergue no horizonte, libertando-nos das sombras da noite.

O ciclo do Sol como exemplo da morte e ressurreição, explicou-lhe Octavio.

Graças a esta disposição canónica, os raios de luz da manhã penetravam pelas janelas absidais das igrejas, iluminando o altar e assinalando a senda a seguir através do templo, da escuridão de poente, onde costumava abrir-se a entrada principal, em direção à luz, a Deus.

Para fixar com exatidão os pontos cardeais, Fortún aprendeu com aqueles lombardos a utilizar a Estrela Polar para determinar o norte. Numa noite de céu limpo como a que naquele dia se apresentava, podia cravar uma vara de metal no terreno, afastar-se alguns passos e cravar uma segunda, de modo a ficarem visualmente alinhadas com a Estrela Polar. A linha que as unia era

o eixo que ia do ponto mais setentrional ao sul. E, portanto, a sua perpendicular seria o eixo exato do templo, virado para oriente. Voltando os pensamentos para a construção. Fortún foi, pouco a pouco, esquecendo-a. No trabalho de aprendizagem, tornou a estar ativo e incisivo nas perguntas.

— Repito, Fortún, que nada num templo cristão é casual — comentava Mario enquanto ensinava o rapaz a desenhar a abóbada de aresta em pergaminhos, frente ao lugar onde o altar daquela igreja seria edificado.

— Eu sei.

— Então olha bem para a cabeceira do templo. Nas absides, o habitual é que sejam três as janelas que derramam luz sobre o altar, símbolo da Trindade.

— O que me confunde é que observo sempre o Sol quando nasce e verifiquei

que o lugar por onde aparece varia ao longo do ano.

— Cresceste, mas continuas um ignorante.

— Isso não é verdade!

— O mel não foi feito para a boca do asno. Se dependesse de mim, nunca terias vindo connosco.

— Mario, eu não vos fiz nada. Porque me odiais?

— Odiar-te! Garanto-te que não és assim tão importante. Ainda não és capaz de compreender os movimentos do Sol. Por tudo isso, só te desprezo como a merda que és, nem mais nem menos. Nunca construirás nada além de uma pocilga!

— Os equinócios.

— Como dizes? — Mario fitou-o, confuso.

— Os equinócios são os únicos dias em que o Sol nasce exatamente a oriente e se põe a ocidente. E nos solstícios, o lugar por onde emerge afasta-se do ponto cardeal. Para norte no vernal e para sul no outonal.

— E? O que pretendes demonstrar com isso?

— A fundação das igrejas faz-se alinhando o eixo das mesmas com o ponto do horizonte em que o Sol aparece no dia do santo a que vão ser dedicadas. Assim, na celebração da sua festividade anual, os primeiros raios solares do amanhecer iluminam o altar.

— Ora, ora. O jovem selvagem não é assim tão estúpido. O teu pai deve estar muito orgulhoso de ti — e desatou a rir-se —, ah, não, desculpa, está morto!

— Filho da... — Fortún precipitou-se para ele e Mario recebeu com surpresa o encontrão.

— Quietos! Estás a cometer um erro terrível, o que nos importa de ti é o teu talento, não o livro.

— Sei muito bem o que pensais de mim, por isso não me venhais com essas...

— Não, não sabes. Fortún, se te tratei desta maneira, foi por uma poderosa razão.

— Estais a falar de quê?

— Sou lombardo e, como tal, desde pequeno que recebi lições e aprendizagens.

Não foi fácil, o nosso saber deve partilhar-se apenas com aqueles que o merecem, respeitam e farão dele bom uso.

— Ou seja, com outros lombardos.

— Não, não apenas entre nós. Isso não faria sentido, mas, para aceitarmos um estrangeiro, devemos submetê-lo a todo o tipo de provas, e, quando digo

isto, refiro-me a formas de atestar o seu valor que às vezes são muito duras. — Mario sorriu. — Fortún, se te provoquei de maneira tão desagradável, se fui cruel, impiedoso até, foi para endurecer o teu caráter. Octavio e eu chegámos à conclusão de que tinha de ser assim. Tinhas qualidades, mas faltava-te caráter, confiança, havia que reforçar a tua segurança em ti mesmo.

— Dizeis que estivestes a pôr-me à prova, só isso.

— Sim, como parte da tua formação. Há muito que esse livro pouco nos importa.

O velho lombardo utilizava-o porque a memória começava a falhar-lhe, ao longo da vida excedeu-se com a bebida e com outros maus hábitos, e isso paga-se, paga-se sempre.

— Já te tínhamos dito que não seria fácil, mas demonstraste o teu valor. —

Octavio apareceu então, deixando Fortún ainda mais perdido. — Já não podemos continuar com isto, acabas de concluir a tua formação, há conhecimentos que não podemos partilhar, só o fazemos entre mestres de obras.

— E como posso tornar-me um?

— Agora tens conhecimentos, deves demonstrar que és capaz de os pôr em prática. Quando construíres esse castelo de que tanto falas, então serás um autêntico mestre de obras.

— Deves partir, Fortún — acrescentou Mario —, volta à tua terra.

Olhou para o céu e viu as mesmas estrelas que iluminariam agora as muralhas do

Castelo de Loarre.

— Aproximam-se novos tempos. — Octavio mostrou uma expressão mais amável. — A cristandade está a mudar. Primeiro, o monacato, depois, a reforma cluniacense, e agora o Caminho de Santiago, assente sobre as

antigas calçadas romanas, permitirão a expansão e difusão de pessoas e ideias. Levá-las-ão até aos vossos reinos do Sul dos Pirenéus, a Loarre. E com elas podereis derrotar os infiéis. Deves voltar à tua terra e terminar essa fortaleza.

Mario destapou um objeto envolto em tecido e mostrou-lhe do que se tratava.

— Não é possível! Mas... se é o livro... Desde quando o tendes?

— Há quase dois anos — respondeu Mario. — Quem to roubou era astuto, mas também ganancioso, e os lombardos não andam há séculos a proteger os seus segredos sem terem de lidar com gente da sua índole, sabemos como os atrair e também como os enganar.

— Graças a Deus que conseguistes recuperá-lo, mas não entendo o porquê de mo terdes escondido.

— Não foi só o Mario a ser duro contigo, eu também fui. Com esse motivo, apresentei-te outras provas, que ignoravas, como aquela mulher que foi de noite a tua casa.

— A judia!

— Sim, pagámos-lhe bem para que te seduzisse e depois abandonasse. Tínhamos de ver como reagias. Recuperaste depressa, mas há homens que perdem a cabeça com mulheres assim. Tu não.

— Mas como pudestes fazer-me isso?

— Tínhamos de testar a tua força mental e de espírito. Por isso, tenho a honra de te entregar algo que conheces bem, dar-lhe-ás bom uso. Agora é teu.

— Não, eu não posso...

— Fortún, tens um castelo para construir. — Octavio suspirou e depois sorriu, os seus olhos transbordando de uma alegria invulgar. — Não vemos o mundo tal

como ele é, vemo-lo tal como somos e como fomos. Os livros podem ser tão poderosos como a mais afiada das espadas. Qualquer um pode empunhá-las, mas o conhecimento é uma arma ao alcance de uns poucos escolhidos. Lembra-te sempre disso.

Capítulo Trinta e Dois

MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE SIRESA. FINAL DA PRIMAVERA DO

ANO 1046

Caminhou por um estreito barranco salpicado de fetos, carlinas, zimbros e buxos até chegar a um riacho. Inúmeros montículos feitos por roedores e tocas de marmotas pintalgavam o trajeto. No troço final, acedeu a um vale suspenso com pastos abundantes e aves como milhanos, gralhas e abutres a sulcar o céu, e até águias e quebra-ossos. Aquele era um caminho frequentado pelo gado que aproveitava as pastagens do fundo do vale, só arrieiros e muleteiros atravessavam as montanhas por ali.

Uma vez do outro lado dos Pirenéus, sentiu nostalgia, estava de volta. Ainda tinha muito para percorrer, mas os dados estavam lançados. Dormiu num refúgio de pastores e seguiu por um caminho até que avistou colunas de fumo branco, evidência de que havia ali uma aldeia.

Nela comprou alguma comida e leite. Foi à igreja e prosseguiu viagem. Segundo averiguara através dos comerciantes de Toulouse e Moissac, durante a estada em ambas as praças, devia visitar os templos de San Adrián de Sásabe e São Pedro de Siresa, dado que eram esses que Ramiro e os seus nobres de confiança frequentavam.

Em Sásabe, não encontrou nenhum deles, só uma congregação de monges que não o receberam com grande alegria. Dirigiu-se a Siresa, por uma antiga calçada pouco transitada. Tão escasso movimento de mercadorias não era bom sinal, até agora, tudo o que vira daquele lado dos Pirenéus distava muito do local de onde provinha. Quando chegou ao mosteiro, a sua visão a esse respeito não se alterou, pois o templo estava em ruínas.

A sensação de que aquelas terras estavam condenadas percorreu-lhe o pensamento, a morte do rei Sancho fora terrível, passara já uma década e continuavam sem recuperar.

Estará Loarre na mesma situação?, perguntou-se.

Cansado da viagem, decidiu permanecer ali. Os monges que o regiam precisavam de trabalhadores para reparar a única zona do edifício que utilizavam. Assim, ocultou o nome e os conhecimentos e decidiu ganhar a vida como simples trabalhador. Não fazia sentido continuar a andar, era melhor aguardar e informar-se da situação.

O que não esperava era ficar ali vários meses. Apesar do seu estado lamentável, vinham inúmeros peregrinos ao mosteiro, já que não havia cenóbio mais antigo em todo o condado. Mas Fortún não podia esperar eternamente, precisava de cumprir a sua missão.

Os dias tornaram-se eternos, o trabalho era repetitivo e pouco agradável, os religiosos mal falavam, sempre a rezar. A gente que trabalhava as terras e ajudava nas obras era escura e pouco amigável, havia um pobre desgraçado que sofria de algum tipo de loucura, andava sempre a saltar e a rir. Costumava aproximar-se de Fortún e permanecia em silêncio, fitando-o até Fortún o expulsar; outras vezes, desatava a rir-se de forma estridente.

— Cala-te! — Mas ele não obedecia. — Mandei-te calar, cala-te! — gritou-lhe Fortún, desesperado. — Queres parar de te rir?

— Deixa-o, é só o que tem, o riso.

— Como? — Fortún observou a pessoa que lhe falava, não a conhecia. — É um louco, não devia portar-se assim.

— Nem todos podemos escolher — afirmou o desconhecido com segurança.

— Sim, mas ao menos podia conter-se, esses alvoroços...

— Na Antiguidade, ria-se à gargalhada, mas chegaram as trevas e os homens deixaram de rir e começaram a chorar sem parar, e pesadas correntes se apoderaram do espírito, ao influxo das lamentações e dos remorsos.

— Exageras um pouco, não te parece?

— É proibido rir na igreja e nos mosteiros, ninguém o faz nos castelos nem nas guerras. Os servos não podem rir-se na presença do amo. Só os pares se riem entre si. Se os vassallos pudessem rir-se dos seus senhores, acabar-se-iam muitas injustiças. O riso é capaz de vencer o medo, por isso a gente com medo não ri.

— Quem és?

— Isidoro de Ansó, sou canteiro, trabalhei nas melhores catedrais e igrejas do outro lado dos Pirenéus. — Era um homem robusto, de queixo quadrado e com o cabelo cortado à navalha pela raiz.

— Eu... — Pensou bem no que ia dizer. — Eu ajudo nas obras.

— Aqui faria mais falta um mestre de obras do que um peão.

— Isso queria eu, mas sou só aquilo que vês.

O canteiro olhou para os muros do mosteiro e afastou-se, de olhos fixos neles.

Fortún ficou intrigado e pensou na última vez em que se rira, já não se lembrava.

Isidoro partiu sem dizer mais nada, enquanto o louco corria a seu lado. Talvez, à sua maneira, lhe agradecesse.

A partir desse dia, Fortún sentiu curiosidade pelo desconhecido canteiro, começou a vê-lo com frequência, a procurá-lo entre as obras, ainda que não trocassem nem um triste cumprimento. Ao mesmo tempo, roubou alguns pergaminhos na sacristia e começou a desenhar neles soluções construtivas para aquele templo, mas também para os muros de Loarre, chegando a

projetar espaços interiores para grandes igrejas. Trabalhava nisso até ao pôr do Sol e depois escondia os pergaminhos, bem protegidos, no buraco do tronco de um carvalho que havia no caminho para Jaca.

Fascinava-o a forma como a abside de Siresa se cobria com uma abóbada de quarto de esfera, prolongada a poente por um lanço de meio canhão; e com um curto presbitério coberto por meio canhão. Estudou aquela estrutura e reproduziu na mente todo o seu processo construtivo.

Ao sair do templo, viu o escultor dirigir-se ao rio. Seguiu-o por curiosidade e admirou-se ao vê-lo entrar no bosque e voltar para trás, até uma zona perto do complexo monástico, mas, de certo modo, oculta.

Aí, destapou uma grande pedra escondida pelo mato e dispôs as ferramentas que levava nos alforges. Começou a golpeá-la obliquamente com o ponteiro, ao mesmo tempo que abria alguns buracos à base de trabalho com o cinzel.

Fortún nunca parara para refletir em como era um escultor. Observando Isidoro,

começou a pensar na forma como ele trabalhava a pedra, nas suas ferramentas, no bloco escolhido para retirar a matéria e dele extrair a obra que só ele era capaz de adivinhar no seu interior, quais podiam ser os seus métodos de trabalho e as sucessivas fases de realização para transformar um bloco de pedra numa obra de arte.

Esteve a esculpir até a tarde ir já bem avançada. No dia seguinte, Fortún voltou a segui-lo e o processo repetiu-se. Fortún chegou à conclusão de que o escultor trabalhava primeiro no mosteiro e que, concluída a sua jorna, ia continuar com a sua obra secreta. Um dia, após ele ter partido, dirigiu-se ao lugar com a intenção de bisbilhotar o que ele esculpia. O que viu desiludiu-o, uma vez que a figura estava apenas esboçada e parecia muito arcaica. Observando-a com atenção, era óbvio que ainda não tinha usado o cinzel dentado para elaborar os relevos da escultura, que precisaria depois de um acabamento com abrasivos para poder dar a obra por concluída.

Deitado na enxerga, enquanto tentava conciliar o sono, a estranha figura de pedra apareceu-lhe nos pensamentos, assediava-o, impedindo-o de dormir. Mal conseguiu fazê-lo nessa noite, bem como na seguinte. Por isso, tomou uma decisão, voltou a visitar aquele local ao cair da noite, e ali estava Isidoro.

Não aguentou mais.

Saiu de onde se ocultava e dirigiu-se a ele.

— Pelos vistos, não és só um canteiro, és também escultor.

— De onde saíste? Maldito sejas!

— Calma, não é minha intenção incomodar-te nem fazer-te mal, se queres esconder o teu trabalho, algum bom motivo terás, e não me diz respeito.

— Claro que não, dado que não és um peão de obra: vi os teus desenhos.

— Seguiste-me!

— E tu a mim! Que fazes aqui? — Isidoro descobrira-o.

— É óbvio, não? — A resposta apanhou o canteiro desprevenido. — Quer dizer então que não te basta trabalhar para os monges, tens boa mão.

— Boa? Sou o melhor canteiro deste lado dos Pirenéus.

— Não acredito, a tua talha é tosca, falta-te desenvoltura com o ponteiro.

— Como te atreves? — disparou Isidoro, dando um passo à frente e tentando intimidar Fortún.

— Alegra-me encontrar aqui alguém com iniciativa, estava a dar em doido com a espera, por isso vou ajudar-te.

— Tu? A quê?

— A seres um grande mestre de cantaria.

— E como se supõe que vais fazer isso? Já olhaste para ti. — Com o olhar, apontou para as suas roupas. — És um morto de fome.

— É possível que tenha os bolsos vazios, não o negarei, mas tu mesmo viste o que sou capaz de desenhar, e isto — apontou para a cabeça — está a transbordar de ideias. E estas — levantou as mãos — podem levantar castelos.

— Castelos? Até te caía um... — Então Isidoro calou-se, perscrutou bem o homem que tinha à frente e apercebeu-se de algo que não vira até então. —

Maldição! É mesmo verdade que escondes qualquer coisa.

— Bem, estamos a progredir. A que se deve essa mudança de atitude?

— Esses olhos não são de mentiroso, não são de interesseiro, de bandido nem de fanfarrão; esse teu olhar é de ambição. Conta-me quem és e o que alimenta essa avidez que carregas.

Fortún fez ao canteiro um breve resumo da razão que o levava ao Mosteiro de Siresa. A partir daí, os dois homens começaram a encontrar-se frequentemente e esse simples relato da vida de Fortún estendeu-se, chegando até Loarre. Tudo isso fez com que tivesse de recordar Javierre, o pai e sobretudo Ava.

Não, Fortún não a esquecera.

Não queria dizer que não tivesse tentado, mas, por mais esforços que tivesse feito, era impossível. A única solução que encontrara fora, por isso, ignorar a

memória, fugir desses olhos quando apareciam, dessas mãos, desse cabelo ruivo, desse corpo de pecado.

Fugir, sim, como um cobarde.

Às vezes, é a única coisa que podemos fazer. O que Fortún ainda não sabia era que não se podia escapar a uma mulher assim.

Além de trabalharem juntos no mosteiro, Isidoro arrastou-o para que o ajudasse no seu projeto secreto, a escultura do bosque.

— Não vais dizer-me o que é? — indagou Fortún novamente, já não se lembrava de quantas vezes lhe fizera a pergunta.

— Não.

— Porquê? Diz-me, porque algo quererá dizer esta tua obra.

— É uma oferenda.

— Oferenda? Santa Maria! É muito estranha, essas figuras... A sério que não entendo o que pretendes com isto. E o que pensas fazer com ela?

— Por isso preciso de ti, dá-me uma mão com isto e irei contigo a esse castelo.

— Sabe-se lá quando posso voltar a Loarre.

— Não importa, eu espero, mas ajuda-me.

— O que queres que faça?

— Quero colocá-la ali, no telhado — disse Isidoro, apontando para o topo do templo do mosteiro.

— Estas a gozar comigo, não é verdade? Não, não é. Santo Deus! Queres subir a escultura ali para cima? Não te vão deixar!

— Por isso preciso de ti: diremos que vais consertar as goteiras do telhado, constróis uma dessas gruas de que me falaste, das que utilizavam em Loarre, e

na última noite de obras, subimos a escultura sem nos verem. No dia seguinte, tiramos a tua máquina e ninguém saberá que está ali.

— Falas a sério, não posso acreditar — resfolegou Fortún —, terás de me dar uma boa razão para me convenceres.

— É uma promessa que fiz há muito tempo, os meus pais estão enterrados na nave central do templo. Morreram de doença terrível que os devorou por dentro, sangravam pela boca, pelos ouvidos, pelo nariz, como se um animal lhes devorasse as entranhas.

— Meu Deus! Lamento muito.

— Os monges disseram-me que era uma doença do demónio, que não se podia fazer nada, que era melhor morrerem o mais cedo possível, pois deixavam de sofrer.

— Às vezes, a morte é uma libertação.

— Sim, mas eles não morriam, passavam os dias a sofrer, entre dores terríveis, espasmos e gritos, era horrível. Por isso... por isso fiz o que devia.
— Isidoro olhou para o céu. — Acabei com o seu sofrimento — confessou, entre lágrimas.

— Isidoro — Fortún agarrou-o pelos ombros —, não te atormentes, fizeste o que devias.

— Espero que Deus não me castigue por isso. Esta escultura é uma lembrança deles, para que Deus os receba.

— Entendo, mas porquê esta talha tão arcaica?

— É a forma que tinham quando morreram, a doença esbateu a sua humanidade, eram uma massa de carne, pouco mais.

— Agora sim, podes contar comigo.

— Ficar-te-ei eternamente grato.

Tal como planeara, foi Isidoro a interceder ante os religiosos para permitir a construção da grua com a desculpa de arranjar as goteiras do templo. Fortún ia

finalmente pôr em prática os conhecimentos. Desenhou os planos nuns pergaminhos desgastados e, com eles, organizou os trabalhos, para os quais

contava com um par de moços que Isidoro conseguira reunir. Entre os quatro, começaram a construir o mecanismo, não sem as dúvidas e o ceticismo das gentes do local. A grua idealizada por Fortún levantava inúmeras dificuldades construtivas, e isso fez com que o seu desenvolvimento levasse semanas. Uma vez terminada, muitos não se atreviam a aproximar-se dela, dado que a altura e os contrapesos a tornavam perigosa.

Fortún começou a trabalhar nas goteiras e, pouco a pouco, os religiosos e os restantes trabalhadores compreenderam a magnitude daquela máquina, e as suspeitas deram lugar aos elogios. Trabalhou a bom ritmo e o telhado ficou reparado antes do estipulado, o que lhes permitiu levarem a cabo o plano. Na noite antes de desarmarem a grua, transportaram a pesada estátua até ao aparelho e, no maior dos sigilos, elevaram-na até ao braço norte do transepto, junto à linha da fachada. Aí colocada, Fortún observou-a à luz da Lua. A obra mostrava duas pessoas ajoelhadas frente a frente, abraçadas pela cintura e olhando cada uma delas por cima do ombro da outra. Mas as cabeças encontravam-se centradas uma sobre a outra, dando a estranha sensação de estarem voltadas num ângulo de noventa graus.

O canteiro ajoelhou-se diante delas e orou em silêncio. Fortún imitou-o.

Ao mesmo tempo que começavam os trabalhos para desmontar a grua, souberam da chegada de um nobre a Siresa. Ao ouvir o seu nome, Fortún entendeu que o seu momento chegara.

Esperou que fosse recebido e rezasse na igreja em ruínas, para o abordar depois de terminar.

— Meu senhor — disse Fortún, chamando a sua atenção.

Antes que pudesse dizer mais uma palavra, um homem precipitou-se sobre ele e encostou-lhe a lâmina de uma faca ao pescoço.

— Quem és tu? — perguntou o nobre.

— Fortún, mestre de obras.

— Um construtor? Não vos conheço — afirmou o homem com desconfiança.

— Estive muito tempo do outro lado dos Pirenéus, mas trabalhei em Loarre quando era novo.

— No castelo... Santo Deus! Em que má hora começámos aquela loucura —

suspirou. — Solta-o.

O servo obedeceu e ficou frente a Fortún. Era um homem de rasgos abruptos, com cota de malha e uma espada pendurada à cintura. Seria, sem dúvida, o escudeiro de Lope de Ferrech.

— Quero falar-vos de Loarre — anunciou Fortún, num tom de voz determinado.

— Não me digas, e o que perdeste naquelas ruínas? Ali, só há um esqueleto de pedra.

— Que posso ressuscitar.

— Como? — O nobre tossiu. — De que diabos estás a falar?

— De terminar o castelo, de completar a obra do lombardo.

— Santo Deus! Pareces são, mas vejo que estás doente. Não havia ninguém capaz de fazer tal coisa há dez anos, quanto mais agora que é só uma ruína!

— Fá-lo-ei eu — afirmou Fortún, para surpresa do nobre.

— Falas-me em reconstruir Loarre, precisamente aqui. Já reparaste bem neste templo?

— Como é evidente.

— Até as veneradas pedras de San Juan de la Peña são, por assim dizer, juvenzinhas, comparadas com estas — advertiu Lope de Ferrech, apontando

para os muros e para a abóbada. — Este é o vestígio de uma época passada, há quase duzentos anos, estas terras eram governadas por um conde carolíngio que conseguiu estabelecer-se quando os infiéis estavam no máximo esplendor.

— E agora está em ruínas.

— Tudo tem a sua vida e a sua morte, até um mosteiro como este. Verás, reconheço que tenho pensado muito em Loarre, ninguém lamentou a morte do lombardo mais do que eu... Sou o tenente, oxalá fosse outra a realidade e a fortaleza fosse um bastião inexpugnável ante o infiel, mas nada está mais longe da realidade. E retomar a sua construção... basicamente, não vejo que seja possível. Muito menos numas mãos inexperientes como as tuas.

— Trabalhei com os lombardos em França.

— E? O que me garante isso? Não, não chega. Ninguém te conhece, o rei nunca te adjudicará a obra.

— Não tem de o fazer, ainda sois o tenente.

— Tenente de um castelo abandonado, em ruínas e rodeado de fortalezas sarracenas. Em que má hora nos ocorreu construí-lo! Tínhamos o apoio do rei Sancho, mas agora Ramiro quase não tem recursos, não podemos financiar uma obra assim.

— E Marcuello?

— Foi atacado, outro desastre. É isso que acontece por não unirmos forças, se tivéssemos construído só um, talvez o tivéssemos terminado a tempo. Agora, estão a reconstruir Marcuello, mas andam lentos, falta-lhes...

— Um mestre de obras como eu, isso dá-nos vantagem em Loarre. Meu senhor, a parte mais cara da fortificação está feita. Conheço-a bem, sei o que é preciso fazer e não necessito de tantos meios.

— Já disse que não!

— Tendes medo.

— Como te atreves? — O nobre levou a mão ao punho da espada. — Não permitirei que alguém da tua índole me insulte, ajoelha-te, velhaco!

— Perdoai-me se vos ofendi, consome-me a ânsia, a vontade de vos dar uma fortaleza. O que pretendo dizer-vos é que Loarre não é uma oportunidade perdida, posso terminá-lo. Imaginai o que pensaria o rei de vós se conseguíssemos fazê-lo, decerto que de bom grado vos recompensaria.

O escudeiro levou de novo a mão à faca e avançou para Fortún.

— Quietos! — ordenou-lhe o tenente, erguendo o braço. — Não és capaz de fechar essa maldita boca? Queres que te arranque a vida aqui mesmo?

— Não, o que quero é construir um castelo para vós e para Ramiro, filho do rei Sancho.

Lope de Ferrech ficou em silêncio e assobiou. O bravo escudeiro deu um par de passos na direção dele e aproximou o ouvido para que o seu senhor lhe sussurrasse algo. Depois, o vassalo desapareceu de novo.

— Fortún, disseste que é esse o teu nome, muito bem, ouve: Deus não fez todos os homens iguais. Soube dar a cada um uma função, para que uns trabalhassem a terra, outros orassem em sua honra e os últimos defendessem os restantes dos inimigos. E no topo só pode haver um, o rei.

— Eu sei, meu senhor.

— Bem, e se sabes tanto, quem pode ser coroado?

— Um nobre que seja entronizado pelo papa ou o filho de um rei.

— Exato. — Lope endireitou bem as costas e ergueu o olhar. — Não entendo de construções, mas sim de homens, uma vez que foram muitos os que tentaram enganar a minha família. E vejo nos teus olhos uma paixão desmedida. Tem cuidado, pois pode ser a tua força ou a tua condenação.

— Sei controlá-la.

— Não, não sabes, acabo de o ver. Já tirei vidas por menos. Conheci outros como tu, com a tua determinação, paixão e arrogância. E todos acabaram sob o gume de uma espada.

— Garanto-vos que nenhum deles era como eu. — As suas feições pouco tinham que ver com o imberbe rapaz da juventude, agora era um homem de aspeto duro, forjado pelos lombardos durante a aprendizagem, ganhara peso e força, e isso dava às suas palavras maior poder de convicção.

— Dá-me uma razão, ao menos uma, e apoiar-te-ei.

— Estive quase dez anos no reino de França. Sabeis qual é a expressão que os francos utilizam para se referirem aos sonhos impossíveis? As metas inalcançáveis?

— Não, não sei.

— Fazer castelos na Hispânia.

— Porque dizem tal coisa? Não entendo — indagou Lope, contrariado.

— Muito simples, porque acreditam que é inútil, que qualquer castelo que se inicie do outro lado dos Pirenéus é tomado pelos sarracenos, ou então os nossos reinos abandonam-no antes de estar concluído ou por mil outras razões. Para os francos, é inútil construir um castelo nas nossas terras. — Fortún olhou fixamente para o tenente. — Meu senhor, dai-me a oportunidade de corrigir o seu erro. Finalizemos a construção de Loarre e, a partir daí, conquistaremos a Terra Chã.

— Mais devagar, tudo isso que dizes está muito bem. Nem imaginas as noites que perdi a pensar nisso.

— Pois deixai de perder tempo e dai o passo. As coisas não se sonham, fazem-se com que aconteçam.

— Não entendes, como pretendes que voltemos a Loarre?

— Entendo, se sois incapaz de os cumprir, deixai que seja eu a tornar os vossos sonhos realidade.

— Maldito sejas! — exclamou Lope, dando um passo em frente de punhos cerrados. — Mais te vale, porque vou nomear-te mestre de obras de Loarre.
—

Um prolongado silêncio seguiu-se àquelas palavras. — Não pensas dizer nada?

— Sim. — Fortún mal conseguia falar. — Não vos arrependereis, juro.

— Assim espero, para teu bem — advertiu o tenente com firmeza. — Mas será sob as minhas condições, não irás sozinho, procurarei alguém da minha confiança para que te acompanhe e ajude.

— Parece-me adequado.

— Não confio em ti. Olha para este mosteiro onde nos encontramos, foi construído junto à calçada romana que atravessa o porto de Palo. Esse tempo passou e agora chega um novo, através do caminho que leva a Santiago e do qual Aragão pode ser a porta.

— Pelo que devemos aproveitar-nos disso.

— Sim, mas abraçar novas ideias, sobretudo se enviadas de Roma, não está isento de perigos. O santo padre, por intermédio de Cluny, quer expandir o seu controlo por todos os reinos cristãos. Devemos, por isso, ter muito cuidado, as coisas não são assim tão simples. És apenas um construtor, não entendes os perigos das palavras. — Lope de Ferrech suspirou e olhou para o céu, que se deixava entrever por entre as falhas da abóbada da nave central. — Vai a Loarre e constrói um castelo digno de um rei. Agora devo partir. Vim cá para pôr a minha alma em paz com Deus.

— Vós? Porquê?

— Às vezes, temos de realizar atos que nos repugnam, mas que não deixam por isso de ser inevitáveis. Fortún, somos apenas homens, vivemos e

morremos.

— Quando chegar esse momento, seremos julgados pelos nossos atos —

recordou ele.

— Sim, mas até lá, eu não sou padre nem monge. Os meus votos não são com eles, mas sim pelo meu rei.

— Rei?

— Mais vale que saibas por mim do que por qualquer outro: Gonçalo, o filho mais novo do rei Sancho, o Maior, morreu.

— Às mãos de quem?

— Isso não importa.

— Como podeis dizer tal coisa? Era um infante cristão!

— E terá uma sepultura cristã, não duvides disso — e virou-se. — Também tu serás julgado, mas não só por Deus, advirto-te. Maldito construtor! Espero que

este rasgo de loucura não seja a minha perdição.

Capítulo Tinta e Três

LOARRE. OUTUBRO DO ANO 1046

Os dois homens subiam a escarpada vertente da montanha, fustigados por um intenso vento de oeste. Protegidos dele por garnachas escuras e com os capuzes ensopados, tentavam proteger-se do ataque daquele desalentador ar que os castigava sem descanso desde que haviam partido do vale do Garona. Cada passo custava mais do que o anterior, e o firmamento enegrecia. Sabiam que, se a chuva os apanhasse, lamentariam ter iniciado aquela viagem.

Continuaram a subir até chegarem a um novo cume, e foi então que o horizonte mudou. As montanhas ficavam já só atrás deles. À frente, uma bela paisagem, fértil e plana. Era, porém, outro o seu destino. O primeiro ergueu o braço, apontando para oriente. Ao longe, erguidas sobre uns penhascos, avistavam-se as ruínas de uma fortaleza de aspeto decadente e tenebroso.

— Está arruinada — comentou Isidoro. — Mas nada que não se possa resolver, embora muito tenha mudado. O rei que a mandou construir morreu e os filhos comportam-se como abutres, dando voltas sobre os seus despojos.

— Isidoro! Cuidado com as palavras — advertiu Fortún, aborrecido. — A herança foi complexa. Garcia foi nomeado rei em Pamplona; Fernando, segundo filho de Sancho, já não é só conde de Castela, acaba também de vencer o rei de Leão e de aí ser ungido rei.

— Os reinos são forjados sobre sangue, sempre assim foi e sempre assim será.

— E ainda sobra o mais pequeno, Gonçalo. Demasiado jovem para exercer a autoridade nos condados de Ribagorça e de Sobrarbe, pelo que viveu afastado das suas posses até à sua morte prematura.

— Da qual nada está claro... E não te esqueças de Ramiro...

— Como havia de o fazer? O filho mais velho do falecido rei, e o único fora do casamento. Ouvi dizer que conseguiu firmar o poder no seu condado, governando-o com total independência, apesar de dever vassalagem ao irmão, o rei de Pamplona. E surpreendeu toda a gente ao proclamar-se rei de um novo

reino: Aragão.

» E esse castelo que vês pertence-lhe.

Loarre estava abandonado há mais de uma década.

Para aí se dirigiram Fortún e Isidoro. Aos seus pés, havia uma ermida em ruínas e meia dúzia de casotas, só de uma delas saía um fio branco. Lá no alto, uma estrutura defensiva de enorme envergadura, ainda que abandonada à sorte e aos abutres que a habitavam. Via-se que os alicerces eram sólidos e os muros consistentes. Uma poderosa torre sobressaía do conjunto e eram visíveis pelo menos mais três, algumas derruídas ou truncadas.

Não se alteraram ao deparar com a rua principal enlameada. Encontraram apenas olhares de desconfiança vindos das poucas casas que pareciam continuar a ser habitadas. Passaram frente às ruínas da antiga igreja, inalteradas, e, ao chegarem à sala de reuniões, descobriram um edifício abandonado pela desídia.

Subiram o íngreme acesso ao recinto do castelo, entrando pela estreita porta formada por um arco lombardo. Uma vez lá dentro, viram as ervas daninhas que tinham crescido avaramente pelo pátio de armas, inundando todo o espaço.

Apareciam por entre as juntas dos silharejos, as gretas dos alicerces e até nos andaimes das torres. Um caminho limpo conduzia, porém, à igreja castrense. Era fácil adivinhar que continuava a ser utilizada.

Dirigiram-se a ela e abriram a porta. O telhado de madeira tinha uma ou outra goteira, mas o efeito luminoso continuava a ser magnífico, o homem que construía aquele templo era um excelente construtor.

— Posso ajudar-vos? — perguntou uma voz atrás deles.

O olhar encovado do padre de Loarre desenhou-se na penumbra do templo. Deu um par de passos na direção dos visitantes e deixou ver a sua figura fantasmal.

Estava esquelético, com os olhos inchados e uma longa barba que o aproximava mais de um eremita do que do sacerdote de uma aldeia cristã.

— Quem sois? — insistiu.

— Viajantes — respondeu Fortún, que continuava escondido atrás do capuz.

— Mentira, Loarre não é destino nem passagem de nenhum viajante. Só de propósito se chega até aqui, e quem quereria vir a um cemitério de pedra como este?

— Vós viveis aqui.

— É essa a penitência que tenho de pagar.

— Tão terrível foi o vosso pecado? — perguntou Isidoro, que tinha o rosto descoberto.

— Não, tão grande é a minha culpa. Não pensas destapar-te? — questionou, após tossir várias vezes.

— Tudo a seu tempo, sacerdote.

— Não é prudente vir à casa de Deus escondido dessa forma, qualquer pessoa pensaria que sois bandido ou criminoso.

— Acho que Ele sabe muito bem quem sou, não vos parece?

— E eu também. Conheço-te, embora tenhas mudado — o religioso contornou-os —, és Fortún, o filho do carpinteiro.

— Continuais a ser difícil de enganar — disse este, descobrindo o rosto —, como soubestes? Há anos que não me vedes.

— Nunca esqueço uns olhos, são o reflexo da nossa alma. Os homens perdem o cabelo, a pele fica enrugada, envelhecemos, mas os olhos são imunes à passagem do tempo, tal como a alma. Cresceste, o rapaz imberbe e tímido ficou para trás, agora pareces todo um homem.

— Vejo que não partistes de Loarre.

— É claro que não — murmurou o religioso.

— Quase todos o fizeram.

— Isso não me diz respeito, embora soubesse que voltarias.

— A sério? Além de padre, sois adivinho? — Sorriu ao companheiro. —
Porque

nem eu estava convencido disso.

— Não, não posso ver o futuro. E sim, sempre soubeste que regressarias.

A resposta surpreendeu Fortún, ciente de que devia ter cuidado com aquele homem.

— Vim enviado pelo rei Ramiro.

— Rei? Muito obstinado me parece.

— É filho de rei e possui três condados, tem todo o direito a proclamar-se como tal, se assim o desejar.

— E porque te mandou o novo rei a este lugar maldito?

— Sacerdote — Fortún olhou-o fixamente —, o tenente, Lope de Ferrech, quer que retomemos a construção desta fortaleza.

— Estás louco! — exclamou o sacerdote, indignado e levantando a voz, para depois dar vários passos em direção ao altar. — Que fortaleza? Aqui só há um monte de pedras. A fortaleza perdeu-se, o que dizes não faz sentido, por mais que te envie Ramiro, filho do rei Sancho.

— Encarregou-me de ser o mestre de obras.

— Queres dizer-me que és tu quem vai finalizar o castelo que matou o teu pai, tens a certeza de que queres cometer um equívoco desses?

— O meu pai foi traído e juro-vos que encontrarei o culpado. Mas isso é outro assunto, agora estamos aqui para concluir a fortificação mais importante do reino

— respondeu Fortún com firmeza. — Para isso, acompanha-me Isidoro de Ansó, mestre canteiro, o melhor dos Pirenéus. Viajei muito, sacerdote, vi igrejas, cidadelas e palácios. Vi como trabalham a pedra do outro lado das montanhas, por isso sei como finalizar o que o lombardo deixou incompleto.

— É muito o que queres abarcar, Fortún, crescestes, mas tanto? Não sei...

— Não vos confunda a minha juventude.

— Não é isso que me preocupa, mas sim a tua ambição. Agora, julgas-te capaz de tudo, só os anos nos demonstram as limitações de cada um. E tu ainda não as conheces.

— Ou não as tenho?

— Bem se vê que se te soltou a língua, onde quer que tenhas estado, não perdeste tempo. — O rosto frio e áspero do sacerdote não se alterava um milímetro. — Porque confia o filho de um carpinteiro nesse rei recém-proclamado? O que te faz pensar que é melhor do que os meios-irmãos?

— Não sei se conheceis o sistema de tenências criado pelo falecido monarca, Sancho, o Maior.

— Sou só um servo de Deus.

— Bem, o antigo rei, de acordo com os seus barões e nobres, instaurou que os castelos seriam sempre propriedade real e que outorgaria tenências nunca vitalícias dos mesmos — explicou Fortún detalhadamente. — Que podia alterar a seu gosto, ou até conceder a um grande senhor a honra de mais de um castelo.

— Não é assim que acontece noutros reinos.

— Só em Pamplona e Aragão. Em Castela e Barcelona, os castelos são propriedade dos nobres — interveio Isidoro —, e também do outro lado dos Pirenéus.

— O rei Ramiro dispõe de seis dessas honras — prosseguiu Fortún: — Agüero, Cacabiello, Ruesta, Sos, Uncastillo, Boltaña e Loarre.

— Acompanho-vos, embora não entenda de que forma é que isso afeta Loarre.

— Ramiro necessita que este castelo seja concluído, é vital para o novo reino.

— E Marcuello? Porque imagino que te recordes de que está aqui ao lado.

— Não foi reconhecido como uma das honras. Além do mais, em que estado se encontra?

— Pois imagina, não teve melhor sorte. Mas o seu senhor não ficará de braços

cruzados se retomares as obras de Loarre, isso te garanto. — O sacerdote suspirou. — Quer dizer então que estas ruínas inacabadas são uma das seis honras do novo reino. Pois espero que o resto esteja um pouco melhor, não te parece?

— Zombais — saltou Isidoro, contrariado pela personalidade do religioso —, como vos atreveis?

— Não sejas tão impulsivo, o que quero dizer é que não devem apenas terminar a obra. Grande parte dela deteriorou-se, têm de a voltar a levantar, julgais-vos capazes de tão grande façanha, rapazes?

— Já não sou criança — esclareceu Fortún, com voz forte que demonstrava que os anos haviam transformado o seu corpo —, e claro que o faremos. E mais, aproveitaremos para a ampliar e melhorar.

— O lombardo era sábio, tinha muitas obras atrás de si. E tu, diz-me, o que construístes? Ao menos o teu pai...

— Cuidado, sacerdote, mudei em muitos aspetos — disse Fortún, num invulgar tom ameaçador.

— Não basta mudar, todos o fazemos. Mudar não implica melhorar, se queres convencer-me da tua capacidade, diz-me que aprendeste, que viajaste, que conhecestes homens e mundo — murmurou o sacerdote —, mas não que mudaste. Isso não me serve de nada.

— Deixarei que o vejais com os vossos olhos. — Fez-se silêncio. — Também quero perguntar-vos por outro assunto. Quem mais resta ainda em Loarre?

— De quando vivias aqui, ninguém. Partiram todos com o tempo. Não havia mestre de obras, nem quem o pudesse substituir. O rei deixou de enviar recursos e os muçulmanos atacaram duas vezes. A primeira foi só uma escaramuça com alguns camponeses no bosque. Mas a segunda alcançou as muralhas, apreendendo muitos reféns, que depois venderam como escravos no mercado de Barbatur. — Baixou o olhar, com pesar. — Vá-se lá saber o que terá sido feito de todos esses bons cristãos, alguns eram apenas crianças.

— O povo partiu — disse Fortún, num tom de reprovação.

— Por alguma estranha razão, os homens acham que morrer é pouco gratificante. Por isso, sim, fugiram como ratos.

— Sacerdote, é este o momento para retomar o castelo. Ramiro chegou a um novo acordo com o rei de Saraqusta e este não nos atacará, podeis estar certo disso.

— Uma trégua.

— Exato, sem obrigações. Podemos reconstruir Loarre e sei que podeis ajudar-me.

— Rezar é a melhor ajuda que um homem pode ter.

— Lamento, padre, mas não me refiro a isso — afirmou Fortún solenemente. —

Escutai, sei que sois um defensor da nossa liturgia.

— Porque puxas agora desse tema? — O sacerdote não pareceu alterar-se.
— O

que sabes tu disso?

— Escutai, também acredito na nossa liturgia, no nosso rito. — Fortún não obteve reação, nem sequer um pestanejar, por parte do religioso. — Por isso sabereis que Roma mandou novos enviados a todos os reinos a sul dos Pirenéus com o objetivo de introduzir o rito romano.

— Isso não é novidade. Não conseguirá fazer nada.

— O papa é poderoso, não me parece que aceite uma recusa e se dê por vencido.

Além disso, há um novo legado papal, e garanto-vos que tem ordens muito claras. — Pela primeira vez, Fortún pareceu hesitar, e o sacerdote viu-o na sua expressão corporal. — Proponho-vos uma aliança.

— Uma aliança? Com que objetivo?

— Servir a Deus, claro — respondeu Fortún, sorrindo.

— Não brinques comigo, podes ter crescido — disse o sacerdote, levantando o dedo indicador —, mas não o suficiente para me enganares.

— Nem o pretendo, garanto-vos. Quero um acordo que nos ajude a ambos e que

contribua, em suma, para melhorar a nossa igreja.

— Estou a ouvir, com cautela e muita desconfiança, jovem Fortún.

— Voltei para completar o que o lombardo e o meu pai não puderam terminar porque alguém os sabotou. Loarre é mais do que um castelo, é o castelo, aquele que deve defender um novo reino, que nos permitirá tomar as ricas terras do Sul que há séculos nos foram arrebatadas pelos infiéis, aquele que devolverá a fé a milhares de almas.

— Não tentes impressionar-me, vai direto ao assunto.

— O rei Ramiro precisa que seja reconstruído, mais colossal e mais forte do que o que o lombardo tinha em mente.

— E como pensas fazê-lo?

— Isidoro. — Fez um gesto e o acompanhante aproximou-se deles com uma volumosa bolsa de couro nas mãos. Depositou-a sobre o altar da igreja e Fortún revelou o que ocultava. — Com isto.

— O livro do lombardo. — Ao passar a mão pela capa e abrindo o livro, hesitante, o sacerdote mostrou a primeira debilidade. — Aprendeste a lê-lo?

— É possível. — Pegou no livro e abriu-o pelo fim. — Livro décimo. Em Éfeso, grande e bela cidade da Grécia, dizem que existe uma antiga lei, dura na verdade, mas nada injusta...

O sacerdote voltou a pegar no livro e confirmou as palavras escritas em latim sobre o papel.

— Quem te ensinou? Os lombardos... Claro, quer dizer que os encontraste.

— Foi a única coisa que o meu pai me pediu.

— Juan era um dos homens mais trabalhadores e seguros de si que conheci.

— Eu sei.

— Não és parecido com ele, tu és obscuro e ele era transparente. Trabalhava com

satisfação e alegria, e tu moves-te entre sombras e segredos.

— Não vim falar do meu pai — concluiu Fortún, com uma segurança invulgar

—, mas sim das vossas relíquias.

O tempo parou dentro da igreja castrense, o ar tornou-se pesado e, ao respirá-lo, sentia-se um incômodo nos pulmões. Um cheiro desagradável, como que putrefacto, percorreu a pequena e única nave do templo, por onde a luz da tarde penetrava através da janela que rasgava a abside, enchendo de misticismo a casa de Deus. A figura do sacerdote tornou-se mais imponente, a sua silhueta destacava-se entre a ténue luz como se fosse uma aparição celestial e as palavras ressaltaram nos frios muros, transformando-se num imenso eco que martelou nos ouvidos do clérigo.

— Quem te falou nas relíquias?

— Ninguém, eu mesmo vos vi quando era pequeno, a desenterrá-las com Eneca na velha igreja.

— Esse assunto não te diz respeito, é religioso.

— Em tempos como estes, a espada e a cruz lutam juntas, por isso dissei-me de quem são essas relíquias. Devem ser importantes, se ficastes aqui por elas.

— São Demétrio, sabes quem era esse mártir? Um soldado romano, tal como o que escreveu o livro. Um soldado romano nascido na mesma Grécia sobre a qual leste nesse parágrafo. Um soldado romano que alcançou um alto cargo no exército e continuou a ser cristão. Por proclamar o Evangelho entre outros soldados, foi feito prisioneiro e levado ante o imperador Maximiano, diante do qual não hesitou em proclamar a sua fé. Foi condenado à morte e executado no dia vinte e seis de outubro do ano trezentos e seis depois da chegada de Nosso Senhor. Os seus atributos são a espada, a lança, as flechas e o escudo.

— Era um soldado de Deus, o protetor contra os assaltos armados. É um sinal!

— exclamou Fortún.

— Isso é mais próprio de pagãos, seria mais correto dizer a Providência.

— E as suas relíquias estavam escondidas neste lugar afastado, na fronteira entre a fé e o Crescente. É curioso, não é verdade?

— Segundo dizem, nestas montanhas, dois clérigos francos atravessaram os Pirenéus, acompanhados de uma azémola carregada com a arqueta das relíquias de São Demétrio. Ao chegarem a Jaca, todos os sinos das igrejas começaram a repicar misteriosamente. Os habitantes, desejosos de que o tesouro ficasse em Jaca, e perante a recusa dos clérigos, decidiram arrancar os olhos à mula, depois de acordarem que as relíquias ficariam definitivamente no local onde o animal parasse.

— E o que aconteceu?

— Pois que desatou a andar apesar da cegueira. Caminhou e caminhou, atravessando vários vales, até cair morta frente a este lugar. Os monges francos, fiéis ao prometido em Jaca, depositaram a arqueta-relicário numa ermida, que construíram no local onde o animal tinha caído.

— Deveis ajudar-me na minha missão, sacerdote — afirmou Fortún, que via as coisas com mais clareza.

— Ainda não sei o que queres de mim.

— Que torneis pública a descoberta das relíquias — respondeu com prontidão

—, que as mostreis nesta igreja e que mobilizeis todos os cristãos deste reino para que nos ajudem a terminar a fortaleza.

— Só isso? Acho que não tens consciência do perigo que representa possuir relíquias tão poderosas como as de um santo mártir num lugar como Loarre. Até agora, os sarracenos só não nos atacavam porque nos consideravam insignificantes. Se souberem que possuímos as relíquias, não duvides de que arrasarão Loarre.

— Que venham, esperá-los-emos atrás dos muros do castelo. E a propósito, porque não trasladastes os restos para um local mais seguro?

— Não era possível — respondeu o sacerdote.

— Por que motivo? — perguntou Fortún, desafiador.

— Chegado a este ponto, suponho que é melhor contar-te tudo. Não há dúvidas de que mudaste, talvez seja Deus quem te envia, não sei, mas dir-te-ei o que sei.

O que o papa deseja com a instauração do rito romano é aumentar a sua autoridade nos nossos reinos. Muitos dos meus companheiros já caíram na armadilha. Se trasladar as relíquias para outra igreja, podem cair nas mãos dos traidores de Roma.

— Também dentro da Igreja há batalhas.

— E até entre os apóstolos houve traidores, não te esqueças. Além do mais, não podemos movê-las. As relíquias foram depositadas em Loarre por desejo do santo, lembra-te de que uma mula as carregou até aqui, e é aqui que devem ficar.

— Perfeito, mais a meu favor, nada melhor do que reconstruir o castelo para as proteger. E há mais, se me ajudardes, juro por Deus, Nosso Senhor, que vos ajudarei a defender o velho rito ante as intrusões da Igreja de Roma.

— Quem diz que preciso da tua ajuda?

— Os vossos olhos — respondeu Fortún, com firmeza. — Não agora, mas chegará o momento em que precisareis — e fez uma pausa. — Escutai, sacerdote, este castelo é uma fortaleza de Deus. Se as relíquias estiverem no seu interior, tende por certo que estarão bem resguardadas, pois não permitirei que nenhum infiel pise este solo sagrado. Loarre será inexpugnável. Loarre será o castelo mais poderoso, não do nosso reino, não do Sul dos Pirenéus, mas de toda a cristandade. Não quereis ajudar-me a conseguir isso?

O sacerdote virou-se e observou uma simples cruz que pendia da parede da abside. Fechou os olhos e juntou as mãos à altura do peito, ajoelhou-se e

orou em silêncio frente ao altar onde a Bíblia repousava.

— Fortún, ajudar-te-ei em tudo o que estiver nas minhas mãos, mas não me desiludas.

— Quero perguntar-vos algo mais. Sabeis alguma coisa da Ava?

— A arqueira... Sempre foi difícil saber dela.

— Está em Loarre?

— Não, aqui só fiquei eu.

Capítulo Trinta e Quatro

LOARRE. FEVEREIRO DO ANO 1047

A notícia da próxima reconstrução do castelo correu por todos os vales, de Loarre ao Mosteiro de San Juan de la Peña e às povoações de Jaca, Hecho, Ansó, Boltaña, Biel, Uncastillo e Sangüesa. Para lá do rio Cinca, Samitier, San Victorían, Roda de Isábena, Luzás, Obarra e Benasque.

Com o final do inverno, chegaram a Loarre gentes desses locais e de muitos outros. Todos em peregrinação à igreja do interior do recinto fortificado, onde o sacerdote os recebia, mostrando as relíquias do santo mártir, e da qual saíam dispostos a trabalhar na reconstrução e ampliação do castelo.

— A fé move montanhas — comentou Fortún, que continuava sentado na muralha, a ver como se instalavam os novos povoadores de Loarre.

— Não é a fé, é o medo — contradisse-o Isidoro, a seu lado.

— O medo? Medo de quê?

— De morrer — respondeu o canteiro, sem deixar de olhar para o povoado.

—

Todos temos medo do que pode acontecer quando encontrarmos a morte e procuramos maneira de o apaziguar. Crês que esses ossos podem interceder

por nós perante Deus?

— É o que a Igreja diz.

— Sim, é o que diz — repetiu Isidoro, com fastio. — E nós acreditamos e deixamos de ter medo.

— Tens de ter cuidado com essas tuas ideias, Isidoro — admitiu Fortún. —

Podem trazer-te problemas.

— Vês? É o medo que controla tudo, que faz com que me digas isso agora.

— O

canteiro levantou-se.

— Não te preocupes. Também sei utilizar o medo, levo a vida inteira a sofrê-lo e aprendi a tirar partido dele.

— Esta gente que vem para aqui, não sei se o faz por medo ou por desespero —

sussurrou Isidoro.

— Não têm nada melhor em que acreditar. Cada um acredita no que quer ou pode, é simples. Seja como for, tu estás aqui, não estás?

— Certo, como te dizia, o medo é convincente.

Fortún sorriu.

Um gato branco passou a seu lado.

— Não pode ser!

— O que se passa, Fortún?

— Esse gato, quando era novo, havia um igual, sempre a rondar pelo castelo.

— Será o mesmo.

— Deve ter morrido de velho.

O gato bufou-lhes e saiu dali a correr.

O sacerdote gostava de rondar pelas muralhas e torres desmoronadas de Loarre.

Mesmo de noite, não era estranho ver a sua figura iluminada pela Lua sobre as ameias que recortavam o céu estrelado. A cada certo tempo, tinha tremores no indicador da mão direita, que, quando estava frio, lhe dificultavam a escrita.

Assim, não lhe restava outro remédio a não ser envolvê-lo numa tira de couro.

Mais males assolavam o seu corpo maltratado. Tinha fluxões quando o vento soprava de oeste e uma dor forte no abdómen quando tinha prisão de ventre.

Apetecia-lhe voltar a vê-lo. Nessa noite, Fortún organizou uma reunião na sala de celebrações da aldeia, ainda em ruínas, mas o único espaço capaz de albergar um número considerável de pessoas. Aí acorreram o sacerdote, o seu amigo Isidoro, o capataz dos carpinteiros, o chefe dos curtidores, vários pastores de idade avançada, dois camponeses que representavam os restantes elementos do seu ofício, os comerciantes e vários pequenos senhores dos arredores. Fortún tirou um pergaminho de uma bolsa, estava enrolado e fechado com um selo de

cera do próprio rei Ramiro I e fora Lope de Ferrech quem lho fizera chegar antes de partir para Loarre. Fortún mostrou-o, e todos o reconheceram e murmuraram ao vê-lo.

Fortún quebrou o selo e deu o pergaminho a ler ao sacerdote. Este tossiu um par de vezes e informou-os do conteúdo da missiva real. Ramiro, rei de Aragão, Sobrarbe e Ribagorça, decretava a necessidade de reconstruir o Castelo de Loarre, mandado edificar por seu pai, Sancho III, o Maior, rei de

Pamplona. E, como ele, prometia a Terra Chã que a partir dele seria conquistada aos seus repovoadores e construtores.

Não foi por ser conhecida que a notícia foi menos esperada e aplaudida. Em seguida, Fortún confirmou que Lope de Ferrech continuava a ser o tenente do castelo, que seria ele o mestre de obras e que Isidoro tinha vindo com a missão de se encarregar de toda a obra de cantaria, pois, ao contrário da construção lombarda, Fortún queria utilizar silhares, em vez de silharejos, uma mudança que alegrou os presentes, pois significava evolução. Tinham ouvido falar das catedrais e igrejas que estavam a ser construídas do outro lado dos Pirenéus, enormes comparadas com as que eles conheciam.

O sacerdote devolveu o pergaminho a Fortún, que o levou para um dos lados da sala.

— Tinhas tudo bem preparado, mas e se nos atacam? Não pensarás que ficarão de braços cruzados enquanto reconstruímos Loarre. E isso de o rei ter uma aliança com os sarracenos... Não posso acreditar que nos permitam fortificar a praça mais perigosa da fronteira, não é verdade?

— É possível.

— Ainda assim, nada disseste a esses infelizes sobre quem defenderá Loarre.

Não vejo que tenhas trazido nenhum homem de armas. Quem nos defenderá?

— Era disso mesmo que queria falar convosco, sacerdote, tenho de encontrar a Ava, tendes de saber para onde partiu.

— Ava... — O sacerdote pigarreou. — Ela não é a solução.

— E onde está? Quero falar com a Ava, não me dissestes a verdade, sabeis onde se encontra. Dizei-me!

— Nas montanhas, faz o que quer e encabeça uma quadrilha de bandidos.

Atacam as caravanas sarracenas e destroem as suas colheitas. Tornaram-se mais selvagens... Eles... adoram esses antigos e falsos deuses pagãos da natureza e das montanhas. — Fez um gesto desagradável com a boca. — Não quero saber dessa mulher, já não é cristã.

— Continua a ser a melhor arqueira — Fortún agarrou-lhe o braço, apertando-lho com força — ,preciso dela para defender o castelo.

— Não é boa ideia ires procurá-la. Arreliou-a que todos partissem, não sei como reagirá ao regresso — advertiu-o o sacerdote ao mesmo tempo que se soltava. —

Já sabes como é impulsiva, incontrolável.

— Como se pudesse esquecer — replicou Fortún com desassossego. —

Sacerdote, devo agradecer-vos por terdes mantido viva a chama deste lugar, mas preciso da vossa ajuda, entendei-o.

— A chama? As cinzas, melhor dizendo.

— Das cinzas pode voltar a acender-se o mais intenso dos fogos — salientou Fortún.

— Muito haverá que trabalhar para isso, além do mais, existem brasas que não voltam a arder e que se apagaram para sempre.

— Podem substituir-se por outras, melhores.

— Melhores? Hum, difícil.

— Mas não impossível.

— O tempo passa para todos, até para as pedras. Ou não vês como se encontra o castelo?

— Sacerdote, vim para terminar o que o meu pai e o lombardo começaram, para que este seja o castelo a partir do qual tomaremos a Terra Chã.

— Pobre louco — e soltou uma sinistra gargalhada —, sabes que Marcuello também retomou as obras? Mal soube que regressavas, o seu senhor enviou novamente homens e recursos para Marcuello, que vos leva uma grande

vantagem. Aí, dispõem de pedra, recursos, mão de obra abundante, um grande senhor como tenente... O que tendes vós?

— Fé.

O religioso não pôde ou não soube responder. Ficou em silêncio, a observar o rosto de Fortún.

— Como é possível que tenhas mudado tanto? Eras só um rapaz magro e distraído, como te converteste num homem tão seguro de si?

— Esse jovem que recordais ficou aqui, em Loarre. — Fortún dirigiu-se à porta da igreja. — Agora que sabem que temos as relíquias de um santo mártir, ninguém irá para Marcuello. Não aprendi apenas a construir.

O novo mestre de obras saiu para o recinto e olhou de novo para os muros inacabados da imensa fortaleza. Havia muito trabalho a fazer e estava desejoso de começar.

Capítulo Trinta e Cinco

VALE DO RIO GARONA. DIA DE SÃO BRÁULIO, 26 DE MARÇO DE

1048

Eneca protegia-se do frio embrulhada numa garnacha sem mangas, que lhe ficava demasiado folgada, pois era uma peça de roupa própria para homens.

Abriu o mais que pôde os pulmões ao ar fresco daqueles primeiros dias de primavera, em que a terra, ainda húmida devido ao degelo, transborda de vida.

Gostava de se embrenhar no bosque, embora não o fizesse sozinha. Ficara pesarosa com a morte do fiel Artal, mas, como se de um sinal do destino se

tratasse, nesse inverno apareceu por Loarre um comerciante com uma ninhada de mastins. Não hesitou e adquiriu o mais pequeno, que era tão novo que mal se segurava em pé sozinho. Pensou muito no nome que lhe devia pôr e, finalmente, optou por Tasio.

Eneca convertera-se já em toda uma mulher. Conhecia o bosque e as montanhas melhor do que ninguém, os sons, os sussurros e principalmente os silêncios. Era neles que podia contemplar o perigo, e isso ainda que poucos fossem capazes de o ouvir.

Tinha a capacidade de reconhecer todas as plantas, incluindo as mais estranhas.

Também progredira no dom para se entender com os animais, por muito selvagens que fossem. De facto, Eneca era conhecida na montanha e nos vales dos Pirenéus. Procuravam-na para lhe pedir unguentos e remédios para curar males e dores. As suas visões, por outro lado, tinham diminuído, eram cada vez menos frequentes.

Reclamavam a sua presença em aldeias e povoados. Era de um deles que regressava após vários meses de ausência. Fora primeiro a Lárrede e depois a Nocito para tentar curar os membros de uma família inteira que adoecera com os mesmos sintomas: diarreia e erupções na pele. Fora complexo encontrar o remédio adequado. Após várias tentativas, acertara na solução. Eneca nunca revelava os ingredientes dos unguentos e poções. Ninguém com os seus dons o fazia, pois era esse conhecimento a origem do seu poder, saber aplicar as propriedades curativas das plantas. De todas, a sua preferida era o louro, tinha uma predileção por ele e utilizava-o com frequência.

Agora, regressava à sua Loarre, umas poucas casas à sombra de um degradado castelo que nunca fora concluído e que elanguescia, abandonado à sorte. Não fora preciso que os infiéis o atacassem, os cristãos haviam-se afadigado o mais possível em fazer com que os muros caíssem.

Nas duas ocasiões em que os infiéis tinham feito incursões ali perto, em vez de se refugiarem nas ruínas do castelo, os cristãos haviam corrido para o bosque, mais seguro do que a mole de pedra derrubada.

Quando subiu a última ladeira, julgou estar a viver um sonho ou, melhor dizendo, uma visão do passado. Loarre fervilhava de gente, havia carroças, gado, crianças a correr, carpinteiros, canteiros, via-se até um incipiente mercado extramuros.

Eneca parou e tentou assimilar o que se abria diante dela.

Não hesitou em atravessar pelo meio de todos, ouviu conversas e falatórios, havia os que diziam vir de outros vales, julgou distinguir pessoas de outros reinos cristãos. Precisava de falar com o sacerdote, ele devia ter as respostas, quem mais?

Ao chegar ao templo, encontrou dois homens a tentar consertar o telhado de madeira. Tinha goteiras e, nos dias de chuva, formava-se um autêntico riacho no meio da nave. Um deles, com uma longa barba grisalha, batia com força com o martelo nos pregos que deviam prender uma nova tábu.

Um bando de andorinhões cruzou o céu, procurando refúgio na torre principal do castelo, e o barbudo distraiu-se, com tanto azar que em vez de acertar na cabeça do prego, atingiu um dedo. Não gritou, como teria sido normal, mas praguejou descontroladamente e deixou cair o martelo, rodopiando pelo telhado até ao chão. Meteu o dedo na boca e chupou com força, sem encontrar nisso alívio.

Fechou, por isso, os olhos e ficou quieto, à espera que o estrago se esvanecesse.

O sacerdote saiu da igreja, alarmado pelo barulho.

— Padre! — gritou uma voz sobejamente conhecida.

— Eneca, que alegria! — disse ele, sem deixar de olhar de soslaio para os trabalhadores. — Como estás? Correu tudo bem?

— Sim, sim, estou bem.

— Cada vez me visitas menos. Um dia virás e será demasiado tarde.

— Não digais isso. — E deu-lhe um forte abraço.

— Sim, sim. Tu fia-te e, se não vieres ver-me mais vezes...

— Porque dizeis essas coisas? — A mulher pareceu perceber algo diferente no olhar do sacerdote. — Mas o que aconteceu aqui?

— Um milagre.

— Contai-me.

— Tornei pública a existência das relíquias — confessou entre suspiros.

— Porquê? Isso põe-vos em perigo, podemos ser atacados pelos sarracenos ou o papa pode mandar emissários para as levar para outro lugar.

— Nada disso vai acontecer, pois já não estamos sozinhos.

— Quem esteve aqui? — O olhar de Eneca ensombrou-se numa escuridão tenebrosa. — Padre, dizei-me o que se passou — insistiu, num tom de evidente aborrecimento.

— Eneca, o Fortún voltou.

O sacerdote não precisou de continuar, a mulher de olhos negros entendeu de imediato. O seu rosto tornou-se mais pálido e o seu olhar clareou.

— Onde está?

Nessa manhã, a erva estava húmida, chovera. Não tanto como naquele dia de há mais de dez anos, mas, ainda assim, sempre que o céu chorava, não podia evitar recordar a fatídica data da morte do seu pai. Custara-lhe ir até ali, pensara em fazê-lo assim que chegara, mas não encontrara o ânimo nem a coragem.

Ele mesmo o sepultara junto a um nobre olmo no bosque, longe da aldeia. Ali estava a laje que colocara sobre o túmulo para que nenhum animal escavasse em busca dos restos mortais. No tronco da árvore, tinha gravado o seu nome e uma cruz.

— Pai, voltei — disse, de joelhos.

É realmente correto dizer isso?, pensou.

Para ele, sim, para ele, era o seu pai, e nada mais havia a dizer. E lembrou-se de como era, a sua certeza, a sua confiança em que a sorte sorria àqueles que a procuravam. O seu périplo para chegar a Loarre, tudo o que tinham sofrido até ter sido nomeado ajudante do lombardo. Um simples carpinteiro de uma aldeia nas profundezas das montanhas, e agora o filho ia ser o mestre de obras do castelo mais importante do jovem reino. O pai de Fortún estaria orgulhoso, sim, muito orgulhoso.

Também rezou sobre o túmulo do lombardo. Por mais estranho que parecesse, esteve mais tempo no do velho. A sepultura estava coberta de pequenas rochas, pegou numa e experimentou-lhe o peso com a mão. Deixou-a de pé sobre as restantes e observou-a com paciência.

— É só uma pedra — murmurou para consigo. — Mas as rochas também querem ser algo, todos queremos ser algo melhor na nossa vida. Melhor do que somos, melhor do que foram os que nos precederam, melhor do que fomos.

» Pergunto-me o que quererá ser uma pedra. Se eu fosse uma rocha, gostaria de estar no topo de uma montanha. Esta, por outro lado, talvez queira fazer parte de um castelo, talvez seja esse o seu sonho. Porque não?

Olhou para os penhascos que, ao longe, rodeavam aquela serra, tão perto dos Pirenéus e, ao mesmo tempo, tão escondida pelas serras e vales que a precediam.

Ouviu um ruído e virou-se com cautela, não foi um animal que encontrou, nem um bandido, nem sequer um homem. Não, aquela criatura parecia um espírito do bosque, uma das ninfas que nele vivem e o protegem. Mas não, era uma mulher, de carne e osso. Com um olhar negro e perturbador, como o de uma coruja.

— Não costuma vir ninguém ver os mortos, poucos os recordam — disse aquela criatura com voz doce.

— Eu não os esqueci — murmurou Fortún.

— O esquecimento vem sempre, é o melhor amigo do tempo.

Fortún observava-a, hipnotizado. Era difícil suster-lhe o olhar, pois aqueles olhos negros assustavam até o mais audaz.

— Juan... e o lombardo estiveram muito tempo sozinhos neste lugar — afirmou a mulher —, tinham saudades tuas.

Fortún prometera a si mesmo que não a observaria daquela forma, mas o desejo era traiçoeiro e os olhos não lhe obedeciam. Quanto mais a observava, mais queria continuar a fazê-lo. A pequenos intervalos, desviava a atenção para outro lugar, as mãos, o cabelo, o peito. Mas voltava a deslizar pelo seu olhar.

— Não me reconheces, Fortún? — perguntou ela, limpando parte da obscuridade encerrada nos olhos.

— Claro que sim, mudaste.

— Tu também. Alegra-me que já não sejas o mesmo.

— Porquê? — A sinceridade da mulher surpreendeu Fortún. — Não gostavas, porventura, de como era antes?

— Sim, mas não gostaria de verificar que te tinhas contentado com continuares a ser um rapaz. São demasiados os homens que o fazem, são crianças toda a vida.

— Ah, sim? E as mulheres, todas crescem?

— As mulheres não têm escolha, não temos tempo para esperar que vos façais homens. Temos de cuidar dos nossos filhos.

— Falas de forma diferente.

— Porque sou diferente. Antes era um noviço, agora sou Eneca.

— E como é a Eneca?

— Não podes pretender que uma mulher te diga como é, tens de descobrir sozinho, aprenderás.

A beleza de Eneca era recatada, contida. Não estava tanto no que se via, mas no que se pressentia ou intuía. Fortún quis dizer-lhe algo engenhoso, mas sabia que lhe faltava audácia para seduzir alguém como ela. Estivera com várias mulheres nas viagens pelo outro lado dos Pirenéus. Dormira e gozara com elas, mas quase sempre pagando. Eneca era diferente de todas essas mulheres, talvez demasiado.

— Continuas a ser muito calado. — Eneca baixou o olhar. — Dizem que regressaste para reconstruir o castelo.

— É verdade, assim mo ordenou o rei Ramiro.

— Quer dizer então que agora somos um reino — murmurou ela, enquanto circulava à volta de Fortún, que girava, seguindo-a. Mas eram as palavras de Eneca que o cercavam de tal modo que se sentia preso nelas. — Acho que não dizes a verdade, foi o rei ou há algo mais?

— A que te referes?

— Era mais simples continuar com Marcuello, porquê dividir as forças e voltar a erigir Loarre? A não ser que... não seja o rei o maior interessado, que não seja Ramiro quem te apoia, mas sim alguém que compete com o senhor de Marcuello, como, por exemplo, Lope de Ferrech, que continua a ser tenente de Loarre, não é verdade? É curioso como os senhores mudam, compram e vendem a nossa terra sem perguntar aos que nela vivem.

— Somos seus vassalos, não temos terra.

— Sim, disso não há dúvida. — Eneca parou e ergueu o olhar para o castelo. —

Vais precisar de ajuda se pensas reconstruí-lo.

— Toda a possível.

— A minha também?

— Isso depende, o que sabes fazer?

— Posso ver o futuro.

— Podes...? — pigarreou Fortún. — Está bem, qual é o meu? O que me reserva a vida?

— Posso vê-lo — refletiu —, mas não tenho de to contar.

— Então de que me serves? — Eneca não respondeu, ofereceu-lhe um sorriso, o primeiro que o seu rosto esboçava. Um sorriso capaz de derrubar todos os muros que rodeavam o seu coração e de assaltar qualquer das suas torres.

— Sabes? — Fortún aproximou-se dela —, pensei que não estarias aqui. Que terias partido há muito.

— Sabes? — repetiu Eneca, que acabou de percorrer os poucos passos que havia entre eles —, pensei que voltarias antes. Acreditas no destino, Fortún?

— Acredito em Deus e no meu bom discernimento para não me desviar do seu caminho — declarou ele com seriedade.

Eneca olhou para o céu, voltando depois a dirigir-lhe o olhar.

— Fortún, tens de ter cuidado, o passado volta para te buscar.

— O passado está lá atrás, não é ele que me preocupa agora. É o futuro que move a minha vida.

— Enganas-te, o passado pode correr depressa e alcançar-te. Não o subestimes, ainda que tenhas levantado muros para lhe escapar e te sintas a salvo. Há uma parte do teu passado que está aqui. Da qual não podes escapar, que deverás enfrentar, pois ela já sabe da tua chegada.

— De que estás tu a falar?

— Não confies em ninguém, pois ainda que os perigos que te ameaçam sejam conhecidos, não é por isso que deves ser menos cuidadoso.

— Não consigo entender-te...

Eneca não respondeu, mas o esgar no seu rosto retesou-se e ela soltou um suspiro carregado de censuras. Virou-se e partiu em direção ao bosque.

Fortún pensou em detê-la, em ir atrás dela. Pensou em agarrá-la antes que escapasse. Mas ficou ali de pé, sem se mexer.

No outono, o avanço das obras foi prometedor. A rocha das pedreiras do vale do rio Gallicius chegou pontualmente. Era arenito de boa qualidade, fácil de esculpir. O rei prometera os recursos que estivessem ao seu alcance para reconstruir e finalizar Loarre. Por isso, chegavam constantemente carregamentos de materiais. Tudo isso necessitava de uma organização minuciosa, que estava a cargo de Fortún.

O mestre de obras dirigia todos os trabalhos com esmero e mão dura, a forma de impor o seu critério era respeitada. Pouco a pouco, conseguiu ganhar a confiança dos mais reticentes. Reconstruiu a casa onde vivera com o pai, do qual não podia deixar de sentir saudades naqueles momentos.

Que pensaria o carpinteiro se o visse agora?, perguntava-se.

Mas, para ser sincero, era para outra pessoa que os pensamentos mais frequentemente se dirigiam. Havia manhãs em que imaginava Ava a descer a montanha, com o arco às costas e o cabelo ao vento.

Teria mudado? Continuará impetuosa, forte, viva?

Talvez nunca o soubesse, pois Ava não regressara a Loarre. Quem via com frequência era Eneca. A mulher de olhos sombrios era conhecida e respeitada por todos os habitantes de Loarre e dos outros vales. Curava, aliviava e sarava todo o tipo de males, caminhando sozinha através de montanhas e bosques.

Fortún não sabia se era temerária ou corajosa, ou as duas coisas.

O inverno foi curto e frio. As obras recomeçaram com o bom tempo. Numa das cavaliçadas da aldeia, algumas mulas pateavam, exaustas devido ao esforço de puxar uma carroça cheia de blocos de pedra. A roda bloqueara num buraco do caminho e foi precisa meia dúzia de homens para a tirar dali.

A madeira foi mais difícil de conseguir, não por falta de matéria-prima, mas pela escassez de mão de obra nas outras aldeias. As gentes tinham-se concentrado em Loarre, mas à volta os homens escasseavam. A serra despovoara-se nos últimos anos. Sem a proteção do castelo, essas terras tinham ficado demasiado expostas a razias sarracenas vindas dos castelos de Bolea e Ayerbe, bem como da cidade de

Wasqa. Além do mais, as promessas da Terra Chã não pareciam convincentes após o anterior fracasso e a concorrência de Marcuello. O rei Ramiro também não tinha a influência e o poder de convocatória do seu pai.

Era um monarca novo, com três irrisórios condados para administrar. A maioria duvidava que o seu legado se estendesse para lá da sua vida. Quando morresse, os territórios regressariam ao reino de Pamplona, ou ao de Castela, sabia-se lá.

Até o conde de Barcelona era um aspirante a ampliar a sua zona de influência pelos rios Cinca e Ésera e, porque não, até ao Gallicius e ao vale de Aragão.

Mas, apesar das dificuldades, chegaram mais forasteiros a Loarre, sobretudo camponeses vindos de terras improdutivas, desejosos de buscar fortuna a sul, ainda que à custa de arriscar a vida. Alguns eram moçárabes da taifa de Saraqusta. O seu rei, Suleimão, da dinastia dos Banu Hud, falecera recentemente. Os territórios tinham sido divididos, tendo o filho Al-Muqtadir obtido o precioso reino, bem como a Cidade Branca. Os irmãos tinham também recebido posses e não haviam admitido este como seu senhor. Isso provocara revoltas e altercações, e os moçárabes saíam sempre prejudicados desses conflitos.

O governador de Wasqa reconheceu o seu senhor e irmão. Os de Calatayud e Tudela, pelo contrário, começaram a cunhar moeda com o seu próprio

nome, intitulado-se reis. Aparentemente, o pior dos irmãos era Yusuf, que, desde Larida, disputava o controlo da antiga Marca Superior, não tendo para tal hesitado em aliar-se aos cristãos do condado de Barcelona, pagando-lhes avultados tributos.

Também chegaram a Loarre gentes desencantadas de outros territórios, um ou outro mercenário, viúvas, crianças e idosas no ocaso da vida. Entre todos, um despertou a atenção de Eneca, tratava-se de um monge de hábito castanho que se apresentou com uma mula carregada de fardos. Avançou para o centro da aldeia e chamou um dos capatazes nomeados por Fortún para a intendência.

Eneca dirigiu-se a ele, com uma cesta de vime cheia de frutos vermelhos do bosque. Baixou o olhar ao passar frente ao monge e, pelo canto do olho, observou-lhe o olhar. Em seguida, retomou o íngreme caminho em direção ao castelo, para entrar no recinto e ir à igreja. Bateu duas vezes à porta e entrou sem

delongas.

— O que se passa? — perguntou o sacerdote, alterado, pois fora interrompido enquanto rezava frente ao altar do templo. — Eneca, és tu? O que aconteceu?

— Más notícias, já está aqui.

— Tão cedo... Tens a certeza? — Levantou-se com a ajuda de Eneca. Mal acabou de dizer as palavras, a expressão no seu rosto alterou-se. — Claro que tens, devemos ser cautelosos. A paciência pode ser a nossa melhor jogada.

Capítulo Trinta e Seis

LOARRE. DEZEMBRO DO ANO 1048

O monge cluniacense chegara com entusiasmo e plena energia. E começou logo a subir o íngreme caminho de acesso ao castelo. Fazia-o lentamente, não de forma contemplativa, mas com esforço. Caminhava tão devagar que

aquelas rampas lhe pareciam intermináveis. Os trabalhadores que o observavam do alto das muralhas faziam gracejos sobre ele, até que, cansados de o fitar, regressaram à sua tarefa.

Jean detestava o ar frio daquele lugar, o cheiro a orvalho, a visão das montanhas, dos vales e da vista do horizonte sobre a Terra Chã. Repugnava-o o pó do caminho e as formigas e os insetos que encontrava. Pareciam-lhe seres desprezíveis, abominações criadas pelo demónio.

Deus não pode ter criado uma barata, sussurrou.

Para quê? Que sentido faz um ser assim?, pensou enquanto evitava pisar uma.

O mero facto de imaginar o estalar da sua casca produzia-lhe um terrível pesar.

E os pássaros? Porque têm de voar? O que lhes permite elevar-se acima dos homens? Nenhum ser devia poder subir tão alto, pensou em silêncio.

Matá-los-ia. Isso sim, agradava-lhe e gostava sobremaneira de contemplar os senhores que saíam para caçar e voltavam com as carroças a transbordar de perdizes, codornizes, raposas e javalis. Depois, comia-os com avareza, desejoso de mastigar a carne com os seus enegrecidos dentes.

No último troço do caminho, surgiu-lhe à frente um mastim. Jean paralisou, com o corpo a tremer, as pernas ficaram perras e a garganta converteu-se-lhe num nó do qual não saía nenhum som inteligível. Olhou para um lado e para o outro em busca de ajuda, mas ninguém parecia prestar-lhe atenção.

— Tasio, vem cá — Eneca apareceu a correr, vinda do interior do castelo —, não saias por aí.

— Tira essa besta do meu caminho!

— É só um cachorro.

— Isso! — exclamou, indicando o animal. — Isso é um demónio, um monstro.

— Porque dizeis uma barbaridade dessas? Não vai fazer-vos nada.

Jean perscrutou a mulher. O cabelo longo e solto caído sobre os ombros produziu nele um profundo desprezo. As roupas eram demasiado justas, assinalando o contorno da sua anca. Tal depravação deu-lhe náuseas.

— Quem és tu?

— Sou Eneca — respondeu ela, de forma natural.

— Vives na aldeia? — perguntou o monge, movendo-se nervosamente enquanto prestava atenção a cada pormenor do aspeto da mulher.

— Sim, porque perguntais? Quem sois?

— Sou Jean, enviado de Cluny para colaborar na construção do castelo. —
O

monge cluniacense não parava de a observar de forma estranha. — És casada?

— Não, não sou.

— Entendo. — E coçou a barba. — Vais à igreja?

— Claro, o sacerdote é um bom homem e sempre que posso vou rezar.

— Mas, com a tua idade, ainda não contraíste matrimónio aos olhos de Deus.

Apesar de seres uma mulher saudável. Porquê?

— Isso é algo que só a mim diz respeito.

— Estás enganada. Deus não vê com bons olhos que não te unas a um varão e, além disso, deves dar-te conta de que, mantendo-te fora do matrimónio, podes perverter a alma de outros homens que já se entregaram.

— O que insinuais? Que sou rameira?

— Isso foste tu que o disseste. Para que haja um pecado, primeiro tem de haver tentação. E diz-me, Eneca, quem é aqui a tentação?

— Já vos disse que vou à igreja.

— Uma cristã devota, isso está muito bem. Ver-nos-emos muitas vezes, então, pois vim para ajudar o vosso padre com o novo rito.

— O rito romano?

— Já é tempo de abandonardes esse rito blasfemo que usais, cheio de erros. O

papa não pode permitir que continueis com semelhante liturgia. — O monge aproximou-se mais de Eneca e, ao aspirar o seu aroma, semicerrou os olhos.

— Quereis algo mais? — Eneca deu-se conta do olhar lascivo.

— Por agora não, mas voltaremos a ver-nos. Vai com Deus, minha filha. — E

fez-lhe o sinal da cruz, movendo a mão sobre a sua cabeça.

A jovem partiu com Tasio em direção à aldeia, enquanto o sacerdote gozava ao ver os movimentos do seu traseiro.

Senhor, perdoa-me porque pequei. Sei que saberás perdoar-me, por isto e pelo que vou ter de fazer com ela, orou em voz baixa, antes de retomar o caminho para o castelo.

No centro do pátio de armas, Fortún dirigia os trabalhos, dando ordens às diferentes quadrilhas. O monge de Cluny aproximou-se com parcimónia, gravitando em torno dele como uma ave necrófaga.

— Mestre de obras, o abade de Cluny enviou-me para vos ajudar.

— Estávamos à vossa espera — disse ele, enquanto lhe dava a mão —, como podereis verificar, as obras avançam a bom ritmo.

— Eu não o vejo assim tão claro, mas são os aspetos espirituais o que mais me interessa. Cluny envia-me com uma missão concreta, a de supervisionar todos os assuntos religiosos de Loarre. É essencial. Este castelo pode ser o lugar a partir do qual se recuperará a sede episcopal de Wasqa.

— O bispado está agora noutro local.

— Sim, mas quando Wasqa for reconquistada, voltará ao sítio de onde nunca

devia ter saído. Devo controlar todos os ofícios religiosos desta zona.

— Mas já temos um sacerdote em Loarre.

— Que quero conhecer e transmitir-lhe a nossa gratidão. Mas os tempos estão a mudar e talvez tenha chegado o momento de o substituir. Já sabeis que, na guerra contra os infiéis, nunca se dá nem admite trégua, o descanso do monge e a glória mundana do soldado estão vedados, e toda a nossa vida é um sem fim de cansaços e abnegações — balbuciou o cluniacense. — Às vezes, é preciso substituir aqueles que já não podem desempenhar o ofício com suficiente esmero. Ninguém é imprescindível para Deus.

— As questões da Igreja são assunto vosso.

— Fazeis bem em ter isso claro, vou agora ver esse velho sacerdote. Depois, quero falar convosco sobre outro assunto de suma importância.

— Como quiserdes.

O monge seguiu até à igreja castrense, abriu a porta sem bater e, de joelhos frente ao altar de pedra, encontrou o padre.

— Há algo em que possa ajudar-vos? — perguntou este sem se virar.

— Que o Senhor esteja convosco, irmão! Sim, sou frei Jean, monge da Abadia de Cluny.

— Estais longe de casa.

— Toda a igreja é a casa do Senhor e, portanto, também a minha.

O sacerdote franziu o cenho.

— Entrai, o meu templo é humilde, mas digno.

— A verdade é que não é o que esperava encontrar aqui, nada o é nestas terras.

Acabo de falar com uma mulher que ainda não foi desposada, temo que acabe por perverter os homens — disse, abanando a cabeça. — Não é possível deixar que uma jovem nos tente assim.

— Nos?

— Sabeis o que quero dizer, toda a mulher deve estar casada e em sua casa, é assim que Deus quer. Seja como for, não foi por isso que vim a Loarre. Como já sabereis, Gonçalo, o filho mais novo do rei anterior, morreu, digamos... em circunstâncias pouco claras. Poder-se-ia dizer até que foi assassinado.

— Ouvi dizer que caiu do cavalo e bateu com a cabeça.

— Sim, sim... — afirmou o monge, movendo a mão à altura da cabeça —, mas sabeis como é, a gente fala, os nobres falam e o papa escuta. O santo padre está sempre atento ao que acontece nos seus domínios.

— Domínios, dizeis?

— Nos da Igreja, para ser mais preciso — esclareceu. — Aparentemente, agora estas terras são um reino cristão.

— Só pode ser rei quem for filho de rei ou coroado por Roma.

— De facto — espetou o monge, dando-lhe a razão com o indicador. — Cluny apoia o vosso novo monarca, mas um reino é difícil de criar, imaginai se qualquer pessoa pudesse fazê-lo, não é verdade?

— Ramiro é filho de rei, portanto, pode sê-lo também. — O sacerdote aumentou a firmeza no tom de voz. — Está no seu direito.

— Disso a Igreja não duvida, mas não sei o que pensarão os vossos vizinhos. O

rei de Leão, o monarca de Pamplona, até o conde de Barcelona. A formação de um reino não costuma ser vista com bons olhos, entendeis o que quero dizer —

pigarreou o monge. — Mas Cluny está do vosso lado, por isso vim até aqui.

— A Loarre?

— Cluny quer corrigir as imperfeições do clero hispânico. Se vamos apoiar o novo rei, temos de ter a certeza de que os súbditos são bons cristãos.

— Duvidais?

— Há alguns aspetos a tratar, não só aqui, mas em todos os domínios da antiga

Hispania. Este reino é um bom local para começar — murmurou o monge, endurecendo a expressão do rosto.

— Que aspetos?

— Sim, essas reminiscências de outra época que tem a vossa liturgia.

— O que estais a tentar dizer-me é que, neste reino, pretendeis que troquemos o nosso rito pelo de Roma.

— Sabia que me entenderíeis. Basta ver-vos para perceber que sois um sacerdote inteligente.

— Nem pensar que farei tal coisa — pigarreou o padre —, achais o quê?

Enquanto eu for o sacerdote de Loarre, seguir-se-á o rito da Igreja de Toledo.

Não queremos aqui nada de Roma.

— Lamento ouvir isso.

— Não é a primeira vez que Roma tenta imiscuir-se nos assuntos da nossa Igreja

— advertiu-o.

— Vossa? A Igreja é de Deus.

— Exato, não do papa de Roma.

— E o que é o santo padre senão o seu máximo representante na Terra? Aquele que tem as chaves de São Pedro.

— Não é Deus — a resposta desfigurou o rosto do monge —, não é um rei que nos governe como se fôssemos seus súbditos.

— Mal, muito mal. Escolheste o caminho da negação, aquele que só conduz à dor e ao sofrimento — reclinou-o o frade com parcimónia.

— Enganais-vos — respondeu o sacerdote, dando um passo em frente —, o meu caminho não é outro senão o de O servir.

— Andamos há muito tempo a tentar corrigir os nossos erros, mas mais certo é que esta vez será a definitiva — disse o monge, dirigindo-se à porta.

— Este

templo é tão arcaico como a vossa liturgia, devem ser substituídos, e sê-lo-ão, garanto-vos.

O sacerdote deu a volta ao altar e apareceu do outro lado com a clava na mão.

— Só vou dizê-lo uma vez: fora da minha igreja.

— Perdestes a razão! Sou um enviado de Cluny — advertiu-o o frade, e a sua voz retumbou entre os muros do templo lombardo.

— Por mim, nem que o fôsseis do próprio papa. Não alteraremos o nosso rito.

— Isso é o que vamos ver.

Capítulo Trinta e Sete

LOARRE. PRIMAVERA DO ANO 1049

Nessa manhã fria, Fortún levantou-se cedo, queria ir novamente ver os seus mortos antes de dar início à jornada de trabalho. Dirigiu-se à sepultura do pai e sentou-se diante dela. Daí, via-se a parte mais alta da torre principal do castelo e esteve muito tempo a contemplá-la, sem pensar nem dizer nada. O silêncio daquele túmulo transmitia-lhe um agradável sossego, pensou que era sintoma de que a alma do pai devia estar em paz, e isso fazia-o feliz.

Mas não fora ali para procurar essa calma, e sim conselhos, como se Juan ainda pudesse dar-lhos.

É ela, pai, sussurrou, tem de ser ela. Suspirou. Tentou imaginar na sua mente o que poderia o pai dizer-lhe, mas as palavras que procurava não chegaram a fazer-se ouvir.

Regressou a Loarre.

Isidoro dirigia os trabalhos de escultura com uma disciplina que muitos reis gostariam de ter para os seus exércitos. Não parava de receber elogios pelas suas capacidades, até o cluniacense soubera ver esse detalhe pouco depois de chegar.

— É louvável o vosso trabalho — comentou Jean, que rondava como um abutre em torno da sua refeição.

— Obrigado, faço o que posso.

— Fazeis mais do que isso, vós, Isidoro de Ansó, sois o coração destas obras, sem o vosso proceder, estes muros continuariam uma ruína. — O

cluniacense deu um par de passos em seu redor. — Creio sinceramente que Deus vos reserva um papel importante nos seus intentos.

— Estamos a construir um castelo, com certeza que Ele nos ajuda.

— Sem dúvida, mas estimo que os seus projetos para vós são de um nível mais elevado. Ainda que, claro... as grandes metas exigem enormes sacrifícios.

— A que vos referis? — O monge tinha já a sua atenção.

— Dizei-me, com o que sonhais?

— Bem, isso é difícil dizer...

— Não sejais prudente comigo, por favor, dizei-me, o que gostaríeis de construir?

— Acho que isso é óbvio, uma catedral.

— Claro, uma catedral, já imaginava. — E o monge sorriu. — Continuai assim, Isidoro, Deus sabe recompensar os fiéis, acreditai. — O cluniacense sorriu novamente e afastou-se com lentidão, deixando o canteiro com o rosto cheio de dúvidas.

Nessa noite, Isidoro dirigiu-se a uma fogueira preparada pelos habitantes de Loarre para celebrar a chegada do bom tempo. Entre os presentes, procurou o amigo, sentado numa das zonas mais afastadas do fogo.

Alguns pastores do vale de Hecho dançavam à volta da fogueira, enquanto um par de jovens de Jaca tocava tambores. Todos pareciam felizes.

— Há muito tempo que não nos divertíamos tanto — comentou Isidoro, aproximando-se de Fortún com um jarro bem cheio.

— Sim, demasiado.

— Todos parecem felizes.

— Isso é bom, não? Porque, pelo tom com que o dizes, parece que não.

— Sim, claro que é bom. Todos riem e, no entanto, aqui estamos os dois sozinhos. Enquanto a maioria dos homens se deitará mais tarde com as esposas.

— Ao menos estamos vivos.

— Isso não me consola. Olha, Fortún, tu sabes muito sobre as estrelas, as pedras e os edifícios, mas permite-me que te diga que não sabes nada da vida.

— Não é verdade, fazes ideia de tudo por que passei? Ninguém vai dar-me lições, ninguém.

— Sim, claro que sim, eu mesmo o farei. Porque te estimo e porque, se soubesses quão curta é a nossa existência, não estarias a perder tempo comigo esta noite, mas sim a beijar a mulher que amas.

— Quem te disse que amo alguém?

— Vês como não sabes nada? Todos amamos uma mulher, outra coisa bem diferente é termos a sorte de poder estar com ela. Faz-te o maior favor da tua vida e vai falar com ela, não desperdices tempo.

— Por Deus, Isidoro, pareces um padre a dar conselhos.

— O hábito não me fica bem, nem isso do jejum, dos votos e da abstinência. —

E deu uma gargalhada. — Ouve o que te digo, Fortún, vive a vida.

— Não é assim tão fácil.

— Claro que não, mas vai vê-la.

— Maldito sejas! — Fortún pousou as mãos nos ombros do canteiro, sorriu e deixou-o ali sozinho.

Isidoro viu como se afastava.

— Que fácil é dar conselhos, que complicado aplicá-los a nós — sussurrou.

—

Oxalá também tivesse coragem suficiente.

No dia seguinte, Fortún não estava concentrado na construção. Não parava de olhar para o Sol, esperando que se aproximasse do ocidente o mais cedo possível, mas, por muito que o empurrasse com o olhar, o astro avançava lentamente pelo céu. Por fim, chegou o tão ansiado pôr do Sol e, com ele, não hesitou em descer à aldeia. Não parou junto de ninguém, sabia bem a quem procurava. Ainda assim, não a encontrou. Esperou que todos se retirassem para descansar e subiu de novo ao castelo, avançando até ao templo castrense e batendo duas vezes antes de entrar. Ali estava o sacerdote, orando de joelhos diante do altar.

— Posso ajudar-te? — perguntou o religioso.

— Procuro a Eneca.

— E tens a certeza de que queres encontrá-la? — inquiriu o padre, perscrutando o interlocutor. — Suponho que, na tua idade, já se sabe o que se quer, ou pelo menos assim deveria ser — acrescentou no último instante.

— Onde está?

— Fortún, nãourras, estás em solo sagrado, tem a decência de o respeitares.

— Não vim para rezar, só quero falar com ela, não temais.

— Eneca não é uma mulher qualquer, suponho que tenhas percebido isso. E não é como essa arqueira que tanto gostavas de perseguir quando eras novo.

— A Ava não tem nada que ver com isto.

— De certeza? E então porque me custa tanto a acreditar nisso?

Fortún não respondeu, cravou o olhar nas apagadas pálpebras do sacerdote.

Reviu as suas feições, ainda que se tivesse habituado a elas, não deixavam de ser angulosas e irregulares, como uma escultura de pedra mal talhada.

— Fortún, eu preferia que a Eneca não tivesse regressado a Loarre, está mais segura nas montanhas. Mas é teimosa, sempre foi.

— Porque voltou?

— E porque o fizeste tu?

— Pelo castelo, pelo meu pai.

— Sim, muitas vezes não nos damos conta de quão insignificantes somos.

Julgamos agir segundo a nossa vontade, mas tudo na vida tem um sentido. Se Nosso Senhor te trouxe de volta, será por uma poderosa razão, tem isso em mente. — O religioso susteve-lhe o olhar, nenhum deles se mexeu. Às vezes, entre dois homens, os gestos contam mais do que infindáveis conversas. — No último andar da torre principal. Gosta de ver as estrelas antes de dormir.

Fortún sorriu e ascendeu ao topo da fortificação, subiu as escadas de madeira e aí encontrou a silhueta de Eneca, recostada num dos vãos.

Ela levantou-se assim que o viu.

Brilhavam-lhe os olhos. Era uma centelha invulgar, como se tivesse uma estrela dentro deles. Fortún soube que era tempo de se armar de coragem e arriscar a sorte num movimento.

Foi até ela.

Eneca não estava à espera, ou talvez sim e procurasse apenas uma forma de se enganar. Fosse como fosse, recebeu com expectativa o primeiro beijo.

E o segundo.

O terceiro foi mais prolongado, mais intenso, melhor, e muitos outros se lhe seguiram, e os lábios de Fortún percorreram-lhe o pescoço, desceram-lhe pelo peito e regressaram à boca.

— Espera — Eneca afastou-se dele —, o que queres de mim?

— Velar por ti.

— Velar? — Eneca soltou uma gargalhada.

— Cuidar de ti.

— Disso já gosto mais — desta vez, sorriu pausadamente —, porque queres fazer tal coisa? Não é normal apresentares-te assim tão impetuoso, não te parece?

— Precisas de muitas razões?

— Só uma, mas — e arqueou as sobrancelhas — desde que seja a correta.

— Tenho tantas para o querer fazer quão profundos são os teus olhos negros.

Porque quero cuidar de ti, para nunca os ver chorar.

— Onde aprendeste a dizer essas coisas? — perguntou ela, surpreendida.

— Viajei muito... e, ainda assim, não conheci ninguém como tu, Eneca.

— E porque voltaste? — insistiu, esquivando-se aos elogios.

— Para terminar o castelo, já sabes. E tu? Porque estás aqui?

— Não sei... este lugar é especial, há algo nele que prende o meu coração.

Acreditas no destino?

— Suponho que sim.

— Estou convencida da sua existência — sussurrou devagar, para que as palavras chegassem lentamente a Fortún, como uma carícia. — Prometeste não me fazer chorar, serás capaz de cumprir uma promessa dessas?

— Sim, chorarei por ti até que me sequem os olhos.

— Então, voltá-los-ei a encher.

Ergueu a cabeça em busca da sua boca e tudo o mais que tinham para dizer, fizeram-no com o contacto dos lábios.

Na manhã seguinte, Fortún estava desconcentrado e errático, mais de uma pessoa se apercebeu disso, atribuindo-o a um mau dia do mestre de obras.

Ninguém imaginava a realidade. Aquele dia era o melhor da sua vida, a sua atitude nada tinha que ver com o trabalho, com Loarre, nem sequer com o cluniacense ou com o rei. Não, o que inquietava o seu coração tinha nome de mulher.

Ao fim da tarde, desceu ao rio, onde sabia que Eneca o esperava. Foi o primeiro dos seus encontros furtivos, que se prolongaram durante várias semanas. A Eneca, brilhavam-lhe os olhos ao vê-lo emergir do bosque, e aqueles momentos apaixonados converteram-se no melhor do dia, quase na única coisa em que pensavam. Pouco a pouco, foram caindo um no outro e já não se encontravam apenas de tarde, dormiam juntos, ainda em segredo.

— Fortún, acho que chegou a hora de todos saberem o que andamos a fazer.

— Todos? Porque dizes isso?

— Não podemos continuar assim.

— Porque não? — Fortún pegou-lhe na mão, mas ela rejeitou-o.

— Não te ouves a ti mesmo, ou dar-te-ias conta do que estás a dizer... — O seu rosto tingiu-se de aborrecimento. — Talvez me tenha enganado, talvez nos tenhamos confundido os dois, se realmente achas que...

— Eneca, espera — pediu ele de forma solene.

Ela ficou em silêncio. Fortún olhou para as profundezas dos seus olhos negros, tomou fôlego e, antes de proferir o que ia dizer, pensou no pai e, embora não recordasse o seu aspeto, imaginou também como seria a mãe. Com eles em mente, falou com franqueza.

— Garanto-te que nunca tive tanta certeza de nada na vida. Eneca, queres ser minha mulher?

A jovem não respondeu de imediato, foi o silêncio mais longo da vida de Fortún, como se toda a sua vida se concentrasse nesse instante mudo. E então assustou-se, aterrava-o uma recusa, mas também uma afirmação, deu-lhe medo tudo o que perderia fosse qual fosse a resposta, e pensou em voltar, em retroceder um passo, como se isso bastasse para regressar ao instante anterior. Mas não, há caminhos que não têm volta atrás, palavras que pesam tanto que nem a passagem do tempo as leva.

— Sim — respondeu Eneca.

À mesma hora, no dia seguinte a ter-se comprometido, Fortún ainda não contara a ninguém. Do cimo da torre albarrã, espreitou para o horizonte. Metade do seu corpo estava fora dos muros. Sentia o ar no rosto, e a sensação de perigo era tão evidente como agradável.

E se saltasse agora?, perguntou-se.

Depois, olhou para a praça de Bolea ao longe e pensou que aquele dia era tão

bom como qualquer outro para os sarracenos atacarem Loarre. Talvez se o fizessem, uma flecha lhe atravessasse o peito e nunca chegasse a casar-se com Eneca. Uma flecha.

Olhou para baixo, atraído pela agitação que havia perto da ermida. Esticou a cabeça para ver do que se tratava, mas o tumulto era bastante buliçoso. Até que, de repente, se abriu uma clareira.

E, no meio da mesma, Fortún viu uma brilhante cabeleira ruiva.

Capítulo Trinta e Oito

LOARRE. VERÃO DO ANO 1049

Fortún correu o mais rápido que pôde até à ermida. Chegou junto da arqueira, que o observava com aquela indiferença que só ela era capaz de mostrar.

— Ava.

— Quer dizer que és tu o responsável por tudo isto, ver para crer.

Observou-a como se fosse um fantasma. Estava diferente, as habituais botas altas tinham sido substituídas por outras de cano largo e fechado, com uma abertura a partir do peito do pé. Estava envolta na sua capa, um tecido de lã forrado a pele de lontra, de três quartos de círculo de pano de lã, com fixadores no peito e que lhe cobria os dois ombros. Aquela peça dava-lhe um ar distinto, não era habitual vê-la em gente que não fosse nobre. Mas tudo em Ava era diferente, também a forma de se mexer ou de falar, e até de fitar. Fortún não se lembrava de alguma vez a ter visto vestida como as demais mulheres, mas sim com roupas mais próprias de um ginete ou cavaleiro.

Agora, ressurgia com uma franja negra pintada à altura dos olhos, o que realçava ainda mais a sua cor. Sobre o ombro direito, trazia um enorme arco e, presa à cintura, uma aljava com flechas.

Demorou a responder, estava diante dele e, mesmo assim, custava-lhe a acreditar que fosse de carne e osso. Na sua longa e interminável ausência, noites houvera em que se perguntara se a teria idealizado, se a beleza selvagem que julgava recordar era apenas fruto da imaginação.

— Todos partiram, a questão é: porque voltaste?

— Avizinham-se novos tempos, o castelo deve ser terminado.

— Durante muito tempo, foi um monte de ruínas, nem aos infieis interessava.

Não se deram ao trabalho nem de o tomar, não basta repará-lo, seria preciso reforçá-lo em todos os flancos ou não resistirá a um cerco.

— Assim será.

— Sim? Quem o fará? — Então, Ava observou Fortún dos pés à cabeça e soltou uma gargalhada. — Tu? Pretendes reconstruir a fortaleza?

— Conheces alguém melhor?

— Receio que não, mas isso não é uma boa notícia. Está assim tão desesperado o nosso novo rei? Porque ouvi dizer que agora somos um reino.

— Ouviste bem. — Fortún pensou no que ia dizer. — Ava, preciso da tua ajuda.

— E porque havia eu de ta dar?

— Porque vieste então? — replicou ele, arqueando as sobrancelhas.

— Sabia que voltarias. — Ava sorriu.

— Sempre confiaste em mim.

— Pois. — Manteve-se em silêncio durante algum tempo, observando bem o aspeto de Fortún, como crescera em corpulência, como a barba lhe cobria as faces e tinha as mãos gretadas de trabalhar. — Não parecees o mesmo.

— E não sou. Tenho de te falar sobre algo importante.

— Bem, realmente parece, a julgar pelo tom de voz. E então? O que tens para me dizer?

— Vou casar-me com Eneca.

Desta vez, o silêncio de Ava foi diferente, não media os tempos, não controlava a pausa, procurava o que dizer, mas não o encontrava. Fortún soube de imediato que desencadeara uma avalanche.

— Seu grande bobo, contas-me um disparate desses como se me importasse

—

afirmou, entre sinais de desprezo.

— Ava, o que houve entre nós podia ter sido diferente...

— Basta! Afasta-te já daqui ou faço pontaria à tua cara feia, entendido?

Fortún assentiu e afastou-se, sabia que era o melhor, que não podia fazer nada.

No fundo, fora ali por isso, para se afastar definitivamente de Ava.

A notícia revolucionou a vida do local: o mestre de obras ia casar-se com a misteriosa curandeira. Houve quem assegurasse que aquilo era coisa dela, que conseguira enredá-lo com alguma das suas beberagens, mas a maioria alegrou-se. Casou-os o sacerdote no templo castrense, numa cerimónia simples, pois Eneca não estava disposta a uma longa liturgia. Foi um mero formalismo e, assim que puderam, escaparam de Loarre para o bosque.

— Aonde me levas?

— Shhh, não sejas impaciente, já vais ver — respondeu ela entre risos, enquanto puxava a mão de Fortún.

Avançaram e a noite caiu-lhes em cima como uma laje de penumbra, mas isso não ia impedir Eneca. Até porque era na escuridão que se sentia mais livre, e continuou a guiar o esposo pela montanha. Por fim este perdeu a noção de onde estava e, com ela, a esperança de adivinhar aonde iam.

Não era para menos.

Eneca parou diante de um abrigo escavado na rocha. Sorriu.

Entraram juntos, de mãos dadas, mas, uma vez no interior, ela soltou-se e dirigiu-se a um dos cantos, pegou num par de pedras e agachou-se. Começou a batê-las sobre algo que parecia ter sido preparado antes e, passado pouco tempo, surgiu uma chama que foi crescendo e com a qual

Eneca acendeu diferentes archotes e velas. A gruta iluminou-se como um céu estrelado.

— Vem.

Ele seguiu-a até ao fundo, no chão estava uma enxerga limpa e grande, coberta por um fino pano de linho.

— Fortún, esta noite vamos conhecer as estrelas juntos.

E, ao deitar-se encostado a ela, olhou para o teto e descobriu que a cavidade tinha um grande buraco livre por onde se via o céu e, sobre ele, as cúpulas celestes.

— Estrelas sobre mim, à minha volta... — e olhou para os olhos de Eneca —, e dentro de mim.

Foi a primeira de muitas noites de amor, e a paixão fez com que Eneca não tardasse a ficar grávida e Fortún comesse a ver a vida de outra forma. Já não era apenas ele, nem sequer eram dois, agora iam ser uma família. Continuou a dirigir os trabalhos até passar o verão e o outono ir bem avançado. Mas o frio chegou de modo invulgar nesse ano, o inverno adiantou-se tanto que apanhou desprevenidos homens, animais e árvores. Estas sofreram terríveis geadas que acabavam com elas, os animais abrigaram-se ou emigraram por falta de alimento, e os homens... os homens esconderam-se em casa, com pouca lenha e ainda menos comida.

O inverno ia ser longo e duro.

Com o passar das semanas, tudo escasseava em Loarre, até o riso de que Isidoro falava pareceu congelar na aldeia. E, sem víveres, os que mais sofreram foram as crianças. Os pais davam-lhe as rações maiores, mas, ainda assim, não eram suficientes, muitas adoeciam, outras estavam tão débeis que não podiam nem levantar-se. Tudo piorou, até o tempo, pois o frio, longe de acalmar, aumentou.

Numa noite de janeiro, Loarre foi assolada por um nevão como ninguém recordava. Do céu, caíam flocos tão espessos que não deixavam ver para lá

de uns poucos passos. Em instantes, a neve cobriu tudo.

— Fortún! — Eneca acordou entre suores e espaventos. — Fortún!

— Sim, estou aqui, querida. Não te preocupes, não se passa nada, é um pesadelo.

— Vai acontecer.

— O que vai acontecer?

— Eu vi, eu vi!

— Eneca, por amor de Deus! Calma, tens de te acalmar, estás grávida.

— Vai ser hoje. — O seu rosto emudeceu e encheu-se de lágrimas.

— O que dizes? Vai ser hoje o quê? — perguntou Fortún, desesperado.

— Que perdemos o nosso filho.

Eneca não estava a mentir, vira nos sonhos o que ia acontecer.

O aborto deixou-a fraca. Felizmente, o inverno retirou-se e a primavera trouxe alimentos e bom tempo, e Eneca foi pouco a pouco recuperando, tanto física como mentalmente. Fortún ficou mais tempo afetado. A perda do que teria sido o primeiro filho não só o mergulhou na tristeza, mas também na realidade.

Quando se sentiu com forças, Eneca saiu sozinha para o bosque de manhã cedo e caminhou pelo abrupto terreno, tendo várias vezes de descansar. Após uma dura viagem, chegou ao bétilo, subiu à rocha e observou a coluna sagrada.

Na solidão, recordou quando, anos antes, fora ali para não ter o filho que carregava no interior. Passara muito tempo, agora também perdera a semente que crescia dentro dela, mas nada tinha que ver com aquela sombria memória, ou talvez sim, pensou. Talvez um fosse consequência do

outro, tremeram-lhe as mãos ao pensar que era possível que aquele aborto tivesse deixado sequelas. E

então veio-lhe à mente o rosto de Javierre e sentiu um ódio grotesco, animal.

Ajoelhou-se, com as palmas das mãos pousadas na fria rocha, e amaldiçoou-o.

Capítulo Trinta e Nove

LOARRE. JANEIRO DO ANO 1050

De manhã cedo, a bruma cobriu Loarre. Reinava um silêncio avassalador no local do castelo, perturbado apenas pelos latidos de Tasio. Seria decerto o gato branco, que parecia a reencarnação de Poente, que o rondava para o encolerizar.

Aquele felino era igualzinho a ele, também mau e esperto. E tão hábil para caçar os roedores que se aproximavam dos campos de cultivo como para aparecer dentro das casas em busca de um bom pedaço de carne, ou nos estábulos entre os cavalos, galinhas e coelhos. O gato encontrara no mastim um alvo para as suas maldades. As quadrilhas de canteiros, carpinteiros e curtidores enchiam de vida a aldeia. Bem como os comerciantes, os artesãos e os praticantes de outros ofícios menos recomendáveis que apareciam nos locais onde farejavam a oportunidade de fazer negócio.

— Ainda precisamos de mais gente — comentou Isidoro, inclinando a cabeça para um lado —, sobretudo se queres fazer as mudanças no projeto original.

— Sabes que sim, são necessárias.

— E ambiciosas — salientou o canteiro.

— Vi construções em Toulouse e Lyon que deixariam o lombardo sem fala se ainda estivesse vivo. Pude ver como elevavam os muros além do imaginável: faremos tudo isso aqui.

— O teu mestre lombardo construía com silharejos, estava limitado por essa técnica. Tu, pelo contrário, fá-lo-ás com silharia. Com os silhares que te talharei, não te esqueças. Esculpo a pedra, tu coloca-la. Os meus silhares são a chave do castelo.

— Enganas-te.

— A sério? — Isidoro arqueou as sobrancelhas e sorriu. — Tens a certeza, amigo?

— Claro, não é a pedra a essência de uma construção. O Sol é a chave de tudo, e

também de um castelo.

— O Sol? — Isidoro quase se engasgou sozinho. — O que comeste esta manhã ao pequeno-almoço?

— Sem ele, os nossos sonhos seriam apenas isso, devaneios.

Ergueu o olhar.

— Gracejas.

— Olha para o céu.

— Para quê?

— As estrelas — disse Fortún, que nesse dia trazia a saia mais justa que tinha, com os punhos plissados e apertada sob o pelote.

— Fortún, é de dia, só se veem nuvens baixas.

— Sim, mas as estrelas estão lá.

— E? — Isidoro não saía do assombro.

— Sabes que a esfera onde se encontram fixas está dividida em duas partes iguais? Juntamente com os astros e as constelações, giram em torno da

Terra e do mar e completam o seu périplo segundo a figura esférica do céu. Às vezes visíveis e às vezes invisíveis, consoante cada estação — explicou com entusiasmo. — Seis giram no céu por cima da Terra e as outras seis percorrem o seu caminho debaixo da Terra, cuja sombra as oculta.

— Portanto, há sempre seis signos que completam a sua órbita.

— Assim é, quando uma parte do último signo se oculta sob a Terra, das sombras da parte contrária emerge para regiões visíveis. É a mesma força impulsionadora que determina, dos dois lados ao mesmo tempo, que uma parte se eleve e a outra se oculte.

— O que tem isso que ver com a construção de um castelo?

— Os doze signos ocupam cada um uma duodécima parte do céu, completam o

seu curso de leste para oeste de modo contínuo e, como que ascendendo por meio de degraus, movem-se em sentido contrário à Lua, a Mercúrio, a Vénus e ao próprio Sol; Marte, Júpiter e Saturno deslocam-se de oeste para leste no firmamento, percorrendo cada um deles uma órbita de diferente longitude.

— Mas dizias-me que a chave é o Sol.

— De facto, pois o Sol percorre o espaço de um signo num mês; ao percorrer os doze signos em doze meses, quando regressa novamente ao signo de onde partiu, completa o espaço de um ano corrente. Por outro lado, Mercúrio e Vénus sofrem retrocessos, atrasos e até paragens nos trajetos.

— Isso não pode ser verdade.

— Mas é — afirmou Fortún. — Por exemplo, Vénus vai seguindo o curso do Sol e, pouco depois do seu ocaso, surge brilhante no céu, daí que lhe chamem

«estrela da tarde»; noutras épocas, pelo contrário, antecede o Sol e surge antes do amanhecer, pelo que lhe chamam «estrela da manhã». Há alturas

em que Mercúrio e Vénus param vários dias num signo e outras em que passam rapidamente ao seguinte.

— Continuo a não entender o que tem isso que ver com o castelo.

— É preciso conhecer os signos para determinar quando fazer uns trabalhos ou outros — refletiu Fortún.

— Isso é paganismo.

— Não, é sabedoria. Tal como o camponês deve conhecer as estações.

— Amigo, onde aprendeste tudo isso?

— Só há um louco capaz de lhe inculcar essas histórias na cabeça — afirmou uma voz feminina atrás dele.

Fortún virou-se e emudeceu.

— Não passou um dia desde a minha partida em que não tenha pensado em regressar. Este castelo, estas pedras, não sei que tipo de magia as rodeia, mas aparecem-me em sonhos.

— Cuidado com os sonhos, podem tornar-se realidade — sussurrou Ava.

— Nem sempre.

— Casaste-te — disse ela, de um modo que fez com que as palavras lhe saíssem da boca pesadas —, suponho que seria um dos teus sonhos, não?

— Sim.

— Às vezes, é preciso saber esperar e não disparar contra a primeira lebre que aparece, pois pode vir atrás uma maior.

— Eu não sou bom caçador.

— Disso não há dúvida.

— Ava, voltei para Loarre há mais de três...

— Fortún, não continues, é-me exatamente igual quando vieste ou deixaste de vir. Estou aqui para defender estes muros, farei bem o meu trabalho, espero que faças o teu. Estarei de olho em ti — advertiu-o, e partiu.

— É esta a Ava de que me falavas?

— O que achas? — perguntou Fortún, olhando para o amigo. — Porque parte assim?

— Não me perguntes, só sei que é preciso estar louco para deixar escapar uma mulher daquelas. E tem cuidado.

— Cuidado?

— Sim, muito cuidado — enfatizou Isidoro. — Agora pergunto-me se viemos para construir um castelo ou por outra razão mais perigosa.

— Eneca é minha mulher, estivemos quase a ter um filho.

— Mais a meu favor, tem cuidado.

Avançaram com a reconstrução dos muros e torres do castelo. Começaram a levantar os andaimes, que tão más memórias traziam, e a esculpir os blocos de pedra, maioritariamente arenito. Isidoro revelava uma destreza fora do vulgar e os restantes canteiros vindos de outros cantos dos Pirenéus não saíam do seu assombro. Por mais que tentassem segui-lo, tinham de claudicar ante o canteiro.

Não obstante, não foi Isidoro quem mais chamou a atenção em Loarre, mas sim um homenzarrão que chegou em finais do inverno seguinte e que disse vir do vale de Baztán. Uma autêntica montanha de carne que trazia um cinturão de couro com pelo menos dez facas lá guardadas. A palavra não tardou a espalhar-se e começaram a chamar-lhe o Facas, ainda que o seu verdadeiro nome fosse Galindo. O novo habitante de Loarre era parco em palavras e generoso em grunhidos, tanto que havia gente que gracejava, dizendo que desde a sua chegada nunca o tinham ouvido falar. Quando se

armava, no entanto, toda a gente sabia, pois os seus berros e gritos percorriam todos os cantos do povoado, chegando ao topo das três torres do castelo.

Galindo contava com uma força descomunal. Não tinha nada a invejar a uma mula a puxar a carroça. Tinha os maiores pés alguma vez vistos por aquelas terras e media tanto que era assustador pensar no que podia digerir aquele enorme estômago. Mas nenhuma dessas coisas era ainda assim o que sobressaía nele. Pois, por bastante forte que fosse, o que mais surpreendia era a sua habilidade a lançar facas. Era capaz de acertar num alvo a mais de cinquenta pés, e não só. As pessoas punham-lhe objetos diminutos para que falhasse, mas ele não errava. Era tal a sua precisão que uma vez conseguiu lançar uma faca a trinta pés e fazer com que acertasse precisamente na maçã que um velho mordia com os seus quatro dentes.

O Facas trazia sempre vestido um bom pelote de pele de arminho e coelho com bordados desgastados no pescoço. Quase não falava, mas ria-se muito. Tinha um riso exagerado, como tudo nele. Tão sonoro que assustava os animais e as crianças; tão agudo que fazia mal aos ouvidos se escutado de demasiado perto.

E houve alguém em Loarre a quem a personagem chamou especialmente a atenção.

— Gigantão, dizem por aí que és um covarde e que é por isso que atiras as facas de tão longe. Que não te atreves a lutar mano a mano com um homem.

— Claro que só havia uma pessoa em toda a Loarre a atrever-se a falar-lhe assim: Ava.

— E tu não o és, macaquinha. Por isso não tenho nada para falar contigo.

— Ou seja, também não te atreves a lutar comigo. As lendas dizem que os gigantes eram covardes, mas ao ponto de não lutar com uma mulher...

— Ousas chamar-me covarde? Tu! — resmungou, enfadado. — Uma simples mulherzinha.

— Que de certeza pode vencer-te sem problemas. E se tirássemos as dúvidas sobre quem tem a melhor pontaria de Loarre? — insinuou Ava.

— Escolhe um alvo a cinquenta pés.

— Eu mesma. — Afastou-se, contando os passos, até parar frente a uma das cabanas. — Vejamos até onde és capaz de disparar as tuas facas. Vence o primeiro a fazer sangue.

— Estás louca!

— Todos o estamos neste lugar, caso contrário, nunca teríamos vindo. Vamos!

Não tenho o dia todo, gigante.

Galindo enervou-se de tal forma que lhe custou conter a raiva. Quando conseguiu, tirou uma das facas do cinturão, levou o braço direito atrás das costas o máximo que pôde e deu um passo em frente para se impulsionar e atirar com precisão, indo a faca cravar-se a um palmo da coxa de Ava.

— Já está? Não sabes fazer nada melhor?

O atirador suspirou, repetiu o movimento e a segunda faca voou, cravando-se a um par de dedos da face da arqueira.

— De certeza que consegues chegar mais perto. Lembra-te de que se me matares, perdes.

O gigante encolerizou-se, baixou o olhar, voltou a erguê-lo e atirou nova faca, direita ao pescoço de Ava, que rodou para um dos lados e evitou a lâmina, enquanto a ponta da arma ficou cravada numa das vigas que suportavam o peso do telhado da casa. Salvou a vida por pouco.

Um murmúrio percorreu o grupo que se formara à volta deles.

— Agora é a minha vez — disse Ava, como se a sua vida não tivesse corrido perigo algum.

A arqueira pegou numa das suas flechas, retesou o arco, rápida e precisa. O projétil saiu direito ao seu objetivo, rasgando a têmpora de Galindo e cravando-se no tronco de uma árvore atrás dele. Uma pequena linha vermelha deslizou pela pele do gigante, que recuperou o pulso do coração ao dar-se conta de que continuava vivo. Os batimentos misturaram-se com os gritos entusiasmados dos habitantes de Loarre, que começaram a dar vivas a Ava.

Esta guardou o arco e dirigiu-se, de costas direitas, ao homenzarrão, que a fitava com uma mistura de pavor e incredulidade.

— Bem, agora que já esclarecemos as coisas — estendeu a mão —, podemos entender-nos. — Esperou que ele a apertasse. — Vamos, não temos o dia todo.

Há um castelo para defender.

O trabalho na muralha caía bem ao ânimo dos homens mais habituados e cansados de trabalhar em terrenos baldios e guiar pelas montanhas rebanhos insignificantes. Em contrapartida, erguer uma construção daquela envergadura e transcendência era algo de que se orgulharem, uma façanha para contarem aos filhos, e estes aos seus filhos. O contacto direto com a pedra esculpida, as estruturas de madeira, a força dos muros que iam crescendo, os andaimes, as máquinas para levantar pesos, as diferentes quadrilhas a trabalhar: canteiros, carpinteiros, ferreiros... Loarre parecia uma cidade em vez de uma pequena aldeia abandonada na perigosa fronteira de um pequeno e recém-nascido reino.

Com o fecho do muro meridional, decidiram levar a cabo uma celebração. A chegada à fortaleza de um carregamento de vinho enviado pelo rei pode muito bem ter ajudado na tomada da decisão. Fosse como fosse, nessa noite assaram carne e beberam vinho na sala de reuniões que acabava de ser reparada. Dois curtidores de Biel e um camponês de Luesia pegaram em tambores e animaram a festa. Agradeciam a música, há muito tempo que aquelas montanhas não a ouviam. Uma mulher roliça e de cabelo encaracolado acompanhou-os e entoou uma velha canção.

Fortún continuava sentado ao lado de Eneca, mas a sua mente voava para longe dali. Ouvia atentamente aquela melodia e trespassou com o olhar a sala de

reuniões, em busca da cabeleira ruiva de Ava, dos seus olhos de mar dispostos a cravar-se como a melhor das suas flechas. Mas a arqueira não aparecia nessa noite. Devia ser a única habitante de Loarre a estar ausente.

O matulão Galindo era um dos que mais chamavam a atenção, dedicando-se a devorar um javali sozinho. Mas antes comera já umas boas coxas de frango, pois, segundo dizia, havia que treinar o estômago para o prato principal.

O monge de Cluny mantinha-se numa esquina, parecia aborrecido e distante.

Trazia um barrete inclinado e, do centro de uma das mesas, perscrutava os presentes com o seu perspicaz olhar clerical. Não muito longe dele estava o sacerdote, que perdera parte da expressão sinistra de outrora, como se os anos lhe tivessem dulcificado as feições. O monge não parava de olhar para ele e Fortún apercebeu-se disso. Incomodado, levantou-se da mesa.

— Aonde vais? — perguntou Eneca.

Fortún apontou com o olhar para o cluniacense e dirigiu-se a ele, ante a cara de poucos amigos da mulher.

— Não tendes apetite? Jamais me perdoaria que um enviado de Cluny não se sentisse à vontade entre nós.

— Não é a comida o que me incomoda esta noite.

— Será porventura o vinho?

— Construtor, não dissimuleis comigo. Esta forma de viver que praticais aqui...

é blasfema! É ternária a casa do Senhor, da qual dizem erroneamente os inimigos que é una: aqui sobre a Terra uns oram, outros lutam, e os outros,

os restantes, trabalham. Estes três são um e não podem ser divididos, de modo que sobre o ofício de um repousam as obras dos restantes e todos concedem o seu auxílio a todos.

— Ámen. Mas... não é porventura isso que fazemos em Loarre? Todos colaboram nas obras do castelo, sobre o esforço de uns assenta o dos outros.

— Não são os que trabalham nem os que lutam quem mancha o nome do Senhor nesta ímpia terra, mas sim os que oram.

— Como dizeis?

— Praticais um rito estranho à Igreja de Roma, o vosso sacerdote sabe disso e vós defendei-lo.

— Eu não entro nas vossas discussões litúrgicas...

— Discussões! — disse o frade, erguendo de tal modo a voz que os presentes interromperam as conversas e voltaram o rosto para eles. — Não há discussão alguma, acreditai. — Levantou-se e abandonou a festa ante o olhar atento de todos.

Fez-se um silêncio tenso, até que o novo Poente apareceu também de surpresa, esfregou-se nas pernas de vários comensais e, ao chegar a Fortún, lançou um bufo. Tentou apanhá-lo, mas aquele gato era um martírio e deu-lhe um arranhão de que se livrou por pouco. A aparição de Poente serviu para que regressassem à festa e esquecessem o incidente com o frade.

Fortún não perdeu tempo com o gato, era uma pessoa que ocupava os pensamentos. Ava tinha de estar ali. Voltou a estudar o local em busca da arqueira, do azul dos seus olhos de mar, do rabo de cavalo ruivo. Mas o que encontrou foi o negrume do olhar de Eneca. Disfarçou e virou de novo o olhar para a cantora, que todos acompanhavam com palmas. Um dos canteiros que trabalhavam com Isidoro levantou-se com outra mulher e começaram a dançar ao ritmo da canção. Seguiram-se dois casais muito animados e, atrás deles, mais alguns acorreram ao fervor do vinho e dos cânticos.

O mestre de obras fixou o olhar em Eneca, desta vez era ela quem prestava atenção aos dançarinos. Só a passagem de dois homens com jarros de vinho lhe bloqueou a visão. Quando se afastaram, Eneca levantou-se com uma travessa de comida nas mãos, disse algo às mulheres que a acompanhavam na mesa e dirigiu-se a Fortún.

Ao chegar à sua altura, ergueu o olhar e os seus profundos olhos negros cravaram-se nos dele como os de um perigoso grifo. Sentiu um olhar ardente, capaz de acabar com ele se a isso se dispusesse. Nunca se haviam fitado daquela maneira. Ainda assim, entendeu o que significava.

Eneca não parou e seguiu o seu caminho. Ao passar ao lado dele, sacudiu o cabelo do ombro e este roçou no rosto de Fortún. Foi como uma chicotada de

desprezo, uma advertência.

Não a seguiu de imediato, tinha os músculos das pernas entorpecidos pelos nervos. Quando se decidiu, a sombra da mulher desaparecia atrás de uma das casas da aldeia.

Foi atrás dela em silêncio, por um momento julgou tê-la perdido. Ouviu o estalido de um ramo e voltou a pôr-se a caminho. Até que viu a sua figura recortada contra a luz da Lua.

Deu um passo em falso.

— Quem anda aí?

Então, um cavaleiro irrompeu na aldeia. Nenhum dos vigias se apercebera da chegada, e isso alertou Fortún, que olhou assustado para Eneca, que apareceu a seu lado.

— O que se passa?

— Não sei, espera por mim aqui. — E dirigiu-se ao recém-chegado.

Era um mensageiro e ofegava, exausto da viagem. O cavalo estava esgotado e faltava-lhe ar com que encher os pulmões.

— Sou Fortún, o mestre de obras deste castelo. Quem vos envia?

— O rei Ramiro.

— O rei! — repetiu, incrédulo. — Porquê? Falai, por Deus!

— Os seus irmãos... — Faltava-lhe o ar. — Os irmãos travaram uma batalha na serra de Atapuerca. O rei de Leão e conde de Castela venceu o irmão mais velho e...

— E o quê? Quereis falar de uma vez?

— Garcia morreu, o rei de Pamplona faleceu no campo de batalha.

Fortún rapidamente entendeu a gravidade da notícia. Viu o olhar de Eneca aproximar-se, agora mais do que nunca era preciso terminar o castelo.

Capítulo Quarenta

LOARRE. FINS DE OUTONO DO ANO 1050

O vento não amainava, como se estivesse empenhado em derrubar os muros do castelo. Mas não podia, a torre livre exibia um novo andaime, a principal vira recuperada a sua galeria de triplo arco; a gémea estava ainda por concluir, ainda que o acesso fosse já praticável. A que assentava em parte da igreja, devido à sua menor importância, era a que mais atrasada ia, e a primeira de todas, que ficava no primeiro recinto e tinha uma base de calcário cinzento extraído pelo lombardo nos primórdios da construção, ficara em segundo plano.

O vento constante que agitava os domínios da fortaleza pareceu acalmar quando Ava apareceu vinda de oriente. Acompanhava-a um grupo de cerca de trinta homens e mulheres. Vestiam peles de animais e tinham o rosto pintado em tons ocres e escuros. Muitos dos varões tinham o cabelo cortado pela raiz e elas, pelo contrário, usavam-no comprido e sempre preso num longo rabo de cavalo.

Estavam armados: arcos, facas, machados curtos de metal e escudos circulares.

Fortún observou-os, contente. Eram fortes e, se fora Ava a treiná-los, seriam hábeis no combate. A arqueira cumprira: agora, tinham quem defendesse o castelo em caso de ataque. O grupo instalou-se num dos extremos da vila. Ava enviou vigilantes a todas as atalaias naturais que rodeavam Loarre e os restantes ficaram na aldeia, a treinar com as armas.

— Vindes bem armados — comentou Isidoro, enquanto contemplava o desfile.

— Sim, trago trinta flechas atadas em grupos na minha aljava — respondeu Ava.

— Todas iguais.

— Não, algumas de pontas longas, específicas para cavalaria, as restantes com pontas de gume duplo para os infantés. Temos de estar preparados. Até treinámos as crianças, que terão de repor as flechas que formos disparando.

— Como assim?

— Sim, espetam-nas no solo à frente dos arqueiros para as poderem disparar

mais rápido. Também temos pontas de flecha para atravessar cotas de malha.

— Algum problema? — Fortún aproximou-se deles.

— Nenhum, não sabes como te agradecemos por teres vindo, Ava — afirmou Isidoro.

— Encontrarei forma de me recompensardes — disse ela com descaramento, para provocar tanto Fortún como o amigo.

Ava deixou-os e continuou a ronda pelos baluartes de Loarre.

— Fortún, eu no teu lugar não olhava para ela dessa maneira — advertiu Isidoro.

— És casado, e a Eneca não é tonta, vai perceber.

— Perceber o quê?

— Tem cuidado, anda, vamos ver como vai o trabalho no muro este.

A realidade era que o mestre de obras não deixava de arder por dentro de cada vez que via a arqueira. Parecia um instinto animal que o possuía. Enquanto com Eneca era tudo mais pausado, mais humano. Ansiava por sentir a sua respiração, sentir os batimentos pausados do seu coração. Em contrapartida, eram os do próprio peito que ouvia ao contemplar a arqueira.

Isidoro tinha razão. Eneca dar-se-ia conta se não tivesse muito cuidado. Ava era bela, forte e decidida, impunha as suas ordens ante as de qualquer homem. Eneca não era assim, era mais delicada, mais débil, sim; mas também mais misteriosa, mais subtil.

Não podia continuar a agitar a cabeça com aqueles pensamentos, pelo que se concentrou no que importava: a defesa de Loarre. Um castelo devia estar provido de arqueiros, eram essenciais para a sua defesa em caso de ataque.

Abrigados atrás dos merlões e disparando através das ameias e seteiras. Subidos ao alto das torres, lançando os dardos a partir dos andaimes de madeira. A fortaleza dependia da sua pontaria, destreza e rapidez para se defender.

O vento só deu tréguas nesse dia, pois no seguinte voltou com mais virulência.

Em dias como aquele, Fortún lembrava-se do mau feitio do lombardo e da sua alergia àquele tipo de tempo. Não faltava razão ao velho construtor, pois, com os

anos, Fortún descobriu o quão nefasto era o vento para as edificações.

As obras tiveram de parar quatro dias, o maldito vento não cessava. Arrancara árvores e fizera voar um par de telhados das casas mais frágeis. Felizmente, os andaimes resistiam, pois estavam bem amarrados. Também

para Ava o vento era algo incômodo. Naquelas circunstâncias, se disparasse a favor do vento, as flechas podiam alcançar distâncias inimagináveis, mas sem precisão. Isso enfurecia-a, não havia nada que suportasse pior do que não poder controlar as flechas, todas elas.

Os homens têm tendência a medir a importância das coisas pelo tamanho.

Fazem-no com a caça, com as espadas e até com o corpo. Ela sabia que as mulheres não cometiam esse erro. Quando iam ao mercado, não se deixavam enganar pela quantidade de porros ou ervilhas, certificando-se antes de que não estavam maduros nem doentes. Não comiam as maiores pernas de cordeiro, mas sim as partes mais suculentas.

Talvez fossem condicionados pela natureza da sua maior força e envergadura; as mulheres devem procurar sempre a inteligência e outras artes mais subtis para os submeter. Não queria com isso dizer que desprezasse a lâmina de uma boa espada, embora preferisse as suas flechas afiadas, mais subtis e precisas. E não precisava do vento para as empurrar. De facto, não queria a ajuda de ninguém.

Da atalaia natural onde se encontrava, avistou ao longe Fortún, que discutia acerca da torre albarrã com Isidoro, que usava um pelote de gola circular, preso à cintura por uma correia de couro com fivela de cobre, adornada com apliques de bronze. O cabelo rapado à navalha até à nuca. O canteiro tinha boa figura, mais elegante do que Fortún. Notava-se maior cultura nos seus movimentos e na forma de se expressar, era mais instruído. Na realidade, eram muito diferentes, mas ao mesmo tempo complementares.

Sempre soubera que Fortún não era como os outros homens, convencera-se disso logo que o vira ainda rapaz. Por isso esperara. Mas não, nunca lho confessaria, o orgulho podia mais do que o coração.

Ava sempre tivera a intuição de que Fortún regressaria àquele castelo e, quando isso acontecesse, também ela o faria. Como quando caçava no bosque, onde o seu êxito não se devia apenas à pontaria: era tão ou mais importante ter paciência, e ela possuía-a.

O que mais a atormentara durante todo esse tempo não fora quando regressaria, mas sim saber no que se teria convertido, que tipo de homem seria agora o rapaz que partira de Loarre após enterrar o pai. Nisso não se enganara, Fortún voltara como mestre de obras. O problema com ele era bem diferente. O maior inconveniente a toldar o seu horizonte tinha os olhos negros e dava pelo nome de Eneca, e também ela não era como as outras mulheres.

Fortún tinha o mal do perfeccionismo, nada do que se construía lhe parecia suficientemente bom, pelo que o revia mil e uma vezes. Chegava a fazê-lo de noite, no cimo da torre, e até a adormecer sobre os pergaminhos, como desta vez, em que adormeceu entre devaneios.

— Acorda!

— O que foi? Quem é? — Fortún endireitou-se, alarmado.

— Isto de te acordar já é uma velha tradição.

— Ava!

Fortún abriu os olhos o mais que pôde e a silhueta da arqueira desenhou-se diante dele, como se de um sonho se tratasse. Parecia envolta numa doce bruma, como se continuasse a dormir e ela fosse uma aparição. Mas era real, soube-o assim que sentiu o medo próprio daquele que se encontra ante uma linha fronteira e deve decidir se dá o passo decisivo, se atravessa o rio ou se fica na margem.

— Ava, não é boa ideia.

— Não gosto de pensar nas coisas, mas sim de as fazer. Lembras-te? — E aproximou-se para o beijar na boca.

— Não, Ava, já não — disse Fortún, afastando-a suavemente. — Já não somos crianças, sou casado.

— Fortún, eu nunca fui uma criança, eras tu quem tinha de crescer, não eu.

—

Acariciou-lhe a face com os dedos. — A tua mulher enfeitiçou-te. Tem cuidado, Fortún, ela vai querer mudar-te, eu não.

Ava deu meia volta e desapareceu por entre a bruma.

Fortún não reagiu, estava paralisado, deixara partir a mulher com que sonhava desde pequeno. Mas não se arrependia.

Se Eneca não tivesse chegado a Loarre, Fortún dormiria agora na sua cama.

Disso estava Ava segura, tal como de que podia fazer com que a curandeira desaparecesse sem ninguém se dar conta. Numa dessas tardes, por exemplo, em que Eneca ia sozinha para o bosque à procura de ervas. Não seria difícil cravar uma flecha no cão que a acompanhava e acabar depois com a sua vida. Levar o corpo até onde os abutres dormem e oferecer-lhes um manjar.

Seria tão fácil, seria tão próprio de um... homem.

Ouviu um silvo no céu e retesou o arco, a flecha voou até que um débil assobio foi levado pelo vento e um andorinhão caiu a vários pés dela.

Na vida, não basta ter astúcia para vencer, é preciso também a audácia de o realizar com orgulho, de não seguir por atalhos. Agora, o que tinha de fazer era ajudar a defender Loarre. Os muçulmanos de Bolea estariam nervosos ao ver as novas obras a partir do seu castelo. Não ficariam sempre na defensiva, a qualquer momento o governador da antiga Marca Extrema e o rei da taifa de Saraqusta podiam enviar tropas para uma razia punitiva.

Fortún traçara os desenhos de uma estranha máquina num dos novos pergaminhos preparados pelos curtidores. Ao seu lado estava o sacerdote, com o livro do lombardo nas mãos.

— Construiremos uma balestra que colocaremos no cimo da torre livre, tal como explicam no livro.

— Confias demasiado nas palavras do romano que o escreveu. Roma nem sempre tem razão, garanto-te.

— Eu não confio em ninguém, sacerdote. Segundo lestes no outro dia, a referência para a construção da máquina deve ser sempre o tamanho real do peso da pedra que pretendemos lançar.

— É isso que diz no livro.

— E faz todo o sentido, dado que os orifícios abertos na armação superior devem ser proporcionais ao tamanho do peso da pedra. Assim, para a catapulta lançar uma pedra de duas libras, terá de ter na armação superior um orifício de cinco dedos; se pesar três libras, será de seis dedos; se for de seis libras, sete dedos.

— Se for de vinte libras, dez dedos.

— Isso, e se for de quarenta libras, dezassete dedos.

— É pelos orifícios que se esticam as cordas de cabelo de mulher ou de nervo de animal — prosseguiu Fortún — que já foram preparadas.

O sacerdote continuou a ler sobre o sistema de cilindros a Fortún, que tentava visualizar todos os dados. Depois, mandaram trazer tábuas muito compridas, nas quais mandou fixar apoios onde encaixaram os cilindros. Na parte intermédia dos madeiros, os carpinteiros fizeram uns cortes, assinalando alguns entalhes, aos quais prendeu a armação superior da máquina e fixou com cunhas, a fim de não se mexer quando as cordas se retesassem. Dentro da armação superior, incluíram caixas de bronze, onde se colocaram cavilhas de ferro. Fortún seguiu as explicações do livro e introduziu as pontas das cordas nos orifícios da armação superior, passou-as para o outro lado e atou-as aos cilindros. Depois, retesou as cordas através de alavancas e fê-las soar com as mãos, emitindo o mesmo som. Para que não afrouxassem, deixou-as presas aos orifícios com a ajuda de cunhas. Passando-as para o outro lado, retesou igualmente os cilindros com a ajuda das alavancas, até emitirem também o mesmo tom.

— Tens bom ouvido — comentou o sacerdote.

Fortún sorriu e acabou de preparar a catapulta, bloqueando as cunhas até o seu som ser o correto, em perfeita consonância. O religioso trouxe o último

madeiro.

— Bom trabalho — disse Isidoro, aproximando-se para contemplar a arma —, veremos se nos é útil.

— Claro que será — comentou Fortún —, são magníficas.

— Estamos num castelo, as catapultas e as balestras não me inquietam muito —

observou o canteiro —, um aríete é que me tiraria o sono.

— Os aríetes podem ser atacados — respondeu Fortún —, li sobre isso.

— Cuidado, amigo, lêes demasiado. Não é por estar escrito num pergaminho que algo é mais ou menos verdade.

— Acredito mais nas palavras aqui desenhadas do que nas que brotam dos lábios da maioria dos homens.

— Nem tudo está escrito nesse livro.

— Infelizmente, não.

— Fortún, estás obcecado com ele.

— Isso não é verdade — afirmou —, se cheguei até aqui, foi graças a ele.

Acredita quando te digo que um livro pode ser o maior dos tesouros.

— Nisso tens razão — interrompeu o sacerdote.

— Vê como os monges os guardam nos mosteiros, com que cuidados os mimam.

Eles conhecem o poder dos livros, nós só confiamos no das espadas.

— As palavras podem ser tão poderosas como os exércitos — frisou o religioso.

— Está bem, não quero continuar a discutir por causa disto. Concentremo-nos no que nos diz respeito, por favor.

— Isidoro — Fortún descontraiu —, sei que um aríete construído de forma adequada pode ser temível. Com uma plataforma de madeira apoiada sobre rodas e com uma armação com espeques e grampos na parte de cima. Esse tipo de aríete é capaz de demolir o mais potente dos muros.

— Espero que não chegue o dia em que enfrentamos algo assim.

— Não temas, Isidoro: este castelo também é uma máquina de guerra.

Capítulo Quarenta e Um

LOARRE. JULHO DO ANO 1051

O sacerdote abriu a porta da igreja, o ar fresco do interior era reconfortante. Lá fora, a temperatura aumentava e o hábito fazia-lhe muito calor. Percorreu os escassos metros da nave e prostrou-se diante do altar. Benzeu-se e rezou em silêncio frente ao crucifixo. Após terminar as orações diárias, encomendou-se a São Demétrio. Para tal, invocou as suas relíquias. Como lhe custara encontrá-las.

Nunca perdera a fé em descobri-las, mas às vezes tivera medo de falhar ao Senhor. As relíquias eram um dos elementos mais importantes da Igreja cristã desde tempos remotos. Conheciam-se histórias da época em que Roma era ainda um império e em que os cristãos eram perseguidos e assassinados. Os corpos daqueles mártires constituíam os tesouros mais preciosos da fé. Quando morriam de forma selvagem nos anfiteatros e arenas do Coliseu, os crentes atiravam-se à arena para os recuperar, arriscando a própria vida. Chegavam a recolher o sangue derramado, ensopando panos com ele: o sangue dos mártires, chamavam-lhe.

Nos primórdios do cristianismo, não se concebia um altar se não fosse sobre o túmulo de um santo. As primeiras basílicas construídas após as perseguições foram erigidas sobre as criptas onde jaziam os corpos dos mártires. O Quinto Concílio de Cartago decretou que não seria consagrada nenhuma nova igreja que não tivesse uma relíquia no altar. Tal facto

complicou sobremaneira a construção dos templos e por isso teve início uma nova prática: cortar o corpo dos santos.

Porque, por mais pequeno que fosse o fragmento, mantinha a sua virtude e as suas faculdades milagrosas.

Assim, tornara-se fundamental recuperar as relíquias de São Demétrio e protegê-las no templo. Não se tratava de um santo qualquer. Fora soldado e, portanto, era um mártir guerreiro. E não só. Na sua terra, na Grécia, salvara uma igreja dos ataques armados dos infiéis eslavos e por isso se encomendavam a ele quando eram atacados. Que melhor santo para um castelo do que São Demétrio?

Quando ainda rezava, o novo Poente pregou-lhe um susto ao aparecer em cima do altar.

— Maldito gato! — Tentou apanhá-lo, mas Poente era tão esquivo como o antecessor e correu em direção à porta, onde apareceu Eneca.

— Padre.

— Minha filha, que alegria. Vem, reza comigo.

A mulher ajoelhou-se junto ao sacerdote e entoou uma prece.

— Vejo-te preocupada, filha, passa-se alguma coisa?

— Sim — e fitou-o, radiante —, é o Fortún. Está distraído, abstraído...

— É um homem com uma grande responsabilidade em cima dos ombros.

— Eu sei. Mas não é só isso, não estou certa de que me ame apenas a mim.

— Ava?

— Sim, sei que parte do seu coração lhe pertence, mas não sei quanta.

— Tens de lhe dar tempo, pouco a pouco conquistarás o que ainda não te pertence.

— E se não conseguir? E se essa parte dele pertencer sempre a ela?

— Não precipitemos os acontecimentos. As coisas nem sempre são como pensamos, mudam, transformam-se, têm vários pontos de vista. Olha — e apontou para a janela que iluminava o templo —, a luz. É quase tudo, é Deus. Se a luz muda, as sombras, o relevo e a cor mudam com ela. Dependendo da luz, vemos uma coisa ou outra, ainda que tenhamos à frente a mesma coisa. Deixa que a luz ilumine o Fortún e ele veja as coisas com clareza.

— Desculpai — disse uma voz, interrompendo-os —, temos um problema —

anunciou um dos aldeãos.

O sacerdote e Eneca levantaram-se e acompanharam-no ao exterior da igreja.

Subiram à torre principal do castelo, até à galeria de arcos. Ali, estavam reunidos Fortún, Galindo, Isidoro e Jean, o monge de Cluny. Todos com ar contrariado e olhares de preocupação.

— O que faz ela aqui? — perguntou o cluniacense assim que viu Eneca.

— Estava comigo na igreja.

— A confessar-se?

— A rezar — respondeu o sacerdote. — Eneca, espera por mim no templo, podes continuar a orar sozinha.

A mulher compreendeu que era melhor deixar os homens sozinhos. Fortún piscou-lhe o olho para a cumprimentar e para que partisse tranquila. Os cinco varões ficaram na torre.

— Dois pastores afirmam que ontem à noite, no bosque junto ao rio, ouviram relinchos de cavalos — explicou Galindo.

— Quantos? — inquiriu o monge.

— Dizem que eram muitos — interveio Fortún. — Que teriam de ser dezenas, considerando o barulho que faziam.

— Os muçulmanos? — O monge estava pálido e começou a suar.

— Se eram eles, porque não nos atacaram? — questionou Fortún. — Não bate certo aproximarem-se tanto e não atacarem. É mais lógico sair de Bolea e desencadear uma rápida escaramuça, voltando antes que possamos reagir.

— E se forem sarracenos de Wasqa ou de Saraqusta? Então faria sentido que tivessem montado acampamento — comentou Isidoro, que estava de braços cruzados junto a um dos arcos da galeria.

— Daríamos conta, os vigias vê-los-iam. Agora temos bem vigiados os acessos de Ayerbe e Bolea — explicou Fortún, o mais inquieto dos presentes.

— Existe outra possibilidade, e se for o exército fantasma?

— Galindo, não falas a sério? — indignou-se Fortún.

— Porque não? São muitos os que garantem tê-lo ouvido.

— Mas nunca ninguém o viu — recordou-lhe o mestre de obras.

— Isso é porque, se se aproximarem o suficiente para o ver, são recrutados e passam a fazer parte das hostes.

— Por Deus, Galindo! Crês nessas histórias para assustar crianças? — explodiu Fortún. — Há muitas explicações mais coerentes do que um exército fantasma.

— Quais? Até agora não ouvi nenhuma. — Galindo arqueou as sobrancelhas.

— Vamos aumentar a guarda, quer sejam sarracenos ou fantasmas, temos de estar atentos. Que sabemos de Marcuello? — inquiriu o monge. — Há muito tempo que não há notícias, e tudo isto tem de os afetar.

— Marcuello... — Galindo mastigou as palavras. — Desde que sabem que temos as relíquias de São Demétrio, perderam a maioria dos trabalhadores, estão parados. Contam, sim, com um grande número de homens de armas às ordens do seu senhor, mas esses não erguem muralhas.

Longe de se dissipar, o rumor da presença do exército fantasma nos arredores de Loarre cresceu, envenenando o ambiente. As pessoas dormiam atemorizadas, os viajantes e comerciantes deixaram de chegar, receosos de que essa hoste sombria os atacasse pelo caminho. Durante várias semanas, não se falou de outro assunto no castelo. O fim do verão não apaziguou os ânimos, pois, com o início das chuvas, todos sabiam que eram mais plausíveis as hipóteses de esses renegados aparecerem. O sacerdote não encontrou melhor solução do que levar as relíquias de São Demétrio em procissão, para afugentar os espíritos malignos.

Peregrinaram até ao topo do pico mais perto de Loarre para, daí, rezarem todos juntos e invocarem a Deus para que os libertasse da maldição que deteriorara a convivência dos fiéis.

Isso ajudou, mas não apaziguou os temores.

Chegou o inverno, e fecharem-se em casa serviu apenas para lembrar mais lendas antigas. Muitas relacionadas com monstros ou animais selvagens. As pessoas deixavam voar a imaginação e ouviam-se as teorias mais inverosímeis.

Houve até quem dissesse ter visto ossos a rondar Loarre. Eneca não se pronunciava sobre essas histórias. Mais do que ninguém, acreditava nas antigas lendas, por isso era prudente. Falava no feminino desse animal, a urso, visto que se comportava como a natureza: no inverno, abrigava-se sob a neve, onde tinha de dormir até às portas da primavera. Não era, pois, possível que alguém avistasse uma naquela época do ano. Por outro lado, a urso era o animal mais corpulento do bosque e o que tinha o comportamento mais semelhante ao dos

homens, pois conseguia erguer-se sobre os membros posteriores. Uma lenda assegurava que era um homem maldito, castigado por Deus.

Eneca sabia diferenciar as lendas reais das que não passavam de contos para crianças e idosos. Numa das primeiras manhãs do novo ano, saiu de Loarre com a intenção de apanhar azedas, plantas de raízes grossas que abundavam em prados e pastagens. Não teve muita sorte e, ao regressar ao castelo, demorou-se nos arredores, pois gostava de conhecer bem o terreno próximo de Loarre.

Assim, entrou numa gruta a uns quinhentos passos do castelo. Ouvira falar nela a umas velhas de Loarre, que garantiam haver coisas estranhas no local e que era melhor não se aproximar. Aquela cavidade tinha fama de ter sido usada como sepultura e por isso os habitantes não se aproximavam dela.

Localizou-a. Sobre um barranco, era, pouco mais do que um abrigo aberto a sul e formado pelos resquícios de grandes blocos de rocha calcária, uma cavidade com evidências de ter sido utilizada por alguém. Eneca não se assustava facilmente, pelo que decidiu entrar. Era demasiado estreita, procurou pelas paredes, mas não encontrou pinturas. Foi no chão que percebeu que teria mais sorte. Pegou numa faca que levava para cortar plantas e escavou com cuidado.

Não tardou a concluir que aquele era um local de sepultura, a meio caminho entre o mágico e o religioso.

Procurou algo mais e, quase à flor do solo, deparou com abundantes fragmentos de esqueletos humanos e elementos de alfaias. Havia bocados de crânios e maxilares de homens de diversas idades. Alguns crânios tinham as suturas já fechadas, pelo que os ferimentos teriam sido curados em vida. Trouxera uma pequena peneira, com a ajuda dessas ferramentas, encontrou muitos dentes humanos. Mas o que mais lhe chamou a atenção foram as contas de um colar.

Apanhou-as e pô-las num fio de corda. Eram pequenas pedras esculpidas, o material era-lhe desconhecido e parecia emitir algum tipo de energia. Tirou a cruz que trazia pendurada ao pescoço, a que a mãe lhe entregara quando era pequena, e enterrou-a naquele lugar. Em troca, pendurou ao pescoço o colar que acabava de confeccionar.

Depois, saiu dali e regressou a Loarre.

Capítulo Quarenta e Dois

LOARRE. NOVEMBRO DO ANO 1052

Uma luz dourada inundou o amanhecer ao mesmo tempo que o vento fustigava Loarre como um enfurecido enxame de abelhas. Ameaçava derrubar as portas e janelas a fim de entrar nas cabanas. Tiveram de parar as obras e a maioria dos trabalhadores esperava na sua enxerga que o vendaval amainasse. Só Isidoro parecia satisfeito com aquele tempo nefasto e, abrigado entre a muralha sul do castelo, contemplava o bater das copas das azinheiras e como o vento empurrava as nuvens para leste a uma enorme velocidade.

— Como sopra! Parece capaz de levar todos os problemas para longe daqui, não é verdade? — disse uma inesperada voz atrás dele.

— Não é isso, monge — respondeu o canteiro. — Nós somos como as árvores, por mais que nos batam, continuamos presos à terra.

— É possível, ainda que, nestas paragens de superstições pagãs, haja quem tema o vento, a chuva e tudo o que não conseguem entender.

— Todos temos medos.

— Quais são os vossos, canteiro?

— Os de qualquer homem, neste momento o que me preocupa é o futuro do reino.

— Ao morrer o rei Garcia, dizem que os navarros ficaram toda a noite no campo de batalha, que levaram o corpo inerte do rei em procissão até Nájera, para ser sepultado no panteão real que ele mesmo edificara.

— A morte de um rei nunca é boa para ninguém.

— No fim de contas, a realeza é composta por homens e também eles serão julgados por Deus. Um bom rei deve ajudar a Igreja na sua difícil tarefa. Ramiro fá-lo, por isso o apoiamos no seu complexo caminho para edificar um novo reino.

— Ramiro é ambicioso.

— E conseguiu ser coroado rei.

— E agora?

— Não sei, o novo monarca de Pamplona será uma criança. Não creio que Ramiro enfrente problemas em negociar com ele. Ainda que continuando a prestar-lhe vassalagem, temo que o rei de Aragão tenha sempre o seu reino em causa, não é um filho de pleno direito do falecido rei Sancho, o Maior.

— Os bastardos também podem governar; além do mais, ele nasceu antes do casamento, ninguém pode dizer que seja bastardo.

— Sei isso, mas entre nobres e reis as coisas são sempre difíceis, senão qualquer um poderia sê-lo.

— Julgo que desta vez estais enganado, a única coisa que me altera é o que acontecerá quando ele morrer, queira Deus que seja daqui a muitos anos.

— O que me preocupa é este castelo e a forma como a sua construção pode ajudar o nosso rei. Não me apaixonam de todo os falatórios da corte.

— O que quereis, monge?

— Ajudar-vos.

— Sou pedreiro, como pode um religioso como vós fazê-lo?

— O nosso ofício é parecido, vós trabalhais a pedra, dais-lhe forma. Eu faço o mesmo com a alma dos homens. Sem as vossas mãos, a rocha é disforme. Sem as minhas orações, a alma dos fiéis está perdida. Vós dais vida à pedra inerte, eu dou sentido à das pessoas.

— Trabalhar a pedra é uma forma de comunicar com Deus, são elas que formarão as igrejas e durarão para sempre.

— Assim é, Isidoro, por isso deveis ajudar-me.

— Ajudar-vos? Em quê?

— Esta comunidade está infetada, muitos não são verdadeiros cristãos.

— Pagãos?

— Sim, pagãos, adoradores de falsos deuses e...

— E o quê? — inquiriu o canteiro, sobressaltado.

— Bruxas. Eneca é maligna, vejo-o nos seus olhos negros. Com o pecado no corpo, pode corromper a alma dos homens.

— O quê? A mulher de Fortún? Não posso ajudar-vos, eu...

— Podeis, sim. Credes em Jesus Cristo?

— Claro que sim, sou tão fiel a Ele como podeis sê-lo vós.

— Isidoro, não sei porque ajudais o filho de um carpinteiro, julgo que vos equivocastes na escolha de aliado. Podeis trabalhar em obras maiores, uma catedral, um palácio real, vi-vos dar forma à pedra. Ajudai-me e Deus recompensar-vos-á.

— O que me pedis ao certo?

— Chegou a hora de limpar este lugar de falsos crentes — disse o monge entre sussurros.

— Que barbaridade é essa? Não! Jamais participarei em semelhante maldade.

— Maldade? Vi-a preparar unguentos, vi-a caminhar com lascívia... Quem sois vós para julgar onde habita o maligno? Não ouseis falar do bem e do mal, não vos compete, e o castigo pode ser pior do que a morte. — Com as suas palavras, o monge aterrorizou Isidoro.

— Eu não posso...

— Sim, confiai em mim. Só há dois obstáculos a que a verdadeira fé triunfe em Loarre. A bruxa e o sacerdote.

— O sacerdote? Porquê? Ele é um homem de fé.

— Trouxe a bruxa para Loarre, mantém-nos com o velho rito. Roma não o professa, o papa condenou-o e urge alterar a liturgia em toda a cristandade.

Recebemos mal a palavra de Nosso Senhor. — Fez uma pausa quando uma rajada de vento sacudiu o seu abrigo entre a muralha. — São Isidoro foi um homem sábio, um pai da Igreja. Três dos irmãos foram bispos e santos: Leandro, Fulgêncio e Florentina. Estou convicto de que sois o escolhido para esta importante missão.

— Lamento ter de...

— Escutai-me — e agarrou-o pelo antebraço —, Fortún não está aqui pelo rei, nem pelo reino, nem por este castelo. Se regressou a Loarre, foi por causa da bruxa, por essa mulher... e usa-vos, aproveita-se do vosso engenho, do vosso imenso talento para trabalhar a pedra.

— Cuidado, monge, é meu amigo.

— É egoísta — afirmou o frade, enérgico. — Sabeis o que poderíeis edificar se trabalhásseis para Cluny? Não falo de castelos nem de atalaias, nem de igrejas em vales perdidos. Falo-vos de catedrais.

— Isso é impossível.

— Trabalhastes em Jaca, sabeis o que vão construir nessa cidade. Posso conseguir-vos um posto importante lá.

— Como sei que o que dizeis é verdade?

— Sou um monge, devo lealdade a Deus, jamais vos mentiria — sussurrou Jean, envolvendo as palavras com um sorriso —, pensai bem, toda uma catedral.

— Maldição! — As mãos de Isidoro tremiam. — Muito bem, o que devo fazer?

— Dentro de duas luas, o senhor de Marcuello virá com os seus homens através do rio.

— Vamos ser atacados por cristãos!

— É ele o verdadeiro senhor destas terras, o seu castelo já estaria terminado se não fosse pelas relíquias, e além do mais é um cristão devoto, que entende a

necessidade de trocar o rito arcaico destas terras pelo verdadeiro.

— Mas lutar entre nós é uma aberração. Deus não o entenderá.

— Volto a repetir, não faleis de Nosso Senhor, não sois ninguém para saber o que Ele pensa, deixai esse trabalho para nós, os seus humildes servos. —
O

monge ergueu os olhos para o céu. — Às vezes, o pior inimigo está na nossa casa. Ides ajudar Cristo a limpar esta terra de blasfemos?

— Pedis-me que traia os amigos.

— Não, suplico-vos que sirvais Nosso Senhor. Isidoro, compreendo o vosso pesar, partilho-o até, mas não posso perdoá-lo, pois, na sua incrível misericórdia, Deus deu a vida por todos nós, a que sacrifício nos podemos negar?

— Espero que tenhais razão — claudicou Isidoro, com uma simples expressão no olhar.

— Tende fé, é Ele quem nos guia. — O monge pôs a mão fria no rosto do canteiro. — Um grupo de fiéis encarregar-se-á dos vigias. Isidoro, vós deveis manter Fortún ocupado e, chegado o momento, matar a bruxa. Não deve ver a luz do novo dia. — O monge viu o temor nos olhos do canteiro. — Escutai bem, quando os falsos cristãos forem eliminados, vós sereis

recompensado. Obtereis o posto de mestre de cantaria da Catedral de Jaca, esculpireis os capitéis do seu claustro.

— Eu numa catedral?

— Sim, podereis dar vida à pedra e gravar nela o vosso nome para que Deus vos reconheça quando chegar a hora.

O canteiro ficou em silêncio, a ver as nuvens voar rapidamente para leste. Talvez também ele se encaminhasse agora para um novo destino.

— Lembrai-vos, dentro de duas luas, depois das horas completas. Quando os homens de Marcuello entrarem, aproveitai para acabar com a vida dessa mulher.

Se ela morrer, todo o mal acabará em Loarre e a luz ressurgirá — afirmou o monge de Cluny antes de se agasalhar bem e descer ao povoado, deixando Isidoro com os pensamentos.

Lavou as mãos e o rosto no tanque. A exígua luz de uma vela iluminava a divisão. Eneca acariciava o cabelo de Fortún, que, deitado de costas na enxerga, tinha o olhar perdido nas vigas do telhado da cabana.

— Em que pensas?

— Em nada.

— Mentiroso — disse Eneca, sorrindo.

— Em coisas minhas.

— Coisas do castelo, queres dizer. — Riram-se os dois. — Conta-me.

— Na água, ou seja, no aprovisionamento. Não há poços nem rios caudalosos aqui perto. Devemos construir uma segunda sala abobadada dentro do recinto, no prolongamento da torre norte.

— Colada à que construiu o lombardo.

— Sim, li nos seus livros como deve ser a mistura de uma argamassa especial para que a água acumulada não escape pelos muros da cisterna. Com boas reservas, poderemos aguentar um longo cerco.

— Vamos ser cercados?

— Duvidas? Estranho é que os muçulmanos não o tenham feito já. De que estarão à espera?

— Do momento certo, não são impacientes como tu. — E riu-se.

— Eu sou muito paciente.

— Fortún, os homens são impetuosos, o vosso sangue agita-se e excita-vos facilmente, ou vais negar isso?

— É possível que sejamos um pouco ansiosos.

— Um pouco, dizes? — Passou as mãos pelas coxas de Fortún, avançando por

elas até ao início, quando chegou encontrou o que esperava. — Vês como foi fácil?

— Isso é diferente.

— Pois... Isto é o que são os homens — disse, tirando a mão do entrepernas do mestre de obras.

— Vais deixar-me assim?

— Sim, tens de aprender a controlar os impulsos, caso contrário, não te diferenciarás de um animal. O que me dizias antes sobre a água e os sarracenos?

— Enfim... — resignou-se Fortún. — Dizia-te que, se eu estivesse no lugar dos infiéis, não deixaria que os inimigos levantassem uma única pedra deste castelo.

— Mas não estás — sussurrou-lhe ao ouvido, voltando a brincar com ele, para depois o deixar novamente —, pensas na tua cisterna. Eles, com toda a certeza, andarão a discutir a melhor maneira de derrubar as tuas altas torres.

— Tens razão, sabes? Não quero que ninguém saiba que vamos ampliar a cisterna.

— Porquê?

— Não sei ao certo, é um palpite — confessou Fortún.

— Para o caso de haver traidores entre nós?

— Há sempre.

— Talvez eu também seja uma traidora? — insinuou Eneca, aproximando-se.

— Tu és algo pior — respondeu ele, agarrando-a com força pelos pulsos —, tu és a minha fraqueza.

Eneca revolveu-se e empurrou Fortún até fazer com que ele rodasse e fosse ela a ficar por cima dele.

— Não sou a fraqueza de ninguém, eu... — e aproximou os lábios da orelha do construtor —, eu sou a tua inspiração, a que habita os teus sonhos, a água que

escorre entre as tuas mãos.

Fortún reagiu rodando novamente, voltando a ficar por cima dela e agarrando-a pelos braços com mais força.

— Não quero que escapes, quero que sejas minha para sempre.

— Nada dura para sempre.

— O meu amor sim — afirmou Fortún, de forma enérgica.

— O teu amor murchará, morrerá e desaparecerá com o tempo.

— Não, não o fará.

— Sim, claro que sim. — Eneca sussurrou as palavras que acariciaram o rosto de Fortún. — Porque pensas no para sempre se estás comigo? Agora, aqui. Que importa o que acontecerá na velhice, ou daqui a dez anos, ou amanhã?

— Mas... pensava que tu querias...

— Não penses tanto. Dizes que me amas? Bem, demonstra-mo agora. Ama-me como se hoje fosse para sempre. É isso que quero.

Fortún provou as palavras nos lábios da mulher, saboreou cada uma das letras e procurou mais com a língua dentro da sua boca. Fê-lo com desejo, com ânsias de encontrar algo mais que escutar. Não descobriu ali mais frases, prosseguiu pelo pescoço e detetou apenas o aroma a lavanda. Abriu-lhe a saia e continuou a busca por uns peitos que sabiam a fresco e, ao mesmo tempo, a doce. E

vasculhou-os, como se fossem dizer-lhe o que queria ouvir.

Teria ficado neles para sempre, mas sabia que devia prosseguir. Encontrou um abismo de sonhos que parecia trazer bem dentro dela, mas, por mais que tentasse, não foi capaz de dar com a entrada.

Despiu-a por completo e ficou paralisado ante o sorriso vertical do seu sexo, que permanecia também de lábios fechados. Sentiu como uma mão na parte de trás da cabeça o convidava a beijá-la, e desta vez encontrou palavras. Inteligíveis, arcaicas, que soavam como gemidos animais. Continuou a abrir caminho dentro dela, até que a dor que sentia entre as pernas foi tão intensa que se despiu

também e penetrou-a. Como um urso das montanhas, virou-a e deixou-se levar pelo seu sexo embrutecido, investindo sem pudor, sem piedade. Eneca virou o rosto para trás e Fortún pôde ver a sua expressão deformada, os olhos lacrimosos, o cabelo emaranhado e o ar de prazer. Os seus olhos

pediam mais e ele deu-lho. Deu-lhe tudo o que tinha, tanto, que depois caiu vencido sobre as costas de Eneca, tão vulnerável e indefeso como uma criança pequena. Ela sabia e virou-se para que ele adormecesse entre os seus seios.

— Fortún, isto é para sempre.

Capítulo Quarenta e três

LOARRE. PRIMEIROS DIAS DO ANO 1053

Começou a nevar antes do esperado, o vento do norte trouxera nuvens negras que não tardaram a descarregar. O inverno chegara com a decidida intenção de ficar durante vários meses, nos quais os habitantes daquele terreno agreste se refugiariam no calor das fogueiras enquanto viam como a neve era pisada por javalis, ursos, lobos e outros animais selvagens saídos dos bosques. A gente de Loarre estava habituada àquelas dificuldades, pelo que, para dar as boas-vindas à mudança de estação, prepararam uma ceia na sala de reuniões da aldeia. As obras parariam devido ao mau tempo, bem como os possíveis ataques muçulmanos. Até à primavera, não voltaria a haver perigo de incursão, podiam estar tranquilos à volta da fogueira.

O sacerdote acabava de regressar de viagem, mais uns dias, e talvez ficasse retido devido ao mau tempo. Assim que chegou, reuniu-se com Fortún.

— O legado papal cumpriu as ordens de Alexandre II e está prestes a conseguir uma brecha num dos reinos da Hispânia. Não devemos permitir que a adoção do rito romano seja oficializada.

— Esse assunto está a complicar-se demasiado.

— A maioria do clero continua fiel ao rito, o problema é que chegam cada vez mais enviados de Roma. O legado papal não faz mais do que ganhar simpatizantes para a sua causa, temos de resistir, ainda há esperança.

— E o bispo de Aragão? De que lado está?

— Do nosso.

— Esta não é a minha guerra, sacerdote. Apoiarei a vossa luta enquanto o rei e o bispo o fizerem, mas jamais irei contra o nosso monarca.

— Nem eu to pediria, o rei é um bom cristão.

Eneca e outras mulheres preparavam um caldo numa panela de barro, enquanto os homens conversavam e bebiam no salão. Ela não comia carne, só os frutos do bosque: avelãs, medronhos, também sopas de tomilho e outros caldos. Fortún e Isidoro davam conta de um jarro de vinho, enquanto o sacerdote saboreava uma perna de cordeiro ante o olhar de Galindo, o Facas, que lamentava ter acabado já com a sua. O monge de Cluny era o único que parecia ausente nessa noite de festa. Da ponta de uma das longas mesas que formavam o banquete, observava em silêncio, sem provar o vinho e comendo lentamente, como quem não tem apetite. Deixou as costelas por terminar, levantou-se enquanto todos estavam distraídos e saiu do salão para urinar.

Uma vez no exterior, encontrou dois canteiros a aliviar a bexiga. Levantou o hábito e soltou um ténue jorro, insignificante para um homem da sua estatura.

— O que se passa, monge? Não há vontade? — perguntou um deles, entre risadas.

— É o que acontece por não a usardes — gracejou o companheiro para aumentar o som das gargalhadas.

— Malditos borrachões — murmurou o frade —, em breve dar-vos-ão o que mereceis.

Quando a dupla regressou à festa, pegou num dos archotes que iluminavam a entrada da sala e dirigiu-se a uma das rochas que se erguiam na subida do castelo. Daí, começou a agitá-la, formando círculos no ar.

Nos arredores de Loarre, Bernart, senhor de Marcuello, esperava, impaciente, pelo sinal. O seu cavalo resfolegava e mexia as patas da frente, tentando lutar contra o frio. Ele mesmo tiritava e apertava fortemente contra

o corpo a grossa pele de urso que o aquecia. A seu lado, os escudeiros estavam também cobertos com peles de raposas, ovelhas e cabras.

Ao ver o sinal luminoso, deu a ordem, e oitenta homens saíram da penumbra da noite, deslizando em silêncio ladeira abaixo. Mais de quarenta iam armados com boas espadas e lorigas, os restantes com facas, foices, machados e lanças de madeira. A neve abrandava o passo, mas o essencial era manter o silêncio.

O monge regressou à festa e congratulou-se ao verificar que ninguém dera pela sua falta. Sentou-se à esquina da mesa e, desta vez, bebeu o jarro de vinho aguado. Saboreou-o nos lábios, pareceu-lhe repugnante, mas ao menos aqueceu-lhe a garganta.

A última ceia, pensou.

Viu Fortún a rir ao centro da mesa, se fosse realmente a Última Ceia, ele seria Jesus. A seu lado, o homem de Baztán teria de ser São João.

Tremeu ao pensar nisso.

Não podia continuar a pensar naquilo, pois, nesse caso, quem era ele senão Judas?

Bebeu outro copioso gole de vinho, que talvez não estivesse tão aguado como inicialmente pensara. Tinha de ser isso, a bebida pregava-lhe uma partida.

Também queria rir, mas devia esperar. A sua alegria seria diferente, mais duradoura, mais trabalhada. Longe do vinho, das mulheres ou de outras questões terrenas. Seria Deus a recompensá-lo pelo seu obscuro trabalho, por levar o verdadeiro rito àquela terra de falsos cristãos, pagãos ocultos, bruxas e infiéis.

Depois de acabarem de cozinhar e servir a ceia, as mulheres e as crianças sentaram-se à volta de Eneca. A mulher que falava com os animais pediu silêncio às mais ruidosas e começou o relato.

— Há milhares de anos, os vales destas montanhas estavam sob o domínio de Tubal. Eram tempos sombrios em que os velhos deuses reinavam sobre a face da Terra e os homens não eram mais do que simples brinquedos com os quais as divindades se divertiam. Tubal tinha uma bela filha chamada Pyrene.

» Pyrene era desmesuradamente bela, de longos cabelos dourados e olhos verdes como o fundo dos poços de água dos mais altos vales. Dizem que quem os fitasse por demasiado tempo acabava perdido neles, como se tivesse caído num profundo abismo. Foram muitos os que ficaram doentes de amor ao encontrá-la a passear pelos bosques. Mas, por mais homens que fossem atrás dela, o coração

de Pyrene estava reservado só para um: Hércules, o famoso herói vindo do Oriente, com quem a jovem princesa se encontrava às escondidas.

— Amavam-se? — perguntou uma das meninas mais pequenas.

— Amavam-se loucamente — respondeu Eneca antes de continuar com a história, e todas murmuraram.

» Apesar de se encontrarem às escondidas, o amor do casal foi descoberto por Tubal. Encolerizado com os amantes, o pai de Pyrene desterrou Hércules dos seus domínios, enquanto a filha se abandonou à tristeza sem o seu querido amor.

Apesar da partida, ela continuava a vaguear pelos bosques, na esperança de que o seu Hércules regressasse ali para a ir buscar e fugirem juntos para outras terras longe de seu pai. Mas o herói nunca chegava.

O monge via, repugnado, como todos ouviam a lenda. Enojavam-no inimaginavelmente aquelas histórias pagãs. Deixou, por isso, a sala e saiu para o exterior, para junto da neve.

Onde estão?, perguntou-se.

— Um dia, enquanto passeava à espera de Hércules — continuou Eneca a relatar no interior —, Pyrene encontrou-se com Gerião, um ser horrível de

três cabeças que quis possuir a jovem princesa à força. Era um autêntico monstro, capaz das piores maldades. Apanhou-a, mas, felizmente, Pyrene conseguiu escapar e esconder-se nas profundezas do bosque que tão bem conhecia. Gerião não se deu por vencido. Desejoso de possuir a jovem, incendiou o bosque para ela não poder esconder-se no seu interior.

» Então, uma águia que assistira a tudo voou até ao local para onde Hércules fora desterrado e informou-o das terríveis notícias. Ele não hesitou e, apesar da proibição de regressar às montanhas, foi o mais rápido possível resgatar a amada.

» Pyrene estava cercada pelo fogo, ia ser pasto das chamas. Hércules tentou salvá-la, mas quando chegou junto dela já era tarde. O fumo envenenara os pulmões de Pyrene. Tomou nos braços a bela amada quando esta estava prestes a exalar o último suspiro e declarou-lhe o seu amor eterno, momentos antes de Pyrene morrer.

Mulheres e crianças olhavam para Eneca, de boca entreaberta, à espera que continuasse a história. Ela deu-lhe um pouco mais de mistério e ficou em silêncio por instantes, que a todos pareceram eternos.

— Hércules, quebrado pela dor, enterrou-a no bosque onde se haviam encontrado e amado às escondidas. Para isso, trouxe as maiores pedras que encontrou e colocou-as sobre o corpo inerte de Pyrene. Não queria que ninguém profanasse a amada. O herói trabalhou com tanta paixão que chegou a erigir enormes elevações de pedra para ocultar o corpo da bela princesa.

» Assim nasceram os Pirenéus, segundo dizem os antigos. Do amor de Hércules e da bela Pyrene. Montanhas criadas à imagem da beleza da jovem princesa. E, no fundo delas, continua escondido o corpo de Pyrene, onde nenhum homem poderá jamais encontrá-lo.

Lá fora, os homens de Marcuello tinham chegado às cabanas mais próximas da aldeia. A paliçada de madeira que as rodeava não era obstáculo para eles, e ainda mais se as portas estivessem abertas, tal como esperavam. A primeira companhia de homens acedeu e assegurou o perímetro da entrada. A seguinte escondeu-se entre as ruínas da antiga igreja, oferecendo proteção

aos dez homens que os seguiram e se distribuíram ao longo das cabanas centrais. Nesse momento, Bernart, com o grosso do seu exército, investiu rumo à praça central, em cujo extremo se situava a sala onde se celebrava a ceia de boas-vindas ao inverno.

Um dos escudeiros portava uma reluzente loriga de anéis rebitados, de uma só peça, com longas mangas e sem manoplas. Um almofre cobria-lhe a cabeça e um gorjal parte do rosto.

Aproximou-se do salão de reuniões, onde encontrou o monge.

— Vamos! Estais à espera de quê?

O atacante ignorou-o e deu um forte pontapé na porta, que não resistiu à investida, e duas dúzias de homens furiosos entraram com a intenção de não deixar uma única alma com vida, para regar de sangue aquele lugar maldito que era Loarre. Entretanto, os arqueiros posicionavam-se atrás deles para poderem acabar com qualquer um que conseguisse fugir da armadilha.

O monge esfregava as mãos, mas quando os homens entraram, não havia lá ninguém.

— Não é possível! Para onde foram? Ainda há um momento estavam aqui —

gritava o monge, desesperado.

O senhor de Marcuello entrou também dando várias passadas, de espada na mão, com o seu guarda atrás. Ficou paralisado ao não encontrar carne onde a cravar, a não ser a das pernas de cordeiro que, ainda quentes, repousavam sobre a mesa do banquete.

— O que se passa aqui? — gritou aos homens. — Onde estão esses cobardes?

Onde está o monge?

Atrás de si, ouviram-se gritos.

Então entendeu tudo, mas já era tarde. Fechou os olhos e rezou. Vários dos seus homens caíram abatidos pelas flechas, entre eles, o escudeiro da loriga de anéis.

Entretanto, o resto dos atacantes dava-se conta de que era uma armadilha e tentava escapar da sala de reuniões. Quando os primeiros homens chegaram à porta, duas pesadas carroças carregadas de troncos bloquearam-lhes a passagem.

Desesperados, procuraram outra saída, mas todas as janelas estavam fechadas e trancadas por fora.

Não havia maneira de fugir dali.

Os homens de Marcuello que tinham ficado no exterior cedo encontraram inúmeros fios de espada ante os quais mal puderam opor resistência. O grupo da igreja saiu da sua posição, disposto a ajudá-los, mas Ava e a vintena de arqueiros às suas ordens crivaram-nos de flechas, até nenhum ficar com vida. Não tiveram melhor sorte os que se haviam posicionado junto à porta, pois o sacerdote montado a cavalo e outros ginetes surgiram vindos dos flancos. O religioso ergueu a clava e esmagou o rosto ao primeiro; ao segundo, esmagou-lhe o queixo e acabou com ele com uma pancada no pescoço.

Dentro da sala de reuniões, Bernart e o grosso dos seus homens tentavam mover as carroças que lhes bloqueavam a passagem.

— Senhor de Marcuello, acreditáveis realmente que Isidoro me trairia? Que não seguiríamos o vosso monge? — gritou Fortún. — Julgais-nos assim tão néscios?

— Néscios, não, cobardes, sim. Malditos sejais! Libertai-nos ou o rei Ramiro terá notícias minhas e enforcar-vos-á por atacardes um dos seus cavaleiros.

— O rei terá notícias vossas, mas não chegarão da vossa boca suja. Asseguro-vos!

— O que quereis dizer? — inquiriu Bernart. — O que pretendeis fazer-nos?

Libertai-nos! Não passais do filho de um carpinteiro, não podeis tratar-me assim!

— Como Jesus, Nosso Senhor — afirmou o sacerdote, que chegou montado no cavalo. O animal relinchou. A clava coberta de sangue que trazia na mão tinha um aspeto dantesco.

Ava movia-se com agilidade. Não trazia cota de malha, indo antes protegida por um perponte. Um tecido que costumava usar-se sobre a loriga, mas que ela envergava sozinho, pois era forte, acolchoado, pespontado e apertado, leve para a batalha e manobrável. Ordenou aos seus arqueiros que formassem uma linha diante do edifício, e dois jovens apareceram com tochas com que acenderam as flechas. Ava esticou o arco e os restantes imitaram-na, os projéteis iluminaram o céu, que continuava a borrifá-los com neve branca que se tingia de vermelho ao cair sobre Loarre.

O telhado começou a arder e os que estavam ali fechados gritavam como porcos antes de ser degolados. Naquele ambiente fantasmal, apareceu o guerreiro de Baztán, arrastando pelo hábito o monge de Cluny e atirando-o aos pés de Fortún.

— Sou um homem de fé, tende piedade de mim. Não podeis matar-me, sou um homem de Deus.

— Tendes razão, não posso matar-vos. — Fortún virou-lhe as costas e partiu juntamente com o resto dos seus homens.

O monge, ajoelhado, entre soluços e com o hábito a cheirar à própria urina, respirou de alívio. Viu o caixão de fogo onde ardiam Bernart e os seus homens e não sentiu pena. Nem quando os gritos dilacerantes retumbaram por toda a Loarre, chegando ao túmulo da própria Pyrene. Mais, estava contente por ter salvado a vida enquanto eles morriam daquela maneira cruel. Mas nem todas as pessoas de Loarre se afastaram dali, houve uma que desmontou e se aproximou do monge a passo firme.

— Sois sacerdote, um homem de Deus, não ireis...

O religioso ergueu a clava.

— Dente por dente, olho por olho.

Partiu-lhe o maxilar ao primeiro golpe. O cluniacense caiu sobre a fria neve com pedaços dos dentes cravados na garganta e tão aturdido que começou a perder a visão. Conseguiu recuperá-la por breves momentos, para ver como era o impacto que lhe ia rebentar a cabeça.

— Eu sim, posso matar-vos.

Capítulo Quarenta e Quatro

ARREDORES DE LOARRE. JANEIRO DO ANO 1053

Os homens acabaram de abrir a vala e, um a um, os corpos dos mortos foram atirados para o fundo. Os abutres já rondavam o local, descrevendo círculos.

Aqueles necrófagos não iam ter banquete nessa tarde. Todos os atacantes receberiam um enterro sagrado. Um a um, o sacerdote foi-os abençoando enquanto os habitantes de Loarre rezavam. Eram inimigos, mas também eram cristãos. Jamais deviam esquecê-lo.

Todos sabiam da importância da vitória.

— Morto o senhor de Marcuello, acabou o problema — comentou Galindo.

— E os descendentes? — inquiriu Fortún. — Ninguém exigirá justiça?

— Depois de nos terem atacado? Será difícil, mancharam a sua casa. Devem preocupar-se mais em limpá-la do que em vingá-la — prosseguiu o pamplonês.

— Além disso, a descendência não está clara, parece que tem um par de bastardos, o herdeiro é uma criança e os outros filhos legítimos são mulheres, ninguém está preparado para pegar na bandeira da vingança, tivemos sorte. E

depois há o de sempre com os nobres...

— A que te referes?

— Quem mais beneficia com a morte de um grande senhor é a restante nobreza, menos concorrência, mais para dividir, assim funcionam todos os reinos, por mais jovens que sejam. Portanto, alegra-me essa cara, Fortún, que agora ninguém fará sombra a Loarre. A partir de hoje, temos a certeza de que a Terra Chã será só nossa.

— O que fazemos com o enviado de Cluny? — perguntou Fortún.

— Enterrai-o também — respondeu o sacerdote sem erguer os olhos da Bíblia.

— Vai trazer-nos problemas.

— Não se dissermos que foram os de Marcuello que o mataram.

— Caramba para o sacerdote... — acrescentou Galindo, sorridente.

— Preocupa-me mais a situação do senhor de Marcuello, não tenho assim tanta certeza de que não venhamos a sofrer represálias. Não me parece que queimar um nobre seja bem-visto na corte.

— Ele ia matar-nos, o rei entenderá.

— Pois vai tu pessoalmente contar ao monarca — reclinou-o o religioso.

—

Pode não ser de imediato, mas pesar-nos-á, se não, dá tempo ao tempo...

— Assim farei, se for necessário.

— Não sejas néscio, a alguém da tua classe não deixariam nem abrir a boca.

—

O sacerdote suspirou. — Vai dar ao mesmo, também Cluny nos terá agora entre os seus principais objetivos, que mais inimigos podemos ter?

— Os infiéis? — acrescentou Isidoro ante a expressão de assombro de ambos. —

Não olheis assim para mim. Às vezes, parece que vos esqueceis do fundamental.

O principal inimigo são os muçulmanos, foi para lhes fazer frente que Loarre foi construído, parai de olhar para trás das costas.

— Santo Deus! — exclamou Galindo, erguendo a voz. — Parece mentira, canteiro, desde sempre que os piores inimigos de um homem são os que vêm por trás.

— Não me tomes por estúpido, Facas.

— E tu não ouses chamar-me assim, canteiro!

— Basta! — gritou Fortún, enfadado. — O sacerdote tem razão. Pusemos em perigo a construção do castelo ao matar o senhor de Marcuello e o monge.

— Enganas-te — disse Ava, aparecendo para se juntar à discussão —, a construção de Loarre estará sempre em causa, terás sempre inimigos que virão destruí-lo ou apoderar-se dele.

— Sim, mas devemos ter cuidado com Cluny. São perigosos. Que melhor lugar do que Loarre para instaurar o rito romano nas nossas terras?

— O que julgais que farão agora que acabámos com o seu monge? — perguntou Ava ao sacerdote.

— Voltarão a enviar alguém pior do que este.

— Pior? Isso é possível? — inquiriu Fortún.

— As coisas têm a faculdade de piorar de forma infinita, não sabias? O bem é limitado, mas o maligno não tem fim, pois pode utilizar qualquer meio ao seu alcance. Nós não, nós somos o exército de Deus e estás a construir a sua fortaleza. Nunca te esqueças disso!

Deitado sobre o chão frio da igreja castrense, de braços estendidos a imitar a forma da cruz, o sacerdote expiava os pecados. Deus não vira com bons olhos que derramasse tanto sangue cristão, mas Ele, que tudo sabe, compreenderia que não havia outra opção. Deus é justo e misericordioso.

Ainda não terminara as orações quando a porta do templo chiou e uma sombra se projetou sobre o altar.

Ele não se alterou, ouviu os passos que, firmes e decididos, se aproximavam do altar. Aguardou uns momentos e levantou-se com dificuldade.

— Bons-dias, filha, não é habitual ver-te por aqui.

— Também ver um padre no campo de batalha não o é — ripostou Ava.

— Discordo, quantos santos e mártires foram soldados? Quantos bispos empunharam armas? Estamos em guerra, a Igreja precisa de ter o seu exército, as milícias de Cristo, e acredita, em breve tê-las-á.

— Não vim para falar de guerra.

— De quê então? Algo te inquieta, os teus belos olhos não mentem.

— Às vezes, a linha que separa o bem do mal é fina.

— É verdade, que tem um homem de armas que luta numa batalha em comum

com uma mãe que cuida do filho? Pensa nisso, ainda que certamente a tua resposta seja um taxativo «nada». Não é assim?

— É provável que sim.

— Ambos refletem facetas opostas, como comparar o amor maternal com o horror da luta? E no entanto... têm mais em comum do que aparentemente somos capazes de ver.

— Às vezes, para fazer o bem, é preciso usar o mal.

— Não duvides.

— E onde está o limite? — inquiriu a arqueira, interessada.

— Em Deus, claro. Ele julgará os nossos atos quando chegar o momento e devemos estar preparados. — O sacerdote ficou pensativo. — Ava, o que pensas fazer?

A arqueira sorriu e abandonou o templo sem dizer mais nada.

Esse inverno foi difícil, nevou em abundância e a geada caiu com uma intensidade inusitada. Muitas árvores ficaram petrificadas para sempre. Ninguém se lembrava de noites mais frias e, além do mais, a primavera parecia adormecida e atrasada. Não se contentando com isso, durou apenas algumas semanas e juntou-se ao verão. O tempo parecia um cavalo descontrolado, e o verão não fez senão confirmá-lo, pois foi suave e durou só até ao início de setembro. Tudo isso afetou de uma ou de outra maneira o castelo, mas o resultado foi quase sempre o mesmo, avanços lentos, visto que não era possível planejar adequadamente os trabalhos, e as pessoas centraram-se mais nos seus afazeres, tanto que deixaram de guerrear e de procurar mais complicações. O

tempo estava louco, não havia outra explicação.

Até que chegou um novo e prematuro inverno. Foi em outubro, uma autêntica vaga de frio. Nevou desde o início do mês e geou como não se lembravam nem os habitantes mais velhos do local.

— Às vezes dilata-se, como que pretendendo que te esqueças dele, que te

habitues a uma temperatura plácida, à beleza das cores outonais, e então apanha-te de surpresa — disse Fortún, bem agasalhado numa grossa pele de corço. —

Torna-se ainda mais duro e prolongado. Porque, quanto mais tarda a aparecer, mais tarda também a ir-se embora.

— Quando o inverno se estende para a primavera, a primavera estende-se para o inverno — afirmou Galindo enquanto tomava a ceia de Páscoa à mesma mesa que Fortún, Isidoro e mais uma dúzia de homens.

— Precisamos que não se prolongue tanto neste novo ano — comentou Isidoro, enquanto enchia a boca com uma perna de javali.

— Será melhor que assim seja, está a custar-nos mais do que o previsto recuperar a obra do lombardo. Levamos demasiados meses de mau tempo, e também as colheitas e a caça foram más. É possível que não possamos trabalhar durante uma longa temporada, pelo que julgo que é tempo de vos explicar qual será o próximo passo no castelo.

— A que te referes? — perguntou o mais velho dos carpinteiros.

— Terminada a reconstrução, começaremos uma nova fase. A minha ideia não é apenas completar o castelo, quero também proteger a aldeia.

— As casas? Isso não é possível! — exclamou Galindo.

— É, sim, construiremos um amplo recinto que albergue toda a aldeia e que feche contra as rochas onde se ergue a fortaleza.

Fez-se silêncio, um silêncio fúnebre, como se acabassem de saber do falecimento de um ente querido. Mas não, nada disso, assistiam à conceção de algo sublime. Aquela ceia marcaria o ano seguinte. Pois essa ambiciosa ideia começou a ganhar forma não só na cabeça de Fortún, mas no terreno agreste de Loarre, pois em maio marcaram os alicerces dos muros do novo recinto defensivo.

Durante esse verão, trabalharam no novo recinto da aldeia. Não foi uma época estival quente, mas ao menos prolongou-se até outubro, e nesse ano o inverno não apareceu até meados de dezembro. Então, pararam todas as obras e os habitantes de Loarre refugiaram-se de novo em casa.

Fortún dedicou-se a estudar o livro do lombardo, embora o conhecesse da primeira à última palavra. Estudara os desenhos, construía algumas das suas máquinas. Também havia muitas fórmulas, teoremas e mecanismos

que não compreendia. Isso não o deteria, a experiência proporcionar-lhe-ia o que lhe faltava entender, era o que o pai teria dito.

Uma das questões que mais o preocupavam era a finalização das partes superiores das torres principal e norte, pois sabia que construir os arcos de que precisava para suportar o peso da cobertura era complicado. Não só devido ao peso que tinham de aguentar, mas sobretudo pela dificuldade em esculpir as faces das aduelas que deviam servir de junta. Deviam ser lisas, para as acoplar a seco e para que funcionassem perfeitamente em conjunto. Se não estivessem esculpidas de forma correta, teria de usar argamassa, e isso implicava que já não funcionariam tão bem como a seco.

Fortún tinha de aprender a erigir os arcos, pois eram uma das melhores descobertas da arquitetura. A solidez não dependia apenas da construção, mas também dos próprios pesos e forças que suportavam, por isso eram tão maravilhosos.

A primeira coisa que faria com a chegada do bom tempo seria construir um cimbre de madeira. Sendo filho de carpinteiro, sabia fazê-lo, e supervisionou ele mesmo o trabalho. Os passos para o fabrico de qualquer arco tinham de ser precisos. Na hora de colocar as aduelas, utilizava-se um cimbre com os correspondentes apoios, até ser colocada a chave do arco. Então, o cimbre era retirado e as aduelas trabalhavam solidariamente umas com as outras, estabilizando o elemento construtivo.

Foi possível fazer esse trabalho em junho. Levou uma semana a preparar o cimbre para cada arco. Depois, outras três para, nas três seguintes, ir pondo as aduelas que Isidoro e a sua quadrilha talhavam com esforço e esmero. Fortún confiava plenamente nele, conhecia os seus dotes e habilidades para dar forma à pedra. Às vezes, descobria-o a falar com elas. Sim, pode ser um pouco estranho, mas quem não o é? Todos temos os nossos defeitos e peculiaridades, pensou. No fundo, Fortún gostava de o ver falar com os silhares que talhava. Quem sabe, talvez o oiçam, talvez seja essa a chave para construir o castelo.

O que ouviu nessa manhã foi o toque do sino, o que significava que alguém se aproximava do castelo. Subiu ao cimo da torre albarrã e viu um tumulto de

homens a cavalo. Toda a Loarre se alvoroçou, uma comitiva adiantada chegou para os informar de quem se aproximava.

— O rei, Ramiro I, e as suas hostes pernoitarão em Loarre — informou o mais esbelto dos pajens.

Efetivamente, o monarca entrou no castelo entre uma multidão que o recebeu exultante. Não eram só os habitantes de Loarre, estava ali gente vinda da montanha e de povoações vizinhas. Os homens de armas da mesnada tomaram posição nas muralhas e torres. Um reforço guardou a aldeia e foram colocadas patrulhas em torno do inacabado recinto defensivo que protegia a aldeia.

— Alteza — disse Fortún, prostrando-se diante dele —, é uma honra ter-vos em Loarre.

— Mestre de obras, agradeço a receção, mas vejo que os avanços do meu castelo vão um pouco lentos.

— Tivemos todo o tipo de inconvenientes, alteza. O inverno passado foi longo e duro, as colheitas escassas...

— E o senhor de Marcuello atacou-vos e vós mataste-lo.

— Não tivemos escolha.

— Não foi isso que ouvi dizer, há sempre várias opções — disse o rei, prosseguindo depois de um incómodo silêncio —, mas o que está feito, feito está. Não quero confrontos no meu reino, aplaquei as ânsias de vingança da sua casa, mas não posso garantir que seja para sempre. Agora o que me preocupa é o andamento das obras, não noto os progressos, ainda que provavelmente seja culpa minha. Por isso, nomeei um novo tenente para este castelo.

— E Lope de Ferrech? Perdoai a minha insolência por vos perguntar, alteza.

— Está bem. Lope recebeu outra honra do reino. Para Loarre, quero um tenente mais enérgico e firme. Por isso, nomeei Aznárez, um cavaleiro da

minha total confiança.

— Como ordenardes.

— Chega amanhã, ponde-vos sob a sua proteção. Agora quero descansar, a viagem foi longa. Julgo que há uma lareira na minha torre.

— Sim, e uma latrina.

A mesnada real pernoitou no castelo. Na manhã seguinte, o povo levantou-se cedo para cobrir as necessidades de todos eles. Serviram boa comida e o vinho de que dispunham. Entretanto, Fortún, o sacerdote e Isidoro reuniam-se na igreja castrense.

— E se vêm para nos castigar pelo confronto com Marcuello? — Isidoro era o mais nervoso dos três.

— Sabes que não, foi o rei quem o disse — pigarreou o padre —, deixa de te preocupares com isso, Isidoro.

— São demasiados, cavaleiros, sargentos, peões... Não mobilizaram tantos homens por nossa causa — atirou Fortún.

— E então? O que se passa? — Isidoro não conseguia estar nem um momento quieto, não parava de andar pela nave da igreja.

— Em breve sabê-lo-emos. Por agora, o rei descansará na torre principal. Os restantes, alojá-los-emos onde pudermos. — Fortún mantinha a calma.
— Não vos preocupeis, vai correr tudo bem.

— Então estais aqui — disse uma voz, irrompendo pelo templo. — Qualquer pessoa diria que maquináveis alguma — afirmou um cavaleiro enquanto avançava pela única nave da igreja.

— Esta é a casa de Deus, os assuntos terrenos ficam fora destes muros — interveio prontamente o sacerdote.

— Como é evidente. — E parou diante deles.

Trazia traje de guerra, jaquetão sem divisas, cota de malha, elmo debaixo do braço e a espada pendurada do cinturão de couro. Tinha o rosto arredondado, profundos olhos cinzentos, testa abaulada e fugidia, queixo saliente e pescoço

musculado. Uma densa barba ornamentava o conjunto do seu rosto, que se mostrava sereno e firme.

— Quem sois? — perguntou Isidoro.

— O vosso novo tenente.

Os três entreolharam-se, surpreendidos.

— É uma honra a vossa chegada, sede bem-vindo. — Fortún foi o primeiro a reagir.

— Sim, as vossas boas-vindas são célebres, como as que destes ao senhor de Marcuello.

— Ele atacou-nos! — saltou Isidoro.

— Não é isso que os filhos dizem. — Guardou silêncio por instantes, que pareceram eternos. — Calma. Não há nada que me agrade mais do que saber da sua morte. Como sabeis, as tenências dos castelos não são vitalícias, de momento. Mas um dia...

— Se o rei pensa mal de nós, podemos falar com ele e...

— Fortún, quem pensas tu que és?

— Perdão.

— O teu pai era carpinteiro, não levarás a tua avante. Já fizeste demasiado ao receber ontem o rei. Não voltará a repetir-se.

— Mas... estou a construir...

— Shhh... Loarre é o meu castelo, limita-te ao que fazes bem. Não queiras ser mais do que aquilo que por nascimento te compete.

— Sim, meu senhor — pigarreou o mestre de obras, cerrando os dentes e o orgulho.

— Talvez possais informar-nos do porquê da mobilização de um tal contingente de homens de armas — interveio o sacerdote, para mudar de tema.

— Não é assunto vosso.

— Claro que não, por isso mesmo, porque não partilhá-lo aqui, que mal podemos fazer?

— Vós? — Fitou-os com desprezo. — Nenhum! — Pensou nas palavras seguintes. — De qualquer forma, sabereis em breve. Ramiro I planeia atacar a praça de Puibolea, por isso está aqui.

— Mas é uma fortaleza do cinturão de Bolea — advertiu Fortún.

— Assim é, a antecâmara.

— Quereis dizer que quer conquistar o Castelo de Bolea? — insistiu o mestre de obras.

— Tudo é possível, tu encarrega-te de acabar este e deixa os assuntos de armas para os que realmente percebem disso.

— Se atacardes Bolea, os muçulmanos não ficarão de braços cruzados, haverá represálias.

— O que quereis dizer, sacerdote? Tendes porventura medo do infiel?

— Não. Na minha idade, já não se tem medo de nada, mas sou precavido.

— Cobarde, diria eu — replicou o tenente, virando as costas. — Tenho assuntos mais importantes de que tratar do que perder tempo convosco, e as

obras vão demasiado lentas. É melhor que trabalheis mais rápido a partir de agora.

Oito semanas depois, o exército comandado pelo rei saiu de Loarre, e o destino era a fortaleza de Puibolea, que tomou após vários meses de cerco.

Aparentemente, o rei contava com o apoio de homens no interior. Apesar disso, Bolea não foi assim tão simples de libertar. As tropas de Ramiro cercaram-na durante semanas, mas o rei de Saraqusta enviou reforços da Cidade Branca, que levantaram o cerco, e Al-Muqtadir mandou castigar todos os moçárabes dos seus territórios, que fugiram em massa para o novo reino, levando uma mensagem de ódio e de vingança.

Capítulo Quarenta e Cinco

LOARRE. MARÇO DO ANO 1059

Ava preparava as hastes para novas flechas no último andar da torre albarrã.

Estava sozinha naquele amplo espaço, onde os entalhes da sua faca na madeira retumbavam fortemente. Tal como os passos que ouviu na escadaria.

Galindo apareceu em toda a sua envergadura.

— É então aqui que te escondes?

— Deixa-me em paz.

— Não vim para discutir — disse ele, levantando as mãos.

— Pouco me importa porque estás aqui.

— Descansa um pouco, não se pode estar sempre com esse mau humor, nunca te ris?

— Por favor... — Ava dirigiu-lhe um olhar agressivo.

— Está visto que não.

Galindo avançou para o vão que acedia ao andaime de madeira. O chão rangeu sob o seu peso.

— Estás demasiado gordo.

— Vai à merda!

Saiu e percorreu o perímetro da torre pelo exterior. Aquele anel de madeira era magnífico, podiam defender a vertical da torre e, além do mais, dava aos arqueiros uma posição imbatível. Em caso de ataque, se o incendiassem, podiam soltá-lo dos andaimes e deixá-lo cair. Pelo que o fogo nunca afetaria a estrutura da torre.

Regressou ao ponto de partida e entrou de novo na torre de pedra. Ava já lá não

estava, não havia nem rasto dela.

— Esta mulher é um demónio — murmurou Galindo.

Sacou de uma das facas do cinturão e atirou-a contra um banco de madeira que havia na outra ponta.

— Não consigo tirar aqueles olhos azuis da cabeça, maldição! Não consigo —

resmungou, lançando outra faca.

Fortún trabalhava a disposição dos arcos da torre norte quando, ao longe, viu Eneca chegar. O tempo parou em redor, como se só ela fosse capaz de se mexer.

Vestia uma longa saia azul-turquesa e branca que lhe ocultava os pés. As mangas eram retas até à altura do cotovelo, alargando depois até ao pulso. Sobre os ombros, caía uma branca pele de raposa que lhe escondia o pescoço, mas que de forma alguma podia disfarçar as delicadas feições do seu rosto e, nele, como dois profundos abismos, dois enormes olhos negros que contrastavam de tal maneira com a palidez da pele que o incitavam a entrar neles, como se uma obscura força no seu interior o puxasse.

Foi como da primeira vez que a viu, poucas mulheres eram capazes de causar essa impressão. Era a sua mulher, a que devia ser mãe dos seus filhos. Mas não era, ainda não. E não porque não tentasse todas as noites, porque não experimentasse as poções que Eneca preparava, não. A razão escapava ao seu entendimento, mas nem por isso perdia a esperança.

— Mestre de obras, não te esqueças da razão por que estás aqui. — Era a voz do sacerdote que se aproximava atrás dele.

— Não vos enganeis, a prioridade é sempre o castelo que o meu pai começou.

— Assim espero, arriscamos demasiado, depois da derrota do rei... Sabes que chegaram moçárabes para trabalhar?

— Não, isso é mau?

— Acho que sim. Fogem de terras de mouros, isso quer dizer que o rei de Saraqusta recrudescer a sua política contra eles. Isso é perigoso, pretende fazer

pagar a todos os cristãos pelo atrevimento de Ramiro. Vivemos uma falsa paz, em breve começará a tempestade de espadas.

— Entendo — pigarreou Fortún, franzindo o sobrolho —, estaremos preparados.

— Dizem que, após a tomada de Puibolea, quando Ramiro pretendia cercar Bolea naquela desgraçada batalha, o monarca deixou o campo de batalha tão desalentado que, assim que chegou ao Mosteiro de San Juan de la Peña, fez o seu testamento.

— Isso é verdade?

— Ouvi dizer que adoeceu aí.

— Não queira Deus que lhe aconteça nada de mal, vá-se lá saber o que seria da Coroa em tal caso... O reino é demasiado novo, acreditai quando vos digo que teremos problemas quando ele morrer.

— Atacam! — gritou um homem que entrou a correr na torre. — Os infiéis!

Estão a subir, não tardarão!

— Pouco tardaram...

— Os demónios caem sobre Loarre. — O religioso levou as mãos ao peito.
— É

preciso dar o alarme. O sino!

O sacerdote saiu para o pátio de armas e correu para o templo castrense, no exterior situava-se o sino. Pegou na corda que pendia de um dos extremos da igreja.

— Fortún, corre! Organiza a defesa do castelo!

O primeiro golpe do badalo retumbou no coração cristalino daquelas montanhas, percorrendo os muros do castelo, descendo pela aldeia e subindo pelos picos que rodeavam Loarre. As gentes interromperam o trabalho, surpreendidas pelo oportuno toque àquela hora.

O segundo toque foi instantâneo, todos se entreolharam, surpreendidos. E foi com o terceiro que os gritos acompanharam o som e começaram a correr para o recinto defensivo. O constante repicar do sino não fez senão realçar que o perigo

era iminente, que os atacavam; que corressem e lutassem, ou morreriam naquela gélida manhã.

Fortún correu para a encosta de entrada do castelo, parou debaixo da torre albarrã. Daí, viu como todos os habitantes da aldeia subiam em direção ao castelo. Devia encarregar-se da defesa e, para isso, havia que lembrar-se das diretrizes do velho lombardo. Fora ele quem desenhara aquele complexo sistema defensivo. Era hora de verificar se as torres de Loarre podiam repelir um ataque.

— Os mais fortes, para a torre principal: defendei a entrada custe o que custar —

ordenou aos poucos homens de armas que tinham. — Trancai a porta, preparai pedras e projéteis para a defender de cima dos andaimes.

— A torre norte, meu senhor — disse um dos peões —, quem a defende?

— O teu nome?

— Demetrio, senhor. — Tinha um estranho sotaque na forma de falar.

— Quê? Como o nosso santo? — Fortún fitou-o de olhos esbugalhados. — Isso é fantástico — afirmou, agarrando-o pelos ombros. — Que opções temos?

— Os construtores mal armados ou talvez um reduzido grupo de guerreiros encabeçados por esse pamplonês de Baztán, o atirador de facas.

— Que a defenda o Galindo, e tu... Quero-te na ponte levadiça que comunica com a torre albarrã. Que não a tomem jamais e, se o fizerem, incendiai-a, destruí-a, entendido?

— Como ordenardes.

Por essa altura, já não restava ninguém na aldeia. Fortún, da galeria de arcos da torre principal, via como os homens de armas se apetrechavam para a defesa.

Um alto e moreno despojava-se da saia, deixando a pele a descoberto. O outro, mais magro, ajudava-o a colocar o jaquetão, a primeira proteção do corpo, formada por duas camadas de linho de trama espessa, cheias de algodão e pespontadas. A cota de malha que amortecia o jaquetão era pesada, parecia diferente da que outros cavaleiros costumavam usar. A sua era feita de anéis não entrelaçados, mas sim alinhados em filas e cosidos sobre outra peça de couro, parecia uma brúnia.

Fortún não herdara do pai a aversão às gentes de armas. E mais, fizera todos os possíveis para entender a forma como pensavam e assim poder aplicar conhecimentos militares à construção da fortaleza.

Aproximava-se uma nuvem de pó, vinda da parte mais oriental, e pouco a pouco as silhuetas tornaram-se visíveis. Uma extensa mesnada de homens a cavalo com estandartes do Crescente coroava a elevação. Os pendões ondulavam ao vento e então começou um bater de tambores, como se fosse a pulsação da montanha. Os rostos dos defensores de Loarre voltaram-se para nascente, com os olhares manchados de medo e a alma encolhida. As mães abraçaram os filhos, enquanto os defensores mais jovens tremiam de medo e os mais velhos olhavam para o céu em busca dessa ajuda divina que tantas vitórias proporcionara aos exércitos cristãos.

Estaria Deus com eles naquele dia? Enviaria algum dos arcanjos para os ajudar, pensavam muitos deles.

— Fortún, o que vamos fazer? — perguntou Isidoro, aparecendo atrás dele.

— São demasiados.

— Estavas à espera de quê? Que deixassem ampliar o castelo sem fazer nada?

— Que Deus nos ajude.

— Ajudará, tem fé. Acho que hoje só isso nos pode salvar. — Isidoro olhou para o cimo da torre albarrã. — Quem a irá defender? — perguntou, indicando-a. —

Não pode cair...

Tinha razão, a torre livre era a ponta de lança do sistema defensivo, a pedra angular que devia alicerçar a defesa. Tanto se fosse atacada a torre como o recinto principal. E quem responsabilizar por ela era uma questão de tal envergadura que, pela primeira vez, Fortún sentiu-se avassalado e sem palavras.

— Talvez devêssemos incendiá-la, ao menos assim...

O sino voltou a tocar e, quando os defensores se voltaram para ver o que se passava, encontraram o sacerdote no pátio de armas, acompanhando de um

grupo de mulheres que carregavam uma urna.

— O que faz ele? — perguntou Isidoro, olhando para Fortún.

— Não sei.

O religioso ajoelhou diante da urna e as mulheres depositaram-na no solo e imitaram-no.

— São as relíquias de São Demétrio — afirmou Fortún.

— Não nos fazia mal que o santo aparecesse montado num cavalo, mas...

Como uma serpente desafiadora entre as rochas de Loarre, surgiu um murmúrio.

Crescendo em intensidade, palavras em árabe que cobriram o castelo de medo, um pegajoso e sufocante receio, que oprimia mais os homens do que as suas lorigas e jaquetões.

— Precisamos definitivamente de um milagre, Fortún.

Quando todos contemplavam as hostes inimigas, surgiram umas inesperadas figuras que provocaram na aldeia alguns instantes de confusão. Duas linhas ordenadas de homens que se encaminhavam para o castelo, marcando passo. Os defensores das ameias apontavam para elas e um murmúrio percorreu as muralhas.

O sacerdote apareceu na galeria de arcos armado com a sua clava e parou à altura de Fortún e de Isidoro.

— As minhas preces foram ouvidas — afirmou o religioso.

Os rasgos e vestimentas dos misteriosos homens começaram a desenhar-se à medida que se aproximavam. Roupas de pastores, machados, lanças e arcos nas mãos, as peles pintadas com um pigmento azul e negro, tudo lhes dava um aspeto fantasmagórico. Ali estavam, juntando-se à defesa de Loarre, e à cabeça, uma figura arrancada de outro tempo. Toda pintada de azul, com uma linha enegrecida sobre os olhos, que não ocultava o azulado

das pupilas e um longo rabo de cavalo ruivo a cair-lhe pelas costas. À cintura, uma boa provisão de flechas, e nos lábios, as palavras mais afiadas.

— Acho que precisas de nós — afirmou, da base da torre que defendia o recinto superior.

— Não sabes como me alegro por te ver — exclamou Fortún, emocionado.

— Defenderemos a albarrã.

— Não esperava menos, Ava.

A arqueira ergueu o arco e soltou um grito animal, próprio de um ritual pagão, que evocou todos os deuses, antigos e novos, para que defendessem Loarre naquele dia.

Até os muçulmanos ouviram o eco daquele chamado.

Os ginetes sarracenos que encabeçavam o ataque desceram pela colina; atrás deles, surgiu uma fila de homens a cavalo que cobria toda a extensão do monte.

Estes seguiam os líderes a uma certa distância. Durante algum tempo, não apareceu mais ninguém atrás deles. Os defensores olhavam uns para os outros, talvez não houvesse mais, talvez fossem só aqueles.

Néscias palavras.

Um pendão com letras negras em árabe sobre fundo branco espreitou sobre o horizonte e, atrás dele, como bandos de pássaros que surgem no outono rumo a sul guiados por um só deles, surgiram homens e mais homens, seguindo o passo marcado pelo batimento dos tambores. Equipados com roupas, lanças e mais lanças cortando o céu de Loarre até a encosta ficar coberta de muçulmanos guarnecidos com enormes escudos alongados, com o bordo superior curvado.

Escudos fabricados com várias camadas de couro prensado e, à frente, diversos pendentes como adorno. Vinham armados com lanças que tinham o aspeto de adagas fortes, com uma nervura ao centro.

A música de guerra abrandou e, com ela, as hostes sarracenas.

Os tambores trocaram o toque por um mais fúnebre. Agora, soavam como se atiçados pelo demónio, golpes que se misturavam com os gritos apressados dos sarracenos que cada vez se aproximavam mais do castelo.

— Quem são aqueles? — inquiriu o general muçulmano, indicando os reforços cristãos que subiam em direção ao castelo.

— Selvagens das montanhas, almogávares.

— Esses malditos que provocam algazarras nos caminhos e hortos — espetou Yusuf, indignado.

— Com efeito, meu senhor. Nunca tinham aparecido em campo aberto.

Dedicam-se ao saque e fazem ataques-surpresa nas estradas, nunca a um castelo.

— E o que fazem hoje aqui? Quem lidera esses bandidos?

— Desconheço, meu senhor, mas deve ser bravo e astuto para ter conseguido que aqueles selvagens o seguissem para o campo de batalha.

— Quero a cabeça de quem os guia pendurada do alto da torre — advertiu o general. — Não façais prisioneiros, hoje viemos para dar uma lição e nunca mais termos de voltar. — Fez com que a sua montada se afastasse vários pés, parou-a e percorreu as hostes. — Escutai! Alá é grande! Estes cristãos ousam insultá-lo, zombar dele, aviltar o seu nome. Não o permitiremos, não deixaremos que esses politeístas, adoradores de falsos deuses, sujem o seu nome. Se tivermos de morrer hoje aqui, que assim seja, pois não há maior oferenda do que dar a vida por ele. E, se houvermos de viver, que seja porque o merecemos no campo de batalha.

A arenga desatou o júbilo dos atacantes, que fizeram ainda mais barulho para intimidar os sitiados. O caudilho sarraceno desembainhou uma espada curva e ergueu-a. A lâmina brilhou sob os raios do Sol. Ergueu-se sobre as

patas traseiras da égua que montava e lançou-se montanha abaixo. As hostes seguiram-no, protegidas atrás das adargas.

Começava a batalha.

Por essa altura, os defensores tinham tomado posição. As cinco torres estavam entregues e a defesa do acesso também. Fortún e Isidoro saíram da galeria para o adarve que unia a torre principal à muralha, daí controlavam todos os pontos.

Perto deles, todos os homens, mulheres, crianças e idosos capazes de empunhar uma arma estavam dispostos a defender com a vida aquela fortaleza.

Os ginetes sarracenos chegaram à aldeia e mal pararam para a destruir. O que

fizeram foi dividir-se em quatro corpos. Dois asseguraram os flancos da praça, um permaneceu na vanguarda, e o outro, comandado pelo cabecilha, posicionou-se à volta dos restos da antiga igreja.

— Tínhamos de ter acabado de construir o recinto exterior. Entendes porque era tão importante?

— Agora já é tarde para nos lamentarmos — respondeu Isidoro.

À medida que a cavalaria se espalhava, a infantaria chegou também à aldeia.

Não perderam tempo com ela, seguiram até ao início do acesso ao castelo. Eram centenas de homens armados com lanças, escudos, espadas e arcos. Todos a correr a trote em perfeita formação. A presença da primeira linha de muralha travou o seu avanço e fê-los dividir-se em várias formações. A principal ficou na retaguarda, enquanto quatro linhas de arqueiros formavam diante deles, e pequenos grupos com troncos, madeiras e outros utensílios trabalhavam à margem. As duas primeiras linhas esticaram os arcos e apontaram para o céu.

Nesse momento, um arqueiro solitário acendeu a ponta da sua flecha com um archote e disparou-a contra a torre do primeiro recinto, batendo à altura do segundo andar.

Não se amedrontou, deu vários passos em frente, saindo da formação, e repetiu o processo. Desta vez, a flecha alcançou o terceiro andar, perto dos andaimes de madeira onde se encontravam os defensores.

Deu, por isso, outros dois passos e esticou o arco, no preciso momento em que uma flecha lançada por Ava lhe atravessou a garganta e ele caiu a cuspir sangue aos borbotões. Não foi a única a sair da fortaleza, uma onda de disparos fez com que as duas primeiras linhas de arqueiros sofressem baixas consideráveis e retrocedessem para uma posição segura. Um grito ensurdecedor saiu da torre e entrou por todos os recantos da fortaleza, no tímpano de defensores e sitiadores.

Quem tivesse de se defrontar com Ava e os seus ia ter bastantes dificuldades.

Aquilo era só uma advertência.

A primeira vaga de atacantes a chegar à porta do castelo foi repelida com dificuldade a partir da torre e da muralha. Parecia que estavam apenas a medir as defesas, pois a segunda foi mais numerosa e as escadas conseguiram tocar na muralha, com o risco que isso implicava.

Fortún não era um soldado, nunca pretendia sê-lo. Sabia pegar numa espada,

mas não sabia lutar, e aquele dia não parecia ser o melhor para aprender. Ainda assim, ao ver a voragem de sangue e violência que havia em seu redor, um instinto primitivo, uma força que jorrava do seu interior incitava-o a pegar na arma e a lançar-se à orgia de morte da qual era um espetador privilegiado.

Era isso, ou algo mais evidente, a vergonha de ser covarde. Porque, no fundo, era assim que se sentia por não empunhar uma espada na linha da frente. Sim, era isso. E esse sentimento crescia de cada vez que via um homem tombar, mais ainda se eram mulheres, idosos ou quase crianças.

Fortún era um construtor, mas também devia dar o exemplo e ser um guerreiro.

Antes de fazer um loucura, esperou alguns instantes. Lembrou-se do lombardo e também do livro, um livro escrito por um soldado romano, segundo lhe contara.

Olhou para os muros da fortaleza e pensou novamente no que era Loarre. Não se tratava de mais uma fortificação, não fora concebida para isso. Era uma máquina de guerra, como uma balestra, um aríete ou uma catapulta. Não constituía simples muros onde se abrigarem quando o inimigo chegava, aquele castelo podia ser usado para atacar.

Na vida, havia muitas formas de ser corajoso, mas poucas de o ser com inteligência.

Ante o fracasso das primeiras investidas, longe de se amedrontarem, os muçulmanos reorganizaram as forças. As linhas de arqueiros passaram a ser três, uma delas atrasada, enquanto os restantes soldados a pé começaram a deslocar-se para os arredores do povoado.

— O que fazem? — perguntou Isidoro.

— Tramam alguma. — Fortún assistia, impaciente, do castelo. — A disposição do castelo em diferentes níveis dificulta-lhes o ataque, por isso pensam nalguma solução, temos de estar atentos.

— Preparamos as armadilhas?

— Sim, ao meu sinal, soltai-as.

Antes que acabasse de dizer as palavras, os sarracenos romperam a formação e

lançaram-se montanha acima carregando dezenas de escadas. Os defensores descarregaram contra eles todos os arcos, mas eram milhares e, por mais que caíssem, a massa continuava a avançar até que o primeiro recinto foi carregado por todos os flancos, os defensores fugiram, espavoridos, refugiando-se na parte alta do castelo.

Os sarracenos passaram as escadas para dentro dos muros e subiram também muito material, mas mantiveram-no oculto do outro lado do muro inferior. Os seus arqueiros assumiram posições na muralha recém-conquistada. Sem dar tréguas, um novo ataque foi lançado contra Loarre. Desta vez, o objetivo era a torre albarrã, a mais alta do conjunto defensivo.

Instalados no seu andaime, Ava e os almogávares disparavam incessantemente flechas e ascumas, lançavam rochas e água a ferver contra todos os que alcançavam a base da torre. Assim se foi formando um monte de cadáveres aos seus pés. Tantos que os infiéis se apoiavam neles para escalar a torre.

Com a albarrã completamente cercada, a coluna principal sarracena avançou até à porta do castelo. Na torre que a defendia, Fortún observava, paciente, de braço erguido. Os atacantes meteram pela vertente final, com a porta já na mira, gritando como animais enfurecidos.

— Agora! — gritou Fortún da galeria.

Uma chuva de pedras caiu em cima deles, desimpedindo momentaneamente o acesso, pois não tardaram a chegar novos atacantes. Entretanto, na albarrã, Ava só a duras penas resistia ao cerco, atacada por todos os flancos. Esticou o arco e derrubou um dos que traziam uma enorme escada. Rapidamente, pegou noutra flecha e fez o mesmo a outro, a escada tremeu e caiu contra um numeroso grupo de infiéis, deixando vários feridos.

— Temos de aguentar, não entrarão. Ouvis? — gritou Ava o mais alto que pôde.

— Escutai-me! Estes malditos não entrarão na torre, não enquanto eu for viva.

Esticou de novo o arco e a flecha atingiu outro muçulmano com cota de malha na axila. Então, ouviu um silvo e olhou para o céu. Pássaros de fogo desciam em voo picado sobre a torre, os arqueiros muçulmanos tinham já ocupado posições mais avançadas.

Como se fosse uma saraivada de verão, as pontas das flechas atingiram as tábuas do andaime e do telhado. Muitos defensores atiraram-se ao chão, assustados,

mas quase não houve feridos. O andaime estava bem construído, reforçado por dentro com boa madeira, não podiam atravessá-lo.

Ava sabia-o, e isso não a preocupava, mas sim o que começou a cheirar.

— Fogo! Rápido, trazei água, o andaime está a arder por fora. — Quando disse estas palavras, espreitou por uma das seteiras do chão e viu como toda a base estava coberta de escadas pelas quais subiam sarracenos com facas nos dentes.

Fortún ergueu o braço direito e, ao baixá-lo, uma chuva de ascumas fez retroceder a vanguarda sarracena. Voltou a levantá-lo e, ao cair, quatro enormes setas disparadas por balestras chocaram contra o centro do ataque sarraceno, desmembrando e mutilando vários inimigos e causando um tremendo pânico nos restantes. À terceira ordem que deu, duas catapultas enviaram dois pedregulhos esféricos que voaram por cima da muralha e caíram em plena rampa de acesso ao castelo, uma das quais esmagou dois inimigos.

Ainda havia mais surpresas.

A porta do castelo abriu-se e dela saíram quatro duplas de cristãos com rolos de palha a arder que lançaram montanha abaixo. Quanta mais velocidade tomavam, mais ardiam. Um deles esmagou uma das balestras inimigas e os restantes precipitaram-se contra os que atacavam a torre albarrã, chocando contra a base e causando muitas baixas.

O último ganhou tanta velocidade que saltou por cima dos atacantes e caiu pelo caminho que ia dar à aldeia, sem que os do castelo pudessem ver os destroços que causava, mas sim ouvir os gritos e lamentos dos inimigos.

As portas voltaram a fechar-se e nova rajada de setas foi descarregada contra os maltratados sarracenos que atacavam a base da torre. Por essa altura, todo o telhado ardia. Tal como os andaimes, os defensores não tiveram alternativa a não ser cortar os madeiros cravados nos encaixes dos muros e lançar os andaimes torre abaixo, precipitando-se sobre os muçulmanos que os tinham incendiado.

— A torre está perdida — observou o sacerdote, que acabava de subir à muralha.

— Já fez o seu trabalho, agora compete-nos a nós.

Assim que o disse, uma formação oculta atrás de um parapeito de grandes escudos de madeira e palha surgiu no horizonte. Avançava a passo lento, mas constante, por mais flechas que lhe caíssem em cima, não conseguiam causar-lhe baixas. Estava perfeitamente protegida, sem resquícios. Prosseguiu ainda mais devagar ao deparar com a vertente final que dava acesso ao castelo.

— Que Deus nos acuda — disparou Fortún —, é um aríete.

— Aríete! — gritou Isidoro.

Galindo e um punhado de homens continuavam à espera na torre norte, a gémea da principal. Um deles prendeu o elmo ao queixo com uma correia dupla no momento em que o acompanhante do lado caiu derrubado por uma seta. O

atirador de facas virou-se e outros dois defensores tombaram, vítimas das respetivas flechas. Antes que entendesse o que se passava, outro foi atingido por um gancho lançado da base e que se lhe cravou em pleno olho direito. O

arrepiaante grito de dor confirmou o evidente: o ataque ao castelo era por todos os flancos.

Quando quis reagir, os muçulmanos estavam a subir as rochas, pelo que agarrou numa machada de mão que havia no chão e ordenou aos seus homens que morressem a defendê-lo, qual urso encolerizado. A primeira machadada foi o presente de boas-vindas a um sarraceno louro, a segunda bateu contra a testa de outro mais moreno. Bloqueou uma espada que procurava afincadamente o seu pescoço, mas não pôde fazer muito mais, pois uma lança passou-lhe de raspão junto à orelha direita. Antes que fosse tarde, esquivou-se de novo à espada e desferiu um golpe que rasgou o rosto do inimigo. Virou-se para evitar uma ponta de lança, que depois agarrou com a mão, empurrando-a até que o portador caiu do alto da torre.

Não parou, seccionou a perna do primeiro que ousou pôr-se de pé sobre o merlão e fez o mesmo a outro cuja careca espreitou da escada. Este derrubou metade dos que por ali subiam. Para evitar mais visitas, ele mesmo a empurrou à base de pontapés, até conseguir que a escada caísse. Por essa altura, restavam apenas dois cristãos perto dele, cobertos de sangue e esgotados. Não resistiriam a outro ataque.

Ava, sob um elmo cónico e fechado, com uma placa cruciforme rebitada a proteger-lhe o nariz, sustinha a respiração para não inalar o fumo proveniente da

base da torre. Tinham ficado indefesos, sem andaimes de onde defender a vertical da fortificação. Tocava-lhes lutar lado a lado, equipados para isso.

Dividiu a vintena de defensores que restavam. A maioria devia proteger a porta no segundo andar e um par deles concentrar-se-ia em impedir que algum inimigo entrasse pelos vãos dos andaimes.

As pancadas na porta eram cada vez mais fortes. A tranca resistia aos impactos, tal como a dobradiça. Não era fácil atacar um acesso tão alto como aquele.

— Ava! — gritou um dos defensores do último andar.

A arqueira temeu o pior, os sarracenos tinham subido até ao topo com uma escada enorme ou escalando com cordas, pelo que agarrou na espada, decidida a dar a vida para o impedir.

— A porta! — gritaram de novo. — Fizeram uma plataforma com carroças, madeiras e terra, e estão a usá-la para subir um aríete.

Os olhos azuis de Ava mancharam-se de uma penumbra aterradora.

— Abri-a! — ordenou. — Rápido!

Dois dos seus homens obedeceram e a arqueira saiu para o exterior para ver como um aríete construído com um tronco de pinheiro subia contra eles. Correu e deu um salto para lhe cair em cima, e avançou pela superfície,

lançando o fio da espada para a esquerda e para a direita, ceifando tantas vidas que não foi capaz de as contar. Ao chegar ao outro extremo, virou-se e ganhou impulso antes de saltar de novo para a porta, esquivando-se às flechas. Lançou-se para dentro, dando cambalhotas no chão, travou a queda contra os pés de um dos seus homens, os restantes tinham voltado a bloquear o único acesso à torre.

Sabia que só tinham ganhado tempo, mais nada.

— Isidoro, temos de nos mexer, é preciso apanhá-los de surpresa. Pega numa dúzia de homens e segue-me.

Assim foi e logo o grupo estava formado e avançava pelo adarve do castelo.

Entre eles, sobressaía o sacerdote, que lhe dedicou um sorriso sinistro.

Chegaram à ponte levadiça que comunicava com a torre albarrã.

— Baixa-a, Demetrio, e acompanha-me.

— Aonde, senhor?

— A acabar com este ataque. — E Fortún pôs um pé na ponte, a caminho da torre cercada, e correram até chegar lá. — Abri, vimos ajudar-vos.

O vão demorou a ser libertado e, quando o fizeram, encontraram apenas dois homens a defendê-lo.

— Chegou a nossa hora.

Desceram ao segundo andar e ali estava Ava com um bom punhado das suas forças. Não precisaram de falar, disseram tudo com o olhar e souberam que estavam de acordo. A arqueira fez um sinal e voltaram a soltar a tranca.

— Escutai! — Ava levantou a voz. — Demonstremos de que são feitos os habitantes destas montanhas, acabemos com esses infiéis!

Encabeçou a investida que apanhou desprevenidos os sarracenos, que tentavam recuperar o aríete. Os cristãos saíram em massa, correram como

animais selvagens sedentos de sangue. Os primeiros muçulmanos não tiveram tempo nem de reagir e os que rodeavam a torre tiveram de organizar uma linha de forma prematura.

Insuficiente para conter Ava, a arqueira parecia disposta a demonstrar que podia ser tão feroz com a espada como com o arco; e qual criatura possuía por uma força ancestral, segou a vida de quantos rivais ousaram fazer-lhe frente. E

chegou ante um portento de força e altura, um homem de pele pálida, cabelo dourado e olhos claros. Certamente um escravo obtido em criança nalguma razia do Norte.

E que importa isso agora, pensou Ava.

Cerrou os dentes e foi direita a ele, que a esperava, ansioso por lhe cortar o corpo ao meio com uma descomunal espada de lâmina curva. Que fez cair sobre a mulher com inusitada violência. Ava mal a viu aproximar-se, mas o instinto de felina fê-la intuir a direção mesmo antes de ser demasiado tarde. Agachou-se, sem certezas de que aquilo serviria para lhe salvar a vida. Mas, ainda que não servisse, cobraria outra morte antes de partir deste mundo e lançou-se pelo chão

com o fio da espada aberto e desferiu-lhe um bom golpe na parte de trás do joelho, para depois dar uma cambalhota e se levantar, duvidando se teria ou não sido ferida.

Ali, de pé, atrás do muçulmano louro, respirou atemorizada. Esperou pela dor, ainda que tivesse visto homens morrer diante dela sem o mínimo rasto de sofrimento no olhar. Levou a mão às costas.

Não tinha sangue.

Por essa altura, o sarraceno cambaleava devido ao ferimento, porém, conseguiu desferir outro golpe.

Desta vez, Ava não estava à espera, saltou para trás de modo a evitá-lo. E para ambos os lados a fim de aplicar o mesmo aos seguintes. Moveu-se à

volta dele, fazendo-o deslocar-se e com que sangrasse mais.

Quando percebeu que o charco de sangue que se derramava sob os seus pés era considerável e de que o rosto dele estremecia com um evidente esgar de dor sempre que apoiava o peso naquela perna, foi Ava que atacou. Deu dois passos direita a ele e, quando o sarraceno tentou desferir um golpe, esquivou-se com suma facilidade, para rodar sobre o pé mais adiantado e desferir um rápido contra-ataque. O homem bloqueou-o, mas teve de carregar o seu enorme peso sobre o pé ferido. Não satisfeita, Ava insistiu, com o mesmo resultado. Repetiu duas vezes, a última tomando impulso e saltando para depois descarregar toda a força contra a espada do inimigo, que não aguentou e dobrou o joelho. Antes que pudesse levantar-se, Ava degolou-o sem contemplações e avançou para nova vítima.

Por essa altura, as forças muçulmanas haviam-se dividido. Os que acabavam de sair da torre tinham isolado os atacantes do castelo dos reforços constantes provenientes do povoado. O sacerdote entrincheirara-se numa pequena elevação, e daí resistia a todo o tipo de ataques, distribuindo cacetadas sem descansar.

Demetrio estava numa situação mais difícil com um hábil muçulmano, que, armado de escudo e lança, travava com o soldado uma dura batalha.

Fortún e Isidoro continuavam lado a lado, mais cautelosos do que os restantes.

Ainda assim, o canteiro dera conta de pelo menos quatro sarracenos. Para Fortún, não era tão fácil, pois o mestre de obras nunca matara um homem. Um sarraceno precipitou-se sobre ele, disposto a acabar-lhe com a vida, trocaram

vários golpes de espada e o adversário não tardou a perceber que Fortún não era tão hábil com a arma. Sorriu, caminhou em seu redor, esperando que se precipitasse, e Fortún fê-lo. Lançou-lhe uma estocada fácil de evitar e que lhe deixou o flanco direito rendido. O infiel ergueu a arma e procurou onde cravá-la facilmente. Talvez devido à confiança, não sentiu como uma lâmina lhe rasgava as entranhas e escavava dentro dele à procura das tripas. O corte foi tal que lhe saíram os intestinos e, presa de uma dor terrível, o

muçulmano tentou tapar a ferida, mas conseguiu apenas uma cena dantesca. Acabou de joelhos sobre as suas vísceras, entre gritos dilacerantes, que noutro momento teriam comovido até o homem mais duro, mas que, no fragor da batalha, eram apenas um sussurro que o vento não tardou a levar.

Fortún matara pela primeira vez.

Nunca mais voltaria a ser o mesmo e estava satisfeito com isso. Até que o infiel ergueu o braço a pedir ajuda e, desenhada desde o cotovelo, Fortún viu uma estranha marca de nascença, que se estendia até ao pulso.

Não era possível.

O muçulmano soltou o último suspiro e a agonia chegou ao fim. Fortún ficou petrificado a olhar para a mancha no braço. Já a vira antes. Na pele macia de um bebé. Tinham passado muitos anos, mas reconheceu-a.

Os defensores do castelo tinham aproveitado para castigar a formação de escudos, lançando-lhes parte dos silhares que formavam os merlões do adarve.

Até a torre norte ficara fora de perigo.

Não seria assim tão fácil. Um som agudo percorreu a fortaleza e o campo de batalha. Era um chamado, um toque de guerra que não podia significar nada de bom, e não era. Uma nuvem de pó ergueu-se sobre Loarre.

— Fortún, ordena a retirada! — exigiu Isidoro.

— Porquê? O que se passa?

— É a cavalaria, vai esmagar-nos.

Não foi preciso, os defensores da primeira linha correram novamente a refugiar-se no interior da torre albarrã. A cavalaria sarracena chegou antes que todos

conseguissem subir até à porta e meia dúzia de defensores foi degolada pelos cavaleiros, que, cobertos pelas cotas de malha e pelos elmos,

pareciam seres de outro mundo. Não pararam na albarrã, avançando até ao recinto fortificado. Os defensores não se aperceberam de que alguns deles escondiam arcos curtos, que revelaram ser de enorme precisão. Apesar de dispararem em movimento e montados nos cavalos, derrubaram numerosos cristãos, causando o terror entre os restantes.

Atacavam em vagas, sem permitir contra-ataques dos defensores, numa perseguição contínua. Mas a maior surpresa estava para vir. Do emaranhado de cavaleiros, surgiu subitamente um aríete sobre uma plataforma móvel e suspenso por cordas de uma travessa. Foi direito à porta de acesso.

A primeira pancada fez retumbar todo o castelo.

Fortún assistia de uma das poucas janelas da torre albarrã, agachado, enquanto o resto dos homens que o acompanhavam trancava a porta que estava também a ser atingida por outro aríete de menor envergadura.

— O que fazemos? — perguntou Demetrio.

— Tenho de regressar ao castelo, ficai aqui.

— Vou contigo — afirmou Ava, com um olhar que não aceitava recusas.

Fizeram sinal aos defensores da ponte que separava a albarrã do castelo e estes baixaram-na para que pudessem atravessar. Vários arqueiros sarracenos dispararam contra eles, mas não lhes acertaram. Ao chegar à fortaleza, voltaram a subir a ponte e correram para o pátio de armas.

Fortún olhou, desesperado, em busca de alternativa, mas havia apenas corpos feridos e sem vida. O aríete chocou de novo contra a porta, fazendo com que a tranca e as carroças, madeiras e demais pesos que a bloqueavam cedessem um pouco mais.

Em breve cairia.

— Eu posso ajudar — disse uma voz feminina atrás de si, era Eneca. Vestida com uma garnacha negra que, quando a retirou, deixou ver uma saia branca. —

Abri a porta.

— Estás louca? É a única coisa que impede que esses infiéis acabem connosco, quando...

— Abri-a ao meu sinal — disse a mulher, sorrindo. — Confia em mim — sussurrou a Fortún enquanto se dirigia aos estábulos.

— Não irás dar-lhe ouvidos? — inquiriu Ava a seu lado.

— É a minha mulher, claro que vou.

— És estúpido! Essa mulher nem sequer lutou para defender o castelo, olha para as roupas dela. Abri as portas! Se entram aqui, vão matar-nos a todos.

— Eu sei, mas o que queres que faça? Diz-me, o que fazemos? Tens alguma ideia melhor? Ou antes, tens alguma? Porque garanto-te que terei todo o gosto em ouvi-la.

Enquanto discutiam, Eneca apareceu montada numa égua ocre, acompanhada pelo imponente mastim branco. Seguiam-na todos os cavalos e animais que havia nos estábulos do castelo.

— Abri as portas.

— Obedecei! — gritou Fortún. — Eneca, espero que saibas o que estás a fazer.

Eneca sorriu.

Os defensores tiraram as carroças, os barris e as vigas, até ficar apenas a tranca.

Pouco convencidos, olharam pela última vez para Fortún, certificando-se de que a ordem era aquela, e o construtor assentiu com a cabeça. Resignados, dois deles deslocaram o fecho e empurraram as folhas das portas do castelo.

Do outro lado, os muçulmanos que carregavam a plataforma do aríete preparavam-se para ganhar impulso para novo ataque. Eram já muitas as tentativas e, apesar das substituições, as pernas estavam cansadas e tinham sofrido demasiadas baixas, mas não iam desistir logo agora que o objetivo estava tão perto.

Mas tudo mudou num instante. Aquele em que a porta de Loarre se abriu como se fosse um milagre, convidando-os a entrar. Olharam uns para os outros, estupefactos e incrédulos. Largaram o aríete e viraram a cabeça para onde estava o seu superior, procurando uma explicação, mas este mostrava-se tão perplexo quanto eles e, tal como os soldados, procurou alguém com um controlo superior ao seu, pois jamais estivera numa situação daquelas. Yusuf, caudilho muçulmano dos exércitos da Marca Extrema, dirigia o cerco da torre albarrã, pois não queria surpresas na retaguarda. Por isso, quando se apercebeu do que se passava, era demasiado tarde.

Os sarracenos que rodeavam o castelo contiveram-se até que vários deram um passo em frente e romperam a formação.

Para quê esperar mais?, pensou a maioria.

Se o objetivo era entrar e lhes abriam a porta, para quê esperar mais tempo?

Lançaram-se, pois, em massa em direção à estreita porta que dava acesso ao recinto fortificado, mas nem um chegou a pisá-lo. Do interior, saiu um par de cavalos que empurraram os primeiros atacantes, e atrás deles um enorme cão que mordeu no pescoço o primeiro homem a interpor-se no caminho, e uma égua montada por um encapuzado. O animal levantou-se sobre as patas traseiras e, com as dianteiras, atingiu um árabe, lançando-o contra a muralha. Depois, continuou a galope e, atrás dele, uma manada de animais: cavalos, burros, mulos, porcos e todas as cavalgaduras que, em debandada, arremeteram contra os sarracenos, desencadeando o pânico e uma confusão generalizada. Muitos atacantes fugiram encosta abaixo, chocando contra os que mantinham o cerco sobre a torre albarrã, batendo, pisando e atingindo os companheiros. Os animais continuavam na sua corrida atrás deles, alcançando o grosso da cavalaria, que só a duras penas pôde evitá-los. As montadas muçulmanas enlouqueceram com a debandada e ficaram descontroladas.

Entretanto, Fortún e o resto dos defensores saíram do castelo e incendiaram o aríete, para depois o empurrarem encosta abaixo. A máquina de guerra transformou-se num monstro de fogo que ganhou grande velocidade antes de chocar contra a plataforma que os muçulmanos tinham construído para chegar à porta no cimo da torre. Quando Yusuf reorganizou as tropas e se apercebeu do desastre, a sua vanguarda tinha sido aniquilada pelos defensores do castelo, as máquinas de guerra reduzidas a cinzas e o exército estava desorientado.

— Tocai a retirar! — ordenou.

Assim se fez, e os sitiadores retiraram de forma caótica, numa debandada humilhante. Ainda tiveram tempo de pegar fogo às cabanas da aldeia, que arderam como uma fogueira colossal de solstício de verão, e o povoado de Loarre foi irremediavelmente consumido pelas chamas.

— Malditos infiéis. Repelimo-los, mas a que preço... — sussurrou Isidoro, exausto, junto à torre albarrã.

— Voltarão. Agora mais do que nunca, sabem que têm de nos impedir de terminar este castelo — sentenciou Fortún.

Capítulo Quarenta e Seis

LOARRE. JULHO DO ANO 1059

Os ecos da vitória sobre a tentativa de cerco dos muçulmanos não tardaram a voar como o vento por todos os cantos dos Pirenéus: Jaca, Sangüesa, Pamplona, La Seu d’Urgell, em todas se falava da heroica resistência de Loarre. Até às cortes de Leão e de Barcelona chegou o relato do castelo invencível. Em Wasqa, porém, as notícias não foram tão bem recebidas e na corte de Saraqusta gerou-se um clima de receio e de recriminações por ter sido permitida a construção do temível castelo cristão.

A Al-yafariya, uma planície na margem do Ebro onde frequentemente se realizavam as marchas militares, chegaram os despojos do exército enviado para tomar Loarre. Feridos e humilhados, como castigo pela inépcia, não lhes foi permitido entrar na Cidade Branca.

Em Saraqusta, eram tão importantes os feitos como as formas, pelo que evitaram a todo o custo que se soubesse da derrota no resto das taifas. Teria sido extremamente perigoso mostrar fraqueza ante os outros reinos sarracenos. Os maiores inimigos das taifas continuavam a ser elas mesmas, e se se espalhasse a notícia de que a mais rica delas estava em dificuldades, as restantes viriam como moscas para se aproveitar disso.

Grande parte dos cristãos eram mais aliados do que uma ameaça material. A taifa de Saraqusta chegara a acordo com Fernando, rei de Leão e Castela, a quem aceitara pagar tributo em troca de proteção. O mesmo acontecera com a taifa de Larida, independente da de Saraqusta e que pagava tributo ao conde de Barcelona para contar com a sua aliança no caso de Al-Muqtadir decidir voltar a integrar todos os domínios de seu pai por via das armas.

Assim, só o condado de Urgel e o novo reino aragonês representavam uma ameaça na antiga Marca Superior do al-Andalus, dado que Pamplona andava envolvida em disputas pelo trono. Os tempos do rei Sancho III estavam longe no tempo e, no entanto, na memória coletiva, o seu cognome de o Maior ganhava cada vez mais sentido.

Em Loarre, a vitória foi celebrada de forma modesta. Tinham sido demasiados os

caídos e também excessivos os destroços para se congratularem, por mais que o resultado lhes fosse favorável. Ainda assim, o castelo resistira a um cerco de números desproporcionados, sem ter todas as defesas terminadas e quase sem homens de armas. As torres lombardas tinha-se revelado um eficiente sistema de defesa, sobressaindo também a habilidade dos defensores. De Ava e das suas gentes, de soldados como Demetrio, de Galindo, que resistiu na torre mais isolada com um punhado de valentes, e de tantos outros. E sobretudo de um, da mulher que provocara a retirada sarracena: Eneca, conhecida desde esse dia como «a que fala com os animais».

Ainda se comentava em Loarre como conseguira encaminhá-los a todos numa única direção. E não apenas isso, mas que, longe de se assustarem ante os muçulmanos, tinham arremetido contra eles como se fossem também seus inimigos.

Eneca tornou-se tão popular como Ava, e tão inesperado feito pareceu desagradar à arqueira. Eneca não gostava de elogios nem de multidões, pelo que, assim que podia, deixava o castelo e partia para os bosques, onde se sentia mais calma e à vontade. Contudo, há momentos na vida em que, quando se dá um passo em frente, já não é possível recuar.

Aquela época do ano era ótima para apanhar louro, a planta preferida de Eneca, que não era difícil de encontrar, ainda que às vezes escasseasse, pois agradava a certos animais que mordiscavam todas as folhas. Devido ao ambiente em Loarre, preferia não regressar cedo, por isso qualquer desculpa era boa para se demorar.

Assim, não satisfeita com o louro, procurou mais espécies para apanhar. O bosque não se alterara com o ataque dos infiéis, tudo ali seguia o seu curso como se nada se tivesse passado. Os homens dão demasiada importância a factos que passam inadvertidos à mãe terra, pensava.

Enquanto apanhava ervas silvestres do tronco de um esbelto carvalho, assustou-se ao ouvir um barulho. Encontrava-se sozinha, Tasio mal conseguia mexer-se após o combate. Era por ele que estava ali naquela tarde, o louro baixar-lhe-ia a febre que os ferimentos da batalha lhe causavam. Aquele som não era próprio do bosque, alguém estranho rondava ali perto. Podia ser um animal perdido, mas também algo pior. E surpreendeu-se ao ver Ava aparecer do nada.

— Não tenhas medo — disse a arqueira.

— Agora que vejo quem és, não tenho.

Eneca observou-a, envolta na sua capa e com o rabo de cavalo a cair-lhe pelo ombro. Não tinha o aspeto de pagã selvagem com que chegara no dia do cerco; ainda assim, Ava não era como as outras pessoas que conhecera. Parecia um verdadeiro espírito do bosque.

— Tens assim tanta certeza de que não te vou fazer nada? — A julgar pela expressão, Eneca não pareceu entender o comentário. — Estás indefesa.

— Isso seria verdade se fosses atacar-me, e não vai ser assim.

— Confias muito no teu instinto, tem cuidado.

— Tenho, acredita, desde pequena que o faço. — Eneca observou a arqueira sem pudor.

— Para onde estás a olhar?

— Nunca usas o cabelo solto?

— Um arqueiro não pode fazer tal coisa, podia enredar-se na corda ao retesar o arco. Trago-o preso com a corda do próprio arco, assim mantém-se lubrificada caso precise de a trocar.

— É curioso, o cabelo de uma mulher diz muito sobre ela.

— Essa tua maneira de falar... Sim, esse tom que dás às frases como se tudo tivesse um segundo sentido, porque o fazes?

— Porque tem, as coisas mais triviais são as fundamentais.

— Vês? Voltaste a fazê-lo — resfolegou Ava. — Estamos cá há muitos anos, nós as duas. Sei de onde saíste, por isso não adotes essa atitude comigo.

— Faço parte deste lugar, as minhas raízes, ainda que invisíveis, cresceram nesta terra. Não podia partir nem que quisesse.

— Vejo que não há maneira, muito bem. E porque vieste? Ou também não me vais dizer isso?

— Eu... — hesitou por alguns instantes —, o sacerdote ajudou-me quando eu estava sozinha, por isso acompanhei-o — disse, abrindo-se.

— Então não escolheste vir.

— O meu pai morreu a defender o castelo de que era tenente na fronteira com os muçulmanos, quando estava mais a norte.

— E?

— Ter-lhe-ia agradado que a filha colaborasse na construção do castelo a partir do qual será conquistada a Terra Chã, estou convencida disso.

— Não acredito — afirmou a arqueira com uma expressão de desaprovação no rosto.

— Porquê?

— Não preciso de razões, bastam-me os teus olhos.

— Os meus olhos não mentem.

— Isso é verdade, o teu olhar não mente, porque não mostra nada. Não é possível saber se dizes ou não a verdade, por isso não acredito em ti. Alguém com essa capacidade está habituado a enganar, a ocultar-se e a viver entre penumbras.

— És tu porventura a luz?

— Não, claro que não. Mas não evito os seus raios, apesar de poderem queimar-me. Sei porque estás aqui, sei porque nunca partiste — avisou. — És realmente capaz de iludir qualquer um com os teus olhos.

— E tu? Achas que não sei como os homens te veem? Como desejam o teu corpo, como fantasiam contigo. Pensas que não me dou conta da maneira como o Fortún perde a cabeça quando passas a seu lado? Sei que és uma dessas mulheres por quem os homens são capazes de tudo, pelas quais iriam à guerra, pelas quais matariam.

— Eneca, talvez seja assim e ele se perca a observar-me. Mas é teu marido e é

quando apareces que ele realmente se encontra. — Ava virou costas e afastou-se.

Eneca não pôde ver as lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

A mão de obra ficara reduzida ao mínimo após o ataque e, em contrapartida, as necessidades eram máximas se queriam recuperar o que se estragara. O

sacerdote mobilizou toda a sua capacidade de persuasão, e as relíquias de São Demétrio, padroeiro dos ataques, foram levadas em procissão. O Castelo de Loarre era conhecido em todo o Norte cristão como o Inconquistável, e a fama não parava de crescer, e com ela a do pequeno e recém-constituído reino onde assentava. A façanha da sua defesa atravessou os Pirenéus e chegou às cortes dos principais reinos cristãos e também de Roma, de modo que Ramiro I começou a receber enviados de todos eles, que ansiavam por ter relações com aquele reino onde assentava o último castelo cristão frente ao islão.

Um grupo de monges do Mosteiro de San Juan de la Peña chegou a Loarre com a missão de venerar as relíquias e, mais importante, percorrer todas as aldeias, pedindo ajuda para a reconstrução do castelo que devia protegê-las. Não foram apenas monges, chegou também um noviço, Ramón, natural de Jaca, que se pôs de imediato aos cuidados do sacerdote. Assim, teria o ajudante que tanto pedira ao mosteiro.

Apesar da nova mão de obra e do engenho de Fortún, a chave da fortificação do castelo estava nas mãos de Isidoro, ou mais concretamente, no seu cinzel e na sua marreta. Os silhares que fabricava, ainda que algo toscos no acabamento, eram a inovação de que precisavam para melhorar os muros, alicerces e esquinas. Longe ia o uso dos silharejos do lombardo, os tempos mudavam, e com eles também os homens e as técnicas deviam mudar. Em Loarre trabalhava-se apenas com silhares de pedra. As dúvidas sobre as capacidades de Fortún enquanto construtor dissiparam-se definitivamente, passando a ser respeitado por todos, que viam nele uma espécie de enviado divino com uma missão celestial: construir um castelo para a fé, a última fortaleza de Deus ante os infiéis.

Tanta fama começou a assoberbar o mestre de obras, que não estava habituado a ela. Fortún gostava das suas pedras, dos seus planos e de ler noite após noite o livro do lombardo. Cansavam-no os mensageiros, enviados e curiosos, tal como acontecia à sua mulher. Os mercadores que

chegavam com ideias e invenções irritavam-no. Roubavam-lhe tempo e energia, precisava que tudo voltasse a ser

como antes do ataque, ainda que talvez isso já não fosse possível.

Em busca de tranquilidade, escapuliu-se para a aldeia. Tentou que ninguém o visse e foi procurar Eneca. Foi uma das filhas do padeiro a revelar-lhe onde estava e para aí se dirigiu.

Encontrava-se no estábulo, a curar um potro com uma pata da frente partida.

Quando entrou, a mulher estava ajoelhada no chão de palha, com o potro ferido ao colo. O animal não podia ter nascido há muito. Era negro como a noite e o tom contrastava com a palidez de Eneca, que lhe acariciava o pescoço para que relaxasse. O animal não se apercebeu da visita, foi ela que intuiu a sua presença.

— Olá, Fortún.

— Eneca.

— Entras às escondidas para poderes espiar a tua mulher?

— Não vou negar que gosto de te observar — disse ele, aproximando-se dela e agarrando-a pela cintura.

— Fortún, agora não é o momento, estou ocupada.

Então, Eneca depositou o potro sobre a palha do estábulo e levantou-se. Sacudiu as mãos e dirigiu-se lentamente a Fortún, com as costas muito direitas. Era como se andasse em bicos de pés, como que a flutuar.

— O que quereis, Fortún, mestre de obras do Castelo de Loarre?

— Não sabeis? Quero-vos a vós, Eneca, a que fala com os animais. Quero um filho vosso. Quero envelhecer contigo. Quero morrer ao teu lado.

Beijaram-se.

— Casar-me contigo foi a melhor coisa que fiz na vida, Eneca.

A porta abriu-se de repente. Alguém entrou no estábulo. Era Ava.

Ao encontrar Fortún quase a respirar o hálito de Eneca, ficou confusa. Ficaram os três num silêncio desconfortável. Nesses instantes em que as palavras não

existem, os olhares substituem os lábios, e os dos três cruzaram-se com interrogações, confidências, súplicas e advertências.

— Desculpai-me se vos interrompi.

— Não, estamos com um potro ferido — respondeu Fortún.

— E suponho que isso é assunto do mestre de obras? Sobretudo quando o seu canteiro o procura compulsivamente porque falta pedra para os silhares, quando os carpinteiros precisam de mais flanges de ferro ou quando uma humilde arqueira como eu deve saber o que faremos se voltarem a atacarnos.

— Vou já — Fortún dirigiu-se à saída, mas antes parou por um instante —, até breve, Eneca, espero que o potro melhore.

— Podes ter a certeza de que sim.

O mestre de obras desapareceu pelo umbral do portão e Ava dedicou a Eneca um olhar desafiador.

Capítulo Quarenta e Sete

LOARRE. VÉSPERA DE OUTONO DO ANO 1059

Dali a três dias dar-se-ia o aequi noctium de outono, em que a noite teria uma duração semelhante à do dia. Noite igual, era a sua tradução do latim. Nesse dia, o Sol nascia exatamente a oriente e punha-se exatamente a ocidente. O astro-rei era visível durante doze horas como meio disco rasante sobre o horizonte, não voltaria a ser visto dessa maneira até ao equinócio da primavera.

Além do mais, nesse ano ia coincidir com a lua cheia, e ao ser a mais próxima do equinócio, era designada Lua da Colheita, pois a luz desse plenilúnio permitia prolongar para a noite os trabalhos de colheita no campo.

Em setembro, tal como em agosto, havia dois luzeiros matutinos e dois vespertinos. Entre o Oriente e o Sul, logo depois do entardecer, era possível observar Marte e Saturno, em Balança, perto da avermelhada estrela Antares. No *aequi noctium*, ver-se-iam por mais de duas horas depois do anoitecer.

Eneca também esperava o *aequi noctium*, era uma oportunidade de se ligar às forças da natureza e sincronizar-se com ela.

Formou um círculo com grãos de trigo, no centro colocou uma maçã vermelha com quatro pequenos ramos untados com azeite, para as quatro direções, e ao lado de um círio claro. Sobre quatro cantos rodados, desenhou símbolos e introduziu-os no círculo. Personificavam os pedidos daquela estação:

«As folhas ficam amarelas e caem. Os dias perdem o calor. A deusa cobre a Terra com o seu manto de geada segundo a sua vontade, enquanto Tu, Grande Deus do Sol, navegas para oeste, rumo às terras do encanto eterno, agasalhado no frio da noite. Os frutos amadurecem, as sementes caem, as horas do dia e da noite equilibram-se. Neste aparente sonho dos poderes da natureza, deusa bendita, sabemos que a vida continua. Porque a primavera é impossível sem a segunda colheita, tal como a vida é impossível sem a morte, pedimos-te que nos concedas os dons que merecemos pelo esforço realizado.»

Eneca tinha um pedido essencial para ela, por isso aquele *aequi noctium* era diferente, e as suas súplicas buscavam apenas um fim: engravidar de novo. Mais

do que tudo no mundo, queria uma criança, um filho de Fortún. Há muito tempo que a oprimia o receio de que isso não fosse possível. Não falava com ninguém, guardava o medo em silêncio, mas já não podia mais. O seu

tempo esgotava-se, era agora ou nunca. Pensou que talvez a deusa pudesse ajudá-la, era a última esperança.

Concluiu o ritual, deixou que a vela ardesse por completo, pegou nas pedras e guardou-as numa bolsinha que traria consigo até ao aequi noctium seguinte.

As relíquias de São Demétrio chegaram em procissão e foram colocadas ao lado da mesa de pedra. O sacerdote dispusera duas lipsanotecas sobre o altar da igreja castrense — pequenas caixas de madeira em cujo interior deveria ser guardada parte das relíquias de São Demétrio, junto com um pergaminho com dados sobre quem consagrara o templo e a que santo estava dedicada a advocação. Ramón, o monge enviado do Mosteiro de San Juan de la Peña para o ajudar nos afazeres religiosos, chegou-lhe uma das lipsanotecas, que tinha forma de naveta. O

sacerdote de Loarre depositou no seu interior a relíquia principal envolta num pano de linho.

Um coro de meia dúzia de homens começou a cantar o prelegendum. Ato contínuo, o sacerdote inclinou-se ante a cruz que presidia à abside e recitou em silêncio uma oração. Após beijar o altar, entoou o gloria para depois saudar toda a comunidade de fiéis.

Houve três leituras da Bíblia, que concluíram com o canto das laudes, uma das principais diferenças relativamente ao rito romano que, desde Roma, lhes queriam impor e ao qual todo o clero a sul dos Pirenéus se opunha. As missas pelo rito de Toledo eram diferentes da eucaristia romana, tinham uma duração superior, sobretudo devido aos numerosos cantos em latim que se sucediam no seu decurso.

Chegou o momento do ofertório, puseram o vinho e o pão sobre o altar. Antes dos dípticos, o sacerdote e o monge iniciaram um diálogo, enquanto os fiéis respondiam com o canto em grego: Hagios, hagios, hagios...

Durante a missa, rezaram oito orações e, no momento do sinal da paz, realizado antes do ofertório em vez de depois do pai-nosso, o sacerdote

lembrou São Demétrio, o soldado romano, mártir da Igreja, que dera a vida por professar e

difundir a palavra de Deus. A Igreja hispânica utilizava o credo niceno, com uma tradução particular para o latim devida aos padres dos concílios toledanos.

Credimus in unum Deum Patrem omnipotentem, Factorem cæli et terræ, visibilium omnium et invisibilium Conditozem A seguir, entoaram-se os hinos, e o sacerdote dividiu o pão em nove partes, que recordavam a encarnação, o nascimento, a circuncisão, a aparição, a paixão, a morte, a ressurreição, a glória e o reino, e colocou-as, em forma de cruz, na patena, comemorando cada um dos mistérios da vida de Cristo.

Fez a tripla bênção antes de comungar, não no final da missa, como faziam em Roma. A liturgia hispânica era um diálogo vivo entre a comunidade e o seu Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Aqui, a missa desdobrava-se em preces e cânticos que exigiam constantemente a resposta dos fiéis que aclamavam, dizendo «Ámen», «Aleluia» ou respondendo com breves e insistentes refrões.

Deu a bênção aos fiéis e os clérigos depositaram parte das relíquias, uma vez dentro das lipsanotecas, no interior do altar de pedra.

No fim da missa, o sacerdote dirigiu-se aos fiéis.

— Solemnia completa sunt in nomine nostri Jesu Christi votum nostrum sit acceptum cum pace. — Assim se despedia a Igreja dos seus filhos, encarregando-os de irem para casa cumprir os deveres aprendidos na casa do Senhor, não era permitido sair do templo sem a despedida, advertindo-os para que cumprissem com fé os deveres comuns.

Quando ficaram só os eclesiásticos no interior do templo, Matías, um dos monges vindos de San Juan de la Peña, tomou a palavra.

— O legado papal voltou a reunir-se com o clero leonês — disse, suspirando. —

O papa quer a todo o custo que troquemos de rito nos nossos reinos.

— Não conseguirá, nem Leão nem Castela nem Navarra claudicarão. O que pensam eles em Roma? — interrompeu outro dos que haviam vindo de San Juan de la Peña.

— A nossa liturgia é muito superior em riqueza, com a sua abundância de fórmulas, para não falar na enorme variedade de cânticos ante os textos imóveis e fixos do rito romano — realçou Ramón.

— Moderação, não devemos perder a calma — interveio o sacerdote. — É por isso que Roma quer alterá-la. O seu rito é invariável, não querem que o texto das fórmulas mude a cada mistério que aparece, com cada novo mártir, ou que corresponda ao titular do santoral.

— A Igreja de Roma só usa uma fórmula para o pater noster, enquanto a nossa é diferente em cada missa. E a sagrada hóstia? — disse Matías, alterado. —

Dividem-na em duas partes, uma grande e outra mais pequena, em vez das nove que deve ser, em memória dos mistérios da vida de Cristo.

— Já sabemos, mas Cluny açambarcou imenso poder nos reinos a norte dos Pirenéus. O falecido rei Sancho, o Maior, deu as boas-vindas a essa corrente e favoreceu-os com os mosteiros mais importantes dos seus territórios, entre eles o vosso, San Juan de la Peña.

— O rei, juntamente com a esposa, os quatro filhos, os bispos de Aragão e de Navarra, condes e senhores, todos nos entregaram a Cluny — afirmou Matías

—, mas no mosteiro somos muitos os que se opõem a isso.

— Agora sabemos que o rei planeia construir uma catedral em Jaca — recordou Ramón, que dava a impressão de ser o mais tranquilo dos presentes. — Foi na sede do atual bispado, o Mosteiro de Santa Maria de Sásabe, que entregou ao bispo, Dom García, os fundos e posses para a

construção. O nosso abade esteve presente, e Aznárez, tenente do Castelo de Loarre, também.

— Foram mais longe e fixaram a cidade de Wasqa como sede episcopal no dia em que for reconquistada — salientou novamente Matías.

— Falta muito para isso. Primeiro, é preciso terminar Loarre. Até esse dia, pisar a Terra Chã é uma quimera. — O sacerdote de Loarre era ouvido com atenção pelos restantes.

— Por isso escolheram Jaca como cabeça da diocese, é o lugar mais seguro em

território livre de infiéis — prosseguiu o companheiro. — Além do mais, quer potenciar o acesso de peregrinos através do reino.

— Para Compostela? — perguntou o sacerdote, contrariado.

— Assim é. O caminho é demasiado perigoso, mas o monarca, e também o filho, estão convencidos de que seria um impulso para o reino.

— Não nos desviemos do assunto — advertiu Matías —, já que não podemos controlar San Juan de la Peña, é primordial que Loarre se mantenha fiel ao nosso rito. Não devemos permitir que a maior fortaleza frente aos infiéis dependa de Roma, ainda para mais se Wasqa foi escolhida como futura sede episcopal.

— Contai com isso, não permitirei que nenhum enviado de Roma me dê ordens.

Aznárez chegou a Loarre nessa primavera, encabeçando uma hoste de pelo menos trinta homens, armados, com numerosos cavalos e carroças com provisões. Instalaram-se no povoado e imediatamente subiram ao castelo. Na torre principal, Fortún esperava-os com os planos do castelo desenhados em quatro pergaminhos.

— Felicitações pela proeza da vossa heroica resistência.

— Obrigado, meu senhor, teria sido mais fácil se tivéssemos contado com mais homens de armas.

— Eu sei, ainda que não me seja fácil deixar mais castrenses em Loarre, tenho outras obrigações.

— Sois o tenente!

— Exato, e tu, mestre de obras, é bom que não te esqueças disso.

— O que insinuais? Vi morrer dezenas de homens, muitos deles meus amigos, para defender uns muros que são responsabilidade vossa.

— Acho que a vitória te subiu à cabeça. Como bem disseste, sou eu o tenente de Loarre.

— Pois começai a agir como tal. — Fez-se um silêncio desconfortável. — Olhai

— prosseguiu Fortún, num tom mais suave —, ambos sabemos da importância de Loarre. Destinai mais soldados à sua defesa, suplico-vos.

— Mestre de obras, não há como duvidar do teu valor. Contarás com um reforço de seis dos meus cavaleiros com uma vintena de auxiliares.

— Sois generoso, meu senhor.

— E tu és persuasivo. Esta fortaleza far-nos-á grandes aos dois, concordo que devemos guarnecê-la bem. Por isso, tenho uma única condição — advertiu, erguendo a mão. — Os meus homens não podem nunca abandoná-la, entendido?

Defenderão exclusivamente Loarre.

— Não podem sair do castelo?

— Poderão afastar-se apenas enquanto mantiverem contacto visual com ele. São os guardiões da fortaleza e, como tal, é a ela que se devem restringir.

— Parece-me justo. — Fortún mostrou-se satisfeito. — Temos outro assunto de que tratar: a cisterna foi ampliada, mas precisamos de mais reservas de água.

Portanto, concebemos um sistema nas torres para recolher as águas da chuva procedentes da cobertura, através de uma rede de canalização que as leva para talhas de barro. Necessitamos, por isso, que nos forneçam mais recipientes desses; assim conseguiremos que a torre tenha o seu próprio fornecimento de água e não dependa da cisterna.

— Muito inteligente, não vejo problema. Estas janelas, por outro lado, tão ornamentais, são mais próprias de um palácio do que de uma fortaleza.

— Na torre principal e na gémea, o lombardo abriu essa galeria de arcos geminados.

— Para quê?

— Para a dotar de alguma elegância, que esse espaço servisse para quando vós ou o rei nos visitassem.

— Que ideia... — O nobre viu como os homens trabalhavam aos pés da torre.

— O castelo podia ter caído no ataque?

— Sim, claro. Superavam-nos amplamente em número, tinham armas de cerco, estavam bem organizados...

— E se voltam a atacar?

— Então, Deus dirá.

— Deus? Estamos assim tão mal?

— O que quereis dizer com isso? — perguntou Fortún, contrariado.

— Nada — disse o nobre, esboçando um sorriso forçado —, agora tenho de ir.

— Não ficais?

— Passarei aqui o Inverno, devo partir quando a neve terminar. Tenho três castelos ao meu cuidado, construtor. As fortalezas são para os soldados, não para os nobres. Continuai como até agora. — E deu-lhe uma ligeira pancada nas costas. — Voltarão a atacar, sabes disso, não é verdade?

— Sim, sempre soube.

— Faz com que este castelo resista e saberei recompensar-te, mas — e aproximou-se do ouvido de Fortún — não voltes a contradizer-me nem a dizer-me o que devo fazer, ou não será preciso um ataque dos infiéis, eu mesmo me encarrego de te matar com as minhas mãos, entendido? — avisou, dando-lhe uma palmada nas costas.

O tenente sorriu. Fortún ficou perplexo ante a atitude do nobre e permaneceu imóvel enquanto Aznárez percorria o pátio de armas a caminho da igreja.

Capítulo Quarenta e Oito

LOARRE. PRIMAVERA DO ANO 1060

Aznárez e a sua corte instalaram-se em Loarre até passar o inverno, partiram para oriente com a chegada do bom tempo e deixaram a prometida guarnição no castelo. Isso foi do agrado dos trabalhadores, pois agora sentiam-se mais seguros com gentes de armas a guardar os muros inacabados.

Além do mais, tinham trazido cereal, e alhos, cenouras e cebolas já punham o nariz de fora no horto. Os armazéns do castelo estariam bem abastecidos de víveres.

No primeiro domingo da Quaresma, antes da hora sexta, o céu transformou-se em penumbra e levantou-se um inesperado vento de oeste que não podia trazer nada de bom. Várias garças sulcaram o céu num gesto de agoiro, no momento em que o primeiro trovão retumbou. O céu estava encolerizado.

Soltou-se imediatamente a tempestade, quando havia quem ainda procurasse refúgio. A chuva não tardou a converter a aldeia num lamaçal, os barrancos desciam das montanhas, arrastando pedras, lama e troncos de árvores.

Ninguém dormiu tranquilo nessa noite em Loarre. O estrondo dos trovões atemorizava até os mais corajosos. Algo terrível acontecera para tal castigo celestial. Por isso, rezaram sem descanso em cada uma das casas, pedindo a Nosso Senhor clemência e saúde para pagarem pelos pecados.

O temporal acaba sempre por passar e nessa noite fê-lo antes do nascer do Sol, deixando os habitantes da aldeia cansados e com um sono terrível. Após as orações da prima, em perfeita solidão, o sacerdote leu os salmos com toda a solenidade de que foi capaz. Deixou um círio aceso junto ao altar de pedra e saiu para o exterior da igreja, onde copiosos charcos de água faziam com que a paisagem parecesse desconhecida. Só a silhueta do castelo lhe confirmava onde estava.

À chuva, seguiu-se um vento devastador e parecia que nesse ano não iam ter

descanso. Não parou durante vários dias, crescendo em força. Tanto que derrubou várias árvores. Quando amainou, os estragos na aldeia, e também no castelo, eram consideráveis. Tiveram de trabalhar no duro para os reparar, os dias foram esgotantes até que chegou o calor de junho e mudaram de rotina.

O verão foi invulgarmente chuvoso e esse tempo prolongou-se até setembro.

Atrasou a planificação das obras. Do cimo da torre principal, Fortún desesperava com os escassos avanços. Ia para ali porque gostava de contemplar o céu estrelado em busca da esplêndida constelação de Pégaso. E de procurar o amplo quadrado que a formava.

— Em busca de respostas? — Eneca surgiu de surpresa atrás dele.

— Que susto me pregaste!

— Não será para tanto, duvido que o mestre de obras de Loarre tenha medo de uma mulher.

— De uma não, mas de ti, sim.

— Que poderia eu fazer-te? Sou a tua esposa.

— Vem — pediu-lhe ele, dando-lhe um doce beijo nos lábios.

— Não deves preocupar-te tanto, as chuvas hão de parar, se é isso que te inquieta.

— Ainda temos muitos feridos devido ao cerco, e os sarracenos... Garanto-te que não ficarão de braços cruzados, alguma iniciativa tomarão. Todos me pedem que termine o castelo, exigem-me isso, e eu... trabalho o mais que posso, mas...

talvez não seja capaz.

— Não, pelo contrário. — Desta vez, foi ela que o beijou, de forma mais passional. — Fortún, temos de falar.

— É isso que estamos a fazer, não é?

— Não, há muito tempo que não falamos de nós, de... Fortún, não consigo voltar a engravidar. Talvez já nunca consiga.

— Porque dizes tal coisa? Ainda é possível, só temos de continuar a tentar, Deus há de recompensar-nos. E as tuas ervas? De certeza que encontras alguma poção que te ajudará a ficar de esperanças.

— Achas, por acaso, que não as experimentei a todas? Que não tentei por todos os meios? É possível que, ao perder o bebé, algo mais tenha ido com ele.

— Que dizes! Não sejas tonta, voltaremos a tentar, esta noite, agora.

Fortún agarrou-a pela cintura e beijou-a, os seus lábios derreteram na boca de Eneca como o gelo na primavera. E continuou a beijá-la, como se cada

um desses beijos fosse melhor do que o anterior, mais prolongado, mais intenso...

Eneca acariciou-lhe a nuca e ambos abriram os olhos.

Não puderam voltar a fechá-los.

Tomou-a nos braços e sentou-a sobre a galeria de arcos, acariciou-lhe levemente a face direita, e ambos sorriram. Pegou numa das madeixas do seu cabelo e ela fez menção de o morder.

— Eneca, amo-te.

— Amas-me? Mostra-me o que é amar para ti.

Fortún voltou a beijá-la e devorou-lhe o pescoço, o seu doce pescoço que sabia a sal. Os ombros, que não terminavam nunca. Eneca desfez-se da saia e ele descobriu a beleza que pode haver nos seios de uma mulher.

Teve de o puxar novamente para os seus lábios, para que reagisse, e despiram-se os dois sob a luz das estrelas de Pégaso.

Horas depois, a luz do amanhecer acordou-os, após uma noite de fogo que se prolongou de tal modo que as fogueiras não se tinham apagado ainda dentro deles.

O ruído das obras interrompeu os seus últimos beijos e desataram ambos a rir.

— Tens um castelo para construir.

— Eu sei. E tu, como pensas sair daqui sem que te vejam?

— Sou mulher, nunca nos subestimes. — Eneca levantou-se e procurou as roupas pelo chão da torre.

— É melhor que saia eu primeiro, assim posso afastar as pessoas da torre.

— Está bem, mas rápido, ou será demasiado tarde.

— Espera. — Fortún aproximou-se dela e prolongou um beijo até quase não lhe restar ar nos pulmões.

— Promete-me que me vais beijar sempre assim.

— Eneca, não acho que o possa fazer de outra forma.

Já na aldeia, Eneca voltou o olhar para a torre principal e não pôde deixar de sorrir. Talvez tivesse sido aquela a noite, sentia algo diferente dentro de si.

O resto do dia foi para ela como flutuar, mostrou-se distraída e desajeitada. As coisas complicaram-se durante a tarde, pois dois dos homens que ainda estavam feridos devido ao ataque muçulmano tinham febre muito alta. Quase já não tinha material para preparar mais remédios, dado que os estragos do ataque tinham esgotado as reservas.

Depois do cerco, os feridos mais ligeiros recuperaram rapidamente, mas outros houve que não melhoravam com a passagem dos dias e das semanas. Precisava de ajuda, e por isso escolheu várias mulheres da aldeia como ajudantes e ensinou-lhes os princípios básicos das plantas e outros remédios.

Decidiu que devia usar todo o saber para assegurar a gravidez, pelo que preparou um poderoso unguento que diziam que fazia maravilhas nas mulheres que esperavam um filho. Faltava-lhe, no entanto, um par de ingredientes. Embora pudesse pedir a uma das ajudantes que o fosse buscar, preferiu sair para o bosque e fazê-lo ela mesma, ao fim e ao cabo, era algo pessoal. Além disso, as outras mulheres não sabiam tanto como ela. As plantas não cresciam sempre nos mesmos locais e era preciso embrenhar-se no bosque. Necessitava da poção nesse dia. Precisava de apanhar uma estranha erva, que ouvira dizer que podia fazer com que as feridas cicatrizassem melhor, e que era sobretudo visível ao amanhecer. Por isso, saiu de Loarre durante a noite, acompanhada pelo seu

Tasio, ainda ferido. As estrelas brilhavam na cúpula celeste e, ao fitá-las, lembrou-se de Fortún. Talvez tivesse cometido um erro ou, pelo contrário, o maior acerto da sua vida. Quem não arrisca, nunca conhecerá a felicidade. E

agora estava convicta de que era feliz e desejosa de voltar a vê-lo.

Continuou a olhar para o céu enquanto caminhava em direção ao bosque. As estrelas giravam numa das nove esferas que formavam o todo e que se distribuíam à semelhança das camadas de uma cebola. Fora da última dessas camadas, não havia nem espaço, nem vazio, nem tempo.

A Eneca, agradava-lhe sobremaneira contemplar o firmamento e seguir o movimento das esferas. Principalmente das estrelas, que estavam na segunda esfera. A primeira movia o resto, nas seguintes dispunha-se sempre um planeta: de fora para dentro, Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vénus, Mercúrio e a Lua. No interior desta última, estava o mundo sublunar e, a ocupar o centro, a Terra. As camadas das esferas eram transparentes, graças a isso, podia-se ver as estrelas.

Cada uma das sete representava uma nota musical e, ao girar, criavam uma bonita melodia conhecida como a música das esferas.

Nem todos podiam ouvi-la, mas ela podia. Eneca ouvia-a constantemente, nas árvores, nas plantas, no leito do rio. Essa música preenchia tudo, mas os homens estavam tão ocupados a gritar, a lutar e a rezar que não lhe prestavam atenção.

Nessa manhã, porém, numa clareira do bosque, também ela deixou de a ouvir, como se as esferas tivessem parado. Era a primeira vez que se fazia absoluto silêncio. Não podia ser nada de bom. Eneca soube de imediato que não o era. O

cão começou a ladrar, ela olhou em volta à procura de algum animal selvagem que os acossasse. Não, não era isso que perturbava a música das esferas.

Ouviu-se o estalar de um ramo. Não soube de onde vinha.

Sentiu um olhar, não era nenhum animal. Foi isso que realmente a aterrou naquele instante.

Procurou uma via para fugir, mas aquela clareira deixava-a em má situação.

Tinha de pensar rápido, ajoelhou-se como se fosse apanhar alguma erva e o que fez foi pegar numa pedra e, para o caso de ter de a utilizar, preparar a pequena foice que levava para cortar os caules das plantas.

Baixou a cabeça para disfarçar a estratégia e, de repente, levantou-se, desatando

a correr para o bosque. Então, surgiram quatro homens vestidos com roupas escuras e Eneca atirou a pedra ao primeiro, que não teve tempo de reagir e levou com ela no meio da testa, ficando ferido. Outros dois precipitaram-se sobre ela e Eneca desferiu-lhes dois golpes com a ferramenta, cortando com um deles o antebraço do primeiro atacante enquanto fazia retroceder o segundo. Mas o último aproveitara a distração para a contornar e agarrou-a pelo pescoço, ao que o cão respondeu mordendo-lhe a perna com todas as forças.

O muçulmano soltou um terrível grito de dor e libertou Eneca, que pôde desatar a correr. Os outros três homens voltaram a cercá-la, o do golpe na testa sangrava profusamente e o seu olhar transbordava de ira. Foi o primeiro a atirar-se a ela, mas Eneca defendeu-se com a foice e ele teve de recuar. O atacante à sua direita aproveitou para a agarrar pelo braço e ela mordeu-o, ao mesmo tempo que lhe cravava a foice no flanco.

Com as mãos ensanguentadas, afastou-se dele, assustada, e viu a dor no seu olhar. Foi um erro, um segundo fatal.

Sentiu uma pancada na cabeça e caiu ao chão.

A última coisa que viu foi como degolavam o seu cão.

Capítulo Quarenta e Nove

CASTELO DE LOARRE. SETEMBRO DO ANO 1060

Fortún ardia de desejo de voltar a beijar Eneca, pelo que, assim que terminaram os trabalhos desse dia, foi procurá-la. Mas, para sua desilusão, não a encontrou.

Esperou pacientemente pelo regresso, mas foi inútil e teve de dormir sozinho essa noite.

Eneca era assim, nunca poderia mudá-la. Apesar de ser sua esposa, ia e vinha como um homem livre. Podia proibir-lho, podia obrigá-la a não sair na sua ausência. Mas não faria tal coisa, amava-a demasiado. Suportou a solidão, mas no dia seguinte aconteceu o mesmo. Eneca era livre como um pássaro, ausentava-se de Loarre consoante a sua vontade, viajava para outros vales, fazia viagens a lugares que ninguém conhecia e frequentava grutas, refúgios e caminhos que só ela conhecia. Não era estranho que se ausentasse de repente, mas ao terceiro dia, Fortún não aguentou mais e foi a uma das atalaias naturais onde estavam os vigias. Ao perguntar pela mulher, encontrou apenas respostas hesitantes. Foi, por isso, porta a porta, batendo a todas as cabanas, de onde os habitantes saíam com remelas nos olhos e bocejos enormes.

Ninguém sabia onde estava, há vários dias que ninguém a via. Algumas mulheres lembravam-se de que Eneca se dirigira ao bosque em busca de mais plantas medicinais, mas desde então que não sabiam dela. Por isso, um grupo de busca partiu para o interior da montanha, receoso de que a tempestade a tivesse apanhado de surpresa.

O bosque era enorme e Eneca podia ter ido a qualquer lado, pois, segundo diziam as pessoas, parecia ser ela quem melhor o conhecia. Para surpresa de todos, o sacerdote assumiu o comando e organizou quatro grupos de busca. Os três primeiros seguiram pelas três principais direções e o quarto dispôs-se de forma mais dispersa atrás deles, para garantir que não deixavam nada por rastrear. O segundo grupo era comandado por Fortún, e nele estavam incluídos Isidoro, Galindo e os canteiros. Embora fossem os pastores das montanhas, mais conhecedores do terreno, que lideravam a busca.

À hora da terça, os dois primeiros grupos tinham chegado ao rio sem encontrar rasto da mulher. O desânimo espalhou-se rapidamente, já que continuar pela

outra margem era, além de perigoso, pouco prático, pois o terreno apresentava-se mais íngreme e não fazia sentido que Eneca tivesse ido por ali. Fortún e os pastores continuaram a discutir os passos a seguir. Durante a

pausa, chegou o enviado do terceiro grupo, com as mesmas notícias improdutivas.

— E agora, o que fazemos? — perguntou Ramón, o novo noviço ao cuidado do sacerdote.

— Pensai, temos de pensar antes do próximo passo — respondeu o religioso, demasiado concentrado nas divagações —, para onde pode a Eneca ter ido?

Fortún mantinha o silêncio, não estava em condições de pensar com clareza e sabia-o. Isidoro era o mais nervoso e não parava de se mexer; só o sacerdote, apesar da idade e do cansaço, parecia capaz de dirigir aquela busca.

— Raptaram-na — respondeu uma voz vinda das suas costas. — Posso levar-vos ao local onde foi capturada. — Era Ava.

— Como sabes? — inquiriu o sacerdote.

— Sei, se vos importais com a Eneca, isso devia ser suficiente, não vos parece?

— Ava! — interveio Fortún. — O sacerdote está nervoso, eu também, estamos todos nervosos.

— Seja como for, ela estava a pedi-las.

— Por Deus! Mas o que dizes tu, alma de Deus? — O sacerdote estava prestes a perder a calma.

— Pois que estais todos demasiado interessados nela e que o que aconteceu era previsível. Vem sozinha ao bosque e apanha estranhas plantas com que cura de forma milagrosa. E se também puder usá-las para manipular as pessoas?

— Achas que a Eneca faz isso? — perguntou o sacerdote, elevando o tom de voz. — Tu, Ava, tu é que és uma selvagem, tu, sim, adoras falsos deuses.

— Alto! — exclamou Fortún. — Estamos aqui para salvar a Eneca, por isso vamos fazê-lo, depois teremos tempo para discutir. Ava, se sabes onde foi capturada, estás à espera de quê? Vamos para lá.

Assim fizeram e postaram-se numa clareira do bosque escondida entre altos faiais.

— Porque dizes que a Eneca esteve aqui? — interrogou o sacerdote.

Ava dirigiu-se a um dos extremos do espaço, agachou-se e apanhou qualquer coisa do chão. Quando a luz incidiu sobre o objeto, este brilhou.

— Pode ser uma das ferramentas da Eneca — disse uma das mulheres que os acompanhavam.

— Vejamos — Galindo cravou o olhar nos olhos da arqueira, agachou-se e passou a mão sobre a erva —, há sangue e muitas pegadas. A marca é funda, eram homens e pesados, podiam estar armados e usar cotas de malha.

— Maldição! — O sacerdote levou as mãos à cabeça. — De certeza que foram os sarracenos.

— Também se distinguem pegadas mais pequenas, como de mulher e de um animal, um cão, parece-me.

— Será Tasio, iria com ela. Podes seguir o rasto? — Fortún tentava manter a calma.

— Sim, claro.

— Leva um grupo de homens a cavalo.

— Eu acompanho-a — ofereceu-se Galindo.

— E se for uma armadilha? — interveio Ava, pouco convencida com o plano. —

O ataque é recente, não pensarás que os infiéis vão ficar de braços cruzados depois da derrota.

— É possível, e o que sugeres tu?

— Sermos cautelosos e não nos esquecermos de que a nossa missão é terminar e defender o castelo, só isso.

— A Ava tem razão — sussurrou Galindo para que só Fortún o ouvisse.

— Galindo, vai sozinho com mais dois homens, nãourras nenhum risco, volta para nos informar assim que encontrares alguma coisa.

O atirador de facas selou uma montada e despediu-se de todos. A última para quem olhou foi Ava. Partiu, seguindo as pegadas pelo bosque, não era difícil, mas a escuridão era má aliada. O rasto dirigia-se para leste até uma zona sombria. Galindo desmontou e puxou da espada, afastando com ela vários ramos das árvores que o incomodavam ao passar e chegando junto de uma faia de casca esbranquiçada. Aos seus pés, repousava o corpo do cão de Eneca. Jazia sem vida por culpa de um corte que só podia ter sido feito por uma boa lâmina.

Junto a ele, Galindo encontrou um pedaço de tecido. Era de boa qualidade, com um bordado, e soube assim que o viu que era sarraceno.

Decorreram vários dias sem notícias do pamplonês, aquela incerteza era um mau veneno. Após tanta dor e morte provocadas pelo cerco, agora era Eneca a desaparecer. Mas as gentes de Loarre não podiam parar para lamentar a ausência de ninguém, nem de Eneca nem de nenhum outro. Todos tinham perdido alguém e nem por isso haviam abandonado as obrigações. Naquele difícil momento, tornava-se prioritário reparar os danos sofridos nas defesas, o resto passava para segundo plano.

O mais afetado era Fortún, que se fechara na torre principal e praticamente não saía dali. Da galeria de arcos, passava as horas com o olhar perdido no oriente.

— Fortún, sou eu. — Ava subiu as escadas até àquele andar.

— O que queres?

— Falar contigo.

— Não me apetece muito, a não ser que tenhas notícias.

— Receio que não, mas mesmo assim temos de falar. — Colocou-se a seu lado.

— Fortún, tens de reagir.

— Reagir! Não penso sair daqui até que a Eneca volte, entendes?

— Não é fácil ver o quanto a amas — disse a arqueira, pronunciando as palavras com tristeza —, nada fácil.

— A que propósito vem isso agora? A Eneca é minha esposa, há já muitos anos que...

— Não sabes? — Pela primeira vez, uma lágrima quis deslizar pela face da arqueira.

— Ava.

— O quê? — Limpou rapidamente os olhos e recompôs-se.

— Lamento se... quero dizer que lamento não poder...

— Cala-te! Em Loarre, não podemos parar para nos lamentarmos. Não fugimos nem choramos. Todos perderam alguém no cerco e não desistiram, estão lá fora à tua espera. Por isso, para de te castigares pela ausência da Eneca, acredita que o Galindo a encontrará.

Sem lhe dar tempo de dizer mais nada, Ava virou-se e desapareceu pela escadaria da torre. Fortún ficou ali confuso e com uma dúvida no coração, um espinho cravado que não sabia se algum dia seria capaz de arrancar.

Os trabalhos de reconstrução iam a bom ritmo: com dinheiro, recursos, proteção e mão de obra, era tudo mais fácil. A porta de acesso sofrera

vários impactos relevantes, pelo que foi preciso restaurá-la. O arco de volta perfeita com aduelas não sofreu estragos, mas o lintel monolítico que delimitava o tímpano cego tinha falhas.

Na obra, Fortún olhava contrariado para o acesso onde vários homens terminavam os trabalhos. Eneca não o deixava concentrar-se, ainda que tentasse com todas as forças. Não podia abandonar as obras do castelo, nem por ela.

Devia-se ao seu trabalho, tinha um compromisso com o rei, com o tenente e com aqueles homens que trabalhavam de sol a sol e tinham dado a vida para defender Loarre. Sobretudo por eles, e apesar da sua dor, devia prosseguir, não podia abandoná-los, não tinha esse direito.

A reparação daquela porta trazia-os a todos de cabeça à roda.

— Demetrio — o soldado estava a poucos passos dele, a conversar com outros

peões —, o que achas do acesso? Achas que está defendido de maneira adequada?

— Sou militar, não construtor.

— Isto não é um simples edifício, o castelo é também uma arma de guerra.

— Certo — e resfolegou —, vereis, ao estar ao nível do solo, é fácil atacar a porta. É estreita e dificulta a entrada, mas sejamos sinceros. É difícil de defender, por mais que esteja aos pés da torre.

— Entendo.

— Haveria que procurar uma maneira, não sei como, de poder atacar melhor os que tentarem assaltá-la.

Demetrio tinha razão. Fortún ergueu o olhar e observou os andaimes, a partir dali podiam lançar-se pedras, flechas e qualquer objeto. Assim, mandou subir mais objetos que pudessem ser atirados, caso contrário, teriam de os arrancar da torre.

Também podiam usar as volumosas bacias que tinham lá em cima para recolher a água da chuva do telhado, embora perdessem tempo a esvaziá-las.

— É isso! — pensou em voz alta, agarrando Demetrio pelos ombros. — As bacias!

— De que falais, Fortún?

— Das bacias do último andar.

— Quereis defender a porta com bacias de água?

— Sim.

— Falais a sério?

— Claro, podemos preparar suportes para que seja mais fácil transportá-las para o andaime e, a partir daí, atirar a água aos atacantes.

— A água?

— Sim, porque também prepararemos madeira para fazer fogo e aquecê-las até

que o líquido no seu interior ferva.

E os seus olhos brilharam.

— Água a ferver! Mestre, tendes a certeza disso?

— Não vamos desperdiçar azeite nem vinho.

— Vinho! Os homens enforcam-nos primeiro, principalmente o Galindo.

— Se pudermos fazer ferver grandes quantidades de água, isso espalhará o pânico entre os que nos atacarem. A água a ferver não é assim tão fácil de evitar, é dolorosa e as cicatrizes que deixa são permanentes e aterradoras.

— Fortún estava orgulhoso da ideia. — Ordena aos defensores da torre que

as preparem para esse efeito. Da próxima vez que nos atacarem, terão uma ingrata surpresa.

Ao entardecer, quando todos descansavam do duro trabalho, Galindo regressou com os dois acompanhantes. A notícia espalhou-se pela aldeia e Isidoro foi a correr avisar Fortún, que, deitado na enxerga, mal conseguira conciliar o sono.

O pamplonês de Baztán desmontou e foi direito ao construtor, enquanto um tumulto de gente os rodeava.

— Vi a Eneca, está viva.

Suspiros, sorrisos e elogios misturaram-se com os murmúrios e a multidão.

— E onde está? — perguntou Fortún, aliviado e surpreendido por não a ver com o atirador de facas. — Não vem convosco? — O construtor esticou o pescoço para tentar encontrá-la junto aos cavalos.

— Não, temo que não vá ser assim tão fácil. — Galindo mordeu o lábio inferior antes de abrir a boca. — Está prisioneira dos infiéis na Fortaleza de Bolea.

O silêncio cravou-se como uma flecha, daquelas que entram bem dentro da pele e sabemos que vai doer mais se tentarmos tirá-la do que se a deixarmos ali.

Mas é preciso soltar a ferida para o sangue brotar, mesmo correndo o risco de nos esvairmos.

— Resgatá-la-emos. — Demetrio foi o primeiro a atrever-se a falar.

— Sim? Como? — resmungou Galindo. — Como pretendes entrar em Bolea?

— Atacando o castelo.

— Por favor. — O pamplonês deu a volta, virando-se depois para o soldado. —

Aquele castelo é inexpugnável, com que exército vamos cercá-lo? — perguntou, apontando com o braço aqueles que o rodeavam. — Aqui só há camponeses, canteiros e pastores, os soldados têm ordens para não abandonar o recinto.

Conseguimos defender Loarre, mas não sejas estúpido, Demetrio! Jamais poderíamos sequer aproximar-nos de Bolea. Mal nos vissem, enviavam uma hoste de cavalaria que nos esmagaria.

Os murmúrios e os olhares de desânimo deram razão ao atirador de facas. As expressões iniciais de alegria transformaram-se em pesar, olhares cabisbaixos e lamentos, muitos lamentos.

— Escutai — disse Fortún, tomando a palavra —, todos sabemos porque estamos aqui. O que vos vou pedir, não quero que o façais pelo vosso senhor, nem pelo nosso rei, nem por Deus. — Tomou fôlego. — Quero que venhais comigo atacar a Fortaleza de Bolea.

— Quando? — Demetrio deu um passo em frente.

— Agora não, está demasiado vigiada. No fim do inverno, a guarnição será escassa e estarão mais atarefados a planear os trabalhos das hortas.

— O que pedes é uma loucura — disparou Galindo com má cara.

— Podemos mostrar a esses infiéis aquilo de que somos capazes. Que, tal como os derrotámos dentro destes muros de pedra, podemos fazê-lo também na sua casa. E quero que o façais por vós mesmos e, se isso não chega, que o façais por mim. Suplico-vos, ajudai-me a resgatar Eneca!

Fortún ficou esgotado após a arenga, saíra-lhe do mais profundo da alma, desse lugar oculto onde nasce todo o bem que temos, do único que vale a pena salvar, que não se corrompe como a carne nem envelhece como a pele.

Restava apenas esperar, saber se com as suas palavras conseguira comover aqueles que o rodeavam e ver além dos seus interesses.

Fracassou.

Pouco a pouco, os habitantes de Loarre foram baixando a cabeça, mostra da vergonha, e o círculo que haviam formado em torno dos recém-chegados diluiu-se. Alguma expressão de complacência, desculpas no olhar e um profundo e cobarde silêncio nos lábios.

— Ides abandoná-la? É uma de nós! Sabeis o que farão com ela esses infiéis? —

Fortún esforçava-se, tentando amolecer os corações.

Demasiado tarde para arroubos de valentia.

— Tendes a certeza do que ides fazer? — disse uma voz, deslizando entre as desculpas. — Acho que não vos dais conta da situação.

A que falava não era outra senão Ava, que só, firme e decidida, abriu caminho entre os que fugiam, cabisbaixos. Postou-se junto a Galindo, que a recebeu com um sorriso e deu outros dois passos.

— Ouvi-me, pois só vou dizer isto uma vez — ergueu a voz. — Eu vou resgatar Eneca.

Aquelas palavras surpreenderam os presentes, e principalmente um, Fortún. O

construtor fitava desconcertado a brava arqueira.

— Nada ganhareis se vierdes comigo e atacarmos Bolea, nada de material obtereis, nem joias, nem ouro, nem terras. — Com aquela arenga sincera, Ava chamou a atenção de todos. — Mas uma coisa vos digo, os que ficarem hoje escondidos entre os muros de Loarre perderão o que de mais valioso um homem livre pode ter: a honra.

Mais de um dos presentes sentiu que se lhe formava um nó na garganta que o impedia de engolir saliva, lhe afligia a respiração e, por mais que tentasse, só conseguia sentir que sufocava.

— E lembrai-vos de que, tal como os vossos filhos e os filhos dos vossos filhos herdarão a vossa cor de cabelo, os vossos olhos, as vossas terras, e

perpetuarão a vossa memória, receberão igualmente como herança a vergonha deste dia em

que não ousastes atacar Bolea. Não duvideis de que os vossos netos e bisnetos amaldiçoarão os vossos atos de hoje até desaparecerdes da sua memória e, mesmo então, quando os vossos nomes tiverem sido levados pelo vento do esquecimento, será lembrada a vossa indiferença, a vossa falta de honra. — Ava olhou-os nos olhos, para acrescentar: — A vossa cobardia!

Fortún escutava-a, via-a estender toda a força que emanava de um espírito livre e forte. Erguida sobre as longas pernas; com o cabelo solto, agitado pelo vento da noite; os olhos em tempestade e um olhar capaz de derrubar muralhas, castelos e qualquer barreira criada pelo homem.

E então Fortún duvidou.

Ao duvidar, recordou a advertência que o lombardo fizera ao seu pai anos antes: todo o homem tem na vida um momento em que duvida, e na sua dúvida está o seu destino.

Capítulo Cinquenta

WASQA. SETEMBRO DO ANO 1060

Wasqa era a capital da antiga Marca Extrema do al-Andalus, onde mais de sete mil habitantes se agrupavam nas ruas e mesquitas. Era a cidade mais a norte dos territórios do islão. O seu governador era Lubb ben Hud, membro da família dos hudidas, a dinastia árabe que governava o reino da taifa de Saraqusta.

Tratava-se de uma cidade imponente, com um poderoso anel de muralhas flanqueado por noventa e nove torres que abarcavam todas as formas possíveis: retangulares, circulares e também de base pentagonal. Os muros eram compostos por grandes silhares e, na parte mais alta, junto à mesquita e ao souk, erguia-se a Zuda, residência do governador.

Dentro daquelas muralhas, e protegido por um cinturão exterior de numerosos castelos em todos os caminhos de acesso à cidade, dominando penhascos e vales, estradas e povoações, o governador sentia-se poderoso. Os cristãos de Pamplona, Aragão, Urgel e Barcelona incomodavam-no de vez em quando, mas tinha alianças com outros reis mais poderosos, como o de Castela, que não hesitariam em derramar sangue dos correligionários se ele solicitasse a sua ajuda.

Wasqa não tinha o extremo requinte de Saraqusta, nem a beleza dos seus edifícios, nem tanta riqueza nem habitantes.

— De Loarre! Quer dizer então que perdeste um castelo e metade do meu exército, mas conquistaste uma mulher cristã, preferia que há meses me tivesses servido a cabeça dos que defenderam esse castelo. Uma mulher! Trazes-me uma mulher em vez das chaves de Loarre... maldito inconsciente!

— Pensei que vos agradaria — confessou Yusuf.

— Pensaste? Estupendo, e porque não pensaste no dia do ataque àquela maldita fortaleza? Porque não procuraste os seus pontos fracos? Porque não te limitaste a cercá-la como te ordenei? — questionou Lubb ben Hud, furioso.

— Dissestes que queríeis destruí-la.

— Exato, não que te destruísse a ti, não que aniquilasse o melhor do meu exército — murmurou o governador de Wasqa.

— Estavam a reconstruí-la, era um bom momento para atacar. Com as defesas inacabadas.

— Pois, se estava assim tão mal, porque te derrotaram? E pior ainda: se, nesse estado lamentável, não foste capaz de a tomar, o que acontecerá quando estiver terminada? Diz-me! — perguntou o governador, levantando-se da poltrona.

— Loarre é diferente, não é como os outros castelos cristãos.

— O que tem assim de tão diferente?

— Meu senhor, possuí numerosas torres e vários recintos. É complexo de atacar, os muros são de uma altura tremenda e...

— Como muitas das nossas fortalezas.

— Sim, mas os cristãos costumam construir castelos com uma única torre, e este tem cinco. Além do mais...

— O quê? Além do mais o quê? Não te cales. Fala! Não posso crer que o meu melhor general seja assim tão estúpido.

— É todo o conjunto, meu senhor. Acreditai se vos digo que essa fortaleza não é como as outras. Os defensores são autênticos selvagens, lutam como animais.

— É o que são, estás à espera de quê? As tuas desculpas não me servem, Yusuf.

Até agora, serviste-me como eu queria, mas esta derrota... — pensou nas palavras —, faz-me questionar se não terás perdido capacidades.

— Juro-vos que não.

— Shhh, silêncio. — Levou o indicador e o anelar aos lábios. — Jamais voltes a interromper-me. Posso perdoar uma derrota, mas não sou tão permissivo com a insolência. — E voltou a sentar-se.

— Lamento, meu senhor — desculpou-se Yusuf, ajoelhando-se ante o governador de Wasqa.

— Levanta-te, não és escravo. Sei que esses cristãos se têm aproximado mais dos meus domínios desde que esse enteado de Sancho, o Maior, se fez chamar rei de Aragão. Pergunto-me que razões levam um homem assim a ter a ousadia de pretender ser monarca, ainda que seja de três pequenos condados.

— São gentes difíceis de entender.

— São simples! Não deveria ser complicado entender o seu raciocínio, ao fim e ao cabo são cristãos, inferiores.

— Lutam bem.

— Claro que lutam com ferocidade, com bravura, como um urso, como um lobo.

Mas não somos nós porventura capazes de matar esses animais, de os capturar, até de os domesticar algumas vezes?

— Sim, meu senhor, mas não se trata de animais. Os cristãos destas montanhas começam a ser perigosos. Como os do condado de Castela, do reino de Leão ou os de Urgel.

— Não é para tanto. A maioria dos habitantes destas montanhas vive em cabanas de terra e madeira, veste-se como mendigos e, como se fosse pouco, professa uma falsa fé. — Lubb ben Hud parou ao ver que entravam vários servos.

— Trata-se do meu presente para vós. Estou convicto de que vos entusiasmará.

— Tens assim tanta certeza? Gosto de incorporar novas concubinas, sobretudo se forem do Norte, mas já experimentei as vascãs de pele branca e olhos claros, as francas de cabelos louros... Estás farto de saber que sou exigente com as minhas mulheres.

— Eu sei, mas acreditai, ela é diferente — respondeu o general, com uma segurança incrível nas palavras.

— Como estás tão convencido? Escondes-me algo... — O governador calou-se ao ver entrar Eneca. — No entanto, são capazes de engendrar criaturas como esta. Olha bem, para ela, Yusuf, é bela, mas...

— Desagrada-vos?

— Não é isso, com gosto a faria minha. Mas não me agradam os seus olhos.

Uma escrava com um olhar tão negro não pode trazer nada de bom. Ouvi uma história sobre uma mulher assim, noutras terras, muito distantes, perto do mar Vermelho. Dizem que vivia aí uma fêmea em cujos olhos podias perder-te. E

acredita, quando se perde, um homem é capaz de tudo.

— Tomai-a como divertimento — aconselhou o general —, sois demasiado sábio para cair nos seus jogos.

— Atraí-me, não vou negar. Não sei porquê, mas acho que a conheces muito bem, não é verdade?

— Podíeis domesticá-la — continuou Yusuf, sem responder à pergunta formulada. — Ao fim e ao cabo, é uma selvagem. Fizestes o mesmo com aquela vascã que capturei há anos.

— Sim, seria como um desafio. Isso agrada-me. — Fez um gesto para que os guardas a soltassem. — Como te chamas, mulher?

— Eneca.

— Que nome tão estranho! Teremos de o mudar, não me agrada! — exclamou, ao mesmo tempo que se recostava. — A partir de agora, farás parte do meu harém, logo te darei um nome. — Fez outro gesto com o braço para que um guarda viesse. — Levai-a para junto das outras, que a lavem e vistam, que a preparem para mim. Ajudar-me-á a esquecer desse Castelo de Loarre.

Capítulo Cinquenta e Um

WASQA. MEADOS DE SETEMBRO DO ANO 1060

O harém do senhor de Wasqa era um espaço voluptuoso, decorado com finos tecidos trazidos dos mais longínquos países, de cores quentes, que se misturavam com o cheiro a especiarias e a doces perfumes de jasmim e baunilha.

Dos candeeiros de pé, surgiam fios brancos de incenso queimado e, no meio de tudo, como princípio e fim do harém, um tanque ao qual ia parar a água que brotava de duas fontes dispostas nos seus extremos menores. Lá dentro, duas jovens brincavam, molhando-se uma à outra, enquanto outra as observava, movendo ao mesmo tempo as pernas com delicadeza, quase sem as salpicar.

Tinha o cabelo comprido e da cor do trigo antes de ser ceifado, brilhante e ondulado. Ao fundo do harém, sobre estranhas enxergas, recostavam-se outras duas belas mulheres, uma delas com a pele tão negra como a noite e a outra com um cabelo encaracolado e vermelho como o sangue.

— Finalmente chegaste — disse uma voz feminina atrás dela —, estávamos à tua espera, ouvimos falar de ti.

Eneca virou-se e descobriu os grossos lábios que lhe falavam. Era uma mulher de cabelo castanho, tão liso que parecia líquido. Muito magra, a sua cintura era uma mera intuição sob o vestido de seda azul e os seios eram pequenos, como se não existissem, o que só contribuía para despertar ainda mais interesse. O seu pescoço era interminável, como a subida a uma montanha e o seu cume, umas faces rosadas que precediam uns olhos de gata.

— Sou a Eneca.

— Eu sei, devemos instruir-te — afirmou a outra com um sorriso sensual.

— O

nosso senhor quererá provar-te quando regressar, e ele é muito exigente.

A cristã sentiu uma pontada dentro de si e esteve quase a vomitar. Controlou o corpo, confusa e ao mesmo tempo convencida do significado daquelas palavras.

— Não és o tipo de mulher que lhe agrada, tens demasiado peito, as tuas ancas são largas e os teus olhos... nenhum homem vai querer entrar neles, dão medo!

— Antes disso do que uns que peçam para te provar.

A concubina desatou a rir-se e chamou a atenção das restantes, que prontamente se acercaram para conhecer a recém-chegada.

— Agora já sei porque te quer, vai domar-te. Sim, não olhes para mim com essa cara. Quer domesticar-te como se fosses um animal selvagem. Vai divertir-se contigo, porque está claro que és uma pequena fera.

— O que se pode esperar de uma selvagem das montanhas? — interveio a ruiva.

— E como cheira mal!

— Sim, é desagradável — assinalou a companheira no tanque.

— Olhai-lhe para as pernas! Não está depilada! — exclamou novamente a ruiva.

— Temos muito que fazer com ela, vamos! — disse outra mulher, batendo palmas. — Primeiro, é preciso queimar as suas roupas, depois dar-lhe banho, cortar-lhe o cabelo, aplicar-lhe loções e preparar perfume.

— Constanza, vem cá — ordenou a mais roliça das mulheres, que não estava longe de Eneca —, tens trabalho com ela.

A mulher aproximou-se, não era a mais bela nem a mais sensual, mas sim a mais jovem.

Quantos anos pode ter?, perguntou-se Eneca ao vê-la. Era pouco mais que uma menina, de rosto arredondado, ancas largas e seios em proporção. Tinha um ar de doçura quase virginal. Ao contrário das outras mulheres, parecia conservar no olhar uma certa bondade. Na verdade, eram os seus olhos o que mais sobressaía, verdes como a erva na primavera. Eneca nunca vira umas pupilas daquela cor tão intensa, convidavam a contemplá-las, como se de uma bela paisagem se tratasse. Tinha um lenço atado na nuca, que usava para segurar os longos cabelos negros.

Constanza conduziu-a a outra zona de banhos, menos concorrida e luxuosa.

Despiu-a de todas as roupas, e Eneca ficou apenas com o pendente de entalhes a vestir-lhe o pescoço.

— Deves tirá-lo.

— Não — respondeu, levando a mão ao colar —, não o tirarei.

— Como queiras, mas ele vai arrancar-to assim que o vir, e será pior.

Acompanhou-a até à água, fervia. Da última vez que tomara um banho quente, Eneca era uma mera criança. Lembrava-se perfeitamente de como a avó e a mãe tinham enchido uma tina, metendo-a depois lá dentro. A mãe cantava e a velha avó lavava-lhe o cabelo. Passara muito tempo desde então.

A banheira aos seus pés era muito maior e cheirava como o bosque, como algumas dessas plantas que nascem na parte mais frondosa. Embora ali o aroma fosse mais doce, nunca sentira uma fragrância tão deliciosa, quase dava vontade de a provar.

Meteu o pé direito. Queimava-lhe a pele, mas também lhe agradava aquela sensação. Continuou com o outro e o efeito reproduziu-se. Quando se habituou à temperatura, agachou-se e introduziu todo o corpo na água. A mulher começou a esfregar-lhe as costas com uma espécie de pedra porosa. Inicialmente incomodava-a, mas não tardou a apreciar o seu toque e a desfrutá-lo.

— Tens de ter cuidado, não gostam de concorrência — sussurrou Constanza, enquanto espalhava um pó azulado pela água.

— Não há nada que deseje menos do que... — Eneca quase desatou a chorar, mas conteve-se.

— Acalma-te, estás a tremer. Garanto-te que há coisas piores do que... — E

calou-se ao ver feridas nas coxas de Eneca, vira algumas semelhantes noutras mulheres que tinham resistido aos homens.

— E tu? Não te importas?

— Pertenço a esta prisão — disse Constanza com um sotaque singular, entrelaçando de tal maneira as palavras que algumas não se entendiam bem.

— Não parece uma prisão.

— No entanto, é isso que é. Talvez não a pior nem a mais cruel. Mas é igualmente uma masmorra, ainda mais cruel que as do exterior. Pois a maioria das que aqui entram não quer sair...

— Porquê?

— O mel é tão doce se o recolheres de um favo como se for o teu verdugo a dar-to antes de te executar. O sabor não muda, e o mesmo se passa com o luxo. Há quem esteja disposto a matar para viver num lugar como este.

— Wasqa, quantos odeiam o mero som do seu nome. Mas como é esta cidade?

Alguma vez saíste da Zuda?

— Não, mas contaram-me tudo sobre ela.

— Pois diz-me, fala-me deste lugar.

— Wasqa é rica e mostra a prosperidade e independência cunhando moedas de ouro com o nome da cidade: «Não há outro deus senão Deus. Só Ele. Não há companheiro para Ele», é o que se pode ler nelas.

— Sabes o que está escrito nas moedas?

— Sou escrava, não estúpida. Aqui, há que aprender muitas coisas se queres sobreviver, o governador cansa-se facilmente de nós. Sou boa ouvinte, ele gosta de me contar coisas, e uma vez explicou-me a importância de ter moeda própria, não só pela riqueza, mas sobretudo pelo poder que confere à cidade que as cunha.

» Para os muçulmanos, a unidade de Deus é inquebrável, repugnam-nos os dogmas cristãos sobre a Trindade.

— Não acho que haja algo de bom em crer num único Deus.

— Tu não és cristã?

— Claro que sou, mas não sou só cristã, se é isso que me perguntas.

— Não faço a mínima ideia do que estás a falar.

— Não te preocupes, diz-me mais sobre essas moedas de ouro. São assim tão importantes?

— Sim, é uma forma de propaganda — explicou pacientemente Constanza —, as

primeiras moedas foram cunhadas no ano quatrocentos e trinta e nove.

— Há tanto tempo?

— Desculpa, refiro-me ao calendário muçulmano. É diferente do cristão. Eles não contam os anos a partir do nascimento de Jesus, mas sim da fuga de Maomé de Meca para Medina, a Hégira. Além disso, o calendário muçulmano é lunar e os seus anos são mais curtos que o dos cristãos, pois duram apenas trezentos e cinquenta e quatro dias.

— Regem-se pela Lua, isso é fascinante. — O olhar de Eneca alterou-se. — Constanza, diz-me como é o governador.

— Amável com os súbditos — respondeu ela, sem deixar de lhe esfregar a pele

—, diria que é até um bom governante. Embora seja inimigo do irmão Al-Muqtadir, rei de Saraqusta, chamado «o que tudo pode», o poderoso por Alá.

— E convosco?

— Um animal, parecem duas pessoas diferentes. E talvez no fundo o sejam, talvez quando se despe não tire apenas a roupa, mas também a sensatez.

— Lamento, sois todas tão jovens e belas...

— Não te compadeças tanto, tu agora também és uma de nós. Deves preparar-te

— sussurrou com pesar. — Ainda que, na verdade, ele costume ser mais amável com as mais novas, convosco e com as mais velhas.

— Também há mulheres mais velhas?

— Cada vez menos, mas ainda restam algumas. A que tem mais influência sobre ele é a Iguazel.

Ao ouvir aquele nome, todos os pelos do seu corpo se eriçaram. A água tornou-se fria, como a de um riacho na montanha. Deixou de cheirar a perfume e o ar tornou-se pesado, quase irrespirável.

— O que se passa contigo? — alarmou-se Constanza. — Ainda falta algum tempo para que ele te visite, tem calma. Ele nunca entraria aqui.

— Onde está essa Iguazel?

— As primeiras mulheres do governador de Wasqa estão numa sala ao fundo do corredor à qual se acede por uma porta vigiada. Têm liberdade para se movimentarem, nós não podemos sair daqui.

— Quero vê-la.

— A Iguazel? Não é possível — disse Constanza, abanando a cabeça e apertando com mais força —, não temos acesso aos seus aposentos.

— Alguma maneira haverá de comunicar com ela.

— Podíamos enviar um mensageiro, mas não sei se...

— Façamo-lo, por favor — Eneca virou-se e olhou fixamente para a escrava —, suplico-te.

— Se insistes. O que queres dizer-lhe?

— Que desejo vê-la.

Os olhos verdes de Constanza pareciam confusos, como se duvidassem do que fazer. Como também não implicava um esforço grande, e aquilo escapava à monotonia de Wasqa, aceitou ajudar a recém-chegada.

Capítulo Cinquenta e Dois

WASQA. FINS DE SETEMBRO DO ANO 1060

Aproximava-se o cair da noite e Constanza untava o corpo de Eneca com um creme de banha de porco, azeite e leite de amêndoa.

— Nunca te depilaram! — exclamou, horrorizada. — Tens pelo em todo o corpo. Não podes estar aqui há tantos dias e continuar assim — disse. Largando de imediato os cremes, dirigiu-se a uma mesa e pegou numas pedras porosas e numas lâminas. — Se o governador te vê assim, vingar-se-á em todas nós. Que horror!

— Que fazes? — perguntou Eneca, dorida.

— O que posso, nunca tinha visto tanto pelo.

Uma vez depilada, Constanza aplicou-lhe uma loção preparada com plantas maceradas em vinho e um perfume à base de almíscar para aliviar o ardor após lhe ter rapado cada palmo de pele. O resultado era tão surpreendente que Eneca demorou a reagir. A escrava passou uma hora com ela, tanto tempo que Eneca temeu que isso deitasse por terra todo o seu plano de fugir dali.

Terminou, e a sua pele estava tão suave como a de uma criança. Ao passar a mão pelas coxas, sentiu uma agradável sensação de prazer.

— Fazeis sempre... Tu sabes, cortais sempre o pelo todo?

— É costume entre as concubinas — respondeu a escrava, exausta devido ao trabalho realizado.

Constanza trouxe-lhe um longo vestido de seda azul com debrum dourado, aberto nas costas e nos antebraços. A jovem das montanhas tardou a recuperar da impressão. Nunca vira nada parecido, nem sequer sabia que era possível haver roupas com tanto luxo e beleza. Passou o suave tecido entre os dedos e admirou a decoração. Era difícil imaginar-se a usá-lo, ela, que durante muito tempo se vestira como um humilde noviço, ocultando a sua natureza, agora não só a mostrava como ia exibi-la. Agradava-lhe, mas, por outro lado, fazia-a sentir-se

como algo que não era. As sandálias douradas e ornamentadas com pedras brilhantes surpreenderam-na ainda mais. Talvez estivesse a deixar-se influenciar pelos luxos da capital da antiga Marca Extrema.

Assim, para não esquecer quem era, enquanto Constanza estava distraída, pegou numa pequena tesoura pousada numa das cadeiras onde se tecia e escondeu-a entre as roupas. Talvez tivesse de a usar, nunca se sabia.

Quando Constanza terminou de a arranjar, Eneca parecia outra pessoa, como se sempre tivesse estado no harém. Ao regressar à divisão principal, as duas mulheres que a haviam recebido ficaram estupefactas, talvez tivessem subestimado a cristã selvagem das montanhas.

Constanza conduziu-a por um longo corredor, com as paredes estucadas e decoradas com motivos vegetais. Caminharam por um belo tapete de entrançados impossíveis, em tons castanhos e verdes, parecia um manto vegetal.

Chegaram a um portelo guardado por dois soldados de aspeto estranho. Tinham a pele pálida, as feições do rosto demasiado suaves para um varão, eram gordos e conservavam no olhar um certo ar infantil.

A sua acompanhante falou com eles numa língua que ela não entendeu.

Constanza conseguiu que abrissem a porta e entraram numa sala simples. Nada que ver com os banhos e o luxo do espaço de onde vinham. Em contraste, havia ali grandes janelas de onde se podia ver a cidade e, ao fundo, as montanhas, as suas montanhas. Eneca sentiu uma pontada no seu interior.

A mulher pediu-lhe que esperasse à entrada, enquanto se aproximava cautelosamente de uma zona decorada com arcos ondulados, de cujo teto pendiam lágrimas de gesso. Sobre coloridos tapetes, dispunha-se um espaço acondicionado com grossas almofadas e cadeiras de patas cruzadas. Um janelão no teto fazia incidir sobre o centro dessa reduzida sala uma ténue luz, dotando-a de algum misticismo.

— Constanza, que surpresa ver-te — observou a mulher que ali relaxava, aspirando fumo de um jarro de vidro —, não tens aparecido ultimamente.

— Não, senhora — respondeu ela, hesitante —, não queria incomodar-te. Mas esta mulher foi a última a juntar-se ao harém e insistia em conhecer-te.

— Bem, o governador já não costuma visitar-me para esses mesteres. Se a adquiriu, não duvido de que será bela — sussurrou com desinteresse. — Quero conhecê-la, que se aproxime.

Constanza ergueu a voz para a chamar e Eneca avançou de forma mais decidida.

Sem pedir autorização, sentou-se numa daquelas cadeiras.

Diante dela, iluminada por uma luz trémula, desenhava-se um perfil de mulher.

Tinha os cabelos descobertos, embora apanhados num carrapito. Apesar de estar sentada, parecia alta, com o cabelo longo e ondulado. Gestos pausados, não de forma artificial, antes pelo contrário, fazendo parte da sua forma de se expressar, como se mover as mãos fosse o mesmo que abrir os lábios.

— És tu então a nova, és diferente das últimas aquisições. Não sei se lhe agradarás, acho que és apenas uma novidade, cedo se cansará de ti. Portanto, não te habitues a isto — voltou a aspirar o fumo através de uma boquilha dourada, expelindo-o depois contra o rosto de Eneca, que não reagiu ante a provocação.

A jovem não respondeu, ficou a contemplar a mulher em silêncio, como querendo ver mais daquilo que a penumbra mostrava.

— Serás por acaso tímida? Porque não dizes nada?

— Lamento, Iguazel — desculpou-se Constanza, envergonhada pela indiferença de Eneca. — Comigo é direta e fala sem medo.

— Imagino que sim — respondeu a outra, menosprezando a escrava. — Jovem, não tenho tempo para isto. Querias ver-me, muito bem, aqui estou. O que queres de mim?

— Há quanto tempo estás neste lugar?

— Quanto tempo... que te importa isso?

— Gostaria de saber.

— Vinte anos, acho... — Hesitou, como se ali dentro o tempo fosse diferente. —

Talvez mais, há muito que deixei de os contar. Além do mais, antes fui escrava noutra local que prefiro não recordar.

— E nunca pensaste em fugir?

— Estás louca! — interrompeu Constanza. — Como vai fugir? Perdoa-lhe, Iguazel, é uma selvagem e...

— Calma, logo aprenderá, como eu fiz em tempos.

— Não, não me submeterei, tal como tu não o devias ter feito.

— Como? Mas... quem és tu? Julgas-te capaz de nos dar lições?

— Alguém que não se esqueceu de quem é.

— Não entendo nada. Ninguém vem aqui para me insultar e muito menos uma...

Iguazel calou-se e saiu das sombras do refúgio, aquela mulher possuía olhos escuros, ainda que não tanto como os de Eneca, e o cabelo branco como a neve.

Aparentava ter muitos anos, mais do que no olhar, no seu próprio rosto, como se lhe pesassem em maior medida. Parecia furiosa com a conversa, mas, ao ver mais de perto os olhos da nova escrava, algo no seu rosto mudou. Fez um esgar de confusão, como se lesse algo num idioma que não entendia, embora lhe parecesse familiar. Como se não conseguisse ligar palavras, mas estivesse prestes a consegui-lo.

Eneca, por sua vez, cerrou os dentes e os punhos, fê-lo com força, tanta que os braços começaram a tremer-lhe devido à tensão. Susteve o olhar de Iguazel, como se fosse um desafio, uma forma de saber quem era a mais forte.

A seu lado, Constanza não entendia o que se passava. O ambiente estava tão carregado que não podia respirar, como se mãos imaginárias se apertassem em torno da sua garganta.

Algo estava prestes a suceder, como antes do romper de uma tempestade, quando tudo parece calmo e, de repente, movimenta-se um ar frio, que por momentos ganha força, e aparecem as primeiras gotas, ouvindo-se com elas um trovão.

Longínquo, mas rotundo, ao qual se seguem outros, e as gotas caem com mais virulência, mais sonoras, até que a tempestade se desata de forma brutal, sem dar tréguas.

— Não é possível. — Iguazel teve de se agarrar ao braço de uma das cadeiras para não cambalear. — Não pode ser... Eneca?

— Sim, estou aqui.

— Mas... pensava que...

— Soube que eras tu assim que a Constanza me disse o teu nome, sabia que estavas viva. Via-te nos meus sonhos, triste e sozinha — afirmou sem

vacilar. —

Agora entendo porquê.

— Deixa-me explicar... — Iguazel levantou-se e ajoelhou-se aos pés da nova escrava. — Que importa isso, estás viva, estás bem e agora... estamos juntas. —

E tocou-lhe no rosto com as duas mãos.

Capítulo Cinquenta e Três

ARREDORES DO CASTELO DE BOLEA. OUTUBRO DO ANO 1060

Com uma lua minguante oculta entre nuvens baixas, um grupo de cinquenta homens esperava, escondido entre a vegetação, pela mudança de guardas nas muralhas que rodeavam a cidade de Bolea. As torres do seu imponente castelo pespontavam no topo de um dos extremos do recinto, numa plataforma sobre uma escarpa rochosa. A porta de acesso à povoação estava ladeada por duas torres retangulares, e em cada uma delas havia um vigia. Sobre o adarve da muralha, a cada quarenta passos, outro soldado montava guarda.

Segundo o que tinham podido observar, a troca produzia-se antes do amanhecer.

Já faltava pouco, pelo que os vigilantes estariam cansados e desejosos de ser substituídos.

Ava imitou o som de uma coruja e quatro homens envoltos em roupas escuras e com o rosto enegrecido avançaram para Bolea. O primeiro agachou-se ao chegar à muralha. O segundo, a seu lado, manteve-se de pé, enquanto o terceiro atirava um gancho atado a uma corda que se cravou entre os merlões para em seguida o esticar. O quarto chegou num instante para apoiar o seu pé direito nas mãos do segundo, o esquerdo nas costas do primeiro e trepar pela corda como um esquilo.

A arqueira repetiu o som duas vezes, e desta vez foram os encapuzados que saíram, postando-se a uns cinquenta pés da muralha. Depois, olhou para o resto dos homens que tinha atrás de si, entre eles, Fortún, Demetrio e Galindo; Isidoro e o sacerdote mantinham-se na retaguarda com os cavalos. Nesse dia, o sacerdote oferecera a Galindo uma maça com cabeça de bronze acabada com farpas de metal. O religioso estava demasiado velho para combater, mas ninguém pôde impedir que fosse até Bolea.

Ava ergueu o braço e todos se puseram em alerta. Entretanto, o homem que trepava pela muralha chegou ao adarve e dirigiu-se à primeira torre que defendia o acesso. A escada de madeira que a separava do caminho de ronda tinha apenas três degraus, subiu-os com ligeireza e colocou-se atrás do guarda que bocejava com ímpeto quando soltou um leve grunhido, amortecido pela mão do seu assassino, que o degolou sem complacências. Ato contínuo, agarrou-o até caírem juntos ao chão praticamente sem fazer barulho.

Limpou o sangue das mãos ao muro e olhou de soslaio por entre os merlões para verificar que o guarda da outra torre não se apercebera de nada. O sarraceno continuava encostado ao buraco da ameia, a olhar para oriente, como que ansiando que o sol nascesse o quanto antes.

Não chegaria a vê-lo, o encapuzado surpreendeu-o novamente por trás e cravou-lhe três vezes a ponta da faca à altura dos rins. Desta vez, o guarda bateu as pernas e tentou soltar um grito desesperado, mas o cristão retirou a faca e silenciou-o com as duas mãos na boca, esperando que as punhaladas fizessem efeito e a vida se lhe esvaísse por elas.

Com os músculos perros do esforço, levantou-se e, com a respiração entrecortada, guardou a faca e pegou na espada curva do falecido inimigo.

Desceu a íngreme escadaria até à entrada e tentou tirar o madeiro que trancava a porta. Era pesado, preparado para ser libertado por pelo menos dois homens.

Tentou, por isso, fazê-lo em dois tempos, levantou primeiro uma das pontas, que saiu do fecho, e depois bateu-lhe com todas as forças para que corresse por fora e caísse do outro lado, deixando a porta livre.

Não contava com o barulho que fez ao bater no chão e que alertou os guardas do caminho de ronda. Antes que dessem o alarme, empurrou as portas para fora e a entrada da cidade de Bolea abriu-se aos atacantes. Os três companheiros entraram de espada na mão e um grito rasgou o silêncio da noite, ao qual se seguiram dúzias deles. Tinham sido descobertos, a guarda de Bolea fazia soar o alarme.

Imediatamente uma dupla de defensores saiu a correr dos dois lados da muralha que nascia na porta. Não puderam dar muitos passos, foram derrubados cada um por uma flecha, caindo um para o outro lado da muralha e o outro em cima de uma carroça no interior da povoação.

Há já muito tempo que Ava baixara o braço e, como levados por demónios da noite, mais de quarenta cristãos entravam pelas portas da cidade dos infiéis.

Embora tivessem perdido o fator surpresa, a arqueira sabia bem o que fazer e seguiu pela rua principal em direção ao castelo, com os outros cristãos atrás.

Quando chegaram à fortaleza, esta tinha a porta fechada e os muros ganhavam muito em altura aos da muralha perimetral. Os guardas que havia na parte superior demoraram a entender que estavam a ser atacados e, por essa altura, já

Ava fizera pontaria ao meio do peito do primeiro; o seguinte não teve melhor sorte.

— Vamos! — gritou Galindo. — Não pareis.

Atrás de Ava, apareceu uma das escadas que os sarracenos tinham utilizado na tentativa de ataque a Loarre. Cravaram-na no chão e empurraram-na até atingir uma altura superior à dos merlões. A arqueira foi a primeira a trepar a muralha, para saltar depois para o pátio de armas, onde um infiel ficou paralisado ao vê-la.

Aí, na escuridão da noite, ante a sua esbelta figura, a obscura presença e os enormes olhos azulados, o sarraceno julgou estar diante de um ser de outro

mundo. Ajoelhou-se e estendeu os braços pelo solo, orando na sua língua ininteligível.

— Levanta-te, infiel.

Ele entendeu a sua língua, ergueu a parte superior do tronco e Ava rodou sobre si mesma para lhe cortar o pescoço com a lâmina da sua espada e continuar a correr para o pavilhão residencial do castelo. Galindo abriu a porta com um pontapé. Não encontraram resistência. Ava voltou a tomar a iniciativa para subir ao piso seguinte, aí viu o principal corpo de guardas a acordar.

— Nós tratamos disto, correi! — gritou o pamplonês, fechando a porta. —

Procurai algo com que a trancar! Rápido!

Os guardas de Bolea avançaram contra o homem de Baztán com as lanças terminadas numa ponta em forma de folha de oliveira. Galindo esquivou-se aos primeiros ataques e contra-atacou, cortando o pescoço ao que tinha mais perto e desferindo no rosto do outro um golpe mortal com a maça.

Ava aproveitou para subir ao nível seguinte. Aí encontrou finalmente meia dúzia dos seus homens bem armados.

— Assim está melhor, vamos divertir-nos.

Atrás dela, surgiram outros tantos cristãos que se envolveram num combate enquanto ela se adentrava até ao lanço seguinte da escadaria, do outro lado do andar. Subiu dando saltos até ao último degrau, onde parou e viu como a ponta de uma lança se cravava a poucos dedos da sua cara. Agarrou-a com as mãos e puxou-a.

— Acabai com ele! — gritou a quem ia atrás dela, que não era outro senão Demétrio.

O soldado desferiu um bom corte na mão do sarraceno que a segurava, Ava empurrou-o e entraram ambos na sala, onde três homens os esperavam.

Dois deles ainda tinham o torso desnudo, pois não tinham tido tempo nem de se vestir, mas portavam espadas e sabiam usá-las.

Não seriam rivais à altura. Fortún acabava de chegar com mais homens, quando um som agudo retumbou por toda a fortaleza. O rosto dos defensores alterou-se, esboçando um sorriso.

— O que se passa? — perguntou Fortún.

— Que estais mortos — respondeu um dos muçulmanos num desajeitado, mas perceptível, romance.

— Todo o povo se levanta em armas, temos de nos despachar e fugir — advertiu Ava —, se este sabe a nossa língua, deve ser alguém importante. Fala, quem és, infiel?

— Sou o governador de Bolea, e por Alá, pagareis esta ofensa com a vida.

— E eu juro por Deus, Nosso Senhor, que cobardes como vós que raptais mulheres indefesas arderão no inferno para sempre.

— De que estás tu a falar?

— Sabes perfeitamente — disparou Ava, encostando-lhe ao pescoço a lâmina da sua espada —, depois do cerco, capturastes uma cristã nas montanhas, que foi feito dela?

— Alto, não fomos nós.

— Maldito mentiroso! — Ava pressionou-lhe a lâmina contra a pele.

— Espera! Que tipo de argúcia é esta, governador? — perguntou Fortún, agarrando a arqueira pelo braço.

— Nenhuma, a minha jurisdição é sobre o Castelo de Bolea e as terras em redor,

não sobre a fronteira. Isso é território exclusivo do senhor da Marca Extrema. Se fosse por mim, ter-vos-ia atacado há anos, mas o meu senhor

não quis assim.

— O governador de Wasqa?

— Assim é, e mais precisamente o seu general, Yusuf. Atacou Loarre com reforços vindos de Saraqusta e é certo que, dias depois, veio com uma prisioneira cristã. Dormiram aqui quatro noites e partiram de regresso a Wasqa, não sei mais nada sobre a mulher.

— Como sei que não estás a mentir? — inquiriu Fortún, mais agressivo.

— E porque havia de o fazer? Os meus homens vão matar-vos de qualquer forma, mas isso não significa que não deva esclarecer a verdade e mostrar-vos que ides morrer para nada. Pois nada temos que ver com essa suja cristã que procuras.

— Saíamos daqui. — Ava agarrou Fortún pelo braço e puxou-o em direção às escadas, cobertos por outros dois homens.

Desceram mais dois andares, até onde Galindo e cinco homens aguentavam a duras penas os empurrões do outro lado da porta.

— Temos de ir — ordenou a arqueira.

— Agora? — Galindo mal conseguia falar. — E como se supõe que vamos fazer isso?

Ava pegou num archote e pô-lo aos pés do pamplonês, depois desfez-se do capuz e avivou o fogo. Quando as chamas chegaram ao lintel da porta, desceram ao piso inferior antes que os muçulmanos conseguissem apagar o início de incêndio. Lá em baixo, esperavam-nos os outros homens, que continham o grosso dos sarracenos enquanto, pela porta de entrada, uma multidão se aproximava, armada com enxadas, foices, paus e facas. A arqueira pegou numa das flechas, aproximou-a de uma das fogueiras que iluminavam a torre e, quando o fogo pegou, esticou o arco e disparou-a contra o céu nublado.

Por essa altura, todos os atacantes tinham saído da torre e Galindo e os mais fortes esforçavam-se por bloquear a última porta. Não tiveram de o fazer durante muito tempo, um estrondo retumbou do outro lado das muralhas e vários

cavaleiros entraram no pátio de armas trazendo fogo e incendiando as manjedouras, os telhados de palha e do castelo e os estábulos.

— Rápido! — gritou Galindo ao mesmo tempo que, com a sua maça, rebentava o crânio a um esbelto infiel.

Isidoro encabeçava os cavaleiros acabados de chegar da retaguarda, que tinham vindo com os cavalos para abrir passagem com os seus archotes. Ava saltou para um vigoroso corcel negro, Fortún e Galindo montaram também e saíram a galope do recinto fortificado, atropelando a massa de aldeãos que tentava detê-los.

A confusão e a escuridão da noite foram os seus melhores aliados. A maioria conseguiu chegar às portas da cidade, ainda guardadas por alguns dos seus, e sair para campo aberto. Os arqueiros muçulmanos tinham formado e disparavam contra eles na sua fuga. A primeira das suas descargas atingiu vários homens, prepararam a segunda, mas por essa altura, a maioria dos atacantes estava fora do seu alcance.

Só pararam ao chegar à espessura do bosque. Já a salvo, os cristãos deram-se conta das suas numerosas baixas, entre elas uma inesperada.

No pátio de armas, junto à porta de acesso ao castelo, Demetrio agonizava com duas flechas nas costas; um rio de sangue corria pelas suas pernas enquanto se arrastava pelo chão.

Uma criança aproximou-se dele e observou-o com curiosidade, chamou o pai e apontou para o soldado. O sarraceno agarrou-o pelos cabelos e puxou-o.

Demetrio grunhiu de dor. O que sentiu a seguir foi como uma faca o degolava.

Capítulo Cinquenta e Quatro

WASQA. OUTUBRO DO ANO 1060

Todas as mulheres do harém estavam lindas nessa noite, algumas usavam capelos na cabeça, uma espécie de toucados cónicos de pergaminho, forrados a linho ou revestidos por um longo tecido. Outras usavam sensuais véus, maiores do que uma touca, que lhes cobriam tanto a cabeça como os ombros. Os insinuantes vestidos eram confeccionados com ricos tecidos. As joias brilhavam-lhes nos pulsos, pescoços e tornozelos. Olhares de todas as cores, peles de vários tons; esbeltas, carnudas, ágeis, distintas. Havia tantas mulheres, e tão diferentes, que Eneca não podia deixar de as contemplar.

A porta abriu-se e a bela ruiva entrou, provocando o silêncio. Desde que estava ali, Eneca ouvira dizer que era a favorita do governador. Era bela e alta, tinha pernas intermináveis e o ruivo dos seus cabelos inebriava certamente os homens de desejo.

Percorreu a sala e parou diante de Eneca.

— O governador reclama a tua presença.

— A mim?

— Sim, és mais tonta do que eu pensava — atirou, rindo-se na sua cara. —

Vejamos do que és capaz, selvagem.

Eneca olhou para um lado e para o outro em busca de Constanza, já era tarde.

Uma dúzia de escravas rodearam-na e empurraram-na em direção à porta. Aí, dois robustos guardas esperavam-na e escoltaram-na através dos palácios da Zuda. Entretanto, ela procurava com o olhar uma saída, mas era inútil.

Constanza ficou no harém, abatida, retirou-se para um canto e fez algo que há muito não fazia, juntou as mãos e começou a rezar um pai-nosso.

As portas do harém voltaram a deslizar decorrida uma hora, as escravas ficaram mudas ao ver Eneca regressar tão cedo. Entrou dando pequenos passos, de olhar cabisbaixo e ombros projetados para a frente.

Os murmúrios rodearam-na. Eneca não parou em nenhum momento e continuou em direção ao lugar onde Constanza a esperava.

— Estás bem? — perguntou esta assim que a viu.

— Sim. — Eneca fingiu um esgar de sorriso.

— Foi breve, o que aconteceu com o governador?

— O que te parece?

— Mas ele nunca é tão rápido e muito menos com uma nova.

— Tu! — A ruiva e as restantes mulheres cercaram-na de novo. — Contanos o que aconteceu, porque regressaste tão cedo?

— Não é assunto vosso, perguntai ao governador, se quereis saber.

— Porque tendes tanto interesse? — saiu Constanza em seu auxílio. — Deixai-a em paz! Não vedes que não se encontra bem?

— Não te metas, não és ninguém para nos dar ordens. — A ruiva usou um tom autoritário e as restantes assentiram. — Só há duas explicações para que o governador tenha acabado tão depressa contigo. Ou não lhe agradaste, o que não me estranharia, ou...

Não terminou a frase e as outras mulheres fitaram-na, admiradas, as pupilas da escrava de cabelos ruivos dilataram-se e uma dúvida percorreu-lhe o rosto. Mais de uma se perguntou o que se passava, todas ansiavam escutá-la, mas o silêncio continuou, até ser demasiado incómodo para quebrar facilmente.

— O que ias dizer? Engastaste-te com o próprio veneno? — Constanza viu a oportunidade de a atacar. — E vós — prosseguiu, erguendo a voz —, não tendes nada melhor para fazer? Sois todas invejosas, chegará o dia em que o

governador se cansará de vós e vos dará aos guardas, e então o quê? O que fareis nesse dia?

Mais vos valia preocupar-vos com isso e deixar a Eneca em paz.

As escravas retiraram-se cabisbaixas, algumas ainda tiveram ânimo para cochichar e oferecer adjetivos ofensivos a respeito de Constanza. A mais jovem erguera a voz como se fosse a governante do harém e resultara. Ao menos,

consequira que se afastassem, incluindo a ruiva, que não saía da sua confusão.

— Obrigada. — Eneca tinha a voz débil.

— Não sabes como lhes queria dizer algo parecido, quase sou eu quem tem de te agradecer.

— És uma mulher maravilhosa, muito melhor do que qualquer uma delas.

— Disparates, também não me vais dizer? — inquiriu Constanza, hesitante.

— Noutro dia, agora preciso de dormir.

No dia seguinte, os chamados para a oração acordaram Eneca, que se levantou com dificuldade e saiu para a sala principal do harém. Embora ainda sonolenta, acertou ao pressentir que o ambiente parecia estranho. Demasiado silêncio, as mulheres cabisbaixas, as velas apagadas, o incenso mal se notava, o tanque de água vazio...

Constança foi a única que reagiu ao vê-la e dirigiu-se a ela. Agarrou-a pelo pulso e conduziu-a a uma das pequenas salas contíguas.

— Como estás?

— Melhor, obrigada mais uma vez por ontem.

— Deixa! O importante é que recuperes.

— O que se passa? — Eneca voltou a deitar uma olhadela às outras mulheres. —

Está tudo muito calmo, morreu alguém?

— Vai morrer, melhor dizendo — respondeu Constanza, olhando em volta. —

Chegaram notícias da fronteira.

— E? O que aconteceu? Porquê tanto mistério?

— Os cristãos atacaram Bolea.

— Bolea! É a praça frente a Loarre, quem foi? — Eneca acordou de repente,

pousou as mãos nos ombros de Constanza e sacudiu-a, como se abanando-a a resposta caísse mais depressa.

— Os homens de Aragão atacaram durante a noite, de surpresa. Entraram na povoação e chegaram ao castelo.

— E o que aconteceu?

— Parece que causaram grandes estragos e muitas baixas. Depois fugiram, as notícias não são claras, mas...

— Mas o quê? Diz-me!

— O governador está a preparar o seu exército para partir de imediato para lá. Se atacaram desde Loarre... — os seus olhos elanguesceram —, lamento, Eneca, mas tomarão represálias... A tua gente corre perigo.

Capítulo Cinquenta e Cinco

LOARRE. DEZEMBRO DO ANO 1060

O Sol adormecia entre bocejos alaranjados, a penumbra sulcou o vale como uma água, cuja sombra avançava pela terra, mergulhando-a num sono profundo. Só as montanhas do Ocidente resistiam ainda despertas, também as suas silhuetas se tornavam difusas, como uma memória de infância. Fortún olhou para o céu em busca do seu Senhor, devia ser Ele a indicar-lhe o caminho. A construção daquele castelo era a forma de Lhe agradecer, sabia que era a Sua vontade e por isso trabalhava até desfalecer. Era Ele quem todos os dias o guiava nos trabalhos, quem dirigia a sua mão sobre os planos dos pergaminhos.

Permitira, porém, que Eneca fosse levada para Wasqa como cativa. Apesar de terem conseguido infiltrar-se em Bolea, às custas da perda de bons cristãos como Demetrio, isso não servira de nada. Eneca estava presa na capital da antiga Marca Extrema. Uma cidade inexpugnável, conhecida como a das noventa e nove torres. Nunca um exército cristão conseguira aproximar-se dela.

— Fortún, não podemos fazer mais nada — era Ava quem lhe falava de uma das pontas da longa mesa da casa de reuniões da aldeia.

— É assim tão difícil?

— Somos apenas um punhado de homens, as muralhas são altas e robustas, balizadas por torres, e contam com os melhores arqueiros berberes, trazidos dos confins do mundo. Conhecem as melhores táticas de combate. Usam arcos especiais para que os inimigos não possam reutilizar as flechas que lançam.

Chegam a montá-las sem entalhes e, outras vezes, têm na ponta uma lâmina afiada, de maneira que, ao tentar dispará-las de outros arcos, cortam a corda e o inutilizam.

— Conseguimos entrar em Bolea e também parecia impossível.

— Não é a mesma coisa. Quantos muçulmanos vivem em Wasqa? Quantos soldados estão às ordens desse tal Yusuf?

— Não sei.

— Achas que meia centena de homens poderia sequer aproximar-se das muralhas? — perguntou-lhe Ava, cerrando os punhos e subindo o tom de voz. —

Matar-nos-iam assim que entrássemos pelo caminho.

— E o que fazemos? Diz-me! — atirou Fortún, nervoso. — Ficamos de braços cruzados, e pronto?

Ava levou uma maçã à boca e deu-lhe uma boa dentada.

— Porque me ajudaste a ir a Bolea?

— E porque não havia de o fazer?

— Pensava que a Eneca e tu... não sei — acalmou-se e mastigou as palavras seguintes —, não pensei que fossem amigas.

— E não somos, e mais, não gosto da Eneca, parece-me um ser perigoso — confessou Ava, com os olhos azulados a brilhar como estrelas.

— Perigosa! A Eneca? Não entendo nada.

— Claro que não, és homem — censurou-o. — Porque pensas que fui atrás dela e mobilizei toda a gente?

— Juro-te que não sei, por isso te pergunto agora.

— Para o que serviu... mais valia não ter ido.

— Tínhamos de tentar — disse Fortún, com ar de pesar que não conseguiu disfarçar. — Preciso de ser sincero com alguém, e não acho que haja alguém com quem possa sê-lo mais do que contigo. Sei que a Eneca não voltará, que será vendida como escrava.

— Não acredito que o destino de qualquer homem ou mulher esteja escrito, nem que Deus nele influa. Cada um lava o seu, tal como as pedras são talhadas.

Alguns golpes do martelo são duros, dolorosos, mas necessários para dar forma ao silhar — disse, ainda com sinceridade na voz. — Assim somos nós, como uma rocha, mais fortes do que imaginamos.

— Por mais que um homem o seja ... às vezes...

— Não falo de vós — interrompeu-o ela. — Fortún, nunca subestimes a capacidade de sobrevivência de uma mulher, cometerias um grave erro.

— Ajudaste-me porque era uma mulher?

— Realmente não entendes nada — murmurou Ava, zangada —, fi-lo porque tu a amas. Ajudei-a por ti!

— Porquê?

— Deixa de parecer um imbecil ou acabarás por o ser. Vi como a olhas desde o primeiro dia, como os vossos olhares se entrelaçam sussurrando silêncios, como tremes quando estás perto dela, como se te embarga a voz quando lhe falas...

Tomaste-a como esposa, fizeste bem, pois ama-la loucamente. — Foi com dor no olhar que proferiu as últimas palavras. — E sei disso, porque é o que me acontece quando estou diante de ti.

— Ava, eu...

— Já te avisei, não digas nem mais uma palavra e guarda a tua gratidão, não a quero, não me serve para nada.

A arqueira deu meia volta e afastou-se dali sem que Fortún a pudesse impedir.

Sabia que nada a teria detido.

A missa de domingo foi a mais triste desde o dia do cerco. Guardou-se luto pelos caídos, cujos corpos tinham ficado em Bolea, e também por Eneca, já que, para a maioria, era melhor dá-la como falecida. Antes morrer do que converter-se na escrava de um infiel. O sacerdote era dos mais afetados,

compungido e com um halo de tristeza no olhar. Escolheu três leituras do Antigo Testamento.

— Aquele que maltratar o próximo será tratado da mesma maneira; fratura por fratura, olho por olho e dente por dente, ou seja, receberá o mesmo que fez ao próximo. Quem matar um animal, pagá-lo-á, e aquele que matar um homem morrerá.

O sacerdote cuspiu os versículos bíblicos erguendo a mão direita, com o indicador para cima, como que a recordar a Deus as suas palavras. Pois não soavam a advertência, confirmando antes uma sentença.

— Não terás compaixão: vida por vida, olho por olho, dente por dente.

Dos envelhecidos lábios do sacerdote brotaram palavras encolerizadas, que ressaltavam nos pétreos muros da única nave da igreja de Loarre como se não pudessem sair dali, como se estivessem presas na casa do Senhor.

— Pagarás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe — proferiu, extenuado pelo esforço.

Nesse momento, a estreita porta do templo entreabriu-se e um vento gelado infiltrou-se entre os fiéis, procurando afincadamente a janela em força de seteira que presidia ao altar de pedra.

Fez-se silêncio, como se o vento tivesse levado as palavras, e ouviram-se passos.

Mais de um se ajoelhou e benzeu. O sacerdote ficou perplexo e incapaz de continuar a ler a Bíblia. Fortún olhou de soslaio para Ava e esta abanou a cabeça.

Do umbral da porta, uma longa sombra estendeu-se por todo o solo da nave até chegar ao altar. Nesse momento, já ninguém se mantinha de pé à exceção do padre, de Fortún e de Ava. Atrás da longa sombra apareceu

Aznárez, tenente do castelo, a sacudir os guantes. Ergueu o olhar e entrou decidido na igreja.

Os paroquianos de Loarre, ainda boquiabertos, olharam para o sacerdote, que, contrariado, decidiu prosseguir com a liturgia e fez sinal ao coro para que entoasse um dos salmos.

A missa continuou sem mais sobressaltos, o tenente do castelo foi o primeiro a comungar, seguido pelo resto dos presentes. Ao terminar a cerimónia, todos abandonaram a igreja num ambiente rarefeito.

Aznárez esperava à saída que se inclinassem diante dele, o último a chegar foi Fortún.

— Mestre de obras, temos de falar.

Caminharam juntos até ao centro do pátio de armas, enquanto as outras pessoas abandonavam o recinto, vigiadas pela guarda do cavaleiro, que presidia à entrada

com as lanças ao alto e usando trajes de guerra.

— Fortún, o castelo parece quase concluído.

— Assim é, refizemos as partes afetadas pelo ataque.

— Ninguém duvida do teu valor enquanto construtor. Nisso, nada tenho a objetar, mas chegou aos meus ouvidos algo difícil de acreditar.

— A que vos referis?

— Aparentemente, há quem diga que arricastes os meus homens para ir num resgate suicida à Fortaleza de Bolea. — Aznárez riu-se. — Claro que não acreditei, por nada poria em causa o teu discernimento.

— Meu senhor, deixai-me explicar.

— Porque preciso de uma explicação? Hmmm, que má índole está a tomar este assunto.

— Vereis, após a nossa vitória frente aos sarracenos, eles fizeram uma incursão e capturaram um dos nossos.

— Terrível notícia.

— Assim é, era um membro relevante da comunidade, por isso armámos um grupo de homens e traçámos um plano para nos infiltrarmos em Bolea e resgatá-la.

— Resgatá-la?

— Sim.

— Estou a ver. — Aquelas palavras soaram diferentes, como se acompanhassem alguma recriminação. — Quem talha os silhares da ampliação?

— Um grupo de canteiros.

— Quem os dirige?

— Isidoro, o melhor no seu ofício.

— Não duvido. A madeira, imagino que seja cortada por robustos homens nas montanhas e depois os carpinteiros dão-lhe forma — disse, enquanto circulava pelo pátio de armas, observando as defesas. — Tal como julgo que os duros trabalhos de levantar pesos são feitos por alguns dos jovens que vi na igreja, e que os pastores se ocupam do gado e os camponeses mais capacitados do campo.

— Tudo correto, meu senhor.

— E, por último, que as mulheres lavam a roupa e preparam a comida.

— Bem, sim é o que faz a...

— No entanto, expões os meus melhores homens a um ataque impossível à mais importante fortaleza muçulmana da fronteira, e tudo isso para resgatar uma mulher que lava a roupa e prepara a comida. É assim tão boa

cozinheira? — Não deu a Fortún tempo de responder. — Tem de ser, claro, ou as suas habilidades são mais de cama, deixa-te assim tão satisfeito?

— Meu senhor, não ouseis insultar a minha mulher, ou...

— Ou o quê? — disse ele, levantando a voz. — Estás louco? Pensa, porventura, o meu mestre de obras mais com o entrepernas do que com a cabeça, é isso?

Diz-me! — gritou o tenente, furioso.

— Asseguro-vos que não, Eneca é a responsável por curar os nossos feridos, ir ao bosque buscar plantas...

— Como? Não será uma bruxa?

— Não, nada disso.

— Mãe de Deus, claro que é! E enfeitiçou-te, agora entendo que acedesses a semelhante loucura. Temo que não me reste outra solução a não ser substituir-te como mestre de obras de Loarre.

— Meu senhor! O que dizeis? Não podeis fazer tal coisa.

— Silêncio! Vais tu dizer-me o que posso ou não fazer no meu castelo?

Desiludiste-me, Fortún, e infelizmente a minha confiança é difícil de reconquistar. — Olhou-o com resignação e virou-lhe as costas. — Deves partir

de Loarre.

— Partir! Para onde? Eu só sei construir, este castelo é tudo para mim.

— Se sabes erigir castelos, também poderás fazê-los cair, não te parece? —
O

tenente arqueou as sobrancelhas. — Ramiro I acaba de acordar um casamento duplo, com o objetivo de travar o impulso na fronteira oriental

do conde de Barcelona, Raimundo Berengário.

— Duplo? Não vos entendo.

— A sua filha Sancha casar-se-á com o conde de Urgel, e Isabel, filha do conde urgelino, com o primogénito do rei, o infante Sancho Ramires, herdeiro do trono de Aragão.

— Uma aliança.

— E forte, o condado de Urgel e o reino de Aragão uniriam as suas forças frente ao conde de Barcelona, que comprou castelos em terras que pertencem a Ribagorça e, portanto, a Ramiro.

— Pensava que o nosso inimigo eram os infiéis.

— Um reino jovem e pequeno como este tem mais de um inimigo e poucos amigos, por isso é tão importante esta aliança. Com ela, fecha-se a Barcelona o acesso ao importante vale do Cinca. Ide para lá, ajudai o rei e considerarei retirar o meu castigo, acho que é bastante justo.

Capítulo Cinquenta e Seis

WASQA. FEVEREIRO DO ANO 1061

Constanza cosia missangas num cinturão de couro que gostava de usar apertado sobre a saia. Manejava com desenvoltura a agulha e a linha, entrava e saía do material com destreza. Quando dava os últimos pontos, alguém pousou delicadamente a mão sobre o seu ombro direito.

— Eneca, pensava que já não ias levantar-te hoje — sussurrou, sem erguer os olhos do cinto.

— Há uma coisa que preciso de te contar.

Constanza parou o trabalho e olhou para cima, os olhos de Eneca estavam vidrados e vermelhos, chorara, tinha de ter chorado muito a julgar pelo seu aspeto.

— O que se passa contigo? Tens de te acalmar, pouco a pouco, habituar-te-ás a estar aqui.

— Não é isso.

— É por causa de Loarre?

— Também não.

— Eneca, o que se passa?

— Estou grávida.

Iguazel tinha um cântaro de água nas mãos, que usava para regar uma das plantas da divisão. Não havia mais ninguém naquele lugar, nem se ouviam ruídos ou conversas, só o esvoaçar de algum andorinhão perto da janela de onde se viam as montanhas. Uma fita de tecido colorido rodeava-lhe a cabeça segurando um véu branco. Vestia uma peça sem mangas sobre o brial, com aberturas nos dois flancos, encordoações com aberturas estreitas, muita roda e

cingida à anca por um cinturão de couro.

Duas batidas na porta e, ao abrir-se esta, entraram Eneca e Constanza. A ausência do governador permitira a mãe e filha terem tempo para se voltarem a conhecer. Embora tivessem de manter as aparências, conseguiam ver-se. Assim, foram recuperando parte do tempo perdido. Mas nesse dia, quando Eneca entrou, a mãe não tardou a dar-se conta de que algo se passava.

— Iguazel — disse Constanza, tomando a palavra —, temos um problema.

Quando a mulher mais velha do harém ouviu o que acontecera, teve de se sentar para poder assimilar a notícia.

— O governador regressará em breve de Bolea — sussurrou Constanza com pesar. — Quando descobrir que a Eneca está grávida, atribuir-lhe-á uma escolta.

— Eu sei, nada acontece na Zuda sem que eu saiba — observou tranquilamente Iguazel, como se tudo estivesse sob o seu absoluto controlo.

— Não penso ficar aqui e entregar-lhe o meu filho. — Eneca pôs as mãos na jamba. — Mais facilmente saltaria por esta janela.

— Eneca, pensa as coisas com mais calma, filha.

— Não temos tempo — acrescentou Constanza.

— O tempo não é a variável mais importante, é o uso que lhe damos que nos deve importar.

— Mãe, tenho de fugir daqui.

— Shhh, silêncio. — Pegou-lhe nas mãos, entrelaçando os dedos. — Estas paredes não são seguras — disse, indicando-as com o olhar. — Confia em mim, filha, quando eras pequena, livre-te destes inimigos e voltarei a fazê-lo agora.

— Também virás comigo, não podes continuar aqui.

— Eneca, é claro que vou — Iguazel mostrou-se sorridente —, agora deves sair daqui as duas. Quando anoitecer, fareis o seguinte: encarregar-me-ei de que vos entreguem roupas mais vulgares para vestirdes. Toma — entregou à filha uma

magnífica adaga dourada —, confio que saberás utilizá-la, só haverá um guarda no portelo que dá para a escadaria de acesso à torre leste, mata-o.

— E uma vez na torre? — A Eneca não lhe tremeu a voz.

— Não podereis descer, mas sim subir. No último andar, há janelões, deves sair por aí.

— Não conseguirei — interrompeu Constanza.

— Escuta — Eneca agarrou-a pelos ombros —, é claro que consegues, eu ajudo-te.

— Tereis de saltar para o telhado dos pavilhões sul e seguir até aos estábulos.

Por aí é fácil descer, esperar-vos-ei lá.

— Mas de noite, como sairemos da cidade?

— Os comerciantes de lã e especiarias partem antes do amanhecer — entregou-lhe uma reluzente moeda de prata —, pagaremos com isto ao primeiro que encontrarmos. Leva-a, não tenho onde guardá-la — disse, dando-lha. — Depois, escondemo-nos numa carroça, os sentinelas não são tão rigorosos com o que sai de Wasqa como com o que entra.

— Mãe, não nos deixes sozinhas, é melhor fazermos tudo juntas.

— Irei contigo, prometo. Mas tens de me ouvir, só assim conseguiremos.

— Por favor, não quero que nos voltemos a separar. — Eneca agarrou no pendente que lhe adornava o pescoço e tirou-o por cima da cabeça antes de o entregar à mãe. — Lembras-te da cruz que me deste?

— Claro, filha.

— Enterrei-a numa gruta em Loarre.

— Não te preocupes, com tudo o que te aconteceu, é normal que tenhas duvidado d'Ele. Também eu o fiz.

— Toma, quero que fiques tu com ele.

— Não — disse Iguazel entre lágrimas. — Acho que essas contas só têm efeito em ti, é melhor que as conserves tu, acredita.

— Mãe — Eneca partiu a corda e dividiu-a em dois pedaços —, cada uma ficará com uma parte. — Fechou a mão de Iguazel, aprisionando o colar no seu interior.

Esse dia passou lenta e pesadamente em Wasqa, as horas pareciam eternas e os chamados para a oração só serviam para confirmar a lentidão do tempo.

O

inverno chegava ao fim e o coração da montanha voltava a soar. Eneca podia ouvir os seus batimentos debaixo da neve, as suas criaturas despertavam de um longo e duro inverno. Gostava de assistir ao reviver da terra, como as árvores recuperavam a folhagem e os animais saíam das tocas. Em breve poderia vê-los, também ela ia reviver.

Eneca não conseguia descansar, tentou distrair-se naquele lugar, mas os olhares das outras mulheres cravavam-se-lhe nas costas como facas. Embora soubesse que em breve deixaria aquele cárcere ornamentado de luxo e beleza. Uma prisão de carne, vestidos, banhos, perfumes e joias. Em breve regressaria às montanhas, a Loarre.

Quando todas saíram para cear, Constanza e Eneca pegaram nas roupas que escondiam debaixo das enxergas. Constanza envolveu-a numa peça chamada misha que pareceu a Eneca um pelote forrado a pele. Depois, pôs-lhe uma touca cingida ao rosto, que lhe deixava destapada a testa e parte do cabelo que lhe cobria as orelhas, e ajustou-lha através de uma grinalda escura. Agasalharam-se com casacos negros forrados a pele até aos pés. Eram folgados, de mangas compridas e largas nas pontas. Seguiram o caminho indicado pela mãe de Eneca e chegaram ao portelo guardado por um soldado de aspeto berbere. Constanza obedeceu às indicações de Iguazel e caminhou até à porta.

— Alto! Que fazes aqui, escrava?

— Perdão, verás, é que fiquei sozinha, foram todas cear com o governador e eu... queres fazer-me companhia?

— Como? — O vigilante pôs-se nervoso e os olhos brilharam-lhe de desejo.

— Pensei que gostarias de vir comigo — disse Constanza, com a voz mais tentadora que pôde fazer.

— Eu não posso... — Mas era evidente que queria, a julgar pelo tremor das mãos.

— Não está aqui ninguém, deve ser difícil ficar tanto tempo aí de pé... quando podias estar debaixo de... — E desatou a rir.

Constanza demonstrou a sua capacidade de seduzir os homens, aprendida à base de viver no harém durante anos. Deixou o soldado hesitante e postou-se à sua direita fitando-o. O guardião mordia os lábios enquanto decidia o que fazer. Mas era um homem e, como tal, olhou em volta, viu a solidão do lugar e dirigiu-se a Constanza. Ela sorriu-lhe com os seus olhos verdes, que esperavam ansiosamente pelo berbere. Este já se livrara das dúvidas e respirava, inquieto por provar os lábios da escrava. Inclinou-se sobre ela, disposto a beijá-la.

Constanza sorria, habituada como estava a entregar-se a um homem que não amava. Abriu os lábios para receber os do soldado e um brilho interpôs-se entre eles.

Uma lâmina cortou o ar que respiravam e cortou de um só golpe o pescoço do berbere. Constanza viu como o seu olhar se apagava enquanto a adaga libertava mais sangue e o soldado caía aos seus pés tentando tapar a ferida, agonizando sobre o chão frio do palácio.

— Vamos! — Eneca abria já o portelo da torre, quando aquele homem ainda agonizava.

Constanza contemplava o berbere que estivera prestes a beijar, saltou por cima dele para não o pisar nem manchar de sangue as suas botas e deixou-o ali, a exalar as suas últimas gotas de vida. Era a primeira vez na vida que a escrava via a morte tão de perto, mas não se sentiu culpada, não por ele.

Lá dentro, uma escada de caracol subia até ao último andar, tal como Iguazel lhes explicara. Lá de cima, puderam aceder ao telhado do palácio e, após o terem percorrido com extremo cuidado, chegar ao estábulo. Uma vez aí, Eneca procurou afanosamente a mãe, sem obter resultados. Mas Iguazel não apareceu.

— Não virá.

— Como? O que dizes? — encolerizou-se Eneca.

— A tua mãe já não pode fugir daqui, é demasiado tarde.

— E? Já a perdi uma vez, não posso voltar a fazê-lo.

— Enganas-te, recuperaste-a, voltaste a estar com ela e agora estareis sempre juntas no vosso coração. Se nos apanham, se te capturam, a tua mãe morrerá de tristeza, queres porventura que isso aconteça?

— Tu sabias... Ela não virá, não é verdade?

— Eneca, temos de ir.

— Não posso.

— Claro que sim! A tua mãe sabe bem o que é viver aqui, por isso se sacrificou por ti. Portanto, não te vás abaixo agora, fá-lo por ela!

Não foi difícil encontrar um mercador a quem comprar, ao fim e ao cabo são as moedas que movem esses homens, ali e em todo o lado. Introduziram-nas numa desconjuntada carroça de lã, onde fazia um calor intenso e dentro da qual era difícil respirar. Ali ficaram durante muito tempo, saíram da cidade e prosseguiram durante um longo trecho sem notícias do exterior. Até que o mesmo mercador as tirou dali numa paragem próxima de Bolea. Wasqa intuía-se ao longe, já demasiado distante.

Abandonaram-nas ali, como se de mercadoria se tratasse, e elas continuaram a pé, pondo terreno entre elas e Wasqa. Ainda não estavam suficientemente longe quando, pelo caminho que levava à antiga capital da Marca Extrema, se levantou uma nuvem de pó. Eneca olhou para a companheira. Se fossem soldados, estavam perdidas, nem valia a pena esconderem-se entre os arbustos. À medida que a nuvem se aproximava, foi-se desenhando uma figura solitária, um cavaleiro que galopava como se levado pelo vento do sul. Não demorou a chegar à altura delas, momento em que parou o cavalo rodando sobre as patas dianteiras.

Não era um soldado, mas sim um pajem da Zuda. Estendeu a mão e entregou

algo a Eneca. A mulher pegou-lhe, estava envolto num fino tecido. Desfez o nó que o amarrava e verificou o conteúdo.

— O que é? — perguntou Constanza, intrigada.

Eneca tomou-o entre os dedos das mãos, tratava-se de uma madeixa de cabelo.

— A senhora Iguazel morreu às mãos do governador.

— Não! — Eneca sentiu uma guinada profunda no meio do peito. — O que aconteceu? Como é possível?

— Uma das mulheres do harém delatou a vossa ausência à guarda e ela interveio. O resto, já podeis imaginar.

— Sacrificou-se por mim — afirmou Eneca com pesar.

— Pediu-me que, se tal coisa acontecesse, vos entregasse isto. Agora devo ir, que Alá cuide de vós.

— Eneca, não sabes como lamento, pensava... — Constanza não sabia o que dizer. — Ela disse-me que a partir de agora estaria sempre contigo, Eneca.

— E está, a minha mãe estará sempre comigo — afirmou, apertando a madeixa no seu punho.

Capítulo Cinquenta e Sete

LOARRE. MARÇO DO ANO 1061

Fortún enrolava os pergaminhos e amarrava-os com cordas, enquanto Isidoro recolhia as tábuas de cera, os esquadros e as outras ferramentas de medição. No interior da casa, reinava um silêncio incómodo, quebrado pelo movimento de ambos. Um ruído excessivo, falso, como que querendo preencher com ele a falta de palavras.

— Não tens de partir.

— Claro que sim, ouviste o que o Aznárez disse.

— Para o diabo com ele — praguejou Isidoro, agarrando-o pelo braço —, mal pôs os pés em Loarre desde que o nomearam tenente.

— Sim, mas foi nomeado. — Fortún soltou-se e continuou a fazer as malas.

— Com Lope, isto não aconteceria.

— É possível — pigarreou ele, pouco convencido —, mas ele já não está aqui.

— E se o contactássemos? Peçamos-lhe ajuda. Quem sabe, talvez consiga que te perdoem.

— Acho que é tarde para isso, meu amigo.

— Pois vou contigo — afirmou, postando-se diante dele com o rosto firme.

— Não digas disparates, Isidoro, és o mestre canteiro.

— Razão de sobra para o fazer — agarrou-o pelo braço. — Não penso trabalhar para ninguém que não sejas tu.

— Agradeço, mas, ainda que me vá embora, este castelo deve ser terminado. Por favor, fica e encarrega-te de que se acabem as obras, fá-lo por mim.

— Não podes pedir-me isso.

— Estou a fazê-lo.

Isidoro suspirou, abanou a cabeça de um lado para o outro, depois de cima para baixo, a olhar para o chão. Ergueu o olhar, passou a língua pelo maxilar superior, abriu a boca e voltou a suspirar.

— Não irás. — Sem dizer mais nada, Isidoro saiu daquela divisão a passos largos.

Fortún também não lhe disse nada, continuou a organizar as coisas como se nada se tivesse passado. No fundo, não queria ter mais conversas sobre a sua partida, não faziam sentido. Saiu para a aldeia, a maioria dos homens trabalhava na fortaleza, envoltos num ambiente rarefeito. O próprio tenente Aznárez dirigia os trabalhos a partir da rampa de acesso, gritando e fazendo gestos com os braços.

Que iludido, pensou. Como se fosse assim tão fácil.

O que não era fácil era deixar Loarre. Por mais que tivesse disfarçado diante de Isidoro, partia-lhe a alma. Abandonar a fortaleza, os companheiros, o sacerdote, Ava e, sobretudo, Eneca... Sim, ela não estava ali, mas permanecia a sua memória e, naquelas circunstâncias, era o mais próximo que podia sentir-se dela.

Tal como há vinte anos, tudo se repetia. O passado regressara.

Tudo não.

Não pensava deixar Eneca nas mãos dos infiéis. De alguma maneira, infiltrar-se-ia em Wasqa e libertá-la-ia. Se era capaz de erguer muralhas e torres, também podia escapar-lhes e penetrar na Zuda da cidade.

Antes de partir, foi até às sepulturas do lombardo e do pai. Aí passou a tarde, a dialogar com as pedras, com a terra, com o pó a que os corpos estariam reduzidos.

Anoiteceu em Loarre, fê-lo com o céu pintado de laranjas impossíveis. Nem em sonhos Fortún vira aqueles tons. Mais do que nunca, sentiu a falta de Eneca.

Naquele momento tão belo, ela teria dito as palavras adequadas. Mas não estava ali, talvez o silêncio fosse a forma como lhe falava de onde quer que estivesse cativa.

Com tantas despedidas, tornara-se demasiado tarde para partir. Não podia ir àquelas horas, por isso voltou à aldeia. Ao aproximar-se das primeiras casas, deparou-se com o bom velho Galindo sentado em cima de um tronco

a afiar uma espada. Assim que o viu, foi apertar-lhe a mão e dar-lhe um forte abraço.

— Que fazes aqui tão tarde?

— Uma espada é o mais importante que um homem pode ter — disse ele, mostrando a arma a Fortún. — Deve possuir uma boa lâmina, larga, cortante, reta e com gume duplo. Com um canal no centro, quase até à ponta.

— Tens uma inscrição no canal.

— Assim é, feita em fio de ferro e rodeada por dois grifos.

— O que diz?

— Homo Dei, in nomine Domini. — Galindo embainhou a arma. — Mas a verdade é que te esperava, a espada era só uma desculpa para estar cá fora

— observou o Facas, sorridente. — Aquilo de que te quero falar é que há um problema no telhado da igreja.

— Já não sou o mestre de obras.

— Mas és cristão e continuas a ser o melhor construtor que conheço, quem senão tu para dar uma olhadela? — respondeu ele entre risos.

— A estas horas?

— O sacerdote está preocupado com as relíquias, teme que o templo inunde, e claro, imagina se se molham depois do que custaram a encontrar. Não fazes ideia da fúria que possuiria o mártir! Os seus ossos corromper-se-iam... e não te esqueças de que é o santo dos assaltos, convém que nos demos bem com ele.

— Basta! Subo, mas para de falar.

Fizeram juntos o caminho até à fortaleza, às vezes Fortún esquecia-se do seu aspeto imponente. Como gostava de observar a parte da construção onde o lombardo e o seu pai tinham trabalhado. Ainda se lembrava da primeira vez que subira a um andaime, das vertigens do pobre progenitor. Eram já tantos os

episódios da sua vida ocorridos entre as paredes de Loarre.

Atravessaram o acesso ao recinto amuralhado e dirigiram-se ao templo castrense. A porta estava entreaberta, não parecia haver ninguém lá dentro. Velas metidas em castiçais iluminavam a única nave. Com a austeridade e serenidade intactas, apesar dos anos.

— Galindo, não se encontra aqui ninguém — assinalou Fortún após olhar para o altar —, e o telhado... — Observava-o, confuso. — Não sei, mas não me parece que tenha alguma goteira. Estamos a perder tempo, tens a certeza de que...?

Não sentiu a pancada.

Acordou horas depois numa sala de paredes de pedra, dóia-lhe a base da cabeça, como se uma tempestade de trovões e relâmpagos se tivesse desatado dentro dela. Tentou perceber onde se encontrava, não era a igreja, o material das paredes estava mais bem engrossado. Esforçou-se por observá-las e reconheceu-as: continuava no Castelo de Loarre, na torre norte.

Que faço aqui? O que aconteceu?, perguntou-se, com a dor insistente a latejar-lhe.

Fez menção de se mexer, mas tinha as mãos amarradas atrás das costas. Não estava no chão, mas sim numa enxerga que havia na esquina da sala. Descalço e tapado com uma pele de corço, com duas figuras à frente: Galindo, com as suas feições fortes e angulosas, e o sacerdote, com o seu aspeto enfermiço e de idade avançada, que se refletia nas suas pupilas e nas profundas rugas do rosto.

— Como te sentes? — perguntou-lhe o religioso.

— Não muito bem, o que aconteceu? O que faço aqui?

— Dizes-lhe tu ou eu?

— É melhor que sejais vós — resmungou Galindo, célere.

— Porque estou amarrado? — Fortún tentou sem sucesso libertar-se das cordas, e sem qualquer menção de receber ajuda dos amigos.

— Fomos nós que te amarrámos — respondeu o sacerdote.

— Estais loucos! Porque fizestes tal coisa?

— Para evitar que fosses estúpido — interveio Galindo —, não vais embora de Loarre. Pelo menos até que o Isidoro regresse.

— O quê? O Isidoro! Onde está esse néscio?

— Fortún, não vamos dizer-te, agora deita-te e dorme. Este bruto deu-te uma boa pancada — afirmou o sacerdote.

— Não penso... — Antes que pudesse acabar a frase, Galindo rodeou-o com os braços e amarrou-lhe a boca com um pedaço de tecido.

— Incomodá-lo-á?

— Claro. — O sacerdote dirigiu-se à escadaria. — Mas antes disso do que deixá-lo gritar, podia ser descoberto por alguém. Agradecer-nos-á mais tarde, não é verdade, Fortún?

A resposta foi um grunhido indecifrável.

— Até breve — despediu-se o Facas, sorridente —, volto daqui a pouco para te dar de comer. Vamos fechar a portinhola, eu mesmo fico de guarda um piso abaixo. Vais ficar bem aqui, Fortún.

Capítulo Cinquenta e Oito

LOARRE. ANTES DA QUARESMA DO ANO 1061

Fortún continuava na torre após vários dias. Naquela densa solidão, observava os sólidos silhares que formavam os muros interiores. Sem saber muito bem porquê, recordou as conversas do lombardo com o pai quando ele era apenas uma criança. A decisão de usar silharejos no início, as constantes medições, os borneios, a colocação dos andaimes, o dia em que terminaram a lareira e a latrina. Quando se encontrava no castelo, sentia que estavam ambos com ele, podia vê-los a percorrer os caminhos de Loarre. Não era loucura acreditar que, de certa forma, os seus espíritos permaneciam ali fechados.

Algo devemos deixar nesta vida quando partimos, pensou Fortún. Se pomos paixão e toda a alma numa construção, porque não pensar que parte de nós

está nela?

Estava convencido disso.

Loarre não era um mero edifício, não se tratava apenas de um castelo na fronteira. Aquela fortaleza significava mais, era um sonho. O de um velho construtor, o de um tenaz carpinteiro, o de um ambicioso rei, o de todo um povo.

O sacerdote entrou na sala acompanhado de Galindo e Isidoro. Fortún continuava amarrado no chão. Galindo aproximou-se, receoso, e tirou-lhe o trapo da boca. Fortún cuspiu e tossiu com afã, fitou-os, furioso, e esperou que fossem eles a falar.

— Encontrámos uma solução temporária — afirmou o religioso.

— Tu também, Isidoro. Devia ter imaginado.

— Ouve, talvez não seja a melhor, mas temos poucas opções e menos tempo.

Precisamos de agir já. — O canteiro falou-lhe com franqueza.

— Fortún — prosseguiu o sacerdote, hesitante —, vais partir de Loarre, sim, mas para te juntares ao exército real.

— É esse o vosso plano... Valha-me Deus! Estais loucos! É o mesmo com que o

Aznárez me atirou.

— Escuta, o rei entregou a tenência da capital do condado de Ribagorça, Benabarre, ao visconde Tost Arnal Mir.

— Não conheço esse nome, quem é?

— Um poderoso cavaleiro, outro aliado do reino.

Isidoro e Galindo ajudaram-no a levantar-se sem lhe soltarem as mãos, levaram-no até às escadas e subiram ao segundo andar. Saíram pela porta e percorreram o adarve até à escada de madeira. Aos seus pés, um cavalo branco aguardava, amarrado por uma corda presa a uma argola cravada no muro.

— Deves juntar-te às hostes que o rei está a concentrar em Ribagorça. Ramiro pretende atacar as muralhas muçulmanas de Graus. Vai lá e procura a mesnada do infante Garcia.

— O filho do rei, porquê?

— A guerra não é apenas de espadas, mas também de cruzes — advertiu o sacerdote. — O bispo introduzir-te-á no exército do rei como engenheiro de armas de cerco. Enviei-lhe uma carta a explicar-lhe o teu talento para essa arte.

— Eu sou mestre de obras.

— Se podes construir um castelo da envergadura de Loarre, mais facilmente poderás ajudar a destruir outro como o de Graus. — O sacerdote tirou uma adaga do hábito e cortou as cordas que manietavam Fortún. — Sai imediatamente, o tenente preparou-te uma armadilha, quer-te morto.

— A mim? Porquê?

— Porque acabaste com a vida do senhor de Marcuello.

— Isso foi há quase oito anos.

— E o que tem? Ou pensavas porventura que não te ia passar fatura? Que podias matar um nobre assim sem mais nem menos? És assim tão ingénuo?

— Mas... porquê agora?

— Salvaste-te até agora porque muitos diziam ter-se tratado de um ataque à traição, fosse ou não fosse assim, nada pode justificar que o filho de um carpinteiro tire a vida a um cavaleiro. Nenhum nobre pode ver com bons

olhos que o filho de um carpinteiro tome justiça face a um cavaleiro do reino.

— E eras o único capaz de reconstruir Loarre, acho que foi isso que te manteve a salvo até agora — advertiu Galindo com preocupação —, é essa a verdadeira razão, senão teriam castigado todos os habitantes de Loarre, não apenas a ti.

— Isso agora não importa, a realidade é que aqui não estás seguro — prosseguiu o sacerdote —, vai para Graus, luta com o rei e volta vitorioso. Loarre esperará por ti, prometo.

— Não posso ir sem saber dela — disse Fortún, olhando para o sacerdote.
—

Tenho de libertar a Eneca.

— Fortún, isso agora é impossível. Sejam realistas, sabes melhor do que ninguém quão difícil é a situação. Devemos ter fé, Deus providenciará.

Fundiu-se num abraço com o religioso e depois fez o mesmo com o Facas e com o seu amigo íntimo, Isidoro, que se despediu dele entre lágrimas. Partiu para o Norte, com a intenção de seguir o rio Garona até à zona de Serrablo, atravessando depois por aqueles vales até chegar ao Cinca e depois ao rio Isábena.

Deixou Loarre atrás de si. À distância, o castelo era ainda mais assombroso. Há muito tempo que não o contemplava a tão grande distância e não pôde senão sentir-se orgulhoso do que criara junto com o pai, o lombardo e tantos outros homens que durante anos haviam trabalhado sem descanso. Numa coisa se enganavam os amigos, Loarre já não era nenhum sonho, era uma realidade, o último castelo da fronteira, o símbolo de um novo reino.

Teve de parar para o admirar em toda a sua majestade.

— Voltas a partir — disse Ava, perto do lugar onde vinte anos antes se haviam despedido. — Parece que a história se repete, outra vez tu e eu, aqui.

— Sim, só que já não somos os mesmos.

— Somos mais velhos, com mais cicatrizes no coração e menos tempo.

— Tenho de ir, Ava, as coisas complicaram-se.

— Eu sei, o novo tenente quer que o teu exemplo sirva de lição, maldito canalha! De bom grado o presentearia com uma das minhas flechas.

— Eu sei, mas não te percas — disse-lhe, com um sorriso. — Mais uma vez, agradeço a tua ajuda, sempre me deste uma mão quando precisei.

— E também uma ou outra flecha. — Desta vez, foi Ava a sorrir. Já não era a jovem de outrora, a sua expressão era mais pesada. As pálpebras estavam sulcadas pelo passar do tempo, que se evidenciava em cada ruga do rosto, e o corpo alargara. Ainda assim, a beleza sobrepunha-se aos anos.

— Sim, mais do que uma, ainda me lembro da prova em que disparaste contra mim a trezentos pés de distância.

— Estavas assustado.

— Claro que sim.

— Foi fácil — disse Ava sem pestanejar.

— Não me pareceu.

— Fortún, cuida bem de ti, desta vez já não podes contar comigo para te proteger.

— E estarás aqui quando eu voltar?

— Estás assim tão certo de que regressarás a Loarre? — perguntou Ava, arqueando as sobrancelhas.

— Não duvides.

— Há muito tempo que não faço outra coisa na vida senão duvidar.

— Não és suficientemente velha para isso — atirou Fortún, dedicando-lhe um sorriso carinhoso.

— É verdade. Não, não sou — respondeu ela, com palavras pesadas —, é esse o problema, que me tornei velha sem o ser.

— Então não te entendo.

— Claro que não, Fortún — disse Ava, cabisbaixa, como se nesse momento existisse um oceano entre os dois. — Tem cuidado, o teu lugar é entre aqueles muros, não a atacar os de outro castelo.

— Terei isso em conta.

— Não te esqueças de regressar, Fortún, volta para Loarre, esta é a tua casa.

A arqueira indicou-lhe com o olhar que seguisse o caminho. Despediram-se em silêncio, com um sorriso e muita tristeza. Talvez isso lhes bastasse, talvez fosse a única maneira de o fazerem. Ou, pelo menos, a menos dolorosa para ambos.

Capítulo Cinquenta e Nove

TERRA CHÃ. MARÇO DO ANO 1061

Há três dias que caminhavam quando chegaram a um riacho e foram a correr beber das suas águas. Esgotadas, sujas e empoeiradas pela fuga, libertaram-se de parte das roupas para se refrescarem. Eneca ficou vestida com calças de lã fina, por tingir, diferentes das dos homens. Não a cobriam apenas até à coxa, tapando completamente a perna, e estavam presas à cintura por um cordão. Eram de uma única peça e tinham apenas um corte em semicírculo para que pudesse abrir as pernas quando tinha de fazer as necessidades.

Constanza estava exausta, demasiados anos a viver na Zuda de Wasqa tinham acostumado as pernas a trajetos curtos e pausas frequentes. Eneca sabia e observava-a com curiosidade. A escrava parecia um ser de outro

mundo, devia ajudá-la a fazer parte do seu, das montanhas, dos bosques e de toda a natureza que as rodeava.

— Já estamos perto de Loarre.

— Não aguento mais, Eneca.

— Um último esforço, quando chegarmos, aplico-te alho nas feridas que fizeste nos pés, e podes descansar — afirmou, sorrindo —, confia em mim, já falta pouco.

— Porquê tanta pressa? Não creio que nos persigam por estas montanhas, Eneca, descansemos, estás grávida!

— Exato, por isso devemos chegar a Loarre, para que o Fortún veja nascer o filho.

— O que dizes?

— O nosso filho nascerá em Loarre, todos serão testemunhas disso.

Constanza ficou atónita, contrariada por aquela afirmação, não disse nem mais uma palavra. Não se atrevia a imiscuir-se nas fabulações de Eneca.

Tiveram de atravessar um denso bosque de carvalhos e faias. Eneca prestava suma atenção aos rastos dos animais que encontravam no caminho. Sempre que se deparava com algum perigoso, desviava-se dele. Assim, demoraram mais do que o esperado a sair da vegetação, e quando o fizeram, avistaram ao longe a fortaleza.

— Aquilo é Loarre?

— De facto. É impressionante, não é verdade?

Até Eneca ficou surpreendida com o conjunto que, arrogante, soberbo e harmonioso, se erguia sobre o cume quebrado da montanha.

— Sim, mas ainda temos de subir muito...

— O caminho é melhor agora, só temos de ter cuidado com os vigias de Bolea

— disse, indicando a praça muçulmana.

— Estão muito perto!

— Sim, atacaram várias vezes, mas repelimo-los. Não te preocupes, Constanza, o Fortún construiu um castelo inexpugnável.

— Tenho vontade de o conhecer.

— A quem? Ao castelo ou a ele? — desataram a rir.

— Pela maneira como falas, às vezes parece que chegam a ser os dois a mesma coisa — respondeu a escrava, mais animada.

— É verdade, há muito dele naquelas pedras — admitiu Eneca, contemplando a fortaleza —, mas também do pai, do lombardo, até de mim. São centenas os que deixaram parte de si naquele castelo. Por isso é tão especial. — Nesse momento, sentiu um enjoo inesperado.

— O que tens?

— Não sei... — E uma terrível arcada subiu-lhe do mais fundo do estômago.

— Eneca! — Constanza agarrou-a pelos ombros.

Uma segunda arcada fê-la vomitar uma mistura de bÍlis amarela e pastosa.

Depois, começou a tossir, por mais que tentasse libertar-se, a antiga escrava manteve-a bem agarrada para que não acabasse no chão, e afastou-lhe o cabelo do rosto até acabar de vomitar.

— Já estou melhor. — Eneca endireitou-se e procurou com que se limpar.

— De certeza?

— Não, estou outra vez enjoada.

— Senta-te um bocadinho, tens de descansar.

Eneca concordou e ficaram ali até que ela se sentiu melhor e puderam continuar.

Passaram a noite a uma jornada de Loarre, num refúgio profundo, onde acenderam uma fogueira e puderam comer frutos do bosque que Eneca encontrou. Na manhã seguinte, voltou a sentir enjoos, mas dessa vez quase não vomitou. Conseguiu reunir forças para caminhar durante toda a manhã e grande parte da tarde. Quase ao anoitecer, entraram na parte final da subida para o castelo, onde foram intercetadas por vários arqueiros que vigiavam as passagens.

Reconheceram-na de imediato e ajudaram Eneca a chegar a Loarre.

— Deus santo! Eneca, és tu! — Isidoro foi o primeiro a sair para a receber.

— Olá, trouxe companhia. Esta é a Constanza, salvou-me a vida em Wasqa.

— Isso não é verdade... eu...

— Não te valorizas, acredita — interrompeu-a o canteiro, ante a expressão de assombro de Eneca, que ficou encantada pelo olhar de Isidoro.

— É verdade! É a Eneca! — Galindo veio a correr e deu-lhe um abraço tremendo.

Seguiu-se o sacerdote, lentamente, apoiado na bengala, mas tão contente que mostrou a expressão menos angulosa que alguém se lembrava de ver nele desde a sua chegada a Loarre. Até Poente apareceu por ali para a receber.

Eneca deu-se conta de que faltava alguém.

— Onde está o Fortún? — perguntou, sem que ninguém se atrevesse a responder-lhe. — O que se passa? O que lhe aconteceu?

— Chegas tarde — respondeu Ava, que apareceu também envolta na sua capa.

— O que queres dizer? — perguntou Eneca ante o silêncio de todos.

— Partiu, e foi por culpa tua — respondeu a arqueira, com palavras que pesavam mais do que as montanhas que os rodeavam, e ficou a olhar para o ventre de Eneca. — Que trazes aí? Não é possível!

— Sim, claro que é. O filho de Fortún cresce dentro de mim, daqui a três meses darei à luz.

Todos emudeceram.

Eneca ficou a saber da intervenção do tenente pela boca do sacerdote. Foi então que entendeu as palavras da arqueira e, por incrível que parecesse, não só as entendeu, como as compartilhou. Ava tinha razão. Fortún tivera de partir por sua causa, e só por ela. Por ter tentado resgatá-la, por tê-los posto a todos em perigo, por deixar o castelo de lado.

— E estavas à espera de quê, Eneca? — perguntou-lhe Isidoro ao calor da fogueira dentro da casa do canteiro.

— Devia ter ficado aqui, era o seu dever.

— Não podia.

— Pois devia tê-lo feito.

— Eneca, estava só a pensar em ti.

— Não, pensava apenas nele, e devia ter pensado em todos vós — Eneca soltou uma lágrima que lhe escorreu pela face —, foi egoísta.

— E o que é o amor, porventura, senão isso, Eneca? — perguntou Isidoro.
— O

amor faz com que a outra pessoa seja o mais importante da tua vida, com que seja o primeiro. Como não vais ser egoísta por aquilo que amas!

— Eu não quero um amor assim — respondeu ela, e então voltou a sentir-se mal, a ficar enjoada e a sentir vômitos.

Constanza dormiu com Eneca para cuidar dela, mas ela não pregou olho nessa triste noite. A gravidez era comentada por toda a Loarre, precisava de contactar Fortún, mas como o fazer? Mandaram um mensageiro à fronteira oriental, mas em tempo de guerra era difícil receber notícias. Eneca não levava bem a gravidez, a barriga não tinha o volume que devia para o mês de gestação em que estava. Várias mulheres lho disseram, não era normal, encheram-na de perguntas, e ela deixou de lhes falar, fazia-o apenas com Constanza, que rapidamente ganhou o afeto de todos em Loarre, enquanto Eneca se tornou irascível e receosa de tudo. Do visível e sobretudo do que não o era.

Capítulo Sessenta

LOARRE. MAIO DO ANO 1061

A julgar pelas datas, o estado de gestação de Eneca ia avançado, mas a barriga continuava a não crescer como devia. Aproximava-se o nono mês, a gravidez era muito agitada, pois não havia noite em que não se levantasse suada e com pesadelos. Ninguém à volta entendia o que se passava com ela e temiam que o bebé ou a mãe, ou ambos, não sobrevivessem ao do parto.

Para evitar uma desgraça, chegou a Loarre a melhor parteira das montanhas, uma mulher algo desalinhada, com olhos de águia e a pele enrugada como uma passa, que vivia na aldeia de Rasal, do outro lado da serra.

A parteira ficou a sós com a parturiente no interior da cabana. Eneca, com o ventre a descoberto, mantinha-se em silêncio enquanto a mulher de Rasal a examinava.

— Temos um problema — disse a parteira, mastigando as palavras e mordendo em seguida o lábio inferior.

— A criança é pequena, já sei.

— Não, há mais qualquer coisa — e ficou a fitá-la durante alguns instantes —, há quantos meses dizes que ficaste de esperanças?

— Oito e meio, talvez quase nove.

— Estou a ver. — Passou a mão direita pelo rosto. — Sabes, eu sei quem és, por isso acho que podemos falar com franqueza. Essa criança que levas dentro é demasiado pequena para ter os meses que dizes, por isso...

— A minha mãe também me teve com problemas, quando me deu à luz foi um milagre que sobrevivesse. Sei que o feto é pequeno, mas sobreviverá, tal como eu.

— Bem, se estás assim tão convencida. — A mulher pareceu querer ir-se embora.

— Espera, preciso que faças uma coisa por mim — disse Eneca, olhando-a com determinação. — Provoca-me o parto.

— O que dizes?

— Ouviste bem.

— Mas tu mesma disseste que a criança é pequena, não podemos fazer tal coisa.

— É a única oportunidade que temos, daqui a dois dias.

— Estás louca! Não farei uma barbaridade dessas, porquê? Espera pelo nono mês e, se se atrasar, tanto melhor, dá-lhe tempo para crescer.

— Não há tempo, tem de nascer já.

A mulher de Rasal ficou petrificada pela insistência, olhou bem para Eneca e vislumbrou algo no seu olhar.

— Porque não me disseste a verdade? — suspirou. — Fá-lo-ei, mas que Deus te perdoe se o teu filho morrer.

— Em boa hora havia de vir Deus julgar-me, mais lhe valia ter interferido mais cedo.

A parteira abandonou a divisão com cara de poucos amigos, lá fora aguardavam Constanza, Isidoro, Galindo e o sacerdote.

— Não cresceu o suficiente, não é verdade? — perguntou o navarro.

— O pior não é isso — respondeu a experiente mulher, de fortes braços e enorme traseiro, com o cabelo comprido, grisalho e liso, mas com olhos grandes.

— O que queres dizer? — inquiriu o sacerdote, dando um passo em frente.

— Pode acontecer que seja preciso escolher: a mãe ou a criança.

— Deus bendito! Não podemos fazer isso — atirou o religioso.

— Vós não, onde está o pai? — perguntou a parteira, olhando para os presentes.

— Juntou-se ao exército do rei para lutar contra o infiel — respondeu Isidoro.

— Virá?

— As comunicações com Barbatur são difíceis, há muito que enviámos um mensageiro e continuamos sem resposta.

— Que panorama, e o que fazemos?

— A criança nascerá saudável? — inquiriu Galindo.

— Quem sabe? A mãe tem mau aspeto. É um milagre que tenha chegado ao último mês assim.

— A Eneca é forte — interveio Constanza —, não se renderá. Ficarei com ela dia e noite.

— Bem, está quase a nascer, um ou dois dias, não mais do que isso.

Assim foi. Passados dois dias, Eneca entrou em trabalho de parto. As obras pararam e todos rodearam a casa, muitos rezavam e outros guardavam silêncio, com os nervos à flor da pele.

A parteira inclinou-se sobre ela e passou-lhe a mão pela testa, que ardia. Eneca não dizia nada, limitava-se a beber água e sopa. Estava muito fraca e transpirava copiosamente.

— Não vai conseguir — avisou a mulher —, é impossível...

— Mas tens estado a manhã inteira a dar-lhe poções, para alguma coisa servirão, não? — perguntou Constanza, preocupada.

— É isso que temo. — A mulher de Rasal apercebeu-se do erro. — Os partos que vêm mal dados são perigosos, e este... este é dos piores.

— Mas porquê?

— Acho que isso já tu sabes — disse a parteira, arqueando as sobrancelhas.

— Isso não é assunto meu e muito menos teu, a Eneca sabe o que quer.

— É uma inconsciente, só uma néscia se atreveria a... — Então, algo lhe chamou a atenção, era o colar de contas que Eneca trazia ao pescoço. Tomou-o na mão e observou-o mais de perto.

— O que se passa? — insistiu Constanza.

— De onde tirou ela isto? — perguntou a mulher, com o olhar confuso e estranho.

— Desconheço, porquê?

— Isto muda tudo, é muito antigo. Invoca deuses que existiam nestas montanhas antes da chegada do fogo e do metal, quando a pedra reinava sobre nós.

— Tem algum poder?

Antes que pudesse responder, o sino de alarme começou a tocar de forma incessante, os homens saíram apressadamente para o exterior e depararam com a aldeia em chamas e os habitantes a correr desafortunados.

— Atacam-nos! — gritou Galindo no exterior. — Às armas! — Colunas de fumo erguiam-se para o céu e os gritos cravavam-se nos tímpanos como autênticas flechas. Mal se via.

— Espera — disse Isidoro, agarrando-o pelo braço —, aqui já não podemos fazer nada, romperam o primeiro recinto, temos de subir ao castelo.

— Ainda podemos...

— Não, Galindo, temos de ir para o castelo — interrompeu-o o canteiro —, e temos de levar a Eneca.

— Como? Não podemos transferi-la no seu estado!

— Se não o fizermos, matam-na. Vamos, Galindo! Vamos subi-la.

Entraram de novo e pegaram na enxerga um em cada ponta para levarem Eneca em cima dela.

— De maneira alguma! — recusou a parteira. — Estais loucos!

Ao sair para o exterior com Constanza, deram-se conta da gravidade da situação e mudaram de opinião. Todos juntos, fugiram em direção ao castelo, rodeados por chamas e gritos. Os muçulmanos não tardariam a alcançá-los. Tinham de se apressar ou seria demasiado tarde.

Galindo ia atrás e Isidoro em primeiro, enquanto a parteira e Constanza abriam caminho. Subiram como puderam, muitos se lhes adiantavam na fuga, mas não podiam ir mais depressa com Eneca naquele estado. Até que soltou um grito dilacerante e eles pararam.

— Já está! — exclamou a parteira, assim que a ajudou. — Já vem aí.

— Entrou em trabalho de parto? Não pode ser! — Isidoro quase não conseguia falar devido aos nervos.

— Não pareis, já falta menos. — O sacerdote incitou-o a continuar.

A porta do castelo continuava aberta, só precisavam de um pouco mais de esforço. Então, vieram os gritos, olharam para trás, a horda de sarracenos subia a cavalo, ceifando a vida daqueles que alcançavam.

— Correi! Não olheis para trás! — O sacerdote surgiu do interior do castelo e postou-se no meio do caminho.

Não tiveram alternativa, a vida de Eneca e a do filho estavam por um fio, tal como a deles. O mais rápido possível, chegaram à antecâmara do acesso a Loarre, ao mesmo tempo que um cavalo branco, com o crescente pintado no lombo, galopava em direção aos retardatários. O cavaleiro usava um elmo cónico e, de espada na mão, lançou-se atrás deles.

O sacerdote, com expressão cansada e os olhos escondidos entre as rugas da pele, empunhava a clava e deu um passo em frente. Sabia que tinha de esperar, já o fizera outras vezes, podia fazê-lo uma última. Aguentou, já estava quase, agora devia agachar-se e veio o muçulmano e... Decapitou-o de um só golpe sem que o religioso pudesse sequer reagir. A sua cabeça rebolou pela encosta e foi pisada pelos cascos dos outros ginetes muçulmanos.

Ninguém o viu morrer, entraram no castelo e a porta fechou-se atrás deles. Dois

homens correram a tranca, que bloqueou conscienciosamente o acesso.

Estavam a salvo.

Ou isso pensavam, pois um enorme projétil em chamas surgiu por cima da muralha e chocou contra a torre norte. As chamas estenderam-se de imediato ao andaime e ao telhado. Uma construção que tanto custara a levantar consumia-se numa questão de instantes.

— Isto não é uma escaramuça, vêm com máquinas de cerco — murmurou Isidoro, alarmado. — Levemos a Eneca para a igreja, aí estará mais protegida.

Assim fizeram, e depositaram a enxerga frente ao altar, com a parteira e Constanza, uma de cada lado. Isidoro mantinha-se de pé diante delas, vendo como Eneca gemia de dor e a maneira como as outras duas mulheres se entreolhavam com expressões de desalento.

Galindo desaparecera apenas por um instante, para regressar com uma volumosa maça na mão direita e na outra uma espada que estendeu ao canteiro.

— Estamos em apuros, toda a ajuda será bem-vinda.

— Vamos. — Isidoro pegou na arma.

Saíram ambos para o pátio de armas e o espetáculo que encontraram desalentou-lhes a alma. Os sarracenos tinham aberto uma brecha na muralha e lutavam para tomar a torre principal, enquanto a albarrã parecia isolada, resistindo aos impactos das enormes flechas lançadas pelas balestras muçulmanas. As chamas da torre norte erguiam-se até ao céu como uma fogueira infernal, ninguém fazia nada para as controlar, pois a maioria dos homens tentava resistir às investidas dos sitiadores, que apareciam com escadas em qualquer ponto do recinto defensivo.

A porta principal tremeu e as carroças cruzadas que havia atrás dela caíram em resultado da investida.

— Rápido! — Galindo correu para o acesso, mas era tarde demais e a porta cedeu. — Estão a entrar! Vinde! — gritou, desesperado.

Só Isidoro, com um grupo de crianças e idosos mal armados, lhe respondeu.

Eram as últimas forças, demasiados invernos ou poucas primaveras para lutar em combate. Ainda que fosse melhor morrer a tentar do que com a certeza de não o ter feito.

Galindo organizou-os e colocou-se na vanguarda. A espera foi tensa.

Porque não entram já?, questionou-se o de Baztán.

— Atentos, não baixéis a guarda, não recueis. Se temos de morrer hoje, então que nos lembrem amanhã por isso!

O mesmo ginete branco que decapitara o sacerdote derrubou o que restava da porta e entrou como alma que leva o diabo no pátio de armas. Virou diretamente à direita, evitando o comité de boas-vindas, que entendeu a manobra demasiado tarde. Um grupo de arqueiros entrou a toda a pressa, descarregando as flechas contra os mal equipados cristãos. Poucos tinham escudos atrás dos quais se abrigar, e demasiados caíram sem quase terem podido entrar em combate.

— A eles! — arengou Galindo, encabeçando o contra-ataque. Rebentou com a cabeça de um que pretendia recarregar o arco e prosseguiu com outro que o esperava com a espada, mas de nada lhe serviu. Galindo espetou-lhe com a maça no meio do peito, lançando-o contra os dois que tinha atrás, que caíram. Antes que se levantassem, foram moídos de pancada pelo Facas.

Isidoro teve mais problemas com o primeiro infiel com que se cruzou, chegaram a trocar meia dúzia de golpes de espada antes de conseguir rasgar-lhe o pescoço com a lâmina. Por essa altura, já Galindo esmagara outros três crânios e tinha uma conta a ajustar com o cavaleiro branco. Correu atrás dele e, quando o teve a uma boa distância, soltou a maça e lançou-lhe duas facas que tirou do cinturão.

A primeira cravou-se na cana do elmo, a segunda entrou-lhe à justa pela boca, derrubando-o do cavalo e fazendo-o cair entre espasmos de dor.

Os defensores eram insuficientes, aos arqueiros sarracenos seguiram-se peões com lanças e grandes escudos, nada podiam fazer frente a eles com um punhado de homens.

— Tenho uma ideia, segue-me, não há tempo. — Isidoro e um punhado de homens chegaram junto de um carro de palha.

— O que pretendes?

— Confia em mim. — Incendiou a carga com um fogo que havia ali perto e, juntos, empurraram-na em direção à porta de acesso.

— Atira-o, Galindo!

O navarro deu-lhe um tremendo empurrão e o carro estampou-se contra os restos da porta, as outras carroças e os próprios caídos, convertendo tudo numa colossal voragem de fogo.

— Espero que tenhas mais ideias como esta — Galindo ofegava, exausto devido ao esforço —, ou quando aquilo se apagar morremos todos.

Eneca debatia-se entre a vida e a morte enquanto tentava dar à luz um filho que podia matá-la. Gritava, e o seu eco retumbava pela nave da igreja, revelando-se ainda mais potente e estrondoso. Constanza e a parteira não davam vazão, o chão da igreja estava coberto do sangue e dos fluidos de Eneca, que, na última contração, soltou a perna, atingindo com força a mulher, que caiu a rebolar.

Constanza foi a correr socorrê-la, a parteira endireitou-se pelos próprios meios, algo aturdida e com uma ferida no sobrolho.

Longe de se amedrontar, levantou-se e inclinou-se sobre Eneca.

— Escuta! Sei quem és e aquilo de que és capaz! Vi o teu pendente. — Agarrou-a pelos braços para que a escutasse. — Eneca, salva o teu filho! Não me faças arrepender-me do que fiz.

Constanza ficou perplexa, não entendia absolutamente nada.

— Já chegou, já aí vem — murmurou Eneca entre gemidos.

— Sim, está a chegar, a cabeça!

— Isso é a cabeça! — Constanza não conseguia controlar os nervos.

— Muito perspicaz — observou a parteira, sorrindo.

— O teu filho já está a sair, Eneca.

— Não, não é ele quem se aproxima — murmurou Eneca, após uma prolongada contração.

O fogo estava a apagar-se, os muçulmanos tinham parado de tentar tomar as muralhas. Teriam decerto pensado que não era necessário semelhante esforço e custo em vidas, seria mais simples entrar quando o fogo se extinguisse.

Era só uma questão de tempo.

Os parques defensores que restavam formaram no pátio de armas, já não fazia sentido defender os muros.

Galindo mediu os homens com que contava, pouco podiam fazer com tão exíguas forças, a maioria deles feridos e exaustos. À sua direita, Isidoro tremia de medo.

— Foi uma honra lutar ao teu lado — disse o de Baztán, e estendeu a mão ao canteiro.

— Digo o mesmo. — Apertou-lha e assentiu.

— Não penso partir deste mundo sem acabar com todos os infiéis que puder, não lhes darei o prazer de me apanharem facilmente.

— Disso não duvido, Galindo — e riram pela última vez.

O fogo já quase se extinguiu quando várias flechas foram disparadas através da porta e caíram perto dos cristãos.

— Estão a experimentar, é só uma questão de tempo até decidirem entrar — sussurrou Galindo —, estai preparados! Mostrai-lhes como lutam os defensores de Loarre.

Um dos homens ajoelhou-se e começou a rezar, os restantes seguiram-no de pé, numa oração que se estendeu por todo o pátio de armas.

Os primeiros sarracenos entraram aos gritos, como animais selvagens. Galindo estava à sua espera. Lançou a maça de um lado para o outro, caindo uns atrás dos

outros. Continuavam a entrar e teve de ir recuando, sem parar de lutar, com o rosto salpicado do sangue de tantos homens que deixou de os contar, até que viu a morte aproximar-se dele na forma de um ginete branco.

Rezou e uma flecha silvou até derrubar o sarraceno: não foi o único, vários dos seus homens seguiram-no no seu destino fatal.

A arqueira e meia dúzia de arqueiros esticaram os arcos para voltarem a descarregar contra os atacantes. Cada vez surgiam mais, mas Ava continuava a mantê-los à distância, até que uma multidão entrou de repente e deixou de fazer sentido continuar a disparar. Soltou o alfinete que lhe prendia a capa e deixou-a cair. Tinha o rosto manchado de sangue e cinzas, o cabelo emaranhado e os olhos cansados. Ainda assim, desembainhou a espada, ergueu-a e os restantes arqueiros seguiram atrás dela.

Desatou a correr para o acesso, agachou-se ante o primeiro rival e cortou-lhe a barriga de um lado ao outro. Prosseguiu com o seguinte, ao qual cravou a ponta da espada no meio do pescoço, puxou-a e cortou o rosto do de trás. Trocou dois golpes com o da direita e derrubou-o com um pontapé, para acabar com ele no chão. Teve de se esquivar a uma lança, que agarrou com a mão direita, enquanto desferia uma sonora pancada com o punho no queixo do sarraceno moreno que a manejava. Não quis perder mais tempo e fez-lhe sangue na axila, sob a cota de malha.

— Maldita seja! — praguejou Galindo. — Está louca!

Isidoro e ele trocaram olhares confusos e, sem dizer palavra, saíram a correr com as exíguas forças que restavam no interior do castelo, seguindo o exemplo da arqueira. Galindo esmagou com a maça a cabeça dos dois primeiros sarracenos, o terceiro usava um bom elmo e aguentou o impacto. Mas ficou tão atordoado que foi fácil despachá-lo com outra pancada na nuca.

O canteiro tinha mais problemas, de espada na mão, a cruzar lâminas com um árabe muito hábil. Ainda assim, aguentou bem, sem arriscar demasiado.

— Isidoro! É para hoje ou precisas de ajuda?

— Já vou! Maldito gorducho — praguejou, enquanto sorria ao rival —, porque não me deixas em paz? Sei perfeitamente como lutar. — Mas Galindo não queria perder tempo e, com a sua maça, reventou com o adversário de Isidoro.

— Anda! Com o próximo, despacha-te, para canteiro, não te desenrascas mal.

— Cala-te! — gritou Isidoro, travando uma lâmina que procurava a cabeça do navarro.

Os sitiadores continuavam a penetrar no castelo, até os poucos defensores que restavam ficarem cercados. Ava lutava com todas as forças, até que um grupo de sarracenos subiu ao adarve, lançando-lhe dali uma rede.

— Malditos! — gritou, enquanto tentava livrar-se dela. — O que fazeis?

Um deles saltou da muralha para fazer de contrapeso e garantir que a arqueira ficava presa em suspensão.

E então o som de um corno retumbou contra os muros do castelo.

— O que é aquilo? — perguntou Isidoro, lutando costas com costas com o navarro.

— Não sei. — Galindo olhou em volta, à procura de uma explicação.

O som voltou a retumbar e gerou-se um murmúrio de incompreensão entre os exíguos defensores que ainda combatiam.

— Não pode ser sarraceno, aquilo é o som de um corno das montanhas, dos que os pastores usam para comunicar — atestou um dos outros defensores.

— Tens razão. — Galindo franziu o sobrolho. — Que alguém suba à torre e veja que diabos se passa lá fora.

Um rapaz de pouco mais de treze anos trepou pela escada de madeira até à degradada torre principal, espreitou pela galeria de arcos lombardos e ficou ali parado.

— Rapaz! O que se passa? — atirou Isidoro, mas ele não respondeu.

— Maldito seja! — praguejou Galindo. — Ficai todos aqui — ordenou, subindo também a escada.

À medida que subia, o som crescia, e já não eram só os cornos, mas também um

bater incessante, como de um coração acelerado, e afastou o rapaz a fim de espreitar para o exterior.

Também emudeceu.

Na vertente do pico que dominava Loarre havia um mar de luzes, tochas que reluziam como pirilampos. Era difícil saber quantas podia haver, eram centenas, acompanhadas pelo som dos cornos e um rugido de tambores que fazia com que as batidas parecessem o palpitar da montanha. Os muçulmanos tinham deixado um reforço frente ao castelo e corriam a formar ante o exército de luzes.

E os tambores pararam. Só por segundos.

Então, guinchos semelhantes a gritos de demónios romperam o peso da noite e as tochas correram ladeira abaixo contra os infiéis. Galindo olhou para os defensores que permaneciam no centro do recinto do castelo e desceu a correr.

— Rápido! Temos de sair!

— Perdeste o juízo? — replicou-lhe o velho, ainda ajoelhado a rezar. — Não temos nenhuma hipótese.

— Enganas-te — gritou Galindo, erguendo a maça com espigões. — Escutai!

Está lá fora um exército que veio para levantar o cerco. Vamos permitir-lhes que levem toda a glória desta vitória?

Demoraram a reagir.

— Vamos mostrar-lhes o valor dos defensores de Loarre! — acompanhou-o Isidoro. — Saíamos e tinjamos de sangue este dia!

Todos soltaram um grito que retumbou até ao interior da nave da igreja onde Constanza segurava a cabeça de Eneca que repousava entre as suas coxas, enquanto a parteira esperava entre as pernas da parturiente pela chegada do bebé.

Eneca estava dilacerada pelo esforço e pelo sofrimento. Há muito tempo que deixara de falar, com o olhar oculto sob a dor e o corpo banhado no mais pegajoso e húmido suor que qualquer das presentes alguma vez vira.

— Estou a vê-lo, vejo a cabeça — alertou a parteira —, empurra, Eneca, empurra.

— Não pode, não tem forças — advertiu Constanza.

— Tens de o fazer, pelo teu filho! Ele tem de viver, vamos, Eneca! Tu consegues!

Os olhos da mulher abriram-se de novo e agarrou os pulsos da antiga escrava para, num arroubo, empurrar com toda a sua alma. Constanza aguentou a dor, mas as unhas de Eneca rasgaram-lhe a pele.

E um soluço retumbou pela igreja.

A parteira cortou o cordão umbilical, levantou-se e tentou limpar o recém-nascido. Precisava de água e, como não a encontrou, tirou-a da pia batismal.

Lavou o rosto do bebé e, com ele nos braços, voltou-se para a mãe, que jazia desfalecida. Com o olhar, interrogou Constanza, e esta não soube o que dizer.

— Eneca, estás a ouvir? — Não reagia. — Eneca, já és mãe.

— Como...? — Para surpresa das duas mulheres a seu lado, Eneca conseguiu mover os lábios. — Como está ela?

— É uma menina? — perguntou Constanza, que se alarmou ao ver quão pequena era a criança.

— Sim — respondeu a mulher —, como sabias, Eneca?

— Nunca digas a ninguém, tu prometeste.

— Não te preocupes, mas isto ainda não acabou, a menina está demasiado fraca, foi uma temeridade o que me obrigaste a fazer.

— Era necessário, o que está feito, feito está.

— Falais de quê? — perguntou Constanza, incapaz de seguir a conversa.

— Laura.

— O que disseste, desculpa? — A amiga julgou que delirava.

— A minha filha — sussurrou entre tremores — chama-se Laura.

— Laura? Eneca, não é comum, porque queres que se chame assim, por causa da planta do louro?

— Não.

— Porquê então? — insistiu Constanza.

Nesse instante, Isidoro e Galindo atravessaram o umbral da porta do templo e correram até ao altar. Vinham cobertos de sangue. Não era seu, mas dos inimigos mortos. Nenhum conseguia ocultar um sorriso de orelha a orelha.

— Porque significa vitória — afirmou Eneca antes de cair rendida.

Capítulo Sessenta e Um

LOARRE. FINAIS DO ANO 1061

Da margem do rio, Eneca observava como a filha tentava gatinhar, era uma menina saudável e jovial, tinha um rosto gracioso que emanava uma alegria natural. Fora ela o seu suporte após o ataque, a morte e a desolação que durante meses assolaram o castelo. Pouco a pouco, as gentes recuperaram o entusiasmo e perderam parte do medo. Tinham chegado novos povoadores e estava tão ocupada a cuidar da filha que o resto passara para segundo plano.

Laura cresceu rapidamente durante esses meses. Comia bem e era esperta e vivaz, nada fazia antever que não viesse a ser uma criança feliz. Até que uma noite, Eneca acordou entre suores, não era capaz de respirar, tinha o peito oprimido, não sentia o corpo. Por mais que tentasse, não conseguia mexer um músculo, nem pés, nem braços. Tentou falar, mas as palavras saíram mudas. Só mexia os olhos. Sentiu então que havia mais alguém com ela. Na imensa penumbra, julgou ver dois olhos, uma espécie de criatura estava sentada sobre o seu peito. Observava-a em silêncio e impedia-a de respirar.

Sentiu um medo enorme.

Fechou os olhos e, quando voltou a abri-los, a criatura desaparecera. Tentou mexer os dedos dos pés e, pouco a pouco, estes responderam, tal como os das mãos e o resto do corpo. Finalmente, conseguiu respirar com normalidade. A primeira coisa que fez ao levantar-se foi verificar que Laura estava bem e o que encontrou aterrou-a.

A filha estava acordada, não chorava nem sorria, fitava-a apenas, impassível.

Olhou-a nos olhos e sentiu um calafrio.

O vinho que aquecia a garganta de Isidoro era áspero e denso, dos que picam.

Galindo gostava que assim fosse, pois não suportava beberagens aguadas, sem sabor, preferia uma forte e que ardesse a uma que não deixasse qualquer sabor na garganta, que passasse sem pena nem glória.

— Não resistiremos a outro ataque — comentou o pamplonês.

— Eu sei.

— E o que pensas fazer? Ir embora?

— Seria o mais lógico, não te parece? — Isidoro bebeu outro gole.

— O Fortún não o faria.

— Ele não está aqui.

— Isso não é preciso que o digas. — O canteiro abanou a cabeça. — O que sugeres?

— Que esperemos por notícias. E se é verdade que se juntou à mesnada do infante de Aragão?

— Isso não sabemos, foi conversa de um comerciante.

— Que vinha de Ribagorça. Já sabes que Ramiro deu início à tomada da importante praça muçulmana de Graus.

— Suponhamos que é lá que o Fortún está, e então? O que devemos fazer?

— Não sei, mas já passaram vários meses desde que o exército enviado pelo rei Ramiro cercou a poderosa fortaleza.

— Sabes melhor do que eu que isso não significa nada. O governador de Wasqa não pode permitir o nosso avanço, nem o senhor da taifa de Larida. Após muito tempo a tentarem agir nas costas do rei de Saraqusta, Al-Muqtadir, agora ambos os governantes sarracenos recorrerão a ele.

— Dizem que a taifa de Saraqusta era a mais rica e poderosa do antigo califado, as fronteiras chegavam ao Mediterrâneo, depois de dominar as taifas de Tortosa e de Dénia, e sendo o rei de Valência seu vassalo. Mas os cristãos dificultam-lhe as coisas.

— Nem todos. Há quem garanta que Al-Muqtadir chegou a acordos com os reis de Pamplona e de Castela, e também com o conde de Barcelona. Ao fim e ao cabo, tem recursos para lhes pagar bons tributos. Só o nosso incipiente reino resistiu a ser comprado pelo ouro muçulmano.

— Isso é verdade, e o que acontecerá? Pagaremos por isso, não é verdade?

— Loarre continua de pé, nós cumprimos. O desejável é que Ramiro conquiste agora Graus e que não demore a conseguir que Wasqa caia, isso mudaria tudo.

— O Fortún não hesitou em sair à procura da Eneca quando ela foi raptada, agora foi a Ava que desapareceu...

— Queres ir procurá-la?

— Sim, mas não sei nada dela.

— Amigo, acho que suportas há demasiado tempo um grande peso no coração.

Devias ter falado com ela.

— Sim, devia, mas agora é tarde. De bom grado sairia para dar a quem a atacou aquilo que merece, receio que seja só isso que posso fazer por ela.

— Não pedes demasiado? Bem nos chega resistir entre estes muros.

— Não sei, sabes no que penso às vezes?

— Surpreende-me, canteiro.

— Nesse exército fantasma que dizem que deambula pelas montanhas. Acreditas nele? Achas que existe?

— Vi muitas coisas na vida, crer, só creio em Deus Todo-Poderoso, mas o mal existe, nisso acredito. Não sei que forma tem, nem entendo o que procura nos homens. Se o que dizem sobre esse exército é verdadeiro ou não, só há uma forma de saber, enfrentando-o.

— Espero nunca me ver nessa batalha.

— A luta não me assusta, desde que seja justa. Há outras coisas mais perigosas.

— Como o quê?

— Por exemplo, aquelas — disse Galindo, indicando Constanza, que caminhava de costas muito direitas em direção à casa de Eneca.

— Ela? Era uma escrava, fazia parte do harém do senhor de Wasqa.

Isidoro de Ansó observou-a bem e voltou a beber.

Meses depois, chegaram notícias a Loarre. Al-Muqtadir em pessoa, à frente de um exército que incluía um contingente de tropas castelhanas às ordens do infante Sancho, com os seus melhores cavaleiros, entre eles um apelidado Cid, partiu para Graus para levantar o cerco de aragoneses e urgelinos. Em plena batalha, o rei Ramiro, criador da sua dinastia e primeiro monarca do reino de Aragão, foi executado por um assassino árabe que conseguiu infiltrar-se entre as linhas cristãs e enganar os homens de armas da mesnada real que protegia o monarca.

Ramiro, o primeiro de seu nome, caiu morto e, com a sua perda, o jovem reino balançava.

TERCEIRA PARTE

O REI SANCHO RAMIRES

Capítulo Sessenta e Dois

BARBATUR. ANO 1064

Aquela cidade era a mais estratégica a norte da taifa de Larida, governada por Al-Muzaffar, irmão do rei de Saraqusta, Al-Muqtadir. A localização no vale dos rios Vero e Cinca formava um bastião frente ao condado de Urgel e ao novo reino de Aragão. Era uma praça cobiçada e rica, possuía um importante mercado onde fluíam produtos de todos os reinos, ali chegavam sedas bordadas, marfins, pedras preciosas, peças de ourivesaria e até cerâmica de um longínquo reino do Oriente. Ainda que o mais notável de Barbatur fosse o conhecido mercado de escravos. Não tão grandioso como o da Cidade Branca, mas bem abastecido e a preços mais baixos. Podiam comprar-se cristãos e também gentes do Norte, eslavos, berberes, negros trazidos da bacia do rio Níger. Tudo tinha um preço em Barbatur, se se estivesse disposto a pagá-lo.

Protegidos no interior das muralhas da recém-tomada cidade de Graus, reuniam-se cavaleiros de todos os cantos da cristandade. Não fora em vão que o papa Alexandre II pregara no ano anterior que a sua tomada era uma emergência cristã. E os cristãos de todos os reinos tinham respondido em maior ou menor medida. Em Borgonha, fora apoiada por Hugo de Cluny, e o seu irmão conduzira um numeroso contingente ao sul dos Pirenéus. Não fora apenas Borgonha, muitos nobres francos haviam recebido o chamado com entusiasmo.

Concentraram-se hostes barcelonesas, de Pallars, do reino de Aragão, do condado de Urgel e um potente contingente papal dirigido por um normando, Guilherme de Montreuil. Através de Somport, chegaram os aquitanos, encabeçados pelo seu duque; e a eles juntaram-se cavaleiros e voluntários dos mais longínquos recantos. Pela primeira vez, o papa de Roma conseguira unir sob a mesma bandeira todos os reinos de Cristo.

Fortún ergueu o braço, os peões empurraram as alavancas e esticaram a corda, enrolando-a à volta do tambor do cilindro. Olhou para o chefe dos engenheiros e assentiu.

— Soltai! — gritou, como se a sua vida dependesse disso.

Um estrondo ensurdecedor atingiu-lhe os tímpanos ao mesmo tempo que colossais pedregulhos esféricos sulcavam o céu de Barbatur, ensombrando as hostes que avançavam com as escadas e as torres de assalto pela planície

que antecedia a cidade. Os pássaros de pedra procuravam afincadamente onde se aninhar intramuros, chocando com inusitada violência contra a muralha calcária.

A qual suportou com bravura os novos impactos, mas os destroços eram significativos, não resistiria muito mais.

O chefe do contingente de Roma, Guilherme de Montreuil, mercenário normando de estatura baixa, mas corpulento e sagaz, estava posicionado no flanco direito, resguardado com a cavalaria atrás das paliçadas de madeira, Entretanto, o duque da Aquitânia fazia o mesmo no lado oriental; e o rei de Aragão, Sancho Ramires, com o aliado, o conde de Urgel, e os homens enviados pelo conde de Barcelona e outros voluntários, dirigiam o ataque a partir do centro.

Fortún dirigiu-se a um dos onagros e ajustou as réguas segundo os seus cálculos.

Viu de novo onde tinham caído os últimos projéteis e chamou o ajudante, um urgelino grandalhão e com boa cabeça, com o qual se entendia bem.

— Mais três quartos para poente em todas as máquinas.

— Não é demasiado?

— O vento, temos de o ter em conta.

— Ainda assim, parece excessivo.

— Ouve o que te digo, sei como o vento funciona. Um velho ensinou-me tudo o que há para saber sobre ele.

O urgelino obedeceu, pouco convencido. Ajustaram os onagros com os novos parâmetros, recarregaram as colheres e apertaram os reforços de ferro. Cada máquina era manobrada por oito homens. Estavam colocadas sobre uma base de terra batida e tijolos que diminuía a vibração ao disparar. Constavam de uma armação de madeira colocada no solo, sobre a qual se erguia um marco do mesmo material, reforçado com peles e que

servia de batente ao braço quando saía disparado, evitando assim a sua rotura. O braço era descido por um mecanismo de torção que puxava a parte superior através de um cilindro giratório, ao qual se atavam as cordas unidas ao braço. Este saía disparado ao

soltar todo o conjunto através de uma alavanca situada do lado oposto ao da roda giratória que descia o braço.

Fortún voltou a erguer a mão e deu a ordem, o grito repetiu-se, e bolas de pedra tornaram a sulcar os céus. Desta vez, não chocaram contra as robustas muralhas de Barbatur. Sobrevoaram as ameias e caíram intramuros, destruindo casas, edifícios, atingindo lares onde as famílias se refugiavam e espalhando o pânico.

Derrubaram vários telhados, sepultando dezenas de habitantes. O medo estendeu-se pela cidade e os defensores entreolharam-se, impotentes. Ainda mais quando viram como os cristãos arremetiam com um imenso aríete contra a porta principal, fazendo tremer toda a estrutura.

O capitão da guarda sarracena confirmava, assombrado, como os adoradores de falsos deuses chegavam em vagas, lembrando selvagens, cobertos de peles e com pesadas espadas, dotados de estranhos elmos como os muçulmanos nunca haviam visto, e bastões, foices e martelos de guerra, armas brutais e primitivas.

Um rangido percorreu Barbatur, como o tronco de uma árvore antes de cair sob o machado. A porta cedera; ao longe, a pesada cavalaria normanda começou a fazer retumbar o solo.

Os defensores da cidade estavam perdidos.

Os exércitos do papa entraram a sangue e fogo. Os cavaleiros sobrepujaram os peões e alcançaram as ruas estreitas que conduziam à medina. Aí, não havia defensores, mas não tiveram piedade, não deviam ter com o infiel. O primeiro cavaleiro normando a entrar na mesquita montado no seu poderoso corcel decapitou duas mulheres, tingindo de vermelho a fonte das abluções à entrada.

Seguiu em direção ao harém, soltando a espada, sem se importar com a idade, a condição e muito menos o gênero das vítimas. Duas crianças sucumbiram sob as robustas patas do cavalo. Avistou o mihrab³ onde uma dúzia de infiéis tentava proteger-se e assobiou, chamando a atenção de dois normandos que o seguiam.

Um deles tinha um elmo cilíndrico decorado com uma cruz vermelha pintada e uma cana protetora exagerada que terminava numa ponta afiada; o outro usava um capacete mais discreto, mas, por outro lado, segurava uma imponente maça com espigões, ensanguentada e com restos de cabelo e pele pendurados. Foi o primeiro a arrancar contra os sarracenos, esmagando o crânio de um e amassando com a maça o rosto do seguinte, até o desfazer num espetáculo grotesco.

Os outros dois normandos acabaram com a carnificina, derramaram tanto sangue

que os seus jaquetões e as pesadas cotas de malha estavam completamente

emplastradas com a sua cor. O cabecilha limpou o rosto, orgulhoso do trabalho, e

avistou perto do minarete um homem que fugia, protegido por dois que portavam lanças.

Guilherme de Montreuil não teve dúvidas: tinha de ser alguém importante.

Esporeou, por isso, o cavalo e foi atrás dele, deixando tudo o mais de parte. Não

demorou a alcançá-los, rasgando de um só golpe o pescoço do primeiro lanceiro

antes que este pudesse pôr-se em guarda. Ao outro, deu-lhe o benefício da

dúvida, mas, ao ver como segurava a arma, não teve dúvidas. Foi atrás dele e

introduziu-lhe o fio da espada no meio da cara, puxando de maneira a que se

rasgasse por completo. Deixou-o a gritar de dor para alcançar quem procurava, o

normando tinha a certeza de que aquele infiel era o imã da mesquita.

Afastava-se, mas sabia que podia alcançá-lo, pelo que o perseguiu e, quando o

tinha quase ao alcance, uma ascuma feriu o muçulmano, que,

surpreendentemente, se manteve de pé até que uma segunda se lhe cravou no

queixo e o derrubou de vez.

— Maldição — sussurrou o normando.

Olhou para o flanco de onde procediam os projéteis e encontrou um grupo de

homens vestidos com peles e com o rosto pintado de negro. Eram cristãos, ainda

que lhe parecessem animais.

— Para onde nos mandou o papa? — questionou quando os dois companheiros

chegaram.

— Isto é o outro lado dos Pirenéus, estavas à espera de quê?

— Às vezes, não sei quais são os mais infiéis, se os sarracenos ou aqueles...

— Deixa, Guilherme, ainda há muito para matar, não te distraias com eles.
— O

normando baixou o elmo para prosseguir com o trabalho.

3 Nicho em forma de abside que, nas mesquitas, tem como função indicar a

direção de Meca, para a qual os muçulmanos devem voltar-se quando fazem as orações. (N. da T.)

Capítulo Sessenta e Três

BOLTAÑA. PRIMAVERA DO ANO 1065

Fortún teve uma curta estada em Barbatur, que foi colocada sob o governo de Ermengol III, conde de Urgel e cunhado do rei Sancho Ramires. O conde tentou travar os atropelos contra a população civil muçulmana, à qual foi permitido permanecer na cidade, mas à custa do pagamento de tremendos impostos, pelo que muitos optaram por partir e exilar-se. Além do mais, as matanças realizadas pelos cristãos do Norte, a maioria francos chegados para a cruzada ordenada pelo papa, estavam frescas na memória. Era difícil conviver com os mesmos homens que tinham passado à faca tantos amigos e conhecidos. De facto, os gritos da chacina de Barbatur foram levados pelo vento a todos os cantos da Hispânia, entre eles, a Cidade Branca.

O mestre de obras abandonou a cidade antes que esta fosse reconquistada por Al-Muqtadir, mas aproveitou a estada para contemplar a forma de construir dos inimigos. Não só a militar, mas também a civil e religiosa. Aquela cidade era estranha aos seus olhos, repleta de ruelas estreitas, que serpenteavam até chegar a autênticos labirintos sem saída. Fachadas simples, sem adornos, contrastavam com interiores ricos, dispostos em torno de pátios, alguns com fontes de água e tanques. Teve de optar por se concentrar em tomar notas apenas do recinto defensivo, pois intramuros tudo lhe resultava demasiado novo e complexo.

Deixou a cidade quando o perigo era iminente e refugiou-se em Boltaña, praça amuralhada a norte, de onde se preparava a defesa oriental do reino de Aragão.

Não sabia quanto tempo estaria ali, mas a sua intenção era poder falar com o irmão do rei Sancho Ramires, o infante Garcia, que tomara os votos e do qual muitos diziam que chegaria a bispo do reino. Era ele quem dirigia a maior das hostes ali aquarteladas. Não era fácil concertar uma visita com ele, pois já tentara repetidas vezes, sem êxito.

Teve tempo para isso, passaram dois anos em que houve muito trabalho em Boltaña. Preservá-la era essencial para o reino, mas a instabilidade do novo rei e a ameaça de uma ofensiva muçulmana faziam dela um lugar perigoso e em constante estado de alerta.

Faltava gente para reparar a muralha de silhares que protegia a cidade.
Fortún

tentou obter um posto na direção, mas viu-se relegado para trabalhos de intendência. Por mais que explicasse que fora mestre de obras num castelo, poucos acreditaram nele.

— Andas então por aí a dizer que és o construtor de Loarre — surpreendeu-o um cavaleiro equipado de jaquetão com escudo de armas bordado e uma brilhante bainha pendurada do cinturão de couro.

— Quem pergunta?

— Um amigo — respondeu ele.

— Permitti que duvide, não tenho amigos nesta cidade.

— Erro crasso, há que ter amigos até no inferno.

— Blasfemais!

— Depois da forma como regámos estas ruas com sangue, crês que Deus se vai importar com as minhas palavras?

— Era sangue infiel — lembrou Fortún, embora não estivesse seguro das palavras.

— De crianças, mulheres e idosos.

— Não, isso foram acidentes, a maioria eram soldados.

— A maioria rendeu-se e nós passámo-los à faca. É o que dá juntar cavaleiros de todos os cantos da cristandade, sedentos de sangue e glória.

— Foi o papa que os convocou.

— E? Acho que ainda não tens consciência da partida que se joga na Igreja do reino, não é verdade? — perguntou maliciosamente o cavaleiro. — Ainda não entendes porque te depuseram de Loarre.

— Claro que sim.

— Não, achas que foi pela tua mulher — disse, enquanto observava, orgulhoso, a expressão de assombro de Fortún —, mas foi por causa do teu amigo

sacerdote.

— Que dizeis?

— Foi ele quem te mandou aqui, certo?

— Incentivou-me, mais nada. Não sabeis o que dizeis, o sacerdote é um velho.

— Não subestimes um homem devido à idade, ele quis que viesses aqui por uma poderosa razão — afirmou o cavaleiro, enquanto verificava que estavam sozinhos. — Verás, Aragão é um reino insignificante, mas... é a porta de entrada para toda a Hispânia, por isso é tão importante para Roma.

— Quem sois vós? — inquiriu Fortún, confuso.

— Chamo-me Arnau Mir de Tost.

— O adail do conde de Urgel, conquistastes Barbatur.

— Fizemo-lo muitos, também o teu rei e o irmão, que desejam ver-te.

— O infante Garcia, quando?

— Dentro de dois dias, na torre leste, à meia-noite. Vem sozinho e não digas uma palavra sobre isso a ninguém, para teu bem.

— Como posso confiar em vós?

— Sou um cavaleiro cristão. — Sorriu antes de se afastar dali.

Na data indicada, Fortún compareceu, escondido numa túnica escura, ao encontro programado com o irmão do rei. Estava uma noite nublada, em que a luz da lua minguante era um ténue brilho na sétima esfera celeste. Ao aceder ao adarve da muralha, o vigia limitou-se a perscrutá-lo, nada disse e deu-lhe a entender que era melhor apressar-se a passar. Assim fez, e seguiu pelo caminho de ronda até à escadaria que acedia ao terraço que encimava a torre, rodeado por um parapeito de madeira. Aí esperavam-no duas figuras, o esbelto cavaleiro urgelino Arnau Mir de Tost e, a seu lado, um homem mais velho, robusto e com

boa presença. Envolto num hábito simples que não parecia albergar nobreza alguma, mas sabia que tinha de ser ele, o irmão do rei.

— És tu, então, o mestre de obras que edificou o Castelo de Loarre — proferiu num tom próprio dos padres quando falam na missa.

— Fui nomeado há anos.

— Eu sei, o teu sacerdote escreve-me pontualmente. Sim, não faças essa cara, foi enviado para lá com a missão de informar e de manter a salvo as relíquias de São Demétrio — confessou-lhe, como se não tivesse importância. — Ainda que, de algum tempo a esta parte, os seus esforços tenham tido de se centrar em defender o nosso rito das intromissões de Roma através dos seus enviados e dos de Cluny.

— Eu não entendo de conflitos religiosos.

— Nem eu de castelos. — O infante assomou às ameias da torre. — Há algum tempo, perdemos o contacto com o sacerdote. Além do mais, temos

notícias de que Loarre pode ter sido atacado por Al-Muqtadir.

— Deus santo! Quando? O que sabeis? Falai!

— Nem só os muçulmanos são nossos inimigos. A batalha mais importante trava-se nas nossas costas e, nessa guerra, perdemos o Mosteiro de San Juan de la Peña e a Catedral de Jaca ainda está em obras, pelo que o objetivo seguinte na reforma de Cluny será o teu castelo.

— É uma construção militar.

— Fortún, nos tempos que correm, a cruz e a espada manejam-se com a mesma mão. Não há diferenças entre o clérigo e o soldado — disse, aproximando-se dele —, esta cidade foi tomada por um exército da Igreja. Isso faz sentido? O

que virá depois? Monges a lutar como cavaleiros de Cristo?

— Bem-vindos sejam, já era hora de os cristãos se unirem — afirmou Fortún com desconfiança.

— Certo, mas o que te parece que farão agora os muçulmanos? — perguntou-lhe o infante, sussurrando-lhe.

— Desconheço.

— Arnau, tende a amabilidade de explicar ao nosso construtor.

— Al-Muqtadir levantou-se em armas e declarou a guerra santa para recuperar Barbatur e outras praças — explicou o cavaleiro. — De maneira tão insólita como inesperada, enviou emissários a cada um dos reinos do al-Andalus, exigindo a ajuda de todos os muçulmanos contra os demónios que arrasaram Barbatur.

— E o que achas que disseram esses infiéis? — O infante Garcia lançou a pergunta sem interesse na resposta de Fortún.

— As taifas responderam — replicou Arnau Mir de Tost —, milhares de homens vão acatar o chamado. A Cidade Branca encher-se-á de almas

desejosas de matar cristãos. Já recebemos notícias de que por lá se anuncia que os edifícios e ruas não chegarão para tanto sarraceno e que terão de reabilitar o arrabalde e organizar meios para alimentar essa imensa tropa.

— Al-Muqtadir conseguiu, vai reunir sob o Crescente todo o al-Andalus, como no tempo do califado. E nós, com o ataque a Barbatur, fomos cúmplices —

sentenciou o infante.

— E o que vai acontecer agora? — perguntou Fortún, erguendo a voz.

— A taifa de Saraqusta é a mais rica, e Al-Muqtadir tem praticado um perigoso jogo duplo, em que participaram alguns cristãos — respondeu o infante. —

Tanto nos defronta por um território em disputa como paga a Castela e Barcelona para evitar uma aliança com o irmão, e ao mesmo tempo inimigo, Yusuf, governador da taifa de Larida, ou contrata cristãos como mercenários para atacar Aragão, Urgel ou Pamplona.

— Tem assim tantos recursos?

— Os cofres da taifa não são infinitos, e a constante saída de ouro e prata não fez mais do que encher os dos inimigos. Os tributos são utilizados pelos reinos cristãos para se fortalecerem, com o que não contávamos era que a queda de Barbatur lhe fosse dar uma oportunidade de dar a volta à situação.

— Qualquer estrategista deve saber aproveitar-se tanto das vitórias como das

derrotas — acrescentou Arnau Mir de Tost —, e ele fê-lo. Espalhou a notícia da nossa matança ao entrar numa cidade já rendida, e isso encolerizou os muçulmanos do al-Andalus. Aftasitas, Banus DilNun, Abáidas, Banu Razin, Ziridas e Banu Amir; todas as dinastias contribuíram com homens, num feito sem precedentes. Um exército como nunca se vira a norte do Ebro partiu há uma semana em direção a Wasqa.

— E porque me contais tudo isto?

— Deves pôr-te a salvo — respondeu o cavaleiro —, abandonar a cidade e refugiares-te mais a norte.

— Fugir?

— Não, sobreviver, que é diferente — salientou o infante —, com o objetivo de regressar brevemente a Loarre.

— Isso não é possível, o tenente desterrou-me.

— Os tenentes dos castelos mudam com frequência, são nomeados pelo rei e, caso te tenhas esquecido, eu sou seu irmão.

— Não é assim tão simples, fui castigado por tentar salvar uma mulher que estava prisioneira do governador de Wasqa e não descansarei até o conseguir.

— Tudo se fará no devido tempo. — O infante pousou as mãos nos ombros do mestre de obras. — Agora, precisamos de ti.

Capítulo Sessenta e Quatro

LOARRE. MAIO DO ANO 1066

Eneca gostava de ver como a filha crescia forte e vivaz. Nascera pequena e magra, e as suas primeiras semanas de vida tinham sido angustiantes. Passado um par de meses, tudo mudou, ganhou peso e a sua saúde melhorou. Atingiu o primeiro ano com pouco tamanho, mas nos seguintes recuperou amplamente a altura e o peso normais. Era agora uma menina saudável que adoecera apenas meia dúzia de vezes desde o parto, e todas por questões menores que a mãe soube estancar de imediato.

Laura não herdara os olhos negros de Eneca, as suas pupilas eram mais claras e tinha os olhos mais rasgados. Sim, tinha a pele pálida e o cabelo negro como a mãe, mas essa característica era comum nas montanhas. Por outro lado, o nariz e os lábios eram diferentes dos da progenitora e tinha

uma forma de ser como que ausente, como se a sua cabeça estivesse noutra lugar.

A menina tinha a sua própria personalidade. Sobretudo expressões de raiva, como um vulcão prestes a explodir, ainda que sem o fazer.

As obras do castelo estavam paradas, o tenente trouxera vários construtores, mas nenhum soube ou quis reparar os danos causados pelo último ataque. Encontrar no reino um mestre de obras que soubesse como construir castelos das dimensões do de Loarre era impossível. Nem em Pamplona ou Castela, talvez do outro lado dos Pirenéus, mas levá-los ali tornava-se demasiado caro. Por isso, o castelo ficou truncado e em estado de ruína, pois os danos sofridos eram substanciais e sensíveis. O tenente, após vários meses em Loarre, partiu para outro dos seus domínios e deixou um homem de confiança a administrar a fortaleza. Chamava-se Hugo de Aniés e era um velho gago, com pouco entendimento e má cabeça para os números. A sua nefasta organização provocou uma debandada de numerosos habitantes.

A ponto de Loarre ter ficado isolado do resto do reino e com todos os acessos cortados a partir de Jaca. Felizmente não durou muito. Hugo de Aniés deixou Loarre, requisitado pelo seu senhor, e a fortaleza ficou guardada por uma reduzida guarnição comandada por Galindo. Isidoro, por seu lado, continuou a trabalhar na pedreira, mas, ante a impossibilidade de cortar silhares, dedicou-se a

trabalhos mais refinados. Começou a fazer esculturas, ainda que lhe faltasse a prática, pelo que as primeiras tentativas não foram boas. Não era homem de se deixar amedrontar pelo fracasso e, armado de paciência, melhorou com a insistência.

Assim passaram os dias, as semanas e chegaram notícias da reconquista muçulmana de Barbatour. Cientes de que Fortún participara no cerco, essa nova espalhou o pânico entre a família e amigos, pois podia ter-lhe acontecido alguma coisa no contra-ataque, já que tinham sido muitos os mortos e ainda mais os prisioneiros.

— Eneca, ele está bem — tentava Isidoro tranquilizá-la.

— Sei que está vivo. Mas e se foi escravizado? Se o levaram para a Cidade Branca para o venderem no mercado?

— Isso não sabemos, não serve de nada torturarmo-nos.

— E se não foi, onde está? Diz-me!

— Lembro-te que foi desterrado de Loarre e que as comunicações com o condado de Sobrarbe são complicadas, há patrulhas muçulmanas por todo o lado. Podes vê-lo se subires às torres. A tomada de Barbatur não trouxe nada de bom, só conseguimos atrair infiéis. E não foi só isso, dizem que Al-Muqtadir mandou construir nos arredores da Cidade Branca uma imponente fortaleza à sombra de uma antiga torre defensiva, com a qual pretendem recordar a vitória sobre o exército cristão unido por Roma.

— Isso fica longe destas montanhas — salientou Constanza, também a seu lado.

— Há quem diga que, de noite, se podem ver as luzes de Saraqusta ao longe.

— Disparates! Está demasiado longe de Loarre — realçou Eneca.

— Mas não há montanhas que as ocultem, a Terra Chã estende-se até lá, porque não havia de ser possível vê-la no escuro?

— Isso devia importar-te pouco, porque nem tu nem nenhum dos que estamos aqui veremos alguma vez Saraqusta. — E mergulhou de novo na tristeza.

As semanas continuaram a passar e as notícias chegaram a conta-gotas. O

exército punitivo de Al-Muqtadir fizera estragos nos condados de Sobrarbe e Ribagorça. Os cristãos estavam em debandada, tinham perdido numerosos castelos e toda a fronteira se encontrava ameaçada. Havia quem temesse que se estendessem à nova capital do reino, Jaca, onde uma nova sé estava a ser construída. A Loarre, não chegaram patrulhas sarracenas, mas sim um grupo de refugiados. Inicialmente, duvidaram da sua identidade, mas, após

as verificações e os interrogatórios, não houve dúvidas de que eram cristãos, pois conheciam a liturgia, as orações e os mandamentos de Deus. Mas não eram cristãos do Norte, e sim do Sul. Tratava-se de moçárabes que vinham exilados de uma pequena aldeia perto de Saraqusta e que disseram chamar-se Almudévar, que em língua árabe queria dizer «o redondo», em alusão ao plano ovalado do importante castelo que possuía. Aparentemente, não havia muitos árabes nem berberes nessa aldeia, eram todos muladis ou moçárabes. Tanto assim era que cultivavam a videira para fazer bom vinho, do qual traziam um ou outro odre. Decerto com a ideia de conquistarem o acolhimento nas montanhas.

— Como te chamas? — perguntou Isidoro a um deles, moreno e com barba pouco homogênea, que lhe enchia o rosto de calvas.

— Bernardo.

— És camponês?

— Somos todos, a nossa terra era rica e próspera.

— Vivias com infiéis, como podias fazer tal coisa?

— Respeitavam a nossa fé, não havia motivos para deixarmos a terra dos nossos pais e avós. As coisas mudaram, já não somos bem recebidos. Al-Muqtadir jurou vingança sobre os cristãos, sobre todos nós.

— Alguma vez estiveste na capital da taifa?

— Em Saraqusta, sim. Ia lá muitas vezes vender cereal.

— Diz-me, como é? — inquiriu Isidoro, interessado no que podia ouvir do moçárabe. — É verdade o que dizem dela? Tem assim tantas maravilhas?

— A Cidade Branca já era uma praça velha quando os muçulmanos invadiram o Norte da Hispânia e constituíram, há séculos, a Marca Superior, a fronteira entre o islão e a verdadeira fé. Nesse primeiro momento, procuraram aliar-se à nobreza local, e essas terras passaram a

depende de uma dinastia de muladis, de convertidos ao islão, os Banu Qasi, os filhos do conde Cássio, antigo nobre visigodo.

— Traidores.

— Não sou ninguém para julgar isso, só posso falar por mim e pela minha família. Nós sempre fomos cristãos, ainda que não fosse o mais fácil.

— O que te honra, acredita. Valorizo-te por isso, continua a contar mais coisas sobre Saraqusta.

— A Cidade Branca encontra-se no centro das mais importantes rotas comerciais e de comunicação, muitas mercadorias saem de lá pelo rio Ebro até ao mar; e outras chegam.

— É tão rica como asseguram?

— A sua riqueza não tem igual entre as restantes taifas surgidas das cinzas do califado. A confluência dos rios Huerva, Gállego e Ebro converte-a numa zona de ricos hortos e cultivos. O célebre Musa ibn Nusayr, conquistador da Hispânia...

— Esse nome é maldito, condenou-nos às montanhas — interrompeu o canteiro.

— Pediste-me que te contasse o que sei sobre a Cidade Branca — advertiu o moçárabe. — Posso calar-me, se quiseres.

— Não — recuou Isidoro —, continua. Como são esses hortos de que falavas?

— Ele comparou os hortos de Saraqusta aos de Damasco, e ao provar as águas do Gallicius, disse que nunca bebera melhor em todo o al-Andalus. O mesmo rio que vemos daqui. Existem vinhas nos arrabaldes da margem esquerda do Ebro e olivais espalhados pela periferia. Os arredores estão cravejados de hortos, que às vezes são autênticos palácios. A cidade é como uma mancha branca no meio de uma imensa esmeralda, sobre a qual desliza a água dos quatro rios, parecendo um mosaico de pedras preciosas.

— E as suas muralhas, como são?

— Os muros que protegem Saraqusta são de pedra branca como a neve e que brilha como ela quando o Sol nasce. São feitos de blocos esquadriados e, no interior, estão ao nível das ruas e vias, sobressaindo no máximo cinco côvados, e assim todas as casas se destacam por cima das muralhas.

O moçárabe viu que mais habitantes de Loarre se tinham juntado à conversa e decidiu prosseguir com a descrição.

— Aproveitando as correntes do Ebro, têm instalados inúmeros moinhos situados sobre barcaças. Não sei como conseguem, mas parece que podem mudar de localização para aproveitar ao máximo a corrente. As noras são tão altas como a maior das casas da medina, e é através delas que a água flui para os hortos e campos das margens.

Os homens que o rodeavam não saíam do assombro, como se lhes contasse uma história ou um devaneio. Bernardo vira aquilo com os próprios olhos. Tudo o que lhes dizia era verdade.

— São famosos os seus panos, de algodão, linho, cânhamo ou seda —

prosseguiu Bernardo —, conhecidos em todo o al-Andalus como «saragoças» e que não podem ser imitados em nenhum outro lugar do mundo. A Cidade Branca é também conhecida como a «porta de todas as rotas», pois é a última grande cidade a norte, não só do al-Andalus, mas do universo do islão. Por isso possui um célebre mercado, onde se destacam os escravos cristãos e dos países mais setentrionais. A ele acorrem enviados de todas as cortes muçulmanas para gastar imensas somas de dinheiro a adquiri-los.

— E aquilo das serpentes é verdade? — perguntou um dos habitantes de Loarre.

— Dir-vos-ei que, apesar de todas estas maravilhas que vos contei, a Cidade Branca é mais conhecida pelo insólito feito por que me perguntas, pois as serpentes jamais entram nela. Muitos viajantes chegam a Saraqusta com uma serpente para a depositarem diante dos seus muros. Acontece-lhes

sempre o mesmo, morrem imediatamente. Nenhum consegue atravessar as muralhas.

— É aí que venderão o Fortún! — atirou Eneca ao aparecer, abrindo um buraco entre os que escutavam o recém-chegado. — É nesse mercado que o venderão, e não ides fazer nada para o impedir!

— Eneca...

— Parece mentira, Isidoro! O que fazeis aqui? Se gostais tanto dessa cidade, porque não ides lá, porque não atravessais as suas muralhas? — desafiou-os. —

Sabeis porque não o fazeis? Porque sois uns malditos cobardes!

Capítulo Sessenta e Cinco

MOSTEIRO DE SAN JUAN DE LA PEÑA. QUARTA-FEIRA DE CINZAS, 22 DE MARÇO DE 1071

As nuvens chegaram sem avisar e tornaram-se fortes em redor do vale. O infante Garcia, com um capelo grená sobre os escassos cabelos, via do altar do Mosteiro de San Juan de la Peña como o pior dos seus receios se materializava. A hora terça foi a última moçárabe e a sexta a primeira no rito romano. Era a segunda semana da Quaresma, com o rei e a corte no mosteiro, habitual por aquelas datas.

O legado papal celebrava a primeira missa com a nova liturgia do reino. Sancho Ramires estabelecera um acordo secreto com o papa após a sua viagem a Roma, onde fora coroado rei pelo santo padre. Aragão estava protegido por Roma, o rei era abençoado por Deus. Agora, ninguém poria em causa a sua legitimidade como monarca. O pai proclamara um novo reino e ele consolidara-o aos olhos de Deus e, em consequência, do mundo. E não só, o papa prometera-lhe apoio na expansão do mesmo.

Sancho Ramires não cabia em si de satisfação. Quem pensaria uma década antes que o instável e insignificante reino de Aragão podia ser consagrado

pelo santo padre?

Tudo nesta vida tem um preço, mesmo para a Igreja, ou principalmente para ela.

Assim, Aragão devia pagar uma considerável quantia anual em ouro e, mais importante, introduzir reformas no clero. Agora, os mosteiros e igrejas em território aragonês seguiriam a regra de Cluny e a liturgia seria alterada. O rito tradicional fora proibido e tinham de se adaptar ao imposto por Roma.

Como pôde o rei claudicar desta maneira? Como permite que esses estrangeiros ditem como há de ser a liturgia em Aragão?, perguntava-se o infante Garcia ao mesmo tempo que cravava o olhar no legado papal que tanto odiava.

Não, não o permitiria. Devia ser ele, o bispo de Aragão, ele e mais ninguém, a ditar mudanças daquela índole. Quem era Alexandre II para impor o seu critério?

Se o bispo não conseguira fazer valer a vontade, devia ser de imediato substituído, ou o reino cairia aos pés de Roma.

Os tempos estavam a mudar.

A primeira missa segundo o novo rito a sul dos Pirenéus terminou entre olhares de incredulidade e amplas expressões de complacência. A divisão no clero e na corte era evidente. Como um barranco que, longe de se reduzir, não parava de crescer. Se continuasse assim, em breve as duas margens estariam tão distantes que não poderiam entender-se, por mais que o tentassem então.

O infante deixou o irmão, o rei, e o resto da corte na nova igreja do mosteiro e saiu para o claustro ainda em obras. Daí, podia ver um amplo horizonte, ao longe, penha Proel e, aos pés, Jaca.

— Estais bem? — surpreendeu-o a voz da irmã.

— Sancha — sorriu ao vê-la —, queria um pouco de paz, pensei que a encontraria aqui fora.

— Não existe paz para os filhos de um rei, há tanto para fazer... Felizmente, agora estamos no bom caminho.

— Tendes assim tanta certeza?

— Claro, há porventura outro caminho diferente do indicado por Roma? — perguntou de forma precipitada.

— Claro que não, perdoai-me. Estou esgotado, parece que não há nem um instante para descansar...

— E não há, mas a gente das montanhas está habituada a isto e a muito mais, não somos como os débeis infiéis da planície. A vida é demasiado simples para eles, nas suas ricas terras que nos usurparam há tantos séculos.

— Ao menos agora pagam-nos tributos, com os quais financiamos as nossas construções e os nossos exércitos.

— Por enquanto — afirmou —, hoje é o primeiro dia de uma nova era, tendes consciência disso, irmão?

— Acho que sim. O rei vai precisar de toda a ajuda possível, sobretudo da nossa.

Carrega um enorme peso às costas.

— Nada disso, pelo contrário. Deus sorriu-nos, escolheu este reino para iluminar todas as terras da Hispânia.

— Credes nisso?

— Duvidais, irmão? Pondes em causa a sagrada palavra do santo padre?

— Roma escolheu-nos, disso não há dúvida. Já antes tentou entrar nos reinos de Portugal, Leão e Pamplona, nos condados de Castela e Barcelona.

E não recebeu mais do que recusas — explicou, com o olhar perdido na paisagem. — Se Aragão lhe der a Hispânia, espero que não nos arrependamos disso, que o preço não seja demasiado alto.

— Irmão! O nosso reino vai converter-se na porta de entrada de toda a cristandade. Jaca converter-se-á numa cidade, receberá peregrinos, senhores, cavaleiros, comerciantes e monges, a caminho de Santiago ou de qualquer outro destino. Vamos converter um pequeno e recém-criado reino no mais próspero que se conhece. Imaginais o futuro que nos aguarda?

— Sim, claro — respondeu o infante, resignado.

— Levaremos as cores do papa na nossa cruzada. Jaca será uma grande capital e a sua catedral a mais moderna, a inveja do Ocidente. Este mosteiro será o berço da nossa dinastia, construiremos aqui um panteão real, onde honrar reis e rainhas

— emocionou-se com as próprias palavras. — Só falta o que deve ser o nosso terceiro pilar, além de Jaca e San Juan de la Peña.

— A que vos referis, irmã?

— A Loarre, esse castelo será o símbolo do nosso novo reino.

Fortún contava sete anos de reclusão nas montanhas, primeiro no vale do Cinca e depois mais a norte, perto dos cumes mais altos dos Pirenéus. Para lá fugiram os vencidos de Barbatur, os sarracenos não tiveram compaixão e arrasaram os vales, tomando um a um os castelos que deviam defender a fronteira. Só nas montanhas estavam seguros, desencadeando escaramuças para amedrontar a ofensiva do Crescente.

Nos vales, eram presa fácil para os sarracenos, pelo que procuraram autênticos ninhos de águia onde se refugiar. Fortún chegou assim a Troncedo, uma pequena aldeia que dominava todo o seu ambiente, ainda que sem defesas, exceto a sua posição estratégica. Em Troncedo, conseguiu convencer os habitantes da necessidade de construir uma torre de destacada altura, da qual observar os muçulmanos.

Com a idade, tornava-se-lhe difícil trabalhar, e esforços que antes não lhe eram penosos, pareciam-lhe agora eternos. Doíam-lhe frequentemente as costas e cada vez lhe custava mais levantar pesos. Além disso, perdera alguma visão.

Com os caminhos cortados e o desterro ainda sobre a cabeça, decidiu esperar naquelas terras do condado de Sobrarbe. Surgiram-lhe alguns trabalhos de reparação em igrejas e castelos vizinhos, danificados pelos infiéis. À espera de arranjar forma de que lhe fosse levantado o veto imposto pelo tenente de Loarre, Fortún tentou aproximar-se dos círculos de poder do novo reino, conseguindo uma audiência em Jaca com a mais alta personalidade da corte do rei Sancho Ramires. Não ia ser fácil chegar ao vale do rio Aragão, procurou o trajeto mais seguro e fê-lo em pleno inverno, para evitar as razias, ainda que suportando mil calamidades. Após tanto esforço e penalizações, chegou ao Caminho de Santiago.

Ao entrar na povoação sob a penha Oroel, teve a impressão de que se enganara no caminho e estava em Pamplona ou nalguma cidade do outro lado das montanhas. Para onde quer que olhasse, só via edifícios em construção. Da margem mais meridional do rio Gas, vislumbrava a configuração do que se constituía já como um importante núcleo urbano. Duas vias principais cruzavam-se no centro em forma ortogonal. Recordou o tratado do lombardo e entendeu bem essa disposição: o cardo e decumano romanos. Os alicerces de um amplo recinto amuralhado eram também visíveis e, à volta do cruzamento das duas vias, intuía-se construções de grande envergadura. Aquilo não era apenas uma aldeia em obras, tratava-se de um complexo e ambicioso projeto urbano, de valor exorbitante.

De onde obteve o rei os meios para o financiar?, questionava-se Fortún enquanto admirava os trabalhos.

Perguntou a vários comerciantes e artesãos e dirigiu-se ao palácio real, situado na zona das Benitas e edificado pelo falecido rei Ramiro.

O edifício estava guardado por um bom número de homens de armas, custou-lhe a identificar-se e que lhe permitissem entrar. Uma vez no pátio de armas, foi mais fácil aceder à sala de audiências, onde teve de esperar um longo período.

Após tanto deambular por diferentes povoações e aldeias, algumas situadas nos lugares mais remotos do reino, esperar no palácio não lhe parecia assim tão terrível. Com o passar do tempo, apaziguara a impaciência da juventude. Se o pai o visse agora, não o reconheceria, o rapaz nervoso e irreflexivo desaparecera para sempre.

No seu périplo, habituara-se até à ausência de Eneca. Por mais estranho que parecesse, de certa forma, sentia-se acompanhado pelas memórias e, na maioria das vezes, isso bastava. Era verdade que em determinados momentos invadia-o o desamparo da solidão e via-se à beira de um profundo abismo. Mas, por ora, sempre conseguira dar um passo atrás e voltar a refugiar-se nas memórias.

Isso tinha um preço, todavia, e, de algum tempo a essa parte, recorrera a nostalgias longínquas, infantis, por vezes. E isso é perigoso, quando as memórias de alguém se esgotam, o caos abeira-se. Como se formassem uma longa corda que vamos esticando, até que ficamos sem corda e caímos no vazio.

— Fortún, mestre de obras — chamou um dos guardas, arrancando-o aos devaneios —, esperam-vos em audiência — comunicou-lhe, enquanto o perscrutava com um esgar de incredulidade.

Escoltaram-no até um corredor onde o frio parecia infiltrar-se pelos escassos buracos de pedra que não estavam tapados pela multiplicidade de quadros e tapeçarias que ocultavam os muros. Aí, aguardou de pé, até ser requisitado por um clérigo que o conduziu a outra sala contígua, mais pequena e mais ornamentada com tapetes e esbeltos castiçais. Ao centro, sobre um cadeirão erguido com um proeminente encosto, estava o rei Sancho Ramires. A seu lado e a um par de passos, encontrava-se o irmão, o infante Garcia, ambos filhos de Ramiro I.

O monarca tinha uma expressão séria, cabelo escuro cortado com esmero, e vestia um brial de tecido rico e com galões de ouro. Não era a roupa o que sobressaía do traje, mas sim a espada presa ao cinto. O rei fitava-o em silêncio, sem mover os lábios, com olhos brilhantes, como se algumas das estrelas do firmamento se refugiasse neles. Continuou num silêncio

embaraçoso e com a mão impassível pousada na arma. O tempo passava e ele não falava; e Fortún

ficava cada vez mais nervoso e não se atrevia a mexer um único músculo. A garganta secou-lhe de tal modo que engoliu, desajeitada e até ruidosamente, em seco, o que o incomodou sobremaneira. Aquela situação tensa punha à prova a paciência adquirida com os anos. Até ao mais seguro dos homens lhe tremeriam as pernas ante um rei.

— Vi-te uma vez em que acompanhei o meu pai a Loarre e lembrava-me de ti mais alto, ainda que isso não tenha importância na hora de construir castelos, não é verdade? — comentou o rei, sorrindo, rompendo com uma frase a espera e a angústia.

— Um homem não deve medir-se pela altura, mas sim pela grandeza.

— Verdade — o monarca não se alterou com a resposta acutilante. — Diz-me, Fortún, tens esposa?

— A minha mulher foi raptada pelos infiéis.

— Não fazes ideia de como lamento, não sabia. Morreu em cativeiro?

— Não sei, alteza. Tentei resgatá-la, e por isso fui afastado das obras pelo tenente de Loarre.

— Foi esse então o verdadeiro motivo, agora entendo melhor as circunstâncias.

— Foi levada para Wasqa e não voltei a saber dela, a sua ausência deixou um vazio tão profundo dentro do meu peito que não parei de pensar nela desde então. Já lá vão mais de dez anos.

— Fortún, um dia não muito distante, reconquistaremos Wasqa e prometo-te que, assim que atravessarmos as suas muralhas, ordenarei que procurem a tua amada.

— Obrigado, alteza.

— Antes, para conseguir tal meta, preciso da tua ajuda. Fortún, és um homem de experiência, com a tua idade, já trabalhaste certamente em muitas obras. Qual dirias que é a tua melhor qualidade como mestre de obras?

— Não saberia dizer-vos, meu rei.

— Má resposta. Vou reformular a pergunta. Fortún, porque deves ser tu a ampliar Loarre e não outro mestre de obras?

— Ampliar?

— Sim, crês porventura que ia levantar a proibição que pende sobre a tua cabeça por nada?

— Não, alteza.

— Lembro-me de quando o meu pai nos levou, a mim e aos meus irmãos, a conhecer Loarre, da sensação tão profunda que essa fortaleza me causou, nunca vira um castelo assim. Acho que o que se sente ao vê-lo pela primeira vez nunca se esquece. É tão empolgante que invejo aqueles que ainda não o visitaram e podem sentir o mesmo que eu senti naquele dia.

— Grandes palavras, alteza.

— Sou um rei, nada do que faço ou digo é por acaso — afirmou ele, complacente. — Verás, este reino, como diria... Este reino foi designado por Nosso Senhor para um objetivo imenso, uma missão titânica. Se Ele nos escolheu, não somos ninguém para o pôr em causa. O que devemos fazer é acatar a sua divina vontade, não é?

— Claro, alteza.

— Neste projeto divino, todos temos um papel. Eu, o meu irmão Garcia — indicou-o à sua direita —, tu, Fortún, e Loarre, claro.

— Defender a fronteira.

— Não, defendê-la não. Esse tempo acabou. É hora de a ameaçar, desafiá-la. —

Inclinou-se para a frente. — Loarre será um símbolo do novo ciclo de Aragão.

— Ergueu o punho cerrado. — Fortún, Loarre vai ser o maior castelo que o homem alguma vez viu. Portanto, faço-te de novo a pergunta: porque devo confiar-te o trabalho de o ampliar, de o tornar eterno?

— Há muitos anos que trabalho nele, conheço cada um dos seus segredos.

— Como posso ter a certeza de que possuis conhecimentos suficientes? —
interrompeu-o o rei.

— Acho que demonstrei de sobra que sou capaz de construir um castelo. Estive toda a vida ao pé de uma obra, desde pequeno.

— Não quero um castelo, quero O Castelo. Aquele de que todos falarão, que todos temerão.

— Alteza, deixai-me regressar a Loarre e a fortaleza que erguerei será conhecida durante mil anos.

— Era isso que eu queria ouvir — disse o rei, sorrindo —, mas preciso de algo mais: uma igreja. Poderíeis construir uma?

— Já existe uma igreja no cimo de...

— Não, Fortún, não me refiro a um pequeno templo. O que te peço é que edifiques uma imponente casa de Deus, em forma de cruz e com luz. Um templo inundado de luz, pois o que é Deus senão a luz que ilumina a nossa vida, o nosso caminho?

— Uma construção assim precisa de grandes proporções.

— Sim, dado que também vou enviar uma congregação de monges para Loarre.

Assim, deverão preparar-se aposentos para eles, serão doze e o abade. Já sabes, dormitórios, scriptorium, sala capitular...

— Alteza, falais de uma abadia.

— Podes vê-lo assim.

— E perto do castelo, onde?

— Não, Fortún. Perto, não, dentro do castelo. Quero uma igreja protegida pelo recinto amuralhado.

— Alteza, o que dizeis não é exequível, não há espaço físico intramuros para uma obra dessa dimensão. O castelo fica à beira de um penhasco, não se pode levar mais além.

— Logo, não és o homem que procuro. — O monarca olhou para o irmão, o infante Garcia.

— Alteza — Fortún subiu o tom —, o que quereis exatamente? Falai-me sem subtilezas.

— Sem subtilezas, dizes? Muito bem, como saberás, pus o reino sob a proteção de Roma. Somos vassalos da Igreja e eu sou rei pela graça de Deus. Os infiéis ameaçam o reino que o meu pai edificou, não pudemos manter a conquista de Barbatur e não somos capazes de cercar Wasqa. — Fez uma ligeira pausa. —

Quero desafiá-los, que saibam quem é o rei, que conheçam o seu futuro, que entendam que, mais tarde ou mais cedo, dominarei a Terra Chã.

— Foi com esse objetivo que Loarre foi construído.

— Os tempos mudam, Fortún, e o castelo foi planeado antes da bula do papa Alexandre II, que acolheu sob a proteção da Santa Sé a futura Abadia de São Pedro de Loarre.

— Mas o que me exigis é materialmente impossível. Exigis-me um milagre!

— Com efeito — interrompeu o infante —, é isso que o rei deseja.

— Meu senhor, o que estais a dizer-me?

— Lembra-te de que Deus guia os nossos passos. Não vais construir um castelo para o rei, mas sim para Ele, para Nosso Senhor.

» Fortún. — O monarca levantou-se, desceu os três degraus que o separavam dos vassallos e dirigiu-se a ele. Ao chegar à sua altura, agarrou-o pelos ombros. —

Há quase cinquenta anos, o meu avô Sancho III, o Maior, encarregou um mestre lombardo de edificar o último castelo da fronteira, frente a uma das mais temíveis fortalezas muçulmanas.

— Eu sei, conheci pessoalmente esse lombardo.

— Então diz-me, Fortún, aceitas o que te pede agora este humilde rei?

Construirás o símbolo do nosso reino? Um castelo para a eternidade.

— Sim, alteza, fá-lo-ei.

— Não esperava menos de ti — proferiu o rei, entusiasmado. — Loarre será dotado de pavilhões para uma comunidade de monges agostinhos. Construirás um palácio real e, acima de tudo, uma igreja colossal. Mandarei chamar os melhores escultores de Toulouse para que a decorem, mas preciso que seja digna de um rei, de um rei pela graça de Deus. Fortún, acredito em ti, sei que és capaz de o fazer, vi-o nos meus sonhos. Diz-me: acreditas em mim? Acreditas no teu rei?

— Claro que sim, alteza, não duvideis.

— Então se acreditas em mim, se tens fé em Deus, constrói uma fortaleza digna dos dois.

O rei virou-se e subiu os três degraus, instalando-se novamente no trono. Dois guardas adiantaram-se até à altura de Fortún, sinal de que o mestre de

obras devia retirar-se. Fez uma vénia antes de se voltar para a saída, escoltado pelos homens de armas, e cruzar o umbral da porta.

— Cuidado, irmão, o rio que cresce rápido leva sempre as águas turvas — advertiu o infante Garcia.

— Querido irmão, tendes de entender que há rios que correm com tanta força que não podem ser travados, arrastam tudo à passagem.

— Sim, mas nesse caso, deveis ter cuidado para que a sua corrente não vos leve.

— Assim farei, preparai os monges para irem para Loarre.

— Eu?

— Quereis esse lugar, pois começai a merecê-lo. Às vezes, acho que a nossa irmã Sancha daria um melhor bispo de Aragão do que vós.

— Como ordenardes, escolhê-los-ei pessoalmente.

— Não entendestes, irmão. Já há doze clérigos e um abade à espera.

— Escolhidos por quem? — perguntou o infante, alterado.

— Pelo legado papal.

— Pelo abade de Cluny, quereis dizer.

— Não, quero dizer por sua santidade, tendes algo a objetar a uma escolha do papa?

— Claro que não — respondeu o infante com determinação —, mas... alteza, o nosso rito tem séculos, os clérigos e os vossos vassallos talvez não entendam que se lhes imponha agora uma mudança destas. Tende em conta que os seus pais, e os pais dos seus pais, conheceram esta liturgia, a nossa liturgia.

— Não creio que seja para tanto, irmão. E mais, penso que o povo entenderá e assumi-lo-á rapidamente, que será o clero do reino quem não está disposto a alterar os seus costumes e privilégios.

— O nosso pai não teria aceitado trocar de liturgia.

— O pai? Faria tudo o que fosse necessário para expandir o reino, e vós sabeis-lo

— advertiu, apontando-lhe o dedo indicador. — Criou esta coroa, mas eu, Sancho Ramires, vou ampliá-la até Saraqusta. Farei com que o nosso reino seja o representante de Deus a sul dos Pirenéus, e nada nem nenhum inimigo me deterá. O meu filho e o filho do meu filho usarão a coroa, ninguém ousará discutir a legitimidade do nosso reino, porque agora sou rei pela graça de Deus.

— E Pamplona? Ainda lhe devemos vassalagem.

— Tudo andarás, irmão, tudo andarás.

Capítulo Sessenta e Seis

JACA. 2 DE JUNHO DE 1071

Fortún foi do palácio real ao centro de Jaca, as ruas estavam alvoroçadas e cheias de gente. Havia-a de todo o tipo, comerciantes, trabalhadores, mendigos, mulheres, peregrinos, monges, homens de armas.

— Muito trabalho — comentou Fortún parado frente a uma oficina de madeira.

— Nem digas nada, assim dá gosto, quem viu Jaca e quem a vê agora —

respondeu um carpinteiro que se afadigava a lixar um madeiro de um par de varas.

— Certo, essa nova muralha é magnífica e a organização das ruas parece perfeita. E a catedral!

— Bem, isso vai mais devagar — comentou o outro, enquanto coçava a barriga volumosa. — Se há bispo, tem de haver cátedra, por isso se trabalha à empreitada na construção da Sé de Jaca. Escolheram a zona do levante, onde se erguia a antiga Igreja de São Pedro, o Velho.

— Uma catedral não é fácil de construir. Com a sua vinculação a Roma, Jaca é agora a porta de acesso ao caminho que vai até Santiago de Compostela —

sussurrou Fortún.

— Há vários anos que trabalhavam na catedral, tinham começado pela cabeceira e a planta basilical já estava constituída, de tipo retangular e sem transepto saliente. — O carpinteiro observou-o com atenção. — De onde és?

— Vivia em Loarre.

— É onde fica aquele castelo que nunca acabam — murmurou o carpinteiro.

— Acho que o novo rei tem grandes planos para ele.

— Sancho Ramires... dizem que foi a Roma, será verdade?

— Duvidas, porventura?

— Não, valha-me Deus, o que não sei é de onde tira recursos para tanta obra.

— Dizem que dos peregrinos que atravessam os Pirenéus, mas não sei... parece-me muito.

Fortún tinha interesse em conhecer o mestre de obras da catedral, desconhecia o seu nome e fama. Isidoro falara-lhe nele, pois estivera sob as suas ordens, ainda que não o elogiasse por aí além. Não devia ser um homem de trato agradável.

Não obstante, aproveitando a sua presença em Jaca, Fortún queria conhecê-lo.

Pediu a quatro homens que lhe indicassem quem era o responsável por tão magna construção, até que chegou diante de um indivíduo de considerável estatura e corpulência, com o cabelo louro muito curto, quase rapado.

Nas mãos, tinha um martelo e um cinzel e aos pés um grande bloco de arenito onde esculpia pequenos cilindros alinhados que alternavam com zonas planas.

— Sois vós o mestre de obras da catedral?

O homem observou Fortún em silêncio, perscrutou-o sem se alterar e finalmente decidiu falar.

— Não.

— Pensava que...

— Não sou aquele que procurais — enfatizou.

Fortún ficou confuso, olhou em volta como que em busca de ajuda. Estavam todos ocupados a trabalhar. Habitado a dirigir a obra, a estar em tensão entre os blocos de pedra, Fortún deu por si perdido.

Voltou a observar o indivíduo louro, como erguia o braço e deixava cair o martelo contra o cinzel, que fazia saltar uma lasca da rocha. Observou atentamente o trabalho, era uma decoração que nunca vira.

Perante a evidente falta de vontade de iniciar conversa, Fortún continuou a caminhar por entre os trabalhadores e apercebeu-se de que aqueles pequenos cilindros alternados, formando uma espécie de friso, eram um elemento decorativo que se repetia. Examinou os blocos de pedra onde já se viam portas e janelas, Loarre não tinha nada que se lhe assemelhasse em qualidade.

Parou diante de um homem de nariz pronunciado e maçãs do rosto encovadas, que esculpia um enorme capitel. Ainda não se viam bem as

formas, embora se intuisse a figura de um varão ao centro e anjos nas pontas.

— Desculpai — o escultor prestou-lhe atenção —, sabeis se aquele homem louro é o mestre de obras? — perguntou, apontando com a mão.

— Quem?

— Aquele ali. — E quando Fortún o procurou com o olhar, não encontrou ninguém.

— Tenho trabalho, não vedes?

— Perdão. O que esculpis?

— Eu... — E olhou-o fixamente. — Um rei.

Fortún ficou ainda mais confuso, olhou de novo para o capitel. Uma figura com um bastão e botas nos pés, junto a outras duas com sandálias. O escultor não lhe prestou mais atenção e ele sentiu a necessidade urgente de se afastar dali.

A contragosto, entendeu que o mestre de obras da Catedral de Jaca não se queria mostrar. Sabia-se que muitos ocultavam o nome, movendo-se no anonimato das suas quadrilhas de trabalho para evitarem ser identificados e capturados pelos rivais. Era prática habitual para obter os seus segredos construtivos. Devia desistir. Se continuasse com as perguntas, podiam tomá-lo por espião e fazê-lo sofrer represálias, pois era fácil ler no rosto dos trabalhadores ressentimento para com Fortún e as suas questões.

Montado no cavalo, observou Jaca. Estava a converter-se numa povoação notável, na capital de um reino. Despediu-se dela com uma estranha sensação, a que se tem quando se acredita que nunca mais se regressará a um lugar.

Cavalgou pela margem do Gallicius até abandonar as suas tumultuosas águas para prosseguir pelo vale do Garona. Subiu-o, impetuoso e veloz, pela margem direita. Dormiu em Rasal, uma pequena aldeia construída em

torno de uma igreja dedicada a São João Batista, com uma cabeceira ornamentada por cinco arcos cegos escorados através de amplas lesenas e com uma janela ao centro.

No dia seguinte, continuou por um sinuoso caminho que o levou ao topo da abrupta serra. Uma vez na vertente sul, não lhe foi difícil prosseguir pelo bosque, em direção a oriente. Até que os vigias de Loarre lhe deram voz de paragem num desfiladeiro. Não o reconheceram e ele também não. Passara muito tempo, tinham acontecido muitas coisas, era o mesmo lugar e, ao mesmo tempo, outro diferente.

— Sou o Fortún, fui mestre de obras do castelo e o rei voltou a designar-me como tal. — Mostrou um pergaminho com o selo real.

— Não sei ler — disse o vigia que estava no comando.

— Mas reconhecerás o símbolo real.

— Nunca o tinha visto, o rei não costuma aparecer por Loarre — respondeu o vigia com uma certa prepotência.

— Leva-me então a quem saiba lê-lo. Quem está ao comando da defesa do castelo?

— Galindo.

— Maldito sacana! Diz-lhe que o Fortún regressou.

Quando se aproximou de Loarre, a notícia espalhou-se por toda a aldeia e pela fortaleza. As pessoas saíam para o receber. Havia rostos conhecidos que lhe davam as boas-vindas com entusiasmo, e os que não o conheciam tinham ouvido falar tanto no mestre de obras que também se entusiasmavam. Fortún saudava-os, satisfeito por estar de novo em casa. Assim avançou até ao recinto exterior, que continuava inacabado. Ao contemplar de perto a silhueta do castelo, o coração deu-lhe um salto. Ali estava Loarre. Tinham passado anos como se fossem décadas, e, ainda assim, aqueles imponentes muros de pedra continuavam a mostrar-se orgulhosos da sua grandeza. O vigor do seu sangue perdera o ímpeto da

juventude, mas ao observar aquela promessa feita de pedra, com as torres erguidas pelo lombardo e pelo seu pai, um torvelinho de memórias fustigou-lhe o coração.

Estava no seu lar, em Loarre.

Isidoro saiu a correr, e Fortún fundiu-se com ele num prolongado abraço.

Olharam-se nos olhos sem dizer nada, e dizendo tudo.

— Meu amigo, há quanto tempo.

— Não houve um dia em que não pensasse em regressar.

— Eu sei, já estás aqui.

— Fortún! — Galindo apareceu de braços abertos e quase o estrangulava com a efusividade. — Não posso acreditar que estás de volta!

— Acredita, pois não penso partir.

— Assim espero. — E voltou a dar-lhe um efusivo abraço. Muitos receberam-no como o filho pródigo que regressava a casa, o messias que trazia debaixo do braço o trabalho e a abundância. Ele agradecia-lhes aquela alegria e o entusiasmo da melhor maneira que podia ou sabia.

— Fortún, acho que há algo que não sabes. — Os olhos de Isidoro brilharam.

— O quê? Aconteceu algo de errado?

— Não, nada disso.

— Então, Isidoro, o que se passa?

— Não imaginas, Fortún? Adivinha quem te espera!

— Eneca! Não pode ser! Onde está? Quando regressou?

— Antes de a veres, há algo que devias saber.

— O quê? — E agarrou o amigo pelo antebraço. — O que se passa, Isidoro?

Aconteceu-lhe alguma coisa? Diz-me!

— Nada de mau, garanto-te, pelo contrário. — Sorriu, com os olhos brilhantes, quase lacrimosos.

— Fala então! Onde está a Eneca?

— Estou aqui.

O mestre de obras voltou-se e a imensidão do olhar de Eneca envolveu-o. Ali estava ela, a passagem dos anos era evidente, mas a sua beleza parecia intemporal. Tinha o rosto mais sereno, as ancas mais largas e uma expressão mais cansada. Também o cabelo estava mais comprido e tinha as faces coradas, o que a favorecia. Percorreu-a com o olhar antes de dar um passo, descendo-lhe pelo pescoço, peito e continuando pelos braços, até aos dedos da mão.

Surgiu então atrás dela um olhar que não conhecia e que, ao mesmo tempo, lhe era familiar. Era uma rapariga com uma força invulgar e avassaladora no olhar.

A jovem aproximou os lábios do ouvido de Eneca e sussurrou-lhe alguma coisa.

A mulher pegou-lhe na mão e dirigiu-se a ele.

— Voltaste.

— Sim, Eneca, estou aqui.

— Passou muito tempo — disse, observando-o com atenção —, estás diferente, mais magro.

— Não foi fácil, mas regresssei, tal como prometi.

— Laura — e ajudou a jovem a dar um passo em frente —, este é o teu pai.

A jovem soltou-se da mãe e dirigiu-se, receosa, a Fortún. A quem tremiam as pernas e que tremeu ao vê-la chegar.

— Olá, pai.

— Minha filha? Mas... como é possível? Há anos que não... — E abraçou-a com uma mistura de doçura e falta de jeito.

— Tinha saudades tuas — disse ela.

— Já estou aqui.

Eneca assistiu à cena com o coração receoso, talvez não estivesse a agir corretamente, mas era o melhor para todos.

— A mãe contou-me muitas coisas sobre ti — disse-lhe Laura com voz doce e delicada. — Dizia sempre que regressarias. Não quero que voltes a partir.

— E não o farei, pequena, prometo.

— Assim espero — advertiu Eneca enquanto se aproximava.

Fortún levantou-se e recebeu-a com os lábios abertos. Um beijo que se prolongou até não lhes restar ar nos pulmões. Separaram-se por um instante e baixaram-se para que Laura se unisse a eles num precioso abraço.

— Não voltes a deixar-me sozinha — sussurrou-lhe Eneca.

— Garanto-te que não o farei. E a Laura? Como é possível...?

— Antes de me raptarem, lembra-te? Descobri quando estava presa em Wasqa: Assim tive de fugir dali a qualquer preço. Mas deixemos isso para mais tarde, por favor.

Estavam finalmente os três juntos.

— Prometeste à Laura que não voltarias a partir, não foi? — A jovem assentiu ao lado do pai. — Não te esqueças disso, a tua filha precisa de ti, eu preciso de ti...

— Eneca — o tom de Fortún tornou-se de repente sério —, acho que não terás de te preocupar com isso. O rei, nem imaginas o que me pediu.

— Claro que sim, fortificar de novo este castelo. — Eneca leu-lhe a surpresa no olhar.

— Esquecia-me de com quem estou a falar, mas não. Não quer apenas ampliá-lo, isso não chega. Quer que construa uma grandiosa igreja no seu interior, pavilhões para uma congregação de monges e outros para soldados; e um palácio real.

— Mas... não há espaço para tudo isso, tu sabes.

— Sancho Ramires quer demonstrar através do novo Castelo de Loarre que é rei pela graça de Deus — explicou Fortún, desassossegado. — Pretende algo que simbolize o seu poder face aos infiéis.

— E o que vais fazer?

— Construí-lo.

Fortún lembraria essa noite para o resto da vida. Dormiram os três na mesma cama, abraçados. Após tantas noites na solidão da montanha, sem outra companhia além das memórias, aquilo era o mais perto da felicidade que Fortún podia imaginar. Pois não só regressara ao lar, não só voltara para junto de Eneca, como tinha uma filha. Laura mudava o seu universo, tudo ficava agora em segundo plano.

Quase tudo.

No dia seguinte, tiveram de começar a trabalhar. Fortún chamou Isidoro e, juntos, delinearão os passos a seguir. Como outrora, os dois amigos lado a lado em Loarre, era como se o tempo não tivesse passado.

— Tenho de te perguntar uma coisa.

— Eu sei, tenho muito para te contar. Não sei se já saberás, mas o velho sacerdote morreu no último ataque que sofremos.

— Sofreu?

— Não — respondeu Isidoro com tristeza —, garanto-te.

— E... Ava? — perguntou Fortún, com o medo nas palavras.

— Fortún, pensamos que a Ava foi feita prisioneira nesse ataque. Não sabemos se continua viva ou se a executaram na fuga. Nesse dia, foi um caos, enviámos mensageiros para negociar pelos prisioneiros e até um ou outro infiltrado, pagámos a gente de Bolea para obter informações. — Suspirou. — Ninguém sabe nada dela, é como se a terra a tivesse engolido.

— Não é possível, tu sabes como é a Ava — disse o mestre de obras com raiva.

— Eu sei, que mais podemos fazer...

— Só me dás más notícias.

— Bem, também as há boas, Fortún: tenho uma mulher, Constanza. Veio com a Eneca de Wasqa, ela é... maravilhosa!

— Estou deseioso de a conhecer, amigo.

— E ela a ti, acredita. — Riram-se como há muito tempo não acontecia. — E o rei? Conta-me o que temos de fazer.

— O primeiro passo, e o fundamental, é encontrar espaço para edificar um novo templo de dimensões desmedidas.

— Não vejo como será possível. Quando muito, podemos tirar o velho e, na esquina mais meridional do recinto, construir um novo templo.

— Hmm, não chega — insistiu Fortún —, tem de ser uma igreja imponente.

— E onde? No ar?

— Repete o que disseste.

— Não há espaço físico, Fortún. A não ser que queiras erguê-la sobre o nada, não entendo como poderemos construí-la...

— Exato.

— Como assim, exato? — Desatou a rir-se. — Não mudaste nada, que diabos estás a maquinar? Apenas disparatava.

— Não, estavas a resolver o nosso principal problema.

— Não sei do que falas, a menos que a construamos no outro flanco, debaixo da torre norte.

— Não deve integrar o castelo, o sistema defensivo. Não podemos erigi-la extramuros.

— E o que fazemos? — Isidoro continuava a rir-se. — Derrubamos a torre principal e construámos a igreja sobre os escombros?

— Não, faremos o que disseste antes, construí-la-emos aqui.

Fortún apontou para um espaço no ar perto do caminho de acesso.

— Estás louco! Aí não há nada, não... Fortún, é só ar, não há solo nem rocha.

— Levá-la-emos nós, rasgaremos o terreno.

— Deus santo! — A cara de Isidoro era digna de um retrato. — Que dizes!

— Se não há espaço, se não há solo, criamo-lo.

— Não fazes ideia do que dizes. — A expressão do canteiro tornou-se séria.

—

Nunca fizeste nada assim.

— Sei como levá-lo a cabo.

— Não, não estou a ver. — Isidoro abanou a cabeça e passou as mãos pela cabeça rapada. — E o acesso? Terás de criar outro.

— Por aqui — disse Fortún, apontando para o mesmo espaço vazio.

— Não faz sentido, não podes entrar pelo mesmo lugar onde pretendes edificar o templo.

— O acesso será por baixo da igreja, através de uma passagem coberta. Por cima, estará a nave do templo. E sob os pés e a cabeceira, construiremos um corpo de guarda e uma igreja inferior que funcionará como cripta.

— Fortún! — Ficou em silêncio, como que abstraído. — Reconsidera, por amor de Deus! Mudaste mesmo, já vejo que sim. Estás ainda mais louco! Pensa antes de falares, pretendes construir uma igreja num espaço onde agora só há ar e, além do mais, queres que a porta de acesso ao castelo fique no mesmo lugar. —

Isidoro levou de novo as mãos à cabeça. — Todos estes anos de exílio afetaram-te, estás... Perdeste o juízo, meu amigo.

— Enganas-te, podemos fazê-lo. — Agora era Fortún que sorria.

— Não! A abside da tua igreja imaginária, onde a edificaremos? O cilindro absidal, quanto mediria?

— Tenho de o calcular, a partir dos alicerces... talvez duzentos pés. — Fortún deu uma gargalhada. — É perfeito! Uma igreja assim impressionará qualquer um, a abside será mais uma torre do castelo, a cripta ficará funcional e o acesso poder-se-á defender facilmente. Loarre será uma fortaleza ainda mais bem apetrechada.

— É uma loucura.

— Sim, já o vejo. Sei como será. Vamos, Isidoro, lembrava-me de ti mais intrépido. Os anos adormeceram-te o espírito, onde está o meu amigo?

— E o seu anda desbocado. — Desataram a rir-se. — Fortún, sou canteiro, não posso imaginar o que planeias. Se acreditas nisso, conta comigo.

— Tinha a certeza.

— Mas ficas a saber que o que pedes é um autêntico milagre.

— Eu sei, por isso vai correr bem.

— Temos de começar de imediato, o que pretendes exige um esforço tremendo.

— E dar-nos-á uma satisfação maior. Quando o rei vir...

— Calma, Fortún, que ainda não começaste — lembrou-o Isidoro, agarrando-o pelo braço —, por agora, está só na tua cabeça.

As obras demoraram a começar mais do que o aconselhável, pois foi preciso planear ao pormenor todas as necessidades, a mão de obra, desenhar os planos, tomar medidas. Isso levou vários meses, nos quais Fortún não desperdiçou de todo o tempo. Pôs-se a par do que acontecera em Loarre durante os anos de ausência. Conheceu Constanza, e alegrou-se por o amigo a ter escolhido como companheira. Desfrutou com Eneca, recuperando o tempo que pôde, e sobretudo, descobriu a filha Laura.

— Eneca, alguma vez pensaste que eu não voltaria?

— Não, mas que talvez fosse demasiado tarde.

— Tarde? — O mestre de obras ficou alarmado com aquela confissão. — Para quê?

— Para conheceres a tua filha, para a veres crescer. Tarde para mim.

— Para ti? O que queres dizer com isso?

— Fortún, não voltes a deixar-me sozinha, estou a avisar-te. E cuida da Laura, não quero que sofra como eu, espero que se case e seja feliz. Farei o

que for preciso para que tal aconteça, qualquer coisa. É nossa filha — enfatizou —, tua e minha.

— Tem calma.

— Eu estou muito calma.

— Eneca, eu vou cuidar de vós.

— Mais te vale.

Capítulo Sessenta e Sete

LOARRE. 23 DE FEVEREIRO DE 1072

Os moçárabes chegados a Loarre instalaram-se nas casas abandonadas pelos que tinham partido quando as obras pararam. Assim, o castelo manteve uma população importante e estável. Ajudaram especialmente nos trabalhos agrícolas, revelando conhecimentos que os locais desconheciam. Assim, a produtividade dos campos aumentou e, com eles, foi possível mitigar a diminuição no comércio, pois, dada a falta de trabalho na obra, também não se verificava um fluxo comercial como outrora. E as rotas cortadas pela ofensiva muçulmana obrigavam-nos a ser autossuficientes.

Não foi só na agricultura que os recém-chegados se revelaram prestáveis.

Bernardo e os seus colaboraram também nos trabalhos da fortaleza. Bernardo ajudou Fortún a terminar as obras de ampliação da cisterna de Loarre, um amplo espaço retangular que decidira dividir ao meio através de um muro central e ligar através de um vão em volta perfeita. Tudo estava revestido a argamassa hidráulica, para que o líquido acumulado não escapasse da cisterna. O mais brilhante da construção fora a entrada da água: concebera uma caleira que, a partir do terraço que construía sobre as cisternas, levava a água da chuva para o interior.

Com eles em Loarre, as obras avançaram a uma velocidade inconcebível até então. Sem saber, ao provocar o seu exílio, os muçulmanos tinham dado a

Fortún a mão de obra especializada de que necessitava para reedificar Loarre num espaço de tempo inimaginável.

Eneca chegou tarde essa noite. Estivera bastante tempo com uma ovelha que tivera dificuldades em dar à luz, mas tudo correria bem. O forte vento parecia querer atravessar os muros da casa e era certo que o tentava com afinco. Não se surpreendeu ao encontrar Fortún acordado, a gastar a última vela, rodeado de pergaminhos, esgotado, com os olhos encovados em poços de dúvidas e a pele tão pálida que parecia doente. Sabia melhor do que ninguém como a incerteza afugenta o sono e engana a fome.

Recostada na enxerga, encontrou Laura, que certamente tinha adormecido à sua espera. Beijou a filha na testa e aproximou-se de Fortún.

Conhecia a sua tenacidade, a sua predisposição para realizar o impossível, para sonhar com o que o homem ainda não conhecia. Aquele encargo do rei sobrepujava-o, talvez nem ele fosse capaz de concretizar os sonhos do monarca.

Nos primeiros dias, fora estranho voltar a estar com ele, mas passado pouco tempo essa sensação desaparecera, como se, em todos aqueles anos, ele nunca tivesse saído do seu lado.

Eneca vestiu uma camisa sem fendas, folgada, com as mangas abalonadas e ajustadas com punhos que lhe cobriam os pulsos e parte do antebraço. Caía-lhe até aos tornozelos, de onde pendia uma corrente em jeito de pulseira.

— Fortún, vamos para a cama.

— Não posso, tenho trabalho...

— Amanhã, por favor — pediu-lhe, com uma doçura que atravessou a intransigência de Fortún.

— É que isto é importante.

— Estivemos anos sem nos vermos, Fortún, ainda temos muito que recuperar.

Apagou a vela e ajoelhou-se diante de Eneca, desapertou-lhe as bragas e deslizou-lhas pelas coxas até lhas tirar pelos pés. Meteu-se na cama com ela, acariciou-lhe o cabelo e passou-lhe as pontas dos dedos pela nuca. Depois, percorreu-lhe a espinha dorsal com uma mão, subiu e voltou a descer. Começou a beijar-lhe o pescoço, ouvindo o barulho do seu coração, como acelerava. Eneca gostava daquele bater de tambores, de sentir como a sua pele se arrepiava.

Fortún deixou-se levar, até que começou a procurar com afinco os lábios de Eneca, tanto que, quando os encontrou, não tardou a devorá-los. Beijava-a com paixão inusitada, como se não fosse capaz de saciar a sede de a amar. Nesse momento, sobrava-lhe tudo o que não fosse a pele de Eneca e tentou desajeitadamente tirar-lhe a camisa, mas ela não lho permitiu ainda.

Pegou nas mãos de Fortún e meteu-as dentro, para que chegassem até aos seus seios. Sentiu como aquilo o deixava louco e puxou-o mais para si. Fortún era um vulcão prestes a explodir. Tentou controlá-lo, procurou os seus lábios e beijou-a

lentamente, tentando em vão acalmar as palpitações no peito. Resultou, ainda que apenas por alguns instantes. Logo depois, precipitou-se sobre ela e voltou a beijá-la, olhando-a fixamente nos olhos e penetrando-a por fim. Amaram-se como antes, como nunca deviam ter deixado de fazer. E Eneca olhou para onde Laura dormia e sentiu um halo de tristeza, oxalá ela fosse fruto do seu amor.

Se havia alguém capaz de arrancar um sorriso a Fortún, era a filha Laura. A menina era diferente de Eneca, e também do pai. O mais estranho em Laura era não parecer filha de nenhum deles. Ou, pelo menos, não de forma evidente. As outras crianças pareciam-se muito com um dos progenitores, ou até com ambos.

Laura não, e esse facto não tinha igual em Loarre. E não era claro que isso fosse um traço positivo.

Às vezes, as gentes de Loarre, e eles mesmos, tentavam ver com qual dos dois se parecia mais ou menos, conforme se olhasse. Laura tinha os olhos enormes e brilhantes, nada que ver com o negrume da mãe. Abandonara a

timidez inicial e era agora extrovertida, divertida e jovial. Intuitiva ao mesmo tempo, mas não com as capacidades de Eneca. Nela, era tudo mais natural, como se não precisasse de se esforçar para aprender, sorrir ou cantar, pois cantava maravilhosamente.

Numa dessas tardes, Fortún estava a trabalhar no projeto da igreja, sentado no chão, a olhar para uns desenhos feitos em pergaminho. A filha espreitou-lhe por cima do ombro. Embora concentrado, Fortún sentiu-a. Conhecia bem o aroma de Laura, doce e jovem ao mesmo tempo.

— Olha, este é o novo Loarre.

— O que se passa com o velho? Eu gosto.

— Ficou pequeno, vais gostar mais deste.

— E isto o que é? — perguntou ela, apontando para o pergaminho.

— A entrada, com um pantocrator. Estará coberta, porque por cima haverá uma igreja monumental.

— Esta aqui — Laura fitou-a, pensativa —, o que há por cima da igreja?

— Nada, um telhado. A igreja é a casa de Deus, mas esta é especial, porque foi um rei que a mandou fazer, por isso tem de ser diferente.

— Como sabe o rei que é a casa de Deus? Ele não o vê.

— Laura, o que dizes?

— Onde está Deus dentro da igreja? — perguntou, para seu assombro.

— Está em toda a parte...

— Deus está no céu, pai — disse Laura, olhando para as nuvens. — Não pode ser essa a sua casa.

Fortún olhou para a filha e entendeu que ela tinha razão. Deus está no céu, se a igreja era a sua casa, Deus devia continuar a estar no ponto mais alto. E

então percebeu o que a filha fazia. Com o dedo manchado do carvão com que ele trabalhava, desenhou um círculo sobre a igreja.

— Este é Deus.

Como se de um raio se tratasse, Fortún sentiu que uma força descomunal o trespassava, paralisando-o, deixando-o sem palavras, sem ar, sem forças. Olhou para a filha, assombrado, e agarrou-a pelos ombros.

— Deus é um círculo, não é verdade, Laura?

Na base do castelo, Isidoro trabalhava esculpindo blocos segundo um padrão que o mestre de obras lhe dera, uma decoração singular à base de cilindros alternados, em jeito de friso, simples, mas ao mesmo tempo elegante e harmoniosa. Inicialmente, não se mostrou convencido, mas agora o canteiro estava entusiasmado com a ideia e pensava dominar a técnica o mais cedo possível.

Tinham começado a aterrar o terreno contíguo ao castelo atual, enchendo de terra um espaço delimitado por uns altos muros de silhares que estavam ainda a ser erigidos. Para tal, tinham chegado canteiros de Jaca, agora que as obras da catedral estavam paradas devido a um confronto entre o novo bispo, o infante

Garcia, e a condessa Dona Sancha, também irmã do monarca e, portanto, do próprio bispo. Aparentemente, a questão não era de somenos, a condessa passava por ser uma das personagens mais influentes da corte, a mulher mais virtuosa e respeitada do reino. Nada se interpunha entre ela e os seus desejos, nem bispos, nem nobres, nem o próprio irmão, o rei, que a tinha em alta estima.

Em Loarre, ouviam-se diversas histórias sobre ela, tantas que era difícil distinguir as reais dos devaneios caluniosos. O povo tende a exagerar, ainda que também fosse verdade que, muitas vezes, eram os nobres e senhores quem deixava escapar rumores sobre os rivais, para que os mexeriqueiros, jograis e charlatães se encarregassem de os espalhar pelo reino. Havia quem fosse de aldeia em aldeia a contar as supostas notícias da corte. Instalavam-se nos mercados e, à volta deles, cresciam grupos de curiosos e

mexeriqueiros. Todos queriam ouvir as histórias sobre as vitórias do rei, a construção da Catedral de Jaca, os prodígios das relíquias de São Demétrio e os viajantes que chegavam pelo Caminho de Santiago, vindos de longínquos reinos cristãos.

Esta rota convertera-se na maior fonte de rendimentos de Aragão, uma vez que, consagrada como a porta da Península para toda a cristandade, o fluxo de peregrinos e viajantes não parava de aumentar, e com eles as portagens que pagavam. Noutra hábil manobra do rei Sancho Ramires, o reino encontrara forma de financiar os ambiciosos sonhos, entre eles, Loarre.

Eneca já não era juvenzinha, cada vez lhe custava mais sair para o bosque em busca das plantas, e Laura não a ajudava o suficiente, pois, por muito que ela tivesse tentado, a rapariga não mostrava a predisposição da mãe para essas habilidades. Assim, e apesar dos anos, ainda ia recolher as matérias-primas.

Gostava disso, pelo que, apesar do esforço exigido, o fazia de bom grado.

Quando já tinha a cesta cheia, costumava recostar-se, apoiada no tronco de alguma carrasca, e dormia uma sesta antes de regressar a Loarre. Nesse dia, encontrara tudo de que precisava com uma prontidão invulgar, pelo que se instalou e desfrutou do bosque, dos sons, dos cheiros, da cor. Pensou em Fortún, o marido, o seu amor. Tanto tempo à espera valera a pena, agora já nunca se separariam, antes a morte. E Laura, a luz da sua vida, o seu...

Sentiu uma palpitação no peito, uma forte pontada fê-la gritar de dor.

Fechou os olhos.

Ali estavam, os olhos vermelhos voltavam a aparecer.

Eneca sentiu o terror como nunca, abriu os olhos e olhou em volta. Não estava ali ninguém, mas sentiu uma presença, familiar, como uma lembrança do passado.

O seu coração parou de bater apressado, a sua respiração acalmou. Mas ela, não, sabia que algo se aproximava, algo velho, perigoso, conhecido. Mas o

quê?

O sol bateu com força depois do São João. Desde o despontar da manhã, começou a ouvir-se o martelar dos canteiros. Os pesados blocos de arenito vinham das pedreiras vizinhas puxados por mulas. Descarregavam na aldeia e aí começava o concerto. O ruído foi acatado como normal pelos abundantes povoadores de Loarre. Como uma cantiga cujo ritmo se assume e se trauteia sem querer.

Como crescera o lugar. Já não era uma aldeia na montanha, mas sim um importante núcleo sob o imponente castelo. De facto, os numerosos habitantes começavam a causar problemas de diversa índole. Os mais evidentes tinham que ver com os mantimentos e o espaço habitável no recinto exterior que continuava inacabado. E outros, como quando subiam para a missa na igreja do castelo, visivelmente pequena para tal congregação de fiéis.

O abundante trabalho fazia com que estivessem satisfeitos. Toda a mão de obra era bem-vinda. Muitos comerciantes do outro lado dos Pirenéus tinham chegado com os seus produtos.

De modo a vigiar tanta gente e também evitar ataques, o rei enviara parte da mesnada real. A presença daqueles imponentes homens armados acalmava qualquer princípio de violência e aumentava o ânimo. Ocuparam posições nas torres e atalaias exteriores. Começaram a fazer guardas contínuas e cortaram a vegetação à volta de Loarre para que, em caso de ataque, os sitiadores não pudessem ocultar-se entre as árvores próximas das muralhas. Assim, o castelo ficou rodeado por uma extensa zona de terra despida e erma.

Num dia de nevoeiro no início de outubro, um desses soldados alertou Fortún

para a chegada de um grupo de monges.

— São treze — comentou um rapaz perto do mestre de obras.

— Doze e um abade, é a comunidade que irá viver no mosteiro dentro do castelo

— afirmou Fortún, pouco entusiasmado. — Chegam cedo. Ainda não terminámos os seus pavilhões e muito menos a nova igreja.

— Fortún! — Eneca veio a correr.

— Já os vi, são agostinhos.

— Esperemos que o abade seja tolerante, caso contrário, dar-nos-ão problemas.

O rei ordenou que os acolhêssemos o melhor possível. Chama o sacerdote, precisamos dele.

— Deus providenciará. — E Eneca foi em busca de Ramón.

O jovem religioso, que em nada se parecia com o velho padre de Loarre, tinha feições agradáveis, e um ar infantil no olhar deixava claro que tinha poucas intenções de pegar numa arma.

Em instantes, formou-se uma comitiva de boas-vindas que esperava aos pés das obras da nova igreja.

— Fazes ideia de quem pode ser o abade? — perguntou Fortún ao sacerdote.

— Não, enviei vários mensageiros a Jaca, mas não obtive resposta a essa dúvida.

Ninguém sabe de nada sobre ele, nem o bispo Garcia. Demasiado secretismo, Fortún, isso não pode ser bom.

— Pois acho que vamos tirar essa dúvida agora mesmo.

O grupo de monges entrou lentamente em Loarre, envoltos em folgados hábitos com a cabeça protegida por amplos capuzes pontiagudos. Calçavam

sandálias pouco próprias para o terreno que haviam percorrido e traziam poucos pertences.

Os treze pararam em silêncio, baixaram todos a cabeça menos um, que deu um passo em frente e se virou para Fortún e para o sacerdote.

— Bem-vindo, alegra-nos que tenhais chegado a Loarre — disse Ramón, encarregando-se de os receber —, toda a ajuda é escassa. Permitti que vos mostre onde dormireis enquanto duram as obras.

— Não o faremos no castelo? — inquiriu o abade.

— Ainda não é possível — interveio Fortún. — Chamo-me Fortún e sou o mestre de obras. Enquanto terminamos, ficareis bem junto à velha ermida da aldeia.

— E eu... — tirou o capuz ante o assombro de todos. — Sou o abade Simeón, prepósito de Loarre, enviado especial de Cluny a esta fortaleza.

O sorriso do abade foi a única coisa capaz de cortar a espessura amarga do ambiente, que se tornara pesado, como se o ar tivesse solidificado e fosse uma barreira que os impedia de se mover, respirar e até de falar. E o abade sabia, nos seus olhos reluzia o brilho dos que se sabem convictos da vitória.

A Eneca, tremeram-lhe as pernas e um nó angustiante formou-se na sua garganta. A maioria dos habitantes de Loarre não sabia quem era o abade, nem Galindo nem Isidoro, postados atrás de Fortún. Nem os mais velhos reconheceram aquele que agora se fazia chamar Simeón.

Eneca entendeu tudo, a visão no bosque, a memória do passado. Olhou-o nos olhos e viu-os, um vermelho-sangue refletia-se nas pupilas, era ele que a atormentava em sonhos.

— Que fazes aqui?! — Eneca, quem mais, foi a única que se atreveu a desafiá-lo. — Simeón! Que farsa é esta? És o Javierre, um... — Não terminou a frase porque Fortún tapou-lhe a boca.

— Cala-te, é o abade — sussurrou-lhe.

— Que dizes? É o...!

— Eneca, não! Agora não.

— Vim com estes doze clérigos para criar uma congregação em Loarre, assim o quer o Santíssimo. — O abade juntou as mãos à altura do peito. — Acima de todas as coisas, queridíssimos irmãos, amemos a Deus e depois ao próximo, pois foram estes os principais mandamentos que nos foram dados.

O abade sorriu e voltou a cobrir-se com o capuz. Eneca e Fortún ficaram petrificados.

Quando os monges começaram a instalar-se, Fortún contou aos restantes quem era o abade e todos emudeceram ante a revelação.

— Fortún, não podes fazer-lhe nada, é um cluniacense. Se algo lhe acontece, queimam-te na fogueira.

— Sim, já sei, mas...

— Nem mas, nem meio mas — interrompeu Galindo. — Fica tranquilo, já veremos o que fazemos. Por agora, tenta manter a calma.

— Assim farei, mas não entendo o que faz aqui, porque voltou?

— Não te castigues com isso, todos sabemos.

— Talvez tenha mudado — afirmou Ramón —, Deus pode ter-lhe mostrado o caminho.

— Padre, falais a sério?

— É abade, porque não podemos acreditar que encontrou o verdadeiro caminho da fé?!

— Tudo é possível — disse Isidoro, dando um suspiro —, mas custa a acreditar.

— Galindo, vigia-o, não confio nele — ordenou Fortún. — Por agora, não podemos fazer nada.

Eneca e Constanza caminhavam pelas profundezas do bosque. A sua respiração desenhava-se na espessura da natureza e só as peles de corço as protegiam da humidade e do frio. Não havia senda nem meandro que lhes indicasse o caminho, apenas o instinto da mulher que falava com os animais as guiava na penumbra. Chegaram a uma inesperada clareira, onde crescia vegetação diferente da do resto do bosque. Eneca encontrara-a, sorriu à companheira e agachou-se para colher as folhas daquelas plantas. As duas mulheres trabalharam arduamente para encher as cestas de vime, procurando não danificar as plantas mais do que o necessário, a fim de poderem continuar a crescer e a dar novas

folhas para colherem.

A meio da tarde, terminado o trabalho, regressaram a Loarre pelo mesmo caminho por onde tinham chegado até ali.

— Como fazes? — perguntou Constanza. — Como te orientas neste lugar?

— Pelas árvores, pela variedade, tamanho, pela espessura dos troncos, pela vegetação que cresce debaixo delas. São pistas que é preciso ler com paciência.

— Onde aprendeste?

— Ensinou-me uma velha quando eu era pequena e depois... Durante uma temporada, vivi sozinha num lugar como este.

— Eneca, tenho uma coisa para te contar.

— Passa-se alguma coisa contigo? — inquiriu ela, alarmada.

— Não! Bem, sim... — Constanza hesitou. — Eneca, estou grávida.

— O quê?! — Parou para a abraçar e dar-lhe um carinhoso beijo na face. —
O

Isidoro é o pai?

— Pois claro, por quem me tomas?

— Desculpa, é fantástico!

— Sim, sou a mulher mais feliz do mundo. Sempre quis ter uma família com muitos filhos e que depois eles me dessem netos. Ainda não disse ao Isidoro.

— E estás à espera de quê?

— Tenho medo — observou ela, ruborizada. — Há homens que não gostam de... tu sabes...

— Constanza, não digas tolices. O Isidoro vai ficar louco de alegria. Tenho a certeza disso. Ouve, a família é o mais importante que existe. O teu próprio sangue, gente que te ama apesar de tudo. Oxalá eu pudesse dar filhos ao Fortún, mas o meu tempo já passou.

— Tens medo de que o Fortún queira ter mais filhos?

— Ele é diferente, não se pode saber o que quer. Quando julgas que quer algo, surpreende-te com outra coisa. Mas sabes como são os homens, e ainda mais quando ficamos velhas.

— O Fortún não é desses. De certeza que te ajeitas para o levar a fazer o que queres. — E as duas mulheres riram. — Tenho de ir já, prometi ao Isidoro que estaria lá quando ele regressasse.

— Ainda tenho de apanhar umas ervas do rio.

— Não posso deixar-te sozinha.

— Como não?

— De modo algum, lembra-te de que já te raptaram uma vez. Se algo te acontecesse, não me perdoaria.

— Constanza, não te preocupes. Por favor, vai, todos os dias saio para o bosque e não me acontece nada, e mesmo que acontecesse, continuaria a fazê-lo.

— Tem cuidado, promete-me.

— Sim, vai ter com o Isidoro e conta-lhe.

Eneca seguiu para uma zona mais frondosa, colheu o que desejava e voltou ao castelo pelo caminho mais seguro, sob a vigilância das torres do castelo, que, como sentinelas de pedra, guardavam a montanha contra os infiéis.

Ao longe, intuiu uma figura que vinha em sentido oposto, não era frequente ver viajantes por ali, pelo que devia ser um habitante de Loarre. À medida que ambos se aproximavam, amaldiçoou a sua sorte.

— Olá, Eneca.

— Tu... — Tentou controlar a ira, acumulada durante tantos anos que pesava como ninguém podia imaginar. — Javierre, ou deveria dizer Simeón? Que fazes aqui? — perguntou, enojada. — Quem vens matar ou humilhar?

— Enganas-te comigo, eu não sou como pensas.

— Um mesquinho e um assassino? Um violador...?

— É então isso que pensas de mim, não sabes como lamento.

— Pensas o quê? Não me enganas, por mais que vistas um hábito, por mais que representes Cluny... Por mais que tenhas mudado de nome, continuas a ser o Javierre que matou o lombardo e o pai do Fortún, aquele que me...

— Deus soube perdoar os meus pecados.

— Como dizes?

— Ele entendeu, sabe... podemos dizer que faz vista grossa a algumas das minhas fraquezas.

— Fraquezas? Falas de quê?

— Eneca...

— Não dês nem mais um passo, ou eu...

— O quê? Vejo que não entendes, agora sou o abade de Loarre. Represento Cluny e Roma — sussurrou-lhe perto do ouvido. — Ouvi dizer que tens uma filha, acho que se chama Laura.

— Nem te passe pela cabeça aproximares-te dela.

— Laura, que bonito nome.

Capítulo Sessenta e Oito

LOARRE. ABRIL DO ANO 1073

Na solidão do austero templo castrense, o abade encontrava-se de pé frente aos doze monges que o acompanhavam. A luz entrava pela única janela que se abria a ocidente e que rasgava a penumbra da nave como uma faca em carne vermelha. Há tanto tempo que ninguém o chamava pelo primeiro nome que foi estranho ouvi-lo novamente dos lábios de Eneca. Tinha de ser ela a voltar a pronunciá-lo, não outro dos milhares de homens e mulheres do nosso mundo, não.

Eneca.

Quem mais senão ela?

Javierre lembrava-se de quantas vezes assistira à missa ali mesmo, sentado nos últimos lugares, apertado pelo corpo das outras pessoas, o seu odor vomitivo, os espirros, os catarros, os comentários grosseiros, os olhares, a indiferença.

Agora estava no altar, diante dos monges que o ajudariam a converter Loarre na ponta de lança da Igreja. Aqueles néscios não se davam conta, tinham-se vendido a Roma e o santo padre cobrava sempre as dívidas. Não era o pagamento anual que Alexandre II procurava, nem a vassalagem de um rei, com um novo e insignificante reino. Nada disso. As suas aspirações eram mais altas.

Os doze monges da nova congregação acabaram de cantar os salmos e o abade pediu-lhes que se ajoelhassem diante do altar.

— Irmãos, lembrai-vos de que, em primeiro lugar, já que para este fim vos congregastes em comunidade, deveis viver na casa unânimes. Tende uma só alma e um só coração, voltados para Deus. — Todos assentiram. — Não possuireis nada próprio, mas tudo tereis em comum, e o Superior distribuirá a cada um de vós alimento e vestuário, não igualmente, pois nem todos tendes a mesma compleição, mas a cada um segundo as suas necessidades;

tal como ledes nos Atos dos Apóstolos: «Tinham todas as coisas em comum e dava-se a cada um segundo o que necessitava.»

Desde o seu estabelecimento em Loarre que, todas as manhãs, o abade instruía os monges sobre as obrigações. Não queria permitir que estivessem na presença de gente não religiosa, principalmente de mulheres que pudessem alterar os seus votos. Por isso, ordenou que os enclausurassem de algum modo no recinto militar, ainda que aí tivessem de se encontrar com os homens de armas, pouco subtis e de moral demasiado oposta à dos clérigos.

Os monges tinham uma dura rotina, submetiam a carne a jejuns e abstinências na comida e na bebida, à medida do que a saúde lhes permitia.

Desde que se sentavam à mesa para comer até que se levantavam, ouviam sem ruído nem discussões o que segundo o costume se lia da Bíblia, para que não fosse só a boca a receber o alimento, pois a alma também tinha fome da palavra de Deus.

O abade era o único que saía para a aldeia, era respeitado e temido por todos, poucos ousavam olhá-lo de frente, ou melhor, nenhum. Qualquer coisa que exigisse era-lhe proporcionada sem reclamar, de fruta a vinho, pão ou tecidos. O

poder agradava-lhe, custara-lhe tanto a ganhar que se lembrava do que sofrera no seu longo peregrinar pela vida. De como conseguira ser admitido num mosteiro perto de Lyon, obtendo cada vez mais responsabilidades e não hesitando em usar qualquer possibilidade para conquistar o favor do abade. Depois, vieram os trabalhos mais obscuros, aqueles em que os senhores religiosos não deveriam ver-se envolvidos, mas nos quais estavam. Não era em vão que eram homens, com vícios e pecados. Aí encontrara o seu caminho, que o levava de volta a Loarre, que contradição.

Nem tudo lhe agradava em Loarre. Que ninguém o desafiasse, que nenhum daqueles montanheses se atrevesse a levantar-lhe a voz, e quem diz a voz, diz sequer o olhar, fazia-o aborrecer-se e sentir-se tristemente rotineiro.

Deu a volta à esquina de uma casa e deparou com uma jovem. Era diferente das outras gentes de Loarre, tinha um halo de indiferença impróprio da idade. Não hesitou em suster-lhe o olhar quando se cruzaram, nem moveu um só músculo, não tremeu nem sentiu o coração palpitar com mais força, limitou-se a ignorá-lo, como se ele fosse um vulgar pastor, como se não fosse abade. Isso agradou-lhe.

Ficou parado a ver a jovem afastar-se. Distraído com a sua figura, não viu como Eneca o vigiava ao longe.

Vê-lo por Loarre não fazia mais do que aumentar a animosidade que Eneca sentia em relação ao abade. Sofrera tanto por sua causa, não parava de pensar que a perda do filho que esperava de Fortún podia ser culpa de Javierre, se ao resolver o mal que ele lhe fizera, provocara também a perda daquele tão desejado filho.

— Como é possível? Explica-me! — dizia Eneca, levantando a voz. — Como pode ele andar à solta por Loarre, como se fosse o senhor do castelo, como se não tivesse feito nada?

— Não sei. — Fortún emudeceu.

— E parece-te bem?

— Como me há de parecer bem, Eneca? — Fortún pegou-lhe na mão. —

Acalma-te.

— Que me acalme! Como podes dizer-me tal coisa? Temos de nos livrar dele!

Aviso-te de que não continuo em Loarre com ele aqui, e a Laura também não, partiremos para o bosque.

— Diz-me, o que queres que faça? É o abade dos monges agostinhos, tem o apoio do rei, de Cluny e até do papa. Eu sou só um construtor.

— O homem por quem me apaixonei não era apenas um construtor. Disseste-me que construirias o maior dos castelos por mim. Não te exijo

tanto.

— E o que me pedes então?

— Ainda não sabes? Mata o Javierre — disse sem preâmbulos —, se não o fizeres, terei eu de o fazer.

— Não posso assassinar um homem sem mais nem menos.

— Sem mais nem menos, dizes tu? Sem mais nem menos! Lembro-te tudo o que ele nos fez, ao teu pai, ao velho lombardo, ao sacerdote, a mim!

— Agora é abade, não é assim tão simples.

— E como achas que terá conseguido? Garanto-te que não foi a fazer nada de

bom. Vá-se lá saber que maldades terá praticado para aceder a um posto daqueles, não percebes isso?

— Sim, já sei. Sou o primeiro a saber aquilo de que ele é capaz, mas agora não posso fazer nada.

— Não acredito no que oiço, o que se passa contigo? Subiram-te, porventura, à cabeça as viagens a Jaca? As tuas audiências com o rei? Diz-me! Já não nos amas, à tua filha e a mim? — Eneca virou costas bruscamente e saiu do quarto.

Fortún não fez menção de a seguir, ficou parado e abatido. Tocou no porta-relíquias que trazia pendurado ao pescoço, por dentro da saia. Só podia fazer uma coisa, a que melhor sabia.

Regressou à zona de obras, onde os trabalhos de aterramento se misturavam com os dos escultores encarregados dos capitéis que decorariam o templo. Era assombroso ver como uma quadrilha de francos manejava o martelo e o cinzel, dando vida a um simples bloco de pedra. Admirava Isidoro, como enquadrava os silhares, a rapidez com que esculpia as faces e arestas; mas aquilo... aquilo não tinha nada que ver. Era como comparar um escudeiro com um cavaleiro, ambos sabiam manejar as armas,

mas nunca poderiam defrontar-se em combate. Isidoro era um magnífico canteiro, mas aqueles francos eram verdadeiros artistas da pedra.

Mesmo entre aqueles escultores detetavam-se diferenças no trabalho. Embora todos seguissem a mesma linha, evidenciavam-se pelo menos duas categorias.

Uma que esculpia as cenas mais complicadas e outra os pormenores. E, acima de ambas, um génio chamou a atenção assim que chegou. Tratava-se de um homem moreno e com barba densa que lhe pendia quase até à cintura. Tinha uma estatura corpulenta, mas os seus movimentos eram subtis e o olhar esquivo. As palavras saíam-lhe da garganta com pouca frequência, como se não soubesse expressar-se. Nada disso importava, pois Sergio, assim se chamava, era um verdadeiro artista, ninguém esculpia com a genialidade daquele franco.

Fortún compreendeu que alguém assim não chegava por acaso a um lugar como Loarre, indagou um pouco e descobriu que era um escultor pago pelos cluniacenses.

Há muito tempo que o abade de Cluny se convertera também em abade de Moissac. Conseguira assim uma ponta de lança por onde atravessar os Pirenéus.

A imunidade cluniacense, junto com a abundante prosperidade material de que esta comunidade religiosa gozava, permitia-lhe a construção de todo o tipo de templos. Sergio trabalhara em Moissac e Cluny enviara-o expressamente para dirigir a decoração da igreja da fortaleza aragonesa.

Para Fortún, a monumental igreja que o rei lhe solicitara só podia ser construída num local: o acesso ao castelo. Isso implicava fazer um novo, mas também alterar todo o sistema defensivo ou, pelo menos, mudá-lo substancialmente.

A entrada do castelo e a sua escadaria intramuros eram o próximo passo.

Demoraram um par de semanas a preparar os materiais e, uma vez tudo pronto, o ritmo marcado por Fortún foi incessante.

— O templo está sobre as nossas cabeças, onde pensas colocar o acesso? —

inquiriu Javierre.

— Por baixo da própria igreja, por isso será em declive, adaptado ao desnível do terreno, mas simbolizando também que ascendemos rumo à palavra de Deus.

— E, por força, o acesso à cripta de Santa Quitéria far-se-á a partir desta entrada, à direita.

— Sim, e diante dela ficará o corpo de guarda. Fechá-la-emos com uma abóbada de meio canhão, com os respetivos arcos principais apoiados em pilastras, que poremos ao início e ao fim da rampa, para dar maior segurança e destacar ambos. Na união da mesma com os muros verticais, terá um acabamento em forma de moldura de pequenos cilindros planos, como a que vi na Catedral de Jaca. Que maravilha de templo estão a terminar aí, devemos aproveitar-nos de todos os engenhos usados na capital.

Tal como Fortún desenhara, a passagem que cruzava por baixo da nave da igreja ganhou forma. Foi um duro empreendimento perfurar a montanha para tal fim, mas esse acesso em rampa era essencial, e não só por motivos simbólicos ou construtivos, mas também militares. Aquela entrada dava muitas hipóteses de ser defendida a partir do interior, com o tremendo declive que permitiria atirar objetos aos rebolões e dificultaria o acesso aos inimigos.

Fortún tinha em conta todos os pormenores, longe ficara o rapaz distraído da infância e o jovem impaciente que continuara com o castelo lombardo. Agora, era um homem na sua plenitude e demonstrava-o em cada decisão. Por isso,

idealizou a criação de diferentes séries de degraus na escadaria da rampa, formando três pistas, uma maior ao centro e duas laterais mais pequenas, reservando a central a tenentes, nobres, cavaleiros e clérigos, e as laterais à guarda e ao povo.

O trabalho era incessante, todos cumpriam as tarefas e todas as semanas se avançava um pouco mais.

Outro assunto complexo foi criar suficiente espaço horizontal para a nave do templo. Fortún teve de construir uma dúzia de guias com tambores de madeira para subir o material necessário e poder criar um terraço onde antes só havia ar, ganhando espaço ao terreno escarpado. Assim, cripta, escadaria e corpo de guarda formavam um triplo terraço que sustentava consecutivamente o plano horizontal da igreja superior.

Fortún estava obcecado com o acesso que ia criar, pelo que decidiu prosseguir com a sua audácia e dividiu a segunda parte em dois trajetos divergentes, a oriente e a ocidente.

Faltava-lhe resolver a comunicação da rampa com a cripta e com a igreja superior. Por um lado, não queria que nada perturbasse o seu acesso, por outro, tinha de dar solução a esse problema construtivo. Estes conflitos não apareciam no livro do lombardo, nem tinham sido abordados a semelhante escala ao construir as defesas do castelo. Mas agora, ao unir diferentes funções, encontrava controvérsia em cada escolha, tendo de procurar soluções que conciliassem todas as necessidades da fortaleza.

Optou, assim, por unir a cripta à grande igreja através de duas escadarias intramuros. Quando o explicou a Isidoro, o canteiro ficou assombrado.

— Isto que construístes, na verdade não é só uma ligação, é uma armadilha!
—

observou Isidoro.

— Que esperto és — e riram-se sem parar —, pensei que essas escadas estarão semiocultas para quem entra, e ainda mais se não conhecerem o castelo e houver pouca luz.

— E, em caso de ataque, proporcionariam a possibilidade de surpreender o atacante pela retaguarda — continuou Isidoro.

— A igreja deve fazer parte das defesas do castelo.

O mestre de obras dirigiu-se à mesa de trabalho, sentou-se numa cadeira dobrável, pegou no carvão e traçou as linhas mestras no pergaminho. Via claramente qual devia ser o processo. Primeiro, edificar o templo, e depois desenhar novas defesas. Loarre não devia perder a sua razão de ser, devia continuar a ser inexpugnável, uma máquina de guerra, tal como o lombardo lhe ensinara.

A igreja ficaria sob a advocação de São Pedro, pois já o evangelho de Mateus o explicitava: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.» A quem mais senão a este santo podia estar consagrada a imponente igreja de um castelo empoleirado na própria rocha? O templo adaptar-se-ia ao desigual e escarpado terreno por onde se acedia ao castelo, tal como discutira com Isidoro.

Desenhou a fachada meridional e o tambor absidal do novo templo, voltado para sul, como se fossem uma ampliação militar do castelo. Que melhor maneira de defender uma fortaleza do que converter a abside num dos cubos da muralha?

Durante vários dias, mediu e corrigiu os desenhos, precisou de tempo para calcular a altura do tambor, pois ia ser considerável, maior do que qualquer das torres que construía antes. Além do mais, tinha um problema adicional: a luz.

Construía um templo digno de um rei, uma igreja onde Deus iluminaria o novo reino, e para isso precisava de luz, muita luz. Tinha de abrir grandes janelões, sem que os altos muros desabassem.

Como fazer?, perguntava-se uma e outra vez.

— Fortún — interrompeu-o uma voz que conhecia bem, por mais que se tivesse joeirado de soberba.

— Javierre.

— Vejo que continuas envolto nos teus devaneios.

— Há gente que não muda.

— Hmm, permite-me que duvide.

— O que vieste fazer aqui? — perguntou Fortún sem se levantar.

— Não vês? — O abade avançou para ele até chegar à altura da sua mesa de trabalho. — Acho que é óbvio.

— Dirigir uma congregação — murmurou Fortún —, não quero nem imaginar as atrocidades que terás levado a cabo para conseguires que te nomeassem abade.

— Não foi fácil, mas o que o é para o filho de um pastor?

— O que queres, Javierre? Não fizeste, porventura, estragos suficientes? O meu pai morreu por tua causa e agora vens a minha casa, porquê? Não foi suficiente?

— Nunca foi minha intenção fazer-te mal a ti nem a Juan, o teu pai. Era só o lombardo que merecia sofrer. Esse velho tratava-me com desprezo. Crês que teria chegado a ser alguém importante se tivesse continuado sob o seu comando?

— Javierre envolveu as palavras num ar de confissão sincera. — Era velho e chegara a sua hora, acho que a vida nos correu bem a todos desde então, não te parece?

— Como podes dizer tal coisa, Javierre? Ele ensinou-nos...

— Não digas disparates, partilhava o saber com o teu pai, nós não éramos ninguém para ele. O teu problema é esse, Fortún, nunca te apercebias de nada e continuas a não o fazer. As coisas acontecem-te porque sim, sem que o mereças, sem as veres sequer passar.

— Por Deus, éramos amigos! Eu não te fiz nada.

— Sim, éramos, mas não te enganes, é claro que fizeste. Na tua infinita ignorância, não tinhas consciência disso. Não sabes o que aconteceu então e continuas sem saber agora.

— Claro que sim.

— Não, continuas igual. Era o que mais me enervava, sabes? Não mudaste nada.

Fortún, vim para te ajudar.

— Garanto-te que não preciso da tua ajuda.

— Claro que precisas. Porque, diz-me, onde vais colocar o piso de uma igreja de três naves? Não tens espaço físico. Eu sei e não vim para causar problemas, mas

sim para os resolver. Sou abade, Deus perdoou-me, julgas-te porventura assim tão prepotente para estares acima d'Ele? Não merecemos todos uma segunda oportunidade? Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Vede por vós mesmos: se o teu irmão peca, repreende-o; e se se arrepende, perdoa-lhe. Se sete vezes ao dia ele pecar contra ti, e sete vezes voltar e disser «arrependo-me», perdoa-lhe.

— Não posso...

— Fortún, sei que precisas de tempo, leva o que precisares.

Javierre saiu da divisão sem dizer mais nada.

A chegada dos monges transformou a vida de Loarre como ninguém podia ter imaginado. Regras rigorosas, horários estritos e fervorosa religiosidade arrastaram de tal forma toda a comunidade que Javierre tomou em pouco tempo o verdadeiro controlo do enclave. Todas as decisões, importantes ou não, religiosas ou militares, passavam pelas suas mãos. A sua autoridade não era discutida, como se sempre assim tivesse sido. Só os que o conheciam da juventude o recebavam, mas em privado. Os restantes entregaram-se sem hesitar à sua hierarquia.

Assim que os dormitórios ficaram prontos, o abade instalou-se no castelo.

Tinham sido construídos entre a torre albarrã e a torre norte, ligados à inacabada Igreja de São Pedro. Continuaram a utilizar o templo castrense,

do qual Ramón foi expulso sem contemplações. O jovem sacerdote não resistiu àquela situação e o seu estado de saúde piorou repentinamente. Eneca e Constanza tiveram de o auxiliar até ficar melhor. Não satisfeito com isso, o abade foi visitá-lo em pessoa.

— Deixai-nos a sós — ordenou a Constanza, e ela fechou a porta atrás dele.

— Abade, não era preciso que viésseis visitar-me.

— É claro que sim, como estais?

— Melhor, cuidaram bem de mim.

— Alegro-me por isso, rezei por vós e julgo que podeis ter um papel importante

aqui.

— Achais que sim? Pensava que preferíeis outro sacerdote.

— Eu não sou ninguém para decidir quem há de ser o pastor de Loarre.

— Isso é coisa de Deus.

— Exato, ainda que um abade esteja sempre mais perto d'Ele que um carpinteiro, não vos parece?

— Deceto. — Ramón tossiu continuamente, cuspiendo um catarro amarelado.

— Quantos anos tendes?

— Agora importa-vos a minha idade.

— Interesse-me por todos os habitantes de Loarre, agora sois todos meus filhos, por alguma razão sou o abade do mosteiro.

— Loarre continua a ser um castelo.

— É curioso que seja um padre a dizer isso, qualquer pessoa diria que não vos agrada a presença dos vossos irmãos aqui.

— O que quereis, abade?

— Que entendais que o que mais me importa é a construção da Igreja de São Pedro e por isso acho que devíamos trabalhar juntos para que chegue a bom porto, não vos parece?

— Enganais-vos comigo, não me ides ludibriar.

— Não, não. O que digo é que talvez esta obra exceda o engenho do Fortún. Não nos esqueçamos de que ele é um construtor de castelos, não de templos religiosos; e muito menos desta envergadura.

— Duvidais dele? Era o vosso melhor amigo.

— Sacerdote, eu sou abade, esquecei o meu passado, quem era o Javierre, e vede-me apenas como um humilde servo do Senhor, pois garanto-vos que não

encontrareis em mim restos de mais ninguém.

— Muito tereis tido de mudar para que seja verdade.

— Efetivamente, por isso vos peço, imploro, a vossa ajuda para terminar as obras da igreja.

— E o que pode um simples sacerdote como eu fazer?

— Falai com o Fortún, fazei-o ver isto que vos contei. Se ele deixar que o ajude, podemos conseguir. Estive em Toulouse e em Moissac, vi como se constroem as novas catedrais.

— Acreditais, portanto, que interferiria por vós — pigarreou o sacerdote antes de voltar a tossir. — Como havemos de confiar em vós depois do que fizestes?

— Deus fê-lo, caso contrário, não estaria aqui como abade. Não basta que Ele me tenha dado uma oportunidade?

— É possível que Ele seja misericordioso, mas...

— Julgava-vos mais prudente do que o vosso antecessor, ele tinha amigos poderosos. E vós? Quem vos ajudará? Cluny já controla o Mosteiro de San Juan de la Peña e agora também Loarre, quem vos resta?

— O bispo de Jaca.

— O infante Garcia, entendo. Não me parece que o irmão do rei seja um aliado fiável. Pensai bem, Ramón. Sois muito novo, podeis ir longe ao serviço do Senhor, seria uma pena que um futuro tão prometedor fosse truncado. Com os contactos adequados, poderíeis chegar longe, a bispo, talvez? Asseguro-vos que sei recompensar os aliados. Não arruineis a vossa vida nem a vossa alma.

Laura era um mistério para Fortún. Claro que ter perdido a sua mais tenra infância tinha influência. Ainda assim, havia algo mais, pelo que a sua relação não era tão próxima como desejaria. E isso apesar de Laura ter sido a melhor notícia que pudera imaginar.

O contrário acontecia entre Eneca e Laura, eram como unha e carne. Ao fim e ao cabo, trouxera-a a este mundo e desde então não se tinham separado. Enquanto ele era quase um estranho para ela.

Isso frustrava-o e causava-lhe uma angústia descoroçoante. Só encontrava consolo nos seus planos e no velho livro do lombardo, que guardava como o mais precioso tesouro. Fechava-se na nave da nova igreja, com os muros meio levantados, e trabalhava aí de sol a sol. Procurava incansavelmente a solução construtiva para o templo. Fazia-o sozinho, nem Isidoro podia entrar quando trabalhava nela. Ninguém o interrompia. Nessa tarde, porém, a silhueta do abade desenhou-se na porta da igreja.

Ao fundo, Fortún aguardava-o. Sabia que aquele momento tinha de chegar mais tarde ou mais cedo. E ainda mais quando o jovem sacerdote falou com

ele, pedindo-lhe uma oportunidade para o velho amigo, para o assassino do seu pai.

Javierre avançou e pôs as mãos sobre os planos, perscrutando-os com interesse, com um esgar nos lábios.

— Poderás construir muros tão altos como os que tens desenhados? Não é que duvide, sou só precavido. Não te esqueças de que precisamos de luz dentro da igreja.

— Não penso noutra coisa.

— E então? Como vais aligeirar o peso para poderes abrir janelões?

Fortún pegou no carvão e desenhou um semicírculo.

— Com arcos!

E depois traçou de forma diferente as partes superior e inferior.

— Com arcos de descarga — assentiu o abade. — Vejo que não perdeste tempo, essa tua cabeça continua a encontrar soluções audazes, sempre o fez.

— Não tive outro remédio, as duas pessoas que deviam ter construído isto morreram.

— Sim, as pessoas morrem, é um mau hábito. Mas e se não o fizessem?

Imaginas-te a não morrer nunca? Felizmente, Deus pensou em tudo, não é verdade? Bem... — E deu-lhe uma palmada nas costas. — Precisamos desta igreja, o rei e o papa aguardam-na com entusiasmo, tem isso presente.

— Uma igreja destas dimensões é difícil de encaixar.

— Bem, tu consegues, não?

— Claro.

— Lembro-te que a igreja deve ter uma planta basilical de três naves e um cruzeiro, é uma capela real.

— Eu sei, mas a orografia impede-o.

— E a tua solução? — perguntou o abade de pé diante dele.

— Não sei como.

— Apesar do esforço em ganhar terreno à montanha e criar um terraço onde assentar a igreja, não há espaço para que esta tenha as três naves necessárias para um templo como o que o rei exige — replicou o abade. — Um edifício de várias naves não é de modo algum exequível, por mais terreno que ganhes à montanha.

— Fiz testes com modelos de madeira e não encontro maneira.

— Às vezes, a solução está no evidente. — O abade deu alguns passos em volta.

— Construir um templo de uma única nave, sem cruzeiro, com um plano retangular acoplado ao espaço permitido pela montanha. É a única opção, a mais racional.

— Isso não seria suficiente para o rei — advertiu Fortún.

— Então, encontra forma de dignificar a obra, de a dotar de um elemento diferencial, de a assemelhar a uma construção celestial. — O abade apontou para o espaço do templo no pergaminho. — Isto é o coração de Loarre, uma igreja que deve coroar um rei pela graça de Deus. Caso não entendas, o que isso significa é que Deus deve estar claramente aqui dentro e legitimar o nosso monarca.

— E fá-lo-á, Deus estará sobre o nosso rei.

— Como?

— Permitir-me-ás porventura construir uma única nave, como disseste antes?

— Defenderei o novo projeto ante o rei e o bispo.

— Se conseguires que me autorizem a construir a igreja com uma só nave, erguerei uma cúpula descomunal na zona do que seria o cruzeiro.

— Isso não é possível, sei como é complexo construir uma cúpula e quão fácil é que caia sobre as nossas cabeças — advertiu o abade, franzindo o sobrolho —, e sem cruzeiro! Sobre que arcos a vais elevar? Achas que sou estúpido?

— Nada disso, és precavido, e isso é bom. Mas, tal como reconstruí este castelo sem que ninguém acreditasse que era possível, posso erguer uma cúpula como nunca ninguém viu.

— Conheço-te, sei da tua habilidade, mas...

— Um círculo perfeito, que simbolize Deus, e sob o qual Sancho Ramires possa exhibir a coroa de rei, ungida pelo santo padre em Roma.

— O círculo representa Deus — sussurrou o abade —, uma cúpula como Sua imagem e debaixo dela Sancho Ramires, como rei pela graça de Deus, é brilhante! Fá-lo-ás? Saberás como construir uma cúpula assim? — O seu rosto alterou-se e as pupilas dos seus olhos brilharam.

— Sim — respondeu Fortún, com uma imponente certeza cujo eco ressaltou pelos muros do templo.

— Espero que assim seja, não estás a construir uma torre de defesa. Estás a edificar a casa de Nosso Senhor perante os inimigos, entendes?

— Perfeitamente.

— Pois mostra-o — disse o abade, com um sorriso orgulhoso. — Alegrame que possamos trabalhar juntos, Fortún.

O mestre de obras conteve-se.

— Os meus deveres canónicos chamam-me. Rezarei por ti, velho amigo.

Ao vê-lo partir com o hábito de abade, Fortún sentiu-se aliviado, como se pudesse respirar mais livremente.

— Talvez... será possível que o Javierre tenha mudado? — sussurrou, e uma velha lembrança da juventude agitou-lhe a memória. Foi breve e deixou um travo de melancolia difícil de digerir.

Deixou de pensar nele e regressou às imagens que lhe povoavam a mente, os espaços, os muros, os arcos, os janelões e a cúpula.

Foi a saída para a oração de Javierre que lhe trouxe outro problema a resolver no novo Loarre: o trânsito dos monges agostinhos entre os seus aposentos na zona norte e a futura igreja. Não era banal, nem construir o templo nem os dormitórios, mas também não o era a forma de unir os dois espaços. Os monges saíram várias vezes ao dia para as orações litúrgicas e, até agora, cruzavam-se irremediavelmente com os restantes povoadores do castelo. Tinha de construir uma segunda porta para eles, só para eles. Além do mais, precisava de continuar a dar acesso ao antigo castelo situado na cota mais alta do conjunto e que, uma vez construído o templo, ficaria sem o acesso inicial. Muitos problemas e poucas opções para tão magna obra.

O perímetro do castelo primitivo teria também de ser ampliado para norte e para oeste, a fim de erigir outro terraço e o palácio real. Este edifício era vital para o novo rei, pelo que as suas dimensões deviam ser consideráveis e dignas da grandeza do monarca. Fortún decidiu que seria a última construção a realizar.

O que não queria deixar de lado por mais tempo era a finalização da muralha exterior. Não lhe restavam homens e quase não tinha canteiros para destinar a essa obra, pelo que pediu voluntários entre os homens de armas.

— Porque teria de me pôr a subir blocos de pedra, Fortún? — perguntou Galindo à cabeça de um grupo de seis aguerridos guardas.

— Pensa que um dia esses muros te servirão de escudo.

— Eu manejo facas, maças e espadas; não martelos, pregos e alavancas.

— Nunca é tarde para aprender. Estou convencido de que, se te esforçares, conseguirás dominar os segredos do martelo.

— Não brinques comigo, Fortún.

— Vamos, Galindo, o que queres em troca? Como posso conseguir que colabores?

— Receio que não possas, o que vais tu vender-nos? Quando vigiamos das torres ou dos adarves estamos sempre sozinhos, passamos frio, nem sequer podemos sair para cagar quando nos dá um aperto. Temos de chamar um companheiro e quem se atreve a sair da muralha em plena noite, quem?

— Já sei o que posso oferecer-vos se colaborardes na construção desta defesa.

— Surpreende-me.

— Podes ter a certeza de que o farei.

Capítulo Sessenta e Nove

LOARRE. JUNHO DO ANO 1074

O sol adormecia entre bocejos alaranjados, a penumbra sulcou o vale como uma águia cuja sombra avançava pela terra, mergulhando-a num sono profundo. Só as montanhas a ocidente resistiam ainda despertas, também as suas silhuetas se tornavam difusas, como uma memória de infância. Fortún olhou para o céu em busca do seu Senhor, devia ser Ele a indicar-lhe o caminho.

A construção daquele castelo era a forma de lhe agradar, sabia que era a sua vontade e por isso trabalhava até desfalecer. Era Ele quem todos os dias o guiava, quem conduzia a sua mão sobre os planos dos pergaminhos e lhe dava forças para dirigir os homens sob o seu comando.

O tambor absidal começou a ser erigido sobre a rocha-mãe. Tinha três quintas partes livres e contava com muros de sete pés de espessura. O resto

foi tapado ao elevar a zona do castelo que conteria o novo acesso e que em breve seria iniciada.

— Solidez, a chave de qualquer castelo é a solidez.

— Este parece sê-lo, sem dúvida — comentou Sergio.

— Era o que dizia o mestre do meu pai, um lombardo.

— Os lombardos nunca erigiram uma construção como esta. Os seus templos são pequenos e com abóbadas de aresta. Se pretendes levantar uma igreja deste tamanho e com uma cúpula, esquece-te do que diziam esses antigos.

— Não menosprezes assim os lombardos.

— São o passado, e aqui devemos construir um castelo para o futuro, quanto mais cedo o entenderes, melhor.

Fortún conteve-se ante Sergio, pouco lhe importavam as suas palavras. Ele não tinha dúvidas, a solidez era a chave da abóbada, Loarre não deixava de ser uma fortaleza, com uma igreja enorme, sim, mas uma fortaleza, e ninguém podia construí-la melhor do que ele. Assim, para dotar o tambor de mais solidez,

concebeu colunas-contraforte inovadoras sobre pilastras a diferentes alturas, que, além do mais, acentuavam a verticalidade do edifício.

Para contentar Javierre e Cluny, a decoração seguia os seus parâmetros e ditames, tal como acontecia na Catedral de Jaca. Contudo, não lhe importava o plano escultórico, não era o seu terreno. Ainda que tivesse de admitir que era tão audaz como o construtivo, setenta e quatro capitéis decorariam a sua criação.

Era digno de ver como os escultores francos os trabalhavam com esmero e sem descanso. A forma como delineavam as figuras a golpe de cinzel. Alguns já estavam terminados e não havia dúvidas de que tinham uma bela feitura. Cada um era diferente, complexo, enigmático, mas a Fortún havia

um que lhe roubava a atenção, onde duas personagens com togas seguravam uma figura que representava um macaco de cócoras. Devia simbolizar o domínio dos vícios e paixões humanas. Esse capitel estava destinado às janelas superiores, pelo que mal se veria ao nível do solo.

Para que serve, então, fazê-lo tão perfeito?, perguntou-se.

Tanto tempo e esforço para que só os pássaros admirassem os pormenores. Não entendia e, no entanto, não parava de o olhar.

Noutro capitel, via-se uma bela águia em posição frontal, nada vulgar, e com as asas abertas ao jeito das existentes nos lábaros romanos, que decerto tentava imitar. Esse seria visível, pois ocuparia as janelas inferiores fechadas pela rocha.

Perto dele, outro capitel representava um segundo macaco de cócoras entre motivos elaborados à base de palmas e bolas. Ouvira falar nesses animais do Oriente, fascinavam-no loucamente.

Terá de ser curioso ter um vivo à frente. Será verdadeira a sua maldade?, pensou.

Todavia, o capitel que mais o impressionou foi, sem dúvida, um dos que emoldurariam as janelas superiores. Nele, via-se uma mulher de cócoras à qual duas serpentes enroscadas entre as pernas mordiam os seios. Ela agarrava-as como se esticasse o cabelo, era uma cena dolorosa e impressionante.

— A luxúria — afirmou Eneca ao seu lado.

— Eu sei. — Fortún não pôde deixar de sorrir.

— Porque vedes as mulheres dessa maneira?

— É a Igreja que o faz, não eu.

— Tu permites.

— Eneca, o que queres tu que eu faça?

— Achas que sou assim? Que tento os homens para que pequem? Não sereis antes vós quem procura em nós desculpa para os vossos comportamentos pecaminosos?

— Eva tentou Adão para que comesse a maçã proibida; desde então, toda a mulher procura a tentação e é nosso dever para com o Senhor resistirmos —

afirmou Javierre, aparecendo atrás deles. — Diz a Bíblia que o rei David caiu na tentação de uma beldade que se banhava, Betsabé, e cometeu adultério. Depois, na tentativa de encobrir o seu pecado, David engendrou a morte do marido de Betsabé. E noutra passagem, Sansão foi assediado por Dalila, que o enganou e conduziu à morte.

— Tem calma, Eneca — sussurrou Fortún.

— Não me digas o que devo ou não fazer.

— Vejo que a serpente mostra finalmente as suas presas.

— Fortún, estás a vender a tua alma, e não ao comprador adequado. — E afastou-se, zangada.

Ao terminar as obras exteriores, após superar mil e um percalços e contratempos, Fortún sorriu finalmente. O tambor absidal parecia uma inexpugnável torre defensiva, destacava-se pela dimensão e solidez, pelos enormes janelões e inúmeros capitéis que o decoravam. As janelas da igreja inferior eram fechadas e contavam apenas com uma pequena seteira, outro elemento defensivo do templo.

Poucos conheciam, porém, o seu verdadeiro mistério, a chave de toda a estrutura. Fortún mantivera-a em segredo. Servira-se da decoração para desviar as atenções dessa zona concreta, não só para que os enviados de Cluny não se apercebessem, mas também para que, em caso de ataque dos sarracenos, os

muçulmanos não descobrissem o ponto fraco do templo, assim atacariam outras zonas mais apelativas.

O construtor estava cada vez mais orgulhoso do que aprendera com os lombardos, já que graças a eles compreendia como podia construir qualquer tipo de edifícios. Tudo parte da natureza, é dela que provém a arquitetura, que a imita de forma imperfeita. Por isso, copiou os lagartos que imitam as cores da vegetação para se esconderem dos predadores. Assim fizera no exterior da igreja, a parte mais importante era a que mais despercebida passava.

Os trabalhos para a cripta, por serem em solo sagrado, eram supervisionados pelo abade. Ele mesmo pedira aos francos que esculpisse sobre o seu arco de volta perfeita um cristograma, a indicar a entrada para um local de culto. Houve, no entanto, um problema com esse acesso, e Fortún teve de refazer o arco, ainda que o cristograma já estivesse esculpido, pelo que a curva ficou descentrada. O

abade encolerizou-se e, durante vários dias, as obras da cripta pararam.

— Estou profundamente desiludido, esse cristograma era importante para a igreja.

— Eu sei e lamento — asseverou Fortún, pesaroso —, mas as necessidades construtivas tornaram inevitável que se movesse o arco, entende.

— Não, não entendo. Percebe a grandeza do que fazemos. Nada existe no Ocidente cristão de semelhante a esta fortaleza, imagina a transcendência de unir assim a cruz e a espada.

— E a complexidade...

— Ninguém disse que ia ser fácil. — O abade fez uma pausa. — Fortún, sei que não confias em mim, e entendo isso. Deixa-me ao menos que te diga que estás a fazer um trabalho esplêndido, mas não voltes a cometer erros. O cristograma da cripta é importante.

— Eu sei, é uma representação de Deus.

— É um anagrama do nome de Cristo, formado pelos símbolos gregos «XP»

cruzados em aspa, mais os símbolos «alfa e ómega».

— E o que significa?

— XP, A, W, Spiritus Ecclesiae et Rex, Dominus Nostris, Impellere Hostes.

Quer dizer: «Jesus Cristo, princípio e fim, Espírito da Igreja e Rei, Nosso Senhor, Impele o nosso Exército.»

— Impele o nosso Exército!

— Exato, impele o nosso Exército — afirmou Javierre com entusiasmo —, o exército de Deus.

— Muito apropriado para um castelo, esse pormenor — observou Fortún, surpreso —, não sabes como me alegra.

— Não tens de agradecer, somos ambos Seus servos, cada um à sua maneira.

— Agrada-me que o entendas, e agora deixa-me mostrar-te como será a igreja da cripta. — E fez uma pequena vénia para que Javierre entrasse.

O abade deu vários passos para o interior. O acesso à cripta era feito através de um arco de volta perfeita com aduelas, ao qual se seguia um curto saguão coberto por meio canhão. Os muros tinham já chegado ao teto, a abside era cilíndrica, fechada por uma abóbada em quarto de esfera, prolongada a poente por um curto lanço de meio canhão, tal como acontecia na cabeceira do templo superior.

— Reproduz em planta a forma da abside da igreja superior, sob a qual estamos agora.

— Gosto — admitiu o abade, sorridente —, esta penumbra faz da cripta um lugar sereno, tranquilo, cheio de paz.

— Sim, mas não é tão austero como parece. Estamos a trabalhar no discurso escultórico que tu mesmo aprovaste.

— Os capitéis que flanquearão essas cinco janelas, se bem me recordo.

— Assim é, ao aceder a este espaço, a obscuridade dificulta a percepção. Por isso, é preciso habituar a vista à escassa luminosidade.

O abade pareceu satisfeito e deixou a divisão em silêncio. Fortún ficou a observá-lo. Javierre mudara tanto que às vezes esquecia-se de quem ele era.

Convertera-se num homem que irradiava segurança, conhecimento e poder-se-ia até dizer que respeito. Sim, Javierre infundia um respeito sereno, e paz, uma imensa paz nas suas palavras. Como se, ao estar presente, tudo fosse mais simples. Mas Fortún recusava-se a aceitar esse novo Javierre, e não era em vão.

Vira-o crescer, partilhara com ele segredos e confissões e sabia do que era capaz.

Porém, apesar do passado, era difícil não admitir que o abade parecia outra pessoa.

Será possível mudar tanto?, perguntou-se.

Sim, claro que sim. O próprio Fortún pouco tinha que ver com o rapaz que chegara a Loarre pela mão do pai. Era evidente que o abade merecia ao menos uma oportunidade, mas havia alguém em Loarre que jamais lhe daria, por mais que ele tivesse mudado: Eneca.

Passado um mês, os capitéis estavam na cripta, e o mestre de obras e o abade observavam a qualidade com que tinham sido esculpidos, as colunas acopladas ao muro, os ábacos de motivos florais e as palmas. Do lado norte, a rocha aflorava, como que a querer mostrar que também ela fazia parte da nova fortaleza. No cilindro absidal, via-se a decoração com cinco arqueamentos, todos a emoldurar janelas de derrama interior; além da central e das duas do lado sul, asseteiradas para o exterior, as outras estavam fechadas. Tal como no imponente templo sobre as suas cabeças, também neste as duas janelas mais setentrionais estavam condenadas, para realizar as estruturas de acesso ao recinto do castelo.

Fortún sabia que fizera um trabalho enorme, principalmente com a abóbada.

Um dos canteiros interrompeu os visitantes.

— Perdão, tenho ferramentas esquecidas a um canto.

— Espera — deteve-o Javierre —, como te chamas?

— Sergio — respondeu ele com temor.

— Gosto das pessoas que têm nomes de santos mártires, que, no seu tempo, foram soldados.

— Obrigado, abade.

— O Sergio é um dos melhores canteiros que vieram para a ampliação — observou Fortún —, é o encarregado de esculpir a maior parte das aduelas dos arcos das portas.

— Sim, são fáceis de distinguir, pois têm a minha marca de canteiro, um «S»

muito achatado.

— Grande trabalho, agora tenho de ir, há assuntos da congregação que precisam da minha atenção — anunciou o abade. — Foi um prazer, Sergio.

Javierre afastou-se, subindo por uma das escadarias que ligavam a cripta à igreja.

Sergio dirigiu-se a Fortún:

— Não sabia que éreis amigos.

— E não somos. Já fomos, mas isso foi há muito tempo.

— Pois ainda se nota ao ver-vos juntos.

— A sério? — Fortún mostrou-se surpreendido. — Não importa. Esculpiste o que te pedi?

— Sim, espero que não me cause problemas.

— É fácil reconhecer o rosto?

— Já me direis quando virdes. Felizmente, esse capitel vai ficar alto, ainda que dentro da nave da igreja, devo confessar-vos que tenho medo de que...

— Sergio, ninguém dará conta, confia em mim.

— Isso faço. — E fez menção de partir.

Fortún deteve-o e explicou-lhe um último pedido que surpreendeu o trabalhador, mas que, ainda assim, este não hesitou em cumprir. Pegou no cinzel e num martelo e dirigiu-se à porta de acesso que permitia ascender à igreja superior.

Agarrou num bocado de carvão e desenhou qualquer coisa num dos silhares. Ato contínuo, o canteiro começou a golpear a pedra.

No dia seguinte, Fortún tinha de verificar como incidia o sol nos janelões do sul.

Antes de sair para o exterior, foi à entrada da cripta e plantou-se ao meio. Ao entrar pela escadaria, parou frente a uma das jambas. Aí, cinzelado com mestria, estava um gracioso cão com coleira e a pata anterior direita levantada. Seria o cão de guarda do castelo e também um presente para Eneca, pois, evidentemente, era um mastim.

Após ter ceado sopa de pão de alho e mioleira de cordeiro com cebola, Fortún saiu de casa para dar um passeio e apanhar ar. Subiu à cripta. Costumava fazê-lo com frequência, precisava de estar sozinho, e aquele era o lugar ideal. Ajoelhado diante do altar, era tal a reverberação do som que, graças à estrutura da divisão que ele desenhara, quando os religiosos diziam missa no altar da igreja, o som ecoava em baixo, na cripta.

Era um ruído avassalador. Situado aos pés da divisão, ouvia o eco das suas orações ampliado. O som chegava-lhe projetado de ambos os lados, como se aquelas palavras sagradas fossem ditas pelo próprio Deus, Nosso Senhor.

Enquanto, em solidão, ouvia a missa, envolto na penumbra e na contraluz das estreitas janelas, Fortún gostava de observar os capitéis que emolduravam os janelões da cripta. A escassa luz dificultava a visão, mas ele habituara os olhos à ténue luminosidade daquele templo.

Dos dez capitéis que ali existiam, um perseguia-o agora até em sonhos.

Representava duas serpentes aladas, frente a frente e lutando por uma esfera.

Eram basiliscos, os reis das serpentes, capazes de matar com o olhar e com um bafo venenoso. Seres temíveis, mencionados no Antigo Testamento. Se algum dia se encontrasse com um e o fitasse, morreria. Ainda assim, gostava de observar os seus olhos de pedra. Às vezes, imaginava que ganhavam vida e que, ao contemplá-los, ele mesmo se convertia em rocha e passava a ser mais um elemento da fortaleza.

Nos dias de sol, postava-se atrás do altar a contemplar o muro de fecho, pois o que ali sucedia era um feito que poucos conheciam e que ele guardava em segredo. Dessa posição, observava a imagem dos frades e soldados que subiam pelo caminho em direção ao castelo, projetada sobre o muro, em posição invertida. Um efeito tão curioso como inexplicável.

Ali, sozinho, era onde podia pensar com clareza. Onde conseguia resolver as

dúvidas construtivas, onde encontrava a inspiração para as soluções mais complexas. Mas era também onde via os seus medos mais reais, sendo o principal a passagem do tempo. Já não era um rapaz, chegara a uma idade superior à que o pai tinha quando encontrara a morte. Era-lhe estranho pensar que ultrapassara os anos de vida dele, e isso aterrava-o.

Só havia uma coisa que o consolava, ou melhor dizendo, alguém.

Ao sair do castelo, viu-a debruçada da galeria de arcos que o lombardo tão delicadamente construía. Decidiu fazer-lhe uma surpresa e subiu disfarçadamente até àquele lugar da torre.

— Eneca! — Agarrou-a por trás, abraçando-a e dando-lhe um prolongado beijo no pescoço.

— Olá, Fortún.

— Assustei-te?

— Não, estava desejosa de te ver.

— E eu a ti. — Beijou-a de novo. — Sabes que aqui em cima pareces uma rainha?

— Obrigada, acho que esta é a zona de que mais gosto do teu castelo.

— Não é meu.

— Sabes o que quero dizer. — E contorceu-se a fim de se virar e unir os lábios aos dele.

— Estás linda.

— Como uma rainha? — perguntou ela entre risos.

— Muito mais. — E voltaram a beijar-se. — Tenho um presente para ti.

Um dia, decidiu mostrar a Laura o segredo da cripta, talvez assim conseguisse estreitar laços com ela. Levou-a uma manhã bem cedo, quando havia muito movimento no exterior do castelo e ninguém se lembrava de entrar ali. Claro que

não lhe disse nada sobre o que ia ver.

Laura ajoelhou-se diante da abside e começava a rezar quando, para sua surpresa, viu aparecer um soldado virado para baixo e quase caiu ao chão com o susto. Fortún não pôde evitar e desatou a rir. Para seu espanto, Laura

não tardou a recompor-se. Levantou-se e dirigiu-se à janela de onde vinha a projeção.

— É magia?

— Não, filha, é conhecimento. Um estranho efeito da luz.

— Como se chama?

— A verdade é que não sei, filha. Sei que acontece quando, num quarto escuro, se deixa entrar a luz por um pequeno orifício, projetando-se assim uma imagem invertida do exterior.

— E porque é que a imagem se vê ao contrário? — insistiu a rapariga.

— Lamento, mas isso não sei. És das poucas pessoas que sabem, com o tempo, outros darão conta disso.

Laura ficou mais tempo a observar a projeção, em silêncio. Até que se voltou de novo para o pai.

— Tenho de voltar para casa, a mãe deve andar à minha procura.

— Tens razão, vai, filha.

— O abade sabe?

— Não, porque me perguntas isso? Laura, este deve ser o nosso segredo, mais ninguém pode saber, promete.

— Sim, pai.

— Bem, é importante, não te esqueças.

Laura atravessou o umbral da cripta sem dizer mais nada. Fortún esperou um pouco e saiu também para o exterior. Queria vê-la descer para a aldeia, mas não a alcançou. Não teria tempo de descer toda a rampa e, no entanto, não estava ali.

Onde poderá ter ido?, pensou.

— Estou a ficar demasiado velho — murmurou —, cada vez tenho mais dúvidas, mais perguntas e menos respostas.

Regressou ao interior e subiu à Igreja de São Pedro por uma das escadarias ligadas à cripta. Lá dentro, com as primeiras luzes, desencadeava-se uma luta feroz entre a luz e a escuridão. A ténue luz que descia dos longos janelões iluminava de forma subtil os grifos e santos dos capitéis, e essa débil penumbra em que permaneciam fazia-os ganhar vida. O vento que se infiltrava pelos corredores do castelo produzia um silvo débil, como uma música hipnótica.

O mestre de obras dirigiu-se à porta sul, que comunicava com um corredor de pedra que por sua vez conduzia a uma defesa adiantada, construída contra a rocha e só com aquele acesso. Abriu os pulmões ao ar fresco daqueles primeiros dias de primavera, em que a terra, ainda húmida do degelo, estava cheia de vida.

Daí, olhou para a sua casa, um fio de fumo branco saía pela chaminé. Imaginou Eneca a avivar as brasas da fogueira, a preparar a comida e os seus unguentos.

Com o cabelo solto, os olhos negros como a noite, a sua cálida pele e o cheiro a alecrim do seu pescoço. Os seus lábios húmidos e saborosos, e... Entrou de novo no templo e procurou o capitel das sereias. Ali estava, o rosto de Eneca feito pedra, tal como pedira a Sergio que o esculpisse. O canteiro fizera um trabalho excepcional, os olhos daquela figura, o cabelo... Ninguém conhecia o seu segredo, só eles os dois. Por isso o pedira a ele e não a Isidoro.

Contemplá-la enquanto trabalhava sem descanso naquela obra de loucos era a única coisa que lhe dava forças.

Nesse dia, porém, precisava de algo mais além da imagem da mulher para continuar, estava esgotado, exausto, não conseguia pensar com clareza.

Abriu a porta inferior e desceu pelo centro da escadaria de acesso, saiu do castelo e desceu à aldeia. Percorreu as ruas quase vazias, envolto nos medos e nas dúvidas, e quando ia a entrar na sua cabana, encontrou-a com um cântaro de água nos braços. Eneca parecia irritada naquela manhã, o vento agitava-lhe o cabelo solto, que se enredava sobre o rosto, e a roupa colava-se-lhe ao corpo, mostrando a sua figura.

Dirigiu-se a ela, tropeçou sem cair. Ao chegar à sua altura, Fortún pegou no que

carregava e depositou-o no chão. Agarrou-a pela cintura e, ao palpar as suas ancas, foi como se algo lhe fustigasse o coração. Só as roçara, mas sentira todo o seu pequeno corpo. Isso perturbou-o de tal modo que teve de se conter para não perder o juízo.

O cabelo caía-lhe para lá do pescoço, as pontas um pouco desgrenhadas davam-lhe ao rosto um ar de rebeldia.

Entraram em casa e ele depositou-a na enxerga. Eneca mordeu o lábio inferior, chamando a atenção de Fortún. Ele procurou-lhe a boca e, quando já sentia o sabor dos seus lábios, parou, como se tivesse medo de entrar. Então, ela passou-lhe a mão direita pela nuca e atraiu os seus lábios indecisos. Gozou do áspero roçar da barba incipiente contra as faces e da humidade da sua saliva. Não tardou a sentir como uma vigorosa língua penetrava em busca de uma companheira com que entrelaçar-se e como umas mãos a agarravam pela cintura e a puxavam para si.

Capítulo Setenta

LOARRE. MAIO DO ANO 1074

Eneca caminhava pelo bosque com Constanza e com a filha. Estava uma tarde soalheira, que convidava a desfrutar. Laura adiantara-se em busca de funcho, uma planta difícil de encontrar naquela altura do ano.

— Está tão grande, e bonita!

— Sim, mas ainda é uma criança — lembrou Eneca, sem tirar os olhos da filha.

— Bem, muitos homens não a verão assim — observou Constanza —, e a verdade é que também não me parece.

— O que queres dizer? — perguntou Eneca, parando a meio do bosque.

— A tua filha já é uma mulher, é óbvio — disse a amiga, apontando-a para que Eneca olhasse bem para ela.

— Insinuas que devo ter cuidado com ela?

— Por Deus! Eu não insinuo nada, é apenas um comentário.

— Constanza, a Laura é uma criança, não estamos em nenhum harém. — Eneca deu-se conta do que dissera. — Desculpa, não queria dizer isso.

— Mas disseste.

— Lamento, deixaste-me nervosa.

— Está bem. De qualquer modo, que a Laura seja uma rapariga bonita não tem mal. Além do mais, em Loarre está segura, o que poderia acontecer-lhe? Não faz mais nada a não ser subir ao castelo para ir ver o Fortún e estar contigo.

— Sim, isso é verdade, mas ultimamente só pensa em ir à fortaleza.

De repente, levantou-se um vento frio e trouxe nuvens negras que taparam o esplêndido Sol que até há poucos instantes aquecia a tarde. As duas mulheres

entrelharam-se incrédulas ante a mudança do tempo.

— De onde veio este frio? — perguntou Constanza, tentando agasalhar-se.

— Das profundezas das montanhas. — Eneca ficou estática. — Passa-se algo de errado.

— O quê?

— Regressemos a Loarre. — Adiantou-se, em busca da filha. — Laura! Corre, vamos voltar.

— Porquê? — perguntou ela, aparecendo aos saltos.

— Rápido, não devemos perder mais tempo.

Seguiram pelo caminho mais curto. Antes de virarem para a parte final, os sinos da igreja começaram a tocar.

— Esse toque — disse Constanza, fitando-as, assustada —, morreu alguém.

— Vamos, não pareis — insistiu Eneca.

Aceleraram o passo para chegar o quanto antes, entraram no recinto inferior e seguiram até à igreja da aldeia. Aí, formara-se um tumulto que rodeava o templo e onde havia muito alvoroço.

— O que aconteceu? — perguntou Eneca a Galindo, que era um dos que estavam ali reunidos.

— O sacerdote, encontraram-no morto.

Eneca demorou a reagir, olhou para a amiga e para a filha. Elas também tinham ouvido.

Fortún chegou junto dela, vindo do castelo. Ao vê-la, abraçou-a.

— Estás bem?

— Sim — respondeu Eneca, preocupada.

— É o Ramón, encontrámo-lo morto — afirmou Fortún entre lágrimas.

— Como foi? — perguntou Laura inocentemente, ante a expressão de lamento e carinho dos pais.

— Estava no bosque, tinha uma ferida feita pela lâmina de uma arma.

— Quem pode ter sido? Os muçulmanos? — perguntou Eneca, nervosa.

— Não costumam atuar assim, eu... não sei o que pensar. Parece obra de um bandido ou de qualquer malfeitor que deambulasse pela vizinhança de Loarre.

— Fortún, quem ia roubar um padre? Se o Ramón não tinha nada de valor —

rebateu a mulher.

— Não sabemos mais nada, lamento.

O sacerdote foi enterrado no dia seguinte ao lado da igreja, numa missa celebrada pelo abade. Todo Loarre compareceu e também muita gente das montanhas e vales vizinhos. Era um bom homem e os paroquianos sentiram com enorme pesar a sua partida prematura.

A morte do sacerdote chocou Loarre durante os dias seguintes. Mas havia que continuar o trabalho, as obras chegavam à parte final, a igreja colossal estava quase concluída, tal como as novas defesas.

Naqueles dias, Fortún andava a verificar as saídas das águas, um trabalho importante, pois a sua evacuação era essencial para que não debilitassem as estruturas interiores. E, ao mesmo tempo, devia canalizá-las para a cisterna, de modo a que, em caso de cerco, estivessem bem aprovisionados.

— Antes, seria inimaginável esta quantidade de homens a trabalhar em Loarre

— comentou Fortún ao lado de Galindo. — Na época do lombardo, levantar uma face do muro levava-nos meses; agora, pelo contrário, com todos os que acorreram ao calor das relíquias e com os moçárabes vindos da Terra Chã, os tempos encurtam e não temos nem um minuto de descanso.

— Isso é bom, não?

— Sim, claro, mas temo ir demasiado depressa. Começámos há três anos e olha o que já conseguimos.

— Acho que não é só por termos mais trabalhadores, algo terás tu que ver com isso, não te parece? Acho que te esqueces disso, és tu quem está a proporcionar este ritmo, devias preocupar-te menos e orgulhares-te mais.

Fortún suspirou, não teve mais tempo para conversar em todo o dia, precisavam dele na maioria dos trabalhos abertos. Dúvidas, correções, soluções de última hora, em todas elas Fortún tinha de estar, convertido já num respeitado construtor. Com mais de cinquenta anos, dominava a edificação, não havia problemática que o ultrapassasse, e a confiança dos trabalhadores era total, pois os homens às suas ordens revelavam uma imensa fé nele, como se as suas palavras fossem esculpidas na pedra mal saíam da sua boca. Assim, todo Loarre crescia a passos de gigante, os dias espalhavam-se como semanas e o entusiasmo fazia com que os homens não se sentissem esgotados.

Não era só ele a insuflar forças nos homens, o abade, com as relíquias ao seu cuidado, encarregava-se de arengar a alma dos fiéis, de os convencer da grandeza do trabalho, da necessidade de terminar a fortaleza de Cristo, de proteger as relíquias de São Demétrio e também a fronteira do seu monarca, Sancho Ramires, rei pela graça de Deus.

Fortún acabara o trabalho quando o abade o surpreendeu perto da cripta.

— Temos de falar da fachada de acesso ao castelo.

— Falemos, pois.

— É também o acesso a um templo religioso — recordou-lhe Javierre.

— De certo modo.

— Não, de todos os modos possíveis. Por isso, a entrada deve estar emoldurada por arcos concêntricos, arquivoltas, como lhes chamais. E decoradas com colunas mais finas e alongadas, devemos seguir o modelo da Sé de Jaca.

— Como assim, devemos?

— Fortún, isto não depende de ti nem de mim. São ordens do rei e do bispo, entendido? — disse-lhe o abade, num tom difícil de rebater.

— E o que pretendes que faça? Não posso montar uma nova fachada, o muro está fechado e já temos a entrada. Uma fachada simples, castrense, com os tetramorfos dos apóstolos.

— Enxerta-a.

— Como dizes? — Fortún ficou pasmado, como se as palavras do abade fossem bofetadas contra o seu rosto.

— Temos de colocar um pantocrator por cima da porta, com uma mandorla rodeada pela representação dos quatro evangelistas. O Sergio está a esculpi-la, ordenei-lho esta manhã. A fachada que temos, podes reaproveitá-la como quiseres. — O abade ergueu a mão direita. — Já me esquecia, usa também essa moldura de axadrezado que tanto se utiliza em Jaca, o rei acha-a deslumbrante.

— Como ordenares. — Fortún mordeu o lábio.

— O pantocrator representa Deus misericordioso, que reconhece como seus aqueles que lhe professam uma fé cega. No capitel a ocidente, contaremos o sacrifício de Isaac; em contraste com o capitel a oriente, que mostrará um casal de macacos.

— Mais macacos?

— Esses animais são o exemplo vivo do vício e do pecado, porque será? — perguntou o abade com ar misterioso. — Talvez devesse pensar nisso, velho amigo.

— Não brinques comigo — advertiu Fortún —, temos de continuar a examinar as obras — recordou, dando um par de passos para abandonar aquele local.

— Muito bem, sigo-te.

O interior do templo estava repleto de andaimes, lembrava um labirinto aéreo.

Era difícil saber como passar de um para o outro, havia-os de todos os tamanhos e alturas. Ainda que o mais impressionante fosse o arranque da futura cúpula.

— Tens a certeza disto? — perguntou o abade, aproximando-se.

Fortún estava cada vez mais convencido de que Javierre tinha uma capacidade tão estranha como incómoda, pois aparecia sempre atrás dele, como se pudesse viajar pelas grutas do castelo.

— Esta cúpula é a pedra de toque de toda a nova fortaleza.

— Talvez tenhas cometido o pecado da soberba ao desenhá-la.

— Isso só Deus sabe.

— É possível que em breve o saibamos também nós. Caso venha abaixo, podes esquecer-te de construir este castelo ou qualquer outro. Além do mais... — o abade aproximou-se dos pilares centrais que sustentavam os arcos principais da abóbada de berço —, subiste até ao topo com uma coluna tripla.

— De facto.

— É um elemento de construção típico dos lombardos.

— Não são só eles que o utilizam.

— Mas usa-se para um objetivo claro, sustentar uma abóbada de aresta. Vias em dezenas de igrejas deste e do outro lado dos Pirenéus. Por isso não tentes enganar-me.

— É um elemento construtivo, ou será que um religioso como tu quer que esta igreja não seja construída?

— Não brinques comigo, quero que se erga forte. Que não venha abaixo a seguir. Confio em ti, mas tens de fazer o mesmo, dizer-me o que pensas, partilhar as tuas preocupações.

— Falas de confiança? Sabes porventura o que isso é?

— Cuidado com as palavras, Fortún. Sou o abade, já não é como dantes, não somos iguais.

— Tu e eu nunca fomos iguais.

— Nisso tens razão.

Javierre partiu sem dizer mais nada, e o construtor ficou sozinho a observar a abóbada em semiesfera sobre a única nave do templo. A orografia da localização do castelo não permitia o plano em cruz, mas, apesar disso, Fortún não renunciara a erguer uma cúpula magistral sobre quatro arcos.

— O que queria o abade? — Passos vindos de uma das portinholas que comunicavam com a cripta denunciaram Isidoro.

— Nada de importante, estiveste a ouvir da cripta, não é verdade?

— Custa a acreditar que tivésseis sido amigos de infância, mas as pessoas mudam.

— Às vezes não, às vezes somos nós que mudamos e então damo-nos conta de como são os outros. Não há nada melhor para nos conhecermos e àqueles que nos rodeiam do que afastarmo-nos por algum tempo do nosso lar.

— Cuidado, Fortún, o abade está a tentar confundir-te.

— Não te preocupes, conheço-o bem. — O mestre olhou para os muros inacabados que o rodeavam. — Temos de terminar o templo no prazo previsto, e agora é isso o mais importante. Dividi o interior da igreja em três secções: a cabeceira, o falso cruzeiro com a abóbada e a única nave. O templo não terá presbitério e a nave será de uma longitude contida, coberta por meio canhão e fechando contra um dos muros do antigo castelo. Ver-se-

ão os silharejos irregulares a sobressair frente aos mais perfeitos, e distinguir-se-á também uma das esquinas da igreja castrense.

— Agrada-me ver-te falar só do templo e não do abade — disse Isidoro, dando dois passos à frente. — A cúpula apoia-se em quatro arcos. Mas, se bem entendi, têm de ser arcos torais; enfim, os que formam um cruzeiro. Tu não tens esses arcos.

— Não, aqui apoiam-se em arcos principais, que também são torais.

— Deus bendito! Os teus arcos principais são elementos da abóbada de berço da nave. A sua função é reforçá-la.

— Sim, são principais, fortalecem a abóbada e, ao mesmo tempo, estão incorporados na estrutura da própria cúpula, e a sua orientação é transversal ao

eixo da mesma. Como se apoiam nos pilares laterais que sustentam a cobertura, transmitem para o exterior as tensões que deviam ser suportadas para a abóbada através dos contrafortes.

— E não é perigoso que os arcos principais funcionem também como torais?

— Não, se estiverem bem dimensionados, estes arcos aguentam com a abóbada e com a cúpula ao mesmo tempo.

— Sim, é isso que me preocupa.

— Têm a ajuda de outros arcos similares nos muros norte e sul e de um sistema duplo de trompas com um óculo por cada pendentivo.

— As trompas são o encontro entre a base circular de uma cúpula e o espaço quadrado; são, portanto, a chave de tudo.

— Exato, são essas zonas triangulares que se veem ali — indicou-as —; permitem transmitir o peso da cúpula aos pilares e aos muros. Como é um sistema duplo, a segunda linha de trompas permite elevar a cúpula acima do

que deveria ser o seu nível habitual, ao mesmo tempo que inscreve um óculo de cada um dos lados.

— Isso já me ultrapassa, sou canteiro, não um mestre de obras.

— Então vêes os capitéis que suportam os arcos torais?

— Fortún, fui eu que os esculpi. É claro que os distingo, nos do lado norte foi esculpida uma personagem a abrir a boca de um leão. O mais próximo da abside representa o pecado original: Eva a comer a maçã da árvore onde está a serpente e Adão, que com uma mão tapa o sexo do qual acaba de tomar consciência e com a outra aperta a garganta, como que arrependendo-se do que fez.

— Em boa hora! — observou Fortún, sorrindo.

— Sabes como é... é fácil arrependermo-nos depois de pecar, mais do que evitar a própria tentação.

— Quero pedir-te que sejas tu a esculpir as imagens das mísulas das trompas. —

E fitou-o com um brilho nos olhos.

— O que dirá a esse respeito o teu amigo abade?

— Ele não sabe que vão ser decoradas.

— Muito bom. — Isidoro desatou a rir. — E qual é o programa que pretendes?

— Sugere-me tu um.

— Bem, isso é que é apanhar-me desprevenido.

— Vamos, não me dirás que não te ocorre nenhuma ideia.

— Por favor! — O canteiro pensou durante alguns instantes. — Atalantes.

— Claro, magnífico! Atalantes a sustentar o céu representado na cúpula. Dedicar-te a isso assim que puderes, disfarçadamente, para que não te vejam.

— Uma pergunta, Fortún. Porquê uma cúpula destas dimensões? É necessária?

— Por causa da luz, Isidoro.

— A luz?

— O que é Deus para os homens? É a luz que nos guia, precisamos da sua luz nestes tempos aziagos. Estive na Catedral de Jaca e também me falaram das outras igrejas construídas com as novas técnicas, em todas elas falta luz. Aqui, os janelões estão a uma altura considerável e iluminam todo o templo. A penumbra jamais entrará.

Capítulo Setenta e Um

LOARRE. NOVEMBRO DO ANO 1074

Fortún levantou-se com as matinas, os monges tinham monopolizado até os horários dos habitantes e trabalhadores de Loarre. Subiu por um dos lados da escadaria de acesso à fortaleza.

Parou por um instante.

Não pôde deixar de recordar o dia em que tinham sido brutalmente atacados pelos sarracenos comandados pelo caudilho Yusuf e a forma heroica como o ataque fora repellido. Então, a imagem de Ava fustigou-lhe a memória. A impulsiva Ava, como esquecer uma criatura assim? Nunca o confessaria diante de Eneca, mas sentia saudades dos olhos azuis da arqueira. Era demasiado tarde para pensar nela, mas não somos donos da memória, e a realidade era que Ava aparecia com demasiada frequência nas suas noites.

Que terá sido feito dela?, questionava-se com insistência.

Ninguém soubera dizer o que lhe acontecera no último cerco. Não se encontrou rasto dela, o seu corpo não apareceu entre os mortos.

Perguntaram aos que os podiam informar sobre os cativos em Bolea ou Wasqa e não conseguiram nada.

Era como se a terra a tivesse engolido.

Muito mudara em Loarre desde o seu desaparecimento.

Embriagado pela melancolia, procurou um lugar antigo que ainda se conservava apesar das obras. No ângulo entre o muro norte e a própria rocha, estavam os restos do sepulcro encontrado por Javierre quando era novo e que o velho sacerdote garantia pertencer ao conde Dom Julião, que, por vingança, facilitara a entrada dos sarracenos na Hispânia, passando pelas colunas de Hércules.

Naquele espaço, havia um patamar que, por uma escadaria na rocha, conduzia ao interior da igreja, através de uma porta em arco de volta perfeita e com uma moldura no axadrezado de Jaca, decorada com dois bonitos capitéis de feitura semelhante.

Entrou. Os monges entoavam um dos salmos da missa. À cabeceira da igreja, o legado papal, o bispo de Jaca, Javierre e outros altos representantes eclesiásticos.

Sobre eles, a abóbada em quarto de esfera que fechava o tambor absidal, estruturada em dois níveis separados por uma cornija de axadrezado. Acima dela, cinco grandes janelas em volta perfeita de dupla derrama, adornadas por uma arquivolta.

A parte exterior do esbelto cilindro absidal possuía uma das suas últimas ideias.

Tratava-se de um estreito terraço perimetral sobre o telhado absidal, em jeito de caminho de ronda, que podia permitir aos arqueiros posicionar-se sobre ele e ter um enorme campo visual de onde defender a fortaleza.

O abade estava sentado no banco corrido que delineava o cilindro absidal e o seu prolongamento. Fortún contemplava a luz que inundava o templo, a imensa cúpula e a abóbada edificada com silhares de pedra. Por um lado, as

formas quadradas que lembravam o terreno tanto na planta como no alçado. Por outro, os arcos, os círculos e sobretudo a cúpula, que evocavam a Divindade. Além dos capitéis escultóricos, esplendidamente esculpidos e pintados de cores vivas, que ornamentavam o conjunto religioso, transmitindo a mensagem sagrada.

O rei chegou com um séquito imponente, homens de armas e também escritães, clérigos, nobres, cavaleiros e, sobressaindo, os filhos. O mais velho, o infante Pedro, fruto do seu primeiro casamento com a filha do conde de Urgel; e os mais novos, Fernando e Afonso, filhos da recente união com Dona Felícia, filha do conde de Roucy. Desta vez, a rainha não acompanhava o séquito, aparentemente encontrava-se indisposta e preferira repousar no Mosteiro de San Juan de la Peña.

— Fantástico. — Sancho Ramires dirigiu-se ao altar, onde o abade o esperava de braços abertos, mas virou-se para o local onde estava Fortún, a quem apertou as duas mãos. — É incrível! Custa a acreditar no que aqui construístes, mestre de obras.

— Obrigado, alteza.

— Não, obrigado eu. Esta fortaleza, com esta igreja colossal... Não é para mim, nem para o reino, é para Deus.

— E aí o tendes. — Acompanhou o rei ao centro da nave diante do altar.

O monarca ergueu o olhar para a impressionante cúpula sob a qual se encontrava. A luz penetrava pela parte superior e o círculo que formava sobre a sua cabeça era majestoso.

— Sancho Ramires, rei de Aragão, Pamplona, Ribagorça e Sobrarbe, pela graça de Deus! — exclamou o abade, aparecendo ao lado do monarca.

Boquiabertos, os presentes ergueram a voz.

— Pela graça de Deus!

O monarca não cabia em si de júbilo. Lançou ao construtor um olhar de satisfação e entregou-se depois aos súbditos.

— Trago dois presentes. — Fez um gesto com a mão.

Dois escudeiros aproximaram-se, cada um com uma arqueta. A primeira era de grandes dimensões, um exemplo de cuidada ourivesaria, principalmente as sanefas verticais, sobressaindo também por uns querubins que a adornavam, feita de madeira revestida a prata gravada e dourada, esmaltada e com valiosas pedras engastadas nos ângulos.

Na frente, uma figura de Cristo em Majestade e tetramorfos. Na parte posterior, Jesus de pé, com uma auréola amendoada e uma cruz na mão direita. Em torno das quatro faces, desenrolava-se o apostolado; tendo sido todos eles feitos em grupos de dois e cravejados com peças de cabeça em forma de cruz. A figura de São Pedro era reconhecível pelas chaves e encontrava-se na face posterior do cofre.

— São para que possais enterrar as relíquias nos altares consagrados da cripta e de São Pedro — disse o rei, dirigindo-se por fim ao abade.

A arqueta mais pequena, também de madeira, tinha as chapas que a revestiam gravadas a buril. Lá dentro, dispunham-se três caixinhas de madeira da melhor qualidade e esculpida, com inscrições a tinta numa minúscula letra visigótica, que indicavam a identidade das relíquias conservadas em cada uma delas.

Os presentes ficaram maravilhados com a oferenda real, e não foram poucos os elogios e mostras de admiração. Em seguida, celebrou-se uma missa segundo o novo rito importado de Roma. Os monges de Loarre faziam-no com

naturalidade, mas era evidente que enervava a maioria dos presentes, sobretudo os nobres e cavaleiros que acompanhavam o rei. O clero fora devidamente purgado com antecedência.

Antes da entrada para o velho recinto defensivo, o rei observou a torre albarrã, que perdera esta característica. A maior torre dos Pirenéus estava

agora rodeada de edifícios e pavilhões, e poucos podiam imaginar que há não muito tempo era uma construção livre. Só a porta ao alto, inacessível, restava como testemunho do seu glorioso passado.

Dois dos infantes desataram a correr castelo abaixo, enquanto o terceiro ficou ao lado do pai.

— Afonso — disse o rei, despenteando-lhe o cabelo —, que tal te pareceu o castelo?

— Grande.

— Sim, disso não há dúvida, e que mais?

— Que terras são aquelas, pai? — perguntou o rapaz, apontando para o horizonte e ignorando aquilo de que o rei lhe falava.

— É a Terra Chã.

— É nossa?

— Ainda não.

— Hei de conquistá-la, pai.

— Vai brincar com o Pedro e com o Fernando, anda. — O rei suspirou. — É o mais novo e, ao mesmo tempo, o mais audaz, será um magnífico cavaleiro.

— Parece um rapaz esperto — comentou o abade.

— Sim, saiu à mãe — disse o rei, sorridente —, temos de partir já.

O monarca desceu à aldeia acompanhado da corte. Fortún ficou junto à porta do castelo a ver a variada comitiva.

— O mestre de obras — disse uma voz feminina atrás dele. Fortún virou-se e deparou com uma mulher de feições marcadas. Com um peso no olhar

que não se obtinha apenas com os anos e que evidenciava que aquela dama estava habituada a fazer-se ouvir.

— Não nos conhecemos, embora me tenham contado muitas histórias sobre ti.

Sou Dona Sancha, irmã do rei.

— É uma honra, minha senhora.

— O abade falou-me muito bem de ti, tem-te em alta estima. Agradeço-te o magnífico trabalho, Loarre é esplêndido.

— Não é necessário, este castelo é a minha vida.

— Sim, foi o que ouvi dizer. O tambor da abside é uma obra titânica, qual é o seu segredo?

— Bem, minha senhora, todos os construtores aplicam técnicas semelhantes.

— Não, esta construção tem elementos que eu nunca vi em todo o reino. A cúpula, a cripta e o tambor. Dá-me satisfação saber como fazes.

— Está bem: a chave do tambor, a peça que articula o cilindro absidal com a nave do templo, é essa austera pilastra em jeito de contraforte — explicou Fortún, apontando-a na vertical do muro.

— E já está?

— É mais complicado, mas em traços gerais, é o elemento fulcral e passa despercebido no meio da decoração. Aliás, no ângulo entre ela e o tambor, há também uma fina coluna pouco visível que, partindo da pilastra ao nível da cornija dos janelões superiores, chega à própria cornija.

— Vejo que és tão bom como asseguram. Saberás que em Jaca acabam de terminar o perímetro da catedral. Bem como a maior parte das absides; mas parámos o resto das obras por culpa do bispo.

— É vosso irmão, o infante Garcia.

— Sim, o bispo não está de acordo com abrir-se aos novos tempos.

— Não vos entendo.

— O rito romano. Há uma parte insignificante do nosso clero que ainda o professa e se recusa a substituí-lo. Resolvê-lo-emos em breve, não te preocupes

— disse ela, confiante. — Queria assegurar-me de que em Loarre não haverá problemas dessa índole. Seria uma pena que também aqui tivéssemos de parar as obras.

— Isso seria um desastre, não podemos parar agora.

— Vejo que partilhas do meu ponto de vista, quanto mais cedo o rito estiver implantado em todo o reino, melhor será para todos, entendes?

— Perfeitamente.

— Assim gosto. Quando terminares este castelo, podia solicitar o teu talento para outros edifícios. Tive a honra de o rei me ter confiado a presidência do Mosteiro de Siresa.

— Os meus parabéns e os meus agradecimentos, mas a minha vida está aqui e este castelo é como um filho.

— Pois cuida dele. O rei garantiu o apoio de Roma, tem um poderoso aliado graças ao segundo casamento. A rainha é irmã do conde franco Eblo de Roucy, braço armado de Roma.

— Bom para o nosso rei.

— Não, bom para o reino — disse Dona Sancha, aproximando-se. — Fortún, isto é só o começo. O tempo do infiel está a esgotar-se, em breve pisaremos a Terra Chã.

Capítulo Setenta e Dois

LOARRE. MAIO DO ANO 1075

A ampliação para oriente do recinto do castelo implicara quase duplicar a superfície em torno da torre de menagem. Esta última intervenção, somada às muitas produzidas desde que o lombardo iniciara a obra, fazia com que o acabamento das diferentes épocas construtivas fosse evidente. Na igreja, os silhares eram mais cuidados, em talha e escultura, pelo que exigiam menor quantidade de argamassa na sua colocação, enquanto nos edifícios anexos o trabalho dos silhares fora mais tosco, feito à picareta. Em ambos os casos, apresentavam marcas de cantaria.

Naquele momento, havia várias quadrilhas a trabalhar ao mesmo tempo. A principal dedicava-se aos últimos arranjos no telhado da igreja, havia outra nas dependências nos pavilhões e tinham contratado também uma terceira que dava apoio em ambos os lugares e noutros menos importantes, podendo colaborar nos dois trabalhos em simultâneo.

O abade entrou no novo templo pela porta dos clérigos, um acesso estreito e sóbrio, em volta perfeita e com aduelas, tendo apenas uma decoração à base de palmas no intradorso das cornijas. Uma vez na única nave da igreja, o abade sentiu-se avassalado. Fortún construía um espaço especial para se estar em comunhão com Deus. Dotado de uma magnífica cabeceira, um falso cruzeiro com arcos torais que sustentavam a abóbada semiesférica e uma curta nave fechada a oeste pela muralha arcaica.

A obrigatória orientação litúrgica da construção implicara que esta se dispusesse extramuros frente ao antigo templo, acoplada ao pano oriental da muralha primitiva que lhe servia de muro. A fachada meridional e o seu cilindro absidal faziam parte do novo perímetro defensivo, interpondo-se no caminho de acesso ao recinto superior que havia sido alterado. Mas o maior desafio fora, sem dúvida, conseguir um plano horizontal ideal para a edificação da Igreja de São Pedro. Para tal, tinham sido criados três volumes consecutivos, de ocidente para oriente: o corpo de guarda, a caixa da escadaria principal e a cripta, com a advocação de Santa Quitéria, virgem e mártir que vivera em terras da Galiza no século II. Ela e as irmãs tinham sido repudiadas pela família logo após o nascimento, sendo adotadas em segredo por uma família cristã e educadas na

verdadeira fé. Perseguidas e ameaçadas, as jovens viram-se obrigadas a fugir para diferentes lugares, sendo todas martirizadas. Quitéria estivera em Loarre e realizara o milagre da cura do mal da raiva, e os cães acalmavam-se na sua presença.

O abade supervisionava a obra, tal como o mestre. Tinham ambos o mesmo objetivo. Javierre viajara muito e conhecia bem as novas catedrais construídas do outro lado dos Pirenéus, bem como a Sé de Jaca. A importância da Igreja de São Pedro de Loarre apresentava-se similar, era uma capela real, e por isso se encarregara de que seguisse fielmente o modelo da Catedral de Jaca. Para o rei Sancho Ramires, os dois monumentais edifícios simbolizavam a prosperidade e estabilidade do seu reino, mas Javierre sabia a verdade. Jaca e Loarre eram mais do que isso, representavam a nova era da Hispânia, o novo rito. Pois mudar a liturgia não era banal, implicava controlar a Igreja de todos os reinos cristãos.

Aumentar, em suma, o poder de Roma na Terra.

Por tudo isso, o abade revia obras vezes sem conta. Passeava-se pela zona dos pavilhões, pelo recinto superior onde tinha começado a edificação de um palácio para quando a família real visitasse Loarre. Tanto Fortún como ele concordavam em que era o edifício menos importante e ao qual destinavam poucos efetivos, os suficientes para que se visse algum avanço caso o rei viesse examinar os progressos. Era a igreja que lhe roubava os pensamentos, onde procurava que tudo estivesse perfeito e onde gostava de estar em silêncio, a contemplar os...

— Quem anda aí? — O abade alterou-se ao ouvir passos na cabeceira. — Sai!

Não volto a repetir.

Por uma das duas portinholas que ligavam a igreja à cripta, apareceu uma rapariga. Inicialmente, o abade não a distinguiu à contraluz. Foi ao aproximar-se dela que descobriu quem era.

— Desculpai-me, abade, ando à procura do meu pai — confessou Laura, assustada.

— Não te preocupes, e perdoa-me. Pensei que eras um desses canteiros mandriões — disse ele amavelmente.

— Adeus.

— Espera, porque vais embora? — O abade dirigiu-se a ela. — Já viste a nova

igreja?

— Sim, o meu pai mostrou-me como ergueu a cúpula.

— E os capitéis? De certeza que não te falou neles.

— Não, mas eu...

— Sabes como é uma anfisbena? — A jovem abanou a cabeça. — Vem, eu mostro-te. É um ser com duas cabeças gémeas, a segunda ao fundo da cauda.

Como se não lhe bastasse verter veneno de uma única boca. Uma pode chorar enquanto a outra ri, ou uma estar calada enquanto a outra fala, ou estar acordada enquanto a outra dorme. Se se cortar uma anfisbena em dois pedaços, as duas partes podem voltar a juntar-se. E é a única entre as serpentes capaz de suportar o frio.

— Porque está um ser tão horrível dentro desta igreja?

— Laura, o mundo está cheio de seres como a anfisbena — respondeu o abade enquanto a conduzia à arcada absidal. — Olha, aqui há catorze capitéis, o primeiro e o último exibem um cuidado entrelaçado na sua cesta. O segundo —

apontou para a zona da esquerda — mostra personagens mordidas na cabeça por anfisbenas.

— Morde os crânios de dois homens que vestem hábitos.

— Monges que infringiram alguma das suas regras. Olha para os pés descalços, com as unhas dos dedos esculpidas; e vê, nos ângulos encostados à parede, os outros dois verdugos, com capa e calçados, que seguravam os monstros.

— Que horror!

— Se merecem tal castigo, é porque são adversários da Igreja. Esse homem é o infante Garcia, inimigo de Roma.

— No seguinte há leões — observou Laura.

— Assim é, quatro, e um quinto mais pequeno de cabeça para cima.

— As crias da leoa nascem mortas e, ao terceiro dia, o pai exala sobre elas o seu

sopro, ressuscitando-as — afirmou a jovem.

— Magnífico, Laura — afirmou o abade, entusiasmado —, é isso mesmo. A decoração do capitel é feita à base de frondes de feto, pois esta planta ressurge após ter sido cortada. É uma representação da morte e ressurreição de Nosso Senhor.

Então, a rapariga dirigiu-se ao centro da arcada e parou diante do oitavo capitel.

— Este é o capitel mais especial — disse Javierre, sorrindo.

— Quem são eles? — perguntou Laura, referindo-se a duas figuras masculinas ali esculpidas.

— Sabes guardar um segredo?

— Sim.

— De certeza? Não podes mentir-me, deves confiar no que te digo e guardar segredo.

— Juro.

— Bem, essas figuras esculpidas são Moisés e Aarão, mas... — o abade olhou para trás, certificando-se de que estavam sozinhos. — Na verdade, representam o rei Sancho Ramires dotado da vara milagrosa de Moisés. Que conduz o seu povo à Terra Prometida, a uma nova era. Por isso se encontram ladeados por anjos.

— Que mais segredos há nesta igreja?

— Muitos, nos capitéis podes encontrar grifos rampantes, exuberantes sereias de longas tranças, águias a devorar as presas entre personagens tentadas por serpentes, leões em combate...

— O que é ao certo a tentação?

O abade engoliu em seco, ficou tão surpreendido com a pergunta que demorou mais a reagir do que o habitual em alguém como ele. Olhou para a filha de Eneca e de Fortún e apercebeu-se de algo que, até àquele momento, lhe passara ao lado.

— Meu senhor — interrompeu-o um dos canteiros —, necessitamos da vossa presença.

— O que se passa? — perguntou o abade com maus modos.

— Não sabemos o que fazer com o túmulo.

— Como dizes? — Javierre dedicou a atenção ao intrometido. — Que túmulo?

— Está lá fora, disseram-me que o conheceis bem e qualquer coisa sobre um traidor...

— Tinha-me esquecido, o túmulo do conde Dom Julião — comentou em voz baixa.

— O que fazemos com ele?

— Nada, quero que o deixeis onde está, devemos preservá-lo — ordenou num tom mais consentâneo com a sua posição.

— Como ordenardes. — E o canteiro partiu.

O abade voltou-se de novo para Laura, mas esta desaparecera. Procurou-a pela nave e só conseguiu ver uma sombra que descia por uma das escadarias que conduziam à cripta.

Não a seguiu.

Capítulo Setenta e Três

LOARRE. DEZEMBRO DO ANO 1075

As sereias de Loarre encantavam a imaginação do abade, metade mulher, metade peixe, símbolo do pecado e da luxúria para a Igreja. Segundo dizia a lenda, estes seres eram donzelas marinhas que enganavam os marinheiros com a sua beleza exuberante e a doçura do seu belo canto. Da cabeça ao umbigo, possuíam corpo de virgem e uma forma semelhante ao género humano, mas tinham uma escamosa cauda de peixe, que escondiam sempre no mar para não serem descobertas à primeira vista pelos navegantes, que caíam presa dos seus encantos.

Essas tentações estavam esculpidas a uma altura suficiente para serem visíveis, mas com prudência.

O abade sorria. Fortún e aquele canteiro traidor pensavam que o tinham enganado. Como se fosse assim tão simples ludibriá-lo. A ele, que ascendera da lama à hierarquia de Cluny, que conseguira ser eleito para uma das missões mais transcendentais da Igreja, que tinha o beneplácito do santo padre. Como ousavam aqueles dois trastes fantasiar sequer com a ideia de serem mais inteligentes do que ele?

Quando olhava para aquela sereia, Javierre via Eneca, tinha os seus olhos e o seu cabelo. Sabia que Fortún pedira ao canteiro chamado Sergio que representasse naquele capitel a sua mulher, o pecado em que ele caíra há muito tempo.

Entretanto, os clérigos recitavam os mandamentos da regra, alheios à imaginação do seu superior. O mais velho dos doze lia em voz alta e os restantes repetiam.

Até Javierre o fazia, ainda que inconscientemente, sem saber o que dizia. Eram já tantas as vezes que a sua mente se perdia nos mais obscuros pensamentos enquanto os seus lábios repetiam aquelas regras. Às vezes, o diabo perseguia-o pelos devaneios. Talvez porque o maligno não tem companhia e só alguém como Javierre podia dar-lha. Fosse como fosse, o abade sabia como atravessar para os dois lados da linha que separava os dois mundos sem cair nas profundezas do mal.

Os monges continuavam a recitar.

Não se negue também o banho do corpo quando a necessidade o aconselhar; mas faça-se sem murmurações, seguindo os ditames do médico, de tal modo que, ainda que o doente não queira, se faça por mandato do Superior o que é conveniente para a saúde. Mas, se não o for, não se atenda à mera satisfação, pois, às vezes, embora prejudique, julga-se ser proveitoso o que agrada.

O abade continuava a mexer os lábios, enquanto mantinha o olhar perdido na sereia.

Eneca segurava uma cabra, que se queixava sem cessar. Por duas vezes tentou esquivar-se às duas mulheres que a seguravam, ajudadas pela filha Laura, que assistira a inúmeros partos, mas nunca interviera como ajudante. A rapariga estava nervosa e esforçava-se por cumprir o melhor possível o que lhe competia, apesar de a cabra não parar de se mexer e ter desferido vários coices que não encontraram um anfitrião para os receber.

— Segurai-a bem! — exigiu Eneca. — Já vem aí!

Laura não se impressionou ao ver o jorro de sangue e como a cria saía das entranhas da mãe, envolta numa substância esbranquiçada. Lembrou-se da primeira vez que vira uma criatura vir ao mundo, quase vomitara, nunca pensara que um nascimento fosse tão desagradável.

Eneca terminou o parto e levou a recém-nascida nos braços. Dirigiu-se à filha e mostrou-lhe o pequeno rosto onde brilhavam duas pupilas cheias de vida.

— Que te parece?

— Incrível. — Ainda estava abalada pela experiência. — Não entendo como pode algo crescer dentro de um animal e sair com vida.

— Sabes o que acontece com as crias da leoa?

— Sim, mãe. Nascem mortas e são ressuscitadas ao terceiro dia ao receber o sopro do pai.

— Como sabes?

— Não me lembro, acho que ouvi dizer a alguém. Mãe, como foi o meu parto?

Sofreste?

— Uma mãe não se sente mal quando dá à luz, não há nada que deseje mais. É

quando nasceis que começamos a sofrer.

— Porquê?

— Tememos sempre que vos aconteça algo de mal, quando saís de nós já não podemos proteger-vos.

— Mãe, não me vai acontecer nada.

— Bem, é melhor levarmos o cabrito para junto da mãe, está à procura dele.

Na torre exterior, um par de castrenses montava guarda na escuridão da noite. As tochas penduradas dos merlões mal iluminavam a base da muralha. A partir daí, tudo era uma penumbra espessa. A zona cortada

frente ao castelo estava demasiado difusa e, por mais que esforçassem a vista, não distinguiam as sombras.

— Não aguento mais, deu-me uma cólica.

— Caramba! Que azar.

— Vou à latrina. — E correu em direção a uma das torres mais próximas da porta de acesso.

Demorou a regressar e, quando o fez, o companheiro esperava-o, sorridente.

— Correu bem?

— Larguei um urso.

— Não será para tanto — disse-lhe o outro, na brincadeira. — Certo é que valeu a pena trabalhar na muralha para conseguirmos uma latrina em troca.

— Cagamos como os nobres! Menos mal que o Galindo nos convenceu, bem sabia ele que era um bom negócio ajudar o Fortún.

— Exato. — Desataram a rir-se. — Que frio que está esta noite! — comentou o mais magro.

— Quando o outono se aproxima, os dias encurtam rápido.

— É verdade, parece que têm pressa que chegue o inverno e comece a nevar e a gear.

— Bem, o frio tem vantagens. Ninguém ataca depois do São Miguel, eu gosto do inverno.

— Tens é vontade de não precisares de fazer tantas guardas e assim dares mais cambalhotas com a tua mulher.

— E quem não tem? — Soltaram ambos uma gargalhada.

— Seja como for, mais vale estar aqui do que no castelo. Os que fazem as guardas lá em cima gelam.

— Além do mais, lá, não os deixam usar a latrina, essa é para o rei ou para o tenente.

— Será pelas muitas vezes que cá vêm.

O mais magro procurou o cântaro onde escondiam o vinho e levou-o aos lábios.

Estava agitado, mas aquecia bem a garganta. Comprara-o a um moçárabe que o trazia da Terra Chã. Ia dar outro gole quando uma flecha lhe trespassou a garganta. Exprimiu apenas um grunhido indecifrável, outra flecha rebentou com o olho direito do companheiro de guarda, que soltou um grito de dor capaz de rasgar o céu.

Esse grito alertou um dos vigias postados sobre o teto de madeira da torre de entrada que dava acesso ao recinto amuralhado. Tinha maior espectro de visão, pois a envolvente da porta estava iluminada por duas fogueiras exteriores, o que evitava que alguém pudesse aproximar-se demasiado sem ser visto.

Pegou numa tocha e moveu-a no ar, esperando a resposta dos companheiros.

Esforçou a vista para ver bem qualquer luz na solidão da noite. A resposta, porém, demorava, e ele começou a angustiar-se.

Repetiu o sinal, para o caso de, por alguma estranha razão, não o terem visto.

Bem sabia que aqueles dois se aqueciam com uma ou outra beberagem durante as vigias, ele mesmo o fazia quando o frio apertava, mas o inverno ainda não chegara.

Respirou aliviado ao ver que respondiam ao sinal.

— Malditos estúpidos! — sussurrou. — Que grande susto me pregastes.

Bateu duas vezes com as botas no chão de madeira. No piso inferior, havia outros dois homens de armas a zelar pela segurança do acesso. Para melhor defesa, a entrada não era direta, girando antes para a esquerda mesmo por baixo deles.

— Como vão as coisas aí em baixo? — disparou, de olhos no chão. — Parai de jogar aos dados.

Foi a última coisa que disse. Ao erguer os olhos, uma afiada lâmina de metal abriu-lhe a garganta, desenhando uma linha vermelha de onde brotaram gotas de vida que ele tentou estancar, enquanto uns braços o agarravam para o depositarem no chão da torre.

Os dois intrusos, que tinham chegado até ali pelo caminho de ronda que o unia à outra torre, voltaram a bater no chão. Passado pouco tempo, a portinhola abriu-se e um corpulento soldado pôs a cabeça de fora.

— O que queres agora? — perguntou enquanto acabava de subir as escadas, sem prestar muita atenção. — Juro-te que não estávamos a jogar, só...

Repetiram o procedimento, como se de um trabalho de rotina se tratasse, cortando-lhe o pescoço e segurando-o entre os dois para que não fizesse barulho, e colocando-o depois junto ao outro corpo. Agora vinha o mais difícil, entreolharam-se. Tinham o rosto tapado e as suas roupas eram escuras a ponto de se misturarem com a noite. Agarraram com força os punhos das espadas, sabiam que tinham de ser rápidos.

Em silêncio, invocaram o seu deus e o primeiro desceu a escada de madeira o mais rápido que pôde. Lá em baixo, confiante, estava sentado um guarda num banco de madeira. Ao ver o sarraceno, reagiu de imediato e agarrou na espada que tinha ao lado. A tempo de bloquear o ataque. O muçulmano falhara, mas não

se daria tão facilmente por vencido. Recuou um passo e voltou à carga, trocando dois e até três golpes. Aquele cristão manejava a arma com destreza e teve de recuar. Desferindo bem os golpes, de tal modo que ficou sem espaço, com a parede colada ao muro de pedra, entre a escadaria e a portinhola seguinte do chão.

Viu a lâmina procurar-lhe o peito e então outra espada surgiu das alturas, cravando-se entre o ombro e o peito do defensor, que caiu de joelhos.

Não havia tempo para disparates, lançou o braço contra ele e trespassou-lhe o estômago como a um animal, deixando-o cair sobre uma grotesca poça de sangue.

Na Igreja de São Pedro, o abade de Cluny ouvia atentamente os intermináveis mandamentos da ordem.

Ainda que os vossos olhos se deparem com alguma mulher, não vos fixeis em nenhuma. Pois não estais proibidos de ver as mulheres quando saís de casa, pecado é desejá-las ou quererdes ser desejados por elas. Pois não só com o tato e o afeto, mas também com o olhar, se provoca e nos provoca o desejo das mulheres.

O abade não deixava de olhar para os capitéis que decoravam a igreja, os que ele mandara esculpir por ordem de Cluny. Ali, rodeado de figuras fantasmagóricas, serpentes, grifos, leões...

Num deles, a árvore do conhecimento, do bem e do mal, com quatro frutos, sendo um tomado por Eva. Entretanto, uma serpente, enroscada no tronco, parecia aconselhá-la. Adão e Eva estavam nus, já tinham pecado, não havia tempo para arrependimentos, bem o sabia ele. Cobriam o sexo com folhas da árvore que seguravam com a mão esquerda, demasiado tarde. Já estamos condenados.

— E lembrai-vos, irmãos — disse o abade, erguendo a voz —, a mensagem de São Bento é a nossa luz, pois glorifica não só em Roma, mas em toda a Igreja.

Qual astro esplendoroso, irradia a sua luz refulgente no meio das trevas da noite.

Temos um trabalho essencial neste reino, pois a liturgia não é outra coisa senão a vida da Igreja, e é impossível vivê-la sem conhecer e amar a própria Igreja.

Um dos dois muçulmanos infiltrados desceu à porta e soltou a tranca com o maior cuidado, enquanto o outro pegava no arco que trazia às costas, acendia a ponta impregnada em azeite da flecha com um dos archotes e disparava contra a imensidade do firmamento noturno. Por um momento, a flecha pareceu uma estrela fugaz, uma lágrima que caía do céu à terra. Uma de tantas que nessa noite se derramariam, pois, qual alcateia de lobos, dos bosques e penhascos que rodeavam Loarre, surgiram sarracenos armados em número impossível de calcular.

O cabecilha levantou o braço e todos se quedaram, em silêncio. Quando o baixou, começaram a avançar com sigilo, aproximando-se das muralhas. Faltava pouco para atravessarem o umbral a partir do qual podiam ser vistos pelos outros sentinelas. Quando atravessaram a luz das tochas que iluminavam o caminho, desataram a correr como feras levadas pelo diabo.

Os primeiros chegaram ao acesso receosos de alguma surpresa, mas a porta recebeu-os aberta. Uma vez no interior do recinto, organizaram-se por grupos e avançaram rumo às casas da povoação.

Fortún tinha na mão o velho relicário do lombardo; lá dentro, dobrado, um papiro antigo com um par de passagens da Bíblia protegia aqueles que o portavam. Guardou-o de novo e chegou ao estábulo onde a família se encontrava, juntamente com outras duas mulheres. Tudo parecia indicar que uma cabra acabava de dar à luz.

— Podia ter escolhido outra hora, é tarde — disse ao vê-las. — Vamos, Laura, é hora de dormir.

Fortún olhou então para Eneca, estava calada, como que ausente. Com o olhar perdido e mais negro do que o habitual. O rosto pálido, quase amarelo, e um suor frio na testa.

— O que se passa contigo? Estás bem?

Eneca fitou-o, não falava. Era evidente que algo lhe passava pela cabeça.

— Fortún — disse, abrindo finalmente a boca —, já vêm aí.

— Quem vem aí?

— Eles, já entraram — respondeu Eneca, numa voz fraca. — Corre! Vem atrás de todos nós.

Fortún sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo, saiu de imediato e olhou na direção das muralhas. No céu, voava um pássaro de fogo.

— Correi para o castelo! Rápido!

Fortún não se mexeu até que viu Eneca pegar na mão de Laura e subir o caminho até à fortaleza. Então, correu para a nova igreja da aldeia. Assim que entrou, virou à direita para o acesso ao campanário e subiu, quase a saltar os sucessivos degraus, até chegar à corda que puxava o badalo do sino.

O eco do seu som retumbou naquela noite ínsone. Uma, duas, três vezes. E prosseguiu incessante.

Galindo foi dos primeiros a sair, armado com várias ascumas. Deu algumas passadas até um dos promontórios que dominavam a muralha. Viu uma massa de sombras, como animais, correr para o acesso ao recinto exterior. Lá dentro, várias figuras com tochas e, nos caminhos de ronda, nem rasto dos guardas.

— Santo Deus! — exclamou um dos que haviam chegado atrás dele. — O que fazemos?

— Não podemos defender a muralha exterior, temos de nos refugiar no castelo.

— E os velhos? E as crianças?

— Temos de lhes dar tempo — respondeu, enquanto verificava que outra meia dúzia de homens armados chegava à sua altura. — Precisamos de os conter o máximo possível.

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras, o grosso dos sarracenos atravessava a porta e rodava noventa graus a ocidente, sem encontrar qualquer defensor que os detivesse. Como um emaranhado de formigas, entraram em Loarre e espalharam-se pelo povoado.

Por essa altura, Galindo contava já com trinta homens armados, enquanto o resto da população fugia para a fortaleza.

— Hoje vai ser um esplêndido dia para todos nós, pois não restará um infiel nestas terras que não tenha provado o nosso aço — disse o navarro, que deu dois passos à frente, cravou o pé esquerdo no chão e moveu o braço estendido de trás para a frente.

A ascuma sulcou a noite e derrubou com tal virulência o primeiro inimigo que se aproximava que este saiu disparado vários passos para trás, tendo morte imediata.

Atrás dele, vinha um sem fim de muçulmanos entre gritos indecifráveis, todos ocultos sob roupas escuras, fortemente armados e equipados com cotas de malha. Os cristãos não se acobardaram, sendo Galindo o primeiro. O pamplonês tomou outro projétil e atirou-o com igual sorte. Não conseguiu fazer o mesmo com o terceiro, pelo que o agarrou com força com as mãos e cravou-o no abdómen de um volumoso sarraceno que vinha com o escudo demasiado alto.

Arrancou-lho do corpo a tempo de o atirar contra outro que estava prestes a rasgar as costas de um dos cristãos que haviam descido para conter o ataque.

Pegou na última ascuma, travou um golpe de espada bem lançado por outro infiel que combatia com o rosto protegido por um aparatoso elmo. Isso tirou-o do sério, um homem que se preze não deve ter a desfaçatez de combater de rosto coberto. Se alguém te tira a vida, o mínimo que deve fazer é mostrar-se para que o recordes no além.

Soube, por isso, que não chegara a sua hora, recuou alguns passos e deixou que o rival ganhasse espaço. Viu-lhe nos olhos o brilho de quem subestima o oponente e, quando recuou um passo, estava preparado para se desviar e

deixar que o impulso do infiel o fizesse tropeçar o suficiente para encontrar um flanco descoberto e aí lhe cravar a ponta da ascuma. Sentiu como partia várias costelas e empurrou com toda a força para lha enterrar no pulmão.

Caiu, gesticulando ao tentar respirar. Por mais que se esforçasse, cada golfada saía manchada de sangue. Agarrou na madeira do projétil e, com um forte puxão, arrancou-lha das costelas. O grosso dos assaltantes aproximava-se a grande velocidade, não podiam contê-los mais. Olhou para o castelo e verificou que os últimos habitantes de Loarre estavam já a entrar.

— Para a fortaleza! Retirada!

Os valentes que restavam com vida tentaram segui-lo, ainda que dois estivessem tão cercados por inimigos que só podiam continuar a combater.

Morreriam.

Galindo não ia permitir isso e lançou o último projétil contra um dos sarracenos que rodeavam o que estava mais próximo. Atingiu o muçulmano no meio do rosto e este caiu aos reboles contra os companheiros, o que deu ao cristão a possibilidade de abandonar a luta e correr para o castelo. Galindo fez o mesmo, custava-lhe mover com agilidade o seu peso. Chegou à base da muralha, onde os arqueiros ainda não tinham tomado posições: noutros tempos, a cabeleira ruiva de Ava estaria já a dirigir a defesa e o seu longo arco teria coberto a retirada.

Mas a arqueira não estava ali para proteger Loarre.

O abade, de um vão aberto a sul na Igreja de São Pedro, olhava para baixo. Uma horda de infiéis avançava impetuosamente para a fortaleza.

Como é possível? Deus não pode permitir tal coisa, disse para consigo.

No templo, os monges apressavam-se a pôr em segurança as arquetas com as relíquias de São Demétrio, os livros, as peças de ourivesaria, tudo o que tivesse algum valor devia ser levado para o recinto superior do antigo castelo.

Javierre assistia ao ataque, os últimos cristãos apressavam-se a refugiar-se entre os muros. Já não havia nenhum na aldeia, os sarracenos estavam a destruir tudo e criavam barricadas com os destroços das casas. Uma paliçada de madeira e desperdícios começava a rodear o castelo. Não eram estúpidos, aquilo fora bem preparado. Com a cumplicidade da noite, faziam outros movimentos que o abade não podia vislumbrar. Ao amanhecer, haveria surpresas.

Se Ele nos abandonou e a culpa é minha..., pensou.

Percorreu a nave do templo e parou sob a impressionante cúpula. Ajoelhou-se sob o seu ponto central e começou a rezar. Os monges tinham saído, estava sozinho.

Ficou ali até ao amanhecer.

Com os primeiros raios de sol, Fortún e Galindo observavam, do andaime superior da torre principal, a estratégia dos sarracenos.

— Maldição! Não há dúvidas de que aproveitaram bem a noite.

— Devem ter trabalhado sem descanso, o castelo está cercado por uma paliçada.

Qual é a necessidade? Não vamos fugir, se é isso que pensam.

— Há zonas que não vemos daqui, vá-se lá saber o que tramam!

— Fortún, são muitos. Aqui estamos em segurança. Sabes melhor do que ninguém ao que o velho castelo resistiu, este que construístes agora é mil vezes mais forte, mais bem preparado. Não conseguirão entrar... certo?

— Não sei, eles controlam-nos desde Bolea. Sabem o que construístes, se nos atacam agora é porque têm um plano, algo que os faz pensar que conseguem tomá-lo.

— O quê? Que podem eles ter concebido?

— Quem sabe? Além disso, agora Loarre é mais do que um castelo, há uma comunidade de monges e é o símbolo do reino, a prova de que Sancho Ramires é rei pela graça de Deus. Imaginas se o perdemos? Pode ser o fim de Aragão.

— Talvez seja por isso que nos atacam.

— Exato, e por isso não confio neles.

Uma enorme agitação retumbou no interior da aldeia e os alicerces da fortaleza tremeram. Na zona mais baixa de Loarre, uma nuvem de pó subia em busca de vento.

— O que foi aquilo? — Galindo tinha o medo estampado no rosto.

— Nada de bom, derrubaram parte da muralha exterior.

— Não faz sentido, agora são eles que a controlam.

— Não pode ser nada de bom. Preocupa-me, porque fizeram tal coisa? A não ser que...

— O quê? A não ser que o quê?

— Pois, que fosse um estorvo para eles.

— Fortún, o sono está a afetar-te a cabeça, por que diabos havia a muralha de os incomodar?

— Acho que ali tens a resposta.

Entre o pó que se esfumava, arrastado para oeste pelo vento que mudara de direção, divisou-se um gigante de madeira. Estava coberto de peles e era tão alto como o campanário da nova igreja da aldeia. Não vinha sozinho, outros iguais surgiram atrás dele, a caminho da paliçada.

— Torres de cerco.

— E não só.

Uma estranha máquina apareceu, puxada por uma dúzia de mulas, com um longo braço que contava com um contrapeso numa das pontas.

— Sabes o que é?

— Receio que sim, li sobre esses artefactos no livro do lombardo e acerca das suas proezas.

Havia, no entanto, mais surpresas. Os muçulmanos começaram a mover-se com tochas nas mãos e, num ato incompreensível, pegaram fogo à débil muralha de madeira que eles haviam construído. Cedo começou a arder, avivada por aquele inesperado vento. Em poucos instantes, o Castelo de Loarre viu-se envolto num anel de fogo, o fumo era empurrado e canalizado para cima, até penetrar no antigo recinto e nas torres que o defendiam, tornando o ar irrespirável. Os sarracenos traziam mais madeira e destroços para avivar as chamas e Loarre encheu-se de um cheiro irrespirável a queimado que encharcava os pulmões e secava a garganta. O seu negrume tornava impossível ver com clareza os movimentos seguintes dos atacantes. O medo e a preocupação espalharam-se entre os cristãos, que, cansados de rezar a um Jesus que parecia tê-los

abandonado, começaram a recordar os antigos deuses, aqueles que durante gerações tinham protegido as montanhas.

— O medo é uma arma poderosa, e eles sabem.

— Não, Galindo. Não é medo o que pretendem causar-nos, querem que não consigamos ver, que a incerteza nos invada. O medo é poderoso, como tu bem dizes, mas a confusão é devastadora. Não há nada pior do que não saber o que vai acontecer...

Fortún virou costas a Galindo, atravessou o piso de madeira e desceu pelas escadas ao nível inferior onde se situava a porta que ligava ao adarve que unia as torres do castelo. Daí, procurou a família, com esse estranho instinto de que os pais estão dotados, e identificou Laura junto aos muros do palácio ainda por terminar. Eneca não podia andar longe. Efetivamente, a mulher estava a organizar o gado que tinham conseguido subir e que guardavam no interior do inacabado palácio real.

Mesmo naquela situação, cercados pelos inimigos, com o ar irrespirável, o cheiro horrendo do fogo, a tensão e o medo que habitavam já no coração dos seus iguais, Fortún viu a luz que a filha Laura emanava. Já não era uma criança, convertera-se numa bela jovem. E, naquele contexto, lembrou-lhe outra pessoa.

Talvez o seu espírito estivesse ali com eles naquele dia nefasto, protegendo-os como ela sempre fazia.

— Galindo, temos de agir. Toma todos os silhares que puderes do palácio real, um par de homens pode carregar com um. Leva-os para as muralhas, deixá-los-emos cair do alto contra os muçulmanos.

— Mas o palácio é...

— Já o reconstruiremos. Arrancai até os alicerces se for preciso. É uma construção sem função defensiva, podemos prescindir dela. Fazei-o depressa, não vamos ficar à espera que nos ataquem!

Galindo tomou todos os homens disponíveis e começaram a desfazer os muros e a levar os despojos para as muralhas, através de escadas, rampas, carroças e, sobretudo, a força dos homens que começaram a ver alguma esperança quando Fortún assumiu o comando.

Foram amontoando as pedras, enquanto o mestre de obras pedia aos arqueiros que pegassem em tochas. Distribuiu-os pelas defesas, à espera do seu sinal.

Colocou os mais hábeis na cornija que encimava a abside da Igreja de São Pedro.

— Escutai bem! Chegou a hora de demonstrarmos a nossa valentia. Este castelo jamais foi conquistado e também não o será hoje. Não o permitiremos! Se é fogo que esses infiéis querem, então é fogo que terão.

Os defensores assentiram.

— Ainda não chegou o dia em que Loarre será maculado, estes muros viram o sangue de muitos homens como nós, que deram a vida para os proteger. Hoje, devemos mostrar que somos dignos de unir a nossa história à deste castelo para toda a eternidade. Loarre não cairá hoje! Loarre não cairá nunca!

Os gritos dos homens ergueram-se acima das defesas e desceram castelo abaixo, para surpresa dos atacantes, que, no avanço, duvidaram pela primeira vez do seu final.

— Podemos morrer, sofrer e chorar, mas nunca permitir que a santa cruz abandone esta fortaleza, ouvi bem! Deus está a observar-nos, hoje defendemos a sua casa: se lhe falharmos, não haverá misericórdia para as nossas almas.

Tomou ele mesmo um arco, acendeu a ponta e disparou para o céu. Ato contínuo, todos os arqueiros de Loarre dispararam flechas de fogo, desenhando no céu uma linha que rasgava o fumo e caía contra os sarracenos para lá da paliçada, fazendo com que outras partes da aldeia também se incendiassem.

Zonas que lhes eram úteis e que foram a correr apagar. Não sabiam o que lhes caía em cima até que o primeiro silhar rebolou de um dos vãos do templo, chocando contra os penhascos da rocha-mãe e partindo-se em vários blocos que se precipitaram contra a muralha de fogo e, para surpresa dos muçulmanos, a atravessaram, como uma chuva de lascas de pedra que lhes rasgaram os rostos e a pele.

A esse silhar, seguiram-se muitos mais, e fustes de colunas, mísulas, aduelas de arcos, bases, lajes do pavimento e rochas de alvenaria.

Foi como se o castelo se desfizesse diante deles e o seu peso caísse sobre as suas posições. A paliçada ruiu e, com ela, o muro de fumo e fogo. As torres de cerco

estavam tão perto que começaram a ser atingidas, até que uma sofreu um tremendo impacto numa das rodas e foi derrubada. O seu próprio peso caiu contra outra das torres, que se precipitou igualmente contra o chão,

esmagando os sarracenos que as vigiavam. As mulas que as puxavam entraram em pânico e soltaram-se para fugir do caos.

Não ficou por aí a ofensiva cristã. Os blocos de arenito não pararam de se precipitar montanha abaixo, causando o caos entre os sitiadores, que se refugiavam onde podiam, entre as rochas, a muralha exterior ou as ruínas de algumas construções. Era como se chovesse pedra em vez de água.

Passado algum tempo, a chuva de pedregulhos parou. Os muçulmanos respiraram de alívio e alguns atreveram-se a espreitar dos refúgios. O cerco fora desfeito, o fogo da paliçada estava quase extinto. Todas as torres de cerco, exceto uma, estavam no chão e a gigantesca arma de contrapeso para lançar projéteis fora danificada pelos impactos. As perdas de homens eram, todavia, escassas. Os caudilhos do exército tentaram reagrupar os homens o mais cedo possível, embora não fosse fácil. Tiveram de se esforçar para voltar a formar, e ainda mais sem um plano claro de atuação e com os cavalos perdidos, pois a maioria fugira ao sentir o perigo.

O que parecia ser o líder postou-se sobre a abside da igreja da aldeia e incitou-os a continuar a combater. Lançou uma proclama em árabe que lhes insuflou novas esperanças e, quando erguia ao céu a espada curva para relançar o cerco, uma flecha cravou-se a um par de dedos do seu pescoço. O sarraceno olhou para o lugar de onde provinha, era uma das torres do recinto exterior. A muralha e os cubos haviam sido retomados pelos aragoneses, que tinham aproveitado a confusão para sair por um dos portões do castelo, acabar com os reforços e reconquistar a muralha exterior. Nesse preciso instante, abriu-se a porta da fortaleza de Loarre e a cavalaria cristã surgiu por ela. Os primeiros ginetes galoparam em direção à aldeia.

Os pendões do Crescente começaram a fugir, o caudilho sarraceno caiu de joelhos. Ainda conseguiu ver como alvejavam os seus homens a partir da muralha e como a cavalaria cristã ganhava velocidade e avançava sobre a sua posição, rompendo as debilitadas linhas de defesa e abrindo suficientes buracos para que os infantes que vinham atrás despachassem os seus homens.

Os cristãos da muralha exterior resistiram, bloqueando a retirada, e Loarre

converteu-se numa ratoeira de onde não havia forma de sair.

Não viu mais nada.

Com a última golfada de vida, pediu clemência pela sua incompetência a Alá, o misericordioso.

Fortún tinha razão. Loarre não seria conquistado naquele dia, nem talvez nunca.

Capítulo Setenta e Quatro

LOARRE. JANEIRO DO ANO 1076

No furor da vitória, os defensores de Loarre abraçavam-se, efusivos e transbordantes de alegria. Os sarracenos fugiam como podiam, saltando das muralhas, correndo como cães espancados. Eram tantos e, no entanto, pareciam tão inofensivos, tão débeis que agora muitos cristãos não hesitavam em zombar deles.

Eneca não.

Sabia o que lhes custara o triunfo, sabia que só alguém como Fortún pudera traçar uma defesa daquele calibre. Apesar de estar na pior das situações, Eneca aprendera a esperar dele o inimaginável. Era o que mais lhe agradava em Fortún, a sua capacidade de surpreender, para o bem e para o mal, ambas as facetas não podiam dissociar-se nele. Após tantos anos juntos, continuava a ser um enigma que ela se esforçava por resolver. Talvez nunca o conseguisse e talvez fosse essa a chave para que o seu amor continuasse tão vivo. E podia também ter sido uma explicação perfeita para a forma de ser de Laura, tão difícil, tão enigmática, tão... como Fortún, como se ele fosse realmente o seu pai. Mas ela sabia que não era assim, que podia tentar enganar toda a gente, mas não a si mesma. Laura era imprevisível, disso não havia dúvida. De facto, voltou-se e não a encontrou a seu lado.

Procurou-a pelo pátio de armas e também no adarve da muralha superior.

Não estava ali.

Embora os muçulmanos estivessem a retirar, sentiu um receio aterrador pela filha. Loarre ainda era perigoso, mortos e feridos amontoavam-se entre os muros, sangue, dor e lamentos não eram o melhor cenário para ela estar sozinha.

Um a um, percorreu os corredores do castelo, repletos de recantos. Não conseguiu aceder à zona dos clérigos, conscienciosamente trancada durante o cerco, pelo que seguiu pelo corredor que os civis e militares utilizavam para chegar à porta de acesso à Igreja de São Pedro.

Estará a Laura a rezar?, perguntou-se.

Impossível, naquele momento em que todos celebravam a vitória, a sua jovem filha não podia estar recolhida no templo. No entanto... foi até lá, num desses palpites que as mães têm. O instinto que as ajuda a saber quando os filhos se encontram em perigo e onde estão.

A porta estava entreaberta, empurrou-a e atravessou o umbral do templo.

Não havia ali ninguém, aquele lugar era ainda mais impressionante vazio. A enorme cúpula que Fortún erigira em representação de Deus, do seu Deus, era avassaladora. O espaço era demasiado perfeito, tanto que não havia recantos onde se esconder. Uma única nave, a porta para o adarve que comunicava com um posto exterior nos penhascos, as portinholas que conduziam à cripta e à porta dos clérigos.

Aproximou-se da escada de madeira portátil pertencente a este acesso e que normalmente estava deslocada, mas que daquela vez se encontrava no sítio, como se alguém tivesse acabado de a usar. Subiu os três degraus e tentou empurrá-la, mas fora fechada por dentro.

Tentou com todas as forças abrir a porta, mas esta não cedeu. Examinou as possibilidades e decidiu abandonar o templo. Saiu para a rampa de acesso à zona do castelo lombardo e, aproveitando que estavam todos distraídos com os festejos, tomou uma escada de mão de uma das estruturas de madeira da muralha e levou-a até ao corredor aberto que dava para a igreja. Procurou também uma ferramenta e descobriu um dos martelos usados para soltar os silhares do palácio antes de os atirarem contra os muçulmanos.

Encostou a escada ao muro até chegar à ponta do passadiço superior, utilizado exclusivamente pelos monges e com o chão de madeira. Procurou as tábuas que pareciam mais soltas e golpeou-as com o martelo. Levou algum tempo até que partiu um par delas e deslizou o seu pequeno corpo pelo buraco.

Estava no espaço dos clérigos, com a igreja numa das pontas e os dormitórios na outra. Nunca estivera ali dentro, nem durante a construção.

Espreitou por uma das janelas inclinadas que davam para o exterior e viu de novo o fumo e a destruição de que a aldeia havia sido vítima. Não perdeu mais tempo e, em silêncio, avançou para o pavilhão dos religiosos. À sua direita,

abria-se um espaço de aspeto nobre, que identificou como a sala capitular onde os clérigos deviam reunir-se. Continuou pelo chão de madeira até uma porta alintelada, que temeu que estivesse também fechada. Ao empurrá-la, a folha cedeu e continuou por ela até chegar a uma zona sob a torre principal do castelo.

Nela, abriam-se duas portas iguais. A alternativa chamou-lhe a atenção, como se não fosse por acaso. Dois acessos idênticos, era como se o Destino zombasse dela, obrigando-a a escolher.

Hesitou.

Fechou, pois, os olhos e concentrou-se, abriu a mente a qualquer sensação que flutuasse no ambiente. Ao voltar a abri-los, teve um leve pressentimento e dirigiu-se à porta da esquerda, empurrando-a sem demora.

Não foi preciso atravessar o umbral. O que viu deixou-a petrificada.

A filha, Laura, estava rodeada por uns braços. Os seus lábios eram avidamente devorados, como se de um fruto carnudo se tratasse.

Podia suportá-lo se fosse qualquer outro. Mas não ao descobrir o dono daqueles olhos viciosos nos quais o rosto de Laura se refletia, o olhar lascivo que penetrava a filha.

Javierre não reagiu à entrada de Eneca, pelo contrário. Agarrou fortemente a rapariga pela cintura e puxou-a para si.

— Laura! — gritou Eneca desde as entranhas.

— Mãe, o que fazes aqui?

— Como te atreves a perguntar-me isso? Como te atreves...? Solta-a!

— Deixa-me explicar, o abade ama-me. Sei que é religioso, mas também é um homem.

— Laura! Que diabos estás a dizer? Esse... esse ser é repulsivo, o pior que conheci na vida.

— Não, mãe, é sábio e bom.

— Cala-te! — gritou Eneca, desesperada, entre soluços e lágrimas.

— Não te dês ao trabalho, Laura, a tua mãe não entende. Há muito tempo que deixou de amar e não se lembra do que é o amor.

— Amor! Não fazes a mínima ideia do que essa palavra significa. És...

— Laura, a tua mãe quer controlar-te e tu já és toda uma mulher, podes decidir sozinha. — O abade acariciou-lhe o cabelo com aparente doçura.

— Não lhe digas isso, maldito. — Eneca avançou de martelo na mão.

— Quieta, bruxa. — Javierre deu um passo em frente e pôs-se diante de Laura.

Eneca ergueu o braço e tentou atingir o abade. Este estava à espera disso, facilmente se esquivou e não lhe custou nada agarrá-la pelo pulso e torcer-lho de tal forma que a mulher soltou a ferramenta e esta atingiu o chão frio do dormitório.

— Nunca aprenderás, serás sempre uma ferazinha indomável — sussurrou-lhe, apertando-a contra ele. — Se tivesses querido, serias minha. Agora, por

tua causa, deverei tomar a tua filha.

— Laura, sai daqui!

— Solta-a, por favor. — A jovem aproximou-se de Javierre e agarrou-lhe o braço. Este virou-se e esbofeteou-a.

— Nãaaaaaaao! — gritou Eneca com todas as forças.

A rapariga saiu disparada em direção ao muro da divisão, caindo contra o chão de madeira e abrindo uma ampla ferida na testa. Aí ficou, estendida, com o rosto ensanguentado e sem se mexer.

— O que fizeste, animal?! — exclamou Eneca, conseguindo soltar-se.

— Pensavas que a deixava ir? Tenho uma reputação. Só queria chegar a ti, ou acreditavas que deixei a porta aberta por engano?

— Como?!

— Sim, Eneca, só te quero a ti. A tua filha é uma má cópia, sei o sangue que lhe corre nas veias. Dá-me tanto nojo acariciá-la, mas faço-o por ti. Faria qualquer coisa por ti, Eneca.

— Estás doente.

— Não, nada disso.

— Vou matar-te.

— Acho que ambos sabemos que não vai ser assim. — E Javierre fitou-a com um sorriso. — Pensa bem, se eu não quiser, tu não saís deste lugar.

— O Fortún matar-te-á.

— Não fales nesse fantoche com ares de grandeza. Não sei porque é que Deus, na sua infinita sabedoria, o utiliza e o conduziu à construção deste espaço. Os caminhos do Senhor são insondáveis e não serei eu a descobri-

los. Às vezes, Ele gosta de usar seres de baixa índole para os seus atos. O Senhor é misericordioso, eu não.

— Tu és a serpente.

— E tu, Eneca? Tu és uma sereia! — Soltou a corda que trazia atada à cintura e desfez-se do hábito. Por baixo, estava um corpo desnudo, pálido e com enormes cicatrizes nas coxas. — É hora de terminar o que em tempos comecei. —

Dirigiu-se à porta e trancou-a.

Eneca procurou algo com que se defender e perdeu o pouco tempo de que dispunha a lamentar-se ao contemplar o corpo inerte da filha, com o cabelo emaranhado devido ao seu sangue.

Quando quis reagir, Javierre lançou-se contra ela e agarrou-lhe novamente o pulso. O abade desferiu-lhe uma sonora bofetada que a deixou aturdida. Voltou a sorrir, ergueu a mão e tornou a descarregá-la no seu rosto.

— Vamos passar um bom bocado.

Deu-lhe outra bofetada que lhe abriu o lábio e fez com que a boca se lhe enchesse de sangue. Depois, agarrou-a pelos pulsos e atirou-a contra a enxerga

que havia a um canto do dormitório. Pôs-lhe as mãos no pescoço, asfixiando-a.

Eneca tentou soltar-se, mas era incapaz.

— Vais ser minha!

Soltou-lhe o pescoço por um instante para lhe tirar a saia, que arrancou às tiras.

Não satisfeito, acabou de a despír bruscamente, ansioso por lhe descobrir a pele.

Eneca, aturdida, não conseguia resistir. Preferiu poupar as forças, ia precisar delas. Quando lhe tirou a última peça, o abade regalou-se com a visão.

Humedeceu os lábios e respirava de forma entrecortada, como se algo estivesse prestes a explodir no seu interior. Parecia enjoado, por um momento Eneca pensou que algo se passava com ele e que a sorte estava do seu lado.

Não, era o contrário. A nudez de Eneca, apesar de não gozar da juventude da filha, ainda o afetava.

O abade dirigiu-se a uma arca que havia perto da cama e abriu a tampa, tirando um chicote. Agarrou com força na vara e deixou que o cordel de couro caísse até tocar no chão. Arrastou-o antes de o avivar, dirigindo-o contra a enxerga. O som do açoite aterrorizou Eneca, embora não a tivesse fustigado.

— Levo tanto tempo à espera que permitir-me-ás que demore o meu tempo. Seja como for, ninguém nos vai incomodar.

Eneca sussurrou algumas palavras.

— Desculpa, não consigo ouvir-te, o que dizes?

— Vais arder no inferno — repetiu ela com mais força.

— Ah, mas acreditas nisso? Tu? Não me faças rir? Achas que há alguma coisa pior do que a nossa vida? Que pode existir um lugar mais terrível do que o nosso mundo? — O abade sorriu. — Eneca, isto é o inferno e eu vou mostrar-to.

Acariciou as coxas de Eneca com o cordel do chicote e continuou a percorrer-lhe as pernas até à ponta dos dedos. Deixou o couro cair de novo ao chão e ergueu o braço. Ela cerrou os dentes para resistir ao tormento.

Os olhos de Javierre transbordavam do pior dos sentimentos, esse ódio visceral

que jamais atenderá a razões. Talvez tenha sido isso que o cegou, que permitiu que Laura aparecesse por trás e, com todas as forças que lhe restavam, enterrasse o martelo no ombro do abade, que soltou um grunhido de dor.

— Rameira! — Virou-se contra ela, que, atemorizada, deixou cair a ferramenta.

O abade fez menção de lhe bater, mas sentiu uma dor profunda. Ao virar-se, deparou com Eneca, que segurava uma bacia com a qual o atingira na base da nuca. Avançou impetuosamente para ele e atingiu-o do mesmo lado onde se situava a ferida que a filha lhe provocara.

Desta vez, Javierre contorceu-se de dor e fez menção de levar o joelho ao chão.

Laura entendeu e sacou de uma inércia imprópria do seu corpo e do seu estado para lhe desferir uma joelhada monumental no queixo. O abade ficou maltratado e, sem forças, tentou agarrar-lhe o pé.

Não conseguiu.

Eneca pegou no martelo que a filha deixara cair e, sem contemplações, atingiu Javierre no rosto. Não foi uma vez, nem duas, nem três, mas sim todas as que conseguiu, num frenesim de violência que aterrorizou a própria filha.

Quando ficou sem fôlego, manchada de sangue, verificou que Javierre agonizava entre espasmos. Definhado, com o rosto desfigurado pelos golpes. Os seus olhos tornaram-se acinzentados e pequenos, as pupilas ténues, quase insignificantes, e lá no fundo não havia nada, nem sequer a escuridão.

Capítulo Setenta e Cinco

LOARRE. OUTUBRO DO ANO 1082

O tempo passou em Loarre, os jograis relataram o ataque sofrido e outras batalhas que aconteceram nas fronteiras do reino nos anos vindouros. As histórias verdadeiras misturavam-se com assuntos de índole duvidosa, que raramente deixavam bem-vistos os protagonistas. Assim, em Loarre, ficaram a saber como o rei de Navarra, Sancho Garcês, primo de Sancho Ramires, foi assassinado no ano de setenta e seis. Segundo contaram dois charlatães que passaram pelo castelo, durante uma partida de caça, o monarca pamplonês caiu de um alto rochedo. Não fora um acidente, as más-línguas garantiram que fora atirado por ordem do irmão, o infante Raimundo, para assim ser o novo rei. Mas os pamploneses não permitiram que um fraticida reinasse, pelo que procuraram alternativa para a Coroa, e aí entrou em ação um ambicioso monarca a que nenhuma gesta resistia, Sancho Ramires.

Como conseguiu?, perguntou-se Fortún muitas vezes ao longo daqueles anos.

Como foi que o monarca de um reino novo e escassamente povoado conseguiu pôr sob o seu controlo a poderosa Pamplona e incorporá-la nos seus domínios?

A resposta era simples para quem conhecia Sancho Ramires, o mesmo que o encarregara de uma obra tão majestosa como impossível. Fosse como fosse, no ano 1076, foi coroado rei de Pamplona, unindo assim os dois reinos sob a mesma coroa. A sua posição sofrera uma mudança espetacular. Não só deixara de ser vassalo, como era agora também monarca de Pamplona. Com essa autoridade, no ano seguinte levou a cabo uma ação decisiva, concedeu o Foral de Jaca, através do qual outorgava a categoria de cidade à que fora uma vila situada no Caminho de Santiago e a convertia oficialmente em capital do reino e sede episcopal.

Os charlatães não falavam mal do rei, todos o respeitavam e temiam em partes iguais. Outros membros da família, em contrapartida, não tinham esse grau ou distinção. Os outros dois mais citados eram os irmãos: o bispo Garcia e a condessa Dona Sancha.

Fortún conhecia o rei, muitos dos seus senhores, como o anterior tenente de Loarre, Aznárez, o bispo Garcia e também a condessa. Ela era todo um

mistério

no reino, o mero facto de mencionar o seu nome parecia suficiente para a invocar e gelar o sangue de mais do que um.

Era o aequi noctium daquele outono, o Sol fora visível durante doze horas como meio disco rasante no horizonte. Além do mais, nessa noite havia lua cheia, e Eneca, Constanza e Laura estavam à volta da fogueira, a contar lendas e histórias sobre as montanhas a um grupo de crianças que as ouvia com atenção.

O cabelo ondulado e solto de Eneca caía-lhe sobre o ombro, a filha apanhara o seu em duas tranças que lhe caíam pelos ombros. Constanza usava-o como de costume desde que se casara com Isidoro, preso por um diadema, e não tirava os olhos do filho.

Do outro lado da fogueira, Galindo, Isidoro e Fortún bebiam bom vinho, não a mistela aguada que costumava haver em Loarre, mas sim vinho trazido da várzea do Cinca. Estavam acompanhados por Sergio e alguns dos canteiros francos. O

novo sacerdote que substituíra Ramón juntou-se também a eles. Era de meia-idade, muito animado e falador e em pouco ou nada fazia lembrar os predecessores.

Entre todos, Eneca isolou-se um instante e ficou a contemplar Fortún. Os anos tinham passado com toda a sua dureza para o construtor, o rosto, atravessado por profundas rugas, perdera a luz de outrora. O seu olhar era mais sereno, também mais cansado, como se já nada na vida pudesse surpreendê-lo. Moveu-se pesadamente ao tentar alcançar o jarro de vinho que estava em cima da mesa, e tossia, fazia-o com frequência e Eneca sabia que aquele sintoma não podia significar nada de bom.

Fortún era o mais velho dos presentes e, apesar disso, continuava lúcido como sempre. Como se a sua mente não tivesse sucumbido às fadigas do resto do corpo.

Lá em cima, brilhavam as tochas que iluminavam os majestosos muros do castelo.

— Ouvi dizer que o rei vem no verão — comentou Galindo com subtileza.

— Onde ouviste isso? — perguntou, incrédulo, o mestre de obras.

— De alguém com contactos.

— Estou a ver... — riu-se Fortún.

— Isso só pode significar uma coisa, as obras estarão terminadas por essa altura, não é assim? — perguntou Galindo, mordendo uma coxa de frango.

— Esperemos que sim, agora no inverno pouco podemos fazer no exterior. Por isso, devemos aproveitar para terminar o trabalho escultórico, janelas, portas; esse tipo de pormenores.

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Já sabes que sim.

— O que farás agora? Quando o castelo estiver terminado, quero dizer.

— Galindo, já sou velho, pouco me resta para fazer.

— Não me respondeste.

— Não vou a lado nenhum, Loarre é o meu lar.

— Não teremos de voltar a ampliá-lo? — interrompeu Isidoro, após beber um bom trago do seu copo de vinho.

— Nunca se sabe, meu amigo.

— Agora, também querem acabar Marcuello.

— Isso não nos diz respeito, oxalá o façam — Fortún pigarreou —, já não são nossos rivais.

— Ouvi dizer que o rei pensa em construir uma fortaleza frente a Wasqa — comentou Sergio, sem se aperceber da importância das suas palavras.

— Onde? — Fortún pareceu interessado.

— Não tenho a certeza, parece que pensa seriamente numa ofensiva contra a cidade.

— Isso não será fácil, Wasqa, a das noventa e nove torres, é má ideia atacá-la —

afirmou Galindo, ao mesmo tempo que os homens trocavam vários olhares carregados de interrogações.

— Que tipo de castelo? — insistiu Isidoro.

— Sei que dizem que será grande, pois deverá albergar um exército suficientemente numeroso para atacar Wasqa. Não querem escultores, pelo que imagino que será apenas militar — afirmou com convicção, ante as suspeitas dos amigos —, a sério que ouvi dizer que as dimensões vão ser enormes. O rei acha que chegou a hora de tomar a Terra Chã.

— Se o rei tentar atacar essas muralhas, morrerá — interrompeu Eneca, ante o olhar atónito dos varões, que tiveram de segurar bem o copo para o vinho não derramar. — Vós não estivestes lá, não fazeis ideia de como são a cidade, as muralhas, os soldados, o governador... Se o rei de Aragão se aproximar desses muros, não tenhais dúvida alguma de que uma seta se cravará no seu coração.

— Eneca, ninguém duvida do teu discernimento e dos teus... dos teus dotes.

Mas Sancho Ramires sabe bem o que faz, não te preocupes — sossegou-o Galindo com moderação.

Ela não insistiu e deixou-os novamente.

— Não convém ignorar uma visão da Eneca, sabeis do que ela é capaz —

recordou Isidoro.

— Se o rei conseguir levantar uma fortaleza tão imponente como a de Loarre às portas de Wasqa, estou certo de que conquistará a cidade — afirmou o canteiro franco.

— Não te enganes, jovem Sergio — disse Fortún, aproximando-se da fogueira e contemplando as labaredas —, não há nenhum castelo comparável a Loarre, nem aqui, nem em qualquer lugar do mundo.

— Credes realmente nisso? — perguntou de súbito uma voz desafiadora.

Fez-se silêncio, um visitante inesperado surgia a meio da noite, escondido sob um capuz.

— Quem és? — inquiriu Galindo, sempre alerta.

— Alguém que em tempos viveu nestas terras.

— Muitos viveram e morreram aqui — comentou Isidoro.

— E também mataram e viram morrer — disse o encapuzado, erguendo a voz.

— Quem és? — Fortún sentiu curiosidade.

— Poder-se-ia dizer que um espectro do passado, um membro mais do exército fantasma.

Galindo pousou a coxa na mesa e Isidoro quase se engasgava com o vinho.

Todos ergueram o olhar e procuraram com que se defender.

— Um momento! — Fortún tentou controlá-los. — Se isso fosse verdade, não estarias aqui, ninguém pode abandonar o exército fantasma.

— Talvez eu seja o único que resta dele. — Deu um passo em frente e todos recuaram.

— Isto não tem bom aspeto — Galindo abanava a cabeça —, nada bom aspeto.

— Os fantasmas não falam tanto. — Fortún foi o único que se atreveu a aproximar-se do estranho visitante, o seu aspeto era fantasmal, mas, na escuridão do seu rosto, dois pontos de luz pareceram brilhar.

» Ava?

— Ao menos não te esqueceste de mim. — E tirou o capuz lentamente, deixando ver o azul dos olhos, tão profundos como outrora, como se o tempo não tivesse passado por eles. Não era assim com o rosto, sulcado por rugas profundas, nem com o corpo, que se intuía demasiado magro e débil.

— Deus santo! — Galindo levantou-se e fez menção de a agarrar pelas axilas para a erguer, mas ela travou-o com um gesto. — Ava! É a Ava!

— Já vimos, mas onde estiveste? O que aconteceu? — perguntou Fortún, emocionado.

— Muito, demasiado.

— A que propósito veio aquilo do exército fantasma?

— Porque, na verdade, é isso que sou, não vês? Tenho andado a viajar.

— E o cerco? Procurámos-te como loucos — lembrou Isidoro.

— Capturaram-me com uma rede, levaram-me numa caravana a caminho de Saraqusta, mas escapei-me depois de atravessarmos o rio Ebro. Quando me vi livre em terreno inimigo, não encontrei motivos para voltar aqui.

— E onde estiveste? — insistiu Galindo, que não cabia em si de alegria.

— Vi a Cidade Branca e segui o curso do Ebro até ao Mare Nostrum. Banhei-me nas suas águas e vi as cidades sarracenas da costa — relatou a arqueira ante a atenção de todos.

— Demos-te como morta. — As palavras de Fortún soaram a recriminação.

— Não gosto de despedidas — respondeu ela, com a confiança em si mesma que sempre tivera, como se os anos não tivessem cerceado o seu espírito indomável.

— Mas voltaste, é isso que importa. — Galindo parecia o mais feliz de todos com o regresso da arqueira.

— Não, regressei, mas trago más notícias.

— O que aconteceu? — Fortún sentiu no peito uma terrível pontada.

— O bispo Garcia.

— O que se passa com o irmão do rei? — inquiriu Galindo.

— Foi assassinado perto do rio Gallicius, em Anzánigo.

— Por ordem de quem? — Galindo não parava de olhar para Ava com devoção.

— Ninguém sabe. Embora sejam conhecidos os confrontos entre os dois irmãos, o rei ameaçou arrancar os olhos do bispo caso este o traísse.

— Sancho Ramires nunca mataria o irmão.

— E se eu vos disser que o bispo Garcia tinha pedido ajuda ao rei de Castela, aproveitando que o castelhano pretendia conquistar Saraqusta? E que este monarca lhe ofereceu o bispado de Toledo quando a cidade for tomada?

— Isso que dizes é alta traição — interveio Fortún, categórico.

— Sancho Ramires conhecia essa manobra e encontrou-se com o irmão e com o rei castelhano. De regresso ao Norte, o bispo adoeceu convenientemente e morreu em Anzánigo — explicou Ava, ante o olhar atento dos presentes. — Por isso voltei, sei que em Loarre ainda há defensores do velho rito, deveis abandoná-lo de imediato, morto o bispo Garcia, é inútil continuar com a oposição ao novo.

— Voltas dos mortos para nos dizeres que nos ajoelhemos perante Roma!

—

recriminou-a Eneca, cerrando os punhos.

— Não, volto para vos pedir que obedeçais ao rei. Wasqa está prestes a cair e seguir-se-á Saraqusta. E acreditai se vos digo que os filhos de Sancho Ramires chegarão ao mar e não haverá inimigo capaz de os derrotar. Este reino erguer-se-á sobre os muros de Loarre, mas temos de aceitar os desejos do rei. Não percebeis? Quem não aceitar o novo rito pagará caro. Por isso estou aqui, conheço a teimosia dos que vivem nestas montanhas, e sobretudo a vossa, tendes de aceitar a vontade do rei. Sou a primeira a defender as tradições, mas os tempos mudam, os homens mudam e a fé também.

— Isso significa fazer muitas reformas — advertiu Fortún com a voz deformada.

— São tempos de mudança, aproxima-se uma nova era, em que este pequeno e jovem reino descerá das montanhas, atravessará rios e vales, planícies e grandes cidades até chegar ao mar.

— Crês realmente nisso?

— Estou aqui, voltei dos mortos, estive com o exército fantasma, vi coisas terríveis e maravilhosas.

— Acredito em ti, mas...

— Fortún, sabia que conseguirias — sussurrou Ava —, sempre soube. Eras o escolhido para construir este castelo, por isso vieste aqui.

— Valeu a pena, não achas? Aqui está Loarre, o castelo.

— Ainda é cedo para julgar — sorriu uma Ava que, embora velha, conservava no rosto um laivo de beleza, como uma memória esbatida. — Quem sabe, talvez daqui a mil anos falem de ti, de nós, deste castelo.

— E o que dirão?

— Que os homens e as mulheres que o construíram foram incríveis.

— Ava... — Fortún sorriu, abanando a cabeça. — Achas que continuará de pé quando chegar o próximo milénio?

— Sim.

Nota do autor

O Castelo de Loarre está classificado como a fortaleza românica mais bem conservada da Europa, e um dos conjuntos palacianos, monásticos e militares medievais mais significativos do continente. A teoria mais oficial para a data da sua primeira construção sugere que teve início cerca do ano 1020, por ordem do rei Sancho, o Maior, de Pamplona. Embora outros estudiosos a situem alguns anos depois. Em ambos os casos, estaríamos a falar de um monumento prestes a celebrar mil anos, e comemora-os sendo um dos mais visitados de Espanha, ultrapassando os cem mil visitantes por ano.

A fortaleza foi declarada Monumento Nacional em 1906 e está incluída na lista indicativa do Ministério da Cultura, requisito prévio indispensável para poder ser declarada Património da Humanidade pela UNESCO. Este é o ambicioso objetivo que este castelo tem no século

XXI

, esperamos ajudar a alcançá-lo através da difusão deste romance.

Aproveito este espaço para clarificar alguns aspetos argumentais e cronológicos da obra. Os reinados dos primeiros reis de Aragão, Ramiro I e Sancho Ramires (1035-1094), foram de um inusitado ímpeto bélico, mas os monarcas não tardaram a compreender que um reino alicerçado sobre sangue tem pilares demasiado frágeis, pelo que desenvolveram um ambicioso programa construtivo.

Uma monarquia nascente precisava de uma capital com catedral, um mosteiro com panteão régio, capelas reais, capelas de relíquias, bem como

de uma estrutura ofensivo-defensiva em que a arquitetura militar e religiosa desempenhava um papel fundamental.

Assim, idealizaram um conjunto de criações de primeira classe no panorama internacional da época em que o modelo construtivo era o românico pleno. Entre esses edifícios, contam-se a impressionante Catedral de Jaca, os mosteiros de San Juan de la Peña, Santa Cruz de la Serós e Siresa, e, claro, o Castelo de Loarre.

Até há pouco tempo, atribuiu-se ao reinado de Sancho III, o Maior, a edificação de todo o núcleo primitivo de Loarre, com o seu fabrico lombardo. Como me sugeriu Antonio García Omedes, e à vista de estudos e considerações recentes, como os da professora M. Poza, no enredo do romance, decidi considerar as estruturas lombardas como mais tardias e concluídas no reinado de Ramiro I (1035-1063). Parece-me lógico pensar que o primeiro rei da dinastia Aragão cimentou parte da consolidação do seu frágil reino na construção de uma fortaleza que servisse de símbolo ao nascimento de uma nova dinastia régia.

No enredo do romance, utilizei um último mestre de obras lombardo para explicar estas estruturas e um seu discípulo, Fortún, para lhes dar continuidade na segunda época do reinado de Ramiro e no momento da chegada das novas correntes construtivas do românico.

Outro aspeto que quero clarificar nestas notas é a influência do segundo rei aragonês, Sancho Ramires. Monarca que viajou para Roma em 1068 para enfeudar o seu reino e tornar-se vassalo do papa. Conseguindo assim proteção contra os inimigos e legitimar o reino. Tudo isto em troca de instaurar a liturgia oficial romana em detrimento da hispano-visigótica, como se torna efetivo no Mosteiro de San Juan de la Peña a 22 de março de 1071. Um dos aspetos-chave do romance é a luta arraigada por esta liturgia. Há demasiado tempo que Roma tentava alterar a liturgia na Península, pelo que podemos salientar a imensa importância deste facto.

O romance termina por volta do ano 1084, momento em que Fortún finaliza a obra. Quero esclarecer que isto foi uma liberdade literária que tomei devido às necessidades do enredo. O Castelo de Loarre é terminado antes de 1094, ano em que morre o rei Sancho Ramires. Em 1093, teve início a

edificação da igreja do Castelo de Montearagón, destinado a tomar a cidade de Wasqa (Huesca), feito que se alcançaria em 1096, e no ano seguinte a comunidade de clérigos deixou Loarre e instalou-se em Montearagón. Tive de adiantar alguns anos a finalização real do castelo, bem como a morte do bispo-infante Garcia, para dar coerência à trama. Dois aspetos que quis esclarecer neste parágrafo a fim de não induzir em erro. Também foi antecipada a data de execução de certas estruturas e edifícios e das arquetas que conservam as relíquias de São Demétrio, para as fazer coincidir com a cronologia do romance.

A construção do Castelo de Loarre necessitou de um amplo espaço de tempo, a maior parte do século

XI

, o que nos dá uma ideia da magnitude e transcendência da fortaleza; e dos homens e mulheres que a edificaram, a eles é dedicado este romance.

Nos mapas apresentados no início do romance, mantivemos os topónimos atuais das cidades para facilitar ao leitor a localização das mesmas. Assim, Leyre corresponde a Leire; Xabier a Javier; Saraqusta a Saragoça; Larida a Lérida; Barbatur a Barbastro e Wasqa a Huesca.

AGRADECIMENTOS

A Antonio García Omedes, que me ajudou a conhecer melhor os segredos de Loarre e cujo imenso trabalho, em romanicoaragones.es, não deixo de visitar.

A Anabel Lasheras, que sempre contou comigo para conferências sobre o românico e Loarre.

À Associação de Amigos do Castelo de Loarre, pelo esforço constante em prol da conservação e divulgação da fortaleza, e para que seja incluída na lista do Património da Humanidade da UNESCO.

A todo o pessoal do Castelo de Loarre, que tão grande trabalho realizam para que Loarre seja cada vez mais conhecido e que sempre estiveram

dispostos a colaborar neste romance.

À minha editora, Lucía Luengo, que sempre acreditou neste romance e me apoiou desde o primeiro momento.

A Teo Palacios, companheiro e magnífico escritor, cujos conselhos foram fundamentais para dar forma a esta história.

A todos os amantes da história medieval, do românico e dos castelos.

Document Outline

- [Cover Page](#)
- [O CASTELO](#)
- [FICHA TÉCNICA](#)
- [-](#)
- [Prefácio](#)
- [Dramatis personae](#)
- [PRIMEIRA PARTE](#)
- [O REI SANCHO III](#)
- [Capítulo Um](#)
- [CASTELO DE XABIER. NOVENBRO DO ANO 1027](#)
- [Capítulo Dois](#)
- [PAMPLONA. 22 DE NOVENBRO DO ANO 1027](#)
- [Capítulo Três](#)
- [SERRA DE LEYRE. NOVENBRO DO ANO 1027](#)
- [Capítulo Quatro](#)
- [PAMPLONA. FINS DE NOVENBRO DO ANO 1027](#)
- [Capítulo Cinco](#)
- [VALE DO RIO CINCA. DIA DE SÃO MARCOS, 25 DE ABRIL DE 1028](#)
- [Capítulo Seis](#)
- [VALE DO RIO CINCA. OUTUBRO DO ANO 1029](#)
- [Capítulo Sete](#)
- [SERRA DE LEYRE. SÃO FILIPE, 3 DE MAIO DO ANO 1029](#)
- [Capítulo Oito](#)
- [VALE DO RIO GARONA. NOVENBRO DO ANO 1030](#)
- [Capítulo Nove](#)
- [LOARRE. MARÇO DO ANO 1031](#)
- [Capítulo Dez](#)
- [LOARRE. MARÇO DO ANO 1031](#)
- [Capítulo Onze](#)
- [LOARRE. ABRIL DO ANO 1031](#)
- [Capítulo Doze](#)
- [SERRA DE SANTO DOMINGO. MAIO DO ANO 1031](#)

- [Capítulo Treze](#)
- [LOARRE. ABRIL DO ANO 1031](#)
- [Capítulo Catorze](#)
- [LOARRE. AGOSTO DO ANO 1032](#)
- [Capítulo Quinze](#)
- [SERRA DE LOARRE. SETEMBRO DO ANO 1033](#)
- [Capítulo Dezasseis](#)
- [SERRA DE LOARRE. JANEIRO DO ANO 1034](#)
- [Capítulo Dezsete](#)
- [LOARRE. ABRIL DO ANO 1034](#)
- [Capítulo Dezoito](#)
- [LOARRE. ABRIL DO ANO 1034](#)
- [Capítulo Dezanove](#)
- [LOARRE. 4 DE MAIO DO ANO 1034](#)
- [Capítulo Vinte](#)
- [LOARRE. DIA DE SANTO ADOLFO, 19 DE MAIO DO ANO 1034](#)
- [Capítulo Vinte e Um](#)
- [LOARRE. OUTONO DO ANO 1034](#)
- [Capítulo Vinte e Dois](#)
- [LOARRE. 19 DE OUTUBRO DO ANO 1034](#)
- [Capítulo Vinte e Três](#)
- [LOARRE. FINS DE NOVEMBRO DO ANO 1035](#)
- [SEGUNDA PARTE](#)
- [O CONDE RAMIRO](#)
- [Capítulo Vinte e Quatro](#)
- [LOARRE. 19 DE DEZEMBRO DE 1035](#)
- [Capítulo Vinte e Cinco](#)
- [LOARRE. FIM DA QUARESMA DO ANO 1036](#)
- [Capítulo Vinte e Seis](#)
- [LOARRE. JUNHO DO ANO 1036](#)
- [Capítulo Vinte e Sete](#)
- [LOARRE. JULHO DO ANO 1036](#)
- [Capítulo Vinte e Oito](#)
- [CONDADO DE SOBRARBE. FINS DO OUTONO DO ANO 1036](#)
- [Capítulo Vinte e Nove](#)
- [L'ÁINSA. INVERNO DO ANO 1036](#)
- [Capítulo Trinta](#)

- [VALLFEROSA. PRIMAVERA DO ANO 1037](#)
- [Capítulo Trinta e Um](#)
- [TERRAS DO CONDADO DE TOLOSA. VERÃO DO ANO 1038](#)
- [Capítulo Trinta e Dois](#)
- [MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE SIRESA. FINAL DA PRIMAVERA DO ANO 1046](#)
- [Capítulo Trinta e Três](#)
- [LOARRE. OUTUBRO DO ANO 1046](#)
- [Capítulo Trinta e Quatro](#)
- [LOARRE. FEVEREIRO DO ANO 1047](#)
- [Capítulo Trinta e Cinco](#)
- [VALE DO RIO GARONA. DIA DE SÃO BRÁULIO, 26 DE MARÇO DE 1048](#)
- [Capítulo Trinta e Seis](#)
- [LOARRE. DEZEMBRO DO ANO 1048](#)
- [Capítulo Trinta e Sete](#)
- [LOARRE. PRIMAVERA DO ANO 1049](#)
- [Capítulo Trinta e Oito](#)
- [LOARRE. VERÃO DO ANO 1049](#)
- [Capítulo Trinta e Nove](#)
- [LOARRE. JANEIRO DO ANO 1050](#)
- [Capítulo Quarenta](#)
- [LOARRE. FINS DE OUTONO DO ANO 1050](#)
- [Capítulo Quarenta e Um](#)
- [LOARRE. JULHO DO ANO 1051](#)
- [Capítulo Quarenta e Dois](#)
- [LOARRE. NOVEMBRO DO ANO 1052](#)
- [Capítulo Quarenta e três](#)
- [LOARRE. PRIMEIROS DIAS DO ANO 1053](#)
- [Capítulo Quarenta e Quatro](#)
- [ARREDORES DE LOARRE. JANEIRO DO ANO 1053](#)
- [Capítulo Quarenta e Cinco](#)
- [LOARRE. MARÇO DO ANO 1059](#)
- [Capítulo Quarenta e Seis](#)
- [LOARRE. JULHO DO ANO 1059](#)
- [Capítulo Quarenta e Sete](#)
- [LOARRE. VÉSPERA DE OUTONO DO ANO 1059](#)

- [Capítulo Quarenta e Oito](#)
- [LOARRE. PRIMAVERA DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Quarenta e Nove](#)
- [CASTELO DE LOARRE. SETEMBRO DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Cinquenta](#)
- [WASQA. SETEMBRO DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Cinquenta e Um](#)
- [WASQA. MEADOS DE SETEMBRO DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Cinquenta e Dois](#)
- [WASQA. FINS DE SETEMBRO DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Cinquenta e Três](#)
- [ARREDORES DO CASTELO DE BOLEA. OUTUBRO DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Cinquenta e Quatro](#)
- [WASQA. OUTUBRO DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Cinquenta e Cinco](#)
- [LOARRE. DEZEMBRO DO ANO 1060](#)
- [Capítulo Cinquenta e Seis](#)
- [WASQA. FEVEREIRO DO ANO 1061](#)
- [Capítulo Cinquenta e Sete](#)
- [LOARRE. MARÇO DO ANO 1061](#)
- [Capítulo Cinquenta e Oito](#)
- [LOARRE. ANTES DA QUARESMA DO ANO 1061](#)
- [Capítulo Cinquenta e Nove](#)
- [TERRA CHÃ. MARÇO DO ANO 1061](#)
- [Capítulo Sessenta](#)
- [LOARRE. MAIO DO ANO 1061](#)
- [Capítulo Sessenta e Um](#)
- [LOARRE. FINAIS DO ANO 1061](#)
- [TERCEIRA PARTE](#)
- [O REI SANCHO RAMIRES](#)
- [Capítulo Sessenta e Dois](#)
- [BARBATUR. ANO 1064](#)
- [Capítulo Sessenta e Três](#)
- [BOLTAÑA. PRIMAVERA DO ANO 1065](#)
- [Capítulo Sessenta e Quatro](#)
- [LOARRE. MAIO DO ANO 1066](#)

- [Capítulo Sessenta e Cinco](#)
- [MOSTEIRO DE SAN JUAN DE LA PEÑA. QUARTA-FEIRA DE CINZAS, 22 DE MARÇO DE 1071](#)
- [Capítulo Sessenta e Seis](#)
- [JACA. 2 DE JUNHO DE 1071](#)
- [Capítulo Sessenta e Sete](#)
- [LOARRE. 23 DE FEVEREIRO DE 1072](#)
- [Capítulo Sessenta e Oito](#)
- [LOARRE. ABRIL DO ANO 1073](#)
- [Capítulo Sessenta e Nove](#)
- [LOARRE. JUNHO DO ANO 1074](#)
- [Capítulo Setenta](#)
- [LOARRE. MAIO DO ANO 1074](#)
- [Capítulo Setenta e Um](#)
- [LOARRE. NOVEMBRO DO ANO 1074](#)
- [Capítulo Setenta e Dois](#)
- [LOARRE. MAIO DO ANO 1075](#)
- [Capítulo Setenta e Três](#)
- [LOARRE. DEZEMBRO DO ANO 1075](#)
- [Capítulo Setenta e Quatro](#)
- [LOARRE. JANEIRO DO ANO 1076](#)
- [Capítulo Setenta e Cinco](#)
- [LOARRE. OUTUBRO DO ANO 1082](#)
- [Nota do autor](#)
- [AGRADECIMENTOS](#)